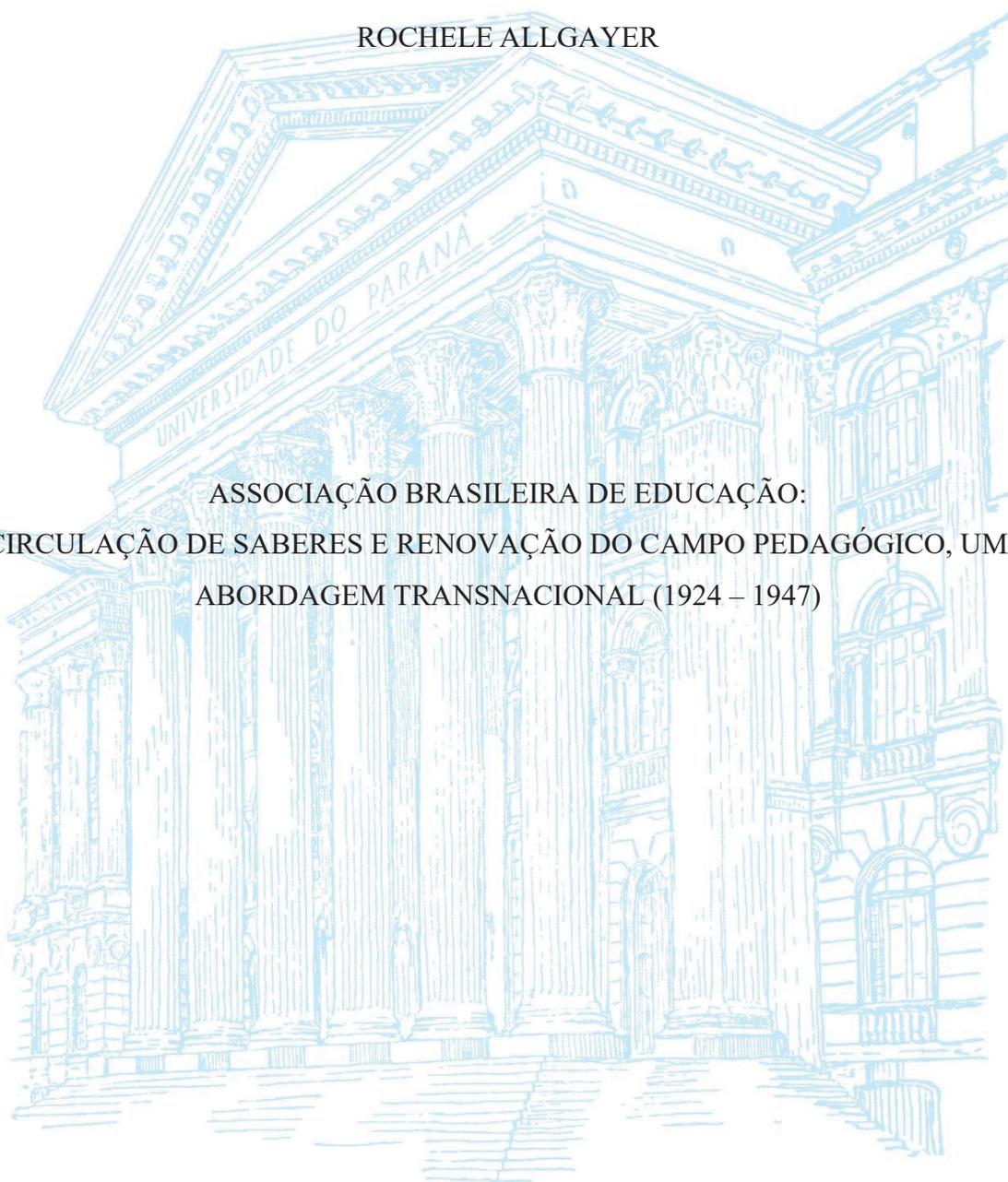


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ROCHELE ALLGAYER

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO:
CIRCULAÇÃO DE SABERES E RENOVAÇÃO DO CAMPO PEDAGÓGICO, UMA
ABORDAGEM TRANSNACIONAL (1924 – 1947)



CURITIBA

2025

ROCHELE ALLGAYER

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO:
CIRCULAÇÃO DE SABERES E RENOVAÇÃO DO CAMPO PEDAGÓGICO, UMA
ABORDAGEM TRANSNACIONAL (1924 – 1947)

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação
em Educação, Linha História e Historiografia
da Educação, Setor de Educação, Universidade
Federal do Paraná, como requisito parcial à
obtenção do título de Doutora em Educação.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Gizele de Souza

CURITIBA

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Allgayer, Rochele.

Associação Brasileira de Educação : circulação de saberes e renovação do campo pedagógico, uma abordagem transnacional (1924-1947) / Rochele Allgayer – Curitiba, 2025.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientadora: Profª Drª Gisele de Souza

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Educação - História. 3. Educação e Estado. 4. Associações educacionais. 5. Cultura material. I. Universidade Federal do Paraná. II. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **ROCHELE ALLGAYER**, intitulada: **Associação Brasileira de Educação: circulação de saberes e renovação do campo pedagógico, uma abordagem transnacional (1924 - 1947)**, sob orientação da Profa. Dra. GIZELE DE SOUZA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 27 de Fevereiro de 2025.

Assinatura Eletrônica
05/03/2025 19:56:36.0
GIZELE DE SOUZA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
13/03/2025 09:05:46.0

ROSA FATIMA DE SOUZA CHALOBA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE
MESQUITA FILHO)

Assinatura Eletrônica
05/03/2025 16:25:31.0

CARLOS EDUARDO VIEIRA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
20/03/2025 14:54:20.0

FRANCESCA DAVIDA PIZZIGONI

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE TORINO)

Assinatura Eletrônica
06/03/2025 11:46:16.0

VIVIAN BATISTA DA SILVA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO)



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO:
CIRCULAÇÃO DE SABERES E RENOVAÇÃO DO CAMPO PEDAGÓGICO, UMA
ABORDAGEM TRANSNACIONAL (1924 – 1947)

ROCHELE ALLGAYER

CURITIBA

2025

AGRADECIMENTOS

À espiritualidade que me protege, auxilia e guia sempre!

À minha querida orientadora, Gizele de Souza, que sempre me incentivou a embarcar nesta jornada acadêmica tão enriquecedora, cativante e desafiadora. Nossa trajetória começou em 2017, e ao longo desses oito anos recebi valiosas orientações, desenvolvi projetos e aprendi imensamente contigo, professora. Destaco, especialmente, a experiência do meu estágio de doutorado no exterior, que me proporcionou não só uma imersão em pesquisa empírica e teórica, mas também uma visão de mundo muito mais ampla. Agradeço, ainda, a sua família, por sempre me acolher com tanto carinho. Tenho tanto a agradecer: seus ensinamentos, a amizade, as leituras preciosas e os conselhos sempre tão acertados. MUITÍSSIMO OBRIGADO!

Às professoras Rosa Fátima de Souza, Vivian Batista da Silva e ao professor Carlos Eduardo Vieira, por aceitarem participar da banca de qualificação e da avaliação da presente tese. Agradeço a contribuição fundamental expressa na banca de qualificação, que enriqueceu significativamente o processo de construção da pesquisa. Sou profundamente grata pela atenção meticulosa aos detalhes e pelos questionamentos perspicazes, que desafiaram a composição deste trabalho, me levando a uma análise mais profunda. Sinceramente, muito obrigada pela valiosa contribuição. Também na banca de avaliação, agradeço à professora Francesca Davida Pizzigoni pelos conselhos preciosos.

Aos professores da Linha de História e Historiografia da Educação, que estiveram presentes na minha formação acadêmica e pessoal: Andréa Bezerra Cordeiro, Carlos Eduardo Vieira, Dulce Osinski, Gizele de Souza, Liane Maria Bertucci, Marcelo Moraes, Marcus Levy Bencostta, Nádia Gaioffato e Rossano Silva. Agradeço pelas manhãs e tardes de reflexão, mesmo que algumas, devido à pandemia, tenham ocorrido de forma remota. Isso, no entanto, não impediu que nossos encontros fossem inspiradores e produtivos. Expresso minha profunda gratidão por todo o conhecimento compartilhado!

À professora Diana Gonçalves Vidal, que em 2020 e 2021 me acolheu, mesmo durante a pandemia, como aluna externa em três disciplinas no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) do Programa de Pós-Graduação em Culturas e Identidades Brasileiras da Universidade de São Paulo. Agradeço pela generosidade ao compartilhar seus conhecimentos, pelo acolhimento nas disciplinas e pelo incentivo, os quais foram essenciais para o desenvolvimento e reflexões realizadas sobre a tese. Gratidão!

À professora Maria Cristina Morandini, da Università degli Studi di Torino, que me orientou durante o intercâmbio. Todo meu apreço, confiança e respeito por ti! Você é uma professora sensacional! Levo nossa amizade no coração pela vida afora!

À professora Francesca Davida Pizzigoni, da Università degli Studi di Torino, responsável pelo meu acolhimento, apoio e logística, acima de tudo, agradeço pela valiosa amizade.

Ao professor Juri Meda e a sua família pelo apoio e suporte durante o período em que estive em Firenze e Macerata.

À professora Marta Brunelli, por me acolher em Macerata.

A todos os funcionários dos arquivos e bibliotecas. Meu agradecimento especial à Raquel da Silva e ao Claudio Alves, responsáveis pelo acervo da ABE, vocês foram fundamentais nesta jornada!

À Maria José Paiva Fagundes, responsável pela Biblioteca do Livro Didático, da Faculdade de Educação da USP, agradeço por todo o atendimento e apoio na jornada. Também, à senhora Nancy P. O'Brien, da Biblioteca de Ciências Sociais, Saúde e Educação da Universidade de Illinois, pelo envio de documentos. Eu conheci a senhora Nancy por intermédio da professora Eliane Peres, a quem expressei meu agradecimento especial por me inserir nessa rede de contatos. Valeu!!

Aos profissionais italianos, especialmente a Laura Cora, da Biblioteca di Scienze dell'Educazione da Università di Torino, que se tornou amiga e parceira de futuros projetos. Agradeço à Cecília Bruschi, Alberto Desideri, e a todos da Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze, à Gabriella Zanzarino da Biblioteca della Fondazione Spadolini Nuova Antologia e à Irene Zoppi, do Indire, em Firenze.

Agradeço às minhas colegas e amigas de mestrado e doutorado, Fátima Branco Godinho de Castro, Luciana Rodrigues de Souza, Karin Willms e Maíra Naman. Ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (NEPIE). À Virginia Lourençon, pela amizade e carinho de sempre! À Juliana Calixto Bartsch, pela atenção e apoio com as fontes na Argentina e em Montevidéu. Gratidão!

Ninguém faz nada sozinho, e eu tive a sorte de ter pessoas especiais que contribuíram significativamente para a realização desta tese. Agradeço à minha querida amiga Gécia Garcia, do nosso pequeno, mas valente grupo das “ouvintes e viventes”, por estar sempre comigo, não

apenas na pesquisa, mas na minha vida, contribuindo e me oferecendo tanto. Temos histórias para contar e novas oportunidades para viver. Gratidão!

À Franciele França, nossa Fran, amiga de todas as horas, sempre presente desde o início da minha jornada na UFPR. Gratidão por todo o apoio! Agradeço também pelas leituras, críticas e longas conversas durante toda essa caminhada.

À Fátima Branco Godinho de Castro, minha amiga tão generosa e presente, que tem sido uma fonte constante de inspiração. Sua trajetória e exemplo me motivam a seguir buscando a construção de uma escola cada vez mais justa e de qualidade. Sou imensamente grata pela forma como compartilha sua vida e seus ensinamentos!

Um agradecimento especial, ainda, a Etienne Barbosa e ao Patrick Menezes por toda a amizade de sempre e também pelo apoio com fontes nos acervos localizados em Brasília e no Rio de Janeiro.

Ao meu professor de italiano, Domenico Cosentino (Doddò), pela paciência e perseverança ao me ensinar um novo idioma. Suas aulas são inspiradoras e muito divertidas e me ajudaram a conhecer o idioma e a cultura italiana. Obrigada pelos valiosos ensinamentos e pela amizade. Grazie!

Fazer pesquisa longe de casa só é possível se temos pessoas incríveis na rede da nossa vida. Eu tenho, e sou imensamente grata à minha tia Rachel Baptista Teixeira e ao tio Sérgio Gomes, pelo apoio constante no Rio de Janeiro. Sem a acolhida de vocês, não teria sido possível fazer mestrado e doutorado. Gratidão pelo conforto de um lar, pelas comidinhas maravilhosas, pelos conselhos e tudo mais que recebi. Espero um dia poder retribuir.

Às amigas da universidade, professora Patrícia Vilar (Bonja) e professora Viviane Ongaro, pelo apoio no Uniopet durante o estágio e por toda a nossa amizade desde sempre. À Livia Franco e à pequena Clarice, pelo apoio incondicional.

À Costanza Luccheti, amiga e parceira na elaboração do artigo da Società Italiana per lo Studio del Patrimonio Storico-Educativo/SIPSE, agradeço imensamente por compartilhar tanto comigo!

À minha família, minha filha Yasmin, minha mãe, e meus irmãos Christian, Guinter e Claus, que me auxiliaram de diversas formas. Gratidão eterna! Yasmin, amada e querida, sem teu apoio desde o início da pandemia até hoje seria impossível concluir esta tese. Te agradeço imensamente!

Ao amor da minha vida, Marcos Lucato, que embarcou na viagem da pesquisa comigo. Amore mio, sem você nada disso teria acontecido. Você é minha força, meu Norte, meu foco e, acima de tudo, aquele que me deu todas as condições de seguir adiante e viver essa jornada acadêmica e de vida. A família que adotei ou que me adotou Maria Carolina Lucato e Gabriela Lucato, esposos e filhos, sou grata pelo apoio, amor e carinho de sempre!

Ao Grupo de Pesquisa Livre Italiano: Pedagogia dello Cambiamento, composto, naquele momento, por Martina Giorgi, Simona Rizzari, Francesca Davida Pizzigoni e Guinter Allgayer. Sou grata pelas trocas incríveis e valiosas e pelo tempo de qualidade e amizade que vivemos.

Agradeço especialmente aos funcionários dos acervos aos quais tive acesso, que possibilitaram a consulta às fontes históricas, assim como ao pessoal da secretaria do PPGE da UFPR: Sandra, Patricia e Cinthia, sempre disponíveis e atenciosas, pelo apoio durante esses sete anos no programa. Expresso meu sincero agradecimento a esse gesto de guarda e acondicionamento, fundamental para todos aqueles que realizam pesquisa.

Ao Uniopet, especialmente à professora Adriana Karan, pelo apoio em minha jornada de formação como professora dessa instituição. Também agradeço aos meus coordenadores e coordenadoras de cursos pelo incentivo nesta caminhada. Obrigada!

Ao meu gato Miró, por me ouvir e me acompanhar em dias solitários de leituras e escrita.

E, por fim, meus agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Programa Institucional de Internacionalização – CAPES - PrInt, que me proporcionaram a bolsa de estudos durante o doutorado e o estágio no exterior. Espero, nos próximos anos, poder me dedicar a retribuir à escola e à universidade públicas a formação concedida.

RESUMO

Esta tese examina a história da Associação Brasileira de Educação (ABE) sob uma perspectiva transnacional, destacando seu papel na circulação de sujeitos, instituições, ideias e objetos. O período analisado abrange de sua fundação, em 1924, até 1947, quando foi firmado o acordo entre o BIE e a Unesco. A ABE consolidou-se como um espaço central para debates sobre políticas educacionais no Brasil, promovendo inquéritos, exposições, publicações, conferências, intercâmbios culturais e cursos, contribuindo para a renovação do campo pedagógico. A partir de uma abordagem transnacional, observa-se que a entidade atuou como ponto de conexão e articulação, ampliando interpretações e propostas no cenário educacional. A pesquisa fundamenta-se nos conceitos de circulação e apropriação, com base em Roger Chartier, Serge Gruzinski, Michel de Certeau, Diana Gonçalves Vidal, Vera Eugenia Roldán e Eckhardt Fuchs, além de estudos sobre cultura material de Eliane Peres, Gizele de Souza, Inés Dussel e Rosa Fátima de Souza. O corpus documental inclui atas, catálogos, cartas, fotografias, impressos pedagógicos, notícias, ofícios e relatórios, provenientes de acervos da ABE, Inep, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e Biblioteca da USP, no Brasil, além de instituições em Macerata, Torino, Florença, Bolonha, Paris, Estados Unidos, Argentina e Montevideu. A tese está estruturada em dois capítulos: (I) a ABE como mobilizadora da educação e da ciência e (II) os impressos e as pautas em prol do debate sobre a renovação educacional. Busca-se compreender, a partir da história transnacional e do paradigma da transferência cultural, como os saberes circularam por meio de congressos internacionais, publicações e correspondências entre a ABE e outras entidades. Conclui-se que a ABE desempenhou um papel central na modernização educacional no Brasil, articulando debates nacionais e internacionais e contribuiu para a renovação do ensino. Sua rede de associados e associadas evidencia a ampla circulação de ideias e práticas, posicionando a ABE como um elo entre o Brasil e o cenário educacional global.

Palavras-chave: Associação Brasileira de Educação (ABE); renovação pedagógica; Escola Nova, circulação de saberes; abordagem transnacional.

ABSTRACT

This thesis examines the history of the Associação Brasileira de Educação (ABE) from a transnational perspective, highlighting its role in the circulation of individuals, institutions, ideas, and objects. The period analyzed spans from its foundation in 1924 to 1947, when the agreement between BIE and UNESCO was signed. ABE established itself as a central space for debates on educational policies in Brazil, promoting inquiries, exhibitions, publications, conferences, cultural exchanges, and courses, influencing the renewal of the pedagogical field. From a transnational approach, it is observed that the entity acted as a point of connection and articulation, expanding interpretations and proposals in the educational scene. The research is based on the concepts of circulation and appropriation, drawing from Roger Chartier, Serge Gruzinski, Michel de Certeau, Diana Gonçalves Vidal, Vera Eugenia Roldán, and Eckhardt Fuchs, as well as studies on material culture by Eliane Peres, Gizele de Souza, Inés Dussel, and Rosa Fátima de Souza. The documentary corpus includes minutes, catalogs, letters, photographs, pedagogical prints, news articles, official documents, and reports from the archives of ABE, Inep, the Digital Newspaper Library of the National Library, and the Library of USP in Brazil, as well as institutions in Macerata, Turin, Florence, Bologna, Paris, the United States, Argentina, and Montevideo. The thesis is structured into two chapters: (I) ABE as a mobilizer of education and science and (II) printed materials and agendas in favor of the debate on educational renewal. Based on transnational history and the paradigm of cultural transfer, the study seeks to understand how knowledge circulated through international congresses, publications, and correspondences between ABE and other entities. It is concluded that ABE played a central role in educational modernization in Brazil, articulating national and international debates and contributing to the renewal of teaching. Its network of associates highlights the broad circulation of ideas and practices, positioning ABE as a link between Brazil and the global educational scene.

Keywords: Associação Brasileira de Educação (ABE); pedagogical renewal; circulation of knowledge; transnational approach.

RIASSUNTO

Questa tesi esamina la storia dell'Associação Brasileira de Educação (ABE) da una prospettiva transnazionale, evidenziando il suo ruolo nella circolazione di soggetti, istituzioni, idee e oggetti. Il periodo analizzato va dalla sua fondazione, nel 1924, fino al 1947, quando fu firmato l'accordo tra il BIE e l'UNESCO. L'ABE si è consolidata come uno spazio centrale per i dibattiti sulle politiche educative in Brasile, promuovendo inchieste, esposizioni, pubblicazioni, conferenze, scambi culturali e corsi, influenzando il rinnovamento del campo pedagogico. Da un approccio transnazionale, si osserva che l'ente ha operato come punto di connessione e articolazione, ampliando interpretazioni e proposte nel panorama educativo. La ricerca si basa sui concetti di circolazione e appropriazione, facendo riferimento a Roger Chartier, Serge Gruzinski, Michel de Certeau, Diana Gonçalves Vidal, Vera Eugenia Roldán ed Eckhardt Fuchs, oltre a studi sulla cultura materiale di Eliane Peres, Gizele de Souza, Inés Dussel e Rosa Fátima de Souza. Il corpus documentale include verbali, cataloghi, lettere, fotografie, stampati pedagogici, notizie, documenti ufficiali e relazioni, provenienti dagli archivi dell'ABE, dell'Inep, dell'Emeroteca Digitale della Biblioteca Nazionale e della Biblioteca dell'USP, in Brasile, oltre che da istituzioni a Macerata, Torino, Firenze, Bologna, Parigi, Stati Uniti, Argentina e Montevideo. La tesi è strutturata in due capitoli: (I) l'ABE come mobilitatrice dell'educazione e della scienza e (II) gli stampati e le tematiche a favore del dibattito sul rinnovamento educativo. Si cerca di comprendere, attraverso la storia transnazionale e il paradigma del trasferimento culturale, come i saperi siano circolati attraverso congressi internazionali, pubblicazioni e corrispondenze tra l'ABE e altre entità. Si conclude che l'ABE ha svolto un ruolo centrale nella modernizzazione dell'educazione in Brasile, articolando dibattiti nazionali e internazionali e contribuendo al rinnovamento dell'insegnamento. La sua rete di associati e associate evidenzia l'ampia circolazione di idee e pratiche, posizionando l'ABE come un collegamento tra il Brasile e il panorama educativo globale.

Parole chiave: Associazione Brasiliana di Educazione (ABE); rinnovamento pedagogico; Escola Nova; circolazione dei saperi; approccio transnazionale.

LISTA DE SIGLAS E DE ABREVIATURAS

- ABC - Academia Brasileira de Ciências
- ABE – Associação Brasileira de Educação
- ABI – Associação Brasileira de Imprensa
- AIFEN – Associação Internacional de Filmes para a Educação Nova
- BIE - Bureau Internacional de Educação
- BIT - Bureau International du Travail
- CAM – Confederación Americana del Magisterio
- CICI – Comissão Internacional de Cooperação Intelectual
- CNLI – Comissão Nacional de Literatura Infantil
- DCI – Divisão de Cooperação Intelectual
- FNSE – Federação Nacional das Sociedades de Educação
- IBEU – Instituto Brasil - Estados Unidos
- IICI – Instituto Internacional de Cooperação Intelectual
- IIE – Instituto Internacional de Educação
- IJJR – Instituto Jean Jacques Rousseau
- IMA – Internacional de Magistério Americano
- LIEN – Liga Internacional da Escola Nova
- LN – Liga das Nações
- MRE – Ministério das Relações Exteriores
- NEA – National Education Association
- OCI – Organização da Cooperação Intelectual
- PEA – Progressive Education Association
- SCI – Serviço de Cooperação Intelectual
- SDN – Sociedade das Nações
- TC – Teachers College
- UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
- UPA – Union Pan American
- WFEA – World Federation of Education Associations

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| FIGURA 1 - PRIMEIRA SEDE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO | 53 |
| FIGURA 2 - MAPA REGIÃO CENTRAL DO RIO DE JANEIRO EM 1930 | 55 |
| FIGURA 3 - ASPECTO DO PROGRAMA DAS CONFERÊNCIAS E CURSOS REALIZADAS PELA ABE | 69 |
| FIGURA 4 - ASPECTOS DAS CONFERÊNCIAS DA ABE NA ESCOLA POLITÉCNICA | 70 |
| FIGURA 5 - EMBLEMA DA ABE | 76 |
| FIGURA 6 - EXIBIÇÃO DO FILME SANTOS DUMONT E SEU INVENTOS NA SEDE DA ABE, VENDENDO-SE NO CENTRO O INVENTOR BRASILEIRO..... | 80 |
| FIGURA 7 - JANTAR OFERECIDO PELOS SÓCIOS DA ABE AO PROFESSOR LANGEVIN EM 17/09/1928, NO CLUB DOS BANDEIRANTES | 85 |
| FIGURA 8 - RECEPÇÃO DO EDUCADOR AMERICANO CARLETON WASHBURNE EM 10 DE AGOSTO DE 1942, NA ABE | 94 |
| FIGURA 9 - EMBLEMAS DE ALGUMAS ASSOCIAÇÕES E OU INSTITUIÇÕES QUE DIALOGARAM COM A ABE..... | 99 |
| FIGURA 10 - DELEGADOS DA CONFERÊNCIA MUNDIAL DE EDUCADORES REALIZADA EM EDINCOTT, NY, 1946 | 125 |
| FIGURA 11 - COMEMORAÇÃO DO DIA PANAMERICANO, EM 14 DE ABRIL DE 1941, NA SEDE DA ABE | 131 |
| FIGURA 12 - ASPECTO DA RECEPÇÃO OFERECIDA AOS DELEGADOS DO VIII CONGRESSO MUNDIAL DE EDUCAÇÃO NA ABE 10 de AGOSTO DE 1939..... | 141 |
| FIGURA 13 - CONFERÊNCIA DE DARDO REGULES, NA SEDE DA ABE, EM OUTUBRO DE 1930. | 150 |
| FIGURA 14 - REDE DE RELAÇÕES ABE E OUTRAS ASSOCIAÇÕES..... | 152 |
| FIGURA 15 - REDE GRAVITACIONAL DA ABE..... | 153 |
| FIGURA 16 - ALGUMAS CAPAS DO BOLETIM DE 1925 A 1929 | 175 |
| FIGURA 17 - REVISTA SCHOLA E REVISTA EDUCAÇÃO (1939 -?)..... | 176 |
| FIGURA 18 - IV CONGRESSO, NA VIA VARENNA, EM LOCARNO, EM 1927 | 180 |
| FIGURA 19 - ASPECTOS DA EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR | 197 |
| FIGURA 20 - ANÚNCIO NA REVISTA WORLD EDUCATION DA WFEA..... | 201 |
| FIGURA 21 - DOIS ASPECTOS DA EXPOSIÇÃO DE LIVROS INFANTIS, NA ABE, EM 1930 | 221 |
| FIGURA 22 - INAUGURADA A EXPOSIÇÃO DOS 450 LIVROS OFERECIDOS À ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO | 233 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| QUADRO 1 - ELENCO DE FONTES CONSULTADAS NA ABE | 40 |
| QUADRO 2 - JORNAIS DIGITAIS CONSULTADOS NA HEMEROTECA NACIONAL DIGITAL | 43 |
| QUADRO 3 - IMPRESSOS PEDAGÓGICOS CONSULTADOS EM 2023/2024 | 45 |
| QUADRO 4 - PARTE DAS COMUNICAÇÕES ENTRE A ABE E ALGUMAS ASSOCIAÇÕES CONGÊNERES INTERNACIONAIS..... | 88 |
| QUADRO 5 - REVISTAS DISPONÍVEIS NA ABE P/ CONSULTA PUBLICADA NO BOLETIM, EM JANEIRO DE 1926 | 158 |
| QUADRO 6 - CONGRESSOS REALIZADOS PELA LIEN..... | 184 |
| QUADRO 7 - LISTA DE LIVROS ENVIADOS PELA EDITORA JACYNTHO EM 1934, PARA A III EXPOSIÇÃO. | 226 |
| QUADRO 8 – QUANTIDADE DE LIVROS, POR TEMAS E PAÍSES, ENVIADOS PARA A IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE LITERATURA INFANTIL 1936 | 230 |
| QUADRO 9 - LISTA DOS VOLUMES DOADOS PARA A EXPOSIÇÃO DE OBRAS DIDÁTICAS NORTE-AMERICANAS DE 1936, SEPARADOS POR TEMA..... | 234 |
| QUADRO 10 - LISTA DE LIVROS PUBLICADA NA REVISTA SCHOLA 1930 | 238 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO | 17 |
| I - A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO (ABE) COMO MOBILIZADORA DA EDUCAÇÃO E DA CIÊNCIA..... | 47 |
| 1.1 A ABE – UMA POTENTE REDE NOS ANOS 20, 30 E 40 | 74 |
| 1.2 PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS: A ABE E O DIÁLOGO COM ALGUMAS ASSOCIAÇÕES CONGÊNERES | 96 |
| II - IMPRESSOS: AS PAUTAS EM PROL DO DEBATE DA RENOVAÇÃO EDUCACIONAL | 157 |
| 2.1 CIRCULAÇÃO DE SABERES: O MOVIMENTO DA ESCOLA NOVA..... | 159 |
| 2.2 BIBLIOTECAS, CONHECIMENTO E AS EXPOSIÇÕES DE LIVROS DA ABE: FORMAS DE ACESSAR, FORMAS DE APRENDER | 212 |
| III - APONTAMENTOS FINAIS | 241 |
| FONTES | 246 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 257 |
| ANEXO 1 - LISTA DAS PUBLICAÇÕES DA UPA - SÉRIE SOBRE A EDUCAÇÃO – 1940..... | 272 |
| ANEXO 2 - LIVROS DA ESPANHA PARA A IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE LITERATURA INFANTIL 1936 | 273 |
| ANEXO 3 - LIVROS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA PARA A IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE LITERATURA INFANTIL 1936..... | 274 |
| ANEXO 4 - LIVROS DA ALEMANHA PARA A IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE LITERATURA INFANTIL 1936 | 276 |
| ANEXO 5 - LIVROS DA FRANÇA PARA A IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE LITERATURA INFANTIL 1936..... | 277 |
| ANEXO 6 - LIVROS PARA A IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE LITERATURA INFANTIL 1936 NO RIO DE JANEIRO..... | 278 |
| ANEXO 7 - LIVROS PARA A IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE LITERATURA INFANTIL 1936 NO RIO DE JANEIRO – VOLUMES EXTRA | 282 |
| ANEXO 8 - LIVROS DA EXPOSIÇÃO DE OBRAS DIDÁTICAS NORTE-AMERICANAS DE 1936 | 282 |
| ANEXO 9 - LIVROS DOADOS PELA EMBAIXADA DA FRANÇA À ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO | 290 |

INTRODUÇÃO

O fim principal da A.B.E. é desenvolver educação pelo Brasil, de norte a sul, de leste a oeste, tratando desde o ensino primário até o técnico superior, em todos os seus ramos, guiando os educadores e estudiosos por meio de proveitosos cursos e excursões (ABE, Boletim, 1928, p. 28).

A nota acima foi publicada 4 anos após a fundação da Associação Brasileira de Educação (ABE). Desde o início, a ABE representou um espaço que congregava médicos, engenheiros, professores e sujeitos de diversas áreas para pensar a organização política do sistema educacional escolar no Brasil. De acordo com Marta Carvalho, a ABE foi inspirada no modelo da National Education Association (NEA)¹ dos EUA e era um projeto de “vir a formar um núcleo poderoso no seio da sociedade brasileira”, (Carvalho, 1998, p. 214). Em 1928, Anísio Spindola Teixeira, na época diretor geral de instrução no estado da Bahia, em viagem comissionada aos EUA apresenta um relatório intitulado *Aspectos americanos de educação*, em que discorre sobre o prestígio da NEA no meio profissional educativo. Segundo ele, “o segredo da eficiência da NEA foi tornar possível o movimento e a participação dos professores no meio diretivo e organizador cooperando em larga unidade o plano nacional de ensino do país” (Teixeira, 1928, p. 7).

A ABE, instalada no Rio de Janeiro, capital do país naquele momento, funcionava como sociedade civil congregando ideias e projetos que objetivavam a organização do ensino. De acordo com Marta Carvalho (2000, p. 237), “um grupo de intelectuais imbuí-se da missão de regenerar o país pela educação, lançando-se à propaganda da “causa educacional”. Segundo Carlos Eduardo Vieira (2008), o termo intelectual refere-se ao sujeito público coletivo que encontra no jornal um meio para difundir ideias e chamar a atenção para as questões sociais. O autor também assinala que tal sujeito teria competência com a palavra, com o discurso, ocupava púlpitos valorizados na imprensa, no Estado e nas instituições de ensino (Vieira, 2008, p. 74). Nesse sentido, naquele período, um grupo de intelectuais poderia ser composto por engenheiros, médicos, advogados, professores, interessados em educação e outros.

A Associação mantinha representações em muitos Estados do país, por meio das seções regionais. Entre as inúmeras propostas e ações, promoveu treze Conferências Nacionais de

¹ A Associação Nacional de Educação dos Estados Unidos da América (NEA) foi fundada em 1857 e funcionou como uma sociedade nacional de debates para um pequeno grupo de líderes educacionais, professores da escola primária, secundária e superior pelo restante do século XIX. Era como um fórum que objetivava debater, promover e elaborar planos para impulsionar o movimento pela escola pública nos EUA.

Educação (CNEs)² em diferentes Estados da federação, configurando-se em instâncias de debates. A Associação organizava as Conferências, definia os locais de realização dos congressos, propunha os temas a serem debatidos, indicava as pessoas e as devidas funções a serem exercidas durante o desenrolar dos encontros nacionais. Ana Chrystina Mignot e Libânia Nacif Xavier (2004) descrevem que:

as conferências funcionaram como o elo necessário entre o governo federal, os governos estaduais e representantes da sociedade civil - professores, cientistas, lideranças religiosas e políticas, dentre outros -, constituindo-se importante estratégia de difusão de ideias e princípios caros a determinados projetos de organização do ensino, que, por sua vez, correspondiam a uma ação ampla de organização do Estado e da nacionalidade (Mignot; Xavier, 2004, p. 11).

Para além do plano dos debates dos temas essenciais voltados à educação brasileira, as Conferências também se configuraram como um lugar de produção e circulação dos diferentes suportes pedagógicos, por meio das Exposições Pedagógicas e demais atividades ocorridas durante o período de sua realização (Allgayer, 2020). Nesse sentido, ao longo da minha investigação ocorrida no mestrado³, em relação às Conferências Nacionais de Educação e demais atividades, percebeu-se que a ABE propagandeava a causa educacional de várias maneiras, no intento de disseminar a perspectiva de nação por meio da educação, nos anos 1920 e início de 1930. A Associação se ocupou e utilizou das Exposições e das Conferências, entre outras atividades, para divulgar e dar a ver uma almejada educação.

Concomitantemente, uma rede de network (Fuchs; Roldán, 2021) e uma rede de fornecedores se constituiu junto à ABE. Na investigação para a dissertação foi possível constatar que, entre 1927 e 1956, as Exposições Pedagógicas e as atividades ocorridas nas Conferências Nacionais de Educação constituíram um rico repertório⁴ pedagógico, com

² As 13 Conferências Nacionais de Educação (CNEs) ocorreram nos seguintes anos, locais e com os respectivos temas: 1927, I CNE, Curitiba: Ensino Primário e Formação dos Professores; 1928, II CNE, Belo Horizonte: Educação Política, Sanitária, Agrícola, Doméstica e Ensino Secundário; 1929, III CNE, São Paulo: Ensino Primário, Ensino Secundário, Ensino Profissional, Organização Universitária; 1931, IV CNE, Rio de Janeiro: Diretrizes para a Educação Popular; 1932, V CNE, Niterói: Sugestões à Assembleia Constituinte; 1934, VI CNE, Fortaleza: Educação Pré-escolar; 1935, VII CNE, Rio de Janeiro: Educação Física; 1942, VIII CNE, Goiânia: Ensino Primário e Educação Demográfica; 1945, IX CNE, Rio de Janeiro: Educação Democrática; 1950, X CNE, Rio de Janeiro: Do Estado e Instituições do Ensino; 1954, XI CNE, Curitiba: Divulgação das Nações Unidas e Financiamento do Ensino; 1956, XII CNE, Salvador: Contribuição da Escola à compreensão e à utilização das descobertas científicas; os processos da educação democrática nos diversos graus de ensino e na vida extraescolar; e 1967, XIII CNE, Rio de Janeiro: Educação para o progresso científico e tecnológico. Fonte: Associação Brasileira de Educação (ABE).

³ As Exposições e Eventos nas Conferências Nacionais de Educação: um repertório pedagógico para se dar a ver (1927 - 1956). Dissertação de Mestrado. PPGE/UFPR. Curitiba, defendida em 2020.

⁴ Aqui o termo repertório é usado como uma expressão e não está ligado ao conceito de repertório oriundo do campo da sociologia, atribuído a Charles Tilly. Na dissertação defendida em 2020 foram consultados três dicionários no intento de averiguar o significado do termo: um dicionário de língua portuguesa de 1832, um

evidências de uma rede de sujeitos e de fabricantes/fornecedores de objetos escolares ainda a ser investigada. Essas Exposições Pedagógicas integram um conjunto de ações realizadas junto às Conferências Nacionais de Educação, que representaram uma série de atividades, tais como as exposições dos trabalhos escolares, as visitas às escolas ou aos prédios novos, as apresentações de canto orfeônico e de exercícios físicos, como uma forma de dar-se a ver e de exhibir uma educação considerada referência naquele momento histórico.

A ABE também pode ser considerada como um dos principais agentes divulgadores da ciência nos anos de 1920. Entre 1926 e 1929, a Associação realizou inúmeras palestras, cursos e conferências voltadas à divulgação científica.

Ao longo da década, promoveu periodicamente palestras de divulgação, feitas por professores e pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Os cursos e as conferências organizados pela ABE, muitas vezes realizados com apoio do Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura, recebiam boa afluência de público, sendo anunciados em jornais cariocas (Massarani, 1998, p. 52).

Ainda em seus projetos, a ABE teve iniciativas voltadas para renovação educacional brasileira e para a formação dos professores, com investimentos em viagens pedagógicas para outros países. Em 1927, por exemplo, a ABE encaminhou dez professores para representar o Brasil no IV *Congrès International d'Education Nouvelle*, em Locarno, na Suíça, que intentava propagar os princípios da educação moderna. Entre os professores estava a educadora Laura Jacobina Lacombe, integrante da Seção de Cooperação da Família, que havia estudado no Instituto Jean Jaques Rousseau⁵ (IJJR), em 1925, onde conheceu Pierre Bovet, Édouard Claparède e Adolphe Ferrière, figuras expressivas do movimento internacional da Educação Nova. Esse movimento ganhou destaque durante o período entre guerras, em diversos países ao redor do mundo, e visava preparar os indivíduos para uma sociedade em constante transformação.

Acerca disso, Ana Chrystina Mignot (2016), em um artigo sobre a amizade entre Laura Lacombe e Claparède, transcreve parte da ata da ABE e dá uma pequena visada sobre o retorno da professora a ABE e a leitura do seu relatório.

Em seguida, D. Laura Lacombe leu o seu relatório referente à sua ida ao Congresso de Educação realizado em Locarno. Dr. Backheuser pede que um voto de louvor seja inserido na ata pela brilhante atuação de D. Laura Lacombe e pede a publicação de seu relatório. Foi aprovado unanimemente. Ainda o Sr.

dicionário de francês para latim de 1834 e um dicionário da língua portuguesa datado de 1939. Os dicionários apresentam a palavra como um substantivo masculino proveniente do latim – *repertorium* –, definindo-a como: “ideia de coleção organizada por ordem, coletânea, conjunto, compilação, reunião de conhecimentos e esclarecimentos, conjunto de leis e documentos oficiais, conjunto de obras, conjunto de músicas, conjunto de conhecimentos sobre determinado assunto” (Allgayer, 2020, p. 26).

⁵ Instituto Jean-Jacques Rousseau (IJJR), órgão genebrino inaugurado em 21 de outubro de 1912 por Édouard Claparède (1873- 1940) e Pierre Bovet (1878-1965).

Backheuser solicita que a ABE se interesse pela Escola Ativa lembrando as vantagens e inconvenientes. D. Armanda A. Alberto lembra que a Escola Regional de Merity já usa o método anteriormente falado (ABE, Ata, 1927 *apud* Mignot, 2016, p.255).

Diante disso, a partir de um olhar sobre ações da ABE, este estudo pretende investigar os modos de atuação da Associação Brasileira de Educação (ABE), fundada em 1924, no Rio de Janeiro, em uma perspectiva transnacional. Compreende-se a ABE como um potente elemento que cruzou fronteiras por meio **da circulação** de sujeitos, ideias e objetos, **bem como trocas entre os educadores, por meio de redes compartilhadas**, e possíveis contribuições para a renovação do campo pedagógico. **A tese que se pretende sustentar é de que a ABE se configurou como um ponto de conexão⁶, constituindo-se, portanto, como um lugar multiplicador, indutor, formador de possibilidades interpretativas e propositivas no cenário da educação e promotor das prospectivas de renovação pedagógica.**

Entende-se aqui a renovação do campo pedagógico como o processo de atualização e aprimoramento das práticas educacionais, fundamentado na integração de novos saberes pedagógicos, disciplinares, curriculares e experienciais. Tal processo visa responder de maneira eficaz às demandas emergentes da sociedade, promovendo uma educação mais centrada no desenvolvimento integral dos alunos. A renovação pedagógica envolve a incorporação de teorias e métodos inovadores, a adaptação às transformações tecnológicas e culturais e o fortalecimento da formação profissional dos professores, de modo a garantir que o ensino seja dinâmico, reflexivo e capaz de mobilizar saberes para a construção de um ambiente de aprendizagem significativo.

À luz de Jürgen Schriewer (2000, p. 107), a difusão mundial e a aceitação de modelos educativos desenvolveram-se a partir de sociedades que foram tomadas como referências, sobretudo na “Europa do século XVIII e XIX e ganharam aceitação global, particularmente durante a segunda metade do século XX, em correlação óbvia com a emergência de um ‘transnational cultural environment’” (ambiente cultural transnacional). Christine Mayer (2019), na mesma linha de pensamento que Schriewer, indica que na segunda metade do século XVIII o intercâmbio pedagógico cresceu significativamente, impulsionado pelo mercado editorial, revistas especializadas e traduções, ampliando a circulação transnacional de ideias e práticas educacionais. Ainda, Sureda Garcia (2005 *apud* Manique, 2008, p. 15), ao discutir a renovação pedagógica ocorrida no século XIX, aponta que essa transformação foi impulsionada

⁶ Ponto de conexão, pode também ser entendido como a categoria *hub*, que consiste em nós com várias conexões. Esses nós podem designar indivíduos, grupos, corporações ou qualquer tipo de coletivo. Fonte: Barabási, Albert-László (2003, 2009) disponível nas referências.

por uma nova concepção de infância.

No recorte histórico investigado nesta tese (1924-1947), o Brasil passava por intensas transformações sociais, políticas e econômicas, e o campo educacional não ficou à margem dessas mudanças. As mudanças da sociedade passaram pela escola. A renovação pedagógica, no referido contexto, foi, em certa medida, associada ao movimento internacional da Escola Nova, como defendido por Souza (2013) e da mesma forma entendido nesta tese.

No Brasil, a Escola Nova tornou-se o ideário de renovação do ensino **primário a partir da década de 1920**. No final dessa década e no início dos anos 30, vários estados brasileiros promoveram reformas educacionais com base na moderna pedagogia que propunha, para além de mudanças metodológicas no ensino, **novas finalidades para a educação, associando a escola aos projetos de modernização e reconstrução social do país**. Dois aspectos marcaram a renovação educacional pela Escola Nova: a denominada escola ativa, envolvendo formulações como a globalização do ensino, a adoção dos centros de interesse, os métodos ativos, a ênfase em atividades como excursões, salas ambientes, método de projetos, etc., e as instituições auxiliares da escola (Souza, 2013, p. 108, grifo meu).

Partindo da chave de análise da história transnacional associada ao paradigma da transferência cultural, da conexão e da circulação, o **objetivo é investigar os pontos de contato** que ora se dão pelas viagens de representantes da ABE em congressos internacionais e palestras realizadas, ora pela circulação de livros e ideias publicadas em livros e impressos pedagógicos, pela troca de correspondências dos integrantes da Associação e outras entidades, bem como pela rede de fornecedores que interage com a ABE. Essas abordagens permitem explorar como conceitos e práticas educacionais atravessaram fronteiras.

O aporte teórico da história transnacional para análise nesta pesquisa ancora-se em autores como: Diana Gonçalves Vidal (2017; 2020), José D'Assunção Barros (2019), Martin Lawn (2014), Cristine Mayer (2019), Eckhard Fuchs e Eugenia Roldán (2021). O termo transnacional foi criado nos EUA, no início do século XX, com o famoso ensaio *Transnational America*⁷ do escritor e ensaísta radical Randolph Bourne, em 1916. Ele usou o termo para se referir positivamente à diversidade de origens entre a população americana, o que hoje é conhecido como multiculturalismo (Fuchs; Roldán, 2021). Bourne defendia que, com a grande

⁷ Randolph Silliman Bourne nasceu em 1886, em Bloomfield, Nova Jersey, graduou-se pela Universidade de Columbia e faleceu em 1918, aos 32, em Nova York. Era um crítico literário e ensaísta americano, autor de artigos polêmicos que fizeram dele um porta-voz dos jovens radicais prestes a completar a maioria às vésperas da Primeira Guerra Mundial. Bourne voltou sua atenção para as teorias da educação progressista do filósofo pragmatista John Dewey, que foi seu professor em Columbia. Também estudou com o historiador Charles Beard. Seu trabalho floresceu em pequenas revistas nas primeiras décadas do século XX, desde o *Dial to the Masses* e a *Atlantic Monthly*, na qual foi publicado o ensaio *América Transnacional*. Nesse texto, Bourne, em meio ao fanatismo de discursos xenófobos, perseguição intelectual e política e o chamado à guerra, escreve sobre um ideal libertador e revigorante de cidadania cosmopolita que refletia sobre os termos de identidade e pertencimento e da própria nação.

mistura de culturas e pessoas, a América poderia crescer em uma nação transnacional, que teria fibras culturais interconectadas com outros países. Segundo o autor, os Estados Unidos cresceriam mais como país ampliando as visões das pessoas para incluir os costumes dos imigrantes, em vez de conformar todos ao ideal do caldeirão. Ele entendia que uma formação transnacional exigia formas adequadas de nacionalidade e cidadania, deveria ser “não uma nacionalidade, mas uma transnacionalidade, um vai e vem, com outras terras, de muitos fios de todos os tamanhos e cores⁸” (Bourne, 1977, p. 262 *apud* Canelo, 2016, p. 5).

A história transnacional emergiu no contexto de integração econômica e política, a “partir do terço final do século XX, que levantou questões de governança supranacional, territorialidade e soberania, além ou como uma extensão, do Estado-Nação”, (Fuchs; Roldán, 2021, p. 10). Assim, faz-se necessário diferenciar a história transnacional da história internacional, pois ambas tratam da ideia de nação; a internacional propõe uma história entre países e a transnacional se volta para a história que transcende as fronteiras, ela parte da redefinição da noção de fronteiras e territórios; se por um lado a abordagem transnacional guarda o conceito de nação, ela também entende que essas fronteiras são porosas e permitem o trânsito mútuo de influências, de ideias, de pessoas, de objetos e práticas.

O cientista político Benedict Anderson publicou em 1983 a obra *Comunidades Imaginadas*, em que assume como hipótese principal que as nações seriam como comunidades imaginadas:

são imaginadas porque mesmo os membros das menores nações nunca irão conhecer a maioria dos seus companheiros, encontrá-los, ou mesmo ouvi-los, ainda que nas mentes de cada um exista a imagem da comunhão deles. [...] De fato, todas as comunidades maiores que as vilas de contato cara-a-cara (talvez mesmo nestas) são imaginadas. Comunidades devem ser distinguidas, não por sua falsidade/ autenticidade, mas pela forma como foram imaginadas (Anderson, 2008⁹, p. 6).

Para o autor, a nação não existia de forma concreta e era imaginada e pensada por meio de práticas culturais e simbólicas. Os historiadores britânicos Eric Hobsbawm e Terence Ranger, na obra “*A Invenção das Tradições*” (1984), argumentam que as práticas culturais e administrativas que legitimam as nações são “tradições inventadas” na modernidade, entendidas como:

[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam

⁸ Texto no original: “Since a transnational formation required adequate forms of nationality and citizenship: it should be “not a nationality but a transnationality, a weaving back and forth, with the other lands, of many threads of all sizes and colors”.

⁹ A obra *Comunidades Imaginadas*, de Benedict Anderson, foi publicada originalmente em 1983, mas neste trabalho utilizou-se a edição de 2008.

inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado (Hobsbawm; Ranger, 1997¹⁰, p. 10).

Aqui pode-se tomar como exemplo o culto aos heróis, aos hinos, às tradições nacionais, às grandes festas das celebrações de cinquentenários, centenários¹¹ e demais eventos inventados, promovidos e institucionalizados pelos Estados-Nação. Nesse sentido, tanto Anderson quanto Hobsbawm e Ranger indicam que a ideia de nação não emergiu na era moderna, sendo desenvolvida na construção histórica até os dias atuais. Na consolidação de Estados-Nação, a organização dos sistemas educativos e a obrigatoriedade escolar se configuram como investimentos importantes.

Ainda sobre uma abordagem transnacional, recorre-se ao historiador José D'Assunção Barros (2019). No texto “Histórias interconectadas, histórias cruzadas, abordagens transnacionais e outras histórias”, o autor explica que o contexto de “associações econômicas, culturais e políticas entre países diversos, [...] tem oferecido um ambiente bastante favorável para o desenvolvimento de abordagens transnacionais da história” (Barros, 2019, p. 3). Nessa perspectiva, a abordagem transnacional é operada como recurso para não cair no “nacionalismo metodológico” (Barros, 2019, p. 3). Para Martin Lawn (2014, p. 130), o “nacionalismo metodológico” seria uma operação em que o pesquisador trata o Estado-Nação e suas fronteiras como “naturais”; em outras palavras, seria construir uma história a partir de um polo difusor e um centro único. Nessa operação, “a história da educação tem tratado seu objeto de estudo como naturalmente nacional, como se tivesse fronteiras impermeáveis, instituições comuns, lugares distintos e objetos nativos” (Lawn, 2014, p. 132).

Para a historiadora Barbara Weinstein (2013), em seu artigo “Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional”, a incorporação do viés transnacional pode desafiar narrativas históricas estabelecidas, oferecendo novas interpretações dos processos históricos. Ela sugere que uma perspectiva mais global pode ajudar a entender melhor as complexas redes de influência e poder que moldaram a história da região. Weinstein aponta que uma abordagem transnacional permite aos historiadores examinarem as interações e influências entre os países latino-americanos e outras regiões do mundo. Isso inclui o impacto

¹⁰ A obra *A Invenção das Tradições*, dos autores britânicos Eric Hobsbawm e Terence Ranger, é de 1984, mas neste trabalho utilizou-se a edição de 1997.

¹¹ Segundo Eric J. Hobsbawm, os centenários foram inventados no fim do século XIX. De acordo com o autor, em algum momento entre o centésimo aniversário da Revolução Americana (1876) e o da Revolução Francesa (1889) – ambos comemorados com as exposições internacionais de praxe – os cidadãos instruídos do mundo Ocidental tomaram consciência do fato de que aquele mundo, nascido entre a Declaração da Independência, a construção da primeira ponte de ferro e a tomada da Bastilha, estava completando cem anos (2008, p. 30).

das políticas internacionais, os fluxos de capitais, as trocas culturais e as redes de migração.

Segundo Fuchs e Roldán (2021), uma história transnacional da educação situa-se entre a educação internacional e a pesquisa histórica transnacional.

Se voltarmos nossa atenção para os termos usados para descrever – e assim construir – uma “realidade transnacional”, precisamos primeiro diferenciar entre duas esferas de referência distintas que foram construídas no que denominamos atualmente de uma “abordagem transnacional” em história da educação. A primeira delas é um discurso em educação que emergiu no alvorecer do século XIX e que utilizou os termos “internacional” e “internacionalismo”. “Internacional”, há cento e trinta anos, referia-se à esfera do estado e à sua política externa em relação a outros estados; o conceito de “educação internacional” apareceu pela primeira vez na virada do século XIX para o século XX e continuou dominando a semântica dos discursos nacionais e globais sobre a educação até hoje. A segunda esfera de referência que podemos associar a uma história transnacional da educação é uma abordagem de pesquisa. Recentemente, o uso da perspectiva transnacional em história da educação permitiu descrever fenômenos que transcendem a escala nacional, ainda que não tenham sido percebidos como transnacionais por aqueles que os experimentaram (Fuchs; Roldán, 2021, p. 4).

Um número significativo de estudos em história da educação com foco nos aspectos transnacionais no campo foi realizado nas últimas décadas. Os conceitos e as categorias analíticas são diversos. As principais áreas de pesquisa foram: interação internacional e rede de educadores, história da educação colonial e imperial, a formação da ciência internacional educacional, histórias institucionais, difusão do conhecimento pedagógico, estudos de gênero, teorias e métodos, teoria do sistema-mundo, cultura-mundo, sociedade-mundo, teorias pós-coloniais e estudos subalternos, redes, conceitos e transferência cultural e ciclo de normas. Nessa mesma linha, Christine Mayer (2019) afirma que as perspectivas transnacionais enriquecem a compreensão da história da educação ao contextualizar as ideias em redes culturais amplas, revelando interações complexas entre diferentes tradições e abordagens pedagógicas. Mayer, ao abordar a transição da História Comparada para uma perspectiva transnacional no estudo da circulação de conhecimento educacional, explica que enquanto a História Comparada tradicionalmente focava em análises bilaterais, a abordagem transnacional expande o olhar para as conexões, trocas culturais e redes de interações globais, destacando dinâmicas de transferência de ideias educacionais entre diferentes contextos culturais.

Diante de uma ampla gama de possibilidades, a escolha da perspectiva de estudo da abordagem da história transnacional da educação para esta tese busca perceber a ABE como uma entidade capilar que fez circular saberes para a renovação pedagógica atrelados à Escola Nova. Esta história transnacional está enraizada nos documentos e nas fontes, mas também nos sujeitos, nos fluxos das pessoas, na troca de saberes e nas histórias conectadas. Pode-se pensar,

por exemplo, que eram esses sujeitos que circulavam, que viajavam e que faziam os objetos viajarem, constituindo assim suportes para a circulação dos saberes. Assim como é possível questionar: Como se conectavam à ABE? Por cartas, congressos, artigos, notas em jornais, livros e ou contatos diplomáticos? No bojo dessas questões, à luz de Serge Gruzinski (2014, p. 77), ainda pode-se refletir sobre a busca de apreender as “redes de cumplicidade” que mobilizam os homens e as coisas. Nesse sentido, “a passagem de tantos homens entre os continentes tece laços tanto quanto oferece uma fonte contínua de informações e de conhecimentos (Gruzinski, 2014, p. 128). O olhar transnacional convida o historiador a pensar na investigação para além das fronteiras nacionais com o intuito de explorar as conexões existentes entre nacionais de diferentes países.

Pautando-se na perspectiva da história transnacional voltada à escola, ancora-se também nos trabalhos organizados por António Nóvoa e Jürgen Schriewer (2000) a respeito da difusão mundial da escola e da circulação internacional de ideias pedagógicas entre o final do século XIX e início do século XX. Também os estudos de Diana Gonçalves Vidal (2020) sobre o movimento internacional da Educação Nova trazem contribuições de que aqui lanço mão.

Sobre os conceitos de rede e network, as discussões realizadas no estudo de Eckhard Fuchs e Eugenia Roldàn (2007, p. 197) são instigadoras para pensar possibilidades a serem consideradas nas pesquisas da história da educação transnacional, entre elas destaco algumas: “O que realmente define uma rede educacional? As rotas de viagem ou os meios de disseminação e comunicação já constituem redes?”. Nesse sentido, é possível inserir a ABE e sua rede construída pelos sujeitos e entidades associadas ou não. Sabe-se que alguns desses sujeitos que dela faziam parte também ocupavam posições importantes no Estado, nas instituições de ensino públicas e privadas, associações culturais, em revistas, jornais e meios de comunicação. Para além disso, ainda representavam a ABE em outros países e se relacionavam com outros indivíduos, e novamente passavam a circular dentro da ABE, tanto em eventos, como por meio de livros, artigos, artefatos e projetos.

Ainda Fuchs e Roldàn (2007, p. 197) afirmam que “as redes são comunicativas e, na maioria das vezes, elos horizontais entre agentes interdependentes – atores individuais, corporativos ou coletivos – que são relativamente iguais, confiam um no outro e compartilham interesses ou valores semelhantes”¹². Nessa perspectiva, é fundamental explorar as redes de

¹² No original: “In general, it can be stated that networks are communicative and mostly horizontal links between interdependent agents—individual, corporate or collective actors—that are relatively equal, trust each other and share similar interests or values.⁷ These direct or indirect linkages or ties between actors (or nodes)—such as behavioral interaction, kinship relations, exchange of products, flow of information, transfer, migration and communication—are the ways through which the transfer of material or nonmaterial resources occur”.

pessoas (networks), o que pressupõe a existência de pontos de encontro e de conexão, bem como aquelas redes em que podem ocorrer a circulação de objetos e saberes, por isso também pode-se pensar em redes de fornecedores.

Por *Lugar*, Michel de Certeau (1982, p. 65) entende uma posição ocupada pelo historiador, “lugar de produção socioeconômico, político e cultural”. Nessa perspectiva, compreende-se a ABE, em uma posição privilegiada, como uma associação fundamental para o debate educacional do Brasil. Essa instituição social fornece os documentos para os procedimentos de análise, essenciais para a construção de uma narrativa. É possível ainda refletir sobre como esses sujeitos – professores, normalistas, intelectuais, jornalistas, livreiros, casas de comércio de material pedagógico – conectados pela ABE se valem do lugar que ocupam para fazer circular objetos, artefatos, práticas e saberes atrelados ao debate da renovação pedagógica.

Nesse sentido, investigar os documentos e as pistas deixadas pela ABE é se aproximar e mergulhar, conforme destaca Certeau (1982):

o próprio itinerário da escrita conduz à visão do lugar: ler é ir ver. O texto, com seu herói, circula em torno do lugar. É deíctico. Mostra sempre o que não pode nem dizer nem substituir. A manifestação é essencialmente local, visível e não dizível; ela falta ao discurso que a designa, fragmenta e comenta, numa sucessão de quadros. Mas esta “discursividade”, que é passagem de cena para cena, pode enunciar o sentido do lugar, insubstituível, único, extraordinário e sagrado (hagios) (Certeau, 1982, p. 276).

Ler a ABE é tentar acessar a enunciação deixada nos rastros e indícios para dar concretude à investigação que se propõe. Ler a ABE é também investigar esse lugar de saber e poder, esse lugar estratégico ocupado por ela, em que assume importância fundamental no campo educativo. Certeau (2014) apresenta também “as táticas” e “as estratégias”, as quais são detectáveis somente nas relações travadas pelos sujeitos, ou seja, são definidas segundo o lugar ocupado pelo sujeito que realiza a ação. Dessa forma, ao investigar que sujeitos compunham a rede da ABE, bem como perseguir a teia de relações que se constituem pelo lugar da ABE, é uma tentativa de adentrar as táticas e as estratégias: “O que distingue estas daquelas são os tipos de operações nesses espaços que as estratégias são capazes de produzir, mapear e impor, ao passo que as táticas só podem utilizá-los, manipular e alterar” (Certeau, 2014 p. 87).

Com base em Carlo Ginzburg (2007), em um trabalho historiográfico, o tempo, a cronologia, seria o fio da história que nos orienta na busca pelos rastros deixados para trás (Ginzburg, 2007, p. 07). Amparado no mito de Teseu, o autor utiliza a metáfora do fio de Ariadne para explicar as coordenadas de uma investigação histórica. Deste modo, o fio que guia o pesquisador, “no labirinto documental, é aquilo que distingue um indivíduo de um outro em

todas as sociedades conhecidas: o nome” (Ginzburg, 1991, p. 174). Nesse sentido, cartas de ofícios nominadas e arquivadas na ABE podem ser reveladoras, permitindo que a investigação utilize o método onomástico para rastrear esses sujeitos ou associações.

Ainda é preciso pensar o Brasil em um circuito mundial. A dimensão pedagógica dos eventos, das viagens pedagógicas e dos intercâmbios culturais não passava despercebida aos educadores reunidos na ABE. Os encontros, as conferências¹³ e os congressos internacionais¹⁴ se constituíram como palco para debates e diálogos acerca de várias ideias educacionais no início do século XX. No período entreguerras, o debate da Educação Nova circulou e foi apropriado em diferentes lugares do mundo, incluindo o Brasil. A Educação Nova propunha um rompimento com as estruturas educacionais tradicionais e fazia circular novas ideias pedagógicas.

O Movimento Internacional da Escola Nova emergiu na Europa e EUA no final do século XIX, quando vários pensadores buscavam renovar as ideias da escola tradicional dominante, propondo uma corrente inovadora com métodos e projetos em que a criança e não mais o professor seria o centro do processo pedagógico. Esse movimento também propunha que a educação deveria ser laica, gratuita e obrigatória. O fim da I Guerra Mundial foi um momento importante para a articulação desse ideário.

Vivia-se então num mundo aparentemente calmo, de contínuo progresso nas ciências, letras e artes e seguro desenvolvimento técnico. Não se podia acreditar que as mais cultas nações da Europa viessem a empenhar-se em luta de extermínio. Ela ocorreu, no entanto, durou quatro longos anos, havendo consumido bens e vidas e, mais do que isso, precipitado a marcha do desequilíbrio que se iniciara entre situações culturais, econômicas e políticas de vários grupos de nações, seus domínios e colônias (Lourenço Filho, 1978, p. 25).

Nesse contexto, a citação de Manoel Bergstrom Lourenço Filho¹⁵ é particularmente

¹³ Cita-se aqui a Conferência Internacional A Paz pela Escola, realizada em Praga, de 16 a 20 de abril de 1927, que contou com a participação central do BIE, como organizador, e com o apoio da Sociedade Pedagógica Comenius e de várias outras associações pedagógicas checas e russas. Participaram do congresso: Áustria, Bulgária, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Inglaterra, Holanda, Itália, Polônia, Portugal, Romênia, Suécia, Turquia, Suíça, antiga Tchecoslováquia, França, Alemanha, EUA, Brasil e País de Gales.

Fonte: Ver dissertação de Clarice Loureiro (2015, p. 14), inserida nas referências.

¹⁴ Cita-se aqui alguns eventos internacionais: Montreux (1923), Heidelberg (1925), Locarno (1927), Elsinore (1929), Nice (1932) e Cheltenham (1936) (Brehony, 2004) Fonte: Ver artigo de Vidal e Rabelo (2019) inserido nas referências.

¹⁵ Manoel Bergstrom Lourenço Filho foi presença marcante no quadro da ABE, atuando em várias frentes. Presidiu a Associação em 1934 e 1938, integrou o Conselho Diretor na qualidade de membro titular e membro vitalício. Proferiu conferências, realizou cursos, participou de Conferência e Congressos Nacionais, promovidos pela ABE em diversos estados brasileiros, integrou inúmeras Comissões. Foi signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932), na companhia de Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Francisco Venâncio Filho. Lourenço Filho publicou em 1930 a importante obra “Introdução ao Estudo da Escola Nova”, apresentou-a como “uma simples introdução a esse assunto”. Fernando de Azevedo apresentou esse livro dizendo: “Livro de Mestre.

relevante para entender as transformações daquele período. Como um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932 e uma figura central no movimento pedagógico brasileiro, Lourenço Filho refletiu sobre os efeitos da guerra e os desequilíbrios culturais, econômicos e políticos que ela precipitou. Ele descreveu o cenário pré-guerra como um tempo de progresso nas ciências, artes e tecnologia, marcado por um sentimento de segurança que logo seria destruído pelo conflito. A sua análise sublinha a necessidade de repensar o papel da educação em um mundo em mudança.

Os terríveis danos causados pelo conflito da guerra, somados às transformações políticas e econômicas, levaram pensadores, educadores, intelectuais, cientistas, militantes e governantes de vários países a refletirem sobre como a educação poderia contribuir para um pensamento de paz internacional. Pode-se pensar a escola, sob tal perspectiva, como uma grande aliada para o desenvolvimento de teorias e propostas pedagógicas voltadas aos ideais de paz e de cooperação internacional. A corrente com representantes em vários lugares do mundo queria fazer circular essas novas ideias pedagógicas, o que influenciou as diretrizes e práticas que buscavam renovar o sistema de ensino na primeira metade do século XX.

Nesse sentido, o Movimento Internacional da Educação Nova extrapolou as fronteiras nacionais e internacionais, circulou em congressos, em associações e institutos de educação. Foi dado a ver por vários caminhos: publicações em revistas pedagógicas, exibição em filmes¹⁶, visitas às escolas tidas como referência e propagandeadas em cartões postais. Circulou entre sujeitos que formaram redes conectando nações ao tema. É importante citar que o Congresso Internacional de Calais (1921), realizado na França, e seus desdobramentos¹⁷, foram fundamentais para a internacionalização do movimento.

A publicação dos 30 princípios da Escola Nova, apresentados em Genebra (1915), por Antonio Sena Faria de Vasconcelos Azevedo¹⁸, reforçaram os princípios defendidos pelo

Não há obra que o substitua na literatura pedagógica” [...]. Lourenço Filho, ainda jovem, com 33 anos, foi um dos integrantes do grupo de professores que deu início a um movimento pedagógico no Brasil. Ele foi professor de Pedagogia e Psicologia da Escola Normal de São Paulo, onde reorganizou o Ensino Normal, criou o Serviço de Psicologia Aplicada, o Instituto Pedagógico, e atuou como Diretor da Escola Rio Branco (ABE, Informe, setembro, 1997, p. 4).

¹⁶ Texto sobre a Associação Internacional de Filmes da Educação Nova publicado na *Pour l'ère nouvelle* de 1929, n 44, p.7.

¹⁷ O Congresso de Calais é também o local da fundação da Liga Internacional para a Nova Educação.

¹⁸ Antônio Sena Faria de Vasconcelos Azevedo (1880-1939) tornou-se professor universitário e pedagogo, ou pedagogista, associado ao movimento Escola Nova. Era bacharel em Direito na Faculdade de Coimbra em 1901. Sua primeira obra foi “O Materialismo Histórico e a Reforma Religiosa do Século XVI”. Posteriormente, mudou seus interesses, dedicando-se às questões filosóficas e à psicologia infantil. Sua atividade no campo da educação ficou marcada pela adesão ao movimento da Escola Nova (Cruz, 2011, p. 141). Em sua trajetória, Vasconcelos viajou com frequência e estudou em vários países da Europa. Partiu para a Bélgica e, em 1904, doutorou-se em Ciências Sociais. Tornou-se professor catedrático na Universidade Nova de Bruxelas, atuando em Psicologia e

movimento. Vasconcelos, no texto *Uné Ecolle Nouvelle en Belgique*¹⁹, com prefácio de Adolphe Ferrière, também ajudou a divulgar a Escola Nova. Esse material evidenciou a experiência realizada na Suíça por A. Ferrière, E. Claparède e P. Bovet, no Instituto Jean- Jacques Rousseau, dando consistência e cientificidade aos princípios defendidos e implementados. Esses 30 princípios indicavam as características necessárias às escolas novas. Cinco eixos nortearam as ideias inovadoras que a escola nova deveria propor: laboratório de pedagogia prática, sistema de coeducação de sexos, atenção aos trabalhos manuais, desenvolver o espírito crítico e a autonomia dos educandos. Para que uma escola fosse considerada uma Escola Nova, ela deveria obter pelo menos 15 dos 30 pontos, com avaliação do Bureau International des Écoles Nouvelles (BIEN)²⁰.

Embora a Escola Nova fosse um movimento com um princípio em comum, ela teve múltiplas interpretações, levando em consideração que ela não apresentava uma forma definida e que conectava grupos de diversos países, com diferentes orientações pedagógicas. Na esteira da leitura proposta por Diana Gonçalves Vidal e Rafaela Rabelo (2019, p. 12), com a análise de Hameline, em que a fortuna de uma fórmula se dá pela imprecisão da sua definição e acomoda diferentes apropriações. Nesse sentido, pode-se pensar que o termo *Escola Nova* abrange um conjunto de elementos de reflexão e proponha um tipo de corrente educativa inovadora em métodos.

A Escola Nova buscava uma renovação geral que valorizava a autoformação e a atividade espontânea da criança. A teoria da Escola Nova propunha que a educação fosse instigadora da mudança social e, ao mesmo tempo, se transformasse porque a sociedade estava em mudança (Gadotti, 2004. p. 142).

Os discursos e métodos da renovação proposta podem ser identificados no Brasil desde o início do século XX. Em 1910, por exemplo, Oscar Thompson²¹ já falava em Escola Nova

Pedagogia. Fundou e dirigiu a Escola Nova de Bierges-lez-Wavre, na Bélgica. Essa escola nova “terá sido a sua realização mais importante, pois foi aquela que o tornou conhecido no mundo da Educação, como teórico e homem de ação” (Cruz, 2011, p. 142). Os princípios defendidos pela Escola Nova de Bierges-lez-Wavre estão de acordo com as ideias de John Dewey (1859-1952), Édouard Claparède (1873-1940), Adolphe Ferrière (1879-1960) e outros. Ferrière tornou-se “mentor teórico” de Faria de Vasconcelos. Para saber mais acessar ver Maria Gabriel Moreno Bulas Cruz em Antônio de Sena Faria de Vasconcelos (1880-1939): um português no movimento da “Escola Nova”. Educação em Revista, 2011.

¹⁹ Uma escola nova na Bélgica de A. Faria de Vasconcelos (1915), reeditado em 2015.

²⁰ O Bureau International des Écoles nouvelles (B.I.E.N.) foi criado em 1899, organizado em 1912, com sede nas Pléiades sur Blonay (Vaud, Suíça). O seu objetivo é estabelecer contatos entre as diferentes Escolas novas.

²¹ Oscar Thompson foi diretor da Escola Normal da Praça de 1901 a 1920, respondendo pela Diretoria Geral da Instrução Pública em duas gestões: a primeira, no período entre 1909 e 1911; e, posteriormente, de 1917 a 1920, quando foi substituído por Antônio de Sampaio Dória. Nos anos de 1910, as suas intervenções como diretor da instrução pública de São Paulo falam de um Thompson bastante próximo das tendências de renovação educacional norte-americanas. São conhecidas suas iniciativas na primeira gestão, entre 1910 e 1911, momento em que fez

em São Paulo. Em 1917, na função de Diretoria Geral da Instrução Pública, afirmava que iria orientar o ensino do estado de São Paulo conforme os princípios da Escola Nova (Rocha, 2011, p. 159).

No Brasil, o movimento da Escola Nova ganha força após a reforma empreendida por Fernando de Azevedo, no Distrito Federal, Rio de Janeiro (1927 a 1930). Para Azevedo, uma educação eficiente também estava ligada aos objetos educacionais, aos prédios e a uma arquitetura adequada. A instalação de novas escolas e projetos arquitetônicos se intensificaram. De acordo com Vidal (2008, p. 237), “essa diversidade de espaços apontava para os vários usos que o ensino baseado na experiência, na vivência dos estudantes, como pregavam os reformadores cariocas, alicerçados em discursos da Escola Nova, exigia”. Em 1932, foi lançado o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova²², documento direcionado ao Governo e à Nação, que defendia a educação obrigatória, laica e gratuita para todos como mecanismo de democratização do ensino.

O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932) é um documento fundamental para a história da educação no Brasil. Elaborado por um grupo de educadores e reformadores, o manifesto defendia a adoção de princípios modernos na educação. As ideias dos signatários do documento, hegemônicas no âmbito da ABE, compuseram-se com as do movimento católico leigo, seu principal oponente, para a apresentação de uma sugestão unificada à Assembleia Constituinte. A sugestão foi adotada, transformando-se no capítulo sobre educação e cultura da Constituição que veio a ser promulgada em 1934. Na comemoração dos 80 anos do Manifesto, Diana Gonçalves Vidal (2013) apontou as especificidades do movimento interno brasileiro, procurando demonstrar que a Escola Nova se constituiu no país como uma fórmula, com significados múltiplos e distintas apropriações produzidas no entrelaçamento de três vertentes: a pedagógica, a ideológica e a política.

As mudanças no espaço escolar, no método do professor, nos instrumentos de ensino, nos artefatos pedagógicos e na organização da escola ocorreram em diferentes proporções e lugares, extrapolando as fronteiras nacionais. Na medida em que se reflete sobre a circulação de modelos educativos pelo mundo, pode-se pensar na escola como um elemento aglutinador,

circular pelas escolas públicas cartilhas e livros trazidos dos Estados Unidos. Thompson volta de lá propondo a Escola Nova. Fonte: Gonçalves, 2002.

²² O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova foi redigido por Fernando de Azevedo e assinado pelos educadores Afrânio Peixoto, Sampaio Doria, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Roquete Pinto, J. G. Frota Pessoa, Julio de Mesquita Filho, Raul Briquet, Mário Casanta, Carlos Delgado de Carvalho, Ferreira de Almeida Júnior, J.P. Fontenelle, Roldão Lopes de Barros, Noemy M. da Silveira, Hermes Lima, Attilio Vivacqua, Francisco Venâncio Filho, Paulo Maranhão, Cecília Meireles, Edgar Sussekind de Mendonça, Álvaro Alberto, Garcia de Rezende, Nóbrega da Cunha, Paschoal Leme e Raul Gomes. Fonte: Ver livro A Trajetória da Associação Brasileira de Educação 1924 a 2001, de Ernesto de Souza Freire Filho, p. 19, conforme indicado nas referências.

que integra um tecido amplo do contexto social. Nesse sentido, pensar uma história transnacional da educação, pela escola, em um sentido alargado de educação, é pensar sobre a porosidade das fronteiras e sobre outras possibilidades de narrativas.

Em meio aos debates sobre a educação, a ABE foi criada em 1924, reunindo um grupo de pessoas de diferentes áreas, comprometidos com a sistematização e organização da educação no Brasil, bem como com a participação de atividades nacionais e internacionais. Daí emergem as viagens pedagógicas e, também, uma rede de network e uma rede de fornecedores que se constituiu junto a ABE. No desenvolvimento da dissertação que precede esta pesquisa, foi possível constatar que no período entre 1927 e 1956 as Exposições Pedagógicas e atividades ocorridas nas Conferências Nacionais de Educação, promovidas pela ABE, constituíram um rico repertório pedagógico, com evidências de uma rede de sujeitos e de fabricantes de objetos escolares. Essas Exposições Pedagógicas integravam um conjunto de ações realizadas junto às Conferências Nacionais de Educação, que representaram uma série de atividades, tais como as exposições dos trabalhos escolares, as visitas às escolas ou aos prédios novos, as apresentações de canto orfeônico e de exercícios físicos, entre outros, como repertório pedagógico para dar-se a ver uma educação considerada referência naquele momento histórico.

Para além disso, durante a investigação encontrei registros de comunicações (por meio de cartas e ofícios) entre livrarias, tipografias e fabricantes de brinquedos que ofereciam seus produtos para os mais variados eventos organizados pela ABE, como, por exemplo, as Exposições de Livros Infantis, Exposição de Arquitetura, entre outros, que não foram abordados na narrativa da dissertação.

Nesta investigação da tese, com a abordagem transnacional, a escolha metodológica ancora-se na cultura material. Nesse escopo e por meio dos impressos pedagógicos vislumbrou-se um caminho potente para compreender a circulação dos saberes no debate educacional. Ao analisar esses materiais, como cartas, ofícios, catálogos e publicações educativas, é possível identificar não apenas a disseminação de ideias pedagógicas, mas também as interações entre diferentes atores e instituições envolvidos no processo de formação educacional. Esses impressos oferecem um panorama valioso das trocas de conhecimentos e práticas, contribuindo para o entendimento das redes de contato e dos agentes que integraram o cenário educacional da época.

O corte inaugurador²³ do trabalho será a fundação da ABE, em 1924. A delimitação do recorte final será o início do ano de 1947, quando foi assinado um acordo de colaboração entre

²³ Certeau (1982) explica que este corte inaugurador é situado pelo historiador, uma vez que este recorte envolve as condições de possibilidade de uma produção e ao assunto que pretende discernir.

o BIE e a UNESCO, estabelecendo uma Comissão Mista para definir as bases dessa cooperação, incluindo a convocação conjunta de Conferências Internacionais de Instrução Pública.

O acordo IBE-UNESCO previa uma “comissão conjunta” composta por três representantes da UNESCO, de um lado, e do IBE, de outro. Determinava as tarefas comuns a ambos os órgãos e dividia os demais, para evitar qualquer duplicação. Mais especificamente, elaborava a lista de países e organizações a serem convidados para os CIPEs, cabendo a decisão final às instituições que compunham a comissão, ou seja, os órgãos dirigentes do IBE e da UNESCO, respectivamente; elaborava a agenda dos CIPEs, selecionando entre as investigações realizadas pelo IBE aquelas que seriam discutidas; listava as tarefas que o IBE tinha que realizar em nome da UNESCO, particularmente no campo da documentação; administrava a distribuição de encargos financeiros e controlava os orçamentos (Hofstetter; Schneuwly, 2024, p. 91, tradução nossa²⁴)

Ainda entre 1942 e 1946, ocorreram eventos significativos, incluindo a criação oficial da seção brasileira da New Education Fellowship (NEF) em 1942, liderada por Lourenço Filho como presidente, Carneiro Leão como vice-presidente e Nina Celina como secretária. A fundação da NEF também foi mencionada em uma ata da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), em que Plínio Olinto propôs a criação de uma sessão de Educação Progressiva como núcleo da NEF, recém-estabelecida no Rio de Janeiro, por Carleton Washburne. Outro fator importante que ocorre no ano de 1945, após a Segunda Guerra Mundial, é a criação da UNESCO. No período, a equipe diretiva do Bureau International d'Éducation²⁵ (BIE) atuou junto ao órgão, informando que o BIE, já realizava o trabalho que seria agora destinado à nova instituição. Ao final dos anos 1960, o BIE foi totalmente integrado à UNESCO.

O recorte final, em 1947, também reflete as mudanças políticas e institucionais que ocorreram no pós-Segunda Guerra, tanto no âmbito nacional quanto internacional. A própria ABE passa por uma reconfiguração de seu papel diante do surgimento de outras associações e das mudanças nos debates educacionais, o que pode ser interpretado como um declínio relativo em determinados contextos. A criação da UNESCO em 1945 e o acordo firmado com o BIE em 1947 propõem uma nova lógica de governança internacional em educação, promovendo uma centralização das iniciativas e alterando as dinâmicas de colaboração transnacional. Nesse

²⁴ Texto original: “The IBE-UNESCO agreement made provision for a “joint commission” composed of three representatives of UNESCO, on the one hand, and the IBE, on the other hand. It determined the tasks common to both bodies, and divided the others, to avoid any duplication. More specifically, it drew up the list of countries and organisations to be invited to the ICPEs, with the final decision resting with the institutions that made up the commission, that is, the governing bodies of the IBE and UNESCO respectively; it drew up the agenda of the ICPEs, selecting from among the investigations carried out by the IBE those that would be discussed; it listed the tasks that the IBE had to carry out on behalf of UNESCO, particularly in the field of documentation; it managed the distribution of financial charges and controlled the budgets”.

²⁵ O Bureau International d'Éducation (BIE) foi fundado em Genebra como uma organização não governamental privada a partir de uma subvenção do Laura Spelman Rockefeller Memorial Fund, em 1925.

cenário, a ABE passa a ocupar um espaço mais limitado na articulação dessas redes internacionais.

A escolha da temática do presente trabalho se justifica na medida em que alguns estudos historiográficos da educação têm voltado o seu interesse às pesquisas sobre viagens de educadores ou sujeitos envolvidos com a educação, aos escritos produzidos pelos viajantes, aos discursos, representações da sociedade, da cultura, e da educação, entre outros. Entretanto, a proposta de investigação da ABE em uma abordagem transnacional, como um ponto de conexão, é inédita, o que pode ser depreendido por meio do levantamento da produção feita para o projeto da tese, iniciado em 2021, e da consulta ao acervo da ABE.

No levantamento encontram-se os trabalhos de Maria José Franco Ferreira da Costa (1987); Maria José Franco Ferreira da Costa, Denilson Roberto Schena e Maria Auxiliadora Schimidt (1997); Marta Maria Chagas de Carvalho (1998); Telma Faltz Valério (2013); Solange Aparecida de Oliveira Hoeller (2014); Carlos Eduardo Vieira (2017; 2019; 2021), entre outros que se dedicaram a analisar as conferências e suas interfaces.

A mais ampla pesquisa sobre a ABE é de autoria de Marta Maria Chagas de Carvalho, em *Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*. A autora desenvolve, como tese de doutoramento, em 1998, uma investigação minuciosa nos arquivos da ABE. Com esse trabalho, explica o sentido eminentemente político da atuação dos educadores associados na ABE a partir de 1924.

Maria José Franco, uma das filhas de Lysimaco Ferreira da Costa, escreveu algumas publicações voltadas a registrar a obra do educador: *Lysimaco Ferreira da Costa (a dimensão de um homem)*, em 1987, e a obra *Lysimaco Ferreira da Costa (a dimensão de um homem – III) “O Economista”*, em 1994, entre outros trabalhos. Ainda, com o apoio do INEP e em parceria com Denilson Roberto Schena e Maria Auxiliadora Schimidt, elaboraram uma obra sobre a história da I Conferência Nacional de Educação, realizada em Curitiba, em 1927.

Telma F. Valério (2013) estudou a organização das Conferências entre 1928 e 1942. Carlos Eduardo Vieira (2017, 2019, 2022) analisou os discursos educacionais dos eventos organizados pela ABE denominados de Conferências Nacionais de Educação, entre os anos de 1927 e 1967. Destaca-se ainda o trabalho de Solange Aparecida de Oliveira Hoeller (2014), intitulado “As conferências educacionais: projetos para a nação e modernidade pedagógica nos anos de 1920 – Brasil”.

Como resultantes da busca por outros trabalhos que investigaram a ABE estão os estudos de Meily Assbú Linhales (2006; 2009) sobre os projetos de educação física presentes na escola e no esporte sob a ótica da energização do caráter, atrelados à Associação Brasileira

de Educação (1925-1935) e aos militares. Linhales explorou nas fontes junto à ABE, a Secção de Educação Physica e Higiene (SEPH), que funcionou por onze anos, conforme Livro de Actas da SEPH, com reuniões ocorridas de maio de 1926 a junho de 1937. Vários sujeitos traziam à Secção propostas para debater assuntos relativos à educação higiênica e Educação Física, constituindo-se como um lugar de trocas plurais e orientadas por variados métodos e modelos pedagógicos, gestados desde o século XIX, em diferentes países da Europa e nos Estados Unidos (Linhales, 2009, p. 76).

Na mesma linha, cita-se a tese de doutorado Leonardo Mattos da Motta Silva (2021), que analisou as prescrições e práticas de educação do corpo materializadas no evento “Semana de Educação”, realizado no Brasil entre os anos de 1928 e 1935, período que teve a ABE como sua organizadora. De acordo com o autor, as Semanas de Educação observavam um projeto de educação do corpo que se efetivou a partir do evento dos Estados Unidos da América (EUA).

Por fim, indica-se a tese de doutoramento de Bernadete de Lourdes Streisky Strang, intitulada *O saber e o credo: os intelectuais católicos e a doutrina da escola nova (1924-1940)*, defendida em 2008, em que a autora intenta mostrar como os educadores católicos se apropriaram da doutrina escolanovista dentro dos moldes da sua fé e como traduziram nos seus enunciados a sua leitura de mundo e o modelo de educação que defendiam, percebendo como essas apropriações aparecem no debate pedagógico publicado em suas revistas.

Entre as obras que investigaram a ABE como uma divulgadora da ciência e da educação, elencam-se os estudos de Luisa Medeiros Massarani (1998) e de Mariana Burlamaqui (2013). A dissertação de mestrado de Massarani investiga a divulgação científica no Rio de Janeiro na década de 20, passando pela Academia Brasileira de Ciências (ABC) e pela ABE, identificando conexões entre os sujeitos de ambas as associações. A autora também evidencia um aumento na variedade dos meios de comunicação que eram utilizados nos anos 20 como jornais, revistas, livros, o rádio, além de conferências acessíveis a diferentes grupos da população. Massarani enfatiza o engajamento de cientistas e intelectuais nessas ações específicas, concluindo que um grupo de elite constituiu o embrião da comunidade científica brasileira. Já a dissertação de mestrado de Burlamaqui aborda a divulgação científica por meio das atividades da Seção de Higiene realizada pela ABE.

Sobre a formação da comunidade científica do Brasil e sobre as instituições brasileiras do século XIX, é possível citar os trabalhos de Simon Schwartzman (1979, 1984), de Maria Margarete Lopes (2009) e de Maria Amélia Mascarenhas Dantes (2001). Schwartzman apresenta um panorama do desenvolvimento da comunidade científica brasileira desde seu início, bem como sua luta pela sobrevivência. Na obra de 1979 consta um apêndice com a

cronologia da ciência brasileira correspondente ao período de 1500 a 1945. Já a obra de Lopes – O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais do século XIX - evidencia que os museus brasileiros estiveram atuantes e institucionalizaram as ciências naturais e suas especializações. A obra de Dantes – Espaços da Ciência no Brasil: 1800 – 1930 - narra a trajetórias de instituições como o Instituto Butantan, a Sociedade de Auxílio da Indústria Nacional, Jardim Botânico do Rio de Janeiro e a Sociedade Brasileira de Ciências.

Na temática viagens e circulação de ideias pedagógicas, temos o trabalho de Silmara Cardoso (2015) intitulado “Viajar é ser autor de muitas histórias” experiência de formação e narrativas educacionais de professores brasileiros nos Estados Unidos (1929-1935), no qual a autora analisa os fatores que levaram Anísio Teixeira, então Diretor Geral da Instrução Pública no antigo Distrito Federal, a investir em viagens de professores brasileiros aos Estados Unidos, investigando o propósito das viagens e o deslocamento de sujeitos com a finalidade de estudar o sistema educacional, bem como a formação e a atuação de professores viajantes. Cardoso analisou a trajetória de 28 professores entre 1929 e 1935, um período demarcado por reformas no sistema de ensino público. O trabalho de Ana Cristina Santos Rocha (2016) investigou as experiências norte-americanas e os projetos de educação no Distrito Federal e em São Paulo de Anísio Teixeira, Noemi Silveira, Isaías Alves e Lourenço Filho. Rocha analisou a atuação destes quatro educadores brasileiros entre as décadas de 1920 e 1930, tendo como ponto de convergência principal as viagens de estudos que realizaram para o Teachers College da Universidade de Columbia, Nova Iorque.

A tese “Saberes em viagem nos manuais pedagógicos: construções da escola em Portugal e no Brasil (1870-1970)”, da autora Vivian Batista da Silva (2005), investiga a circulação e a construção de saberes educacionais através dos manuais pedagógicos utilizados em Portugal e no Brasil entre 1870 e 1970. A pesquisa se concentra em analisar esses manuais como veículos de conhecimento que contribuíram para a formação das instituições escolares e das práticas educativas em ambos os países. Silva proporciona uma visão abrangente sobre a interconexão dos saberes pedagógicos entre Portugal e Brasil, destacando a importância dos manuais educativos como instrumentos de formação escolar e cultural.

Também merecem destaque as obras “Viagens Pedagógicas” (2007), organizada por Ana Chrystina Mignot e José Gondra, e “Movimento Internacional da Educação Nova” (2020), organizada pelas autoras Diana Gonçalves Vidal e Rafaela Rabelo. Em “Viagens pedagógicas” os autores reúnem uma série de experiências e relatos de viagens de educadores e educadoras, em um mosaico com diferentes nacionalidades, temporalidades e destinos que ajuda a visualizar os esforços e pesquisas preocupadas com a historicidade e importância das viagens para se

compreender os processos educativos. Ampliando um pouco o campo sobre viagens pedagógicas e participação de educadores vinculados à ABE em congressos internacionais, Ana Chrystina Mignot (2010; 2016; 2019) oferece em vários artigos uma visada sobre as experiências de viagens de algumas educadoras brasileiras, como Laura Lacombe e Armanda Álvaro Alberto, que eram associadas e representantes da ABE, bem como evidencia conexões com educadores estrangeiros por meio de congressos internacionais e correspondências. Ainda na modalidade relatos de viagem, Marta Carvalho (2007) analisa a viagem de Adolphe Ferrière, então dirigente da Liga Internacional da Escola Nova, à América Latina com o objetivo de difundir os ideais da Liga e das novas ideias pedagógicas.

Já a obra organizada pelas autoras Diana Gonçalves Vidal e Rafaela Rabelo (2020) evidencia conexões, encadeamentos e entroncamentos para a reflexão sobre o Movimento da Escola Nova a partir de uma perspectiva transnacional. Ainda, o conjunto de artigos do título Movimento Internacional da Educação Nova auxilia a pensar na circulação de sujeitos e objetos e na importância de explorar as redes (networks) na investigação. Nas palavras das autoras, é uma leitura para descobrir novos elementos de aproximação e de contrastes sobre o Movimento Internacional da Educação Nova e investigar aspectos ainda pouco explorados dessas conexões em escala mundial.

A obra *Pour l'Ère Nouvelle: une revue-carrefour entre science et militance (1922-1940)*, defendida por Béatrice Haenggeli-Jenni em 2011, é uma tese que explora as complexas relações entre ciência e militância no contexto do movimento da Educação Nova. Particularmente focada no período entre 1922 e 1940, a autora analisa em profundidade o periódico *Pour l'Ère Nouvelle* (PEN), um importante veículo desse movimento, destacando suas características editoriais, como os lugares, os sujeitos, os momentos históricos, os estilos de escrita e os objetivos dos textos publicados. O estudo oferece uma visão abrangente sobre as dinâmicas que permeavam a produção e circulação dos impressos da Educação Nova, e como essas publicações refletiam as tensões entre a prática científica e as aspirações militantes dos envolvidos. Ao comparar a PEN com publicações semelhantes, como *The New Era* (TNE) e *Das Werdende Zeitalter* (DWZ), Haenggeli-Jenni também revela os desafios e as estratégias que contribuíram tanto para o sucesso inicial quanto para as interrupções dessas revistas. Haenggeli-Jenni indica a figura de Adolphe Ferrière, que desempenhou um papel central na disseminação das ideias da Escola Nova através desses veículos. A autora também aborda as estratégias editoriais e as escolhas feitas no processo de publicação, permitindo uma compreensão mais profunda das relações entre os intelectuais do período e seus objetivos comuns.

O livro *The International Bureau of Education (1925-1968): The Ascent From the*

Individual to the Universal, de Rita Hofstetter e Bernard Schneuwly (2024), oferece uma análise da história do Bureau Internacional de Educação (IBE) desde sua fundação, em 1925, até sua incorporação à UNESCO, em 1969. A obra explora como o IBE evoluiu de uma instituição focada em questões educacionais específicas de diferentes países para a promoção de padrões e ideais educacionais universais, em um contexto de crescente globalização no século XX. Utilizando uma abordagem transnacional e um vasto conjunto de arquivos, os autores investigam como o BIE, sob a liderança de figuras como Jean Piaget, buscou conciliar os objetivos universais da educação com as peculiaridades locais, enfrentando desafios e contradições nesse processo.

A partir da investigação de algumas associações congêneres internacionais, bem como de alguns sujeitos com cargos de representatividade brasileiros que circularam por várias fronteiras, fez-se necessário também o estudo de trabalhos que abordassem as relações internacionais. Citam-se aqui a tese de Monica Hirst (2011), que investigou as relações Brasil – Estados Unidos em uma perspectiva multidimensional: evolução contemporânea, complexidades atuais e perspectivas para o século XXI; o trabalho de Simone Petraglia Krofp (2020) sobre os circuitos da boa vizinhança, a diplomacia cultural e intercâmbios educacionais entre Brasil e Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial; e a tese de Gabriela Correa da Silva, que apresenta um estudo sobre as relações entre o pan-americanismo e as representações da história do Brasil desenvolvidas no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Nesta última, a autora examina as implicações e o estímulo à aproximação entre os países da América e a participação e mobilização de mulheres, como agentes essenciais na propagação da agenda panamericana e que contava com a União Pan-Americana como uma instituição estratégica.

Ainda, a obra de Juliette Dumont, intitulada *L’Institut International de Coopération Intellectuelle et le Brésil (1924-1946): le pari de la diplomatie culturelle*, analisa as relações entre o Brasil e o Instituto Internacional de Cooperação Intelectual (IICI), órgão ligado à Liga das Nações, destacando como essas conexões moldaram a diplomacia cultural brasileira no período. Também, a dissertação de mestrado Henrique de Vasconcelos Cruz de Ribeiro, que investigou a história dos museus no Brasil no período de 1922 a 1935. Ademais, o trabalho de José Armando Zema de Resende (2013), que analisou as dinâmicas da cooperação intelectual internacional da Sociedade das Nações e o Brasil entre 1922 e 1938. Tanto Ribeiro quanto Resende investigaram o trânsito e a vida de sujeitos que atuavam como representantes de cargos diretivos no Brasil e que dialogavam com outras nações.

Ainda os estudos de Clarice Moukachar Batista Loureiro (2015, 2024) também foram

consultados. Na dissertação de Loureiro (2015), a autora trata de entender a psicologia proposta para promover e apoiar ideais pacifistas entre 1927 e 1934 na Europa. Já na tese (2024) intitulada *Les interconnexions entre le Bureau international d'éducation et l'Amérique latine (1912-1939)*, Loureiro investiga as possíveis conexões entre o BIE e a América Latina.

Em relação à Historiografia Educacional Brasileira no período aqui estipulado, toma-se para este estudo alguns autores que discutem sobre a organização educacional no Brasil. Dentre eles estão: Rosa Fatima de Souza (1998), em “Templos de civilização: A implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)”; Diana Gonçalves Vidal, com as obras *Educação e Reforma – O Rio de Janeiro nos anos 1920-1930*; *O Exercício Disciplinado do Olhar: Livros, Leituras e Práticas de Formação do Docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)* e *Na Batalha da Educação: Correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo (1929-1971)*, entre outras.

As referências teóricas voltadas à cultura material escolar advêm dos estudos das autoras Eliane Peres, Gizele de Souza, Inés Dussel, Rosa Fátima de Souza, Vera Lucia Gaspar da Silva, e do autor Cesar Augusto Castro com o aporte para o tema. Mais recentemente (2018), as autoras supracitadas Silva e Souza publicaram em parceria com Castro a obra “*Cultura Material Escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades*”, que reúne uma gama de trabalhos de professores e pesquisadores de universidades brasileiras e estrangeiras que abordam a cultura material em diferentes aspectos, propondo pensar a escola por vários caminhos. Ainda sobre cultura material, Eliane Peres e Gizele de Souza (2011, p. 56) advertem que é “preciso entender que os significados não estão nos objetos apenas, mas nas condutas, valores e sentidos que são atribuídos pelos sujeitos que deles fazem uso”. Diante disso, uma das tentativas deste estudo é perceber em alguma medida que materiais circularam por meio da ABE.

As fontes e a organização dos capítulos

Em um primeiro momento empreendeu-se esforços no acervo²⁶ da ABE, no Rio de Janeiro, em busca de indicadores e evidências sobre a materialidade do tema analisado. Nas afirmações de Arlette Farge (2009):

Nas salas de arquivos, os cochichos enrugam a superfície do silêncio, os olhos se perdem e a história se decide, o conhecimento e a incerteza misturados se

²⁶ O Acervo da Associação Brasileira de Educação, nomeado posteriormente como Acervo Carmen Jordão, foi recuperado pela associada Arlette Pinto de Oliveira e Silva. Reconhecida como de Interesse Público e Social desde 2006 (Decreto nº 4.073), a ABE recebeu visitas técnicas durante cursos de mestrado (2018) e doutorado (2022 e 2023). Localizada na Rua México, nº 11, no Centro do Rio, mantém um arquivo financiado por organizações privadas, valioso para pesquisas sobre a história da educação brasileira. Fonte: ABE. <http://www.abe1924.org.br>

ordenam em uma ritualização exigente onde a cor das fichas, a austeridade dos arquivistas e o cheiro dos manuscritos servem de balizas para um mundo sempre iniciático. Além do manual de instruções, sempre ubuesco, encontra-se o arquivo. A partir daí começa o trabalho (Farge, 2009, p. 55).

Pela leitura de Farge, o trabalho começa pela chegada ao arquivo quando o historiador tenta decifrar a materialidade, aproximando-se daquilo que Certeau chamou de epistemologia da distância, justamente a distância entre o que foi vivido e o que foi escrito. São nesses vazios que o investigador se embrenha, inquirindo e desejando encontrar elementos que o ajudam na interpretação histórica. A prova para tal interpretação não está no documento/fonte, mas na forma como o historiador o coloca a serviço da história.

O historiador norte-americano Robert Darnton, em uma entrevista a Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, observa a existência de uma sensação profundamente satisfatória no estudo do passado que ele mesmo não consegue descrever:

E esse algo inexprimível sinto especialmente quando trabalho nos arquivos. À medida que os delineamentos de uma vida vão emergindo dos manuscritos e vejo a história se revelando de um documento ao outro, sinto a sensação de estar em contato com a condição humana real tal como era experimentada por alguém de outro mundo, que viveu séculos de distância do meu [...]. Podemos entrar imaginativamente em outros mundos, fazer contatos com outras esferas da experiência, e fazer tudo isso com rigor e não com fantasias ou ficções [...]. Os repórteres também têm que ser fiéis aos fatos e organizá-los em uma narrativa convincente (Pallares-Burke 2000, p. 240).

Em relação à observação histórica, March Bloch (2001) indica que por definição o passado é algo que não mais se modifica. No entanto, pode nos dar indícios e elementos que nos ajudem a perceber parte deste passado. Nesse sentido, compete ao historiador investigar, mediar, comparar e balizar as fontes para tentar capturar tal memória e redigir uma narrativa que represente aquilo que um dia pode ter sido. Esses vestígios podem se apresentar em diferentes suportes: iconográficos, escritos e orais.

Destaca-se aqui que as investigações nos acervos da ABE (RJ) ocorreram *in loco* durante a pesquisa para o mestrado e doutorado. O acervo da ABE é fértil em possibilidades, ele funciona como “centro de documentação e de preservação da memória da própria entidade” (Mignot; Xavier, 2004, p. 13). Esse acervo guarda uma série de documentos que permite ao pesquisador acessar algumas das ideias que nortearam os educadores que atuaram para a democratização do ensino, portanto fornece material essencial para a construção de uma narrativa relacionada ao objeto de estudo desta pesquisa

QUADRO 1 - ELENCO DE FONTES CONSULTADAS NA ABE

| CLASSIFICAÇÃO | TIPO DE FONTE | FORMATO | PERÍODO |
|-------------------------------|---|---------|------------------|
| Documentos | Relatórios, dossiês das Exposições de Livros, atas, estatutos, anais e teses das conferências, programas, publicações, decretos, telegramas e correspondências (aproximadamente 400 cartas) | Físicos | A partir de 1924 |
| Boletim/Impressos pedagógicos | Boletins da ABE, Revista Schola, Revista Educação, Revista A Educação, Livretos | Físicos | 1924 a 1948 |
| Iconografia | Fotos | Físicos | 1924 a 1946 |

FONTE: Quadro elaborado pela autora.

Foi neste acervo da ABE que investiguei um *corpus* documental bastante amplo e diverso composto por documentos como: atas, relatórios de atividades, correspondências, impressos pedagógicos, fotografias, decretos, livros dentre outros. Mais especificamente, foi nas pastas das correspondências enviadas e recebidas entre 1925 e 1947 em que me deparei com documentos que podem ser reveladores.

Partindo da ideia de lugar e de estratégias dadas por Certeau (1982, 2014), admite-se que a ABE se constituiu em um espaço privilegiado que balizava o discurso com o dito e não dito. Nessa leitura, as cartas podem indicar o dito, aquilo que está escrito, mas também o não dito, aquilo que pode sugerir um indicativo do que teria sido. Para além disso, neste trabalho as cartas são fontes e podem ser consideradas também como objetos de investigação.

O gênero epistolar (Malatian, 2011; Dantas, 2011) pode ser visto como testemunha da rede de comunicação entre as pessoas e as associações. A história se produz a partir dos documentos escritos em determinadas épocas. Assim, o estudo das correspondências pode indicar a composição de uma rede de cumplicidade entre as associações congêneres, bem como uma rede de mediadores (sujeitos/fornecedores) de material para a ABE e seus eventos. Ainda, a correspondência é uma comunicação privada entre os interlocutores e pode trazer articulações, estratégias, lutas de representações.

O trabalho de Maria José Dantas (2011) aborda aspectos relacionados ao tratamento historiográfico dado às cartas em estudos inseridos na História da Educação. A autora apresenta possibilidades de pesquisa tendo as cartas como fonte e objeto; aponta os questionamentos a serem feitos a esse tipo de documento; especifica a natureza das cartas em sua materialidade. Segundo a autora,

[...] carta é um objeto material, que tem uma singularidade peculiar ao seu estilo, apresenta indícios de uma cultura, de um meio e vestígios de práticas sociais de uma época na qual o indivíduo está inserido. As cartas fazem parte de um conjunto de documentos que têm como meta alcançar um destinatário (Dantas, 2011, p. 01).

A citação auxilia na percepção dos aspectos representativos do objeto carta como parte de um conjunto de documentos que apresentam especificidades entre si no que se refere a conteúdo, formalidades, escritor/autor e receptor/leitor. Desta forma, podemos elencar cartas familiares, cartas oficiais, cartas de amizades, cartas escolares (escritas na escola ou por pessoas inseridas neste espaço), cartas públicas, cartas privadas, além de outras correspondências diversas. Nesse sentido, na documentação, identificam-se rastros de ligações entre as pessoas, associações e algumas empresas naquele momento. As cartas encontradas no acervo da ABE são do cotidiano das atividades abeanas e podem revelar parte dessas atuações. Elas também são evidências de uma prática social de natureza comunicativa: “Quem escreve? Para quem? O quê? Em que época? Como?” (Camargo, 2000). Ainda como prática social e cultural, as cartas e sua escrita revelam aspectos do cotidiano dos sujeitos em uma análise do que Certeau (2014) define como as artes de fazer. Ainda, uma carta não respondida, um silêncio, também pode ser reveladora de uma estratégia de articulação.

As cartas analisadas para este estudo são as cartas de ofício, que apresentam uma escrita curta, objetiva e direta. Quase sempre apresentam um tratamento formal, pois são endereçadas a sujeitos que representam cargos importantes em instituições e associações. Por meio das correspondências é possível identificar com quais associações nacionais e internacionais a ABE estava dialogando. Na documentação levantada, há registros de convites e participações de congressos nacionais e internacionais, tratativas de união de associações, envio de informações para divulgação na e da ABE, projetos de intercâmbios entre professores, circulação de pessoas e de materiais. Nessa esteira, como este estudo propõe perceber os modos de atuação da ABE em uma abordagem transnacional, algumas escolhas precisam ser explicitadas. Para dar conta do objetivo foi pesquisado um complexo conjunto documental de aproximadamente 400 cartas no acervo da ABE, entre enviadas e recebidas, que extrapolaram as fronteiras do Brasil. Também foram consultados os relatórios de atividades anuais da ABE de 1931 a 1947, disponíveis no acervo. Embora esses relatórios apresentem narrativas diferentes para ilustrar as principais atividades da Associação em cada ano, em geral alguns tópicos comparecem ao longo do tempo: Conselho Diretor, atividades das Seções, atividades do departamento (operacional), atividades locais, nacionais e internacionais, cursos, assuntos estudados, visitas, correspondências, biblioteca (doações, movimento, livros em atraso), conferências, salão de conferências (cedido inúmeras vezes para outras associações) e homenagens. Certeau (1982, p. 64) adverte que o que liga as “ideias” aos *lugares* é, precisamente, um gesto de historiador. Por esses procedimentos de investigação, cabe pensar o lugar destes sujeitos na trama tecida pela ABE.

Ainda no acervo da ABE, também foram consultados alguns impressos pedagógicos (*in loco*), como os Boletins da ABE (de 1925 a 1928), a Revista Schola (1930), a Revista A Educação (1923, 1928) e a Revista Educação (1939, 1940, 1941, 1945, 1946, 1947, 1948). Nesse sentido, o trabalho do historiador é convocar a ausência por meio de materiais diversos.

Para Eckhard Fuchs e Eugenia Roldán (2021), um caminho possível para reflexão é entender que as conexões “atravessaram fronteiras” com a circulação internacional de livros, artefatos e até mesmo sujeitos, permitindo investigar pontos de conexão que podem ter contribuído para uma renovação escolar.

O cruzamento entre fronteiras também é evidenciado na ABE, por exemplo, no relatório da IV Exposição Internacional de Livros Infantis (1936), elaborado pela presidente do evento, Márcia Lindemberg Rocha. Segundo a autora, integravam a comissão organizadora: Armanda Álvaro Alberto, Cecília Roxo, Clotilde Matta, Eva Hyde, Georgina de Albuquerque, Gilda M. Guimarães Greenhaldh, Josefa Belmira Guilayn, Juracy Siveira, Marina Ribeiro Corimbaba, Santinha Martins e Márcia Lindemberg Rocha [...]. Por esse relatório é possível perceber parte das estratégias e das relações transfronteiriças que a ABE, seus integrantes e comissões organizadoras, lançavam mão para se aproximar do que havia de mais moderno em termos de educação.

Uma outra forma de aproximação das fontes que pode auxiliar a perceber a capilaridade dos debates referentes à educação no Brasil ocorridos na ABE é a imprensa. A pesquisa com jornais e revistas, ainda que trabalhosa, é enriquecedora, pois as informações dadas em notícias, anúncios, publicações oficiais exibidas pela e na imprensa (decretos, licitações, chamadas), textos em revistas, podem evidenciar uma série de práticas presentes no cotidiano de uma determinada época. A historiadora Tania Regina de Luca (2008, p. 121) pontua que “o cenário citadino do século XX abrigava uma infinidade de publicações periódicas [...] que abarca o itinerário da imprensa, em diferentes espaços, além de se constituírem em importantes instrumentos de pesquisa”.

Acredita-se que os jornais e revistas são fontes históricas de suma importância na medida em que esses impressos não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita (Luca, 2008, p. 140). Para Capelato (1994, p. 13), a imprensa pode ser vista como um espaço de disputas político-ideológicas, que incumbe ao historiador “reconstituir os lances e peripécias dessa batalha cotidiana na qual se envolvem múltiplos personagens”.

Desta maneira, pode-se pensar que as notas nos jornais, nas revistas e a divulgação de

catálogos, longe de serem imparciais, estavam informando ou auxiliando na circulação de determinados assuntos atrelados à ciência e à retórica da educação moderna. Ainda sobre a imprensa, Vieira (2007, p. 01) indica que esta “permite uma ampla visada da experiência cidadina: dos personagens ilustres aos anônimos, do plano público ao privado, do político ao econômico, do cotidiano ao evento, da segurança pública às esferas cultural e educacional”. O relato periódico (diário, quinzenal, semanal ou mensal, entre outros) produzido por jornais e revistas identifica uma determinada época com sua narrativa e seus debates. Nesse sentido, ele atua como um documento histórico. O exame retrospectivo de determinadas publicações, assim, auxilia o historiador a visualizar a imagem de cada época.

Sobre as fontes da imprensa periódica e de revistas brasileiras destaca-se que a materialidade dos jornais, revistas e impressos pode ter diferentes formatos, dependendo do momento em que eles foram produzidos. Conforme Roger Chartier (1991, p. 182), “é preciso lembrar que não há texto fora do suporte que lhe permite ser lido (ou ouvido) e que não há compreensão de um escrito [...] que não dependa das formas pelas quais atinge o leitor”. Nessa perspectiva, as notícias podem ser consideradas representações (Chartier, 2002) publicadas em jornais impressos diários parte importante de uma estrutura de mídia diversa que auxilia na leitura do mundo. Os conceitos de representação e apropriação tratados por Chartier (1991, 2002) fornecem uma chave de leitura que auxilia na identificação e análise, não apenas de uma, mas de diferentes representações da renovação dos saberes pedagógicos tão presentes na retórica da ABE.

Deste modo, a pesquisa aqui realizada rastreou na imprensa notícias ligadas à ABE, aos eventos promovidos pela ABE, aos sujeitos que ocupam cargos diretivos na ABE ou em esferas públicas ligadas à instrução, no intento de perceber como os educadores da ABE se apropriaram do conteúdo das viagens, das ideias que fizeram circular por vários suportes.

QUADRO 2 - JORNAIS DIGITAIS CONSULTADOS NA HEMEROTECA NACIONAL DIGITAL

| LOCAL | JORNAIS | PERÍODO |
|----------------|--|-------------------|
| Rio de Janeiro | A Batalha, A Esquerda, A Manhã, A Noite, A Rua, Diário de Notícias, Correio da Manhã, Jornal do Brasil, O Cruzeiro, O Jornal, Jornal do Commercio, O Malho, O Paiz, O Radical, O Globo | Entre 1924 e 1947 |
| São Paulo | Correio Paulistano | Entre 1924 e 1947 |

FONTE: Quadro elaborado pela autora.

Muitas fontes usadas nesta pesquisa provêm de acervos digitais, como os sites da Unesco e da Hemeroteca Digital Brasileira. Conforme explicam Eric Brasil e Leonardo Fernandes Nascimento Brasil (2020), este movimento de pesquisa, com fontes digitais, exige o

mesmo rigor metodológico aplicado nos arquivos físicos. Da mesma forma que nos arquivos físicos é necessário um conhecimento mais aprofundado para seguir as pistas de uma investigação, a escolha das palavras-chaves a serem pesquisadas, “implica em um conhecimento ou interpretação prévia” daquilo que pode ser encontrado nos documentos digitais (Brasil; Nascimento, 2020, p. 203).

A busca na Hemeroteca se dá por palavras-chaves e para os autores supracitados há um risco nessa operação, na medida que só permite que o historiador encontre o que ele já sabe de antemão, levando-o a ignorar outras realidades que podem estar em diálogo com o tema pesquisado. Ainda, o software de busca não recupera todas as palavras, mas apenas uma amostra considerável delas e não substitui a leitura contínua e convencional dos jornais. Porém, por outro lado, a capacidade de busca do software é muito mais abrangente que a do pesquisador, lembrando que ele busca informações em um banco de dados composto por milhares e milhares de páginas em diversos impressos (jornais e revistas). Nesse sentido, a busca por palavras-chaves não substitui a leitura do corpus documental realizada usualmente nos acervos, mas soma-se a ela.

Nesta investigação, por meio de palavras-chave ou o fio do nome, a busca se deu por palavras como Associação Brasileira de Educação, os nomes dos principais sujeitos ligados à ABE, as datas dos acontecimentos, os temas das conferências, entre outros elementos. Importante descrever que o pesquisador, a partir de uma pista e das ocorrências sinalizadas pelo software, tem a possibilidade de navegar pelo impresso como se folheasse o jornal, o que mitigaria, em certa medida, a construção de uma história fragmentada. Desta forma, acredito que o cotejamento entre as fontes coletadas no arquivo físico e no arquivo digital pode formar um *corpus* documental vasto e profícuo.

Para além dos acervos brasileiros, consultei também, durante a realização do Programa Institucional de Internacionalização (CAPES-PrInt)²⁷ na Universidade de Estudos de Turim (UniTo), no Departamento de Filosofia e Ciências da Educação, na Itália, os acervos de Turin, Florença, Bolonha e Macerata. Nesses acervos tive a oportunidade de realizar pesquisas nos impressos pedagógicos tanto em acervos físicos quanto digitais.

²⁷ O período do Programa Institucional de Internacionalização (CAPES-PrInt) ocorreu entre 1 de outubro de 2023 a 1 de abril de 2024, na Itália, no convênio entre UniTO e UFPR.

QUADRO 3 - IMPRESSOS PEDAGÓGICOS CONSULTADOS EM 2023/2024

| CLASSIFICAÇÃO | TIPO DE FONTE | FORMATO | PERÍODO |
|-----------------------|---|---------|-------------|
| Impressos pedagógicos | Pour L'Ere Nouvelle (PEN), The Journal of the National Education Association (NEA), Bureau International d'Éducation (BIE), Levana, L'Educazione Nazionale, Brochures d'éducation nouvelle populaire, Giornale della Libreria, Catálogos das Exposições de Livros Italianas (Firenze) | Físico | 1924 a 1947 |
| Impressos pedagógicos | El Monitor de l'educacion común, A Escola Primaria, Progressive Schools in Latin America (UPA), World Education (WFEA), | Online | 1924 a 1947 |

FONTE: Quadro elaborado pela autora.

Este estudo também apresenta algumas imagens encontradas nos acervos em que se realizaram as buscas. Toda imagem tem uma história para contar. De acordo com o escritor argentino Alberto Manguel (2001, p. 291), toda “imagem pintada, esculpida, fotografada, construída e emoldurada é também um palco, um local para a representação”. Para o fotógrafo e professor Boris Kossoy (2014, p. 47), “toda a fotografia representa uma interrupção do tempo e, portanto, da vida”. Essa representação do tempo, materializada na fotografia, carrega em si uma história, que poderá ser decifrada ou não. Um dos grandes desafios dos historiadores é ler tais imagens. Para Jacques Aumont (1995, p. 59), o olhar não é simplesmente ver, apreender, pelo sentido da visão, a realidade. Olhar é interpretar. Nesse sentido, considera-se fundamental o uso das imagens como fontes.

O aporte teórico de Ginzburg (1989), no paradigma indiciário, propõe uma análise dos indícios como um modelo de pensamento que pode fornecer informações para narrar uma história: “Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (Ginzburg, 1989, p. 177). A imprensa, as correspondências, as revistas, podem se constituir em um material privilegiado para instigar descobertas, dar pistas para entrecruzamentos e, talvez, sinalizar outras histórias.

É na tentativa de decifrar essa realidade que este estudo investe. Ao refletir sobre a prática historiográfica em uma perspectiva mais ampla, pode-se considerar também o passado como uma representação, tendo em vista que ele é construído com base em vestígios deixados pelo tempo e que o historiador jamais poderá abarcá-lo em toda a sua dimensão.

Informa-se ao leitor que a palavra ABE comparece inúmeras vezes neste texto primeiramente porque é o objeto de estudo principal. Também se justifica, devido à identificação das fontes, muitas delas provindo do acervo da Associação.

Por fim, assume-se que a investigação foi deveras trabalhosa. Pensar em uma perspectiva transnacional exigiu fazer pesquisa em diferentes idiomas, em aprender como se organizam os diversos arquivos consultados, bem como uma familiarização e sistematização de grande quantidade de documentos.

O trabalho resultante desse empreendimento está dividido em dois capítulos principais, que buscam explorar a capilaridade da Associação Brasileira de Educação (ABE) na renovação educacional no Brasil e seu diálogo com o contexto internacional. O primeiro capítulo, intitulado *A ABE como mobilizadora da educação e da ciência*, analisa a Associação como uma rede articuladora no debate sobre educação e ciência, destacando sua atuação nas décadas de 1920 e 1930. Esse capítulo explora, a partir da fundação da ABE, suas estratégias de divulgação, a marca que construiu e a rede de contatos estabelecida com outras associações congêneres. O segundo capítulo, *Impressos: as pautas em prol do debate da renovação educacional*, divide-se em duas partes: a primeira delas investiga a triangulação entre impressos, ABE e a circulação dos saberes, destacando os impressos como um instrumento potente para disseminar as ideias da Escola Nova e promover a troca de conhecimentos; a segunda parte trata das exposições internacionais de livros promovidas pela ABE, explorando as formas de acesso e aprendizagem que emergiram nesse contexto, relacionado ao movimento de formação de bibliotecas destinadas a professores e alunos, além de dialogar com a renovação pedagógica.

Convido você, leitor(a), a mergulhar na narrativa! Boa leitura!

I - A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO (ABE) COMO MOBILIZADORA DA EDUCAÇÃO E DA CIÊNCIA

Os anos de 1920 foram de muita efervescência na sociedade brasileira. Foi um tempo marcado pelas inquietações generalizadas, por movimentos culturais, políticos e sociais. Em São Paulo, a Semana da Arte Moderna, no Sul, o movimento tenentista, e no Rio de Janeiro, as celebrações de 100 anos da nação, entre outros acontecimentos.

Na década (dos anos 20), está em plena maturidade a geração nascida com a República. Nessa década, vem a manifestar-se aqui, por mil e uma influência, o grande drama que foi a primeira guerra mundial, inclusive por novos aspectos econômicos, resultantes de improvisado surto industrial. Nessa década, agitam-se novas ideias na literatura, nas artes plásticas, na política, na educação, na filosofia. Nela, novos meios de transportes se desenvolvem e iniciam-se os da comunicação radiofônica. Nela, comemora-se o Centenário da Independência, fato que se refletiu no espírito público e nos intelectuais, com uma polarização de sentimentos e ideias ligadas ao próprio sentido dos verbos “depende” e “não depende”. Nela, pela primeira vez, lança-se o governo federal a um empreendimento de fins sociais e políticos muito consideráveis - o de combate às secas no Nordeste. Nela, enfim, duas revoltas sangrentas sacodem o país, preparando a revolução de sentido nacional com que veio a encerrar-se o período. É ele de nítida transição. Para o Brasil, só então, o século XX começava (ABE, Livroto, 1984, p. 5-6).

Os debates sobre a modernização do Brasil, a formação de uma identidade nacional e cultural ganhavam espaço e adeptos. Nesse cenário, ganhou espaço a crença de que na educação estaria a resposta ou a solução para os problemas do país. Havia uma ideia de construção de Estado-nação ligada à organização de sistemas públicos de educação. Segundo Marta Carvalho:

esse entusiasmo pela educação condensava expectativas diversas de controle e modernização social, cuja formulação mais acabada se deu no âmbito do nacionalismo [...]. Nesse âmbito, o papel da educação foi hiperdimensionado: tratava-se de dar forma ao país amorfo, de transformar os habitantes em *povo*, de vitalizar o organismo social, de constituir a nação (Carvalho, 2003, p. 13).

O Rio de Janeiro²⁸, antiga corte, capital federal do Brasil, era a cidade mais urbanizada naquele momento e respirava as mudanças relacionadas ao progresso e à modernização, com base nos modelos europeus. Em nome da regeneração, na retórica daquele momento,

²⁸ O Rio de Janeiro passou por várias reformas: na gestão do prefeito Barata Ribeiro (1892-1893) ocorreu a demolição do cortiço, que abrigava duas mil pessoas e se chamava Cabeça de Porco. As obras da administração de Pereira Passos (1903-1906) promoveram uma grande renovação urbana e mudaram o cenário local. Pereira Passos foi apelidado de Haussmann Tropical, devido à semelhança do seu plano de remodelação com o plano de Paris, no século XIX. Também ficou conhecido como o Bota-Abaixo, pela realização de inúmeras intervenções que demoliram 1700 imóveis para transformar o Rio de Janeiro em uma metrópole moderna. Foi neste período que ocorreu a abertura da Avenida Central, a construção da Avenida Beira Mar e a demolição do Morro do Castelo para a edificação dos pavilhões da Exposição de 1922. Fonte: Memória da Destruição. Rio – uma história que se perdeu (1889 – 1965).

significava dizer que os brasileiros deveriam ser saudáveis e produtivos. Nessa perspectiva de mudança, os médicos estavam envolvidos nas campanhas sanitárias em prol da higiene, que só alcançariam êxito se ocorresse uma mudança nos hábitos da população. Mas, além de mudar hábitos, era preciso transformar, organizar, limpar e reconstruir a arquitetura das cidades, projeto para o qual os engenheiros eram necessários. Logo, pode-se pensar que inicialmente médicos e engenheiros eram fundamentais para a ideia de progresso e ciência. Para o pesquisador do Centro de História da Ciência e da Tecnologia da Universidade de São Paulo, José Jerônimo de Alencar Alves (2001, p. 187), “já naquele momento a ciência era um apelo como fator necessário à corrida para o progresso que tinha como centro de referência as transformações que se originavam na Europa”.

É nesse cenário de país que, em 1916, funda-se uma academia científica de dimensão nacional, a Sociedade Brasileira de Ciências, depois Academia Brasileira de Ciências (ABC), instituição atuante ainda nos dias de hoje. Esta seria a casa dos cientistas que defendiam a pesquisa em ciência pura, sem a obrigação de sua aplicação imediata na indústria e no comércio. Alves (2001) pontua que a instituição tem o sentido de instituir ou implantar uma atividade científica para pensar também o significado de um estabelecimento que apresenta diferentes noções que a ciência pode ter através do tempo, permitindo perceber a natureza do conhecimento científico como termo de ligação entre história e ciência.

Antecederam a ABC o Observatório Nacional, o Museu Nacional, a Sociedade de Medicina, o Instituto Oswaldo Cruz, entre outras instituições. O Rio de Janeiro era, assim, no século XIX, o centro da produção científica imperial. A grande maioria das instituições voltadas à ciência localizavam-se na cidade, que era o centro político, cultural e científico da nação. Segundo Maria Amélia Mascarenhas Dantes, durante a permanência da Corte no Brasil foram criadas algumas instituições científicas:

Em 1808, o Colégio Médico da Bahia (a partir de 1832, Faculdade de Medicina da Bahia); no mesmo ano, a Escola Médica do Rio de Janeiro (também Faculdade de Medicina em 1832); ainda em 1808, o Horto, depois Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Em 1810, a Academia Militar do Rio de Janeiro, que durante o século XIX, daria a origem, em 1855, à Escola Central, e em 1874, à Escola Politécnica. Por fim, em 1818, o Museu Real, depois Museu de História Natural. Essas instituições continuaram atuando no Império e, todas as citadas – ao menos em seus desdobramentos – existem até a atualidade. Durante o período imperial, a elas vieram somar-se outras. Um observatório astronômico foi criado, oficialmente em 1827, mas teve seu período mais ativo a partir de 1871; o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, de 1838, que atuou na área das ciências naturais, também [...] (Dantes, 2005, p. 27).

A obra de Dominichi Miranda de Sá (2006), que aborda a ciência como profissão no

período entre 1895 e 1935, analisa a separação entre o ofício dos cientistas e o dos literatos como um dos aspectos do processo brasileiro de institucionalização da ciência no final do século XIX. Na virada para o século XX, a ciência no Brasil ainda era bastante tímida. Na obra *Esboço Histórico sobre a Academia Brasileira de Ciências*, Erno Paulinyi (1981) afirma que o ambiente científico era acanhado e pouco dinâmico, com algumas exceções, constituído por poucas instituições que executavam ou patrocinavam pesquisas teóricas ou práticas: “Os poucos trabalhos científicos executados eram geralmente enviados ao exterior para publicação, por falta no Brasil de revistas regulares, dirigidas à comunidade científica e com suficiente público leitor” (Paulinyi, 1981, p. 11). O autor pesquisou a formação, a organização, o desenvolvimento e as funções da Academia Brasileira de Ciências, entre outros aspectos. Para isso, seguiu uma periodização em que a primeira fase vai de 1916 a 1929, caracterizada “por acentuado dinamismo constituindo-se um fórum geral para discutir trabalhos realizados dentro de um novo padrão de metodologia científica” (Paulinyi, 1981, p. 7).

Já o pesquisador Simon Schwartzmann (1979, p. 163) afirma que “ao ser criada, a Sociedade Brasileira de Ciências²⁹ era vinculada ao Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura, entidade criada sob os auspícios do governo francês, a exemplo do que já havia sido feito em Buenos Aires e em outras capitais”. O século XX é um período em que a ciência aplicada está na saúde pública, na agricultura, na engenharia, na geologia, nos conhecimentos técnicos, em paralelo com a busca da educação especializada, criação de instituições do tipo técnico. Sobre a ciência em São Paulo e Rio de Janeiro, Schwartzmann (1979, p. 161) indica que em “São Paulo a exploração do café propiciou demanda e recurso para a ciência aplicada, enquanto no Rio de Janeiro, as instituições de Manguinhos e Escola Politécnica, formaram pesquisadores que mais tarde seriam absorvidos pelas instituições paulistas”.

O primeiro presidente da ABC foi Henrique Morize, diretor do Observatório e professor da cadeira de física experimental da Politécnica. Permaneceu no cargo até 1930, quando faleceu. Até 1922, a Academia realizava suas reuniões na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, localizada no Largo de São Francisco, onde hoje funciona o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O trabalho da jornalista da ciência e pesquisadora da divulgação científica brasileira

²⁹ Compunham a primeira diretoria: Henrique Morize, (presidente) J. C. da Costa Sena e Juliano Moreira (vice-presidentes), Alfredo Lofgren (secretário-geral), Roquette-Pinto (1º secretário), Amoroso Costa (2º secretário) e Alberto Betim Pais Leme (tesoureiro). A diretoria permaneceu com esta configuração até o ano de 1923, quando Amoroso Costa, por ocasião de uma de suas viagens a Paris, foi substituído por Miguel Ozório de Almeida. [...]. A Revista da Sociedade Brasileira de Ciências, sob responsabilidade de Artur Moses, iniciou suas publicações a partir de 1917, passando a se chamar Revista de Ciências em 1920, Revista da Academia Brasileira de Ciências em 1926 e Anais da Academia Brasileira de Ciências a partir de 1929. Fonte: Schwartzmann, 1979, p. 164.

Luisa Medeiros Massarani (2001) acerca da divulgação científica no Rio de Janeiro nos anos 20 identifica que a divulgação da ciência naquele período se deve a um pequeno grupo de acadêmicos, entre os quais estavam Manoel Amoroso Costa, Henrique Morize, os irmãos Ozorio de Almeida, Juliano Moreira, Edgard Roquette-Pinto, Roberto Marinho de Azevedo, Lélío Gama e Teodoro Ramos. Conforme Massarani (2001);

eles participaram intensamente de várias atividades que começaram a traçar um caminho para o desenvolvimento da pesquisa básica e para a difusão mais ampla da ciência no Brasil. São eles professores, cientistas, engenheiros, médicos e outros profissionais liberais, ligados em geral às principais instituições científicas e educacionais do Rio de Janeiro. Esse grupo de cientistas e intelectuais tinha como estratégia o desenvolvimento da pesquisa científica e a construção da identidade de um novo tipo de intelectual no Brasil: o cientista puro (Massarani, 2001, p. 51).

A Sociedade Brasileira de Ciências organizou-se provisoriamente nas seções de ciências matemáticas e de ciências físico-químicas e biológicas, com o estabelecimento na sequência das seções de ciências matemáticas, ciências físicas, ciências químicas, ciências geológicas e ciências biológicas. O grupo mantinha sua própria revista para a publicação e divulgação de trabalhos científicos. Também promoveu intercâmbio com cientistas estrangeiros, principalmente franceses. Cita-se aqui Emile Borel, com a conferência sobre “A Teoria da Relatividade e a Curvatura do Universo”, além de E. Gley, Henri Abraham, H. Piéron, Albert Einstein, Paul Janet, Emile Marchouy e George Dumas.

Em 1922, o Rio de Janeiro abriu as cortinas para o futuro e promoveu a Exposição do Centenário da Independência do Brasil. A cidade foi reformulada, várias edificações foram construídas e/ou adaptadas para receberem as empresas do Brasil e as delegações estrangeiras e ministérios do Governo do presidente Epitácio Pessoa, que, do alto do Corcovado, fez seu pronunciamento à população através de uma emissora, utilizando um equipamento transmissor de 500 watts, inaugurando a radiodifusão brasileira. A Exposição tinha por objetivo exibir um novo Brasil, com aspectos modernos da capital, a cultura e os avanços tecnológicos. É importante lembrar que a exposição de 1922 foi a primeira após a I Guerra Mundial e, para o Brasil, era um momento oportuno para expor uma ideia de nação moderna. Essa concepção de nação moderna estava atrelada a uma identidade nacional e uma civilização que exibisse os progressos técnicos e científicos. Nessa perspectiva, educação, saúde e trabalho eram pautas recorrentes bastante exploradas. Em 1923, então, nasce a primeira emissora brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Roquette-Pinto, antropólogo e escritor, e Henrique Morize, presidente da Academia Brasileira de Ciências e diretor do Observatório do Rio de Janeiro.

Ainda no contexto da retórica do Brasil moderno dos anos 20, aponta-se a criação da Associação Brasileira de Educação (ABE), em 1924, no Rio de Janeiro. Instalada na capital, a ABE deu formato à construção de um pensamento educacional moderno, um movimento de renovação educacional que fortaleceu e fomentou um projeto de política nacional de educação. De acordo com as reflexões de Carvalho (1998), a fundação da ABE se dá por meio de pessoas que estavam atreladas aos movimentos políticos militantes e do insucesso da organização do partido político Ação Nacional:

Em outubro de 1924, um grupo de treze intelectuais cariocas – fundou em uma sala da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, a Associação Brasileira de Educação. A iniciativa foi resultado de entendimentos iniciados em março do mesmo ano, em reunião promovida por Heitor Lyra da Silva. Aproveitando a passagem de Lysimaco da Costa³⁰ pelo Rio, programou um jantar no Hotel Glória, para qual convidou Everardo Backheuser³¹, Edgar Sússekind de

³⁰ Lysimaco Ferreira da Costa (1883-1941) era o filho de Antônio Ferreira da Costa e Dona Francisca Ribeiro da Costa. Foi engenheiro, professor e funcionário público. Na sua adolescência estudou no Ginásio Paranaense e se formou em Engenharia pela Universidade Federal do Paraná. Em seguida, funda e organiza a Escola Agrônoma do Paraná. Em 1920, se torna diretor do Ginásio Paranaense e Escola Normal. Cinco anos depois se torna Diretor Geral do Ensino do Estado do Paraná e no ano seguinte Inspetor Geral da Faculdade de Engenharia. Posteriormente, foi também Delegado do Estado do Paraná no Convênio dos Estados Cafeeiros, Secretário da Fazenda, Indústria e Comércio e participa do Conselho Administrativo da Caixa Econômica Federal do Paraná. Lysimaco pertenceu a várias sociedades relacionadas à Educação: Instituto Brasileiro de Filologia (RJ); Associação Brasileira de Educação-ABE(RJ), Associação Paranaense de Educação (PR), Sociedade Brasileira de Educação (RJ), Liga Pedagógica do Ensino Secundário(RJ), Instituto Nacional de Ciência Política (RJ), Instituto Científico de Estudos Corporativos (RJ), Sociedade Amigos de Alberto Torres(RJ), Centro Dom Vital (RJ), Instituto de Engenharia do Paraná (PR), Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RJ), Sociedade Fluminense de Agricultura e Indústria Rurais (Niterói- RJ), Bureau Internacional de Educação – Instituto Jean Jaques Rousseau (Genebra-Suíça), Academia de Letras do Paraná (PR) Sociedade Magnética da França (Paris) segundo (Costa, 1987, p. 595-596).

³¹Everardo Adolpho Backheuser (1879-1951), formado em Mineralogia e Geologia pelo Colégio Nacional, começou a lecionar aos 16 anos, em 1894, e foi majoritariamente autodidata ao longo de sua formação. Tornou-se assistente do professor Nerval de Gouveia na Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1896 e, posteriormente, foi nomeado professor catedrático. Lecionou também no Instituto Santa Úrsula e nas Faculdades Católicas, além de realizar pesquisas antropogeográficas nos bairros cariocas. Foi membro da Associação Brasileira de Educação, presidente da Seção do Ensino Primário (1925), era o representante oficial da ABE junto ao Instituto Jean Jacques Rousseau, de Genebra. Colaborou com Mario Brito e Francisco Venâncio Filho na adaptação dos “testes de inteligência” à realidade brasileira. Backheuser teve participação ativa no Consultório Pedagógico da ABE e na elaboração de um projeto de organização da Literatura Infantil. Em 1932 deixou a ABE, quando os intelectuais católicos abandonaram a associação, devido ao Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Em resposta, Backheuser fundou a Confederação Católica Brasileira de Educação (CCBE) em 1933, com o objetivo de centralizar e coordenar o movimento católico pelo ensino no Brasil. Além de seu papel na educação, Backheuser atuou como Deputado na Assembleia Legislativa e Chefe da Diretoria de Obras da Prefeitura do Distrito Federal. Segundo Silva (2006, p. 4), a CCBE foi criada para “articular o trabalho geral, reunir ideias e direcionar tecnicamente a ação comum, evitando desperdícios de energias e promovendo a difusão da escola católica em todos os níveis no Brasil.”

Mendonça³² e Francisco Venâncio Filho³³, cuja finalidade era discutir a viabilidade de uma Federação de Associação de Ensino (Carvalho, 1998, p. 54).

A este grupo inicial somaram-se ainda os nomes de Armanda Álvaro Alberto, Antonio Carneiro Leão, Bertha Lutz, Branca Fialho, Cândido de Mello Leitão, Carlos Américo Barbosa de Oliveira, Carlos Delgado de Carvalho, Fernando Nereu Sampaio, Fernando Raja Gabaglia, Ferdinando Labouriau, Isabel Lacombe, Laura Lacombe, Levi Fernandes Carneiro, Vicente Licínio Cardoso e Victor Lacombe. Alguns anos mais tarde juntaram-se à ABE Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e outros que atuaram em prol da educação do país.

Ainda é importante citar Heitor Lyra da Silva³⁴. Embora engenheiro, também atuou como professor no ensino primário, secundário e superior. Entre 1912 e 1926 está ligado a iniciativas voltadas à educação (ABE, Livreto, 1936, p. 8). Em 1911, com a Reforma Rivadavia Correa, teve a oportunidade de ingressar como docente na Escola Politécnica, cargo que recusou. Em 1912, já era engenheiro chefe da Eletrificação da Central do Brasil e catedrático da Escola de Belas Artes quando Coryntho da Fonseca, diretor da escola Souza Aguiar, tentando articular o ensino teórico com oficinas, convida-o para lecionar educação experimental em uma modesta escola técnica. Lyra inicialmente recusa, receoso de que sua adoção de novos métodos

³² Edgar Sússekind de Mendonça (1896-1958) entrou para o Colégio Americano Fluminense em 1904. Em 1909, após o falecimento de seu pai, o jornalista Lúcio de Mendonça, Edgar e seu irmão, Carlos, passaram a estudar no Colégio Pedro II, em regime de internato. Em 1914, Edgar Sússekind de Mendonça entrou para a Escola Nacional de Belas Artes. Em 1915, conheceu também a educadora Armanda Álvaro Alberto. Em 1928, Armanda e Edgar se casaram. Começou no magistério como professor particular, sendo mais tarde contratado como Professor Substituto da Escola Superior de Agricultura e como professor de desenho da Escola Normal (1920). Tendo inserção nos debates educacionais, juntamente com a educadora Armanda Álvaro Alberto, Edgar Sússekind participou da Reforma de Instrução Pública promovida, na capital federal, por Carneiro Leão (1922 - 1926). Em 1924 participou da fundação da ABE. Sobre o educador, ver: VIDAL, Diana Gonçalves. “Edgar Sússekind de Mendonça”. In: FAVERO, Maria de Lourdes A. (org). Dicionário de Educadores no Brasil, da Colônia aos dias atuais. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; 2002

³³ Francisco Venâncio Filho (1894-1946) nasceu em Campos, no Rio de Janeiro. Estudou humanidades no Colégio Aquino, no Rio de Janeiro, e formou-se em engenharia civil em 1916, ano em que também ingressou no corpo docente da Escola Normal, posteriormente transformada no Instituto de Educação. Foi um dos fundadores da ABE e participou ativamente de suas iniciativas. Além disso, foi um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova (1932). Dedicou-se à renovação do ensino das ciências exatas e mostrou interesse pelo desenvolvimento da sociologia brasileira, com destaque para a obra de Euclides da Cunha. Atuou como colaborador na imprensa periódica e em revistas. Destacam-se suas contribuições para a Revista Ariel, dirigida por Gastão Cruls e Agripino Grieco entre 1932 e 1935, onde escreveu sobre educação, cultura e ciências, e para a Revista Cultura Política dirigida por Almir de Andrade, entre 1941 e 1943, tratando de temas educacionais. Em reconhecimento à sua contribuição à educação brasileira, recebeu da Academia Brasileira de Letras o Prêmio Francisco Alves em 1937. Fonte: Francisco Venâncio Filho – um educador brasileiro, de Alberto Francisco Filho, ABE, 1984, ABE, livreto.

³⁴ Heitor Lyra da Silva (1887-1926) nasceu no Rio de Janeiro e fez curso primário sob a direção da própria família. No ano de 1890, ingressou no Colégio Pedro II para continuar seus estudos. Formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, fundou a Associação Brasileira de Educação – ABE. Era membro da Liga Pedagógica de Ensino Secundário. Participou ativamente de todos os eventos educacionais de seu tempo, desde as reformas de ensino, edições de normas, discussão de métodos e apoio a iniciativas tais como o Curso Jacobina e a Escola Regional de Meriti, até o planejamento de bibliotecas (Biblioteca de Educação Ativa): Fonte: ABE

pudesse ser interpretada como propaganda de si mesmo. Porém, aceitou mais tarde, quando, com recursos próprios e sem alarde, aparelhou o laboratório da escola (ABE, Livreto, 1936, p. 9).

Lyra ainda colaborou com Isabel Lacombe no Curso Jacobina, com a orientação feminina, e participou na obra de educação popular da Escola Regional de Meriti, fundada e dirigida por Armanda Álvaro Alberto. Aproximou-se da Liga Pedagógica de Ensino Secundário, período em que elaborou um plano de reforma de ensino apresentado ao governo. A Liga era dirigida por José Piragibe, companheiro do Ginásio Nacional. Segundo o texto impresso no Boletim da ABE: “encontram-se na Liga Pedagógica de Ensino Secundário os germes remotos da nossa agremiação” (ABE, Boletim, 1928, n. 12 s/p). Lyra reunia-se constantemente com Ferdinando Labouriau, Tobias Moscoso, Everardo Backheuser e Barbosa de Oliveira a fim de discutir a melhor maneira de formar uma consciência nacional. Buscou elementos para formar o Partido do Ensino e não teve êxito. A criação de ABE se dá após o fracasso desse partido. De acordo com o Boletim da ABE, os estatutos da Associação foram escritos de próprio punho por Lyra (ABE, Boletim 1928, n. 12, p. 2).

Na década de 1920, Heitor Lyra destacou-se como educador, participando ativamente dos debates sobre a reestruturação do sistema escolar, alinhados ao projeto nacionalista (Carvalho, 1988). Esse período foi marcado pela “Educação Nova”, ou “Escola Ativa”, que enfatizava a interação entre o organismo e o ambiente, sendo fundamentada em princípios científicos, como a observação e o método experimental (Monarcha, 2009). A Escola Nova propôs novas abordagens de ensino que iam além do aprendizado intuitivo, valorizando o contato direto dos sentidos com os objetos (Lourenço Filho, 1930).

FIGURA 1 - PRIMEIRA SEDE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO



FONTE: ABE

Em 1939, Ernesto de Souza Campos³⁵, ligado ao Ministério da Educação e à Comissão do Plano da Universidade do Brasil, solicita ao professor Francisco Venâncio Filho, um dos presidentes da ABE, um texto descrevendo o trabalho da Associação nos seus primeiros 15 anos de existência. Tal material indica um pouco a expectativa daquele grupo:

A Associação Brasileira de Educação foi fundada em 1924 por Heitor Lyra da Silva [...] procurou organizar uma Associação que não fosse de classe, de especialistas, mas que congregasse todos os que se interessam pelo grande problema nacional e humano, na sua concepção mais geral (Venâncio Filho, ABE, 1939, p. 1).

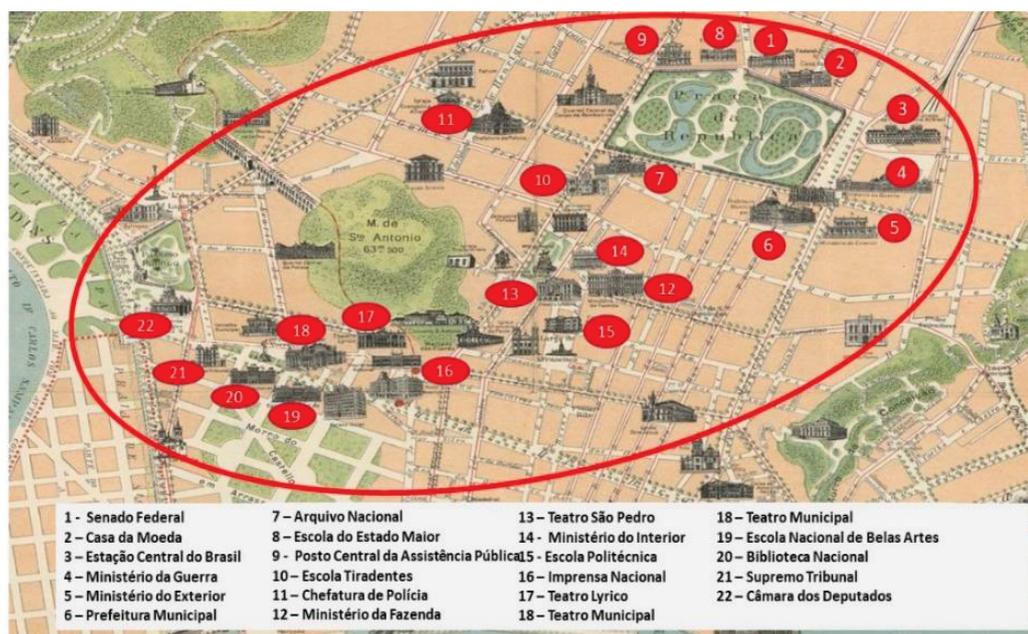
Tanto a Academia Brasileira de Ciências como a Associação Brasileira de Educação estavam envolvidas no debate da educação e da ciência. De acordo com Schwartzmann (1979, p. 164), “o papel da Academia Brasileira de Ciências foi muito mais cultural e intelectual, muito mais ‘pela’ ciência do que, propriamente, ‘de’ ciências”. Um outro ponto que é possível perceber é que muitos de seus participantes estavam envolvidos nas atividades de propaganda de novos princípios de educação, pesquisa e ensino, que eram desenvolvidos na mesma época pela Associação Brasileira de Educação.

Massarani (2001) investigou as atividades de quatro cientistas, dentre eles, dois participaram da direção da ABE: Álvaro Ozório de Almeida e Amoroso Costa. Ainda estiveram sob foco Edgard Roquette-Pinto (Museu Nacional) e Henrique Morize (Sociedade Brasileira de Ciências e Rádio Sociedade), que pertenciam a outras instituições, mas mantinham forte presença na ABE, estreitando o relacionamento e promovendo um intercâmbio de informações e atividades.

Para além na ideia de lugar dada por Certeau (1984), um outro ponto importante a se pensar é o local físico em que tanto a Academia Brasileira de Ciência quanto a Associação Brasileira de Educação estavam localizadas. Inicialmente, elas usavam salas da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, situada no coração da cidade. Um mapa de 1930 da região central do Rio de Janeiro evidencia a localização privilegiada dessas instituições. Em um raio de cerca de 1 km estava praticamente toda a atividade política, econômica e cultural da Capital. A Figura 2 ilustra essa proximidade.

³⁵ Conforme cartão arquivado na ABE, “Para um livro que tenho uma publicação sob o título ‘Histórico das instituições do Brasil’ solicito um breve histórico dessa associação. Basta uma ou no máximo duas páginas datilografadas. Com a segurança de que essa instituição deverá ter interesse em figurar nesta publicação que faz parte de uma série de 3 livros, de cerca de 500 páginas, cada um, o primeiro já publicado sobre o título ‘Estudos sobre o Problema universitário’, o segundo, em última prova de revisão, intitulado ‘Histórico da Educação Superior no Brasil’ e o terceiro, para o qual solicito a atual cooperação, aguardo os dados solicitados, Ernesto de Sousa Campos. Fonte: ABE, 1939.

FIGURA 2 - MAPA REGIÃO CENTRAL DO RIO DE JANEIRO EM 1930



FONTE: Biblioteca do Congresso Nacional dos EUA. Mapa editado pela autora.

Essa proximidade física pode ter contribuído para o estreitamento de relações, para a ampliação e manutenção de uma rede no engajamento de pautas, tanto para debate quanto para a divulgação da ciência e da educação no país. Pode-se pensar, assim, em uma rede entre essas organizações que potencializou poder econômico e até mesmo político. Um exemplo disso são as Exposições Nacionais e Internacionais de Livros³⁶, que ocorreram entre 1930 e 1936, organizadas pela ABE, por meio das embaixadas e instituições, conforme a documentação presente no acervo da Associação.

Entre 1920 e 1930, tanto os integrantes da ABC quanto os da ABE eram médicos, engenheiros, cientistas, professores, profissionais liberais e acadêmicos que frequentavam muitas vezes as mesmas conferências, as mesmas associações, contribuía com artigos, textos e conferências para as revistas da ciência e da educação, inclusive, com vários integrantes ocupando espaços na imprensa. De acordo com a tese de Bernadete de Lourdes Streisky Strang, nas décadas de 1920 e 1930, “as redações de determinados jornais e revistas são verdadeiras agremiações, tanto do ponto de vista pedagógico como político” (Strang, 2008, p. 28). O debate pela educação e pela ciência se dá tanto nos encontros nas agremiações e seus eventos, quanto pela pena em jornais, boletins e revistas.

A ABE, desde a sua fundação, ocupou várias salas espalhadas pela cidade do Rio de Janeiro. Foi acolhida inicialmente na Escola Politécnica, mas entre 1925 e 1928 usava uma sede

³⁶ Este assunto será retomado no capítulo 2.

provisória no Dispensário Azevedo Lima, sito à rua Almirante Barroso, 54. Naquele mesmo 1928 ainda ocupou uma sala na rua Chile, número 23. Esteve entre 1933 e 1970 na Av. Rio Branco, em um imóvel que pertencia à Ordem Terceira da Penitência, demolido nos anos de 1970. Dali foi para uma sala cedida pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), em um prédio de construção antiga ao lado da Fundação – o prédio cor-de-rosa, na praia do Botafogo. “Tínhamos, na entrada, um salãozinho para auditório, um gabinete pequeno para o presidente, diretoria, um para o expediente. Tínhamos também a biblioteca ampla, com armários antigos, amplos, de madeira, e, atrás, uma cozinha e um local para o tradicional chá da ABE”, segundo depoimento Arlette Pinto de Oliveira e Silva³⁷ (Silva, 2003 *apud* Mignot; Xavier, 2004, p. 14).

Na sequência, a FGV precisou do prédio e a ABE foi deslocada para uma sala provisória na Avenida Gomes Freire: “Não conseguimos levar a biblioteca, que era grande e muito procurada. Assim, os livros foram postos no chão e convidadas várias instituições para escolher aquelas obras que eram de seu interesse” (Silva, 2003 *apud* Mignot; Xavier, 2004, p. 14). Ainda com o apoio da FGV, a ABE ocupou os 11º e 12º andares de um prédio na Avenida Treze de Maio. Deste endereço ela voltou ao prédio cor-de-rosa, que já estava bastante deteriorado. Algum tempo depois, esse prédio cedeu lugar a uma nova edificação e a ABE foi deslocada para uma sala cedida pelo ministro da Educação, Nascimento Silva, entre 1993 e 1995. A sala era ampla, mas não conseguiu abrigar todo o mobiliário e acervo da Associação. Atualmente a ABE está situada na Rua México, número 11, Centro, no Rio de Janeiro, e seu arquivo é mantido com financiamento de organizações de cunho privado.

A sede da ABC também ocupou várias moradas. Da mesma maneira que a ABE, iniciou suas atividades em uma sala da Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Em 1923, após a Exposição do Centenário, recebeu do Governo Brasileiro e do Governo da Tchecoslováquia, respectivamente, o terreno e o prédio utilizado como pavilhão daquele país na Exposição, onde foi estabelecida sua sede, localizada na Avenida das Nações, na região do centro da cidade, conhecida como Castelo. Mas a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro urbanizou a área do Castelo, desapropriou e demoliu o prédio que a ABC ocupava. Segundo o relato³⁸ de Arthur Moses:

[...] houve um período em que os acadêmicos reuniam-se no Instituto

³⁷ Arlette Pinto de Oliveira e Silva, sócia responsável pelo arquivo da ABE e organizadora do livro “Páginas da história: notícias da II Conferência Nacional de Educação da ABE. Belo Horizonte, 4 a 11 de novembro de 1928” (referência completa no item Referências Bibliográficas neste trabalho). Seu depoimento foi gravado em 22 de agosto e 5 de setembro de 2003 e transcrito por Silmara de Fátima Cardoso, bolsista de Iniciação Científica da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Mignot; Xavier, 2004).

³⁸ Consta um trecho do relato de Arthur Alexandre Moses sobre a Academia no verbete **Sociedade Brasileira de Ciências** no Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>.

Histórico e Geográfico Brasileiro e que durante o Estado Novo (1937-1945) conseguiram, com o então Ministro do Trabalho Carneiro Filipe, algumas salas no prédio novo de seu Ministério. Mas, logo implicaram com o fato de uma entidade particular funcionar em um prédio do Governo, sendo logo em seguida despejados (Mello; Velloso, s/d, s./p.).

Sem um espaço próprio, os acadêmicos passaram a se reunir em diferentes locais, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), o Ministério do Trabalho (durante o Estado Novo), a Fundação Getúlio Vargas, o prédio de propriedade do Estado de São Paulo, cedido pelo governo Jânio Quadros (1955-1959), e, finalmente, o Laboratório de Análises Clínicas do Acadêmico Artur Moses. A biblioteca da ABC sobreviveu às mudanças porque o então acadêmico Matias de Oliveira Roxo guardou o acervo em um pequeno apartamento à rua Marques de Abrantes, posteriormente transferido para a Fundação Getúlio Vargas. Mais tarde, os livros foram encaminhados para a Divisão de Geologia e Mineralogia do Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM), localizado na Av. Pasteur, 404, na Urca, Rio de Janeiro. Em 1959, durante a gestão de Arthur Moses, por meio de doações da União, do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e da Comissão Nacional de Energia Nuclear, foi possível a compra de um andar inteiro de um prédio localizado na Esplanada do Castelo, à rua Araújo Porto Alegre. A partir de 1960, a Academia ficou instalada nesse local e permanece até os dias de hoje.

Fica claro, dessa forma, que ambas as Associações apresentam na sua história a marca das inúmeras transferências de lugar. As mudanças sucessivas, a falta de espaço, a ausência de recursos humanos e financeiros foram desafios constantes.

É fato que a ABE desenvolveu ações para o direcionamento e a organização política do sistema educacional escolar no Brasil. Nesse sentido, em seu primeiro estatuto aprovado, atribuía-se à Associação objetivos pedagógicos como “promover no Brasil a difusão e aperfeiçoamento da educação em todos os ramos e cooperar com todas as iniciativas que tendam direta ou indiretamente, a esse objetivo” (Estatutos ABE, 1926 *apud* Carvalho, 1998, p. 55).

Havia ainda, segundo o estatuto, outros seguintes objetivos:

- 1º Organizar permanentemente a estatística da instrução no Brasil;
- 2º Publicar revista, boletins e relatórios periódicos, sobre questões de educação e instrução;
- 3º Manter museu escolar permanente, biblioteca pedagógica, sala de conferências e cursos;
- 4º Promover e premiar a elaboração e a publicação de bons livros didáticos;
- 5º Promover congressos de educação regionais ou nacionais;
- 6º Promover a representação do Brasil, em congressos de educação no estrangeiro;
- 7º Organizar um arquivo de legislação nacional e estrangeira, sobre ensino e questões correlatas;
- 8º Facilitar a seus sócios a aquisição de livros e de material escolar;
- 9º Cooperar em todas as obras de educação física, moral e cívica;
- 10º Facilitar o desenvolvimento do cinema educativo, de bibliotecas infantis, e de outros institutos auxiliares de ensino;
- 11º Auxiliar a

intercorrespondência escolar, nacional e estrangeira; 12º Organizar obras de mutualidade entre professores e entre alunos; 13º Estudar e auxiliar a educação popular quer quanto à cultura intelectual, moral e física, quer quanto à instrução profissional (Estatuto da ABE, 1924 apud Vieira, 2019, p 116).

Independente da formação e pontos de vista diferentes, os intelectuais ligados à ABE comungavam da mesma ideia de constituir uma nacionalidade no país. Sediada na capital federal, no Rio de Janeiro, a Associação reunia professores, engenheiros, médicos, intelectuais e interessados em educação, tendo realizado inúmeras ações voltadas ao debate da educação nacional. Um exemplo disso é a promoção e organização das Conferências Nacionais de Educação (CNEs) e das Exposições Pedagógicas pela Associação. Pelos relatórios da ABE e por notícias da imprensa, a tônica era nacionalista. De acordo com Carvalho, (1998, p. 308) era um certame luminoso voltado para o debate sobre “o grande problema da educação nacional. Festa cívico-nacionalista cuja finalidade última e razão de ser eram a unidade e a grandeza da Pátria por um ensino bem orientado”.

Embora fundada em 1924, a ABE conquista projeção no cenário nacional a partir da organização das CNEs. Até 1927, ano de realização da primeira CNE em Curitiba, “as realizações da ABE ficaram restritas a pequenos espaços, ocupados pelos intelectuais que compunham e pelos contatos pessoais que estabeleciam em outras instituições (Valério, 2013, p. 44). Segundo Vieira (2017, p. 4) “esses encontros nacionais delinearão um campo de disputa política, teórica e institucionais”. As Conferências nacionais de educação perduraram por 40 anos (1927 – 1967). Entre os anos de 1927 e 1935, a ABE realizou quase uma Conferência por ano, evidenciando um papel atuante nas reformas educacionais propostas nas esferas estaduais e nacionais. Ao longo desse período,

[...] as Conferências funcionaram como o elo necessário entre governo federal, os governos estaduais e representantes da sociedade civil – professores, jornalistas, cientistas, lideranças religiosas e políticas dentre outros -, constituindo importante estratégia de difusão de ideias e princípios caros a determinados projetos de organização do ensino, que por sua vez, correspondiam a uma bem mais ampla organização do Estado e da Nacionalidade (Mignot; Xavier, 2004, p. 11).

A ABE também esteve ligada ao Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova (1932)³⁹ e defendeu a criação do Ministério da Educação em 1930: “Em 1945, na IX Conferência, a partir de então denominada IX Congresso Brasileiro de Educação, resultou a Carta Brasileira de Educação Democrática” (Mignot; Xavier, 2004, p. 12). Embora as CNES tenham perdurado até 1967, elas foram se esvaziando.

³⁹ Sobre o Manifesto dos Pioneiros ver Libânia Xavier (2002), indicado nas referências.

Na retórica da educação moderna, é possível identificar, dentro do recorte aqui proposto (de 1924 a 1947), um campo de disputas entre diferentes projetos. Libânia Xavier (1999) situa o projeto da Igreja Católica, nos anos de 1920, engajado na luta e ampliação de espaços nas esferas políticas, culturais e do ensino. Já em 1931, as ações da Reforma⁴⁰ de Francisco Campos⁴¹, nomeado por Getúlio Vargas como Ministro da Educação e Saúde Pública, são postas em prática. Foi neste ano que ocorreu a IV CNE, no Rio de Janeiro.

Em 1932, foi lançado o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, documento direcionado ao Governo e à Nação, que defendia a educação obrigatória, laica e gratuita para todos como mecanismo de democratização do ensino. Arlette Pinto de Oliveira e Silva relatou que o Manifesto “redigido por Fernando de Azevedo e firmado pelos notáveis nomes da época [...] tem sido evocado permanentemente e mereceu referência especial no I e II Congresso Brasileiro Piagetiano, realizados em julho de 1984, no Rio de Janeiro, promovidos pelo Centro Experimental e Educacional Jean Piaget” (Silva, ABE, Impresso, jun. 1984/jul. 1985, p. 5). Carvalho (1994), no texto intitulado Fernando de Azevedo, Pioneiro da Educação Nova, afirma que a escolha de Azevedo para redigir o Manifesto deveu-se principalmente à sua atuação como reformador escolar no Distrito Federal, no fim da década de 1920. A Reforma contou com a colaboração de diversos educadores cariocas, como Francisco Venâncio Filho, Edgar Sussekind de Mendonça, Armanda Álvaro Aberto, Vicente Licínio Cardoso e Everardo Backheuser, todos “sediados na ABE, funcionando como um polo aglutinador em tomo de propostas de remodelação escolar” (Cardoso, 2015, p. 66). Carvalho (1998) ainda analisou os debates que circularam nas CNEs via pareceres, relatos e documentos, ocorridos nas cinco primeiras Conferências (1927-1932) promovidas pela ABE. A autora descreve algumas características das CNEs, como: o caráter marcadamente nacionalista; a garantia da unidade nacional; o cimento da unidade nacional; o patriotismo católico para moldar a alma nacional; o ensino religioso e as questões morais e sanitárias.

Entre 1930 e 1945, no período de reorganização das forças políticas⁴², ocorreu a

⁴⁰ Reforma baixada pelo Decreto número 18.890 de 18 de abril de 1931.

⁴¹ Francisco Luís da Silva Campos (1891-1968) nasceu em Dorcas de Indaiá e faleceu em Belo Horizonte em 1968, aos 77 anos. Na Revolução de 30 foi nomeado como Ministro Interino da Justiça, em 1932, e Secretário de Educação da Prefeitura do Distrito Federal, em 1936. Foi primeiro-Ministro da Educação e Saúde do Brasil, ocasião em que fez a reforma do ensino secundário e superior. Fonte: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-luis-da-silva-campos>

⁴² Para promover o Programa de Reconstrução Nacional do Governo de Getúlio Dornelles Vargas (1930-1954), os Ministros da Educação e Saúde Pública, Francisco Luís da Silva Campos (1930-1932), Belisário Augusto de Oliveira Penna (1932-1933), Washington Ferreira Pires (1934) e Gustavo Capanema (1934-1945) estabeleceram políticas nacionais às quais se subordinariam os sistemas estaduais de educação e saúde. À educação escolar caberia ramificar-se pela cultura nacional em seu amplo espectro de ensinamentos valorativos e de atributos morais. Fonte: texto de Marta Maria de Araújo, p. 10.

centralização do poder e a instalação do Estado Novo. Nos anos 30, as plataformas políticas de Vargas se apropriam do discurso dos entusiastas⁴³ da educação e “a criação do Ministério da Educação e Saúde inaugura espaços de poder de importância estratégica na configuração e no controle, técnico e doutrinário, do aparelho escolar (Carvalho, 1998, p. 69). Nesse cenário, dois grupos disputam o controle: católicos e pioneiros. Os católicos representam os militantes da Igreja Católica que integravam a ABE desde a sua fundação. Após o Manifesto, este grupo se retira e se articula com a Associação dos Professores Católicos do Distrito Federal, no Centro Dom Vital de São Paulo. Os pioneiros referem-se a alguns dos nomes que assinaram o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e que assumiram o controle da ABE depois de 1932, ocupando postos no governo e com iniciativas de reforma na pedagogia.

O projeto do Estado configurado durante a Era Vargas, desde o início, partia da concepção de educação como problema nacional para justificar a intervenção cada vez mais intensa do governo Federal nas esferas de ensino, e a crescente centralização do aparelho educativo (Xavier 1999, p. 49). Durante a longa gestão do Ministro Gustavo Capanema⁴⁴ (1934-1945), foi realizada uma série de projetos voltados à reorganização do ensino no país. Schwartzman; Bomeny; Costa, que analisaram o acervo⁴⁵ do ministro, apontam que nesse período:

[...] a reforma da educação empreendida por Capanema visava um ensino público abrangente, padronizado e centralizador, controlado por vasta burocracia [...]. Ela teve início com o Plano Nacional de Educação, enviado ao Congresso em maio de 1937. Proposto para durar dez anos sem alterações, com pedido do ministro no sentido que fosse votado “em globo”, dificilmente poderia aprovar-se em regime democrático. O golpe de Estado de novembro do mesmo ano permitiu, entretanto, sua aplicação parcial, através da universidade padrão, da implantação do ensino industrial e, sobretudo, da reforma do ensino secundário, destinada a formar, nos estudantes, “consciência humanística e consciência patriótica”, através de “um ensino patriótico por excelência”, para incluir “a compreensão da continuidade da

⁴³ Na segunda parte da obra de Jorge Nagle: Educação e Sociedade na Primeira República, 1974, o autor dedica-se ao estudo da educação escolar, criando as categorias do entusiasmo pedagógico pela educação e o otimismo pedagógico, e estudando as iniciativas e reformas do governo Federal, Estadual e do Distrito Federal. Também se dedica a investigar a entrada do movimento da Escola Nova no Brasil. É nessa sessão que o eixo argumentativo de Nagle concentra-se sobre a década de 1920-30. A reforma do homem, segundo Nagle, seria realizada pela reforma da sociedade, e para isso a escolarização foi considerada o motor propulsor da história. Essa crença foi identificada pelo autor como entusiasmo pela educação e otimismo pedagógico, conferindo à escola o posto de instância regeneradora da sociedade.

⁴⁴ Gustavo Capanema Filho (1890-1985) nasceu em Pitangui, Minas Gerais e era formado em Direito. Foi Deputado Federal e Interventor Interino do Estado de Minas Gerais. Capanema foi homem público presente em longo período da história brasileira do século XX. O registro mais significativo da sua atuação foi a sua passagem pelo Ministério da Educação entre 1934 e 1945, durante a chamada era Vargas. Fonte CPDOC

⁴⁵ Simon Schwartzman, Helena Maria Bousquet Bomeny e Vanda Maria Ribeiro Costa analisaram o acervo de Gustavo Capanema, composto por duzentos mil documentos, legado pelo próprio ministro ao CPDOC da Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro. Fonte: Tempos de Capanema, dos mesmos autores indicados nas Referências Bibliográficas.

história da pátria” (Schwartzman; Bomeny; Costa, 2000, p. 13).

Em 1937, iniciou-se no Brasil o regime autoritário de Getúlio Vargas, que perdurou até 1945. Durante esse período, o governo flertou abertamente com as potências do Eixo. Logo após o golpe que o conduziu à presidência e estabeleceu o “Estado Novo”, Vargas dissolveu o Congresso Nacional e extinguiu os partidos políticos. A eclosão da Segunda Guerra Mundial gerou impactos significativos em todos os países, afetando suas economias, políticas e sociedades, independentemente de sua participação direta ou indireta no conflito. O conflito de grandes proporções, que inicialmente afetou o continente europeu, expandiu-se progressivamente para o restante do mundo sem encontrar barreiras. A Segunda Guerra Mundial teve início com a invasão da Polônia pela Alemanha, em setembro de 1939, colocando a América Latina em uma posição de incerteza. Paralelamente, os Estados Unidos consideravam a América do Sul uma peça importante nos planos de expansão global do regime nazi-fascista.

Durante o conflito, a ABE permaneceu em atividade. Embora tenha reduzido as Conferências, manteve os cursos de férias para formação de professores, recebia visitas em sua sede e manteve outros compromissos usuais. Também funcionou na ABE um Posto de Voluntários que mantinha correspondência com os pracinhas sediados na Ilha de Fernando de Noronha (Filho, 2002, p. 27). O chamado Posto 14 da Cruz Vermelha Brasileira, localizado no 10º andar do edifício na Avenida Rio Branco, 91, teve como principal objetivo, desde o início de suas atividades, aliviar as dificuldades morais e materiais enfrentadas por aqueles que, em tempos de crise global, colocaram-se à disposição para defender a integridade nacional. O trabalho era manter a correspondência, enviar doces, cigarros, livros, roupas etc. A correspondência era uma atividade importante, principalmente para aquelas pracinhas que não tinham família no Rio de Janeiro. “As cartas eram cuidadosamente remetidas e respondidas quando os familiares não eram localizados (Filho, 2002, p. 27).

As atividades empreendidas pela Associação Brasileira de Educação (ABE) durante o período da Segunda Guerra Mundial, em função dos combatentes aquartelados, em Fernando de Noronha, alinham-se ao movimento cívico-patriótico presente na entidade desde sua criação. Glaucia Diniz Marques investigou as cartas contidas no dossiê Esforço de Guerra, preservado na ABE, bem como alguns impressos que circularam durante aquele período, buscando entender o papel desempenhado pela ABE no contexto. Segundo Marques (2008, p. 86) “as representantes da ABE visando prestar assistência aos combatentes de Fernando de Noronha por meio de cartas e encomendas enviadas e recebidas estabeleciam laços de solidariedade e

assumiam o papel que sempre coube à mulher na trama da história: doação, cuidado e zelo”. Um trecho de uma carta do Posto 14, assinada por Maria Esolina, oferece um vislumbre daquele momento:

O Posto 14 se propõe, outro tanto, fazer o intercâmbio de correspondência entre o soldado e sua família, a enviar-lhe o que se lhe fizer necessário, demonstrando, assim, a nossa integral colaboração com a Causa comum. Aqui estamos, pois, Soldados Brasileiros, em constante vigília pela sua paz de espírito e para diminuir as agruras de seus serviços, seguras de que nos irmanamos todos no devotamento à Pátria. Pelo Posto 14, Maria Esolina Pinheiro (Marques, 2008, p. 16).

No relatório das atividades da ABE, anos 1944/1945, encontra-se uma nota sobre o Posto 14 da Cruz Vermelha, que funcionava na sede da Associação. Nesse relatório consta a seguinte informação:

O Posto 14 da Cruz Vermelha Brasileira sob a chefia de Professora Marina Cross, funciona a sede da ABE onde se reúne as quintas-feiras. Durante o estado de guerra, trabalhou o Posto na confecção de capacetes e agasalhos que foram enviados aos soldados da FEB; no mês de julho e setembro, fizeram visitas ao Hospital Central do Exército levando para os feridos grande quantidade de biscoitos, doces cristalizados, chocolate, leite condensado, cigarros e revistas. Aos soldados aquartelados em Fernando de Noronha o Posto enviou grande quantidade de cigarros e objetos de uso conforme pedido que lhe faziam os soldados. Várias famílias dos convocados que estavam em Fernando de Noronha ou em outro Estado do Norte vinham à sede da ABE afim de solicitar o auxílio do Posto no envio de encomendas que eram enviadas por intermédio dos serviços Aéreos Cruzeiro do Sul [...]. Em dezembro de 1944, o Posto 14 distribuiu na sede da ABE, a grande número de pobres e familiares de combatentes, grande quantidade de roupas, brinquedos, mantimentos e doces (ABE, Relatório, 30/09/1945, p. 20).

Em linhas gerais, a ênfase na consolidação da nacionalidade marcou a política educacional durante o Estado Novo.

A ABE era uma sociedade civil, de adesão voluntária e reunia sujeitos interessados em educação. Era dirigida por 4 presidentes, que exerciam o cargo por 2 anos, em períodos de 3 meses, alternado; um secretário geral e um tesoureiro, realizando semanalmente as sessões ordinárias do seu Conselho Diretor, de número de membros variável, eleito anualmente, com função deliberativa. A ideia de organizar a direção da Associação dessa forma partiu, segundo o Boletim da ABE, de Heitor Lyra da Silva: “Era um meio de permitir que, no período curto de cada qual, este se pudesse dedicar de todo à associação” (ABE, Boletim, 1928, p. 2). Esse revezamento de diretores fica transparente em algumas cartas de ofícios direcionadas ao presidente da ABE (sem nominar), ou perceptível por textos mais intimistas, por exemplo, uma

carta datada de janeiro de 1931, enviada por Glen Levin Swiggett⁴⁶, Presidente da Comissão Organizadora da National Education Association (NEA), em que este expressava que desejava inserir um representante do Brasil na Comissão de Organização da Federação Interamericana: “Dirijo esta carta desta forma informal e impessoal, pois não sei qual dos meus quatro queridos amigos é neste momento presidente da vossa associação”. Outra carta de ofício enviada por Arthur Moses para Stephen Duggan⁴⁷, diretor do Instituto Internacional de Educação (IIE), do Teachers College (TC), Columbia University, em outubro de 1931, também atenta, no P.S.: “somos quatro presidentes, dois eleitos anualmente. Espera-se que cada um dedique o máximo de tempo possível à Associação, três meses no ano” (Moses, 1931).

Na primeira lista de diretores da ABE estavam Heitor Lyra da Silva (engenheiro e professor da Escola Nacional de Belas Artes), Levi Carneiro (advogado), Delgado de Carvalho (professor do Pedro II e da Escola Normal), e Bertha Lutz⁴⁸ (cientista e educadora), mais tarde substituída por Mello de Leitão (médico catedrático da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária e professor da Escola Normal), em razão da sua viagem aos Estados Unidos da América. Ainda, estavam na diretoria inicial Mario Brito (engenheiro e catedrático da Escola Politécnica) e Branca Fialho (educadora).

O primeiro diretor foi o advogado Levi Carneiro. Ele trabalhou para contatar governadores e dirigentes dos estados com intuito de levantar informações sobre o cenário do ensino no Brasil. Segundo as informações do Boletim (1925), foram realizadas algumas conferências, a saber: 1) Os métodos da Escola Activa⁴⁹, por Agustin Nieto Caballero⁵⁰, Diretor

⁴⁶ Glen Levin Swiggett, professor americano e membro da National Education Association (NEA), participou em uma visita de intercâmbio educacional pela América do Sul da reunião do Conselho Diretor da ABE. Fonte: Atas do Conselho Diretor da ABE de 14/05/1928.

⁴⁷ Stephen P. Duggan era professor da Universidade de Columbia e será apresentado mais a frente junto ao texto do IIE.

⁴⁸ Bertha Lutz formou-se em botânica, ciências naturais, zoologia, embriologia, química e biologia pela Faculdade de Ciências da Universidade de Paris, Sorbonne. Foi ativa participante do movimento feminista no Brasil, sendo a segunda mulher a ingressar nos quadros do serviço público brasileiro, tornando-se mais tarde naturalista da seção de botânica do Museu Nacional. Bertha via na instrução um caminho para a igualdade de direitos, se junta a ABE. Disponível em www.fgv.br.

⁴⁹ Nota sobre “Os métodos da Escola Activa” por Agustin Nieto Caballero disponível na revista A Educação, ano de 1925, disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital.

⁵⁰ Agustin Nieto Caballero licenciou-se em 1912 em Direito na Universidade de Paris; estudou filosofia, sociologia e ciências da educação na Sorbonne e no Colégio de França durante quatro anos, e psicologia no Teachers College da Columbia University, em Nova Iorque. Quando voltou para Colômbia, em 1914, reuniu-se com José M^a Samper, Tomás Rueda Vargas, Tomás Samper, Ricardo Lleras Codazzi e outros livres-pensadores, com a finalidade de reformar profundamente a educação nacional, de tal maneira que fosse concordante com as ideias de Maria Montessori e de Ovídio Decroly, segundo os quais a criança está dotada de forças suficientes para a sua autoeducação, e a função do mestre consiste em fomentar e facilitar este caminho. Ao fundar o “Ginásio Moderno”, considerado como a primeira escola nova da América Latina, Nieto Caballero procurava o resgate dos valores humanos e o exercício da personalidade, que era alguns dos objetivos das ideias liberais da época, segundo as quais a escola, só a escola, seria capaz de assegurar uma independência real e definitiva. Com essa instituição

do Ginásio Moderno de Bogotá; 2) A alta cultura e sua organização, pelo professor Miguel Osorio de Almeida; 3) A instrução técnica e profissional no Peru, pelo professor Luiz Cantanhede; 4) O ensino na Suíça, por Laura Lacombe, Diretora do Curso Jacobina; 5) Algumas modalidades da educação social, por Amaury de Medeiros, Diretor do Departamento de Saúde Pública do Estado de Pernambuco; e 6) Os Problemas sociais femininos na Alemanha, pela publicista alemã Lina Hirsch (ABE, Boletim, 1925 p. 04). Tais conferências já são indicadoras de que a ABE estava colocando na pauta assuntos atuais e dialogando para a renovação pedagógica que estava acontecendo em vários países.

Em 1928, o Boletim da ABE evidencia que Levi escolheu quatro autoridades para falar de assuntos gerais que indicassem as necessidades mais próximas, em duas conferências:

Do prof. Azevedo Sodré⁵¹, sobre “O problema do ensino no Brasil”, e do prof. Afrânio Peixoto⁵², sobre a “Ação do Governo no Ensino Primário”. Não se realizando a do prof. Figueira de Mello, sobre “Ensino Secundário” e do prof. Vicente Licínio sobre o profissional. Na presidência de Mello Leitão houve três conferências do prof. Miguel Osorio, sobre a “Alta Cultura e sua organização”; do professor L. Catanhede⁵³, sobre “O Ensino Técnico e Profissional no Peru”, e Laura Lacombe⁵⁴, “Observações sobre o ensino na Suíça” e Amaury Medeiros (ABE, Boletim, 1928, p. 02).

Essas atividades também eram publicadas nos jornais, tanto os convites para as Conferências, que eram gratuitas e abertas ao público, como a íntegra de algumas delas. Um

educativa, Nieto Caballero fez um notável contributo para o desenvolvimento e crescimento do país. Nieto Caballero também se preocupou com a educação da mulher, e o demonstrou ao fundar, em 1928, o Ginásio Feminino em Bogotá. Como educador e homem de letras, participou em numerosos eventos e deu múltiplas conferências e palestras. Nieto Caballero desenvolveu um amplo labor diplomático. Em 1931 assistiu como delegado da Colômbia ao Congresso Internacional de Imprensa, que se celebrou em Madrid. Foi delegado do seu país na Sociedade de Nações entre 1931 e 1934; também presidente da delegação da Colômbia no 8º Congresso Científico Americano, celebrado em 1940 em Washington, e desempenhou a representação latino-americana na Conferência Internacional de Educação na Universidade de Michigan, em 1941. Em reconhecimento ao seu labor foi nomeado embaixador da Colômbia perante o Chile no biênio 1942-43. Voltou ao seu país e regeu a cadeira de Orientação Educativa na Escola Superior e no Instituto Pedagógico Nacional. Viajou em várias ocasiões como conferencista convidado pelas universidades de Londres, Paris e Atenas. Também a ele se deve a fundação da Cruz Vermelha Nacional Juvenil. Recebeu a Cruz de Boyacá das mãos do presidente Guillermo León Valencia; a Universidade Pedagógica Nacional outorgou-lhe o título de “doutor honoris causa” em 1967; o presidente Carlos Lleras Restrepo, em 1969, concedeu-lhe a condecoração de Cavaleiro Eminente de Bogotá; a República da França concedeu-lhe, em 1970, as Palmas Acadêmicas pelo seu contributo para o campo da educação; e em 1973 foi-lhe outorgada a Ordem Caro e Cuervo. Fonte: <https://gimnasiomoderno.edu.co/gimnasio/historia/biografia-don-agustin-nieto-caballero/> com acesso em 10/02/2024.

⁵¹ Professor Azevedo Sodré, catedrático da Faculdade de Medicina, realiza conferência sobre “O problema do ensino no Brasil”, na Escola Politécnica, a convite da ABE. Fonte: Correio Da Manhã, dias 01 e 02/07/1926, disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital.

⁵² Conferência de Afrânio Peixoto, na Escola Politécnica, promovida pela AB. Fonte: Correio Da Manhã dias 24/11/1926 e 25/11/1926, disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital.

⁵³ Professor Luiz Cantanhede da Escola Politécnica havia visitado o Peru e realiza uma conferência pedagógica sobre os progressos na instrução realizados no país vizinho, promovida pela ABE. Fonte: Correio Da Manhã, 3/07/1925, disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital.

⁵⁴ A professora Laura Lacombe, integrante da diretoria do Curso Jacobina, fará Conferência sobre o ensino na Suíça, na Escola Politécnica, a convite da ABE. Fonte: Correio Da Manhã 08/07/1925, disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital.

exemplo é o anúncio publicado no O Jornal sobre a palestra do professor Miguel Osório de Almeida, promovida pela ABE, em 1928:

Iniciam-se no próximo dia 8 os cursos e conferências que todos os anos promove a secção de ensino técnico da Associação Brasileira de Educação. A palestra inaugural está a cargo do professor Miguel Osório de Almeida, que dissertará sobre o “Otimismo de Metchnikoff” (O Jornal, 6/05/1928, p. 9).

As discussões ocorridas no âmbito da ABE propunham pensar e atuar nas reformas educacionais dos Estados. A organização dos trabalhos da ABE em seções⁵⁵ sinaliza, nesse sentido, uma ampla atuação: “Ensino Primário, Ensino Secundário, Ensino Normal, Ensino Profissional, Ensino Técnico Superior, Ensino Artístico, Ensino Doméstico, Educação Moral e Cívica, Educação Física e Higiene, Cooperação da Família, Recreações Infantis e Infância Abandonada” (ABE, BOLETIM, 1926, p. 8). Carvalho (1998) observa que de todas as seções, apenas a de Ensino Técnico Superior e a da Cooperação da Família tiveram funcionamento regular.

Segundo o texto de Venâncio Filho (1939), quando a ABE completou 15 anos de existência ela

[...] promoveu no Rio e em alguns Estados “Semanas de Educação”⁵⁶, de acordo com a World Federation of Education. Interveio nos debates de todas as questões de educação, procurando esclarecer os assuntos, colaborar com os poderes públicos, objetivo e impessoalmente, como quando da Reforma da Instrução Pública no Distrito Federal de 1928 e dos Trabalhos da Constituinte de 1934. As suas atividades particulares se fizeram principalmente pelas seções especializadas. A de Ensino Primário promoveu cursos para professores, conferências sobre assuntos gerais ou de necessidade ocasional, excursões, debates. A de Ensino Secundário elaborou um inquérito sobre o problema e por mais de uma vez organizou cursos sobre estudos das matérias do currículo, como sobre questões de ordem geral, sendo que um deles constará de um volume publicado. A secção de Ensino Técnico-superior, além do inquérito sobre o “Problema universitário”, pôs em execução uma das mais úteis e memoráveis atividades da ABE, que foram os cursos e conferências de alta cultura [...]. A de Cooperação da Família teve também ação larga e profícua, realizando 3 inquéritos sobre literatura infantil, publicando um guia de leitura para crianças e adolescentes e promovendo a criação de círculos de Pais e Professores, além de conferências e cursos atinentes as suas atividades. Atividades por igual fecunda tiveram a de Educação Artística, Educação Física, de Jogos e Divertimento infantis, de Pré-escolar, além de algumas que agitaram problemas importantes como a de Ensino Profissional, Ensino Doméstico, Educação de Adultos, de Infância Abandonada (Venâncio Filho,

⁵⁵ Ensino Primário e Normal era presidido por Deodato de Moraes; Ensino Secundário, por Henrique de Toledo Dodsworth; Ensino Técnico Superior, por Ferdinando Labouriau; Ensino Artístico, por Fernando Nereo de Sampaio; Educação Moral e Cívica, por Everardo Backeuser; Educação Física e Higiene, por J.P Fontenelle; e a Cooperação da Família era presidida por Armanda Álvaro Alberto. Fonte ABE.

⁵⁶ Realizadas no Rio de Janeiro e em alguns estados do Brasil entre os anos de 1928 e 1935, período que teve a Associação Brasileira de Educação (ABE) como sua organizadora. Fonte: ABE, (relatório e texto de Venâncio Filho, 1939.)

ABE, 1939, p. 2).

Entre as ações desenvolvidas pela ABE e suas seções elencam-se a organização de inquéritos e estatística da instrução no Brasil; a publicação de boletins e relatórios sobre aspectos do ensino, como o “Boletim da Associação Brasileira de Educação”, e as revistas a “Schola” e a “Educação”. Além disso, a ABE organizou e promoveu as Conferências Nacionais de Educação, a organização e manutenção de museu escolar, da biblioteca pedagógica, a promoção de palestras e cursos; fomentou o contato por correspondências com educadores de diferentes países, incentivou a intercâmbio de associações congêneres no estrangeiro, participando de Congressos; e promoveu intercâmbio, não só de trabalhos, como de professores. Evidencia-se, também, o trabalho desenvolvido pela ABE na construção de prédios escolares, na aquisição de mobiliários e livros, na promoção de bibliotecas infantis, na organização e realização de exposições de livros e materiais pedagógicos e de arquitetura escolar, de Educação e Estatística, de Brinquedos Educativos, entre outros. A professora Arlette Pinto de Oliveira Silva relatou em 1985, quando a ABE completou 60 anos de existência,

[...] que a Associação foi a iniciadora, no Brasil, dos cursos de extensão universitária e de alta cultura, destacando-se os realizados por Azevedo Sodré, Afrânio Peixoto, Miguel Osório de Almeida, Amoroso Costa, Amaury de Medeiros, Paulo de Castro Maya, Tobias Moscoso, Ferdinando Labouriau, Dulcídio Pereira, Euzébio de Oliveira, Ruy Lima e Silva, Roberto Marinho, Roquette Pinto, Sampaio Correia, Alceu Amoroso Lima, Everardo Backheuser, Anísio Teixeira, Álvaro Osório de Almeida, Mello Leitão, Lourenço Filho, etc., (Silva, ABE, Impresso, 1985, p. 6).

Como parte de todas essas ações, disponibilizar uma biblioteca consistente era um ponto importante para a Associação. Desde o primeiro estatuto, um dos objetivos era formar uma biblioteca para os educadores (Silva, 2004, p. 14). Essa biblioteca pedagógica chegou a ter 5.000 mil volumes, inclusive com doações de coleções provenientes dos EUA e da França (Venâncio Filho, ABE, 1939, p. 3). A biblioteca da ABE também recebia catálogos, revistas e publicações de interesse científico. Mariana Burlamaqui (2013) destaca que em 1926 a ABE recebia sete revistas estrangeiras, sendo três da Europa, uma dos Estados Unidos da América e três sul-americanas, além de mais quatro revistas nacionais (Burlamaqui, 2013, p. 25-26).

A ABE mantinha laços e tinha uma rede grande de interlocutores. Venâncio Filho descreve que a Associação:

[...] pôs em execução uma das mais úteis e memoráveis atividades da ABE, que foram os cursos e conferências de alta cultura, durante os anos de 1927, 1928, 1929 - 1930, nos quais se fizeram ouvir as autoridades mais marcadas nas ciências, nas letras e na história, nas artes, não só nacionais como estrangeiras (Venâncio Filho, ABE, 1939, p. 2).

Entre 1926 e 1930, a ABE promoveu cerca de 200 eventos entre cursos, palestras e conferências, com a apresentação de muitos cientistas e acadêmicos da época, inclusive de estrangeiros como Marie Curie⁵⁷, Paul Rivet⁵⁸ e Paul Langevin⁵⁹. Entre os brasileiros podemos identificar, por exemplo, Manoel Amoroso Costa⁶⁰, Edgard Roquette-Pinto⁶¹, Miguel Ozorio

⁵⁷ Marie Skłodowska-Curie (1867-1934), nascida Maria Salomea Skłodowska, foi uma física e química polonesa naturalizada francesa, que conduziu pesquisas pioneiras sobre radioatividade. A cientista Curie esteve no Brasil em 1926 e realizou várias conferências, amplamente divulgadas nos jornais. A chegada da cientista pode ser acompanhada na edição de 14 de julho de 1926, em O Jornal. Sobre a sua primeira conferência na Escola Politécnica, ver a matéria no O JORNAL de 21 de julho de 1926. Fontes disponíveis na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital.

⁵⁸ Paul Rivet (1876-1958) foi um etnólogo francês que se dedicou principalmente ao estudo das origens do homem americano. Diplomou-se em Medicina em 1898 e, três anos depois, integrou uma missão científica ao Equador. Segundo a teoria de Rivet, os ameríndios da América do Sul vieram da Austrália e da Melanésia através do estreito de Bering. Para estudar a origem dos diferentes povos, viajou por diversos países, inclusive o Brasil; reorganizou, em Chaillot, Paris, o Museu do Homem, que se tornou conhecido como centro de pesquisa etnológica e antropológica. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi perseguido pelos alemães, fugiu para a América Latina, onde fundou, em Bogotá, o Instituto de Etnologia. Voltou a Paris depois de sua libertação. Editou algumas obras científicas sobre antropologia e etnografia, destacando-se dentre elas: As origens do homem americano, o sumério e o oceaniano, Etnografia antiga do Equador, Línguas americanas, O reino de Arda e sua evangelização no século XVII e A raça de Lagoa Santa nas populações pré-colombinas do Equador. Fonte: Disponível em https://enciclopedia.banrepcultural.org/index.php?title=Paul_Rivet, acesso em 20/10/2023.

⁵⁹ Paul Langevin (1872-1946) foi professor de Física Geral Experimental no Collège de France, em Paris, e é reconhecido como um dos mais notáveis teóricos modernos da física. Desenvolveu sua atividade principalmente nos campos da eletrodinâmica, física molecular, teoria da relatividade, magnetismo, teoria dos elétrons, teoria da radiação e física matemática. Foi laureado com o Prêmio Nobel de Física. Além de suas contribuições científicas, Langevin participou ativamente do movimento de resistência contra o nazismo e foi membro do Partido Comunista da França. Entre suas obras, destaca-se *La Physique Depuis Vingt Ans et le Principe de Relativité* (1922). Fonte: Disponível no Dicionário Político, acessado em https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/l/langevin_paul.htm, em 24/04/2024.

⁶⁰ Manoel Amoroso Costa (1885-1928) foi um destacado cientista brasileiro da década de 1920, conhecido por sua atuação na divulgação científica, especialmente por meio de conferências e publicações. Formou-se em engenharia civil pela Escola Politécnica em 1906, e um ano depois concluiu o bacharel em ciências físicas e matemáticas. Em 1924, já era catedrático na Escola Politécnica em Trigonometria Esférica, Astronomia Teórica e Prática de Geodesia. Participou ativamente da fundação da Sociedade Brasileira de Ciências em 1916, onde ocupou o cargo de segundo secretário por dois mandatos e atuou como diretor da Seção de Ciências Matemáticas. Além disso, como presidente da Seção de Ensino Técnico e Superior da Associação Brasileira de Educação (ABE), promovia palestras de pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Por sua participação no movimento de renovação da educação das duas primeiras décadas do século, foi eleito presidente da ABE em 1928. Amoroso Costa foi também um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Ciências. Ele foi pioneiro na divulgação da teoria da relatividade de Einstein para o público brasileiro e faleceu tragicamente em um acidente de hidroavião em 1928. Fonte: Fiocruz Brasileira e ABE.

⁶¹ Edgard Roquette-Pinto (1884-1954), nascido no Rio de Janeiro, cursou a Faculdade de Medicina, formando-se em 1906. Entrou, por concurso, na Seção de Antropologia, Etnografia e Arqueologia do Museu Nacional como professor no mesmo ano. Participou da expedição Rondon ao Mato Grosso em 1907, onde conduziu pesquisas sobre os índios Pareci e Nambiquara. Em 1920, foi convidado como professor visitante para inaugurar a cadeira de Fisiologia Experimental na Universidade de Assunção. Em 1923, participou ativamente da fundação da Rádio Sociedade e tornou-se seu apresentador. Assumiu a direção do Museu Nacional em 1926 e obteve livre docência na Escola de Medicina no ano seguinte. Foi membro da Academia Brasileira de Ciências e da Academia Brasileira de Letras. Em 1934, criou a Rádio Escola Municipal do Rio de Janeiro, hoje conhecida como Rádio Roquette-Pinto, e em 1936 fundou e dirigiu o Instituto Nacional de Cinema Educativo. Roquette-Pinto foi um dos maiores defensores da radiodifusão educativa no Brasil, um reconhecido intelectual de seu tempo, principalmente por sua contribuição para a antropologia e a divulgação científica no Brasil. Fonte: Fiocruz Brasileira e Mapa.

de Almeida⁶², Ferdinando Labouriau⁶³, entre outras pessoas que periodicamente participavam destas atividades⁶⁴. “Tinham o apoio do Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura⁶⁵. Cobriam assuntos científicos muito variados, com graus diferentes de aprofundamento; transitavam de temas muito especializados para exposições destinadas a pessoas leigas” (Massarani, 1998, p. 119). Um programa da ABE ilustra parte deste movimento.

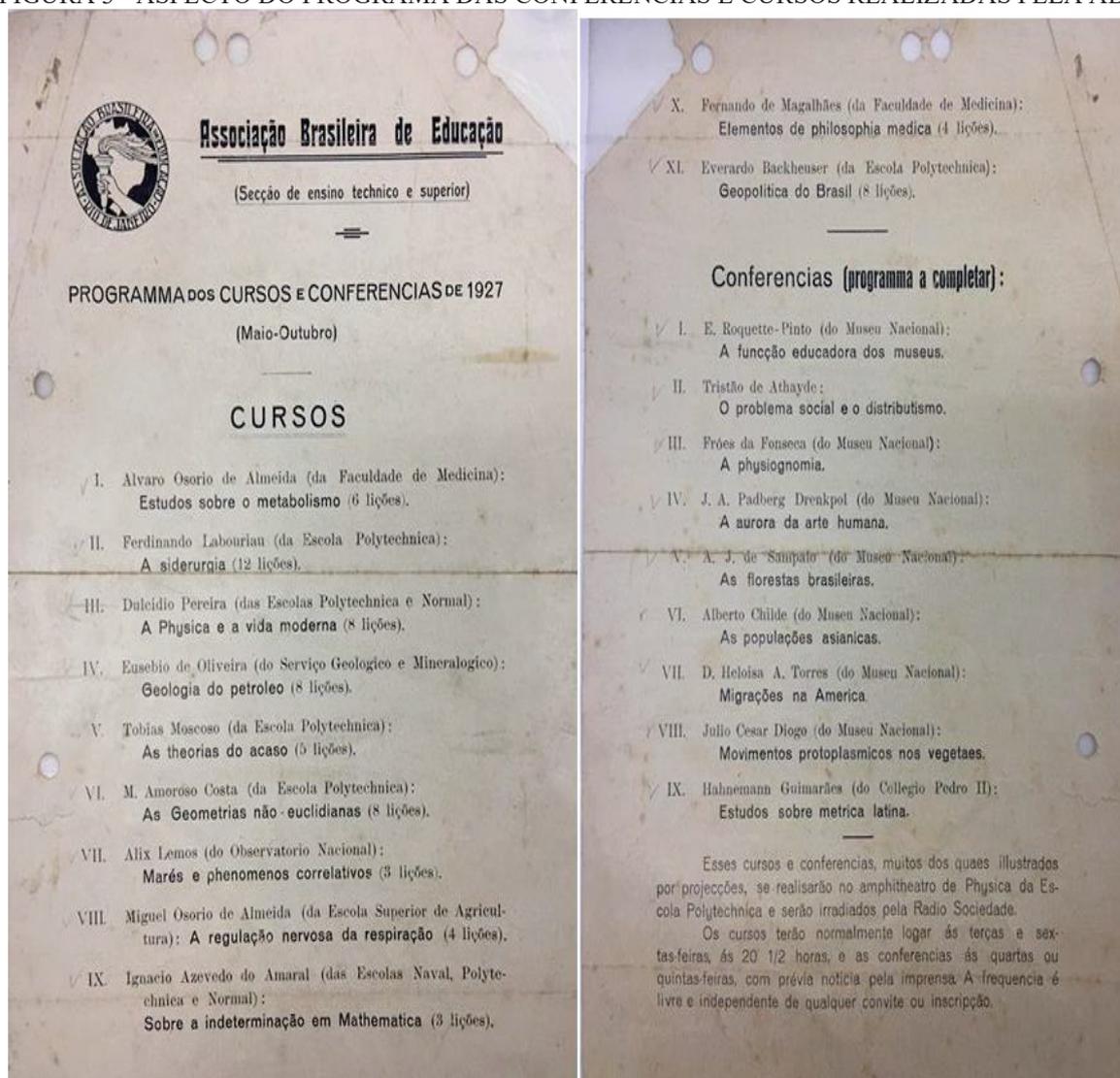
⁶² Miguel Ozório de Almeida (1888-1958) foi um destacado físico brasileiro, reconhecido por suas contribuições à física experimental e por ser um dos pioneiros na criação do Instituto de Física da Universidade de São Paulo (USP). Além disso, desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento científico do Brasil, ajudando a formar instituições de pesquisa e a incentivar novas gerações de cientistas. Durante sua carreira, ocupou a cátedra de fisiologia na Escola de Agricultura e Medicina Veterinária (1917-1937), enquanto sua produção científica mais expressiva ocorreu em Manguinhos, entre 1919 e 1921, e novamente a partir de 1927. Foi membro e presidente da Academia Brasileira de Ciências e da Academia Brasileira de Letras, além de representar o Brasil em diversos congressos e organizações internacionais. Sua ampla produção científica concentrou-se principalmente no campo da fisiologia, abordando temas como tônus nervoso, teoria da excitação nervosa, epilepsia experimental e fisiologia do labirinto. Publicou cerca de 174 artigos em periódicos brasileiros e estrangeiros entre 1910 e 1938, além de diversas obras, incluindo textos de divulgação científica. Entre seus trabalhos mais notáveis estão os livros *Homens e Coisas de Ciência* e *A Vulgarização do Saber*, sendo este último possivelmente a primeira obra brasileira a abordar sistematicamente a divulgação científica. Fonte: FONSECA, Maria Rachel Fróes da; MAIO, Marcos Chor. Miguel Ozório de Almeida e o projeto de uma 'história científica e cultural da humanidade'. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v.11, n.2, p. 459-468, 2004.

⁶³Ferdinando Labouriau (1893-1928), engenheiro brasileiro, formou-se pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde ocupou a função de professor substituto da Seção de Mineralogia e Metalurgia e, posteriormente, o cargo de catedrático de Metalurgia. Estudou a questão da siderurgia no Brasil e empenhou-se, por meio da imprensa, de livros e de conferências, na adoção de medidas que a contemplassem. Nesse sentido, coordenou trabalhos tanto para a pesquisa básica quanto para a prospecção de campo e desenvolveu, ainda, atividade política. Foi o principal fundador do Partido Democrático do Distrito Federal (Rio de Janeiro). Como jornalista, colaborou em *O Jornal*, no *Correio da Manhã* e foi diretor de *O Imparcial* e de *A Ordem*. Publicou trabalhos em revistas técnicas. Com Amoroso Costa, Tobias Moscoso e outros professores da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, liderou, na Academia Brasileira de Ciências (ABC) e na Associação Brasileira de Educação (ABE), as campanhas da década de 1920 pela reforma do ensino no Brasil e pela instituição de um novo padrão de ensino superior, fundado no modelo universitário e voltado para a pesquisa. Na Associação Brasileira de Educação, ocupou cargos diretivos, inclusive a presidência da entidade e a presidência de sua Seção de Ensino Técnico e Superior, que organizou o inquérito de 1927 sobre o problema universitário brasileiro. Foi também membro da comissão organizadora desse inquérito. Um dos principais defensores da criação de um Ministério da Educação Nacional, Labouriau apresentou, na I Conferência Nacional de Educação (da ABE), em 1927, um importante trabalho sobre a questão. Desapareceu tragicamente em um acidente aéreo sobre a Baía de Guanabara, em 3 de dezembro de 1928, em um voo que fazia parte das solenidades de recepção a Santos Dumont, que regressava ao Brasil. Esse acidente vitimou todo um grupo de professores da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, entre os quais Castro Maya, Tobias Moscoso e Amoroso Costa, todos ligados aos movimentos da ABC e da ABE. Fonte: ABE.

⁶⁴ Para ver a lista das pessoas/temas que realizaram conferências, palestras e ou cursos patrocinados pela ABE neste período veja o trabalho de Luisa Massarani. A divulgação científica no Rio de Janeiro: Algumas reflexões sobre a década de 20, disponível nas referências.

⁶⁵ Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura, instituição mantida pela embaixada francesa no Rio de Janeiro, voltada à educação e a divulgação científica.

FIGURA 3 - ASPECTO DO PROGRAMA DAS CONFERÊNCIAS E CURSOS REALIZADAS PELA ABE



FONTE: ABE

Em uma entrevista concedida ao projeto “História da ciência no Brasil”, desenvolvido entre 1975 e 1978, ao pesquisador Simon Schwartzman⁶⁶, Othon Henry Leonardos⁶⁷ descreve

⁶⁶ Simon Schwartzman (1939), sociólogo e cientista político brasileiro, graduado em Sociologia Política e Administração Pública pela UFMG, mestre em Sociologia pela FLACSO (Chile) e doutor em Ciências Políticas pela Universidade da Califórnia, Berkeley. Foi professor na UFMG, USP e outras instituições, além de pesquisador visitante em universidades internacionais. Presidiu o IBGE de 1994 a 1998, modernizando sua infraestrutura tecnológica e promovendo eventos importantes, como o I Encontro Nacional de Produtores e Usuários de Informações Sociais, Econômicas e Territoriais, a IV Conferência Nacional de Estatística (CONFEST) e a III Conferência Nacional de Geografia e Cartografia (CONFEGE). Fonte: IBGE. Galeria de Presidentes, disponível em: <https://memoria.ibge.gov.br/historia-do-ibge/galeria-de-presidentes/20884-simon-schwartzman.html>. Acesso em: 24 jun. 2024.

⁶⁷ Othon Henry Leonardos (1899-1977) era Doutor em Física e Matemática (1925); diplomou-se em Engenheiro Geógrafo (1917) pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro; diplomou-se em Engenheiro Civil (1919) pela Escola Politécnica do Rio De Janeiro. Foi petrógrafo do serviço geológico e mineralógico do Brasil; assistente da Diretoria de Minas e engenheiro do serviço de fomento da produção mineral do Departamento Nacional de Produção Mineral (1933-1938); professor da escola de ciências da Universidade do Distrito Federal (UDF), de 1936 a 1938;

o papel da ABE na época:

Ela fazia reuniões todas as semanas do Conselho Diretor e das Seções de Ensino Superior, Ensino Secundário e Ensino Profissional. Cada setor estudava os assuntos e debatia em comum. Um dos assuntos principais durante muitos anos e sobre a qual a Associação publicou até um trabalho grande com entrevistas de vários professores notáveis foi a necessidade da criação de universidades; outro foi a necessidade de criar o Ministério de Educação e ajudou a criar os cursos de extensão universitária. Por exemplo, na Escola Politécnica, que era mais central, no largo de São Francisco, fiquei encarregado desses cursos, e chegamos a fazer entre cem e duzentas conferências por ano. De tarde, no largo de São Francisco, os carros paravam ali, a maioria do pessoal ia de bonde ou de ônibus, não havia este atordoamento de hoje. Era impressionante a frequência, sempre o auditório estava completamente cheio, e era curioso que até garçons dos cafés fossem assistir às conferências, com vontade de ter ilustração (Leonardos, 2010, s./p.).

A Figura 4 ilustra um pouco umas dessas Conferências e quiçá parte do testemunho de Othon Leonardos.

FIGURA 4 - ASPECTOS DAS CONFERÊNCIAS DA ABE NA ESCOLA POLITÉCNICA



FONTE: Revista O Malho, 30 de junho de 1928, p. 35. Hemeroteca Nacional.

Uma outra iniciativa que intentava divulgar a ciência e a educação era o serviço de consultas⁶⁸ ou Consultório Pedagógico da ABE. O corpo de especialistas em questões de ensino

professor de geologia e paleontologia da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (atual UFRJ); naturalista do museu nacional (1939-1954); assessor da secretaria geral do Conselho de Segurança Nacional (1946-1956); diretor da Mannesmann Mineração S.A. (Nova Lima - MG); diretor da Mineração Serra do Curral S.A.; diretor da Mineração Ipiratinga S.A.; diretor do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); engenheiro-superintendente da Cia. Norte-Paulista de Combustíveis. FONTE: CPDOC disponível eletronicamente em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/historia-oral/entrevista-tematica/othon-leonardos>. Acesso em 24/05/2022.

⁶⁸ Nota no semanário ilustrado A Rua, no Rio de Janeiro, descreve este serviço da ABE. Fonte: A RUA, 09/11/1927, disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital. Notas no Jornal do Brasil nos meses de novembro e dezembro também descreve o serviço e publicam algumas respostas das questões enviadas à ABE.

vinculado à Associação atendia às dúvidas de professores relacionados ao ensino primário e buscava facilitar a aquisição de conhecimentos muitas vezes difíceis de serem encontrados nos livros. O serviço de consultas era coordenado pela professora Odette Regal e teve a participação ativa do educador Everardo Adolpho Backheuser (*Dicionário dos Educadores do Brasil*, 1999, p. 178). Na ata do Conselho Diretor da ABE de novembro de 1927, Everardo Backheuser solicitou aos membros do Conselho que eles indicassem quais os ramos que poderiam auxiliar no Consultório Pedagógico do *Jornal do Brasil*. O serviço foi propagandeado em todas as escolas públicas do Distrito Federal. De acordo com o relatório, era parte do plano estender o atendimento às escolas particulares (ABE, Relatório, 1928). As consultas se davam pelo envio de correspondências contendo o assunto a ser explicado e mais um envelope selado para a resposta. Em dezembro de 1927, por exemplo, o *Jornal do Brasil* publica um aviso da ABE com o seguinte texto:

As perguntas a este Consultório podem ser enviadas a esta redação ou a sede da Associação Brasileira de Educação, a rua Chile n. 23, 1º andar, endereçada em qualquer das hipóteses, expressamente ao “Consultório Pedagógico da A.B.E.”. Terão respostas quaisquer consultas mesmo quando assinadas por pseudônimo (*Jornal do Brasil*, 17/12/1927, p. 8).

Algumas questões também eram respondidas e publicadas nos jornais, usando esse veículo informativo como forma de divulgação do conteúdo, que através dele poderia chegar a outros professores, e como uma estratégia de promoção e visibilidade da própria Associação, que se apresenta constantemente como uma instituição dedicada à ciência e à educação.

A ABE, também, frequentemente cedia seu espaço para outras instituições realizarem suas atividades. Em 1929, por exemplo, a sede foi emprestada ao Grêmio Euclides da Cunha (ABE, Relatório, 1929). Nos relatórios de 1936 a 1939, há registros de que o salão da ABE foi cedido gratuitamente a diversas organizações, como a Sociedade Brasileira de Criminologia, a Sociedade de Psicologia, a Pró-Temperança, a Associação dos Cegos, a Associação de Bibliotecários e o Instituto Brasil-Estados Unidos⁶⁹. Em 1939, Raul Fernandes presidia o Instituto Brasil-Estados Unidos, e o Conselho Diretor incluía Hélio Lobo⁷⁰, Gustavo Lessa,

⁶⁹ O tema Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU) e seus atores será tratado um pouco mais a frente.

⁷⁰ Hélio Lobo (1883-1960) foi diplomata, ensaísta, biógrafo e historiador, destacando-se como uma figura proeminente na história da diplomacia brasileira. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade do Rio de Janeiro em 1903 e ingressou no Itamaraty durante a gestão do Barão do Rio Branco. Atuou como secretário nos Tribunais Arbitrais Brasileiro-Peruano e Brasileiro-Boliviano e como secretário da Junta de Jurisconsultos Americanos em 1912. Foi cônsul-geral em Londres e Nova York (1920-1926), secretário-geral da Delegação do Brasil na Conferência de Versalhes (1919), delegado em diversas conferências internacionais, como a IV e a V Conferência Internacional Americana (1910 e 1923) e a Conferência para a Manutenção da Paz (1936). Representou o Brasil na Conferência de Evian sobre os proscritos da Alemanha e Áustria (1938) e em conferências da Organização Internacional do Trabalho (1938-1939 e 1947-1951), além de ser membro do Conselho de Administração da OIT em Genebra e Montreal. Fonte: ABL

Branca Fialho e Lois Marietta Williams. Enquanto Hélio Lobo ocupava cargos diplomáticos e não era associado à ABE, os demais integrantes tinham vínculos com a entidade, ocupando cargos em sua estrutura. Essa proximidade entre as instituições pode ter facilitado convênios e intercâmbios internacionais, promovendo uma maior circulação transnacional.

Ao refletir sobre o papel da ABE nos anos 20 e 30 do século XX, pode-se imaginar a associação como uma grande articuladora de uma rede interdisciplinar e transnacional em seu modo de operar. A ABE esteve envolvida na organização de inquéritos e estatística da instrução no Brasil; na publicação de boletins e relatórios periódicos sobre questões do ensino; na organização e promoção das Conferências Nacionais de Educação, organização e manutenção de museu escolar, biblioteca pedagógica e sala de conferências e cursos; na edição de revistas, na construção de prédios escolares, na aquisição de mobiliários e de livros, na promoção de bibliotecas infantis e de outros institutos auxiliares de ensino; na organização de exposições de livros e materiais pedagógicos e de arquitetura escolar, entre outros.

Assim, para além das suas fronteiras, desde o início, mantinha contato por correspondências com inúmeras associações congêneres, com educadores de diferentes países, fazia-se representar em eventos nacionais e internacionais e investia em intercâmbios de professores. Atenta ao que estava acontecendo no mundo, buscava, em certa medida, conhecer e operar mudanças tomando como parâmetro experiências pedagógicas realizadas no estrangeiro (Mignot; Gondra, 2007, p. 8). Nesse sentido, para Marta Carvalho, a ABE era

[...] um dos instrumentos mais eficazes de difusão do pensamento pedagógico europeu e norte-americano, e um dos mais importantes, se não o maior centro de coordenação e de debates para o estudo e solução de problemas educacionais, ventilados por todas as formas, em que inquéritos, em comunicados à imprensa, em curso de férias e nos congressos que promoveu nas capitais dos Estados [...] aproximando educadores de todos os Estados e congregando-os em diferentes centros culturais do país, teriam propiciado o que chamou de “marcha resoluta para uma política nacional da educação (Carvalho, 1998, p. 31).

As ideias renovadoras ligadas ao Movimento Internacional da Escola Nova, com educadores como Maria Montessori, Ovide Decroly, Edouard Claparède, Adolphe Ferrière, George Kerschensteiner, Lorenzo Luzuriaga, John Dewey, William Heard Kilpatrick, entre outros, começam a ser trazidas pelos professores/intelectuais que estiveram no exterior participando de Congressos, intercâmbios e viagens de estudos. Laura Lacombe, por exemplo, participou de vários congressos representando a ABE. Anísio Teixeira⁷¹, também, esteve na

⁷¹ Anísio Spínola Teixeira (1900 - 1971) nasceu em Caetite, na Bahia. Em 1922, formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, no Rio de Janeiro. Com apenas 24 anos foi nomeado inspetor geral de Ensino do Estado da Bahia. Em

Europa em 1925 e depois viaja duas vezes aos Estados Unidos, em 1927 e outra 1928. Nos EUA, Anísio observa a vida intelectual e educacional americana. Segundo Clarice Nunes (2000, p. 10), “em ambas tem a chance de observar diversos sistemas escolares. Nos Estados Unidos trava contato com a obra do filósofo americano John Dewey que marcou decisivamente sua trajetória intelectual”. Anísio Teixeira ocupava cargos de direção tanto na instrução pública do Distrito federal quanto na ABE e investiu em viagens de professores brasileiros aos Estados Unidos.

Cardoso (2015, p. 75) evidencia que boa parte dos professores que realizaram viagens formadoras estava envolvida com a ABE. Pode-se citar, dentre eles, Manoel Lourenço Bergstron Filho, Carlos Delgado de Carvalho e Antonio Carneiro Leão, todos com cargos diretivos na ABE, e com atividades na instrução pública do Rio de Janeiro. Outras professoras como Consuelo Pinheiro⁷², Celina Padilha⁷³, Maria dos Reis Campos⁷⁴ também viajaram para ampliar sua formação e aprendizado.

1928, estudou na Universidade de Columbia, em Nova York, onde conheceu o pedagogo John Dewey. Em 1931, foi nomeado secretário de Educação do Rio e criou uma rede municipal de ensino completa, que ia da escola primária à universidade. Em 1935, completou a montagem da rede de ensino do Rio com a criação da Universidade do Distrito Federal (UDF). Perseguido pelo governo de Getúlio Vargas, Anísio refugiou-se em sua cidade natal, onde viveu até 1945. Entre 1946 e 1947 ele assumiu o cargo de conselheiro da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Em 1950, criou o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, em Salvador, a Escola Parque. Em 1951, assumiu o cargo de secretário-geral da Campanha de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior (CAPES) e, no ano seguinte, o de diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP). Em 1963, tornou-se reitor da UnB. Com o golpe de 1964, foi afastado do cargo e foi para os Estados Unidos lecionar nas universidades de Columbia e Califórnia. Regressando ao Brasil, tornou-se, em 1966, Consultor da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Faleceu em 11 de março de 1971. Fonte: ABE

⁷² Consuelo Pinheiro era professora de linguagem. Foi secretária da Comissão Executiva da IV CNE, em 1931. A professora Consuelo Pinheiro foi uma das selecionadas pela ABE para as viagens de estudos de 1929 e 1932 (Cardoso, 2015, p. 58). Nessas viagens ela estudou o Método de Projetos no Teachers College e nas escolas anexas Lincoln School e Horace Mann.

⁷³ Celina Padilha foi professora, inspetora, diretora, chefe e superintendente, atuando no magistério do Rio de Janeiro. Participou da I Conferência Nacional de Educação (1927) em Curitiba e apresentou a tese sobre a Educação Sexual, posicionando-se a favor da coeducação.

⁷⁴ Maria dos Reis Campos (1891- 1947) frequentou a Escola Normal do Distrito Federal, onde se formou em magistério. Ao longo de sua carreira exerceu diversas funções no setor educacional. Iniciou sua trajetória como professora em escolas primárias e na Escola Normal. Atuou como docente na Escola de Educação da Universidade do Distrito Federal, na seção de matérias de ensino, e ocupou cargos de diretora e inspetora escolar no Distrito Federal. Foi também superintendente do ensino primário durante a administração de Fernando de Azevedo (1927-1930), contribuindo para a elaboração dos programas para as séries iniciais da prefeitura. Maria dos Reis Campos teve um papel ativo na Associação Brasileira de Educação (ABE), coordenando a sessão de ensino primário a partir de 1924. Participou também da Cruzada Pedagógica pela Escola Nova, onde chegou a ser presidente, o que demonstrou o reconhecimento de seus pares. Além disso, ela foi uma figura ativa no movimento feminista das décadas de 1920 e 1930, sendo sócia e ativista da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Em 1928, participou da comissão executiva da segunda Conferência Nacional de Educação. Ela foi autora de várias publicações, como “Leituras Escolares”, “História Geral”, “Escola Moderna”, “Vida na Cidade”, “Matemática na Escola Primária”, “Modelos de Redação Oficial” e “Rudimentos de Higiene”. Seu livro “Escola Moderna” resultou de uma estadia nos Estados Unidos no início de 1930, quando estudou o Método de Projetos. Nas suas obras, ela equiparou os conceitos de Escola Moderna e Escola Nova, e investigou a história do pensamento educacional europeu, destacando figuras como Montaigne, Francis Bacon, Comenius, John Locke, Rousseau, Pestalozzi, Herbart e Froebel. Fonte: Maciel, 2021.

Professores estrangeiros também foram contratados para ensinar no Brasil. Em 1929, uma comissão conhecida como Missão Europeia chegou a Minas Gerais, composta por Theodore Simon, León Walther, Artus Perrelet e Omer Buyse. Posteriormente, Helena Antipoff se juntou ao grupo, substituindo León Walther (Araújo, 2010; Fonseca, 2010). Esses professores europeus foram recebidos pela ABE. No dia 22 de fevereiro de 1929, na sede da ABE, o professor Leon Walther proferiu uma palestra sobre a obra do Bureau International d'Éducation (Jornal do Brasil, 23/02/1929, p. 7). Em 14 de setembro de 1929, a convite da Associação Brasileira de Educação Profissional, ele falou sobre “Orientação Profissional” na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro (Correio da Manhã, 14/09/1929, p. 8).

Uma nota da ABE sobre a chegada dos professores estrangeiros e a conferência de León Walther na sede da Associação foi divulgada em diversos jornais (Jornal do Brasil, Correio da Manhã, O Paiz, 1929), mencionando também que Walther havia cedido à ABE os direitos autorais de tradução de várias de suas obras. Nos arquivos da ABE há uma carta enviada pela secretária-geral, Lucia Magalhães, a León Walther, em agosto de 1929. A carta, escrita em francês, solicitava autorização para a publicação das obras cedidas por ele em sua primeira visita ao Rio de Janeiro. Ela ainda justificava o atraso involuntário da resposta devido ao desconhecimento de seu endereço atual (Magalhães, 1929). A correspondência foi enviada ao Grand Hotel Suisse em São Paulo. A obra de León Walther⁷⁵ foi publicada no Brasil sob o título “Techno-psicologia do trabalho industrial” pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, em 1929. A tradução para o português foi realizada por Lourenço Filho, que também escreveu o prefácio da edição brasileira, mantendo o prefácio original de Édouard Claparède. Até o presente momento, não foram encontrados outros registros sobre a relação entre os direitos cedidos à ABE e o autor.

1.1 A ABE – UMA POTENTE REDE NOS ANOS 20, 30 E 40

O ano é 1924. Em uma sala da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, um grupo funda a

⁷⁵ León Walther, (1889 – 1963) foi um psicólogo russo especializado em Psicologia Aplicada. Graduou-se pela Faculdade de Letras de São Petersburgo e lecionou em um colégio da cidade antes de se mudar para a Suíça em 1914. Lá, estudou Sociologia em Lausanne e Direito na Universidade de Genebra, além de Psicopedagogia no Instituto Jean-Jacques Rousseau. Devido a circunstâncias políticas, não pôde retornar à Rússia e aplicou seus conhecimentos na indústria relojoeira suíça, aumentando a produção e melhorando as condições de trabalho. Em 1926, defendeu a tese “La technopsychologie du travail industriel”, uma das primeiras obras sobre Tecnopsicologia. No Brasil, contribuiu para a implantação do Laboratório de Psicologia em Belo Horizonte em 1929 e organizou o Departamento de Orientação e Seleção Profissional do SENAC-RJ em 1948. Publicações traduzidas para o português incluem “Psicologia do trabalho industrial” e “A orientação profissional e as carreiras liberais. Fonte: Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil – Pioneiros disponível em <http://newpsi.bvs-psi.org.br/cgi-bin/wxis1660.exe/iah/> acesso em 12/07/2024.

Associação Brasileira de Educação (ABE), iniciando um movimento de renovação educacional, com a ideia de criar um projeto que elaborasse uma política nacional de educação. Ao analisar as atas iniciais da ABE já é possível perceber que a Associação utilizava várias estratégias para se comunicar e interagir com os associados e demais educadores com o intuito de pôr em prática a ideia de estabelecer uma nova educação: “A remodelação e reestruturação do sistema escolar era tema dos debates que se constituíam como objetivo central da ABE, com vistas a formulação e implementação de uma política nacional de educação” (Carvalho, 2003, p. 49).

Entre os primeiros movimentos estão a nomeação de membros do Conselho, aprovação dos estatutos, a constituição das seções e demais atividades práticas, como levantamento das legislações de outros estados relacionadas à instrução pública, levantamento de informações dos professores de escolas normais, secundárias oficiais ou reconhecidas, organização da biblioteca e a promoção de conferências (ABE, Boletim, 1925, p. 3).

Também foi definido um símbolo que representasse a ABE. Ele foi elaborado pelo engenheiro, arquiteto e professor de desenho, integrante da Associação, Fernando Nerêo de Sampaio⁷⁶, e discutido em duas assembleias da ABE, conforme as atas. Na primeira delas, Sampaio apresentou alguns croquis aos participantes da reunião. Alguns dias depois, a ata registra que “foi aprovado, dentre os desenhos apresentados pelo Sr. Nereo de Sampaio, um deles, para constituir o emblema da Associação” (ABE, Ata, 15/05/1925).

Segundo o estudo de mestrado de José Roberto Pereira de Peres (2015), que investigou a vida e o trabalho do professor Fernando Nerêo Sampaio, o emblema da ABE representava os ideais da causa cívico-nacionalista da Associação daquele período. Conforme apresenta-se na figura (05), as imagens da tocha em chamas e do mapa do Brasil seriam uma forma de reforçar o papel da ABE como condutora da luz da educação para a população brasileira.

⁷⁶ Fernando Nereo de Sampaio era engenheiro-arquiteto e professor de Desenho, foi uma figura importante no cenário educacional brasileiro das décadas de 1920 e 1930. Contribuiu para a valorização do ensino de Desenho e Artes no currículo do curso de formação de professores primários e para criação de um curso de especialização em Desenho e Artes no Distrito Federal. Como arquiteto, atuou na Reforma Fernando de Azevedo, sendo responsável por vários projetos de edifícios escolares que exaltavam o estilo neocolonial, cuja pretensão era recuperar os traços da identidade arquitetônica brasileira. Fonte: Dissertação de Mestrado José Roberto Pereira de Peres. A linha mestra e o mestre das linhas: Nerêo Sampaio e a história da formação de professores de Desenho e Artes no Rio de Janeiro (1927-1939).

FIGURA 5 - EMBLEMA DA ABE



FONTE: Boletim da ABE, ANO II, 1927.

Além de uma marca visual, a ABE portava o lema:

O problema da educação nacional só estará a caminho de ser resolvido no dia em que possuímos uma 'elite' esclarecida e consciente, capaz de compreender sua importância e de empreender sua solução. Preparar uma 'elite' é, pois, o primeiro passo a realizar (ABE, Boletim, 1927, p. 1).

Outro rastro da chancela da causa educacional promovida pela ABE é visto nos envelopes avulsos encontrados nas pastas referentes às IV e V Conferências Nacionais de Educação, já exibidos e analisados em minha dissertação de mestrado. Esses envelopes, como um material de propaganda, também podem ser tomados como uma forma de exibir os ideais da ABE, bem como reforçar a assinatura do grupo que trabalhava e atuava em prol da educação nacional. As frases⁷⁷ escritas e assinadas pela ABE dão conta de propor alguns lemas e/ou princípios que legitimariam o projeto da Associação (Allgayer, 2020). Recentemente, investigando em jornais e revistas, identifiquei tais frases lema/princípios também publicados recorrentemente nas revistas *Semana da Educação*, no *O Malho* e em alguns jornais.

A ABE marcou seu espaço e investiu em várias estratégias, tais como o uso do rádio, do cinema, dos jornais, das Conferências, das exposições⁷⁸, do Boletim da ABE e outras publicações, como um caminho para discutir e divulgar assuntos educacionais e científicos. As conferências realizadas entre 1927 e 1929, conforme os programas impressos pela Associação, eram divulgadas e irradiadas. Ela também tomou a iniciativa do Quarto de Hora Educativo da Confederação Brasileira de Rádio Difusão, mantendo a parceria com a Rádio Sociedade do Rio

⁷⁷ Sobre as frases/lemas da ABE, consulte a dissertação: *As exposições e Eventos nas Conferências Nacionais de Educação: um repertório pedagógico para se dar a ver (1927-1956)*, conforme as referências.

⁷⁸ Realizaram-se várias exposições, 3 de literatura infantil, uma de arquitetura escolar, uma de Educação e Estatística e outra de Brinquedos Educativos, além de todas aquelas vinculadas as CNEs. Fonte ABE.

de Janeiro. Em relação à estratégia de divulgação utilizada pela ABE desde a sua fundação, encontra-se o envio constante de comunicação para os 10 maiores Jornais do Rio de Janeiro, em setembro de 1925, solicitando a divulgação o trabalho da ABE para despertar as várias camadas sociais do país. Ainda no acervo, foi possível localizar uma lista da imprensa com mais de 200 nomes de jornais existentes em todo o Brasil aos quais a ABE encaminhava os seus comunicados como uma ação recorrente.

A Associação publicou 3 revistas, de início o “Boletim da Associação Brasileira de Educação”, mais tarde a “Schola” e posteriormente a “Educação”.

Os jornais, as revistas e as publicações que versavam sobre instrução também eram mobilizados. Esses meios publicavam as conferências, os artigos, as experiências dos educadores da época, bem como divulgavam as atividades das Associações em geral. A revista de José Augusto, chamada A Educação (ago. 1923), no Rio de Janeiro, impresso que se autointitulava a “*revista mensal dedicada a defesa da Instrução no Brasil* (mai. 1923), contava com mais de cinquenta colaboradores, entre eles, Afrânio Peixoto, Bertha Lutz, Antonio Carneiro Leão⁷⁹, Everardo Backheuser, Heitor Lira da Silva e Lysimaco Ferreira da Costa. Sujeitos que no ano seguinte já estavam envolvidos diretamente com os propósitos da ABE.

Uma nota no Boletim de 1925 informa que o Conselho Diretor da ABE registrou em ata o agradecimento a empresa Albuquerque Neves e Cia, proprietária da Revista A Educação, pelo valioso apoio dispensado à Associação, “dedicando-lhe dois fascículos (6-7, 8-9), da referida revista. Para esses números, recebeu a Associação 62 trabalhos, dos quais 44 originais”, (ABE, Boletim, 1925, p. 4). A Revista Schola, publicada em 1930, que substituiu o Boletim da ABE publicado entre 1925 e 1929, foi produzida apenas por um ano, totalizando nove números. Além de publicar artigos voltados ao ensino, informações sobre o trabalho da ABE, regimentos e notas em geral, a revista publicava no sumário um aviso em que solicitava permuta em quatro idiomas: alemão, italiano, inglês e espanhol.

Essa permuta poderia estar relacionada à troca de revistas com outras associações e ou publicações congêneres de outros países. Algumas cartas sinalizam esse movimento como, por exemplo, uma enviada pela Union Pan-Americana (UPA) que solicita a Heitor Lira, da ABE, diferentes publicações. O texto é assinado pelo subdiretor Esteban Gil Borges e informa que a Seção de Educação “está interessada em possuir uma lista [...] das revistas que possam pôr-nos

⁷⁹ De acordo com Rabelo e Vidal (2020, p. 31), Carneiro Leão começou a se corresponder com Ferrière em 28 de março de 1924. As autoras afirmam que, provavelmente, Leão foi motivado pelo que viu na *Pour l’Ere Nouvelle* e escreveu para o fundador/redator discorrendo sobre a educação no Rio de Janeiro. Segundo as autoras, Ferrière fez a primeira referência ao Brasil citando a carta de Carneiro Leão.

ao corrente das universidades, escolas, professores e estudantes deste país, assim como também das revistas dedicadas a ciência e a educação”, (Borges, 1925). Em 1929, uma outra carta da Union Pan-Americana/Secção de Cooperação Intelectual confirma a troca de publicações (Brainerd, 1929).

Outro exemplo que evidencia essa troca é uma carta enviada de Buenos Aires, Argentina, em 1929, pela Internacional del Magisterio Americano (IMA). Nela, Pedro B. Franco informa o recebimento da revista *Schola* e menciona que enviará a revista da IMA para a ABE (Franco, ABE, 1928). Há ainda outra carta enviada a Miss Lois Williams, no Rio de Janeiro, agradecendo o envio das revistas de Sociologia e de Folclore Americano para a Biblioteca da ABE (ABE, 1933). Esses documentos ajudam a evidenciar uma rede de colaboração e intercâmbio de materiais entre as associações.

Menos de um ano após a sua fundação, a ABE envolveu-se nas tratativas do uso do cinema nas escolas. A correspondência datada de 1925, do então presidente da ABE, Levi Carneiro, para o Governador do estado daquele período, informava sobre o Plano de utilização sistemática do cinematógrafo (Carneiro, 1925). Também sobre o uso da radiotelefonía, como veículo de educação popular. O plano foi divulgado conforme a imprensa⁸⁰. Nas atas de 1926, constam alguns registros sobre quais filmes deveriam/poderiam ser exibidos no contexto da educação. Segundo os registros, a ABE recebia a listagem dos produtores de filmes com os títulos do corrente mês. Também, Branca Fialho sugere que seja feito um inquérito dentro e fora da ABE sobre a questão do cinema para firmar uma posição da Associação sobre o tema; mas como não havia um protocolo, desistiram da ideia. Maria Luiza Azevedo⁸¹ disse: “os filmes que devem ser recomendados, serão instrutivos, didáticos e recreativos, quando de acordo com a mentalidade da criança. Os policiais, de grandes lances dramáticos ou trágicos, não serão de forma alguma recomendados mesmo que o enredo não seja contra a moral ou venha como corretivos(?)⁸² porque exercem incontestavelmente perniciosa influência no espírito infantil”, (ABE, Ata, 10/12/1926).

⁸⁰ Matéria no jornal Correio da Manhã, do Rio de Janeiro, de 29/09/1925, publicou o programa de difusão de ensinamentos por meio de radiofonia e cinematógrafo organizado pela ABE. Segundo o texto, o documento foi publicado em todos os estados da federação, território do Acre e Distrito Federal. Fonte: Hemeroteca Nacional Digital. A Revista Brasileira de Ensino, de setembro de 1925, nas páginas 4 e 7, publicou material relacionado ao uso sistemático do cinematógrafo e da radiofonia na obra da educação nacional da ABE.

⁸¹ Maria Luiza Camargo de Azevedo (1889-1973) era educadora e fez parte do Conselho Diretor da Associação Brasileira de Educação. Foi membro da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, do Centro Paulista, do Conselho de Assistência e Proteção aos Menores e da Comissão Executiva do pavilhão Argentino. A referida intelectual também participou de campanhas beneficentes católicas, como a “Campanha Pró-Edifício Anchieta”, promovida pela Ação Social brasileira em parceria com a Associação dos Professores Católicos do Distrito Federal. Fonte: <https://intelectuais.com.br/catolicos/maria-luiza-camargo-de-azevedo/> acessado em 24/06/2024.

⁸² Foi mantida a escrita conforme a ata, que inclui o sinal de questionamento.

Maria Luiza Camargo de Azevedo foi fundadora da Tarde da Criança, um espaço dedicado ao divertimento da criança que, conforme artigo 1 do estatuto publicado no jornal, “proporcionaria espetáculos e toda a sorte de divertimentos adequados às crianças” (Jornal do Brasil, 08/01/1926, p. 6). Ao que tudo indica, o trabalho da educadora chamou a atenção da Playground And Recreation Association of America pela campanha junto aos cinemas feita por algumas secções da ABE. Na ata consta o registro de elogio pelo trabalho, bem como oferecimento de apoio da Playground para as informações de que necessita, assim como propunha que a ABE assinasse a revista “The Playground”. Na mesma ata estão anotadas algumas sugestões para ampliar a campanha de cinema, por exemplo, entrando em contato com a Liga das Nações, entre outros pontos (ABE, Ata, 10/12/1926).

No ano seguinte, ou seja, nas atas de 1927, há registros de uma proposta para a ABE criar uma seção chamada Rádio Cultura, na Rádio Sociedade, inclusive com alguma subvenção. Branca Fialho chama atenção para uma possível falta de liberdade ao concordar com a subvenção, mas Ferdinando Labouriau informa que a subvenção seria apenas para o programa de rádio educativo e não implicaria na liberdade de opinião da ABE (ABE, Ata, 8/04/1927).

Uma outra ação que envolve o cinema está ligada ao inventor Alberto Santos Dumont. Em 1929, a ABE organizou um filme sobre os inventos e a projeção na aviação mundial conquistada por Santos Dumont. Uma carta⁸³ de 1929, sem assinatura, que pode ser atribuída a Santos Dumont, para o então presidente da ABE, Vicente Licínio Cardoso⁸⁴, o autoriza “a tratar, em qualquer centro de cinematografia do filme nacional *Santos Dumont - sua vida e seus*

⁸³ Cópia da carta de Santos Dumont para Vicente Licínio Cardoso, com data de 19 de janeiro de 1929, sem assinatura, arquivada na ABE.

⁸⁴ Vicente Licínio Cardoso (1889-1931) formou-se como engenheiro civil em 1912 e engenheiro geógrafo em 1916. Em 1916, optou por viajar aos Estados Unidos para participar do Congresso Científico Pan-Americano, em Washington, experiência que influenciou sua visão sobre educação e sociedade. Sua atuação na área da Educação o tornou conhecido na década de 1920, momento em que foi presidente da Associação Brasileira de Educação (ABE). Veio, em 1927, a ocupar a cadeira de “arquitetura civil-higiene dos edifícios-saneamento das cidades” na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Em 1928, no contexto de constantes enfrentamentos entre os grupos que compunham a instituição, Vicente Licínio, atendendo a convite de Amoroso Costa, assumiu a presidência da ABE. Durante seu mandato, a Associação realizou a Segunda Conferência Nacional de Educação, em Belo Horizonte. Na ocasião, Vicente Licínio defendeu a necessidade de realização de uma grande cruzada educacional pelo país, com o intuito de divulgar a causa e nacionalizar a associação. Sua liderança na ABE marcou sua contribuição à educação nacional, promovendo debates e políticas voltadas para a modernização e democratização do ensino no Brasil. Também organizou um inquérito coletivo sobre o ensino superior brasileiro, publicado em 1929 no livro *O Problema Universitário Brasileiro*. Foi defensor sem reservas da Escola Nova. Em dezembro de 1928, um acidente de avião matou Amoroso Costa e Labouriau, dois grandes companheiros de Vicente Licínio, fato que o marcou profundamente e o levou a engajar-se de forma mais decidida no que chamava de “raids educacionais”. Em 1929 Vicente Licínio organizou a Federação Nacional das Sociedades de Educação, tentativa de construir um órgão mais federativo e nacional, capaz de impulsionar a causa educacional. Viajou e conheceu os Estados Unidos da América e posteriormente a Europa. De Lausanne, na Suíça, escreve para o político e educador José Augusto Bezerra de Medeiros sobre a educação no Brasil informando que o país estava em um bom momento para realizar um programa de formação nacional. Fonte: ABE e Dicionário de Educadores do Brasil (p. 476 a 481).

inventos, já editado pela Ita Film” (ABE, Carta, 1929). A mesma carta concede à ABE os direitos autorais e 33 por cento dos benefícios líquidos advindos da exploração comercial. Quinze dias depois, há o registro de uma outra correspondência de Vicente Licínio Cardoso (1929) dirigida para Isabel Jacobina Lacombe, que naquele momento ocupava o cargo de presidente da ABE, informando que ele pretendia viajar ao sul do país em companhia do professor Ignacio Amaral para propagandear a educação nacional, e que levaria o filme de Santos Dumont, com os direitos de propriedade e de exploração doados à ABE.

FIGURA 6 - EXIBIÇÃO DO FILME SANTOS DUMONT E SEU INVENTOS NA SEDE DA ABE, VENDO-SE NO CENTRO O INVENTOR BRASILEIRO.



FONTE: Revista o Cruzeiro, 1929, p. 11. Hemeroteca Nacional.

O jornal *A Noite* divulgou a exibição do filme sobre a obra e inventos de Dumont e o envolvimento da ABE. Segundo o jornal, a iniciativa para a produção do filme partiu do presidente da ABE, Vicente Licínio Cardoso, após o desastre conhecido como a grande perda⁸⁵. A concepção do filme foi do professor Roquete Pinto e a produção foi feita pela empresa Ita-Film, do proprietário João Stamato⁸⁶. De acordo com o jornal:

⁸⁵ O desastre aéreo “a grande perda” ocorreu numa segunda-feira, dia 03/12/1928, no Rio de Janeiro, e ficou marcado como o 1º grande acidente da aviação brasileira. Naquele dia, Santos Dumont voltava ao Brasil após temporada de seis anos em Paris. Do convés do transatlântico Cap. Arcona, o inventor seria recepcionado por dois hidroaviões Dornier Wal, o “Santos Dumont”, prefixo P-BACA, e o “Guanabara”, prefixo P-BAIA, que lançariam mensagem de boas-vindas nos céus. Alguns professores/intelectuais decidiram participar da homenagem jogando flores e pequenos paraquedas com uma carta desejando boas-vindas a partir da aeronave. As duas aeronaves entraram em rota de colisão e 5 integrantes da Associação Brasileira de Educação morreram no acidente: Amoroso Costa, Ferdinando Labouriau, Tobias Moscoso, Amaury de Medeiros, Castro Maya e Frederico Coutinho. Fonte: Matéria O Jornal 04/12/1928, Capa. A Catástrofe de ontem consterna o país inteiro, disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital.

⁸⁶ João Stamato nasceu em 1886, em São Carlos, São Paulo, e foi um fotógrafo e cineasta brasileiro. Era filho de Giuseppe Stamato e Felicia Stamato, descendentes de italianos. João Stamato casou-se com Thereza Funari Stamato em 1915 e teve 5 filhos. Foi pioneiro na fotografia e cinema brasileiros, participou de inúmeras produções cinematográficas, incluindo filmes de ficção, documentários e filmes de animação. Stamato viajou com um grupo

o espectador irá compreender o que se apresentou de audácia a obra dos primeiros tempos da navegação aérea com a insuficiência de recursos mecânicos da época. Santos Dumont voava em Paris, tirando partido até mesmo, da própria leveza física, ao equilibrar a força ascensional do balão com o seu pequeno peso. Por um requinte de gentileza, Santos Dumont deixou-se filmar, no Museu Nacional, quando explicava o aparelho auxiliar do skyeur. A ABE, embora carecendo de recursos pecuniários para o desenvolvimento dos seus objetivos, correspondendo a primeira sugestão de Santos Dumont, resolveu distribuir a receita da passagem do filme por institutos educacionais, entre eles a Bolsa Irineu Marinho, Caixa dos Bandeirantes, Caixa dos Escoteiros, Assistência aos Menores, Escola da Associação Brasileira de Imprensa, Pequena Cruzada, Casa Marcílio Dias, Curso para as Mães e outras. Uma das quotas apenas ficará para a ABE e destina-se a sua Biblioteca Pedagógica, ora em organização, que assim poderá realizar um dos itens de seu projeto – estender pelo Brasil todo e impulsionar a tradução de bons livros estrangeiros de metodologia e o aparecimento de obras pedagógicas nacionais (A Noite. 11/01/1929, página ilegível).

Já nos primeiros anos de atuação, a ABE também se fez representar fora do país, extrapolando as fronteiras e participando em vários eventos e congressos voltados a debater as ações relacionadas à educação. Tratou, por exemplo, de enviar Raymonde de Vasconcellos ao IV Congresso Internacional de Educação Moral, em Roma, como representante da Associação. Em 1927, ao Congresso Pan-Americano do Chile, uma comissão de representantes da ABE composta pelos professores Tobias Moscoso, Maurício de Medeiros e Fernando Raja Gabaglia (ABE, Boletim, 1928, p. 2). No mesmo ano, no IV Congrès International d'Education Nouvelle, em Locarno, na Suíça, foi representada pela professora Laura Lacombe⁸⁷, que foi a primeira correspondente do BIE no Brasil. Ainda, a Associação nomeou o professor Fernando Raja Gabaglia para o Congresso Pan-Americano de Ensino Secundário, em Piriápolis, Uruguai

de cientistas e engenheiros entre setembro de 1911 e fevereiro de 1912 pelos vales dos rios São Francisco e Tocantins. Stamato documentou a viagem, capturou imagens de casas, costumes e pessoas. Ele tinha conhecimento técnico e sensibilidade para fotografar a vida nessas regiões. Trabalhou como funcionário da Ferrovia Central do Brasil e do Instituto Oswaldo Cruz, que fazia estudos para uma linha férrea de Pirapora (Minas Gerais) a Belém (Pará). Stamato colaborou em um curta-metragem de animação de sucesso intitulado “Macaco Feio, Macaco Bonito” (1929). O filme, criado no estilo dos irmãos Fleischer, famosos pela criação de Betty Boop, conta a história de um macaco fugindo do zoológico. Stamato produziu curtas e longas de ficção, animação e documentários: “A Viuvinha” (1916), “Coração de Gaúcho” (1920), “Ubirajara” (1919), “Amor de Perdição” (1918), “A Quadrilha do Esqueleto” (1917), “Pátria Brasileira” (1917) e “Perdida” (1916). Fonte: <http://www.labhoi.uff.br/verbetesfotografia/node/36>. Acesso em 10/03/2022.

⁸⁷ Depois que visitara Locarno (1927) para participar do Congresso Internacional de Educação Moderna, promovido pela Ligue Internationale de Education Nouvelle, Lacombe visitou muitas outras cidades: Nova York (1929), como membro da missão de estudos da ABE em estágio no Teacher's College; Bruxelas (1933), para estudar na Université Catholique de Louvain; Veneza e Paris, provavelmente em 1945, como participante do Congresso da Union Internationale Catholique de l'Infance; Bogotá (1945), por ocasião da fundação da Confederação Internacional de Educação Católica; La Paz (1948), onde integrou Comissão de Estudos; Novamente Bogotá (sem data), para participar do Seminário Regional de Educação das Organizações Não-Governamentais (ONU); Além de Estrasburgo (1961), Atenas (1956), Bruxelas (1958), Zagreb (1960), Londres (1962), Estocolmo (1964), Paris (1966), Washington (1968) e Alemanha (1970), quando representava o Brasil nas assembleias mundiais da OMEP. Fonte: MIGNOT, Ana Chrystina. “Claparède, mestre e amigo: memórias de travessias”, disponível nas referências.

(ABE, Boletim, 1928, p. 3). Também, algumas atas do Conselho Diretor da ABE (ABE, Ata, nov./1927) indicam que a responsabilidade de interlocução com o BIE pode ter sido compartilhada entre Laura Lacombe e Everardo Backheuser.

Os congressos eram os grandes palcos dos debates. O IV Congresso Internacional de Educação Moral, realizado em Roma, em 1926, por exemplo, foi um evento que reuniu educadores, acadêmicos e especialistas de várias partes do mundo para discutir questões relacionadas à educação moral e ética. Esse congresso ocorreu em um momento em que havia uma crescente preocupação global com o papel da educação na formação do caráter e dos valores dos indivíduos. Para ter-se uma ideia, reuniu mais de 300 pessoas, de 36 nações das quais 27 governos enviaram delegados especiais, inclusive o Brasil. Durante o congresso, foram abordados diversos temas, incluindo métodos de ensino da ética, o desenvolvimento moral das crianças e jovens, o papel da família e da sociedade na formação moral, entre outros. De acordo com a jornal o PAIZ, dois temas foram debatidos: a) Possibilidades de um Código Moral Universal como base da educação e b) A personalidade; meios de desenvolvê-la na família, na escola e na sociedade (O Paiz, 19/11/1926, p. 01).

O evento também proporcionou uma oportunidade para troca de ideias, compartilhamento de pesquisas e experiências práticas no campo da educação moral. No local onde foi realizado o IV Congresso Internacional de Educação foi montada também uma exposição da Cruz Vermelha Juvenil Italiana, que incluiu dados e trabalhos escolares e uma mostra de livros (Congresso Internazionale d'Educazione Morale, 1926, p. 219-224). O Congresso ocorreu logo após a Primeira Guerra Mundial, o que também influenciou as discussões, com um foco renovado na promoção da paz, na construção de sociedades mais justas e na prevenção de conflitos futuros por meio da educação moral. O Brasil foi representando por Dr. Deoclécio de Campos, antigo professor ordinário na Faculdade de Direito do Pará, que presidiu a Sétima Sessão Plenária do Congresso, e por Raymonde de Vasconcellos, representante da ABE. O texto escrito Vasconcellos e publicado no Boletim, na seção “ABE no Exterior” do Boletim da ABE de 1927, mostra parte do debate de uma das mesas do congresso:

A essas sessões compareciam em geral uns sessenta representantes de diversos países. Nem todos os discursos eram interessantes, pois, alguns oradores ocupavam-se mais de assuntos particulares às sociedades que representavam, que do assunto geral para o qual estávamos reunidos. Outros, porém, pronunciados por autoridades como o Sr. Ferrière, de Genebra e o Sr. Crouset eram do maior interesse, fazendo grandes esclarecimentos e adiantando as ideias expostas. Tratava-se de discutir sobre os meios de desenvolver a personalidade da criança, na família, na escola e na sociedade. Discutia-se o seguinte: se, para a criança, seria melhor submetê-la a programas uniformes, estabelecidos de antemão ou se ao contrário, dever-se-ia partir da sua personalidade para estabelecer o programa de estudos, programa que lhe seria,

se assim podemos dizer, pessoal, adoptado no seu carácter e aos seus gostos (Vasconcellos, 1927, p. 8-9).

Laura Lacombe, em viagem à Europa, representou oficialmente o Brasil no Congresso Internacional de Educação Moderna, em Locarno. Para essa viagem, a ABE escolheu dez educadores para representar os professores brasileiros nesse importante evento internacional. Em um discurso manuscrito arquivado na ABE⁸⁸, Laura registra o significado e a dimensão daquele Congresso como uma oportunidade de estar em contato com os melhores educadores da época:

Tendo sido confiada a mim a honrosa missão de representar a Associação Brasileira de Educação no ‘Congresso Internacional de Educação Moderna’ realizado em Locarno, procurei desempenhar bem o meu encargo para corresponder à confiança que em mim depositaram os diretores desta Associação. Como disse no Congresso, não sou eu a pessoa mais competente para representar o professorado brasileiro, porém sou uma d’aquelas que mais desejo tem de acertar e que acredita ser aquele núcleo de saber o detentor da verdade, no que diz respeito à educação. Aquele é foco luminoso que esclarece nas cinco partes do mundo os que dedicam sua vida à causa mais nobre que existe. [...] Quarenta países, de todos os continentes, estavam representados (Lacombe, 1927).

Para além dos Congressos, a ABE também estabeleceu um diálogo com o Instituto Internacional de Cooperação Intelectual entre os anos de 1929 e 1930. Em correspondências de junho de 1929 e de março de 1930, a ABE informa a Eliseu Montarroyos, Embaixada do Brasil, Paris, França, que ele foi denominado delegado representante da ABE junto ao Instituto Internacional de Cooperação Intelectual.

A ABE também tinha credibilidade internacional. Recebeu aqui no Brasil vários professores e representantes de associações congêneres, promovendo conferências, palestras e encontros. Em 1924, recebeu o professor belga, doutor em Direito, engenheiro agrônomo e Diretor Geral do Ministério de Agricultura da Bélgica, Paul de Vuyst, um dos propulsores do ensino da educação rural de ambos os sexos e vice-presidente da comissão internacional da educação pelo lar. As palestras feitas por Vuyst teriam tido Bertha Lutz como interlocutora e organizadora (Venancio Junior, 2019 p. 455), tendo em vista que Lutz⁸⁹ estivera em território belga um ano antes. Nas atas da ABE também consta o registro de que a palestra de Vuyst chamou a atenção da imprensa. De acordo com o jornal O Paiz, o evento teria sido muito concorrido e o professor Vuyst teria abordado os temas Ensino Doméstico Agrícola e o papel

⁸⁸ No relatório de Laura Jacobina Lacombe o título do Congresso está traduzido como Congresso Internacional de Educação Moderna e foi apresentado ao Conselho Diretor da Associação Brasileira de Educação em reunião realizada em 1 de novembro de 1927. Fonte: ABE

⁸⁹ Ver trabalho de Venâncio Junior, que aborda as Relações Educativas Belgo-Brasileiras: Economia Doméstica Agrícola sob a ótica de Bertha Lutz e Paul Vuyst na Associação Brasileira de Educação (1923 – 1924).

do lar na educação (O Paiz, 29/11/1924).

No mesmo ano (1924), a ABE recebeu o Diretor do Ginásio Nacional de Bogotá, o professor Agustín Nieto Caballero⁹⁰. Em 1926 recebeu, da Universidade de Lima, o secretário geral da Associação Cristã de Moços da América do Sul, Juan Mackay, que participou de reunião da ABE e de cursos promovidos por Roquete Pinto (ABE, Boletim, 1926). A Associação também moveu esforços para trazer ao Rio de Janeiro a educadora italiana Maria Montessori, que esteve em São Paulo. Segundo a ata da ABE, Deodato de Moraes foi incumbido de fazer o contato com o Ministro da Itália e outras pessoas que pudessem garantir o êxito da ideia, que não teve sucesso (ABE, Ata, set.1926). Em 1927, vindo da Universidade de La Plata, o professor Alfredo Ferrera recebeu a escritora alemã Lina Hirsch, de Sttudgard, com palestra sobre os problemas femininos na Alemanha (ABE, Boletim, 1928). Em conjunto com outras associações, patrocinou as palestras da escritora Elsa Thulin, de Paul Rivet e Paul Langevin, entre outros. A palestra de Thulin, por exemplo, versava sobre cultura e vida moderna na Suécia e contou, inclusive, com a “projeção de aspectos característicos da Suécia, da sua natureza, costumes e principalmente, em suas indústrias domésticas” (ABE, Boletim, 1925, p. 11).

Já em 1930, alguns jornais⁹¹ e a Revista Schola dão destaque para a visita de Edourd Claparède ao Brasil:

O professor Claparede veio com o fim de conhecer o Brasil, sobre o qual lhe fizeram entusiásticas referências as suas colaboradoras de Genebra, Sras. Helena Antipoff e Artus Perrelet, hoje professoras contactadas na Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte. Durante a sua estadia no Rio, fez, sob os auspícios da Associação Brasileira de Educação, uma série de conferências sobre questões de psicologia aplicada, cujos resumos serão oportunamente publicados pela Schola (Revista Schola, 1930, p. 260).

Claparède retornou ao Rio de Janeiro em outubro e realizou mais duas conferências abordando os seguintes temas: uma sobre a Psicologia da Escola Ativa e a outra sobre os Institutos de Educação, também noticiadas pela imprensa (Mignot, 2020).

Destas participações e de outras pode-se perceber que a ABE, desde o início das suas atividades, estava muito atenta às ideias de renovação pedagógica que vinham ocorrendo em vários lugares do mundo. Por exemplo, Agustín Nieto Caballero foi um educador colombiano renomado, conhecido por sua contribuição significativa para a educação na América Latina, especialmente no contexto da Escola Nova. Paul Langevin era o presidente do grupo francês da

⁹⁰ Nas atas da ABE consta o registro que Heitor Lyra comunica que o professor A. Nieto Caballero, diretor do moderno Ginásio de Bogotá (Colômbia), está no Rio de Janeiro. Propõe que a ABE convide o professor a fazer uma Conferência patrocinada pela Associação e também pede que haja uma confirmação da Conferência.

⁹¹ Ver matérias em O Jornal, 19/07/1930 e no Correio da Manhã, 14/07/1930, disponíveis na Hemeroteca Nacional Digital.

educação nova. Esses encontros com esses nomes, os convites a eles para a realização de conferências, as aproximações e um possível estreitamento das relações, são oportunidades de trocas de experiências e de conhecimento.

FIGURA 7 - JANTAR OFERECIDO PELOS SÓCIOS DA ABE AO PROFESSOR LANGEVIN EM 17/09/1928, NO CLUB DOS BANDEIRANTES



FONTE: ABE

Sobre o registro acima (Figura 7), explica-se que os números e nomes dos presentes reproduzem as anotações da ABE. A foto original apresenta uma folha de papel vegetal sobreposta à imagem, nominando os participantes. Desta maneira, esta reprodução foi elaborada para este trabalho.

As atas da ABE indicam que, inicialmente, a divulgação era amplamente realizada por meio da troca de correspondências, artigos, catálogos, impressos e informações sobre educação. Isso incluía o envio de livros e publicações para revistas e jornais, bem como a divulgação de conferências e cursos pelo rádio. Além disso, houve um intenso intercâmbio de professores, aproveitando ao máximo a estadia de cada visitante para que realizassem conferências na ABE ou sob sua chancela.

Não é possível mensurar o volume de trabalho relacionado ao envio de correspondências da ABE. Entretanto, o relatório de atividades da ABE ano de 1933, sobre a administração do departamento, sinaliza que os trabalhos da secretaria precisam ser reorganizados para ampliar o fôlego da Associação. Uma sugestão presente no relatório daquele ano para reduzir o trabalho das duas secretárias seria a confecção de cartões impressos para acusar e agradecer o recebimento e o oferecimento de livros e demais publicações congêneres, que eram datilografados pelas secretárias. Outra recomendação seria definir melhor o horário que a

datilógrafa deveria cumprir na ABE nacional. No mesmo documento existe menção ao excelente desempenho da secretária Carmen Jordão, que vinha trabalhando horas excedentes às previstas no seu contrato. Uma comunicação interna⁹² da ABE, datada de 1936, com solicitação de material para a secretaria relacionado a distribuição mensal de informações, fornece uma visada do tamanho do esforço da ABE em comunicar as suas atividades, ampliar a rede, manter contatos com os associados e com as associações congêneres (nacionais e internacionais), revistas e a imprensa do Brasil. Segundo a solicitação de material, somente com os comunicados eram gastas duas mil folhas de papel, mais duzentas sobrecartas (ABE, Carta, 1936).

A análise das atas, correspondências (enviadas e recebidas) e impressos pedagógicos revela a rede de relacionamentos que a ABE mantinha. Tais documentos dão um panorama bastante amplo da quantidade de associações e instituições com que ela dialogava, ou tentava dialogar: são associações nacionais⁹³ e internacionais, instituições, escolas, imprensa, governo, embaixadas, casa de comércio, capilarizando uma rede de conexões para ampliar o debate da educação brasileira.

Outro documento que evidencia as tentativas da ABE em estreitar as relações com as associações congêneres é uma correspondência enviada para a Academia Brasileira de Letras, com cópia para outras 20 associações, pelo então primeiro secretário Carlo de Queiróz em 1931, conforme o conteúdo abaixo:

A Associação Brasileira de Educação, compreendendo que a solução do problema nacional a que dedica a totalidade dos seus esforços está na centralização da ação de associação congêneres, resolveu por unanimidade de votos do seu Conselho Diretor solicitar de V. Ex. e desta agremiação que vem realizando programas de tanto alcance social, a designação de um representante junto a A.B.E. Este representante, na qualidade de membro colaborador, tomará parte nas reuniões do C. D. e será a voz autorizada que, nas futuras deliberações da A.B.E. em prol da educação nacional representará

⁹² Comunicação interna de 18/04/1936 com o pedido de material para o ano. Ela informa também que não recebeu quase nada que foi solicitado. Fonte Correspondências da ABE

⁹³ Lista das Instituições presentes nas relações dos educadores/intelectuais Nacionais: Divisão de Cooperação Intelectual do Ministério das Relações Exteriores, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, União dos Trabalhadores Intelectuais, Departamento do Ensino do Exército, Federação dos Escoteiros do Brasil, Centro de Pesquisas Educacionais, Instituto de Cegos, Sociedade Acadêmica de Aproximação Intelectual, Liga Brasileira contra a Tuberculose, Escolas profissionais e Industrial, Sociedade Acadêmica de Eugenia, Academia Brasileira de Ciências, Academia Brasileira de Letras, Academia Brasileira de Escritores, Casa do Estudante do Brasil, Instituto Histórico Geográfico, Instituto Nacional de Agronomia, Departamento Nacional da Criança, Departamento de Estradas e Rodagem, Instituto Nacional de Cinema Educativo, Associação Brasileira de Imprensa, Departamento de Ensino Naval, Departamento Nacional de Educação, Comissão Censitária Nacional, Instituto Brasileiro de Culturas, Escola Nacional de Educação Física, Divisão de Cooperação, Universidades, Cruzada Nacional da Educação, Ordem dos Advogados, Associações de Educação, Liga da Defesa Nacional, Rotary Club, Imprensa, Colégios e Igrejas. Internacionais: Bureau Internacional de Educação, Instituto Jean-Jaques Rousseau, Academy of Political Science – Columbia University, Institute of International Education. Fonte: Ver tese de doutorado de Telma Faltz Valério, 2013, p. 53.

os altos desígnios da agremiação a que pertence (ABE, Carta, 1931).

Assumindo que as cartas são objetos imbricados de práticas culturais e sociais, devido à natureza comunicativa, elas deixam suas marcas, seus rastros evocativos tanto sobre emissor e destinatário, assunto, ano, lugar, como também sobre a sua materialidade, e podem cristalizar algumas representações da história por meio de notícias, tratativas, indicações, apresentações, entre outros. Quanto a sua materialidade, às vezes encontra-se em papéis brancos timbrados já desgastados pelo tempo, outras em papel de seda que representam as cópias datilografadas. Às vezes arquivadas por data, outras pelos nomes dos remetentes. Ao ler as cartas de ofícios enviadas e recebidas pela ABE, é possível perceber uma grande quantidade de verbos de ação, que fornecem uma sensação de movimento da história (Camargo, 2000). Inicialmente se apresentam numa escrita revestida de formalidade, exigida pela forma de comunicação, porém procedendo com o exercício de leitura destas fontes documentais percebe-se que os verbos são abundantes e podem indicar tentativas de trabalhar em prol da educação. Entre os mais recorrentes encontram-se: acusa, agradece, apoia, autoriza, avisa, cede, coíbe, comunica, declara, denomina, designa, divulga, elogia, envia, fortalece, informa, mantém, nega, organiza, participa, proíbe pronúncia, recebe, recomenda, redige, remete, responde, solicita, toma e trata. Talvez, tais verbos possam dar visibilidade ao modo de atuação da ABE, que se dizia responsável pelo direcionamento e a organização política do sistema educacional escolar no Brasil, conforme já citado anteriormente (vide pgs. 15 e 55).

O corpus documental que fundamenta a base empírica e teórica desta pesquisa é composto por uma ampla gama de fontes, incluindo atas, boletins, correspondências, relatórios, impressos pedagógicos, publicações na imprensa e bibliografia especializada. Parte desse material foi pesquisado em acervos brasileiros e parte em acervos italianos. No quadro abaixo, é apresentado um levantamento exemplificativo das cartas enviadas e recebidas pela ABE, nas quais a Associação estabelece diálogos com diversas associações internacionais congêneres. Esse levantamento busca mapear as possíveis conexões transnacionais facilitadas pela ABE.

QUADRO 4 - PARTE DAS COMUNICAÇÕES ENTRE A ABE E ALGUMAS ASSOCIAÇÕES CONGÊNERES INTERNACIONAIS⁹⁴

| ASSOCIAÇÃO | ANO | LOCAL | SUJEITO | E | R |
|--|--------------|------------------------|--|---|---|
| União Panamericana (UPA) | 1925 | Washington DC | Esteban Gil Borges Diretor assistente | | X |
| Bureau Internacional d'Éducation (BIE) | 1927 | Genebra | Alduino Gold (nome bem ilegível) | | X |
| Instituto Jean-Jacques Rousseau (IJJR) | 1928 | ilegível | Everardo Backheuser | X | |
| União Panamericana - Cooperação Intelectual | 1929 | Washington DC | Esteban Gil Borges Heloise Brainerd | | X |
| Internacional de Magistério Americano (IMA) | 1929 | Buenos Aires | Pedro B. Franco | X | |
| Instituto Internacional de Cooperação Intelectual (IICI) | 1929 1930 | Paris | Eliseu Montarroyos | X | |
| Internacional de Magistério Americano (IMA) | 1930 | Buenos Aires | César Godoy Urrutia | | X |
| The National Education Association (NEA) | 1930 | Washington D.C. | | X | |
| U.S Department of Labor Children's Bureau | 1930 | Washington D.C. | Grace Abbott Isabelle M. Hopkins | X | X |
| Carnegie Endowment for International Peace /International Institute of Education | 1930 | New York | | X | |
| Comissão Inter Americana de Educação | 1930 | Havana | Artur Moses | X | |
| Conselho Primário e Normal de Montevideo | 1930 | Montevideu | Santin Carlos Rossi | X | |
| Institute of International Education (IIE) | 1930 | Washington D.C. | Stephen P. Duggan | | X |
| The National Education Association (NEA) | 1931 | Washington D.C. | Glen Levin Swiggett | | X |
| Universidade Sociedade Pedagógica | 1931 | Montevideo | Dardo Regules | X | |
| Nacional Advisory Comittee on Illiteracy- Comitê Consultivo Nacional sobre Analfabetismo Subcomitê de Técnicas | 1931 | Washington D.C. | Cora Wilson Stewart | X | |
| Pan American Union | 1931 | Washington D.C. | Leo Stanton Rowe | X | |
| Consejo Nacional de Enseñanza Primaria Y Normal | 1932 | Montevideu | Consuelo Pinheiro | X | |
| Conselho Primário e Normal de Montevideo | 1932 | Montevideu | Juracy Silveira | X | |
| Conferência International New Fellowship | 1932 | Nice | Lourenco Filho, Alvaro Ozorio de Almeida | | X |
| Instituto International de Coopération Intellectuelle | 1932 | Paris | Dumas Lapierre | | X |
| Pan American Union - Cooperação Intelectual | 1934 | Washington, D.C. | Heloise Brainerd | | X |
| Fédération Internationale Des Associations International Institute Of Intellectual Co-Operation | 1935 | Paris | Secretaria Dumas L'apierre | | X |
| Repartição Internacional do Trabalho - Bureau International du Travail | 1935 | Sede no Rio de Janeiro | | | X |
| National Recreation Association | 1937 | New York | Howard Braucher, secretary, | X | |
| World Federation of Education Association (WFEA) | 1938 | Washington, D.C. | Paul Monroe | X | |
| Education World Federation of Education Association | 1938 | Washington, D.C. | Doctor Butts Chairman, Section on Commercial | X | |
| Societe des Nations Institut International De Cooperation Intellectuelle - League of Nations International Institute of Intellectual Cooperation | 1938 | Paris | Henri Bonnet | | X |
| Instituto Internacional de Cooperação Intelectual (IICI) | 1939 | Paris | Henri Bonnet | X | |
| Instituto Brasil - Estados Unidos (IBEU) | 1941 | Veio via embaixada | Dr. W. Nabuco Sec. Geral do Ministério das Relações Exteriores | | X |

⁹⁴ Vale esclarecer que a letra "E" indica as cartas enviadas, enquanto a letra "R" refere-se às cartas recebidas.

| ASSOCIAÇÃO | ANO | LOCAL | SUJEITO | E | R |
|--|--------------|--------------------------------------|---------------------------|---|---|
| União Panamericana (UPA) | 1942 | Washington D.C. | | | X |
| União Panamericana Departamento de Cooperação Intellectual | 1944 | Washington D.C. | Condra Romeo James | | X |
| The British Council | 1945 | Inglaterra | Representante do Conselho | | X |
| União do Maestros do Chile | 1945 | Chile | Crisologo Gática M. | | X |
| Confederação Americana de Magistério (CAM) | 1946 | Mexico, Cuba Argentina, Brasil | José Carrilo | | X |
| The National Education Association (NEA) | 1945 1946 | Veio pela Embaixada para a ABE | Willard Earl Givens | X | X |

FONTE: ABE. Quadro elaborado pela autora.

A partir do Quadro 4 é possível visualizar alguns exemplos em que a ABE manteve diálogo com diversas associações congêneres provenientes da Europa (França e Suíça), dos Estados Unidos da América, do Uruguai, da Argentina, do México, do Chile e de Cuba. Tais associações dialogavam para trocar informações que perpassavam saberes, práticas, materiais de ensino e aproximavam os educadores que atuavam para expandir e aperfeiçoar os sistemas educacionais dos seus respectivos países. Entre os assuntos tratados nas correspondências encontram-se as mais variadas articulações envolvendo pessoas, viagens, representações, intercâmbios, permutas de materiais para o ensino, eventos internacionais, metodologias de ensino e, também, a ideia de uma educação para a paz. Segundo Loureiro (2015), as ideias pacifistas e internacionalistas foram “divulgadas pela Sociedade das Nações (SDN) após o Tratado de Versalhes com a finalidade de pensar estratégias para uma nova política após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918)”. Sediada em Genebra, a SDN buscava divulgar a ideia de paz no mundo educando as crianças e os jovens inseridos no contexto escolar. O Instituto Jean-Jacques Rousseau (IJJR) e o Bureau Internacional d’Éducation (BIE), também sediados em Genebra, atuaram na tentativa de dar conta desta tarefa. No período entreguerras, percebe-se que essas associações nutridas por utopias pacifistas e por sonhos de paz perpétuos, também estavam em um campo de disputas. Cada uma delas buscava ser protagonista a sua maneira, mas pode-se afirmar que elas viam a educação e a cooperação intelectual, tanto quanto possível, como um meio para prevenir outros conflitos e para formar um cidadão

O Boletim da ABE matinha uma seção chamada “A ABE no Estrangeiro”, em que publicava as notícias vindas das associações congêneres do exterior. Na edição do Boletim de julho de 1926, um texto de quase 2 páginas (em francês), assinado por Adolphe Ferrière, foi publicado. Nesse texto, Ferrière resume a necessidade e os desafios enfrentados na criação de um Bureau Internacional de Educação (BIE). Ele destacou que, apesar de várias iniciativas internacionais no campo da educação, não existia ainda um órgão internacional dedicado exclusivamente a esse fim. Argumentou que um BIE seria fundamental para centralizar

informações educacionais, facilitar a cooperação entre países e promover um espírito de solidariedade internacional através da educação. Ferrière escreve que o BIE seria um órgão puramente documental e objetivo, desvinculado de agendas filosóficas ou religiosas, capaz de reunir informações especializadas e promover pesquisas educacionais globais. A iniciativa para criar o BIE em Genebra seria um reflexo do desejo de tornar a cidade um centro de excelência educacional global, visando elevar a juventude para a verdade e o bem.

Dois meses depois, na edição seguinte do Boletim da ABE, publicou-se um outro texto do BIE (em francês) anunciando que:

Instituto J.J. Rousseau, Escola de Ciências da Educação, acaba de abrir, com o apoio moral da Associação Suíça para a Sociedade das Nações e de um Comitê de Iniciativa, um Bureau Internacional de Educação que terá como diretor: Pierre Bovet, professor da Universidade de Genebra; vice-diretores: Elisabeth Rotten, Doutora em Filosofia, e Adolphe Ferrière, fundador, em 1899, do Bureau International des Ecoles Nouvelles (ABE, Boletim, 1926, p. 13-14, tradução nossa).⁹⁵

O texto menciona que o objetivo do BIE é promover relações internacionais no campo educacional e servir como um centro de pesquisa e informação para educadores de todos os países. Segundo esse texto, o BIE trabalhará de forma independente, buscando uma abordagem científica e evitando influências políticas e religiosas. Ele se esforçará para contribuir para o progresso geral da educação, respeitando a diversidade de abordagens educacionais nacionais. O texto também solicita apoio dos ministérios da educação, associações de professores, editores de publicações educacionais e doações para auxiliar no trabalho do BIE. Já em janeiro de 1927, o boletim da ABE publicou um texto sobre a Conferência de Locarno, solicitando às associações correspondentes que divulgassem o trabalho do BIE junto aos seus associados. De acordo com a nota, o material do Bureau International d'Éducation ficaria disponível para os interessados na sede da ABE. Na mesma página, há a divulgação e convite para o evento “A Paz pela Escola”, organizado pelo BIE e programado para ocorrer de 16 a 20 de abril de 1927, em Praga. No texto, constam as definições do Bureau para que o tema fosse debatido em vários lugares do mundo, inclusive no Brasil. Já na edição de março do mesmo ano, o boletim traz a seguinte mensagem aos leitores: “por intermédio da Srta. Laura Lacombe, correspondente do Bureau, a ABE recebeu a incumbência de divulgar o Dia da Boa Vontade – 18 de maio de 1927” (ABE, Boletim, 1927, p. 10).

⁹⁵ Texto original: “L'Institut J.J. Rousseau, École des Sciences de l'Éducation, vient d'ouvrir, avec le soutien moral de l'Association suisse pour la Société des Nations et d'un Comité d'initiative, un Bureau International d'Éducation” (Directeur : Pierre Bovet, professeur à l'Université de Genève. Directeurs adjoints: Elisabeth Rotten, docteur en philosophie, et Adolphe Ferrière, fondateur, en 1899, du Bureau international des Écoles Nouvelles).

A dissertação de Loureiro que investigou a psicologia proposta para promover e apoiar ideais pacifistas auxilia a perceber parte da relação entre as associações Instituto Jean-Jacques Rousseau (IJJR), o Bureau Internacional d'Éducation (BIE) e a World Federation of Education Associations (WFEA). A educação para a paz foi um tema proposto em vários debates e eventos. De acordo com a autora:

Pierre Bovet, então diretor tanto do IJJR quanto do BIE, abraçou a causa, promovendo congressos, conferências e cursos sobre o tema. Sua maneira de administrar seguiu os pilares estabelecidos para o IJJR que, além de atuar como centro de formação, informação e pesquisa, se propunha também a um trabalho de propaganda, promovendo o diálogo entre associações pedagógicas privadas e os órgãos governamentais sobre a educação, trabalhando pela defesa dos direitos humanos das crianças. Tratava-se, portanto, de uma maneira militante de administrar pelas causas que o IJJR defendia. Sua atuação culminou com uma associação com a World Federation of Education Associations (WFEA), representada pela secretária norte-americana Fanny Fern Andrews. Um acordo entre os dois órgãos colocou o BIE como anfitrião para os congressos realizados pela WFEA (Loureiro, 2015, p. 39).

Embora a aliança entre as três instituições citadas por Loureiro não tenha prosperado, percebe-se que elas dialogavam com pautas e eventos semelhantes, articulando temas relacionados ao cenário educacional, além de todas elas se relacionarem com a ABE.

A ABE também manteve contato com a Comissão Organizadora da reunião da Inter American Federation of Educational Association, em Havana, no ano de 1932. O diplomata Hélio Lobo foi o escolhido para fazer a representação. Outra associação importante com que a ABE mantinha contato é a New Education Fellowship (NEF), também conhecida como Ligue Internationale pour l'Éducation Nouvelle, fundada em 1921, no Congresso em Calais, na França por Beatrice Ensor, Adolphe Ferrière e Elisabeth Rotten. A NEF mantinha um escritório internacional em Londres e seções e grupos em diferentes países. Promoveu Congressos regionais e internacionais bianuais. Foi renomeada “World Education Fellowship”, em 1966, e incorporada pela UNESCO e a sua primeira revista foi a “The New Era”. Entre os membros da NEF, alguns nomes são bastante conhecidos e envolvidos no tema da Escola Nova, como Maria Montessori, Ovide Decroly, Célestin Freinet, Edouard Claparède, Adolphe Ferrière, George Kerschensteiner, Lorenzo Luzuriaga, Faria de Vasconcelos e Adolfo Lima, John Dewey, William Heard Kilpatrick, entre outros.

No conjunto de correspondências, há uma carta datada de 1932, da ABE para a NEF, informando que os representantes da Conferência Internacional da New Fellowship, que se realizaria naquele ano de 1932, em Nice, seriam: Lourenço Filho e Alvaro Osório de Almeida. Este Congresso foi importante porque debatia a paz e renovação educacional. Apesar do nome de Lourenço Filho constar como integrante de uma seção na programação do Congresso, a

imprensa publica que o professor e jornalista Carlos Alberto Nóbrega da Cunha teria sido nomeado para representar o Brasil no evento. Vidal e Rabelo (2020, p. 35) indicam que a participação de Carlos Alberto Nóbrega da Cunha teria sido uma articulada pelo então diretor de Instrução Publica do Distrito Federal, Anísio Teixeira. Segundo as autoras, Anísio por meio de Nóbrega, teria um intermediário para apresentar a candidatura do Brasil como sede para o congresso internacional seguinte, no Rio de Janeiro. Tais dados corroboram com a ideia de Marta Carvalho (2021), de que Lourenço Filho não teria comparecido ao evento.

No jornal Diário de Notícias, na coluna Páginas da Educação, a educadora e jornalista Cecília Meireles comenta que Congresso era uma esperança de educação.

O congresso de Nice, enfeixando assuntos tão graves no tema da Nova Educação, foi uma prova mundial da concepção desse movimento, e da sua orbita de ação, pelo menos nos países que ali se achavam representados. Dia virá em que não se elevarão votos e sonhos, apenas, diante dessa luz que se está acendendo sobre a vida, na altura em que sempre se colocaram os deuses. Dia virá em que os próprios homens se sentirão colocados nessa altura, e então os tempos de agora serão contemplados como os séculos heroicos, sem que imaginação nenhuma precise dar mais beleza a sua beleza rude, amarga e forte, amassada com tantos desesperos, é certo. mas modelada também, com tamanha esperança (Meireles, Diário de Notícias, 15/09/1932, p. 06).

O compromisso jornalístico de Meireles, ao dirigir a Página de Educação, possibilitou a concretização de um papel fundamental da imprensa naquele momento, que era difundir e, ao mesmo tempo, legitimar os ideais educacionais da Escola Nova. Para Ferreira e Rocha, que analisaram a produção jornalística da autora, entre

os diversos temas que conduziram os alinhavos da “fecunda sementeira de ideias” – os assuntos educacionais publicados nesse espaço educacional – tiveram como cerne de ação a preocupação em discutir as especificidades da infância, buscando a formação de um educador que procurasse educar com arte na arte de educar (Ferreira; Rocha, 2010, p. 102).

Um comunicado da Diretoria Geral de Informações e Estatísticas e Divulgação do Ministério da Educação e Saúde Pública foi publicado em vários jornais dando infor

mações sobre o Congresso Mundial de Educação Nova, em Nice. O comunicado⁹⁶ do Jornal do Brasil faz um resumo dos Congressos anteriores e dos temas abordados. No fim do texto, informa:

Confronte-se esse interessante programa da Liga em prol da Educação Nova com os conceitos do articulista americano reproduzidos no comunicado que a Diretoria de Informações, Estatística e Divulgação editou recentemente sob o título “A Escola e a Nova Ordem Econômica”. Problemas da crise

⁹⁶Encontramos este comunicado publicado também nos jornais Notícias do Dia, no Correio da Manhã, no Diário Nacional – a Democracia em Marcha, e no Boletim da Lida dos Institutos de Ensino da Bahia disponíveis na Hemeroteca Nacional Digital.

indefinidamente prolongada em que se debate o mundo não se amoldam á rigidez das soluções clássicas e resistem aos critérios de emergência que visam antes os efeitos aparentes do fenômeno do que as suas causas mediatas e profundas. Estas são, na sua essência, ao que vaee apurando, de natureza psicológica, e devem ser corrigidas pela adaptação das mentalidades jovens as condições do meio social de sua época, de onde o papel da Escola como fator primacial nessa obra de preparação apontada como o único meio viável de remover a situação de impasse em que se encontra a civilização ocidental desde a guerra de 1914. É em torno dessa missão relevante que gira o tema geral da futura conferência de Nice. Expresso em poucas palavras: “Educação e forma social” e abrangendo na sua fórmula concisa o mais belo e oportuno programa a ser oferecido as iniciativas do professorado mundial e a meditação dos estadistas (Jornal do Brasil 17/03/1932, p. 5).

Em fins da década de 1920 e início da década de 1930, a NEF já tinha feito investidas na América do Sul. Vidal e Rabelo (2020) evidenciam que em 1921 já existia um plano estratégico para ampliar o número de seções. A Seção brasileira da New Education Fellowship foi criada por Carleton Wolsey Washburne, o qual realizou conferência em São Paulo sobre o tema *O que é a Educação?*, demonstrando e criticando o método da Escola Nova (Correio Paulistano, 1942). Carleton Wolsey Washburne era presidente da Progressive Education Association (PEA)⁹⁷ e quando esteve no Brasil visitou escolas no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Bahia e Belém do Pará (A Manhã, 28/10/1942). Ele também foi recebido pela ABE, em 1942. No relatório de atividades da ABE de 1942, o nome de Carleton Washburne é citado em dois momentos: no primeiro faz-se alusão à Personalidade e Obra de Carleton Washburne pelo professor Moyses Xavier de Araújo, realizado na sessão do Conselho Diretor em 8 de junho de 1942; no segundo momento, registra que em 10 de agosto de 1942, o Conselho Diretor teria recebido o educador norte americano, na ABE, sendo saudado professor Moyses Xavier de Araújo.

De acordo com os estudos de Vidal e Rabelo (2020), em 1942 dá-se a criação oficial da seção brasileira da New Education Fellowship⁹⁸ (NEF), que teve na presidência a figura de Lourenço Filho e na vice-presidência, Carneiro Leão – ambos associados a ABE – e, como secretária, Nina Celina. A formação da NEF também é citada em uma ata de reunião da diretoria da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), em que Plínio Olinto, presente na reunião, “propôs criar uma sessão de Educação Progressiva, como um núcleo da New Education Fellowship, cujo Departamento Brasileiro acaba de ser fundado no Rio de Janeiro,

⁹⁷ A PEA foi fundada em 1919 nos EUA. Ela organizava congressos regionais e nacionais nos EUA. Foi renomeada “American Education Fellowship” em 1944 e em 1953. A sua revista era a *Progressive Education*. Fonte: Vidal e Rabelo (2020).

⁹⁸ A NEF foi fundada em 1921, no Congresso em Calais, na França. As seções ou grupos da NEF na América do Sul: Argentina (1928), Colômbia (1929), Peru (1930), Equador (1930), Paraguai (1930), Uruguai (1931), Bolívia (1932), Chile (1932). Em 1942 é criada a seção do Brasil. Fonte: Vidal e Rabelo (2020, p. 26).

pessoalmente pelo seu presidente por Carleton Washburne” (LBHM, Ata, 1943, p. 94). Alguns meses antes, uma nota no jornal aborda o processo educacional globalizado chamado de A Escola Ativa Direta. O texto traz as origens do método e atualiza o leitor sobre os nomes mais conhecidos que desenvolveram o tema, como Kerschensteiner, Washburne, Dewey, Decroly, Ferrière, Montessori, Claparède, Kilpatrick e Lourenço Filho, este último precursor, como chefe do Ativismo no país. Ainda destaca e reforça o papel desenvolvido pelos abeanos: “No Brasil, felizmente, os assuntos da Educação vêm tendo, de alguns anos para cá, seus devotados estudiosos, principalmente devido a ação corajosa da ABE, nosso núcleo de irradiação mais prestigioso [...]” (A Manhã, 31/12/1941).

FIGURA 8 - RECEPÇÃO DO EDUCADOR AMERICANO CARLETON WASHBURNE EM 10 DE AGOSTO DE 1942, NA ABE



FONTE: ABE

Uma outra imagem disponível no acervo da ABE evidencia a recepção do educador americano. Sobre o registro acima (Figura 8), explica-se que os números e nomes dos presentes reproduzem as anotações da ABE. A foto original apresenta uma folha de papel vegetal sobreposta à imagem, nominando os participantes. Desta maneira, esta reprodução foi elaborada para este trabalho. Nesta imagem temos reunidos participando da recepção: Carneiro Leão, Lourenço Filho, Arthur Moses, Carleton Washburne, Heloísa Marinho, Eva Hyde, Dulce Kanitz e Venâncio Filho. Embora, pelos documentos da ABE, não fique claro qual teria sido o assunto abordado nessa reunião e recepção, não se excluem possíveis tratativas que poderiam estar ligadas à criação da NEF no Brasil. Vale sinalizar que estão presentes na foto, junto à

Washburne, o presidente Lourenço Filho e o vice-presidente Carneiro Leão.

O crescimento das seções da New Education Fellowship (NEF) na América Latina se deu entre 1928 e 1942. A NEF incentivou a criação de seções e a integração de educadores locais em redes internacionais, embora a seção brasileira só tenha sido oficialmente estabelecida em 1942, mais tarde do que em outros países sul-americanos. Revistas como *Pour l'Ère Nouvelle* e *The New Era* foram fundamentais na disseminação das ideias da NEF nos países da América Latina, proporcionando aos educadores brasileiros acesso a práticas pedagógicas consideradas inovadoras e facilitando a interação com a comunidade educacional internacional. Aqui pode-se pensar a ABE novamente inserida na rede de interlocutores relacionadas à renovação pedagógica.

Além dessas interações, Diana Vidal e Rafaela Rabelo (2020, p. 16), em seus estudos sobre o movimento internacional da educação nova, ao investigar sujeitos, instituições e redes, afirmam que

[...] as tramas que unem TC e a NEF/LIEN envolvem ainda um terceiro elemento no jogo de composições e recomposições que a trajetória dos sujeitos na constituição do campo educacional suscitou: a Progressive Education Association (PEA). Segundo Graham, em sua origem, a PEA era uma organização composta principalmente por professores e administradores ligados a escolas elementares e secundárias, em sua maioria particulares (Vidal; Rabelo, 2020, p. 16).

Ainda de acordo com as autoras Vidal e Rabelo (2020), aparentemente a seção brasileira da NEF esteve oficialmente ativa até 1946: “A última inclusão do Brasil entre as seções aparece no número de novembro de 1946 da TNE” (Vidal; Rabelo, 2020, p. 42).

Na ABE, uma correspondência⁹⁹ datada de 10 de janeiro de 1946, enviada pelo presidente em exercício Celso Kelly ao Sr. Quinquela Martín, presidente da Sociedade de Estímulo de Belas Artes, em Buenos Aires, informava e convidava para uma homenagem ao Professor Antonio Carneiro Leão¹⁰⁰, recém-nomeado diretor da Faculdade Nacional de

⁹⁹ Correspondência ABE, 10/01/1946 endereçada as seguintes pessoas: O Sr. Quinquela Martín, que representa o Instituto de Artes e Belas Artes, localizado em Buenos Aires; ao Dr. Mendieta y Nunes, que está à frente do Instituto de Investigaciones Tocolales, no México D.O.; ao Dr. Ricardo Levone, o responsável pelo Instituto de Sociologia da Universidade de Buenos Aires, também em Buenos Aires. A Sociedade de Geografia de Lisboa, que não possui um nome específico mencionado e está situada em Lisboa. O Prof. Lourenço Filho, que representa a Progressive Education Association, cuja localização não está especificada; enquanto D. Chiquinha é associada à Sociedade Pereira Barreto, localizada em São Paulo. O Dr. Mario Melo está ligado ao Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco e surge também como representante da Academia Pernambucana de Letras, ambas em Pernambuco. Fonte: ABE

¹⁰⁰ Antônio Carneiro Leão (1887-1966) foi um educador, administrador e escritor brasileiro. Eleito membro da Academia Brasileira de Letras para a Cadeira n.º 14. Foi professor, administrador e ensaísta. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife em 1911, iniciou uma longa carreira no magistério universitário como professor de Filosofia na Universidade do Recife. Transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde

Filosofia da Universidade do Brasil. A cerimônia, que também celebraria sua recente eleição para a Academia Brasileira de Letras e sua destacada contribuição como educador e humanista, seria realizada em uma sessão pública na Associação Brasileira de Imprensa (ABI). O documento evidencia, na segunda página, que a carta foi enviada a mais 10 destinatários, ressaltando a importância do evento e a intenção de mobilizar diversas entidades culturais e educacionais em torno dessa homenagem. Entre os destinatários encontra-se Manoel Bergström Lourenço Filho, responsável pela Progressive Education Association (PEA). Essa correspondência pode ilustrar para além da articulação transnacional, que neste momento se dá em torno do reconhecimento do professor Antonio Carneiro Leão (membro atuante da ABE e vice-presidente da seção brasileira da NEF) e de seu trabalho na educação, mas também a rede de contatos entre ABE e PEA, tendo em vista que Lourenço Filho integrava as duas associações, o que facilita a criação de redes de contatos entre educadores e instituições.

Fazer uma cartografia nítida dos atores com quem a ABE se relacionava é uma tarefa ampla e complexa. A ABE era uma organização não-linear, que interagiu em várias direções, permitindo múltiplas conexões e entradas. No entanto, é possível refletir a partir de uma abordagem transnacional, com atenção especial para a circulação e, até mesmo, para os modos de operar ou as dinâmicas de internacionalização produzidas pela rede de atores que atuava em nível internacional como intermediários da realidade nacional e internacional. É possível pensar em redes de associações voltadas para a educação, ciência, cultura, nos grupos de interesses que se formaram e que dialogaram entre eles.

1.2 PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS: A ABE E O DIÁLOGO COM ALGUMAS ASSOCIAÇÕES CONGÊNERES

Neste tópico, convido a uma reflexão sobre os emblemas e as fontes visuais de diversas associações educacionais, explorando o que a biografia de um documento pode revelar sobre a memória e a cultura material no campo da educação. Considerando que o artefato é um elemento importante da (Meneses 1998), qual o simbolismo destes emblemas? O que eles

prosseguiu na área da educação, como professor e administrador. Foi diretor geral da Instrução Pública no Rio de Janeiro. Foi fundador da Escola Portugal, em 1924, e das 20 escolas com os nomes das 20 repúblicas americanas, no período de 1923 e 1926, no Rio de Janeiro. Ocupou a presidência da Associação Brasileira de Educação (ABE) em 1924 e 1925. Foi autor da Reforma da Educação no Estado de Pernambuco. Em 1932, foi Diretor do Instituto de Pesquisas Educacionais, criador e diretor do Centro Brasileiro de Pesquisas Pedagógicas da Universidade do Brasil, professor de Administração do Instituto de Educação do Distrito Federal. Conferencista em universidades dos Estados Unidos, França, Uruguai e Argentina e professor emérito da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil. Fonte: ABE

podem velar e revelar? O autor ainda esclarece que:

História Material ou História da Cultura material não pode ser uma História feita a partir de fontes materiais, mediante a utilização apenas de documentos físicos. O risco do empobrecimento e deformação fica patente. Não pode ser a história de artefatos ou de contextos materiais – sua produção, circulação, usos etc. Para ser História, precisa ser História da sociedade, como as sociedades, seu funcionamento e suas transformações constituem problemas de maior complexidade, é que se torna necessário estabelecer certos enfoques para dar conta de aspectos relevantes, articulados ao todo social. A cultura material (entendida, pois, como aquele segmento do universo empírico social e culturalmente apropriado) pode ser uma dessas plataformas de observação. Mas, para que a observação seja eficaz, é indispensável usar-se todo e qualquer tipo de fonte (fontes materiais, escritas, orais, hábitos corporais etc.) – ainda que os materiais possam predominar. É, contudo, a dimensão material da produção/reprodução social (a que acima aludimos) que está sendo estudada (Meneses, 2003, p. 26, grifos do autor).

Ancorada em Meneses, creio que a partir desta materialidade é possível visualizar parte do discurso não dito, mas indicado na iconografia, aquilo que as associações almejavam representar também por meio da sua chancela visual. Vale dizer que as associações publicavam boletins, revistas e imprimiam em seus materiais o seu respectivo emblema. A ABE, como já informado, criou o seu próprio emblema no primeiro ano de existência, reforçando na sua iconografia a causa cívico-nacionalista defendida por ela. Ainda na mesma linha de reflexão, em que os emblemas das associações transitam pelo mundo, por meio de cartas, impressos, bandeiras e demais aplicações é possível compreendê-los, nos termos de Serge Gruzinski (2014), como “mediadores culturais”. Esses emblemas representam associações, ideias e sujeitos que mediavam a comunicação e, por meio dela, os ideais de uma sociedade e de uma educação moderna. Isso se apresenta por meio de uma rede que permite o intercâmbio, os diálogos e a própria circulação de estratégias de cada associação.

A movimentação constante de pessoas entre os continentes cria conexões e proporciona uma fonte contínua de informações e conhecimentos (Gruzinski, 2014). Ao abordar a mestiçagem cultural nas sociedades hispano-americanas dos séculos XVI e XVII, Serge Gruzinski se dedicou a restabelecer e compreender as “conexões surgidas entre os mundos e as sociedades” (Gruzinski, 2014, p. 45). Em outras palavras, Gruzinski buscou identificar os sistemas de referências comuns que circulam em diferentes sociedades. Para isso, ele ajustou alguns instrumentos de análise, entre os quais se destaca o conceito de mediadores culturais.

Assim, Gruzinski (2014) concentra-se nos agentes que transitam por essas sociedades, definindo o “mediador cultural” como o indivíduo que vive “entre dois mundos”. Esse mediador é capaz de realizar leituras, interpretações e sínteses em um intercâmbio contínuo, no qual elementos ou fragmentos das culturas em contato circulam, procura entender as “redes de

cumplicidade” que mobilizam as pessoas e as coisas (Gruzinski, 2014, p. 77).

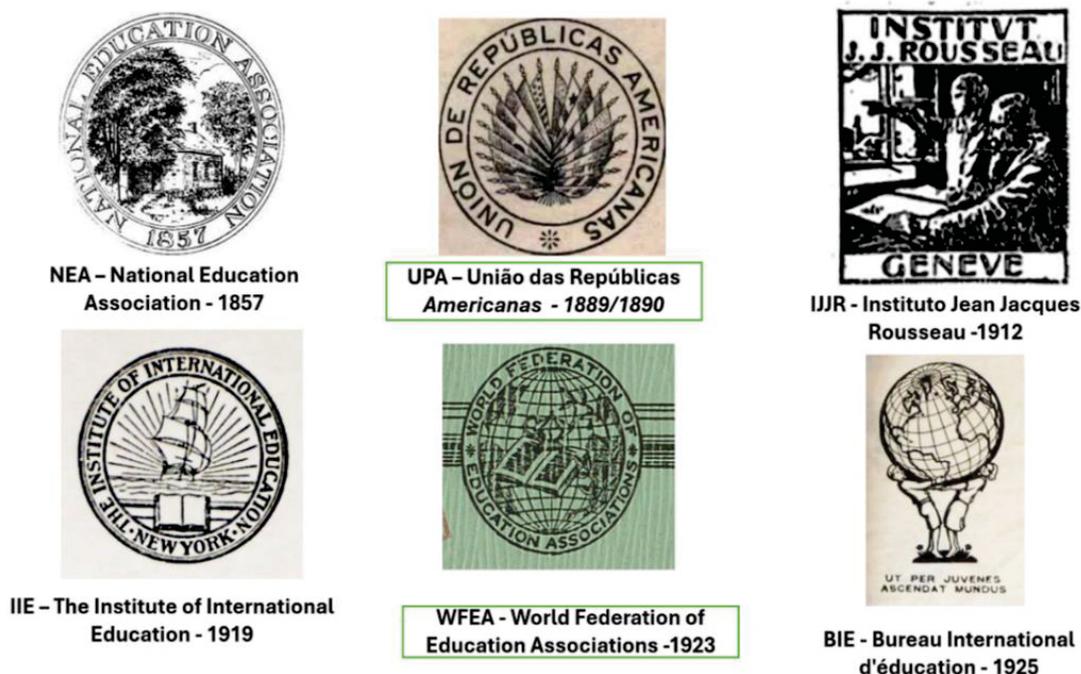
Roger Chartier (1988), ao estudar as práticas e representações culturais, aborda o estado e suas formas culturais destacando algumas exigências fundamentais para a compreensão dessas práticas. Entre elas, Chartier considera os suportes e formas materiais dos textos e objetos culturais, ressaltando a importância de prestar atenção aos formatos físicos e materiais dos textos e objetos. À luz de Chartier (1988), esses itens são percebidos e utilizados a partir da

necessidade de constituir séries homogêneas desses <<signos de poder>>: sejam as insígnias que distinguem o soberano dos outros homens (coroa, cetros, vestes, selos, etc.), os <<monumentos>> que, ao identificarem o rei, identificam o Estado, até mesmo a nação (as moedas, as armas, as cores), ou os programas que têm por objetivo representar simbolicamente o poder do Estado, como os emblemas, as medalhas, os programas arquitetônicos, os grandes ciclos de pintura (Chartier, 1988, p. 220).

Dando continuidade à análise de Chartier, é possível estabelecer um diálogo com a cultura material ao refletir sobre como os emblemas, registrados em impressos pedagógicos, cartas, ofícios, envelopes e outros materiais gráficos, também funcionam como “signos de poder”. Esses objetos gráficos não apenas transmitem informações, mas simbolizam e propagam ideais que reforçam a autoridade e o poder das associações/países que representam. À medida que esses emblemas se espalham por diferentes suportes materiais, eles contribuem na disseminação simbólica de ideias, consolidando significados e reforçando a presença dessas organizações em diversos contextos sociais. Essa circulação amplia o alcance desses símbolos, permitindo que suas ideias sejam compreendidas e internalizadas em diferentes esferas da sociedade.

Ainda é possível pensar na ideia de movimento, pois esses emblemas, ao serem enviados para diferentes lugares do mundo, participam de um movimento de circulação de saberes e ideias. Ao se espalharem por meio de impressos pedagógicos, cartas, ofícios, e outros materiais gráficos, esses símbolos carregam consigo não apenas a identidade das associações, mas também os valores e ideais que representam. Dessa forma, os emblemas atuam como mediadores culturais, contribuindo para a disseminação de conhecimentos e a construção de um imaginário coletivo que transcende fronteiras geográficas, estabelecendo conexões simbólicas entre diferentes sociedades.

FIGURA 9 - EMBLEMAS DE ALGUMAS ASSOCIAÇÕES E OU INSTITUIÇÕES QUE DIALOGARAM COM A ABE



FONTE: Elemento visual elaborado pela autora para o estudo.

Recorro ao Dicionário de Símbolos¹⁰¹ (Chevalier, 1982) no intento de perceber parte das camadas simbólicas convencionadas pelos emblemas das associações em diferentes países. No início do dicionário, os autores destacam a necessidade de distinguir claramente entre a imagem simbólica e outras formas de representação que frequentemente são confundidas com os símbolos. Além disso, o texto menciona o emblema como uma figura visível adotada convencionalmente para representar uma ideia, um ser físico ou moral. Por exemplo, a bandeira é citada como o emblema da pátria, enquanto a coroa de louros simboliza a glória, saber ou reconhecimento. Essas definições ajudam a contextualizar a discussão sobre o uso correto dos símbolos e emblemas, sublinhando a importância de preservar a profundidade e a autenticidade dos símbolos na teoria e na prática.

À luz da teoria semiótica de Charles Sanders Peirce¹⁰², essa distinção é fundamental para evitar que o símbolo se degrade e se transforme em mera retórica ou banalidade. Peirce

¹⁰¹ O Dicionário de Símbolos de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, publicado pela primeira vez em 1982, é uma obra abrangente que explora o simbolismo de uma ampla variedade de culturas, religiões e tradições ao redor do mundo. Ele é amplamente utilizado em estudos de mitologia, psicologia, literatura e outras disciplinas que lidam com símbolos e seus significados. Disponível em <https://archive.org/details/dicionario-de-simbolos-mitos-sonhos-costumes-formas-figuras-cores-numeros/page/n81/mode/2up> acessado em 25/05/2024.

¹⁰² Charles Sanders Peirce (1839-1914) foi filósofo e lógico americano considerado o fundador da semiótica moderna. Ele desenvolveu uma teoria complexa sobre como os signos funcionam e como significados são construídos e interpretados.

classifica os signos em ícones, índices e símbolos¹⁰³, sendo que os símbolos são aqueles cuja relação com o objeto é arbitrária ou baseada em convenções culturais. Essas associações refletem o conceito peirceano de símbolos, a eficácia do signo depende do entendimento compartilhado entre os intérpretes, reforçando a importância das convenções culturais na manutenção do significado simbólico.

O Instituto Jean-Jacques Rousseau (IJJR), fundado em 1912, foi um marco no cenário de efervescência intelectual e científica do início do século XX na Europa. Ficou conhecido como “o principal centro de estudos sobre a infância e nos novos métodos de ensino, baseados no desenvolvimento psicológico infantil”, (Mignot, 2007, p.257). As bases da concepção do (IJJR) foram fundamentadas nas propostas de Édouard Claparède (1873-1940) e nos princípios do Bureau Internacional das Escolas Novas. Este último defendia a importância da educação artística associada à educação moral na formação humana. De acordo com os princípios do Movimento Internacional da Escola Nova, a educação artística e moral deveria promover a ajuda mútua, a solidariedade, a não-violência e a educação para a paz.

O IJJR tornou-se um renomado centro de excelência dedicado aos estudos sobre a criança, promovendo e disseminando as mais recentes concepções de renovação educacional da época. Um dos seus principais projetos era a *Maison des Petits*, estabelecida em 1913 como uma escola-laboratório. Seu propósito era estudar o pensamento infantil e desenvolver novos métodos de ensino. No desenho do emblema do Instituto Rousseau, a criança representa o centro da ação pedagógica ao indicar ao adulto, o professor, seus interesses de conhecimento (Campos, 2010). Na mesma linha, Azevedo (2023), indica que o Instituto assumia como imagem a figura de uma criança ao lado de um adulto, que representam um mestre e seu aluno. Como se lê:

Enquanto a criança está em pé, o adulto está sentado e, embora o adulto esteja em primeiro plano, a imagem centra-se na figura da criança que aponta para a janela. Enquanto o adulto tem a sua frente um livro, o aluno parece ser atraído para algo que está fora do ambiente em que se encontram e o olhar do professor acompanha o olhar do aluno (Azevedo, 2023, p. 62).

No emblema, resume-se iconograficamente a filosofia do Instituto de cultivar o espírito científico através da observação da natureza, com o auxílio do conhecimento acumulado nos livros; encarar a criança como um igual, dotada da capacidade de tomar a iniciativa e eventualmente dirigir o adulto; deixar que a criança seja o guia do processo educativo, e guiá-

¹⁰³ Peirce classifica os signos em três tipos principais: Ícone: tem uma relação de semelhança com o objeto (por exemplo, um retrato); Índice: tem uma conexão direta ou causal com o objeto (por exemplo, fumaça como índice de fogo) e o Símbolo que tem uma relação arbitrária ou convencional com o objeto (por exemplo, palavras).

la afetuosamente em seu processo de investigação e de descoberta (Guedes; Campos, 1999).

Já o símbolo do globo pode remeter à totalidade e unidade, representando a integridade do universo e a interconexão de todas as coisas. Ele sugere a ideia de um todo harmonioso e interdependente. O globo também é um símbolo de conhecimento e exploração. Ele está associado às grandes navegações e descobertas geográficas, simbolizando a curiosidade humana e a busca por novos horizontes. Segundo o dicionário, o símbolo globo pode representar:

nas evocações do poder, de reis, de imperadores, de pontífices, de deuses, o globo levado numa das mãos representa o domínio ou o território sobre o qual se estende a autoridade do soberano e o caráter totalitário dessa autoridade. Sua forma esférica pode ter, com efeito, um duplo significado: a totalidade geográfica do universo e a totalidade jurídica de um poder absoluto. É nessa última acepção apenas que convém interpretar o globo, quando ele designa o território limitado sobre o qual se exerce o poder de um personagem: esse poder é ilimitado; e é o que o globo significa (Chevalier, 1982, p. 472).

Nos emblemas (Figura 9) do Bureau International d'éducation (BIE), de 1925, e da World Federation of Education Associations (WFEA), de 1923, o símbolo do globo está presente com a ideia de universalidade e de amplitude mundial. O BIE, por exemplo, exhibe o globo sendo carregado por dois jovens, uma garota e um garoto, com o lema escrito em latim “*UT per juvenes ascendant mundus*”, que traduzida significa “*Para que o mundo avance através dos jovens*”. A frase sugere a ideia de que as crianças carregam o futuro do mundo ou as crianças são o futuro – na ideia de que seriam elas a chave para o progresso e desenvolvimento do mundo. Sobre o emblema do BIE, os autores Rita Hofstetter e Bernard Schneuwly evidenciam que a representação é de “uma vinheta desenhada por crianças da escola Bakulé em Praga, dedicada à rua e às crianças com deficiência, famosa por seu coral infantil. Apareceu em inúmeras publicações, boletins informativos e correspondências” (Hofstetter; Schneuwly, 2024, p. 21, tradução nossa)¹⁰⁴.

Já a WFEA, inclusive, carrega no próprio nome a palavra mundo, dando a ideia de estar presente e conectada em várias partes do mundo. No emblema da WFEA, temos ainda o elemento do louro inserido junto ao globo. Os ramos de louro são simbolicamente ricos, com diversos significados profundos. Entre eles destaco o expresso no seguinte excerto do dicionário:

o louro está ligado, como todas as plantas que permanecem verdes no inverno, ao - simbolismo da imortalidade; simbolismo — que, sem dúvida, não foi esquecido pelos “romanos, quando fizeram do louro o emblema da glória, tanto das armas como do “espírito. Além disso, o louro tinha outrora “a

¹⁰⁴ Texto original: The emblem of the IBE. A vignette drawn by children of the Bakulé school in Prague, dedicated to street and to handicapped children, famous for its children’s choir. It appeared on countless publications, newsletters and correspondence.

reputação de proteger do raio: qualidade “correlativa da primeira. Esse simbolismo da imortalidade também “é conhecido na China: a lua, assegura-se, “contém um loureiro e um Imortal. É ao pé do loureiro (planta medicinal) que a lebre da lua mói as ervas das quais extrai a droga da imortalidade (SOUL). “Arbusto consagrado a Apolo, simboliza a imortalidade adquirida pela vitória. É por isso que sua folhagem é usada para, “coroar os heróis, os gênios e os sábios. - Arvore apolínea, significa também as condições espirituais da vitória, a sabedoria “unida ao heroísmo (Chevalier, 1982, p. 561).

Com o foco nos significados relacionados à educação e ao conhecimento, os ramos de louro simbolizam sabedoria e conhecimento. Na antiguidade, poetas e profetas, como os oráculos de Delfos, eram frequentemente associados ao louro. Consagrado a Apolo, o deus da profecia e da poesia, o louro representa a inspiração e o conhecimento. Além disso, os ramos de louro são um símbolo de honra e mérito, utilizados para reconhecer e distinguir conquistas em várias áreas, incluindo a arte, a literatura e o serviço público. Esta associação com o reconhecimento e a distinção também se aplica ao campo da educação, em que a coroa de louros pode simbolizar a excelência acadêmica e intelectual. Esses significados fazem dos ramos de louro um símbolo poderoso e relevante na educação, representando tanto o conhecimento profundo quanto o reconhecimento de mérito e distinção nos estudos.

O símbolo do livro reflete sua importância cultural, espiritual e intelectual ao longo da história. Entre os significados, o livro é o símbolo universal de conhecimento, da aprendizagem e sabedoria. Representa a transmissão de informações, ideias e culturas através do tempo e do espaço. Em muitas culturas, o livro é visto como um tesouro de saber e um meio de preservar e disseminar o conhecimento. No Dicionário de Símbolos é interessante atentar para a representação do objeto: “Um livro fechado significa a matéria - virgem, se está aberto, a matéria está fecundada. Fechado, o livro conserva seu segredo. Aberto, o conteúdo é tomado por quem o investiga” (Chevalier, 1982, p. 555). Interessante, pois se nota que o elemento livro aberto está presente nos emblemas do IJRR, do IIE e da WFEA, com a ideia de fecundar o conhecimento, que em certa medida reforça os ideais dessas associações.

A bandeira é um símbolo carregado de diversos significados, muitos estão ligados à identidade, à autoridade e ao coletivo. A bandeira transcende seu status de um simples pedaço de tecido colorido. Em sua essência, ela representa a identidade nacional de um povo, incorporando sua história, cultura e valores fundamentais. É um emblema de coesão, congregando indivíduos sob uma causa comum e inspirando um senso de solidariedade e pertencimento. Além disso, a bandeira simboliza autoridade e poder, sendo usada para marcar território, afirmar soberania e demonstrar a presença de um governo ou entidade política. Cada

elemento da bandeira, como suas cores e símbolos, carrega significados profundos que refletem os valores mais nobres de uma nação ou grupo. A bandeira é tratada com reverência em cerimônias e rituais, simbolizando seu status sagrado e cerimonial na cultura e na história de um povo. Assim, a bandeira não é apenas um símbolo visual, mas um símbolo vivo da identidade coletiva, dos ideais compartilhados e das conquistas de uma nação ou comunidade ao longo do tempo. O emblema da União das Repúblicas Americanas (UPA) agrega as bandeiras das 21 repúblicas americanas, na tentativa de representar o diálogo e os acordos de paz e intercâmbio comercial e cultural entre os países que integram o grupo.

Ainda, o emblema do Institute of International Education (IIE) apresenta uma embarcação e um livro inseridos em um círculo. Esse círculo também pode evocar um globo. Segundo o dicionário de símbolos:

[...] a nave (embarcação, barca) evoca a ideia de força e de segurança numa travessia difícil. O símbolo é aplicável tanto à navegação espacial quanto à marítima. A nave é como um astro que gira em torno de um centro, a terra, e dirigida pelo homem. É a imagem da vida, cujo centro e direção cabe ao homem escolher (Chevalier, 1982, p. 632).

O IIE foi fundado com a ideia de que o intercâmbio educacional estimularia o entendimento e os acordos de paz entre as nações. Nesse sentido, o emblema remete à ideia de viagens, de intercâmbio, de conexões e de conhecimento, com o elemento do livro aberto, em branco, evocando a ideia de aprender e de conhecer outras culturas, outros intelectuais, outras práticas.

No emblema da National Education Association (NEA), temos os elementos da casa e de algumas árvores. Dentre os significados possíveis, quando se pensa em educação, a árvore é vista como o símbolo de sabedoria e conhecimento. Este significado enfatiza a busca contínua por aprendizado e desenvolvimento intelectual, conectando o crescimento pessoal ao crescimento das sociedades e da humanidade como um todo. A árvore como símbolo de sabedoria também sugere a importância de raízes profundas no conhecimento tradicional e a expansão dos galhos em direção ao novo conhecimento e à inovação. Assim, ela representa não apenas a transmissão de conhecimento ao longo das gerações, mas também o processo dinâmico de descoberta e compreensão que caracteriza a educação em um contexto global. Ainda, a imagem de uma casa, ou talvez a representação de um espaço que contemplasse uma sala de aula, juntamente com a imagem das árvores, pode representar o objetivo da NEA, que foi fundada em 1857, como uma organização de funcionários e profissionais da América comprometida com a causa da educação pública, bem como com o bem-estar de seus membros.

Nessa teia de organizações internacionais, de uma forma mais alargada, percebe-se que

embora com ideias e abrangência diferenciadas, elas atuavam e se apresentavam como estruturas inseridas no campo da educação que buscavam metodologias e colaboração entre professores, pedagogos, intelectuais de diferentes países, com a ideia de que a educação era o caminho para almejar a paz mundial. Cada organização tinha seus atores, com diferentes linhas de pensamento e diferentes recursos para a sua manutenção. Elas se faziam ver pelos Congressos, pelo intercâmbio de ideias e matérias, pelas viagens dos educadores e pela circulação dos seus impressos, tais como revistas, boletins etc.

A ABE dialogou com várias organizações ao redor do mundo. Embora não seja possível descrever todas elas, foram selecionadas aquelas que mais se destacaram durante minha investigação. Ao longo do tempo, alguns nomes se misturam e se confundem, refletindo as complexas interações entre as instituições. Esta busca foi realizada tanto pelo fio do nome (Ginzburg, 1991, 2007) condutor dos indivíduos que trocaram informações, ideias, livros, revistas, metodologias e convites para congressos, quanto pelos nomes das associações congêneres.

Para facilitar a compreensão das interações da ABE com as diferentes organizações internacionais, optei por estruturar esta seção considerando as principais instituições divididas por continentes. Essa abordagem busca evidenciar a diversidade das conexões. No que diz respeito à Europa, serão abordados o Bureau International d'Éducation (BIE, 1912), o Instituto Jean-Jacques Rousseau (IJJR, 1912), a New Education Fellowship (NEF, 1921) e o Instituto Internacional de Cooperação Intelectual (IICI, 1925). Quanto à América do Norte, destacam-se a National Education Association (NEA, 1857), a União Pan-Americana (UPA, 1889), o Institute of International Education (IIE, 1919), a World Federation of Education Associations (WFEA, 1923) e o Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU, 1937), que está no Brasil, mas estabelece ligações diretas com os EUA. Por fim, na América Latina, temos a Internacional Magistério Americana (IMA, 1928 ou 1929), a Confederación Americana del Magisterio (CAM, 1943) e o Consejo Nacional de Enseñanza Primaria y Normal (CNEPN, data incerta).

Vale ressaltar que o Instituto Jean-Jacques Rousseau (IJJR, 1912) e a New Education Fellowship (NEF, 1921) já foram abordados anteriormente e, portanto, não serão detalhados novamente nesta seção. Essa estrutura foi pensada para oferecer uma visão panorâmica e organizada das conexões internacionais da ABE.

a) Bureau International d'Education (BIE)

Em 1912, a “American School Citizenship League”, liderada principalmente pela

secretária Mrs. Fannie Fern Andrews conseguiu atrair a atenção do governo de Washington para a ideia de uma Conferência Internacional de Educação. O objetivo dessa conferência diplomática era estabelecer um Bureau Internacional de Educação dedicado principalmente ao estudo de questões relacionadas ao ensino de relações internacionais, bem como outros problemas educacionais de interesse comum para todos os povos. Os Estados Unidos propuseram à Holanda a organização dessa conferência e medidas preliminares foram tomadas em cooperação com os Ministérios de Relações Exteriores e Educação de vários países. A data da conferência foi marcada para setembro de 1914, e dezessete países, incluindo todas as grandes nações europeias, aceitaram o convite da Holanda e nomearam seus representantes. No entanto, a eclosão da Primeira Guerra Mundial em 1914 adiou indefinidamente a realização da primeira Conferência Internacional de Educação. Ao contrário de outros domínios, a paz de 1914 não trouxe avanços significativos para a educação internacional. Durante a Conferência da Paz, o Pacto da Sociedade das Nações, que tratou de questões sociais, humanitárias e econômicas, não fez menção à educação.

Paralelamente aos esforços americanos, houve várias iniciativas, incluindo os projetos de Frederic Zollinger, secretário do Departamento de Instrução Pública de Zurique. Já em 1901, ele propôs ao Conselho Federal Suíço a criação de um centro internacional para instrução e educação. Seus projetos foram gradualmente aprovados e recomendados por uma série de congressos pedagógicos. Em 1922, durante o 3º Congresso Internacional de Educação Moral, um relatório de Mr. Zollinger, acompanhado por um projeto de estatuto para um Bureau Internacional de Educação, ligado ao Bureau Internacional do Trabalho, foi aprovado. Esse documento propunha a criação de uma Assembleia Internacional de Educação composta por delegados dos Estados-membros do BIE e uma comissão executiva.

Em 1925, uma Comissão de Organização se estabeleceu, em Genebra, com o apoio do Institut Universitaire des Sciences de l'Education, sob a forma de uma associação corporativa. Em 25 de julho de 1929, foi assinado um novo estatuto para o BIE no Departamento de Instrução Pública de Genebra, transformando-o em uma instituição de interesse público, controlada por seus membros, a maioria dos quais eram governos, através de um Conselho e uma Comissão Executiva que se comprometeram a sustentá-lo financeiramente. Uma das atividades do BIE que também pode ser vista como uma estratégia para promover a compreensão e a solidariedade universal era documentar o movimento educacional. O foco estava em registrar e analisar o que ocorria em níveis local, regional e nacional em várias áreas culturais, destacando experimentos inovadores, tradições específicas e mentalidades nacionais. Essa abordagem estratégica visava aprofundar o conhecimento e o entendimento mútuo entre

diferentes culturas e países. As publicações do BIE¹⁰⁵ incluíam os Boletins e Relatórios com as atualizações regulares sobre as atividades do BIE, resultados de pesquisas e discussões sobre temas educacionais; os anuários, que traziam as compilações anuais que oferecem uma visão geral dos desenvolvimentos educacionais globais e das atividades do BIE; e o registro dos documentos de Conferências, contendo os dados das conferências internacionais organizadas pelo BIE, incluindo atas, recomendações e discussões; além de informações e relatórios enviados por outros países sobre suas atividades pedagógicas.

Em 1932, o BIE convidou os Ministérios da Educação de todos os países a enviar à terceira reunião do Conselho resumos dos progressos educacionais alcançados durante o exercício de 1931-1932. No ano seguinte, em 1933, foi estabelecida a Conferência Internacional de Educação. O primeiro volume do Anuário Internacional de Educação foi publicado como resultado dessa iniciativa, no ano de 1933. Na abertura do Anuário é possível ver um pouco daquele momento em que foi criado o BIE, como uma instituição de interesse geral e pública:

Convencidos de que o desenvolvimento da instrução e da educação é um fator essencial para a paz e para o progresso moral e material da humanidade, que é importante promover este campo educativo e garantir um amplo intercâmbio de informação e documentação para que cada país se sinta estimulado a beneficiar das experiências dos outros (BIE, *Annuaire*, 1933, tradução nossa).
106

No artigo 2 do estatuto:

O objetivo do Bureau International d'Éducation é servir como centro de informação para tudo o que diz respeito à educação. Inspirando-se no espírito de cooperação internacional, observa uma neutralidade absoluta do ponto de vista nacional, político, filosófico e confessional. Como órgão de documentação e estudos, trabalha com um espírito estritamente científico e objetivo. Suas atividades são de dois tipos: ele centraliza a documentação relativa à educação pública e privada, e ele se interessa por pesquisas científicas em seu campo e toma a iniciativa de investigações experimentais ou estatísticas cujos resultados são disponibilizados para os educadores (BIE, *Annuaire*, 1933, tradução nossa).

¹⁰⁵ O tema publicações do BIE será tratado no capítulo 2.

¹⁰⁶ Texto original extraído do Anuário: Bureau International D'éducation-Extrait des Statuts. Préambule: Convaincus que le développement de l'instruction et de l'éducation est un facteur essentiel pour la paix et pour le progrès moral et matériel de l'humanité, qu'il importe pour favoriser ce domaine éducatif et d'assurer un large échange d'information et de documentation afin que chaque pays se sente stimulé à bénéficier des expériences des autres. Article premier: Il est créé une institution d'intérêt général et public dont le nom sera: « Bureau International d'Education. Article 2: Le but du Bureau International d'Education est de servir de centre d'information pour tout ce qui touche à l'éducation. S'inspirant de l'esprit de coopération internationale, il observe une neutralité absolue au point de vue national, politique, philosophique et confessionnel. En tant qu'organe de documentation et d'études, il travaille dans un esprit strictement scientifique et objectif. Ses activités sont de deux ordres: il centralise la documentation relative à l'éducation publique et privée, et il s'intéresse aux recherches scientifiques dans son domaine et prend l'initiative d'enquêtes expérimentales ou statistiques dont les résultats sont portés à la connaissance des éducateurs. Fonte: *Annuaire International de L'éducation et De l'enseignement* 1933.

Eram membros do BIE, naquele momento, Tchecoslováquia (ministério da instrução pública), Bélgica (ministério da instrução pública), Equador (governo), Polônia (ministério da instrução pública e dos cultos), Genebra (governo), Espanha (governo), Instituto universitário de ciências da educação, Egito (governo), Alemanha (instituto central de educação e ensino), Colômbia (governo). A partir de 1934, nas conferências, além dos relatórios ministeriais, foram debatidas três grandes questões educacionais com base em inquéritos promovidos pelo Bureau International du Travail (B.I.T.) Durante aquele período, até o início da Segunda Guerra Mundial em 1939, o B.I.T. convocou conferências intergovernamentais de instrução pública, envolvendo cerca de 60 governos, por meio do Governo Federal suíço.

Com o início da guerra, as reuniões anuais das conferências foram suspensas e só foram retomadas em 1946. De acordo com Hofstetter e Schneuwly (2024), durante a guerra, o BIE, manteve as pesquisas internacionais, o trabalho de documentação, a coleta de informações, a exposição permanente, e a correspondência educacional com países, até mesmo com os beligerantes, foram mantidas. No entanto, o funcionamento e as prioridades do BIE foram profundamente reestruturados e, naquele momento, voltavam-se às causas com dimensão humanitária.

Depois das convulsões dos últimos meses, a educação será novamente o fator decisivo não só para a reconstrução, mas também e sobretudo para a própria construção. É certamente reconfortante notar que neste ponto [...] há consenso sobre as necessidades e convicções. Agora, por mais novas que sejam as tarefas que nos aguardam, é claro que não podemos evitá-las: no imenso esforço de preparação das gerações futuras que se manterá, o IBE continuará a dedicar a maior parte do seu trabalho àquele bem comum de todas as civilizações: a educação da criança. (Piaget, Relatório do Diretor, 1940, p. 12 *apud* Hofstetter; Schneuwly, 2024, p. 75, tradução nossa)¹⁰⁷.

Em 28 de fevereiro de 1947, foi assinado um acordo de colaboração entre o BIE e a UNESCO, estabelecendo uma Comissão Mista para definir as bases dessa cooperação. O acordo previa, entre outras condições, a associação das duas organizações para convocar as Conferências internacionais de instrução pública (INEP, 1964).

b) Instituto Internacional de Cooperação Intelectual (IICI)

¹⁰⁷ Texto original: “After the upheavals of the last few months, education will once again be the decisive factor not only for reconstruction, but also and above all for construction itself. It is certainly comforting to note that on this point [...] there is consensus on needs and convictions. Now, however new the tasks that await us, it is clear that we cannot avoid them: in the immense effort of preparing future generations that will be maintained, the IBE will continue to devote most of its work to that common good of all civilisations: the education of the child”.

Algumas cartas de Eliseu Fonseca de Montarroyos¹⁰⁸ arquivadas no acervo da ABE levaram a investigação ao Instituto Internacional de Cooperação Intelectual (IICI), antecessor da UNESCO e sob os auspícios da Sociedade das Nações (SDN). A Liga, em 21 de setembro de 1921, criou uma comissão para o estudo da cooperação intelectual internacional. Fruto dessa comissão foi um órgão Consultivo, criado em 4 de janeiro de 1922, o Comitê Internacional de Cooperação Intelectual (CICI) – depois, Instituto Internacional de Cooperação Intelectual (IICI), estabelecido em Paris, em agosto de 1925 – para atuar como uma agência executora das determinações do CICI. A Sociedade das Nações ou Liga das Nações (SD) foi fundada em 10 de janeiro de 1920, após a assinatura do Tratado de Versalhes, que encerrou oficialmente a Primeira Guerra Mundial. A SD foi criada como uma organização internacional com o objetivo de promover a paz e a segurança mundial, evitando conflitos armados e promovendo a cooperação entre as nações. Um texto da revista PEN de 1929 apontava que, para a Sociedade das Nações, existiam três grandes ações pela Paz:

1. As Associações para a S.D.N. (Sociedade das Nações) atuam sobre os adultos, sem se preocupar diretamente com a infância; 2. A Liga Internacional para a Educação Nova atua sobre a infância, sem lidar diretamente da S.D.N., mas convencida de que uma educação harmoniosa fará surgir espontaneamente o equilíbrio nervoso e a vontade de não violência; 3. A Comissão Internacional de Cooperação Intelectual inclui entre seus campos de ação a educação em favor da S.D.N. (PEN, n. 45, 1929, p. 46, tradução nossa)¹⁰⁹.

O texto da PEN nos dá uma ideia de como a SDN percebia e indicava que a educação era o caminho certo para promover a paz. Entre as estratégias estava a criação de um Subcomitê de Especialistas que, segundo a revista, era composto por três membros da Comissão de Cooperação Intelectual: Gilbert Murray (inglês), J. Destrée (belga), e J. Casarès (espanhol). O texto cita ainda que entre os especialistas estava a Sra. Dreyfus-Barney (francesa), vice-

¹⁰⁸ O Capitão Eliseu Fonseca de Montarroyos nasceu em 4 de junho de 1875. Ingressou no exército em 22 de janeiro de 1890, aos 14 anos, e em 3 de novembro de 1894 foi promovido a 2º Tenente, aos 19 anos de idade. Por ser da arma da artilharia, teria cursado a Escola Militar da Praia Vermelha entre 1890 e 1894, logo após a Proclamação da República e da atuação de Benjamim Constant como professor da Escola. A outra escola militar existente à época, no Rio Grande do Sul, formava oficiais da cavalaria. Em 1904, ainda como 2º Tenente, Montarroyos estava à disposição do Ministério do Exterior, no período do Governo Rodrigues Alves, já na gestão do Barão do Rio Branco na pasta do Exterior. Em 1907, figurou como Auxiliar do Estado Maior do Exército. É promovido a 1º Tenente em 8 de outubro de 1908, tendo recebido o título de Bacharel em Matemática e Ciências Físicas. Fonte: ver a dissertação “A cooperação intelectual internacional da Sociedade das Nações e o Brasil (1922-1938): dinâmicas de um processo”, de José Armando Zema de Resende, 2003.

¹⁰⁹ Texto original: “Pour la Société des Nations Il existe trois grandes actions pour la Paix 1° Les Associations pour la S.D.N. agissent sur les adultes, sans se préoccuper directement de l'enfance; 2° La Ligue internationale pour l'Education nouvelle agit sur l'enfance, sans s'occuper directement de la S.D.N., mais convaincue qu'une éducation harmonieuse fera naître spontanément l'équilibre nerveux et la volonté de non-violence; 3 La Commission internationale de Coopération intellectuelle compte parmi ses champs d'action l'éducation en faveur de la S.D.N.”.

presidente da Seção da Paz do Conselho Internacional das Mulheres, agente de ligação entre o Conselho Internacional das Mulheres e o Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, e o Sr. Rosset, diretor do Ensino Primário no Ministério Francês da Instrução Pública. As recomendações do Subcomitê de Especialistas contam com três seções:

Seção I. Como divulgar a Sociedade das Nações para crianças e jovens. Escolas. Livros. Revistas. A este respeito, é dito: “O Secretário-Geral da Sociedade das Nações também será solicitado a examinar a possibilidade de estabelecer **resumos periódicos especialmente redigidos para o corpo docente e de transmiti-los regularmente às revistas pedagógicas** e às principais autoridades responsáveis pela instrução pública”. Seção II. Como desenvolver o espírito de cooperação internacional entre as crianças, os jovens e seus professores. Seção III. Organização administrativa (PEN, n. 45, 1929, p. 46, tradução nossa e grifos nosso)¹¹⁰.

Aqui é possível identificar uma estratégia da SD para receber e enviar dados específicos para as revistas pedagógicas como uma forma de ampliar a cooperação, aprendizado e os trabalhos para uma educação de paz. Por conta da crise de 1929 e da Segunda Guerra Mundial, as atividades do CICI e do IICI foram paralisadas. A SD ou Liga das Nações, como também era conhecida, foi a precursora das Nações Unidas¹¹¹, estabelecida em 1945.

No entanto, retrocedendo um pouco, em 1926, o Jornal do Comércio do Rio de Janeiro publicou uma matéria sobre o Instituto Internacional de Cooperação Intelectual:

Que o movimento de reorganização intelectual pós-guerra, cuja mais alta expressão, é a Liga das Nações, não podia deixar de se ocupar dos problemas intelectuais. Depois da organização do trabalho, da higiene, do trânsito e depois de muitas outras regulamentações discutidas em Genebra sob o critério da Cooperação Internacional, parecia que o campo da ciência, da literatura, da arte e da instrução devia ser também visado pela boa vontade comum e organizado sob o ponto de vista de interesse comum (Jornal do Comércio, 03/09/1926, p. 4).

O texto do jornal traz o histórico de fundação da IICI, localizado no centro de Paris, no Palais-Royal, ocupando a parte principal, a Construção Montpensier. O Instituto era composto por sete seções que correspondiam aos principais grupos de problemas a serem resolvidos. O

¹¹⁰ Texto original: “Section I. Comment faire connaître la Société des Nations aux enfants et aux jeunes gens Ecoles. Livres. Revues. A ce sujet il est dit « Le Secrétaire général de la Société des Nations serait également prié d'examiner la possibilité de faire établir des résumés périodiques spécialement rédigés pour le corps enseignant et de les transmettre régulièrement aux revues pédagogiques et aux autorités et principales chargées de l'instruction publique”. Section II. Comment développer l'esprit de coopération internationale chez les enfants, les jeunes gens et leurs maîtres. Section III. Organisation administrative”.

¹¹¹ Atualmente, a UNESCO é considerada como continuidade das ações do CICI e do IICI. UNESCO (1987). A Chronology of UNESCO: 1947-1987. Paris, 1987. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0007/000790/079049eb.pdf>

diretor do Instituto era o francês era Julien Luchaire¹¹². De acordo com o texto publicado no jornal:

O Instituto compõe-se de sete secções, que correspondem aos principais grupos de problemas a serem resolvidos, com 20 empregados e alguns auxiliares. O diretor do Instituto é francês, o Sr. Julien Luchaire. Os chefes das 7 secções:

1. Seção de questões gerais.
 2. Seção de relações universitárias.
 3. Seção de relações científicas.
 4. Seção de relações literárias.
 5. Seção de relações artísticas.
 6. Seção jurídica.
 7. Seção de informações são, respectivamente, em inglês, polaco, alemão, belga, espanhol e italiano [...]. Podemos já citar os seguintes pontos de atuação do seu projeto:
- Criação do direito de propriedade científica.
 - Generalização das leis e regulamentos protetores das obras artísticas e o direito dos artistas sobre suas obras.
 - Organização Internacional de bibliografia e de informação científica.
 - Desenvolvimento do intercâmbio de publicação.
 - Unificação das nomenclaturas científicas.
 - Aceitação de regulamentos internacionais para facilitar a divulgação de livros e publicações.
 - Aceitação dos meios internacionais que auxiliem a ação editora e principalmente as publicações científicas ou didáticas.
 - Aceitação de regulamentos internacionais para trocas de professores e estudantes, igualdade dos direitos dos diplomas e da duração dos estudos.
 - Acordo internacional relativamente a museus e exposições artísticas.
 - Acordo internacional relativamente ao regime de bibliotecas.
 - Preparo de um regime internacional para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de cinematógrafo.
 - Elaboração de registro de museus
 - Fundação de uma Federação Internacional de Jornalistas (Jornal do Comércio, 03/09/1926, p. 4).

As cartas de Eliseu Montarroyos encontradas na ABE e datadas de 1929 e 1930, indicam que ele foi designado para ser o representante da ABE junto ao Instituto Internacional de Cooperação Intelectual (IICI). Em uma dessas cartas, Arthur Moses¹¹³, presidente da ABE,

¹¹²Julien Luchaire foi um dos principais mentores e promotores e o primeiro Diretor do IICI. Anteriormente, Luchaire foi Chefe de Gabinete do Ministro da Instrução Pública da França, entre 1919 e 1920, e Inspetor Geral da Instrução Pública (professores franceses em missão no exterior), entre 1920 e 1922. Entre 1922 e 1925, desempenhou as funções de perito francês junto à CICI, como colaborador de Henri Bérgson. Fonte: ver dissertação: A cooperação intelectual internacional da Sociedade das Nações e o Brasil (1922-1938): dinâmicas de um processo, de José Armando Zema de Resende, 2003.

¹¹³ Arthur Moses (1886-1967) nasceu no Rio de Janeiro. Realizou estudos secundários no Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, e os superiores na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, pela qual se formou em 1908. Retornou como professor do Colégio Pedro II em 1906; foi também assistente do Instituto Oswaldo Cruz, em 1909; Docente Livre da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; Chefe do Serviço Veterinário, em 1917; Diretor do Instituto Experimental de Veterinária, em 1921; Assistente Chefe do Instituto de Biologia Animal, desde 1934; Além de professor de Microbiologia da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil. Participou de agremiações científicas como membro Titular da Academia Nacional de Medicina; membro efetivo do Colégio

escreve a Montarroyos informando sobre essa nomeação. Segundo as cartas, durante uma reunião do Conselho Diretor da ABE, Montarroyos foi escolhido como Delegado da ABE junto ao IICI (ABE, Cartas de 1929 e 1930). Montarroyos representou o Brasil em congressos e conferências de comunicação e trânsito (Barcelona, 1921 e Genebra, 1923) e era assistente técnico da Delegação Permanente do Brasil na Liga das Nações e representante do IICI (Movimento-Revista de Crítica de Informação, 1929, p. 21).

A historiadora Juliette Dumont, que analisou as relações do Brasil com a CICI e IICI e como essas associações utilizaram a diplomacia cultural para fortalecer os laços entre o Brasil e a comunidade internacional, especialmente através de programas de intercâmbio acadêmico, conferências e publicações, identificou que:

Outro elo importante na organização brasileira relacionada à cooperação intelectual e ao Instituto de Paris é o delegado junto ao IICI. **Eliseu Montarroyos** foi nomeado delegado do Brasil junto ao Instituto já em 1925, ano em que essa função foi criada. Seu superior hierárquico era diretamente o ministro brasileiro das Relações Exteriores. Ele permaneceu em Paris até o fechamento do IICI, em 1941. Portanto, esteve presente durante toda a história do Instituto e suas relações com o Brasil. Antes de ser designado para esse posto, Eliseu Montarroyos fazia parte da Delegação Permanente do Brasil junto à SDN (Sociedade das Nações) como conselheiro técnico encarregado da comunicação. A função de delegado de Estado foi instituída em 1925, de acordo com o estatuto orgânico do IICI, que autoriza o Instituto a corresponder-se “diretamente com as autoridades governamentais e administrativas encarregadas, nos diferentes países, do exame e da solução das questões relacionadas ao seu objeto”. A partir de 1926, Luchaire tornou esses delegados atores-chave da cooperação intelectual, reunindo-os regularmente e também pedindo que interviessem junto aos seus governos. O papel do delegado de Estado, portanto, é o de intermediário entre o Instituto e as “autoridades governamentais e administrativas” brasileiras encarregadas da cooperação intelectual (Dumont, 2009, p. 50-51 tradução e grifo nossa)¹¹⁴.

Brasileiro de Cirurgiões; Presidente da Academia Brasileira de Ciência; Membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro; da Sociedade Brasileira de Higiene; da Academia Brasileira da História das Ciências; da Sociedade de Neurologia. Psiquiatria e Medicina Legal; da Société de Pathologie Exotique de Paris; da Associação Brasileira de Educação; Ex-Presidente e membro do Conselho Diretor; da Sociedade Brasileira de Dermatologia e Sifilografia; da Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa; membro fundador do Instituto Brasil Estados Unidos; membro da Associação Médica Pan-Americana (Vice-Presidente e Presidente da Seção Brasileira); da Sociedade Nacional de Geografia, Washington; da Academia Americana das Ciências Políticas e Sociais de Philadelphia; da Academia de Ciência Política da Universidade de Columbia; Membro Honorário da Sociedade de Medicina e Cirurgia Militar; Membro Correspondente da Sociedade de Medicina e Cirurgia Militar; Membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Entre as distinções, recebeu a medalha da Cruz Vermelha alemã e a Medalha de Ouro da Universidade de Hamburgo. Faleceu em 23 de novembro de 1967. FONTE: ABE

¹¹⁴ Texto original: “Autre maillon d’importance dans l’organisation brésilienne liée à la coopération intellectuelle et à l’Institut de Paris : le délégué auprès de l’IICI. Élysée Montarroyos fut nommé délégué du Brésil auprès de l’Institut dès 1925, année de la création de cette fonction. Son supérieur hiérarchique était directement le ministre brésilien des Relations extérieures. Il demeura à Paris jusqu’à la fermeture de l’IICI en 1941. Il a donc été présent tout au long de l’histoire de l’Institut et de ses relations avec le Brésil. Avant d’occuper ce poste, Élysée Montarroyos faisait partie de la Délégation permanente du Brésil auprès de la SDN en tant que conseiller technique

O Brasil participava dos debates acerca da cooperação intelectual, tanto na Comissão Internacional de Cooperação Intelectual (CICI), como no Instituto Internacional de Cooperação Intelectual (IICI). Da mesma forma que destacado no trabalho de José Armando Zema de Resende, Eliseu Montarroyos foi nomeado Delegado do Brasil no IICI por sugestão do Ministro das Relações Exteriores, Afrânio de Melo Franco¹¹⁵, e administrou os contatos diplomáticos do Brasil com o órgão da Sociedade das Nações. Para o autor, o Brasil ser representado nas instâncias criadas pela Sociedade das Nações trazia, além da cooperação intelectual internacional, o “progresso das suas instituições educacionais e científicas e de projeção, no exterior, da imagem do Brasil” (Rezende, 2013, p. 62).

Eliseu Montarroyos representou o Brasil no Instituto Internacional de Cooperação Intelectual entre 1925 e 1938. Ele também representava a Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Em um artigo no *Jornal do Comercio*, do Rio de Janeiro, Montarroyos indica a importância das ações do IICI:

Obra imensa, difícil, universal e de incalculável utilidade, um dos seus aspectos mais interessantes é o da influência salutar que exercerá, por suas reações, nos diversos países que para ela contribuirão. Cada um destes experimentará tal influência sob a forma de vivos e constantes estímulos à cultura do seu povo. Eis porque o governo brasileiro, tendo querido associar-se a essa obra e dar-lhe o seu precioso apoio, está prestando um serviço inestimável a grande causa da nossa educação nacional (Montarroyos, *Jornal do Comercio*, 10/02/1929).

Nesse sentido, Dumont destaca a importância de Montarroyos na promoção da

chargé de la communication. La fonction de délégué d'État fut instituée dès 1925, conformément au statut organique de l'IICI, qui autorise ce dernier à correspondre « directement avec les autorités gouvernementales et administratives chargées, dans les différents pays, de l'examen et de la solution des questions se rattachant à son objet ». Dès 1926, Luchaire en fit des acteurs-clés de la coopération intellectuelle: en les réunissant régulièrement, mais aussi en leur demandant d'intervenir auprès de leur gouvernement. Le rôle du délégué d'État est donc celui d'intermédiaire entre l'Institut d'une part, et les « autorités gouvernementales et administratives » brésiliennes chargées de la coopération intellectuelle d'autre part”.

¹¹⁵ Afrânio de Melo Franco (1870-1943) foi um diplomata e político brasileiro nascido em Paracatu (MG). Estudou no Colégio da Conceição, em São João Del Rei, e no Colégio Abílio, em Barbacena. Ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo em 1887, onde se alistou à causa republicana, formando-se em 1891. Exerceu cargos importantes, como secretário da legação brasileira em Montevidéu (1896) e Bruxelas (1897), deputado estadual por Minas Gerais (1903), e deputado federal por oito mandatos consecutivos, além de ter sido membro da Comissão de Diplomacia e Tratados da Câmara. Durante a Primeira Guerra Mundial, foi redator da Lei de Guerra. Em 1919, representou o Brasil na I Conferência Internacional do Trabalho. Em 1923, foi chefe da delegação brasileira à V Conferência Pan-Americana. Também ocupou o cargo de embaixador permanente do Brasil junto à Liga das Nações (1924-1926). Após a Revolução de 1930, tornou-se o primeiro-ministro das Relações Exteriores do Governo Provisório de Getúlio Vargas, por meio da qual foram assinados 31 acordos comerciais. Sua atuação como mediador no conflito de Leticia (1933), entre Colômbia e Peru, resultou em uma indicação ao Prêmio Nobel da Paz. Pediu demissão do Itamaraty em dezembro de 1933. Em 1938, foi designado presidente da delegação brasileira à VIII Conferência Pan-Americana e, em 1939, nomeado representante brasileiro na Comissão Interamericana de Neutralidade, presidindo-a até 1942. Foi membro da Academia Nacional de História e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Fonte: <https://www.gov.br/funag/pt-br/chdd/historia-diplomatica/ministros-de-estado-das-relacoes-exteriores/afra-nio-de-melo-franco> acessado em 06/12/2024.

diplomacia cultural, ressaltando como suas ações ajudaram a consolidar a presença do Brasil nas redes de cooperação intelectual global:

Montarroyos desempenhava a intermediação, com grande convicção e seriedade, a maioria dos documentos de correspondência que utilizamos neste trabalho é de sua autoria ou dirigida a ele. Além de seu papel intermediário, ele tenta representar o Brasil sempre que possível em reuniões, conferências, comitês que considera interessantes para seu país. Assim, entre outros exemplos, ele representou a Associação Brasileira de Imprensa no congresso da Federação Internacional de Jornalistas em Londres em 1932, participou do congresso sobre colonização rural realizado em Argel em 1931, fez parte de um comitê de especialistas criado pelo Instituto sobre documentação pedagógica em 1933 (Dumont 2009, p. 50-51, tradução nossa)¹¹⁶.

A cópia de um documento incompleto arquivado na ABE, intitulado “Coordenação Internacional do Centro de Documentação Pedagógica – criação de um centro brasileiro”, apresenta parte de uma carta enviada de Paris por Eliseu Montarroyos (faltando a folha 2) ao Ministro das Relações Exteriores, Afrânio de Melo Franco. A carta trata da criação de um centro brasileiro de documentação pedagógica. Nela, Montarroyos informa que, de acordo com uma resolução da Comissão Internacional de Cooperação Intelectual, em julho de 1931, o Instituto Internacional de Cooperação Intelectual convocou, em Paris, nos dias 11 e 12 de fevereiro de 1932, um comitê seletivo composto por diretores de educação primária e representantes de centros de documentação e estudos educacionais. Em anexo na carta, estão listados os participantes da reunião que contou com a participação de representantes de Firenze, Bruxelas, Paris, Berlim e Londres¹¹⁷. Na visão e no texto de Montarroyos, o Brasil deveria participar da Coordenação Internacional do Centro de Documentação Pedagógica e apresenta sugestão para tal:

Peço licença para apresentar a Vossa Excelência uma sugestão acerca do modo como se poderia, a meu ver, instituir facilmente o “Centro Brasileiro de Documentação Pedagógica”. Salvo o caso de querer o Ministério da Educação tomar a si a organização e direção d’esse Centro, parece-me que a Associação Brasileira de Educação está naturalmente indicada para se encarregar da constituição e superintendência dele e assumir a responsabilidade das informações que terá de fornecer, conforme acima ficou dito. Aliás, seria

¹¹⁶ Texto original: “Montarroyos l’a joué avec beaucoup de conviction et de sérieux: la plupart des éléments de correspondance dont nous nous servons dans ce mémoire sont de sa plume ou lui sont destinés. Au-delà de son rôle d’intermédiaire, il tente de représenter le Brésil aussi souvent que possible aux réunions, conférences, comités qu’il juge intéressants pour son pays. Ainsi, entre autres exemples, il représente l’Association brésilienne de la presse au congrès de la Fédération internationale des journalistes de Londres en 1932, participe au congrès sur la colonisation rurale qui se tient à Alger en 1931, fait partie d’un comité d’experts créé par l’Institut sur la documentation pédagogique en 1933.

¹¹⁷ Lista dos participantes da reunião: Ernesto Codignola, como Diretor do Instituto Superior e de Magistério de Florença; Furnemont, como Diretor do National School Museum de Bruxelas; Hilker, no cargo de Diretor do Zentralinstitut für Erziehung und Unterricht de Berlim; Horatio Krans, como Diretor da American University Union Paris-Branch; Rosset, como Diretor Geral de Educação Primária e representante do Ministério da Instrução Pública de Paris; Wood, como Diretor do Office of Special Inquiries and Reports e Board of Education de Londres; MM Bonet, que era o Diretor do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual; e Mohr, como Secretário Principal do I.C.I. e o Secretário do I.I.C.I. Fonte: Montarroyos, ABE, 1932, Folha B.11 Anexo.

desejável que o funcionamento que referido Centro, na hipótese de ser ele emanção da **Associação Brasileira de Educação**, estivesse sujeito a fiscalização geral do Ministério da Educação. Quanto a representação do Centro Brasileiro no Comitê permanente supracitado ou em quaisquer reuniões dos representantes dos Centros nacionais, é claro que não acarretaria despesa alguma, uma vez que tal representação fosse confiada ao delegado do Brasil junto ao Instituto Internacional de Cooperação Intelectual (Montarroyos, ABE, 1932, p. 3, grifos nossos).

Aqui pode-se perceber que Montarroyos acreditava que a ABE, como associação que mantinha atividades voltadas à instrução e à educação, deveria ser a representante e a gestora do centro brasileiro junto ao Internacional do Centro de Documentação Pedagógica. Montarroyos percebe com interesse a importância de estar ligado às demais associações internacionais como um acesso para divulgar a cultura e o país junto as demais nações.

Na dissertação de mestrado de Henrique Vasconcellos Cruz Ribeiro (2014), que analisou parte da história da Museologia no Brasil, o diplomata e representante brasileiro do IICI, Eliseu da Fonseca Montarroyos, surge com um papel importante na divulgação sistemática no Brasil das atividades do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual. Para Ribeiro, Montarroyos acreditava na importância da propaganda brasileira nesse Instituto e defendia a entrada do Brasil para o círculo fechado das nações mais civilizadas.

Pela imprensa, em março de 1933, sabe-se, por exemplo, que o IICI publicava um impresso chamado os *Les dossiers de la Cooperati6n Intelecuelle* e havia editado um volume de 200 páginas totalmente voltado à rádiodifusão escolar. O comunicado da Diretoria Geral de Informações e Estatísticas e Divulgação do Ministério da Educação e Saúde Pública divulga o material do IICI no jornal (Jornal do Comércio, 31/03/1933). No texto do impresso, Montarroyos acentua a vantagem da cooperação e afirma: “é para que tenha o nosso professorado conhecimento de tão útil publicação”. Uma outra publicação da imprensa que devo destacar data de maio de 1934, no Jornal do Comércio, tratando-se de uma coluna chamada Brasil e Brasileiros na Europa; ela traz notícias de professores brasileiros em Paris e do Brasil nas publicações do IICI. Novamente, aqui, percebe-se o papel de Montarroyos, atuando como mediador entre o IICI e os interesses culturais brasileiros.

O Brasil nas publicações do Instituto de Cooperação Intelectual. Encontram-se frequentemente artigos e notícias, de muito alto interesse, acerca das manifestações da cultura brasileira nas diversas e importantes publicações do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, operosa e benemérita instituição junto à qual é delegado do Brasil o Dr. Eliseu Montarroyos. Muito é de desejar que os educadores e, em geral, os intelectuais brasileiros procurem conhecer e acompanhem com atenção tais publicações. Não só esses intelectuais individualmente, **mas também as instituições culturais do Brasil: universidades, bibliotecas, museus, academias, associações pedagógicas, artísticas, científicas, literárias, todos os organismos, em**

suma, responsáveis pelo desenvolvimento espiritual do nosso povo. Além de suas publicações periódicas de atas, coleções sobre assuntos especiais e de grande monta, o Instituto de Cooperação Intelectual edita, por ano, numerosas obras episódicas do mais alto valor e da mais palpitante atualidade. Seria demasiado longo darmos aqui o catálogo dos livros e revistas do Instituto. Nada mais fácil para o leitor do que obter esse catálogo gratuitamente, bastando que o peça ao delegado do Brasil junto ao Instituto (Jornal do Comercio, 20/05/1934, p. 8, grifos nossos).

Interessante perceber que a nota acima sugere aos educadores, intelectuais e instituições culturais brasileiras, como universidades, bibliotecas, museus e associações artísticas e científicas, que acompanhem de perto as publicações do IICI, que publica periodicamente atas, coleções temáticas e obras especializadas consideradas valorosas e atuais. Há também a sugestão de que o catálogo dessas publicações seja solicitado gratuitamente ao delegado brasileiro.

Um outro documento em francês, disponível no arquivo das correspondências da ABE, traz alguns dados sobre a educação mundial. O documento vem da Federação Internacional das Associações de Professores, que atua dentro do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual (IICI), emanado da Liga das Nações com o tema: Colaboração Pedagógica e Cooperação dos Povos para a Paz.

A matéria publicada na Revista A Escola Primária em janeiro de 1933, n. 10, traz um texto explicativo sobre os esforços mundiais pela paz, bem como apresenta dados sobre a instalação da seção brasileira junto à Federação Nacional das Sociedades de Educação (FNSE):

A Federação Nacional das Sociedades de Educação, comemorando a data da fraternidade dos povos, fundou a 1 de janeiro corrente a sua seção brasileira da “Paz pela Escola” cujo conselho Executivo hoje se instala e se empossa em suas funções (Mello Franco, A Escola Primária, 1933, p. 181).

Entre as correspondências, é possível perceber que o Sindicato Nacional dos Professores da França enviava para a ABE o impresso periódico denominado l’Ecole Libératrice; também a coleção de publicações e o Boletim de informações (ABE, Carta, 23/01/1935) endereçados à Marina Ribeiro Corimbaba. Na sequência, uma outra correspondência (01/04/1935), de abril do mesmo ano, solicita informações da ABE sobre endereço, nomes dos presidentes e diretores, número de associados e coisas mais no sentido de manter os dados atualizados.

Ainda, uma mais traz o Boletim Mensal de Informações – *Feuille Mensuelle d’Informacion n 40/41, março/abril de 1935*. O documento tem 29 páginas e apresenta uma agenda dos próximos Congressos programados para 1935, bem como um longo relatório de atividades relacionadas à educação em vários locais do mundo. O Boletim é assinado pelo secretário geral Louis Dumas e pelo secretário geral adjunto Georges Lapierre e apresenta dados

e temas em debate em 33 países: África do Sul, Alemanha, Argentina, Austrália, Áustria, Bélgica, Brasil, Bulgária, Canada, China, Colômbia, Cuba, Dinamarca, Espanha, França, Hungria, Índia, Itália, Irlanda, Islândia, Luxemburgo, Mexico, Noruega, Nova Zelândia, Polônia, Portugal, Suíça, Suécia, Tchecoslováquia, URSS, USA, Venezuela e Iugoslavia.

As fontes para a elaboração dos relatórios poderiam ser as próprias associações congêneres, bem como as revistas e periódicos. Sobre o Brasil, o relatório indica que parte das informações foram retiradas das revistas de ensino do país. Sobre o cenário do Brasil naquele ano, o boletim indica:

a) Para reconstrução educacional do Rio de Janeiro - A população escolar do Rio de Janeiro que, em 1930, somava 85.000 crianças matriculadas nas escolas públicas municipais, soma hoje 117.000 alunos. Mais de 801 crianças em idade escolar frequentam as escolas. O nível de educação também melhorou consideravelmente. 30 prédios escolares estão em construção, muitos dos quais em fase de conclusão. Mais de 1.000 professores fazem cursos de atualização. O número de trabalhos de pesquisa e estudo realizados pelos professores aumentou. O corpo docente vive um período de profunda renovação intelectual. A primeira promoção de professores graduados sairá neste ano da academia pedagógica criada em 1933. Assim a escola brasileira está em plena transformação e progresso. (A Escola Primária nº 7, outubro de 1934); b) Primeiro Congresso Regional Brasileiro de Educação O primeiro Congresso Regional de Educação organizado sob os auspícios do Governo com a colaboração dos Ministérios da Agricultura, I. e Saúde Pública pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, aconteceu de 15 a 30 de novembro na cidade baiana. Por ocasião deste Congresso, têm sido organizadas conferências para trabalhadores e professores convocados pelos municípios do interior do país, no sentido de melhorarem os seus conhecimentos agrícolas e culturais, que depois difundirão nas suas terras, nas suas escolas e nas suas comunidades agrícolas. clubes; em um grande terreno cedido pelo Estado foi plantada uma horta contendo uma grande coleção de plantas da região com instruções sobre a arte de cuidar delas; novos clubes agrícolas foram criados com o objetivo de despertar o interesse das populações rurais pelo trabalho no campo; as bibliotecas escolares da Bahia foram enriquecidas com novas contribuições; organizou-se uma exposição de material escolar; um grande número de excursões na região ocorreu. Por ocasião deste Congresso foi também fundada a primeira escola-colônia da República. Esta instituição servirá de centro de instrução e assistência às famílias nativas vindas do sertão brasileiro, que ali serão iniciadas na arte do cultivo da terra, nas regras de higiene e nas regras de convívio social (Dumas; Lapierre, FIAI/IICI, 1935, p. 12, tradução nossa).¹¹⁸

¹¹⁸ Texto original: “a)Reconstruction éducative de Rio de Janeiro: La population scolaire de Rio de Janeiro, qui s'élevait à 85 000 enfants inscrits dans les écoles publiques municipales en 1930, atteint aujourd'hui 117 000 élèves. Plus de 80 % des enfants d'âge scolaire fréquentent les écoles. Le niveau de l'enseignement a également été considérablement amélioré. Trente bâtiments scolaires sont en construction, dont plusieurs sont presque terminés. Plus de 1 000 instituteurs suivent des cours de perfectionnement, et le nombre de travaux de recherche et d'études effectués par les enseignants a augmenté. Le corps enseignant traverse une période de profonde rénovation intellectuelle. La première promotion d'instituteurs diplômés quittera cette année l'académie pédagogique créée en 1933. Ainsi, l'école brésilienne est en pleine transformation et progrès. (A Escola Primária No 7, octobre 1934) b)

Um aspecto interessante para reflexão está na relação entre a ABE e o FIAI/IICI. O relatório enviado à ABE é significativo, pois evidencia uma iniciativa voltada à disseminação de ideias e projetos discutidos globalmente, considerando que o mesmo documento foi enviado a 33 países. Isso sugere a existência de um possível diálogo entre essas nações, reforçado pelos registros de trocas de informações e pela compilação de dados.

Em uma carta datada de abril de 1938, o IICI se dirigiu ao presidente da ABE para confirmar o recebimento de uma correspondência anterior, datada de 31 de março de 1938. Na mesma, o IICI expressa agradecimento pela lista fornecida dos principais livros e artigos de revistas pedagógicas publicados no Brasil, em 1937. Além disso, o texto menciona que Eliseu da Fonseca Montarroyos, delegado do Estado do Brasil junto ao Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, havia enviado uma lista semelhante semanas antes, a qual foi compilada pelo Sr. C.A. Barbosa de Oliveira, professor da Escola Nacional de Engenharia. De acordo com a missiva, a lista foi incluída na última edição da *Bibliografia Pedagógica Internacional* e já havia sido impressa. Hans Mohr, secretário do IICI, informava ainda que no futuro pretendia se dirigir à Associação Brasileira de Educação para obter a referida lista e que estava satisfeito em notar que a Associação Brasileira de Educação poderia ser considerada o Centro Nacional de Documentação Pedagógica no Brasil. “Estamos contentes em ver surgir uma conexão entre o seu país e o Instituto Internacional de Cooperação Intelectual em Paris, uma conexão que certamente nos permitirá empreender uma colaboração boa e frutífera”, escreve Mohr (ABE, Carta, 28/04/1938). Tais informações podem indicar que Montarroyos era o representante do Brasil no IICI, ora como representante da ABI, ora como representante da ABE.

c) **The National Education Association (NEA)**

A Associação Nacional de Educação dos Estados Unidos da América (NEA) foi fundada

Premier Congrès Brésilien d'enseignement régional: Le premier Congrès d'enseignement régional, organisé sous les auspices du Gouvernement avec la collaboration des Ministères de l'Agriculture, de l'Industrie et de la Santé Publique par la Société des Amis d'Alberto Torres, s'est tenu du 15 au 30 novembre dans la ville de Bahia. À l'occasion de ce Congrès, des conférences ont été organisées pour les laboureurs et les enseignants convoqués par les municipalités de l'intérieur du pays, afin de perfectionner leurs connaissances agricoles et culturelles, qu'ils diffuseront ensuite dans leurs régions, leurs écoles et leurs clubs agricoles. Un vaste terrain fourni par l'État a été aménagé en jardin potager, avec une grande collection de plantes locales et des instructions sur leur culture. De nouveaux clubs agricoles ont été constitués pour éveiller l'intérêt des populations rurales pour le travail des champs. Les bibliothèques scolaires de Bahia ont été enrichies de nouveaux ouvrages. Une exposition de matériel scolaire a été organisée, et un grand nombre d'excursions dans la région ont eu lieu. À l'occasion de ce Congrès, la première colonie-école de la République a également été fondée. Cette institution servira de centre d'instruction et de secours pour les familles indigènes venues du hinterland brésilien, leur enseignant l'art de cultiver leurs terres, les règles d'hygiène, et les principes de la vie sociale”.

em 1857 e funcionou como uma sociedade nacional de debates para um pequeno grupo de líderes educacionais, professores da escola primária, secundária e superior, pelo restante do século XIX. Era como um fórum que objetivava debater, promover e elaborar planos para impulsionar o movimento pela escola pública nos EUA. No século XX, sem abandonar essas ações, a associação “foi, principalmente, um canal de expressão retórica daqueles líderes e de seus planos” (Urban, 2016, p. 123). Já em 1895, lançou um documento conhecido como Relatório da Comissão dos Dez, que definiu o aumento do número de disciplinas do currículo da educação básica. Nas duas primeiras décadas do século XX, viu as matrículas escolares aumentarem, os Estados criarem leis para a obrigatoriedade da frequência escolar, melhorias na eficiência escolar, reorganização das redes de ensino. Em 1918, a NEA elegeu a Comissão de Emergência de Educação e elaborou um plano com 15 itens (Teixeira, 1928) que pensava ações de mobilização e de desenvolvimento da educação no país. De acordo com Warde (2003), por mais de um século a NEA foi o grande centro decisório em todas as matérias pertinentes à educação, graus e ramos de ensino:

Nela ou a partir dela se travaram os grandes debates educacionais, desencadearam-se as principais reformas de ensino, as principais lideranças foram promovidas e apagadas entre os anos de 1880 e 1930. Pela associação passavam os nomes que compunham os conselhos de educação e os diretores ou superintendentes de ensino (Warde, 2003, p. 129).

A NEA promovia reuniões nacionais e locais e mantinha comissões permanentes de trabalho. Tinha uma revista chamada *The Journal of the National Education Association* - *Jornal da NEA* e um *Boletim de Investigação*. Todo o material publicado era encaminhado para as bibliotecas e para os cursos de educação do país. Além disso, elaborou estudos para aumentar o número de matrículas com o menor gasto possível, desenvolveu uma destacada rede de publicações e fez lobby para a criação de um Ministério da Educação (o Departamento de Educação estava alocado no Ministério do Interior). Em 1931, contava com mais de 220.000 membros organizados nos diversos estados dos EUA. O relatório de Anísio Teixeira dá uma visada da NEA:

O desenvolvimento da educação nos Estados Unidos se faz numa progressão geométrica. Os últimos vinte e cinco anos representam um progresso maior que o dos 75 anos anteriores e os últimos 10 anos são espantosamente mais significativos do que os 15 que os precederam. A prosperidade da N. E. A. data desses últimos dez anos. Em 1917, a Associação transferiu a sua sede central, de Ann Arbor em Michigan, para a capital do país e data daí o seu florescimento. Quando esse fato se deu, a Associação já era uma sociedade plenamente vitoriosa. Seguindo as leis de um desenvolvimento natural, ela já existia praticamente em todos os estados, quando se resolveu a dar organização definitiva ao seu órgão central (Teixeira, 1928, p. 99).

A NEA sai dos estados para o centro-capital, enquanto a ABE, “inspirada no modelo da NEA” (Carvalho, 1998, p. 214), inicia sua história do centro: inicialmente com sede no Rio de Janeiro, capital do país à época, distribui-se pelos estados quando expande com as demais afiliações configuradas em seções regionais, que gozavam de certa autonomia em relação à representação nacional (Mignot; Xavier, 2004).

Anísio Teixeira estabeleceu relações com a NEA quando em viagem aos EUA. Nas correspondências da ABE é possível perceber indícios da relação entre as duas associações, bem como em algumas atas dos anos iniciais da ABE. Em maio de 1928, na reunião do Conselho Diretor da ABE, o presidente Mário P. de Brito convidou Rodrigo Otávio, diretor da ABL, a compor a mesa, apresentando logo em seguida o professor americano Levin Swiggett. De acordo com a ata:

L. Swiggett lê uma carta de apresentação que traz da National Educational Association. Em seguida usou da palavra Dr. Rodrigo Octavio elogiando e saudando o professor americano, que respondeu agradecendo, e expondo a sua missão entre nós. São três os objetivos de uma Federação que tem em vista: formação de todas as associações americanas de educação, para o que convida a A.B.E., fazendo ressaltar as vantagens de uma união mais íntima entre o professorado americano; a instituição no Brasil da Semana da Educação, à semelhança do que se faz com ótimos resultados na América do Norte; finalmente, sobre os concursos internacionais de oratória, patrocinado no seu país pelos maiores jornais e ao qual já aderiram numerosos países (ABE, Ata, 05/1928).

Segundo uma nota do jornal A Esquerda de 4 de maio de 1928, o professor Glen Levin Swiggett havia desembarcado no Brasil com o intuito de estudar as condições de economia política dos países da América do Sul. Swiggett era membro da National Education Association (NEA) e delegado das associações educacionais dos EUA. O professor lecionava Economia Internacional e Mercados Universais na Universidade de Georgetown e veio ao Brasil para tratar dos seguintes assuntos: a formação de uma federação, a instituição da Semana de Educação e os concursos internacionais de oratória. Já o Jornal do Comércio (16/05/1928) traz um texto informando sobre o jantar comemorativo da ABE que teve como convidados Roquete Pinto, fundador da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, e o professor Glen Levin Swiggett, da National Education Association dos Estados Unidos.

Leonardo Mattos da Motta Silva (2021) analisou o evento “Semana de Educação” e no texto resultante demonstra que parte dos objetivos propostos por Swiggett foram alcançados. A ABE organizou a Semana de Educação no Brasil entre os anos de 1928 e 1935. Os concursos de oratória também se concretizaram com o apoio dos jornais. Sobre as Federações de ensino, segundo o Conselho Diretor, era mais urgente e “interessava mais diretamente a questão da

Confederação das Associações de Educação”.

A Semana Americana de Educação era como uma instituição da NEA. O modelo de semana que L. Swiggett desejava realizar no Brasil, juntamente com a ABE, não passou despercebido por Anísio Teixeira, que indicou o evento em seu relatório de viagem aos EUA para o governo da Bahia como uma atividade em que toda a nação americana, das grandes metrópoles até as pequenas vilas, dedicava especial atenção às suas escolas (Teixeira, 1928, p. 101). O objetivo da Semana era pôr o público em contato com o trabalho das escolas, as suas conquistas, as suas necessidades e abordava os seguintes temas: boa saúde, vida digna da família, comando dos instrumentos, da técnica e do espírito saber, leal civismo, eficiência vocacional, sábio dos lazeres e caráter. Ela acontecia seguindo os dias da semana: primeiro, o dia da Saúde; segundo o dia da Escola e da Família; terceiro, o dia da Escola; quarto, o dia da Oportunidade; quinto, o dia do Armistício; sexto, o dia da Comunidade; e o último dia, era o dia de Deus e da Pátria (Teixeira, 1928).

Assim, Semana Americana de Educação pode ser pensada em uma abordagem transnacional, tendo em vista que o evento extrapolou as fronteiras americanas, circulou aqui no Brasil e, em certa medida, foi apropriado pela ABE, que olhava para fora do Brasil em busca de soluções e/ou práticas pedagógicas que pudessem ser aplicadas por aqui. Em 1928, a Associação, sob influência da cultura norte-americana, realizou em solo brasileiro a primeira edição do evento de caráter nacional e anual denominado Semana de Educação (SE), posteriormente chamado de Semana Brasileira de Educação.

A relação entre NEA e a ABE perdurou. Entre 1945 e 1946, a NEA encaminha algumas correspondências para a ABE, via Embaixada do Brasil, convidando para o Congresso Mundial de Educadores de Edincott, bem como sugere que Fernando Tude de Souza seja o representante brasileiro no evento:

A Associação Nacional de Educação dos Estados Unidos está patrocinando uma Conferência Mundial da Profissão Docente, a ser realizada de 17 a 30 de agosto de 1946 em Endicott, Nova York. As organizações de professores mais representativas de cada uma das Nações Unidas estão sendo convidadas a enviar delegados [...]. É nosso plano que a conferência encoraje o restabelecimento de contatos profissionais e pessoais internacionais que foram prejudicados pela guerra, o estabelecimento de novos contatos e a discussão de problemas educacionais de interesse internacional. Tendo em vista sua posição como presidente da Associação Brasileira de Educação e como Diretor do Ministério da Educação, gostaria de sugerir que o Dr. Fernando Tude de Souza seja nomeado delegado brasileiro (NEA, Carta, 12/05/1946).

As cartas são assinadas pelo secretário executivo Willard Earl Givens. Givens (1886–1971) era um educador americano que atuou como secretário executivo da NEA de 1935 a

1952. Antes disso, foi presidente da California Education Association. Ele se descrevia como socialista, mas se opôs ao comunismo, geralmente apoiando o presidente Franklin Roosevelt. Como chefe da NEA, ele ajudou os professores a se organizarem para que obtivessem salários mais altos.

Na edição da revista Educação de 1948, em uma espécie de resumo dos anos 1945, 1946 e 1947, a carta reposta de Fernando Tude de Souza, presidente da ABE, dirigida para Willard Earl Givens, secretário executivo da NEA, foi publicada nas atividades referentes ao ano de 1946. Na carta, Tude de Souza conta que o Conselho Diretor da ABE está entusiasmado em participar do Congresso:

[...] a realização de tão importante reunião que julga muito necessária nesta fase de reorganização mundial quando os educadores precisam de assentar pontos de vista que poderão ser decisivos para o futuro da democracia e da paz em todo o mundo. A ABE deseja participar ativamente dos trabalhos e tudo fará para ter um representante na Conferência que exporá os seus pontos de vista já assentados na Conferência de Educação Democrática, realizada em 1945, de onde saiu a “CARTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA”, logo depois seguida de um “Programa Mínimo” (Souza, Educação, 1948, p. 35).

Fernando Tude de Souza¹¹⁹ era médico graduado na Faculdade de Medicina da Bahia, atuou na administração da educação pública, foi presidente da Associação Brasileira de Educação, jornalista e representante cultural do MEC. Quando jovem (1929), foi líder estudantil ligado às lutas democráticas da Aliança Liberal, que mais tarde levaria Getúlio Vargas ao poder. Tude veio de uma família conservadora. Era filho de Eudoro Tude e sobrinho de Plínio Tude, presidente da Associação Comercial da Bahia, fortes negociantes na praça de Salvador. Suas escolhas democráticas não agradaram a sua família, nem aos amigos, colocando-o em conflito com a oposição e com a classe dominante.

Ao lado de seu amigo de escola Manoel Novais, tornou-se acadêmico de medicina. Quando Juraci Magalhaes é empossado como interventor da Bahia, Fernando Tude de Souza e Manoel Novais passam a integrar o gabinete civil. Algum tempo depois, Juraci convida Tude para assumir como Diretor do Departamento de Educação, estabelecendo como condição que Tude realizasse aperfeiçoamento necessário numa universidade da América do Norte, repetindo assim a experiência do Governo Goés Calmon, com Anísio Teixeira.

Em 1939, Fernando Tude passa a residir no Estado do Rio de Janeiro, concursando-se

¹¹⁹ Os dados da biografia foram extraídos do discurso do Professor Pedro Gouvêa Filho em homenagem à memória de Fernando Tude de Souza, em 1962, na ABE. Também foi consultada a página Biblioteca Radiofônica Tude de Souza, disponível no link <https://biblioteca.cfch.ufrj.br/index.php/memoriabibcfch/colecoesespeciais-memoria/27-colecoes-especiais/108-artigos-colecoes-especiais-brts>

no Ministério de Educação e Saúde do Estado. Fernando Tude de Souza trabalhou entre as décadas de 1940 a 1950 como Técnico de Educação do Ministério de Educação e Saúde Pública, foi diretor do Serviço de Radiodifusão Educativa e delegado que representava o Brasil em conferências para educadores promovidas pela UNESCO. Ele também atuou como diretor do serviço de documentação do Departamento de Educação de Adultos do Distrito Federal. Ocupou cargos nacionais e internacionais, como Técnico de Educação do Ministério de Educação e Saúde, Diretor do Serviço de Radiodifusão Educativa do M.E.S., Delegado do Brasil nas Conferências mundiais de educadores promovidas pela NEA e UNESCO. Foi Secretário da Presidência da Cia do Vale do Rio Doce, Diretor do Serviço de Divulgação do Departamento de Educação de Adultos da Prefeitura do Distrito Federal, entre outros.

Fernando Tude de Souza, no dia 14 de agosto de 1946, embarca no DC4 da Panamerican-Airways com destino aos EUA, para representar o Brasil na Conferência Mundial de Educação. O evento deveria reunir os delegados de mais de quarenta nações, em Endicott, nos Estados Unidos, para estudar o papel da educação na reconstrução democrática do mundo. A Revista O Malho publica:

O delegado brasileiro, que é médico e técnico de educação, ex-diretor e ex-diretor da Instrução Pública da Bahia, diretor do Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e Saúde, é o atual presidente da Associação Brasileira de Educação, cargo a que foi conduzido mercê dos seus reconhecidos méritos de conhecedor profundo dos problemas educacionais. Por tudo isso, não poderia ser mais acertada, nem recebida com maior agrado e confiança a escolha do nosso governo, para que o Dr. Tude de Souza o represente na Conferência de Endicott (O Malho, 1946, edição IX, p. 31).

A escolha do delegado, segundo os jornais, teve uma excelente repercussão nos círculos culturais do Brasil. Tude, apesar de jovem, já apresentava destacado trabalho voltado à educação. A matéria publicada no O Jornal do dia 14 de agosto de 1946 informa que Tude continuará sua colaboração com as colunas do periódico, com a ideia de fazer uma série de entrevistas que possibilitassem ao leitor brasileiro uma compreensão mais clara do pensamento americano:

A participação do Brasil no conclave de Endicott tem uma importância muito grande, pois os assuntos que ali serão debatidos, dizem muito de perto com os nossos interesses. Estamos numa fase de reconstrução democrática e a de finalidade primacial da Conferência de Educadores é saber o que a educação poderá fazer para tal de objetivo. Levo a palavra de fé dos educadores brasileiros na democracia e bater-me-ei pela organização da Ordem Internacional dos Educadores. Encaro o problema da cultura como um problema universal e não como um problema das nações individualmente. Precisamos, pois, de resolver coletivamente um problema do mundo. Os grandes terão que ajudar os pequenos, pois mesmo assim estarão fazendo auto-defesa também. Os educadores terão que conquistar governos e povos para a

tarefa de agora, uma tarefa de educadores: a reconstrução moral do mundo. Educação, Liberdade, Democracia e União, eis as nossas palavras de ordem. No Congresso de Endicott prosseguiu o sr. Fernando Tude de Souza - defenderei os mesmos pontos de vista pelos quais venho há anos batendo: educação, liberdade e democracia (O Jornal, 1946, p. 1).

No O Jornal, edição de domingo de 25 de agosto de 1946, uma matéria intitulada *Bilhete dos Estados Unidos – estamos com os ponteiros certos*, Fernando Tude faz uma narrativa da abertura do evento. Segundo ele, o presidente da NEA, Frank L. Schlagle, o chamou para fazer uso da palavra: “Este evento, além de congregar delegados do mundo inteiro para debater um assunto fundamental para o mundo, foi também o dia da apresentação histórica dos aparelhos de tradução simultânea da IBM, usados pela primeira vez no mundo”, discursa Fernando Tude de Souza. As palavras do delegado brasileiro foram traduzidas para o inglês, o francês, o espanhol e o chinês. Segundo o texto de Tude, “Depois de pronunciadas as primeiras frases, tratei de colher impressões nas fisionomias dos presentes munidos dos aparelhos (IBM Translators). Todas aquelas fisionomias me diziam silenciosamente: para a frente amigo, assim também pensamos nós. Assim também nós desejamos ver o mundo” (O Jornal, 1946).

Tude, em seu discurso em Endicott, faz referência à Carta Brasileira de Educação Democrática. No cenário educacional, a Constituição de 1946¹²⁰ assegurou a liberdade de expressão e a de ensino, sendo fortemente influenciada pela Carta Brasileira de Educação Democrática emitida pela Associação Brasileira de Educação (ABE), resultado do IX Congresso Brasileiro de Educação (CBE), realizado no Rio de Janeiro em 1945. O objetivo dessa manifestação era ampliar o acesso ao ensino, e que ele fosse condizente com os interesses humanos e sociais, estabelecendo limites ao Estado, devendo promover a liberdade e a fraternidade por meio da educação. De acordo com Mignot (2004, p. 12), a Carta Brasileira de Educação Democrática exibia “a proposição de um modelo de organização do ensino calcado no reconhecimento da diversidade regional do País e na adequação das práticas pedagógicas às

¹²⁰ A queda do Estado Novo, em 1945, e o início do processo de redemocratização do país reforçam as bases do nacional-desenvolvimentismo. A ideologia nacional desenvolvimentista enfatizava o problema da justiça social e da construção de uma sociedade democrática enfatizando o desenvolvimento industrial e o planejamento, o recurso ao capital estrangeiro e a busca da racionalidade na administração pública – inclusive criando órgãos paralelos de assessoria técnica com o intuito de obter diagnósticos precisos da situação – e associando todos esses elementos à meta maior de promover o ingresso do país na modernidade. Nesse caso, a modernidade se consubstanciaria pela atuação do Estado como instrumento deliberativo e efetivo do desenvolvimento econômico por meio do qual se elevaria o padrão de vida da maioria da população, seja na geração de novos empregos, seja pelo maior índice de produtividade alcançado pela nação (Xavier, 1999, p. 53). No governo de Eurico Gaspar Dutra foi promulgada a Constituição de 1946, que buscou restituir os preceitos democráticos da Carta de 1934, que precedia o Estado Novo. Nesse momento é posta em debate a formulação das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), prevista na Constituição de 1946. “Nesse processo, voltaram ao centro do debate, as questões relativas ao embate público-privado, ainda associado à relação Estado-Igreja e seus desdobramentos na esfera educacional” (Xavier, 1999, p. 59).

características culturais, sociais e individuais dos alunos e da comunidade circundante”. Ainda de acordo com a autora, os educadores presentes no evento destacaram a relevância de uma formação democrática para os professores, enfatizando a necessidade de pluralidade e adaptabilidade. Nesse contexto, recomendaram a exclusão de conteúdos que exaltassem governos autoritários ou glorificassem figuras de ditadores e conquistadores nos programas de formação docente.

É importante situar que o IX CBE se deu em um ano marcado por transições significativas, tanto no cenário internacional quanto no nacional. No plano global, o ano de 1945 representou o fim da Segunda Guerra Mundial e o declínio do nazifascismo, em meio a um ambiente de distensão entre os países vencedores do conflito, como os EUA e a URSS. No Brasil, o evento coincidiu com o término da ditadura do Estado Novo, já com alguns sinais de abertura política, como a anistia a presos políticos, a redução da censura à imprensa e a previsão de eleições presidenciais para dezembro daquele ano. É nesse cenário que a ABE apresenta como tema central da IX CBE a Educação Democrática. Para Vieira (2019, p. 112), naquele momento, a ABE buscava redefinir sua relação com o Estado, defendendo mudanças na educação brasileira para consolidar uma sociedade democrática. Entre as propostas estavam a formação crítica, a cooperação, a tolerância, a liberdade de ensino, a educação voltada para a fraternidade e a cooperação internacional, além da formação democrática de professores e a ampliação da educação pública, sem discriminação de raça, credo ou classe social.

No O Jornal, também foi publicado o discurso de Tude em Endicott:

Os educadores brasileiros que se congregam na Associação Brasileira de Educação podem estar tranquilos na trilha estão andando. Nas ideias expostas na Carta Brasileira Educação Democrática são as ideias que os educadores democráticos do mundo inteiro defendem e esposam com calor. Estamos com ponteiros certos. Isso é um testemunho que nos deve orgulhar e que nos deve encher de estímulo para prosseguimento das nossas campanhas em prol da educação do povo. Com o pensamento firme no educador brasileiro que, por certo, seria o meu maior “torcedor” na difícil e importante tarefa que tinha sobre os ombros - meu saudoso e querido companheiro Venancio Filho – prossegui falando durante onze minutos. Lia nos olhos de todos os ouvintes a satisfação por vir uma voz de tão longe, tão sincroniza da com o pensamento de todos. Frisei bem que aquilo tudo quanto eu dizia e defendia não era pensamento individual, era o pensamento da Associação Brasileira de Educação, que estava certa de representar o pensamento de todos os educadores do Brasil. E, ao terminar as minhas palavras, todas elas gravadas em discos definitivos, pois a IBM quer deixar da conferencia mundial de educadores um documento completo, recebi no abraços de autoridades educacionais de todo o mundo a compensação de alguns anos de esforço quotidiano por tais ideias e pensei mais profundamente no nosso Brasil (O Jornal, 03/10/1946).

Tude relata ainda que as mensagens do presidente Truman, do governador Dewey¹²¹, de Schlagle, de William Carr, prefeito de Endicott e do Dr. Smith, da World Federation of Education Associations (WFEA) reforçavam os mesmos pontos de vista do delegado brasileiro. Entre as resoluções gerais do Congresso, o trabalho foi dividido em cinco Comissões Principais, a saber: Comissão A - Constituição de uma Organização Mundial de Educadores; Comissão B - Ensino da Compreensão Internacional; Comissão C - Assistência à educação em áreas devastadas pela guerra; Comissão D - Recomendações a UNESCO; e a Comissão E – Resoluções Gerais. Abaixo apresenta-se o registro do encontro (Figura 10), uma foto com os delegados que participaram do Congresso.

FIGURA 10 - DELEGADOS DA CONFERÊNCIA MUNDIAL DE EDUCADORES REALIZADA EM EDINCOTT, NY, 1946



FONTE: Hemeroteca Nacional Digital – O Jornal, 06/10/1946, p. ilegível

d) União Pan-Americana (UPA)

A Union Panamericana (UPA)¹²², ou Union Panamericana de Cooperação Intelectual,

¹²¹ Thomas E. Dewey (1902-1971) representante do partido Republicano, governou por 12 anos, o estado de New York, nos EUA Fonte: Wikipédia

¹²² A UNIÃO PAN-AMERICANA é mantida pelas quotas destinadas por cada país, baseadas em sua população. Suas relações são administradas por um Diretor Geral e um Diretor Assistente, eleitos e responsáveis por um Conselho Diretor, o qual é composto pelo Secretário de Estado dos Estados Unidos e pelos representantes diplomáticos dos outros governos americanos em Washington. Estes dois diretores executivos são assessorados por um conjunto de especialistas internacionais, estatísticos, editores, tradutores, compiladores, bibliotecários, estenógrafos e funcionários. A UNIÃO publica mensalmente boletins em inglês, espanhol e português, os quais são cuidadosos registros do progresso Pan Americano. Também publica diversos relatórios especiais e folhetos de países, cidades, mercadorias, etc., da América Latina. Sua biblioteca, a Columbus Memorial Library, contém 57.000 volumes, 227.000 cartas indexadas, e uma vasta coleção de mapas. Há também uma coleção de 26.000 fotografias, diapositivos e negativos. A União está sediada em um belo edifício construído por meio da generosidade de Andrew Carnegie e das contribuições das Repúblicas Americanas. Fonte: Gabriela Correa da

também comparece com regularidade nas cartas enviadas e recebidas pela ABE. Ela nasce durante a Primeira Conferência Internacional Americana, realizada em Washington D.C. (outubro de 1889 a abril de 1890), quando foi criada a “União Internacional das Repúblicas Americanas para a pronta coleta e distribuição de informações comerciais”, com sede naquela cidade. Alguns anos depois, esta união tornou-se a “União Pan-Americana”. A UPA tem escritório internacional mantido em Washington, D.C., pelas vinte e uma repúblicas americanas que seguem: Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Equador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Salvador, Estados Unidos, Uruguai e Venezuela. É dedicada ao desenvolvimento do comércio, relações de amizade, bom entendimento e a preservação da paz entre os países.

Gabriela Correa da Silva (2019), em sua tese de doutorado, investigou o panamericanismo¹²³ e a operação historiográfica do IHGB indica que os trabalhos realizados pela União Pan-Americana estimulavam o intercâmbio cultural e educacional entre os países da Américas.

Em 1917 a correspondência com instituições educacionais, educadores e estudantes na América do Norte e do Sul tornou-se tão volumosa que a Seção de Educação foi estabelecida sob o comando direto do Diretor Assistente. Entre suas primeiras atividades esteve uma campanha em prol do estudo das línguas espanhola e portuguesa e da literatura e história latino-americanas em escolas e universidades dos Estados Unidos; a publicação de artigos educacionais; assistência de estudantes da América Latina nos Estados Unidos; cooperação com instituições educacionais, científicas e culturais, bem como associações pelas Américas; a preparação de estudos sobre aspectos da educação no hemisfério. Depois que a seção se tornou uma divisão separada em 1924, seu escopo continuou a se expandir e em 1929 seu nome foi alterado para DIVISÃO DE COOPERAÇÃO INTELECTUAL, a qual coletava e disseminava informação sobre vários aspectos do movimento cultural das vinte e uma repúblicas americanas no que se refere aos campos da educação, ciência, literatura e artes. Ela também contribuiu para criar relações mais próximas e frutíferas entre indivíduos e instituições engajadas nos vários aspectos da vida intelectual no continente; encorajou a tradução e publicação de artigos e livros indicativos do progresso cultural nas Américas; promoveu viagens interamericanas por indivíduos ou grupos de educadores, cientistas, e outros profissionais – homens e mulheres; patrocinou o intercâmbio de exposições de arte, trabalhos e correspondências entre escolas; publicou, em espanhol e em português, panfletos técnicos sobre tópicos educacionais; em inglês, espanhol e português uma revista mimeografada sobre atividades culturais pelo continente. O nome da edição em inglês é Panorama. Esta divisão também edita uma ou duas vezes ao ano uma publicação mimeografada, em espanhol e português, contendo itens de interesse dos

Silva (2020) que cita Alfaro (1926) no artigo: O panamericanismo e o projeto de construção de um passado comum para os países das Américas: uma análise das atividades da União Pan-Americana através da coleção Pan-American Patriots, disponível nas referências.

¹²³ O pan-americanismo pode ser entendido como um ideário formulado pelos Estados Unidos nas últimas décadas do século XIX, que propunha a cooperação intelectual, cultural, política e comercial entre os países da América.

professores latino-americanos (UPA, Boletim, 1940, p. 207-208, *apud* Silva, 2019, p. 75).

De acordo com Silva, a UPA era uma instituição estratégica. Por meio de eventos culturais, das Conferências Pan-Americanas, dos Congressos Científicos e do próprio Boletim UPA,

Por um lado, a UPA servia como grande centro de informações, não apenas para os governos, mas também para os cidadãos dos países, membros da União, os quais podiam consultá-las a qualquer hora. O primeiro trabalho do Bureau foi a publicação do “Handbook of the American Republics”, em janeiro de 1891, o qual continha informações sobre sistemas de crédito, leis de comércio, açúcar e café, negócios em frutas e castanhas, pesos e medidas, etc. Diversos guias foram publicados, sobre diferentes países das Américas. A publicação do Boletim mensal começou em outubro de 1893. A partir de 1910 houve mudança quanto ao Boletim, que passou a conter artigos de interesse mais amplo e também mais ilustrações, sendo amplamente distribuído, especialmente para os representantes diplomáticos e para as Bibliotecas de todas as vinte e uma repúblicas. Outro dado relevante é que a UPA era responsável por publicar o conteúdo e os resultados das Conferências Pan-Americanas. Além disso, também fornecia materiais para os encontros de clubes de mulheres, bastante usuais nos Estados Unidos da primeira metade do século XX (Silva, 2019, p. 74).

Nesse sentido, os Boletins mensais e folhetos publicados pela UPA são fontes valiosas para a busca de informações relacionadas ao desenvolvimento dos países com os quais ela dialogava, inclusive o Brasil. Nas correspondências entre ABE e UPA encontram-se registros de tratativas com relação à solicitação de dados educacionais do Brasil (1925), a troca de publicações entre ambas as entidades e, também, articulações para definir representantes que circulariam nas associações e eventos. As cartas são assinadas por Esteban Gil Borges¹²⁴,

¹²⁴ Esteban Gil Borges era político, diplomata, escritor e professor universitário. Foi membro fundador da Academia de Ciências Políticas, membro da Academia da Língua e eleito para a Academia de História. Foi diplomata formado desde muito jovem na carreira, consultor do Ministério das Relações Exteriores, Chanceler pela primeira vez entre 1919 e 1921, subdiretor da União Pan-Americana (UPA) e novamente Chanceler de 1936 a 1941. Na UPA foi nomeado bibliotecário e, posteriormente, diretor assistente, cargo que exerceu até março de 1936. Fonte: https://www.venezuelatuya.com/biografias/esteban_gil_borges.htm acesso em 20/02/2024

Heloise Brainerd¹²⁵ e Leo Stanton Rowe¹²⁶. Heloise Brainerd, por exemplo, exercia o cargo de chefe seção de educação da União Pan-americana em Washington, nos EUA, e integrou algumas reuniões da ABE. Brainerd mantinha comunicação por meio de carta e informa que enviaria regularmente à Associação Brasileira de Educação uma série sobre educação que eles produziam, além de pedir que enviassem o Boletim da ABE para a Union (BRAINERD, 1929). Heloise Brainerd visitou o Brasil em 1928. A viagem integrava o roteiro de visitas às escolas latino-americanas, que incluiu também Uruguai, Argentina, Paraguai, Chile, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Panamá e México (Brainerd, 1929). O interesse da União Pan-americana era, por meio desta viagem, conhecer e estudar questões relativas à instrução em cada um dos países latino-americanos visitados.

No Rio de Janeiro, Brainerd visitou estabelecimentos de ensino públicos e particulares, associações, o Jardim Botânico, entre outros espaços. O jornal Correio da Manhã do Rio de Janeiro registrou a participação de Heloise Brainerd na reunião do Conselho Diretor da ABE, presidida por Mario de Brito, em 5 de junho de 1928. Em sua fala, Miss Brainerd representando

¹²⁵ Heloise Brainerd (1881-1969) esteve ligada à União Pan-Americana em Washington DC de 1909 a 1935. Nasceu em Wallingford, Vermont, em 30 de abril de 1881, filha de Charles e Emily (Sanford) Brainerd. Frequentou o Middlebury College entre 1900-1901 e formou-se no Smith College em 1904. Após a formatura, trabalhou de 1905 a 1909 como secretária bilíngue em um escritório de advocacia na Cidade do México, vivendo parte do tempo com famílias mexicanas. De 1909 a 1935 ela esteve ligada à União Pan-Americana em Washington, DC, primeiro como secretária particular ao Diretor Adjunto e depois como Chefe da Divisão de Educação; mais tarde, esta se expandiu para a Divisão de Cooperação Intelectual, que trabalhou para promover o intercâmbio educacional, artístico, literário, científico e cultural nas Américas. Brainerd passou seis meses na América do Sul em 1928 como representante oficial da União Pan-Americana, período durante o qual visitou o Panamá e todas as repúblicas, exceto Colômbia e Venezuela. Em 1935, Brainerd renunciou à União Pan-Americana e tornou-se presidente do Comitê das Américas e presidente da Divisão de Trabalho Interamericano da Liga Internacional das Mulheres pela Paz e Liberdade (WILPF). O objetivo de Brainerd era atrair mulheres da América Latina para o movimento pela paz e, para fazer isso, ela viajou muito pelas Américas, muitas vezes permanecendo em visitas prolongadas, e correspondendo-se frequentemente com outras mulheres. Ela renunciou ao WILPF em 1953. Brainerd foi nomeada vice-presidente honorário da Seção dos EUA do WILPF em 1954. Outras homenagens recebidas incluíram a Medalha de Instrução Pública da Venezuela e a Ordem do Mérito do Equador, além de ser nomeada membro *Honorária* de inúmeras organizações. Fonte: Disponível em <https://archives.tricolib.brynmawr.edu/repositories/8/resources/7189> acessado em 20/02/2024.

¹²⁶ Leo Stanton Rowe (1871-1946) foi um cientista político e acadêmico norte-americano que serviu como diretor da União Pan-Americana (UPA) de 1920 a 1946, instituição que canalizou pontos de vista e políticas dos EUA em questões de integração hemisférica e que foi a precursora da Organização dos Estados Americanos. Foi estadista-estudioso, promotor do panamericanismo e coletor de conhecimento em escala hemisférica. Durante sua gestão, Rowe trabalhou na promoção da integração hemisférica e na defesa da cooperação intelectual entre os Estados Unidos e os países da América Latina, com destaque para a sua atuação na formulação de uma política de “cooperação intelectual”. Ele também teve um papel importante na resolução de disputas fronteiriças na América do Sul e na defesa de uma versão multilateral da Doutrina Monroe. Além de suas funções administrativas, Rowe foi autor de obras influentes sobre governo constitucional, administração urbana e federalismo, incluindo estudos comparativos entre os Estados Unidos e a Argentina. Sua abordagem sobre a modernização política e social da América Latina foi inovadora para a época, desafiando a visão dos Estados Unidos sobre a região ao destacar os avanços de países como Argentina, Brasil e Chile. A UPA, sob sua liderança, foi importante para estreitar os laços entre os países americanos, facilitando o intercâmbio cultural, educacional e jurídico, antecipando em vários anos as políticas de boa vizinhança implementadas mais tarde pelo presidente Franklin D. Roosevelt. Fonte: SALVATORE, 2016. p.48, 49, 50, 51 – tradução nossa), disponível nas referências.

a União Pan-americana e a Confederação Mundial de Associações de Educação, “se coloca à disposição, oferece os arquivos da União e quaisquer informes desejados pelas ABE” (Brainerd, *Correio da Manhã*, 06/06/1928, p. 10).

Já o jornal *Correio Paulistano* noticiou a visita realizada no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte e em São Paulo. Em terras paulistas, Miss Brainerd teve uma conferência com o diretor geral da Instrução Pública, Amadeo Mendes, que forneceu todas as informações e as publicações oficiais da administração de São Paulo. Segundo o relato do jornal, durante os dias 13, 14, e 15 de junho, em companhia do professor Darlo de Moura, a representante da União Pan-americana percorreu diversos estabelecimentos de ensino para conhecer as práticas escolares locais. Brainerd destacou a importância da realização da viagem e das visitas para coletar impressões e estudos no continente americano. Sobre o estado de São Paulo, declarou Miss Heloise Brainerd que “o considerava progressista em todos os ramos da atividade humana” (Brainerd, *Correio Paulistano*, 16/06/1928, p. 4).

Um número da *Revista A Escola Primária* de 1931 publicou um artigo intitulado *As novas correntes educativas na Ibero-América*, narrando as impressões coletadas por Miss Heloise Brainerd em sua viagem ao Brasil e aos países americanos. O material¹²⁷ foi traduzido e adaptado pela professora e inspetora Maria dos Reis Campos. De acordo com o texto, o movimento reformador do ensino, também conhecido como escola ativa, escola nova e escola do trabalho havia se expandido da Europa e dos Estados Unidos para os países americanos. O artigo de 1931 ajuda a perceber parte do cenário educacional dos países visitados pela Miss Heloise Brainerd, bem como a circulação dos saberes, dos métodos e das práticas educativas que extrapolaram as fronteiras territoriais.

Brainerd, representando a UPA, realizava viagens e percorria alguns países para saber das condições de ensino existentes. A UPA, como se percebe pelas correspondências, buscava estreitar relações com as instituições culturais e científicas, coletando informações, produzindo boletins mensais atendendo a demanda de conhecer mais sobre o mundo ao sul dos Estados Unidos e estimulando o intercâmbio cultural e educacional entre os países da América. Leo Stanton Rowe foi diretor geral da UPA por cerca de vinte anos e atuou nos campos da cultura, do direito e da educação. Estes sujeitos também são indicadores de possíveis caminhos de investigação. Ainda, há uma carta e uma informação na ata da ABE de 1931 que evidenciam a solicitação da União Pan-Americana para o envio de artigos sobre os aspectos educacionais mais interessantes, com mais ou menos 4.500 palavras em inglês e espanhol. Percebe-se, então,

¹²⁷ Este tema será explorado no capítulo 2.

que além dos sujeitos envolvidos, há também a intenção de fazer circular artigos entres as duas associações.

A relação da ABE com a UPA segue e, em 1936, a ABE publica um livreto chamado Mensagem às Repúblicas Americanas, escrito por Paulo Estevão de Berredo Carneiro¹²⁸, que era Doutor na Universidade de Paris e docente na Escola Politécnica e no Instituto de Educação do Distrito Federal. Na edição da revista Educação de 1940, um texto assinado por Francisco Venâncio Filho, por ocasião do cinquentenário da UPA, oferece uma visada da mesma. De acordo com Venancio Filho, a UPA era um dos laços mais fortes de solidariedade cultural e moral para os povos do Continente de Colombo. Filho descreve aspectos da sede da UPA, em Washington, reforça que o Brasil está intimamente ligado à Union e comenta as visitas recíprocas entre ABE e UPA.

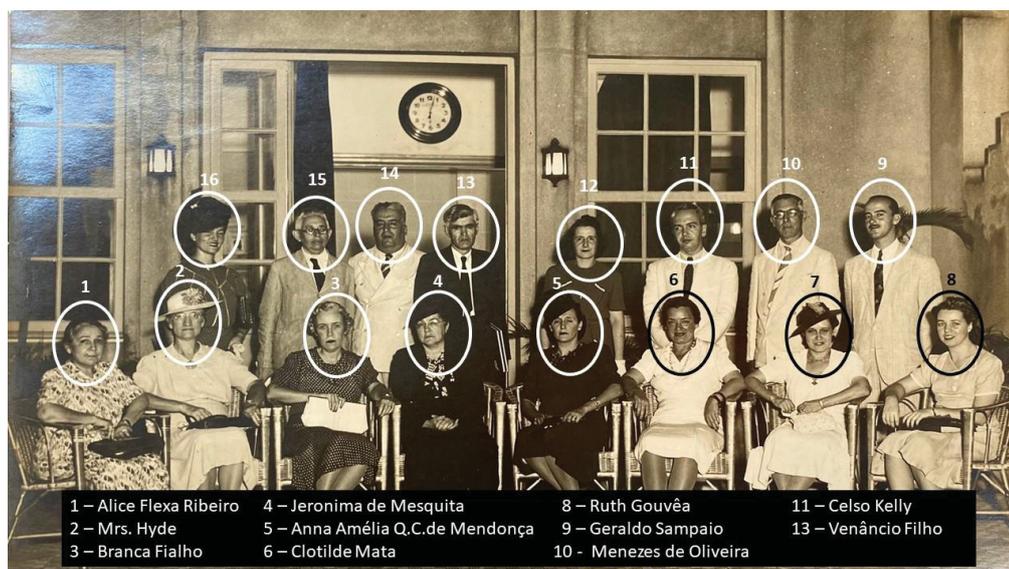
Entre os trabalhos prestados pela UPA, voltados à educação nas Américas, cita a Biblioteca de Colombo, inaugurada no Quarto Centenário das Américas, que conta com 70 mil volumes, cerca de 2 mil mapas e mais de 300 mil fichas de autores e assuntos variados. Venancio Filho também relembra o trabalho desenvolvido pela UPA citando a Série Sobre a Educação¹²⁹, que apresentava quase uma centena de folhetos, breves, exatos, sobre as mais variadas questões de doutrina e de informação, e outras como o “Correio do Departamento de Cooperação Intelectual” e as “Leituras para Educadores” e a promoção das Conferências Pan-Americanas entre outras atividades (Venancio Filho, Educação, 1940, p. 25).

Na edição seguinte da revista Educação é publicado um discurso de Celso Kelly na sessão que a ABE organizou para marcar o cinquentenário da UPA, em 15 de abril de 1940. No arquivo de fotos da ABE encontra-se a imagem da Celebração do Dia Pan-Americano, registrada em 14 de abril de 1941, reproduzida a seguir.

¹²⁸ Terceiro ocupante da Cadeira 36, eleito em 20 de maio de 1971, na sucessão de Clementino Fraga, foi recebido pelo Acadêmico Ivan Lins em 4 de outubro de 1971. Paulo Estevão Berredo Carneiro nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 4 de outubro de 1901 e faleceu em 17 de fevereiro de 1982. Era filho de Mario Barbosa Carneiro e Maria Teodoro de Berredo Carneiro. Os estudos acadêmicos de Paulo Carneiro se encaminharam, sobretudo, para o campo da Química. Foi funcionário do Ministério da Agricultura, Secretário de Agricultura no Estado de Pernambuco, docente de Química Geral na Escola Politécnica e professor dessa disciplina em várias instituições de ensino. Durante 4 anos esteve em atividade no Instituto Pasteur, de Paris, onde se doutorou em 1931. Publicou estudos sobre o curare, veneno que merecera a atenção de Claude Bernard, um dos grandes expoentes da medicina experimental no século XIX. Quando exercia as funções de Secretário do Governo de Pernambuco, redigiu Paulo Carneiro uma carta aos bispos daquele Estado na qual chamava a atenção para a lastimável condição de miséria que atingia os trabalhadores urbanos e rurais da região (“Igreja e o Estado em prol do trabalhador pernambucano” - 25 de setembro de 1935). As pesquisas de Paulo Carneiro na França receberam palavras de louvor da Academia de Medicina de Paris. Indicado pelo governo brasileiro, o cientista participou da Primeira Assembleia Geral das Nações Unidas, efetuada no ano de 1946. A seguir, foi nomeado embaixador do Brasil junto à UNESCO, função que exerceu de 1946 a 1958. Deixou publicadas as seguintes obras: “Introdução à história cultural e científica da humanidade”, “Ideias e problemas de nosso tempo”, “Augusto Comte, oeuvre et jeunesse” e “Vers un nouvel humanisme”. Fonte ABL

¹²⁹ A lista das publicações encontra-se nos anexos da tese.

FIGURA 11 - COMEMORAÇÃO DO DIA PANAMERICANO, EM 14 DE ABRIL DE 1941, NA SEDE DA ABE



FONTE: ABE

Sobre o registro (Figura 11), explica-se que os números e nomes dos presentes reproduzem as anotações da ABE. A foto original apresenta uma folha de papel vegetal sobreposta à imagem, nominando os participantes. Dessa mesma maneira a reprodução foi elaborada para este trabalho. Na ata da reunião do Conselho Diretor da ABE, relativo ao dia do Panamericanismo, consta que o Dr. Carlos Sá fez uso da palavra, “formulando um voto para que a ABE estabeleça intercâmbio não só com o continente americano, mas também com outros povos” (ABE, Ata, 14/04/1941, p. 235).

e) Institute of International Education (IIE)

Antes de apresentar o Institute of International Education de Nova York (IIE), cabe apresentar o personagem que se mostra nas correspondências vindas do IIE, arquivadas na ABE, e que me conduziram até aqui: Stephen P. Duggan. Ele era educador e diretor do Instituto de Educação Internacional (IIE) entre 1919 e 1946, e ficou conhecido como o “apóstolo do internacionalismo”. O trabalho de Duggan como diretor de uma nova agência internacional na coordenação do intercâmbio educacional procurou posicionar os Estados Unidos da América como o centro da educação internacional. O IIE foi uma agência educacional criada em 1919, na sequência da Conferência de Paz de Paris, por Duggan, ao lado do presidente da Universidade de Columbia, Nicholas Murray Butler (1862-1947), e do secretário da Guerra dos EUA, Elihu Root (1845-1937). De acordo com Chay Brooks (2015), o objetivo do IIE era promover a América como o ponto central dos intercâmbios educacionais na era da

(re)construção internacional, “uma câmara de compensação de informações e conselhos para os americanos sobre assuntos educacionais em países estrangeiros e para estrangeiros sobre assuntos educacionais no Estados Unidos”. Eles acreditavam que seria impossível alcançar a paz duradoura sem uma maior compreensão entre nações e que o intercâmbio educacional internacional formava a base mais forte para promover tal entendimento.

Stephen Duggan visitou nove países da América do Sul. Ele veio ao Brasil por intermédio de Carlos Delgado de Carvalho¹³⁰, com apoio da ABE e do Itamaraty. Nas correspondências, por exemplo, identifica-se um ofício datado de 17/12/1929 da ABE para o Ministro das Relações Exteriores, Hélio Lobo, comunicando a vinda do Sr. Duggan, do IIE, ao Brasil para falar sobre educação. O ofício também solicita o custeio de 2.000 dólares para o conferencista. Dez dias depois, a carta repostada comunica que autoriza Delgado de Carvalho em viagem aos EUA, a promover a vinda de Dr. Stephan Duggan para um ou duas Conferências, com patrocínio da ABE e registra que foram pagos adiantados 1.500 dólares. Há troca de correspondências sobre artigos, livros, bolsas de estudos, viagens realizadas na América do Sul e temas que estivessem relacionados à educação. Duggan também participava das ações da Comissão de Cooperação Intelectual da Liga das Nações, segundo uma carta arquivada na ABE. Ainda, Duggan está diretamente ligado à criação de uma entidade cultural binacional (IBEU) que passa pela ABE e será também um forte articulador da Exposição de Livros¹³¹ norte-americanos em 1936.

A relação com Duggan/IIE também está registrada no oferecimento de dez bolsas a professores brasileiros escolhidos pela ABE, para uma estada de cinco semanas nos Estados Unidos da América. A tese de Silmara Cardoso (2015) trouxe algumas correspondências contendo o registro do diálogo entre Stephen P. Duggan (IIE) e Anísio Teixeira (ABE), que trata dos professores brasileiros que seguiriam em viagem aos Estados Unidos. De acordo com Cardoso:

Nesse documento expõe uma questão central: as instituições que determinado professor frequentaria, como por exemplo, o *Teachers College* na Universidade de Columbia. Anísio também pede a opinião de Stephen Duggan

¹³⁰ Carlos Miguel Delgado de Carvalho (1884-1980) foi um educador brasileiro com uma trajetória marcante em instituições de destaque, tendo participado na conformação do campo disciplinar no país. Diplomado pela Escola de Ciências Políticas de Paris, cursou Direito na Universidade de Lausanne e Sociologia na London School of Economics. Atuou como professor de Sociologia da Educação no Instituto de Educação e no Colégio Pedro II, onde também foi diretor entre 1930 e 1931, além de lecionar História Moderna na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi um dos pioneiros na introdução das concepções da geografia moderna no Brasil. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, membro correspondente da Royal Society of Literature de Londres, e integrante do Conselho Nacional de Educação, foi fundador da Associação Brasileira de Educação (ABE) em 1924 e signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932, ao lado de figuras como Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo. Fonte: ABE

¹³¹ A Exposição de Livros norte-americanos de 1936 será tratada no capítulo 2.

de outras boas instituições para os professores brasileiros estudarem e se especializarem. O Dr. Stephen P. Duggan responde a carta-ofício de Anísio Teixeira apresenta as instituições que os professores brasileiros iriam estudar e se especializar, para isso, envia uma lista com os nomes desses professores, sua função no magistério e as respectivas instituições de estudo nos Estados Unidos (Cardoso, 2015, p. 130).

Anísio Teixeira ocupou cargos de destaque como diretor da instrução pública e teve uma participação ativa em instituições como a Associação Brasileira de Educação (ABE) e outros órgãos educacionais. Em 1928, ele foi contemplado com uma bolsa do Macy Student Fund, oferecida pelo Instituto Internacional, o que lhe permitiu passar 10 meses no Teachers College, onde se especializou em educação. Após seu retorno ao Brasil, Anísio Teixeira manteve um relacionamento próximo com os dirigentes e professores do Teachers College, criando uma ampla rede de contatos. Enquanto dirigiu a instrução pública no Rio de Janeiro, atuou como mediador entre essa instituição e diversos intelectuais brasileiros, como Francisco Venâncio Filho, Paschoal Lemme e Antonio Carneiro Leão, facilitando suas oportunidades de estudar no Teachers College. Cardoso (2015, p.140) destaca que Anísio Teixeira escreveu cartas de apresentação ao Teachers College, incluindo uma em que intercedeu por Manoel Bergström Lourenço Filho, que aproveitava sua viagem oficial aos EUA para se especializar e visitar instituições educacionais.

f) World Federation of Education Associations (WFEA)

A World Federation of Education Associations (WFEA), ou Federação Mundial de Associações de Educação, foi fundada em São Francisco, nos EUA, em 1923, e tem como membros as associações nacionais de educação e outras instituições culturais do mundo, inclusive da ABE.

De acordo com o pesquisador Harry Smaller (2015), que investigou a trajetória da WFEA¹³² destacando-a como organização, apesar de suas boas intenções, a WFEA enfrentou tensões internas e externas que eventualmente levaram à sua dissolução durante a Segunda Guerra Mundial. Segundo ele, a WFEA estava ligada à National Education Association (NEA):

É importante notar que a criação da WFEA estava em grande parte nas mãos da National Education Association, fundada nos EUA em 1858. Embora ostentasse a maior adesão de professores de sala de aula no país, pelo menos nos primeiros 100 anos de sua existência era muito controlada por altos funcionários da educação, professores universitários e funcionários do governo, praticamente todos os homens brancos, conscientes de seu status

¹³² Ver Harry Smaller, no artigo “An Elusive Search for Peace: The Rise and Fall of the World Federation of Education Associations (WFEA), 1923-1941”, publicado em 2015, na revista *Historical Studies in Education*, discute a trajetória da WFEA.

profissional. Do ponto de vista da NEA, fundar a WFEA foi um resultado natural de suas relações em desenvolvimento com organizações nacionais e internacionais. Bem antes da virada do século XX, a NEA já havia expandido a sua política local, estadual e nacional, para se tornar ativa também nas relações internacionais (Smaller, 2015, p. 101, tradução nossa).¹³³

A WFEA, assim como outras associações, tinha como um dos principais objetivos trabalhar pela paz global promovendo a educação como um meio de estabilizar o futuro e fomentar o entendimento internacional. Ela realizou conferências bienais em Edimburgo, na Escócia (1925), em Toronto, no Canadá (1927), em Genebra, na Suíça (1929), em Denver, nos EUA (1931), Dublin, na Irlanda (1933), em Oxford, na Inglaterra (1935), em Tóquio, no Japão (1937), além de um Congresso Regional no Havai (1932). Essas conferências tratavam dos assuntos e problemas da educação internacional. A organização também tinha um impresso chamado *World Education*, um veículo que reunia contribuições de educadores de diversos países e divulgava as atividades e conferências da Federação.

Um texto publicado no *Jornal da NEA* (1931), que informava sobre o programa da Conferência de Denver organizada pela WFEA, confirmava a presença de vários países para debater os problemas de interesse mundial que seriam considerados:

Nunca antes ou mesmo depois da Guerra Mundial houve uma época em que houvesse tanta necessidade de encontrar uma forma de cooperação entre as nações como agora. Os professores estão começando a perceber as enormes responsabilidades que têm na preparação de uma nova geração que será capaz de uma melhor compreensão internacional e de uma cooperação mais estreita (*The Journal of The National Education Association*, março de 1931, p. 84, tradução nossa)¹³⁴.

Com base nas investigações de Rita Hofstetter e Bernard Schneuwly sobre as relações do BIE com outras associações, a Federação Mundial era um interlocutor particularmente privilegiado:

Em primeiro lugar, porque as associações educativas federadas da WFEA, nomeadamente as sociedades de professores primários e secundários, que também estavam no âmbito do BIE do Institut Rousseau, estavam convencidas

¹³³No texto original: “It is important to note that the creation of the WFEA very much lay in the hands of the National Education Association, founded in the USA in 1858. While boasting the largest membership of classroom teachers in the country, for at least its first 100 years of existence it was very much controlled by senior education officials, university faculty members and government officials, virtually all white males, conscious of their professional status. From NEA’s perspective, founding the WFEA was a natural outcome of its developing relations with national and international organizations. Well before the turn of the 20th century the NEA had already expanded its political 100 Historical Studies in Education/Revue d’histoire de l’éducation engagement from local, state and national politics, to becoming active in international relations as well”.

¹³⁴No texto original: “There never was before or even following the World War a time when there was so much need of finding a way for the nations to cooperate as at the present time. Teachers are beginning to realize the tremendous responsibilities which are theirs in preparing a new generation which will be capable of a better international understanding and a closer cooperation”. Fonte: *The Journal of The National Education Association*, March 1931, p.84).

da fecundidade da aliança entre estudiosos e profissionais. Em segundo lugar, porque a WFEA reuniu dezenas de associações e através delas, potencialmente, várias centenas de milhares de membros. As duas primeiras reuniões bienais da WFEA (Edimburgo, 1925; Toronto, 1927) foram um claro sucesso e estenderam-se a um público que vai além dos países anglo-saxões. No entanto, neste quadro, foram tomando forma projetos semelhantes aos do BIE: a WFEA também previa a institucionalização a longo prazo de um gabinete que teria uma missão federativa semelhante, impulsionada pela mesma ambição pacifista (Hofstetter; Schneuwly, 2024, p. 142, tradução nossa).¹³⁵

Segundo o relatório da ABE, os objetivos da WFEA eram:

Cultivar, através dos sistemas educativos, a mútua compreensão internacional, assim como os ideais de justiça, boa vontade, amizade e cooperação; fomentar o prestígio do professor como recurso para melhorar a qualidade do ensino no mundo; conseguir que os congressos e iniciativas de ordem educativa sejam postos ao alcance do magistério em todos os países; facilitar, por meio de conferências e contatos pessoais, a cooperação entre os representantes oficiais das sociedades educativas de todos os povos (ABE, Relatório, 1938, s.p.).

A relação internacional entre a ABE e a WFEA já se manifesta na ata de 1927, que registra uma solicitação para que a ABE se juntasse à WFEA. Conforme o documento, como incentivo, foi oferecido um ano de adesão gratuita, desde que a ABE participasse do Congresso realizado em Toronto, Canadá, naquele ano. A ata ainda informa que era desejo da WFEA que a ABE se tornasse um núcleo dos países sul-americanos, com papel saliente (ABE, Ata, jul. 1927). Em 1928, a ABE recebeu o representante da (WFEA), o professor americano Lawin Swegget, que veio em missão especial para articular uma federação das associações das Américas, instituir no Brasil a Semana da Educação (nos moldes americanos) e os concursos internacionais de oratória: “Fica registrado na ata que a ABE vai analisar as propostas e que já tem dois jornais disponíveis para patrocinar o concurso de oratória, nominando O Globo e O Jornal (ABE, Ata, 1928; ABE, Boletim, 1929).

Dez anos depois, uma parceria entre WFEA e a ABE pretendia realizar no Brasil a VIII Conferência Mundial de Educação. O Decreto Lei de número 784, datado de 13 de outubro de 1938, já fornecia parte dos recursos e dizia “abre crédito de 50.000 contos de reis para as despesas iniciais de publicidade da VIII Conferência Mundial de Educação a se realizar em

¹³⁵ Texto original: “This World Federation was a particularly privileged interlocutor. Firstly, because the WFEA federated educational associations, namely primary and secondary teachers’ societies, which were also within the scope of the IBE of the Institut Rousseau, were convinced of the fruitfulness of the alliance between scholars and practitioners. Secondly, because the WFEA brought together dozens of associations and through them, potentially, several hundred thousand members. The first two bien nial meetings of the WFEA (Edinburgh, 1925; Toronto, 1927) were a clear success, and extended to an audience beyond the Anglo-Saxon countries. However, within this framework, projects similar to those of the IBE were taking shape: the WFEA also envisaged the long-term institutionalisation of an office that would have a similar federating mission, driven by the same pacifist ambition”.

julho de 1939 nesta Capital, sob os auspícios do Governo Brasileiro” (Rio de Janeiro, Decreto 784, 1938).

O item final do relatório de atividades da ABE daquele ano de 1938 já informava sobre a realização da VIII Conferência Mundial de Educação, bem como recomendações de Paul Monroe¹³⁶ e Uel Walter Lamkin¹³⁷, respectivamente Presidente e Secretário Geral da World Federation. A ABE deliberou constituir uma comissão organizadora para o evento composta por personalidades eminentes dos setores culturais, educadores e educacionistas (ABE, Relatório, 1938).

Um outro Decreto Lei de número 1074, de 25 de janeiro de 1939, informava:

[...] considerando que entre os objetivos das Federações Mundiais das Associações de Educação, com sede em Washington, inclui a realização periódica de Conferências internacionais com o fim precípua de facilitar a aproximação dos educadores para o estudo, em comum, de questões e métodos atinentes à difusão e ao aperfeiçoamento dos sistemas educacionais, sob as inspirações de mútuo conhecimento e de cooperação recíprocas; considerando ainda as vantagens que advirão aos educadores brasileiros e a organizações culturais do país, da realização, na Capital da República, da VIII Conferência Mundial de Educação, promovida pela aludida Federação em estreita colaboração com a Associação Brasileira de Educação, da qual é esta Associação federada; e, finalmente, atendendo aos compromissos já aceitos pelo Governo para a realização, sob o seu patrocínio, da aludida Conferência, no intuito de contribuir para o melhor conhecimento do país, e, em particular,

¹³⁶Paul Monroe nasceu em 7 de junho de 1869 em North Madison, Indiana, e faleceu em 6 de dezembro de 1947 em Garrison, Nova York. Ele era filho de um ministro batista e se formou em Ciências em 1908. Após estudar sociologia e ciência política na Universidade de Chicago, obteve um Ph.D. em 1897. Monroe foi professor de História da Educação no Teachers College, Columbia University, e também ocupou cargos de direção nessa instituição. Ele foi reconhecido internacionalmente por suas contribuições no campo da Educação e da História da Educação, participou de diversas organizações fornecidas ao tema. Monroe liderou o Instituto Internacional no Teachers College, que colaborou com organizações internacionais de educação e realizou pesquisas para estrangeiros. Seus estudos abrangeram vários países, incluindo Filipinas, China, México, Porto Rico, Cuba, Chile, Argentina, Uruguai, Brasil, Tchecoslováquia, Polônia e diferentes partes da África e Oriente Médio. Fonte: Ver artigo de Liping Bu, inserido nas referências.

¹³⁷ Uel Walter Lamkin nasceu na Califórnia, Missouri, em 18 de janeiro de 1877, e faleceu em 16 de setembro de 1956. Ele frequentou a Clinton, Missouri Academy, uma instituição privada dirigida por seu pai. Lamkin também frequentou a Universidade de Missouri, mas não recebeu um diploma. Ele ensinou em Clinton e foi superintendente escolar de Henry County, Missouri, presidente da Missouri Teachers Association (1912-1913), inspetor de educação de Missouri, superintendente de escolas de Missouri entre 1916 e 1918, além de presidente da National Education Association (1928-1929). Foi também presidente da Northwestern Missouri State University de 1921 a 1945. Ao retornar ao Missouri para assumir a presidência da instituição, Lamkin supervisionou grandes mudanças acadêmicas e administrativas ao longo de um quarto de século, destacando-se a introdução do currículo de educação geral. Durante a Grande Depressão, foi forçado a cortar salários, incluindo o seu próprio, e chegou a aceitar alqueires de milho de estudantes rurais como pagamento de taxas. Ele também utilizou suas conexões em Washington para garantir recursos governamentais cruciais, mantendo a faculdade em funcionamento. Durante os anos de guerra, Lamkin enfrentou desafios como a escassez de mão de obra devido ao alistamento de professores e funcionários, além de assumir responsabilidades adicionais com os programas de treinamento de pilotos civis e o programa V-12 da Marinha. Ele é lembrado por seu apoio apaixonado à educação física e aos esportes intercolégiais, especialmente pelos times de basquete treinados por Henry Iba na década de 1930 e pelo time de basquete feminino “Kittycats”, que permaneceu invicto por cinco temporadas consecutivas. Fonte: Northwest Missouri State University Archives & Special Collections serves as the institutional memory of the University. It fosters a learning environment, acquires, preserves, and makes accessible materials that document the history of the institution. Disponível em: [Northwest Missouri State University Archives](#).

dos seus sistemas educacionais decreta: a realização na Capital da República, de 6 a 11 de agosto de 1939, da VIII Conferência Mundial de Educação, sob o patrocínio do Governo e os auspícios da Federação Mundial das Associações de Educação, ficará a cargo da Comissão Organizadora constituída pela Associação Brasileira de Educação, e da qual fazem parte um representante do Ministério da Educação e Saúde, outro do Ministério das Relações Exteriores e dois representantes da Prefeitura Municipal do Distrito Federal (Rio de Janeiro, Decreto 1074, 1939).

Entre outras tratativas, o mesmo documento registra um crédito de 450 contos de reis para atender ao pagamento de 25 mil dólares à Federação Mundial das Associações de Educação, em Washington D.C., correspondente à parte do Brasil. A comissão organizadora da ABE teria franquias e facilidades concedidas pelos serviços públicos para os serviços postais e telegráficos e demais transportes necessários para a realização da Conferência. A comissão executiva brasileira foi formada por: Fernando de Azevedo¹³⁸, presidente da ABE e da comissão; Dr. A.R. de Cerqueira Lima, presidente do departamento da ABE do Rio de Janeiro e secretário geral; professor Lourenço Filho, representante do Ministério da Educação; Dr. Bueno de Prado, pelo Ministério das Relações Exteriores; e os Drs. Milton Rodrigues e Rui Carneiro da Cunha, pela Prefeitura do Distrito Federal (RIO DE JANEIRO, Decreto 1074, 1939). A presidência de honra seria do então Chefe de Governo Getúlio Vargas e dos seus ministros de Educação e de Relações Exteriores e o Prefeito do Distrito Federal. A VIII Conferência Mundial de Educação deveria tratar dos seguintes tópicos:

Educação de Adultos, Rádio Difusão, Colégios e Universidades, Ensino Comercial, Legislação do Ensino, Artes Aplicadas, Educação Elementar,

¹³⁸ Fernando de Azevedo (1894-1974), nascido em São Gonçalo do Sapucaí, Minas Gerais, foi advogado, sociólogo, escritor, jornalista e educador. Estudou em colégios jesuítas e cursou Direito, mas dedicou-se ao ensino e à Educação Física, propondo reformas educacionais em Minas Gerais. Azevedo foi um estudioso da cultura brasileira, acreditando que esta é uma forma de ser que molda a consciência em aspectos fundamentais. Por isso, enfatizou a necessidade de organizar a cultura – reservando à universidade um papel essencial – com o objetivo de promover o desenvolvimento político e econômico. Realizou a Reforma Educacional de 1928 no então Distrito Federal, quando ocupava o cargo de Diretor da Instrução Pública. Fundou, em 1931, e dirigiu por mais de 15 anos, na Companhia Editora Nacional, a Biblioteca Pedagógica Brasileira (B.P.B.), composta pela série *Iniciação Científica* e pela coleção *Brasiliana*. Foi o redator e o primeiro signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932), no qual se lançaram as bases e diretrizes de uma nova política de educação. Foi presidente da Associação Brasileira de Educação em 1938 e eleito presidente da VIII Conferência Mundial de Educação, que deveria realizar-se no Rio de Janeiro. Eleito no Congresso Mundial de Zurique (1950) vice-presidente da International Sociological Association (1950-53), assumiu, junto com os outros dois vice-presidentes – Morris Ginsberg, da Inglaterra, e Georges Davy, da França –, a direção dessa associação internacional após a morte de seu antigo presidente, Louis Wirth, da Universidade de Chicago. Foi membro correspondente da Comissão Internacional para uma História do Desenvolvimento Científico e Cultural da Humanidade (publicação da Unesco), um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Sociologia, da qual foi presidente desde sua fundação (1935) até 1960, e também presidente da Associação Brasileira de Escritores (seção de São Paulo). Durante anos, escreveu para *O Estado de São Paulo*. Em sua trajetória, dedicou-se à democratização da educação e à defesa da escola pública, laica e obrigatória. Azevedo atuou estrategicamente na escola, na imprensa e na expansão editorial (editor da Biblioteca Pedagógica Brasileira, da Companhia Editora Nacional), utilizando esses espaços como veículos importantes para a construção de uma cultura comum e de uma unidade nacional. Suas reflexões sobre sociedade e cultura estão presentes em obras como *As ciências no Brasil* (1955) e *A Cultura Brasileira* (1943), entre outras. Fonte: ABL e ABE.

Geografia, Higiene Escolar, a Escola e o Lar, Formação de Professores, Educação Pré-Escolar e Jardim de Infância, Educação Rural, Educação Secundária, Organização de Professores, Educação Visual, Paz pela Escola e Ciência (Rio de Janeiro, Decreto 1074, 1939, p. 4).

Pelos documentos, ocorreram algumas reuniões e a preparação da VIII Conferência Mundial de Educação estava encaminhada. Havia governo, estado e ambas as associações envolvidas no projeto. O evento deveria ocorrer na Feira das Amostras e no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Estimava-se que de 2 a 3 mil congressistas se hospedariam na cidade. Havia recursos para fazer circular a propaganda internacional da Conferência. As embaixadas também seriam um canal de divulgação. Nos documentos da ABE consta que, segundo o presidente da WFEA, Paul Monroe, o intercâmbio era fundamental:

O mundo, em geral, parece estar resvalando, para a formação de agudas diferenças em pontos de vista políticos. Entretanto, é de grande importância que alguma corrente de intercâmbio amistoso possa ser iniciada. E não há classe para a qual esse intercâmbio amistoso seja de maior relevância do que para os educadores de todos os países (Monroe, ABE, Relatório, 1939, p. 5).

A imprensa também noticiava o andamento dos preparativos da Conferência. Uma nota informa que o educador norte americano Uel Walter Lamkin, secretário geral da WFEA e presidente do Missouri State Teacher's College, havia chegado ao Brasil para tomar parte da VIII Conferência: “Personalidade de grande projeção nos meios educacionais dos Estados Unidos Lamkin tem muito trabalho no sentido de uma maior aproximação cultural entre seu país e os países sul-americanos e europeus” (Correio da Manhã, 07/04/1939, p. 03).

O mesmo texto informa ainda a chegada do professor João José Osuna, da Faculdade de Educação da Universidade de Porto Rico, para auxiliar nos trabalhos preparatórios do evento (Correio da Manhã, 07/04/1939, p. 03). Em março de 1939, a revista O Malho apresenta uma página com a foto de Fernando de Azevedo e publica um texto divulgando todas as informações alusivas ao evento. Segundo o autor do texto, a VII Conferência seria uma oportunidade para que o Brasil exibisse as “suas cousas e sua gente permitindo o desenvolvimento das relações culturais com outras 5 partes do mundo” (O Malho, 1939, p. 40).

A VIII Conferência Mundial de Educação não aconteceu no Brasil. Segundo os documentos da ABE “o Congresso Mundial sofreu, à última hora, um golpe mortal. O governo não achou oportuno, no momento, uma reunião na Capital da República, comunicou-se com a World Federation pedindo que fosse escolhido um outro país para a realização”, (ABE, Relatório, 1939). Pode-se inferir que este golpe mortal seria o prenúncio da II Guerra Mundial, que eclode em setembro de 1939. Evidencia-se a partir dos documentos, das reuniões, das tratativas, dos recursos disponibilizados e mobilizados para a preparação para o evento, bem

como da escolha do Brasil como o país sede para um encontro mundial de educadores, uma estreita relação entre as associações brasileira e a americana.

De acordo com o pesquisador Harry Smaller (2015), como alternativa, o Congresso foi realizado em um cruzeiro de sete semanas, entre julho e agosto de 1939, em navio fretado de luxo, com breves paradas em vários países da América do Sul. A imprensa noticiou que os participantes/visitantes foram recebidos em vários meios culturais da Capital. O Governo Federal organizou um programa de recepção: Garden-party oferecido pelo Dr. Fernando Costa, Ministro da Agricultura, no Jardim Botânico; visita ao Instituto de Educação, com demonstrações de Canto Orfeônico; visita à Escola Estados Unidos; recepção no Instituto Nacional de Música, com audição de músicas brasileiras; visita à Escola Nacional de Belas Artes; e recepção solene no Ministério de Relações Exteriores. O Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, de 10 de agosto de 1939, publicou uma matéria abordando a visita dos professores americanos e a recepção na Escola Estados Unidos e homenagem no Itamaraty. Nas páginas do jornal, Paul Monroe em nome da WFEA e de todos agradece a homenagem recebida no Itamaraty “acentuando o interesse e carinho com que o Ministro Oswaldo Aranha procura aproximar Brasil e Estados Unidos em uma nobre tarefa de congraçamento inter-americano” (Jornal O Comércio, 1939).

No dia 10 de agosto, a ABE e o Instituto Brasil-Estados Unidos ofereceram recepção na sede da ABE, em que os educadores americanos foram saudados pela representante do Conselho Diretor da ABE, Anna Amélia Carneiro de Mendonça, e pelo Dr. Hugh C. Tucker, que falou em nome do Instituto Brasil-Estados Unidos. Anna Amélia Carneiro de Mendonça¹³⁹ integrava o Conselho Diretor da ABE desde 1929. Desde o início da ABE, ela participava ativamente da Seção de Cooperação da Família, juntamente com outras mulheres como

¹³⁹ Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça (1896-1971) foi poeta, intelectual e feminista brasileira, nascida no Rio de Janeiro em 17 de agosto de 1896. Filha de José Joaquim de Queiroz Junior, um industrial pioneiro do aço no Brasil, sua educação foi ministrada por governantas estrangeiras, que lhe proporcionaram ensino de línguas estrangeiras e cultura geral. Casou-se, em 1917, com Marcos Carneiro de Mendonça (1894 – 1988), jogador de futebol do Fluminense e da seleção brasileira, com quem teve quatro filhos. Fundadora da Casa do Estudante Brasileiro (CEB) em 13 de agosto de 1929, Anna Amélia foi uma defensora da democratização do ensino e da educação como base para uma sociedade progressista. Além de sua atuação na CEB, foi presidente vitalícia e colaborou para o surgimento do Teatro do Estudante e do Teatro Experimental do Negro. Publicou doze livros, realizou inúmeras conferências e traduções, incluindo obras de William Shakespeare. Engajada na defesa dos direitos das mulheres, representou Bertha Lutz no Congresso Internacional de Mulheres em 1935 e apoiou as iniciativas da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Fontes: ABE disponível em <https://www.abe1924.org.br/quem-somos/galeria-dos-presidentes/100-anna-amelia-c-de-mendonca>); 17º artigo das Feministas, graças a Deus! Equipe de Documentação da Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC, instituição parceira da Brasiliana Fotográfica, disponível em <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=34804>; CANEN, Ana. Verbete Anna Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça. In: FAVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque e BRITTO, Jader de Medeiros (orgs.). Dicionário de educadores no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ MEC-Inep-Comped, 2002, p. 83-88.

Armanda Álvaro Alberto, Laura Jacobina, Corina Barreiros, Miss Myrth King, Miss Eva Hyde, entre outras que tiveram uma atuação marcante na luta para a causa da educação nacional. Na Assembleia Geral Ordinária de 27/10/1940 foi eleita presidente para o biênio 1941/1942, juntamente com Celso Kelly.

Representando a ABE naquele momento, Anna Amélia Carneiro de Mendonça, em seu discurso, elogia o encontro destes educadores de vários lugares do mundo com o objetivo principal de estudar e resolver os problemas nacionais. Destaca-os como um grupo interessado em cooperar com o movimento mundial de educação internacional. No texto do seu discurso, é possível perceber uma certa admiração pelo trabalho educacional dos Estados Unidos:

Outra escolha louvável feita pela World Federation of Education Association foi o país onde localizar sua sede. Sem dúvida, os Estados Unidos são hoje o país que exerce a maior influência no pensamento educacional, sem reivindicar, de forma alguma, ter seu monopólio. Um grande escritor católico, o Professor Hovre, da Bélgica, disse recentemente: “Assim como antigamente os artistas iam à Itália em busca de inspiração na arte clássica, hoje os educadores voltam seus olhos para a América.” Na parte sul deste hemisfério, Sarmiento na Argentina, Varella no Uruguai, Rui Barbosa e Tavares Bastos, no Brasil, são apontados como os mais fervorosos defensores da introdução em nossos sistemas do seu método e organização educacional. Isso tem sido feito em um ritmo lento, porque, quando esses grandes homens viveram, a distância era uma grande barreira. Isso não existe mais. Daqui para frente, esperamos que nada impeça nosso estudo das grandes contribuições culturais que o gênio do povo de seu país trouxe ao mundo e que vocês, tão nobre e generosamente, estão dispostos a compartilhar conosco (Revista Educação, 1939, p. 15, tradução nossa).¹⁴⁰

Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça não perde a oportunidade de registrar em sua fala o trabalho realizado na parte sul deste hemisfério, nominando Sarmiento, na Argentina; Varella, no Uruguai; Ruy Barbosa e Tavares Bastos, no Brasil, como sujeitos empenhados na organização educacional. Em certa medida, a representante da ABE também reforça para os educadores americanos que tanto o Brasil quanto os países vizinhos da Argentina e do Uruguai estão atentos e atualizados em relação às mudanças educacionais.

Uma outra reflexão possível sobre o desenrolar deste evento seria que a ABE, mesmo

¹⁴⁰ Texto original: “Another praiseful choice has been made by the World Federation of Educational Associations, and it was of the country where to locate its headquarters. Undoubtedly the United States is today the country which exercises the greatest influence on educational thought, without claiming, by no means, to have its monopoly. A great catholic writer, Professor Hovre, from Belgium, said recently: “As formerly the artists would go to Italy for getting inspiration in the classical art, today the educators turn their eyes to America.” In the southern part of this hemisphere, Sarmiento in Argentina, Varella in Uruguay, Ru Barbosa, and Tavares Bastos in Brazil, are pointed as the strongest advocates of the introduction in our systems of your educational method and organization. This has been done at a slow pace, because when these great men lived distance was a great barrier. This does not exist anymore. From now on we hope that nothing will hinder our study of the great cultural contributions that the genius of the people of your country has brought to the world and that you so nobly and so generously are willing to share with us”.

não considerando oportuno realizá-lo em solo brasileiro, encontrou uma estratégia de receber os professores do VIII Congresso Mundial e os membros da WFEA na sua sede, no Rio de Janeiro. Ou seja, ela participa do Congresso, mas não se compromete tanto, em um período bastante conturbado.

FIGURA 12 - ASPECTO DA RECEPÇÃO OFERECIDA AOS DELEGADOS DO VIII CONGRESSO MUNDIAL DE EDUCAÇÃO NA ABE 10 DE AGOSTO DE 1939



FONTE: ABE

A Figura 12 registra a recepção realizada na ABE para educadores americanos (Revista Educação, 1939, n 4, p. 14). A foto original, arquivada na ABE, apresenta uma folha de papel vegetal sobreposta à imagem, nominando o evento e participantes, dentre os quais se identifica o professor Carneiro Leão, conforme anotações da Associação.

g) Instituto Brasil - Estados Unidos (IBEU)

O Instituto Brasil-Estados Unidos é outra associação com quem a ABE dialoga no recorte trabalhado, tanto nas correspondências quanto presencialmente. Embora ele esteja situado no Rio de Janeiro, aqui no Brasil, ele está diretamente ligado aos Estados Unidos da América. Sabe-se que a ABE cedia espaço para outras instituições. Segundo dados dos relatórios e das correspondências, inicialmente o Instituto Brasil-Estados Unidos (que passa se chamar IBEU após 1937) funcionava em uma sala dentro das dependências da ABE.

No relatório referente ao segundo semestre de 1936, consta que Branca Fialho, Gustavo Lessa, J. Faria Goés, Carneiro Leão e Mario de Brito estariam estudando o melhor meio para desenvolver o intercâmbio intelectual com os Estados Unidos da América do Norte e

verificaram a necessidade da criação de uma Associação que se dedicasse exclusivamente a este assunto. De acordo com o texto, então, o IBEU foi criado e reuniram-se para a sua primeira Assembleia Geral, em 13 de janeiro de 1937, em um dos salões do Palácio Itamaraty (ABE, Relatório, 1936). Segundo a professora e sócia da ABE, Arlette Pinto de Oliveira e Silva, a associação foi uma “infatigável defensora e propugnadora do intercâmbio cultural entre as nações, foi palco da primeira reunião de sócios do Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU)”, (Silva, ABE, Impresso, 1985, p. 6).

A pesquisadora Simone Petraglia Kropf, que analisa o programa de intercâmbio educacional firmado em 1938 entre o IBEU e a Universidade de Michigan, indica que o Instituto foi inaugurado com a presença de setores influentes de ambos os países naquele janeiro de 1937: “Entre os cerca de 180 sócios fundadores, estavam figuras de renome da elite intelectual e política brasileira como Oswaldo Aranha (americanista notório), Gilberto Freyre, Austregesilo de Athayde, Francisco Campos, Pedro Calmon e Afrânio Peixoto” (Kropf, 2020, p. 542). Ainda de acordo com ela, a ideia de criar uma organização para promover as relações culturais entre Brasil e Estados Unidos vinha sendo discutida por intelectuais dos dois países, ao longo dos anos de 1930: “Por ocasião da Conferência Interamericana de 1936, o tema foi abordado na Associação Brasileira de Educação por Samuel Guy Inman, membro da delegação estadunidense que passava pelo Rio rumo a Buenos Aires” (Kropf, 2020, p. 542). Margarete Nogueira (2010) confirma que a ideia da criação de uma entidade cultural binacional tinha sido lançada seis anos antes pelo professor Stephen Duggan, do *Institute of International Education* de Nova York em visita ao Brasil. Nogueira também confirma que a primeira sede do Instituto funcionou na sede da Associação Brasileira de Educação.

É interessante refletir que o IBEU, antes da sua fundação oficial, nasce dentro da ABE, convivendo com a instituição e com os sujeitos que atuavam, pensavam e tentavam organizar a educação no Brasil. Stephen Duggan se relacionava com ABE desde 1929, pelo menos. Uma nota no jornal de 1935 informa que à reunião ordinária daquela semana, em meados de março, a ABE solicitava o comparecimento dos presidentes e secretários de todas as seções para tratar das atividades do ano letivo. Também, que receberia, na parte da manhã, na ABE, o professor da Universidade de Columbia, Samuel Guy Inman, e James MacDonal, representante do alto comissariado da Liga das Nações, ambos incumbidos de tratar dos professores e outros intelectuais expulsos da Alemanha (Jornal do Comércio, 17/03/1935, p. 15). Samuel Inman também esteve no Congresso das Escolas Dominicais, realizado no Rio de Janeiro, em 1932, como secretário executivo da Comissão de Cooperação na América Latina (Revista da Semana, 1932, edição 34). Antes disso, uma matéria no Jornal O País, de 1927, traz um artigo falando

do Brasil na América do Norte, em que a professora Sylvia Carneiro Leão, irmã de Carneiro Leão, fala aos jornais sobre a sua experiência como estudante e professora na escola Pan Americana, nos Estados Unidos:

Além da sua vigência nas aulas da ESCOLA PAN-AMERICANA, nome do nascente instituto, a professora Sylvia tem realizado mais de cem conferências em vários pontos da América do Norte sobre o Brasil, a sua gente, as suas riquezas, a sua geografia física e política, os seus costumes, os seus progressos. Vindo ao encontro dessa louvável iniciativa, o Sr. Dr. S. L. Rowe, presidente da União Pan-Americana, cedeu à senhorita Sylvia um filme da Amazônia para ilustrar suas palestras; e vários professores, entre os quais os Srs. Drs. Samuel Inman, da Universidade de Columbia, e Eugene Suger, ex-cônsul-geral da América do Norte no Brasil, trouxeram-lhe aplausos e estímulos, reconhecendo a benemerência dos seus esforços (O Paiz, 29/07/1927, p. 2).

O IBEU era uma organização privada e dentre seus sócios incluíam-se importantes empresas brasileiras e estadunidenses. De acordo com Kropf (2020, p. 542), “o IBEU tinha proximidade com um dos braços da diplomacia cultural do governo Vargas, a Comissão Brasileira de Cooperação Intelectual (associada ao Serviço de Cooperação Intelectual do Itamaraty), da qual participava o diplomata Hélio Lobo, primeiro presidente do novo instituto”. Segundo o jornal, em seu discurso inaugural, Hélio Lobo acentua que a iniciativa de criar a nova instituição teve origem no grupo de brasileiros dedicados à causa da cultura em seu país que aproximou-se de alguns amigos norte-americanos aqui residentes, há longos anos e perfeitamente identificados com a vida nacional” (Jornal do Comércio, 14/01/1937), elencando na sequência que as atividades do IBEU abrangeriam conferências, exposições, concertos, exibição de filmes, recepções sociais, cursos regulares de idioma (inglês para brasileiros e português para americanos), além de uma biblioteca especializada na cultura norte-americana. O jornal a Batalha (14/01/1937) publicou extensa matéria descrevendo como se deu a criação do Instituto Brasil-Estados Unidos e sua importância para a expansão das relações culturais entre os dois países. Nesse impresso, o Ministro Hélio Lobo salienta o papel relevante dos amigos norte-americanos Samuel Inman, que era assistente técnico da Delegação Americana na Conferência de Buenos Aires, e de Stephen Duggan, diretor do Instituto Internacional de Nova York, como parceiros da iniciativa.

Também pertenciam ao Conselho Diretor do IBEU: Gustavo Lessa, Branca Fialho e Lois Marietta Williams, todos eles associados e com cargos diretivos na ABE. Aqui vale pensar um pouco sobre a teia de relações entre essas pessoas que, de alguma forma, fomentavam a troca cultural/educacional por meio do trabalho da circulação de saberes, objetos e das

associações em que estavam conectadas. Gustavo Lessa¹⁴¹, por sugestão do Instituto Brasil-Estados Unidos, realizou síntese geral da história da educação americana em 1935 (Cardoso, p. 159), artigo que deu origem à publicação no Diário de Notícias, chamado O Panorama da Educação nos Estados Unidos. Branca Fialho¹⁴² fez parte da diretoria da ABE várias vezes, foi também uma das fundadoras do IBEU, associação em que trabalhou por alguns anos. A norte-americana Lois Marietta Williams veio ao Brasil para atuar no Instituto Brasil-EUA, e também participava da Associação Cristã de Moços, em cursos de aperfeiçoamento de educação física, patrocinados pela Diretoria de Instrução; participou no curso de férias para professores da Associação Cristã Feminina, em 1932; fez palestra na ABE sobre as Impressões de sua viagem aos EUA, e em 1934 e coordenava o Serviço da Educação Física nas escolas, na gestão de Anísio Spinola Teixeira, no Distrito Federal. Lois Marietta Williams assumiu juntamente com Afrânio Peixoto e Amanda Álvaro Alberto, Clotilde Mota e Silva e Lourenço Filho o Departamento do Rio de Janeiro da ABE (1932). Na Revista Educação, edição de novembro de 1939, a ABE e o Instituto Brasil-EUA publicam uma homenagem à professora Lois Marietta Williams, na ocasião de sua partida para os EUA, em agradecimento pelo seu excelente trabalho realizado na última década junto à educação brasileira.

Krofp (2020) descreve que IBEU era representante oficial do Institute of International

¹⁴¹ Gustavo Lessa (1888-1962), médico e sanitarista, com atuação destacada em diversas áreas da saúde pública. Trabalhou na Profilaxia Rural, no Departamento da Criança, no Serviço de Epidemiologia, no combate à febre amarela e no aperfeiçoamento de técnicos sanitaristas. Tornou-se puericultor e publicou, entre outras monografias, um estudo sobre a mortalidade infantil no Brasil. Colaborou com Helena Antipoff, em seus trabalhos sobre educação, e na criação da APAE. Foi membro da Associação Brasileira de Educação (ABE), participando diversas vezes de sua diretoria a partir de 1928 (Carvalho, 1998). Ocupou cargos na administração pública, muitas vezes em parceria com Anísio Teixeira, e posteriormente assumiu funções na Fundação Getúlio Vargas (FGV). Em 1952, com a criação da Campanha do Livro Didático e Manuais de Ensino (Caldeme), foi diretor executivo e chefe de programa, sendo substituído por Mário Paulo de Brito em 31 de dezembro de 1953, quando retornou à FGV.

¹⁴² Branca Fialho (1896-1965), batizada Branca Osório de Almeida, nasceu em Petrópolis, no Rio de Janeiro. Era fisiologista e educadora brasileira. Colaboradora dos seus irmãos Miguel e Álvaro Osório de Almeida. Organizou, com seu irmão, Miguel Osório de Almeida, o primeiro centro de fisiologia experimental do Brasil. Casou-se com Henrique Fialho. Publicou obras sobre fisiologia de rãs, serpentes, tatus e morcegos e também a obra “A Educação Secundária no Brasil”. Participou da organização da Associação Brasileira de Educação (ABE), a qual presidiu de 1934 a 1935 e de 1942 a 1944. Elaborou, na ABE, o plano de Educação Política para Adultos (1947), representou a ABE na reunião do Centro de Estudos do Petróleo (1949). Foi membro-fundadora do Instituto Brasil-Estados Unidos (1937), onde também atuou por alguns anos. Foi presidente da Federação de Mulheres do Brasil, filiada à Federação Internacional de Mulheres. Exerceu grande atividade durante a Segunda Guerra Mundial em prol da França, participando de programas de rádio em que enviava mensagens animadoras para a França ocupada. Trabalhou junto ao governo brasileiro para prolongar a estadia de dez professores estrangeiros que vieram trabalhar na recém-fundada UDF, que mais tarde será a Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil. Inicialmente, esses professores deveriam retornar em 2 anos, mas Fialho conseguiu articular para que eles retornassem após o fim da guerra. Recebeu reconhecimento do Governo Francês com a medalha *Légion d’Honneur*. Mais tarde, mudou suas atividades e passou a trabalhar pelo direito das mulheres e foi presidente da Federação de Mulheres do Brasil, filiada à Federação Internacional de Mulheres, representando essa associação em diversos países da Europa e Ásia: esteve na Polônia, na União Soviética, na Alemanha Oriental e na China. Publicou um livreto sobre as suas impressões atrás da Cortina de Ferro. Tornou-se comunista, mas nunca pertenceu ao partido porque teria que abdicar de sua liberdade (assim declarava). Faleceu antes de completar 69 anos, em janeiro de 1965. Fonte: ABE/Texto manuscrito fornecido pela filha de Branca Fialho, também chamada Branca.

Education (IIE) no Brasil, e que cabia ao novo instituto selecionar brasileiros que receberiam as bolsas oferecidas por instituições estadunidenses para estudo naquele país:

Em agosto de 1938, o IBEU criou uma nova modalidade de apoio, mediante recursos do Ministério das Relações Exteriores, já sob o comando de Aranha. Por intermédio do IIE, disponibilizou três fellowships, cada um no valor de 10 contos de réis (seiscentos dólares aproximadamente), para três jovens formados por universidades ou colleges estadunidenses que desejassem estudar no Brasil por seis meses. A proposta pressupunha uma contrapartida: deveriam ser ofertadas aos brasileiros igualmente três fellowships para estudos “em uma universidade ou college classe A nos Estados Unidos” (Krofp, 2020, p. 543).

Assim, IBEU e ABE estavam muito próximos tanto fisicamente quanto em alguns dos seus projetos. A teia de relações entre estes personagens pode ter contribuído para essas parceiras.

h) Internacional de Magistério Americano (IMA)

Os países de língua espanhola Chile, Uruguai, Argentina e México também promoviam seus eventos educacionais. Por iniciativa da Associação General de Profesores do Chile, reúne-se em Buenos Aires, Argentina, em 8 de janeiro de 1928, delegações de 11 países para inaugurar a I Convenção Internacional de Professores/Primeiro Congresso de Maestros de América.

Nesse diálogo entre a IMA e a ABE encontram-se os convites para a participação da I e II Convenções de Maestros da América e a troca de materiais, como as revistas de ambas as associações, entre 1929 e 1930. Antes disso, em 1926, já há registro de que a ABE mantinha contato com o Uruguai, pois assinava a revista *Education e Nuestros Hijos do Uruguai* (1926). É possível presumir que a IMA também enviava as revistas *Anales de Instrucción Primaria y Enciclopedia de la Educación*. O *Jornal do Comércio* de 1929 publicou uma nota em que a ABE dá visibilidade a um convite do Conselho Diretor da Internacional do Magistério Americano (IMA), um apelo para que os professores americanos comparecessem na Segunda Convenção Internacional de Professores, que se realizaria em Montevideo, na segunda quinzena de fevereiro de 1930. Lia-se:

O programa dessa Convenção constará do seguinte:

- I- Memória do Conselho e Secretariado da I. M. A. e informe da Oficina Pedagógica Americana.
- II - Revisão das bases da I. M. A.
- III- Informe das delegações sobre a realização em seus respectivos países, das conclusões aprovadas pela I Convenção.
- IV - As perseguições ao magistério. Como intensificar a solidariedade.
- V - Avanço do Imperialismo e das ditaduras na América.
- VI - As condições do mestre americano: sua situação material.
- VII - A escola e o mestre ante a união dos povos americanos: modos de

estimular a paz: a solidariedade e a justiça. (Jornal do Comércio, Associação Brasileira de Educação, 16 e 17/12/1929, p.5).

A relação entre a IMA e a ABE não fica bem explicada nas fontes acessadas na Associação. Investigando sobre a IMA, descobri pela imprensa que a inspetora, professora e secretária pela Federação Nacional das Sociedades de Educação (FNSE), Celina Padilha, estaria em Montevideo representando o professorado brasileiro. De acordo com O Jornal de 24 de janeiro de 1930, Celina realizaria visita especial às instituições educacionais em São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Uruguai, sendo que em Montevideo participaria da II Convenção Internacional de Professores. No jornal, Celina Padilha comunica: “levarei o programa de trabalho da FNSE e aproveitarei a oportunidade para informar das realizações da Reforma da Instrução no Distrito Federal”, (Padilha, O Jornal, 24/01/1930).

Entre 1929 e 1931, a Federação Nacional das Sociedades de Educação (FNSE) reuniu educadores importantes que assinaram o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Ela foi fundada por Vicente Licínio Cardoso e presidida por José Augusto após um desentendimento na Associação Brasileira de Educação (ABE).

De acordo com Carvalho (2021, p.163), Vicente Licínio Cardoso, inicialmente apoiado por Ferdinando Labouriau e Tobias Moscoso, continuou a promover a criação da FNSE mesmo após a morte¹⁴³ dos colegas. Ele viajou pelo Brasil para divulgar a “causa cívico-educacional”, buscando unir departamentos estaduais com o departamento carioca. Essas viagens eram chamadas de *raids educacionais*, em que visitava diferentes estados brasileiros, nas quais defendia a causa educacional em conferências e debates. Licínio realizou a primeira viagem (raids) no Sul, em companhia de seu grande amigo Inácio Azevedo Amaral. Em seguida, viajou sozinho ao Nordeste. O ativismo de Vicente Licínio e sua proposta de nacionalização da ABE produziram atritos com outros grupos dentro da associação, em especial com os que preferiam uma concentração maior de esforços no Distrito Federal. Esses atritos levaram ao rompimento, e em 1929, Vicente Licínio organizou a Federação Nacional das Sociedades de Educação, tentativa de construir um órgão mais federativo e nacional, capaz de impulsionar a causa educacional.

Apesar da oposição do Conselho Diretor da ABE, Licínio teve sucesso em suas iniciativas, ganhando apoio de vários educadores, incluindo Anísio Teixeira, que, em 1930, o considerou uma figura de grande autoridade e prestígio no movimento educacional brasileiro. A Sociedade de Educação paulista foi um importante aliado na promoção da FNSE. Entre os

¹⁴³ Refere-se ao acidente de hidroavião conhecido como a *grande perda* já citado na página 79, em que alguns membros da ABE morreram no desastre aéreo.

apoiadores de Licínio estavam Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Sampaio Dória, Frota Pessoa e Venâncio Filho.

O Jornal de 19/03/1930 publica uma matéria relatando as homenagens aos brasileiros presentes em Montevideo. De acordo com o texto, o ministro Hélio Lobo e sua esposa teriam oferecido um almoço aos delegados que estavam na Convenção: os professores Celina Padilha e Cândido Jucá Filho, a poetisa uruguaia Luiza Luisi e os senhores Décio Moura e Aginaldo Fragoso, secretários da delegação. O evento teve a cobertura do enviado especial Nóbrega da Cunha. Ainda, o mesmo jornal publica que a III Convenção seria no Rio de Janeiro, no ano próximo.

Aqui é interessante perceber que a ABE faz uma publicação oficial inicial convidando os professores brasileiros para participarem do evento, mas no desenrolar dos fatos a Associação não é mais citada.

Em 1930, conforme o programa, ocorre em Montevideu, a II Convenção Internacional de Professores. Segundo o jornal A Manhã, do Rio de Janeiro, o destaque teria sido para os direitos da criança.

[...] a ideologia avançada, sem preconceito humano e científico, da I Convenção Internacional de Professores, está bem patenteada nas brilhantes conclusões apresentadas nas súmulas dos debates. As figuras mais insinuantes da nova geração levaram ao Congresso o valor do programa civil indispensável a solução dos nossos problemas culturais (A Manhã, 4/03/1928, s./p.).

A Internacional de Magistério Americano (IMA), que dialoga com a ABE, foi fundada após a primeira Convenção. Segundo Adrian Ascolani (2010), a IMA teve influência inspiradora na virada sindical de uma parte do associacionismo docente argentino:

Além de ser um sintetizador das expectativas educacionais e sociais de o magistério representado, traçando uma perspectiva de pensamento valioso para aqueles países que vivenciavam políticas favoráveis ao desenvolvimento da educação popular e moderna, em sintonia com os avanços internacionais (Ascolani, 2010, p. 73).

Uma colaboradora do jornal A Manhã traz as impressões da Argentina. A convite da IMA, da Liga de Educação Racionalista, do Sindicato Profissional de Educadores e da Liga Antifascista Italiana, a professora, intelectual, escritora e feminista Maria Lacerda de Moura¹⁴⁴,

¹⁴⁴ Maria Lacerda de Moura nasceu em Manhuaçu, Minas Gerais, em 1887, e morreu aos 58 anos de idade, no Rio de Janeiro, então capital do Brasil. Maria Lacerda foi professora da cadeira de pedagogia e higiene da Escola Normal Municipal da cidade de Barbacena. Foi também nessa escola que se formou, em 1904, e começou a atuar como professora, em 1908, ano em que também iniciou as atividades no Pedagogium, instituição anexa à Escola Normal. Igualmente nesse período participou da fundação da Liga Barbacenense de Combate ao Analfabetismo, sendo uma das suas principais colaboradoras. Além disso, sua atuação em Barbacena incluiu a fundação de um

que havia retornado recentemente da Argentina, publica as notícias da juventude revolucionária. Moura era uma ferrenha militante das questões sociais e esteve na Argentina para realizar conferências diversas. De acordo com o texto publicado no jornal A Manhã:

[...] a IMA era a “obra extraordinária de revolucionários, da mocidade chilena expulsa da pátria pela ditadura do general Ibanez. A frente do movimento estava o jovem professor chileno Cesar Godoy d’Urrutia [...]. É sobre humana a atividade de Urrutia, que se fez sentir nas classes proletárias, estudantis e professorais de toda a América Latina” (A Manhã, 30/08/1929).

Foi publicado ainda no Jornal A Manhã (6/10/1929) parte do Boletim da IMA, um artigo denominado Mulheres da América, assinado por Cesar Godoy Urrutia¹⁴⁵ sobre o trabalho da poetisa Juana de Ibarbourou, da escritora e professora Gabriela Mistral e da intelectual Maria Lacerda de Moura, como o trio das grandes mulheres da América.

lactário e de uma vila para abrigar pessoas pobres da cidade. Escreveu artigos sobre educação para os jornais locais e realizou palestras na região, o que possibilitou a composição do primeiro livro, *Em torno da educação*, publicado em 1918. Em 1919, publicou seu segundo livro, *Renovação*, no qual ressignifica a educação da mulher naquele período histórico, demonstrando a importância de uma formação científica para aquela que seria a principal personagem na missão de educar a infância para a sociedade, seja na condição de mãe, seja na condição de professora. Moura estabeleceu contatos com jornalistas e escritores de Belo Horizonte, São Paulo, Santos e Rio de Janeiro. Nesse período, conheceu José Oiticica e teve contato com as ideias pedagógicas renovadoras da médica feminista Maria Montessori e dos pedagogos anarquistas Paul Robin, Sebastien Faure e Francisco Ferrer y Guardia. Mudou-se para São Paulo em 1921, aos 34 anos, e lá teve seus contatos com o movimento associativo feminino e o movimento operário da época. Chegou a colaborar com a feminista Bertha Lutz e presidiu a Federação Internacional Feminina. Em 1922, rompeu com os movimentos associativos feministas, fundamentalmente preocupados com o sufrágio feminino, pois entendia que a luta pelo direito de voto respondia a uma parcela muito limitada das necessidades femininas. Colaborou assiduamente com a imprensa operária e progressista de São Paulo e em 1923 lançou a revista *Renascença*. Entre 1928 e 1937, viveu em uma comunidade agrícola em Guararema, no interior de São Paulo, formada por anarquistas individualistas e desertores espanhóis, franceses e italianos da Primeira Guerra Mundial. Foi o período de sua vida em que mais produziu e atuou, colaborando semanalmente no jornal *O Combate de São Paulo*, onde estabeleceu a polêmica de maior repercussão com a imprensa fascista local; pronunciou as conferências no Uruguai e na Argentina, a convite de instituições educacionais antifascistas; teve o encontro com Luiz Carlos Prestes, exilado em Buenos Aires; fez conferências pacifistas e desencadeou a campanha antifascista em São Paulo, Santos, Campinas e Sorocaba. A comunidade de Guararema foi desarticulada com repressão política durante o Estado Novo. Em 1938, Maria Lacerda mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou na Rádio Mayrink Veiga lendo horóscopos. Considerada uma das pioneiras do feminismo no Brasil, tratou em sua obra de temas como a condição feminina, amor livre, direito ao prazer sexual, divórcio, maternidade consciente, prostituição, combate ao clericalismo, ao fascismo e ao militarismo, e estabeleceu uma articulação entre o problema da emancipação feminina e a luta pela emancipação do indivíduo no capitalismo industrial. Suas posições, bastante avançadas para a época, compartilham muitos aspectos similares àquelas das feministas da década de 1960. Fontes: Paula Cristina David Guimarães, publicado no artigo: Um projeto para estudar cientificamente a criança: Maria Lacerda de Moura e sua contribuição para a educação em Minas Gerais, 1908-1921 em 2021, disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/7F4KKP6XSZ.X4G66WrFtYvLz/#>, FGVCPDOC e Wikipédia.

¹⁴⁵ César Godoy Urrutia (1901-1985) foi professor e político. Completou seus estudos primários no Liceo de Talca e seus estudos secundários na Escola Normal de Curicó, onde se graduou como Professor Normalista em 1918. Exerceu a profissão de professor assistente na Escola nº 3 de Talca. Em seguida, trabalhou como professor em Santiago nas escolas nº 12 em 1921; nº 48 em 1925; nº 2 em 1932 e nº 57 em 1953. Entre 1928 e 1929, assumiu o cargo de secretário da International of American Teachers, com sede em Buenos Aires. Como político atuou no Partido Socialista do Chile, no Partido Socialista dos Trabalhadores e no Partido Comunista Chileno, Atuou como Deputado em cinco períodos do Sétimo Grupo Departamental “Santiago” Primeiro Distrito, Região Metropolitana entre 1937 e 1969. Conselheiro do Município de Santiago entre 1935 e 1936. Fonte Biblioteca do Congresso Nacional do Chile disponível em https://www.bcn.cl/historiapolitica/resenas_parlamentarias/wiki/C%C3%A9sar_Godoy_Urrutia

i) **Confederación Americana del Magisterio (CAM)**

Ainda ocorreram mais quatro convenções dos professores das Américas: a III Convenção de Maestros da América, em setembro de 1939, em Havana/Cuba; a IV Convenção de Maestros da América, em dezembro de 1943, em Santiago/Chile; e a V Convenção de Maestros da América, em maio de 1946, na Cidade do México/México. Essas convenções abordaram temas como os problemas da independência nacional, o desenvolvimento econômico e a preservação da paz nos países da América. Além disso, examinaram questões fundamentais da democracia na América e sua influência na educação, defendendo também a colaboração com outras organizações internacionais para promover esses ideais.

No acervo da ABE foram encontradas algumas cartas relacionadas à V Convenção, como o convite para a reunião das associações para o evento daquele ano. Essas correspondências já foram enviadas pela Confederación Americana del Magisterio (CAM), que se organiza após a IV Convenção. De acordo com o historiador Iván Núñez Prieto, o Sindicato dos Professores e a Sociedade Nacional do Professores patrocinaram, em dezembro de 1943, o IV Congresso Americano de Docentes, realizado em Santiago:

Lá é fundada a Confederação Americana de Professores, que mais tarde será sucedida pela Confederação de Educadores da América, que sobreviveu até hoje. (...) Os professores chilenos foram uma parte importante dessas organizações continentais, devido à força dos sindicatos neste país, ao prestígio de seu sistema educacional e às condições democráticas que prevaleciam no Chile na época (Núñez, 1986, p. 124, tradução nossa).¹⁴⁶

Em Montevideu, Uruguai, em janeiro de 1957, foi realizado o VI e último Congresso da Confederação Americana de Professores, para dar lugar à criação de uma organização permanente que coordenasse e unisse os educadores da América. Assim surgiu a Confederação de Educadores Americanos¹⁴⁷ (CEA).

¹⁴⁶Texto original: “A Unión de Profesores y la Sociedad Nacional de Profesores patrocinaron, en diciembre de 1943, el IV Congreso Americano de Maestros, celebrado en Santiago. Allí se funda la Confederación Americana de Maestros, la que más tarde será sucedida por la Confederación de Educadores de América, hasta hoy subsistente [...] Los maestros chilenos fueron parte importante de estas organizaciones continentales, por la solidez de los sindicatos de este país, por el prestigio de su sistema educacional y por las condiciones democráticas que entonces prevalecían en Chile”.

¹⁴⁷ O CEA reúne as organizações nacionais de trabalhadores da educação do continente americano que aderem voluntariamente, aceitam os seus princípios e objetivos e cumprem, em tempo hábil, os requisitos de ingresso estabelecidos nos estatutos. A sigla CEA identificará a Confederação dos Educadores Americanos em espanhol, a Confederação dos Educadores Americanos (CEA) em francês, a Confederação dos Educadores da América (CEA) em português e a Confederação dos Educadores Americanos (CEA) em inglês. Fonte: <https://ceasubsedeuruguay.org/web/index.php/historia-de-la-cea.html>

j) Consejo Nacional de Enseñanza Primaria y Normal

Também com o Uruguai há trocas de correspondências. Elas se dão entre a ABE e o Consejo Nacional de Enseñanza Primaria y Normal, este confirmando que havia enviado 7 volumes de livros uruguaios para a Exposição de Livros da ABE. Esta correspondência é assinada pelo professor e diretor do Consejo Nacional de Enseñanza Primaria y Normal (1930-1933), Santin Carlos Rossi. Se observarmos a data da segunda Convenção de Maestros da América realizada em Montevideo, em 1930, que contou com a presença de Rodolfo Llopis, o futuro diretor geral de Primera Enseñanza durante a II República e, também, Adolphe Ferrière, fundador da Liga Internacional de Escola Nova, podemos presumir que eles tenham dialogado também sobre o uso dos métodos da escola nova nas escolas públicas.

Em 1931, uma outra carta enviada pelo professor Dardo Regules, integrante da Sociedade Pedagógica de Montevideo, confirma o recebimento de uma proposta para apresentar o reitor da Universidade Sociedade Pedagógica aos integrantes da ABE, e confirma que fará um pronunciamento oficial. Em um cotejamento de fontes é possível conjecturar que esta correspondência seja desdobramento de uma outra ação entre os dois países. Há registro na imprensa de uma visita do professor Dardo Regules à ABE, em outubro de 1930, com intuito de proferir uma conferência sobre o ensino superior do Uruguai, dedicando-se especialmente a abordar a autonomia universitária, entre outros assuntos.

FIGURA 13 - CONFERÊNCIA DE DARDO REGULES, NA SEDE DA ABE, EM OUTUBRO DE 1930.



FONTE: Diário de Notícias -12/10/1930, Hemeroteca Nacional.

Na Figura 10 aparecem o professor de sociologia e conferencista Dardo Regules; além de Aloysio de Castro, diretor do Departamento Nacional de Ensino e presidente da Academia Brasileira de Letras; Cícero Peregrino, reitor da Universidade do Rio de Janeiro; e Fernando de Magalhães, ligado à ABE. Uma publicação no jornal Diário de Notícias traz alguns elementos

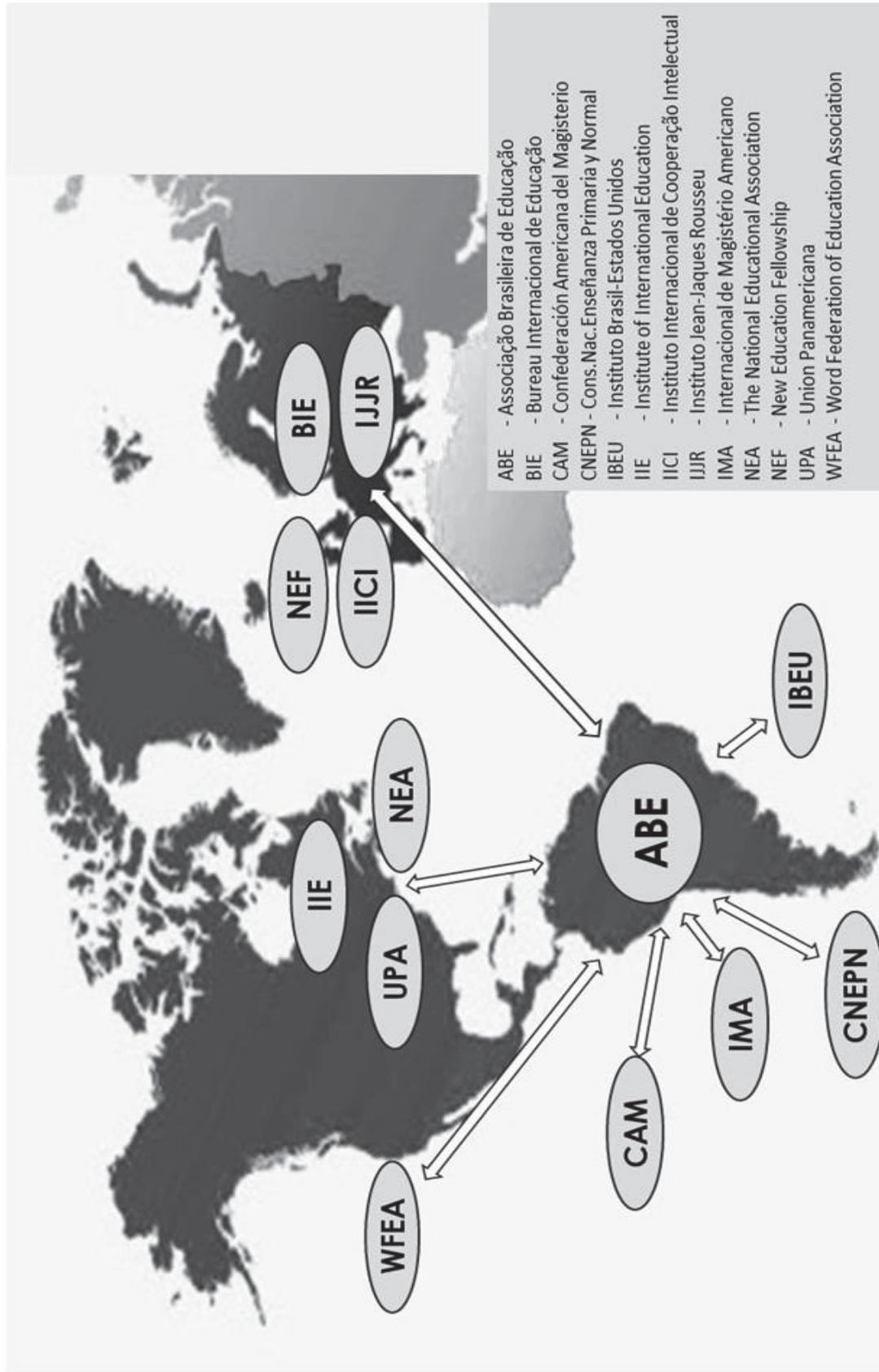
sobre a conferência proferida por Regules:

Sobre o título a Universidade no Uruguai, o que ficou povoado, no decorrer de sua exposição, foi que ela não se cingiu somente no Uruguay, mas generalizou-se até o Brasil e a quase todos os países [...] sobre o ensino primário, apresentou a reforma radical daquele grau de ensino, em favor da escola ativa, que é para ele a reconciliação humanitária entre professor e aluno (Diário de Notícias, 12/10/1930, p. 4),

Nessa ampla rede percebe-se que ABE mantinha relacionamento com várias associações congêneres. A partir da análise desses documentos, é possível visualizar uma rede de cumplicidade em que a ABE tem um papel representativo, promovendo, em certa medida, a difusão e o intercâmbio de conhecimentos científicos, o diálogo entre associações, professores e governos, bem como a circulação de pessoas, materiais e de métodos de ensino.

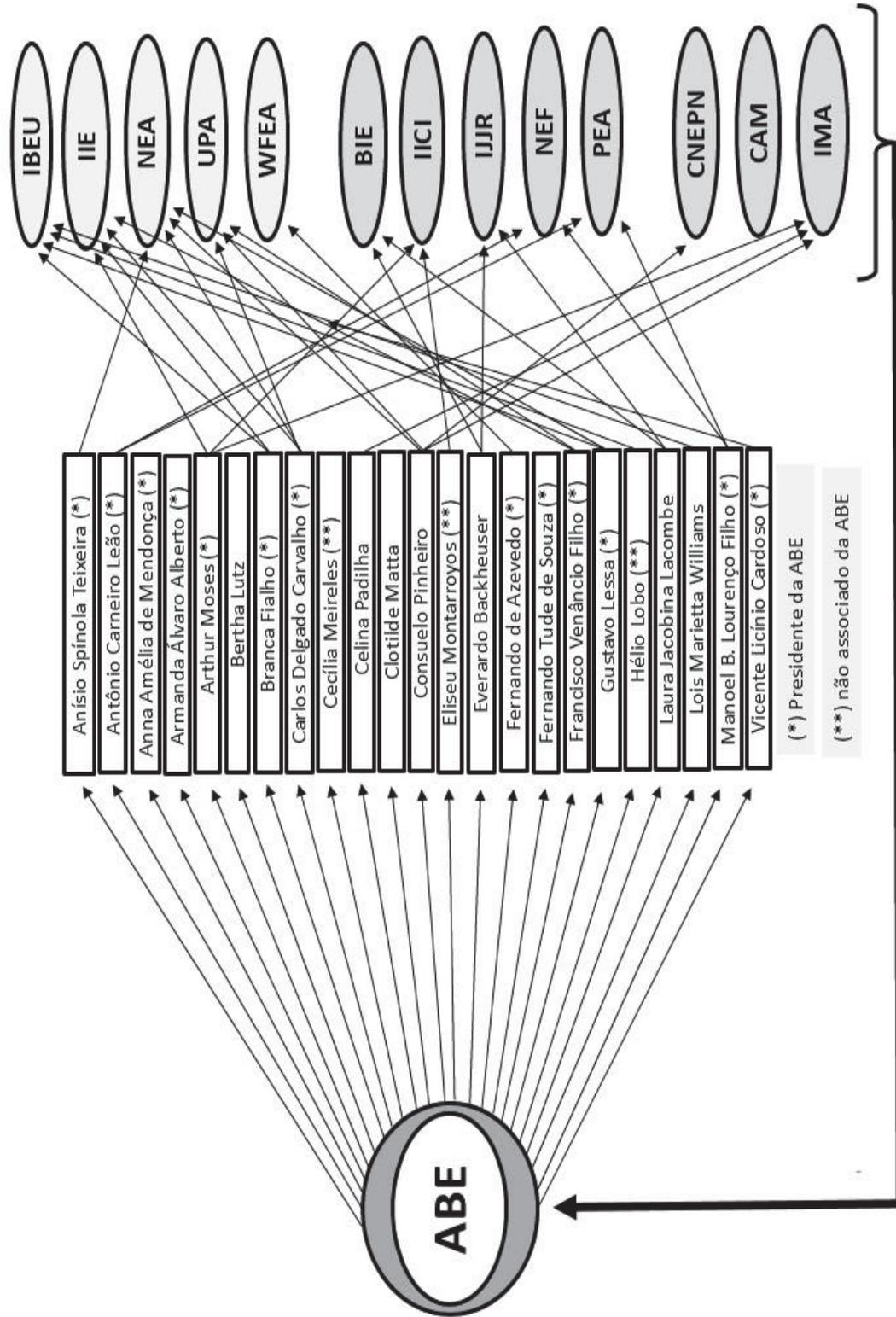
Nesse sentido, a seguir são apresentadas duas representações gráficas. A primeira delas ilustra a rede de relações da ABE com as associações congêneres internacionais. Já a segunda representação foca na rede de indivíduos que mais gravitaram em torno ABE e sua relação com associações internacionais, dentro do escopo desta investigação. É possível perceber a conexão da ABE com diversas entidades internacionais, reforçando seu papel como ponto de contato e de convergência de saberes educacionais e científicos.

FIGURA 14 - REDE DE RELAÇÕES ABE E OUTRAS ASSOCIAÇÕES



FONTE: Quadro elaborado pela autora

FIGURA 15 - REDE GRAVITACIONAL DA ABE



FONTE: Quadro elaborado pela autora

Sobre a rede gravitacional da ABE, algumas observações são relevantes, mesmo que as conexões já estejam descritas ao longo da tese. Durante a investigação, foram citados mais de 60 nomes, incluindo professores, administradores, redatores, secretários, inspetores, médicos, engenheiros, advogados, jornalistas, diplomatas e representantes de associações e de governos. Esses sujeitos compõem de diversas formas nas fontes analisadas. A representação elaborada nesta tese indica os sujeitos que mais gravitaram em torno da ABE, mantendo contato com outras associações congêneres, especialmente em tratativas relacionadas à renovação dos saberes pedagógicos.

Essa representação está organizada em ordem alfabética, sem hierarquia de atuação, e reúne 23 nomes (13 homens e 10 mulheres). Deste grupo, 7 pessoas assinaram o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Além disso, 20 desses 23 nomes eram associados da ABE, enquanto apenas 3 não possuíam vínculo formal com a associação. Entre os associados, 13 ocuparam cargos diretivos na ABE, incluindo presidências, sendo que alguns, como Antônio Carneiro Leão e Branca Fialho, exerceram mais de um mandato.

Os três indivíduos que não eram formalmente associados à ABE, mas mantinham relações significativas com a instituição e associações congêneres, são Cecília Meireles, Eliseu Montarroyos e Hélio Lobo. Cecília Meireles foi divulgadora das concepções e dos trabalhos dos educadores renovadores, mas nunca participou como membro do quadro da ABE (Pimenta, 2008, p. 70). Entre 1930 e 1934, Cecília Meireles dirigiu, no *Diário de Notícias*, a Página de Educação, época em que integrou o grupo que assinou o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Era professora, jornalista e integrou o grupo de viagens da ABE para os EUA. Em 1934, na gestão de Anísio Teixeira, organizou a primeira Biblioteca Infantil do Rio de Janeiro, que funcionou durante 4 anos, conhecida como Pavilhão Mourisco. Já o Eliseu Montarroyos, entre 1925-1938 era o representante do Brasil no Instituto Internacional de Cooperação Intelectual (IICI) e, representava também, a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e a ABE. Foi uma figura importante no diálogo com as associações congêneres. Hélio Lobo foi Ministro das Relações Exteriores, integrou o conselho diretivo do Instituto Brasil-EUA (IBEU) e fazia a mediação entre a ABE e algumas associações congêneres.

A presença feminina na Associação Brasileira de Educação (ABE) durante esse período merece destaque, especialmente quando se olha para as outras instituições como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e para a Academia Brasileira de Ciências (ABC), que não contavam com representantes mulheres. Nesta rede gravitacional da ABE, as mulheres têm espaço e desempenharam um papel significativo, refletindo uma maior participação feminina no movimento educacional. Destaca-se, por exemplo, o papel da professora Laura Lacombe,

que atuou como interlocutora entre a ABE, o Bureau International d'Éducation (BIE) e o Instituto Jean-Jacques Rousseau (IJJR). Nessa mesma rede insere-se Bertha Lutz, cientista, botânica, zoóloga, feminista e educadora, além de uma das fundadoras da Associação Brasileira de Educação (ABE). Ainda, as educadoras Armanda Álvaro Alberto e Branca Fialho, também desenvolveram e ou fomentaram ações inovadoras no cenário educacional brasileiro.

Outra observação é a presença da norte-americana Lois Marietta Williams, que veio ao Brasil para atuar no Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU). Também participava da Associação Cristã de Moços, em cursos de aperfeiçoamento de educação física patrocinados pela Diretoria de Instrução. Ela integrava a Associação Cristã Feminina e coordenava o Serviço de Educação Física nas escolas, na gestão de Anísio Spínola Teixeira, no Distrito Federal. Williams assumiu, juntamente com Afrânio Peixoto, Amanda Álvaro Alberto, Clotilde Mota e Silva e Lourenço Filho, o Departamento do Rio de Janeiro da ABE (1932). Williams também esteve ligada à I Exposição de Brinquedos Educativos da ABE, realizada em 1938. Sabe-se pelos jornais que, em outubro de 1938, ano da realização da Exposição de Brinquedos, o Presidente da República autorizou solicitação feita por Lois Williams para a liberação de um volume de livros e materiais, livre de direitos e taxas aduaneiras, vindo pelo vapor *Pan Americana*, dos EUA.

Entre os anos de 1929 e 1935, vários professores associados à ABE realizaram viagens de estudos e formação aos Estados Unidos da América, como já analisado por Cardoso. Segundo a autora (2015, p. 213), “Anísio Teixeira e a ABE apoiaram e financiaram viagens de professores brasileiros aos EUA para formação e acesso a teorias, práticas e saberes inovadores”. Na rede gravitacional exibida, identificam-se 11 sujeitos ligados à ABE que realizaram essas viagens para os Estados Unidos da América: Anísio Spínola Teixeira (1927/1928), Antônio Carneiro de Leão (1934), Carlos Delgado de Carvalho (1929/1934), Cecília Meireles (1932), Celina Padilha (1933/1935), Clotilde Matta (1932), Consuelo Pinheiro (1929, 1932), Francisco Venâncio Filho (1933/1935), Gustavo Lessa (1932), Laura Jacobina Lacombe (1929) e Manoel Bergström Lourenço Filho (1934).

A atuação da ABE evidencia sua posição como um núcleo articulador de uma rede que transcende fronteiras nacionais, conectando diferentes atores, instituições e práticas pedagógicas em um movimento de troca e disseminação de saberes. Essa dinâmica dialoga com a concepção de redes apresentada por Fuchs (2007) como “relações condensadas e intencionais entre atores restritos a espaços específicos”. Que é interessante avaliar sobre o “significado, a forma e a duração de sua existência, bem como a intensidade, frequência, equilíbrio, proeminência e velocidade dos contatos, intercâmbios e transferências.” Assim, a rede

composta por associados e não associados da ABE pode refletir esse dinamismo transnacional, em que as viagens de formação aos Estados Unidos e outros países, a participação em congressos e eventos educativos e as colaborações com associações congêneres evidenciam o trânsito contínuo de ideias, metodologias e experiências. Nesse contexto, a ABE não apenas centralizava os esforços de renovação pedagógica no Brasil, mas também se inseria em uma constelação internacional de redes interligadas, promovendo um fluxo bidirecional de conhecimentos que reafirma seu papel como ponto de convergência e irradiação de ideias inovadoras.

II - IMPRESSOS: AS PAUTAS EM PROL DO DEBATE DA RENOVAÇÃO EDUCACIONAL

A renovação pedagógica no Brasil, em diálogo com movimentos internacionais, pode ser investigada por vários caminhos. A proposta deste capítulo é, por meio dos impressos pedagógicos e das exposições de livros promovidas pela Associação Brasileira de Educação (ABE), examinar como esses instrumentos/espços podem ser vistos como privilegiados para o debate e a circulação de ideias sobre a renovação pedagógica.

Este capítulo explora a atuação da ABE a partir do triângulo que mobiliza a instituição, alguns impressos e a circulação de saberes, percebendo como esses elementos se entrelaçam em uma perspectiva transnacional. Os impressos, aqui, não são apenas veículos de informação, mas objetos materiais impregnados de significados culturais e históricos, cujas trajetórias podem refletir práticas educacionais em diferentes contextos. Esse movimento de circulação é dinâmico, sem um ponto fixo de origem ou destino, podendo ser modificado constantemente pelas relações que surgem durante o processo de deslocamento das pessoas, dos objetos e das ideias. A circulação transnacional e a materialidade dos impressos oferecem um caminho potente para investigar como os saberes se difundem e se transformam ao longo do tempo e espaço.

Deste modo, a abordagem metodológica valoriza a materialidade desses impressos e o movimento dinâmico de suas ideias, que cruzam fronteiras geográficas e podem ligar sujeitos ou associações em diferentes tempos e espaços. No primeiro momento, este capítulo aborda o Movimento da Escola Nova, presente no debate sobre a renovação pedagógica nos discursos e ações da ABE e nas associações congêneres, consolidando um terreno fértil para a circulação do tema. Na sequência, a análise se concentra na exemplaridade de algumas revistas, impressos pedagógicos e boletins disponíveis no acervo da biblioteca da ABE. Esses impressos eram disponibilizados aos professores para apoiar sua formação e prática docente.

Nesse levantamento, foram identificadas, para além das exibidas no quadro abaixo, publicações como as da União Pan-Americana (UPA), do The Journal of the National Education Association (NEA), do Bureau International d'Éducation (BIE), da Pour l'Ère Nouvelle (LIEN) e da *Levana*¹⁴⁸ (Itália), entre outras. Algumas dessas publicações tiveram excertos

¹⁴⁸ A Revista *Levana*, dirigida por Ernesto Codignola, foi publicada de 1922 a 1928. Na sequência, a revista passa a se chamar *Civiltà Moderna*, até 1943. A *Levana* era uma publicação trimestral de filosofia da educação e de política escolar. A colaboração de Ernesto Codignola com as *Edizioni de la Voce* remonta a 1919, período em que organizou uma série editorial explicitamente dedicada a temas pedagógicos e educativos. Paralelamente, foi

frequentemente reproduzidos ou traduzidos para o Boletim da ABE. É o caso de textos do Bureau International de l'Éducation (BIE), da National Education Association (NEA) e da World Federation of Education Associations (WFEA), que, em certas ocasiões, eram republicados na íntegra, como os textos do BIE, frequentemente divulgados em francês. No Quadro 5, exhibe-se as revistas disponíveis na ABE, em 1926, dois anos após a sua fundação.

QUADRO 5 - REVISTAS DISPONÍVEIS NA ABE P/ CONSULTA PUBLICADA NO BOLETIM, EM JANEIRO DE 1926

| | REVISTA | LOCAL DE PUBLICAÇÃO |
|----|--|---------------------|
| 1 | Bulletin International de la protection de l'enfance | Bélgica |
| 2 | Bulletin de la ligue de l'enseignement | Bélgica |
| 3 | Ligue pour l'éducation familiale | Bélgica |
| 4 | Educational Revue Belgica | Bélgica |
| 5 | Educateur | Suíça |
| 6 | Pour L'Ere nouvelle (PEN) | Suíça |
| 7 | Education | Inglaterra |
| 8 | Revista de Pedagogia | Espanha |
| 9 | Levana | Italia |
| 10 | Educacion | Uruguay |
| 11 | Nuestros Hijos | Uruguay |
| 12 | El Monitor de l'educacion común | Argentina |
| 13 | Revisa de Educacion Nacional | Chile |
| 14 | La Escuela Americana | Chile |
| 15 | Vida Nueva | Chile |
| 16 | La Libro y le Pueblo | Mexico |
| 17 | The Botanican | América do Norte |
| 18 | A Escola | Rio de Janeiro |
| 19 | A Escola Primaria | Rio de Janeiro |
| 20 | Boletim do Rotary Club | Rio de Janeiro |
| 21 | A Educação | Rio de Janeiro |

FONTE: ABE, Boletim, 1926. Elaborado pela autora.

A lista de revistas publicadas no Boletim da ABE de janeiro de 1926 sugere possíveis trocas de materiais, que ocorriam por assinatura ou envio por correio, reforçando o papel dos impressos como vetores fundamentais para a circulação das ideias. O Quadro 5 demonstra também as articulações da ABE, incluindo publicações da Europa, América Latina e América do Norte, fortalecendo a noção de que as ideias pedagógicas do período não eram locais, mas globais. Este intercâmbio contribuiu para a circulação de temas do movimento internacional da Escola Nova, como métodos ativos, cooperação internacional e renovação educacional.

Seguindo no mesmo Boletim da ABE, nota-se também que se publicava entre os assuntos e as pautas relacionadas à educação no país uma coluna denominada a “Associação Brasileira de Educação no Estrangeiro”, em que eram divulgadas as relações, intercâmbios,

organizador e fundador de periódicos voltados ao setor educacional – como *La Nostra Scuola*, de 1920, *Levana*, de 1922, e *La Nuova Scuola Italiana*, de 1923. Fonte: www.treccani.it/enciclopedia/ernesto-codignola_%28Enciclopedia-Italiana%29/ acesso em 09/01/2025.

congressos, conferências, cursos e palestras que ocorriam no exterior, inclusive aquelas em que a própria ABE participava.

Pelos boletins da ABE, também, era possível acessar, por exemplo, textos como de Adolphe Ferrière, o pedagogo suíço cujo trabalho está ligado ao Movimento da Escola Nova, publicado em francês, como no boletim de julho de 1926. Nos números seguintes, leem-se textos das associações congêneres, como da União Pan-Americana (UPA), do The Journal of the National Education Association (NEA), do Bureau International d'Éducation (BIE), e ainda informações como sobre o Congresso ocorrido na Itália, o Congresso na Suíça, sobre a permuta de revistas com o Chile, sobre as conferências de professores estrangeiros promovidas pela ABE, o Congresso em Praga, A paz pela escola, entre outros assuntos. A partir do levantamento e análise desse material, emergiram alguns temas de destaque, entre os quais: **viagens e congressos, o Centenário de Pestalozzi e o movimento educacional**¹⁴⁹.

Ao olhar para as viagens e congressos, intenta-se perceber a ABE em eventos internacionais que não apenas facilitaram a troca de experiências com outros educadores e instituições, mas também podem indicar a ABE como mediadora das discussões sobre a renovação pedagógica. O Centenário de Pestalozzi foi celebrado em várias partes do mundo (conforme os impressos) e não só lembraram as contribuições de Pestalozzi à pedagogia, mas também foi uma forma de perceber como as ideias do movimento educacional em andamento poderiam estar alinhadas à visão renovadora da ABE. Por fim, o tema do movimento educacional, por sua vez, está diretamente ligado ao Bureau International de l'Éducation (BIE), que coletava e divulgava informações de diversos países. Esses materiais, ao disseminarem conhecimento sobre os desenvolvimentos educacionais de diferentes lugares, serviram para informar e inspirar as práticas pedagógicas, dentro de uma perspectiva transnacional. O BIE foi um elo importante entre a ABE e as tendências educacionais emergentes em várias partes do mundo.

Em um segundo momento deste mesmo capítulo, a atenção se volta para as exposições de livros organizadas pela ABE, explorando as formas de acessar e aprender que emergiram nesse contexto, que se relaciona com o movimento de formação de bibliotecas destinadas a professores e alunos, além de dialogar com a renovação pedagógica.

2.1 CIRCULAÇÃO DE SABERES: O MOVIMENTO DA ESCOLA NOVA

No bojo das aspirações de uma educação moderna, o **movimento da renovação**

¹⁴⁹ O termo movimento educacional aqui está ligado à seção *Le Mouvement Éducatif*, publicada no Boletim do BIE, na qual se divulgavam dados educacionais de diversos países, com análises sobre tendências e desenvolvimentos no campo da educação em escala global.

educacional da Escola Nova envolveu um amplo debate acerca de ideias consideradas inovadoras em vários congressos, em diferentes lugares do mundo. Vera Teresa Valdemarin (2010) destaca que, nas primeiras décadas do século XX, houve uma disseminação significativa do tema. Nos Estados Unidos, na Europa e no Brasil, educadores influentes criticaram o sistema educacional vigente e promoveram mudanças sociais — principalmente resultantes da urbanização, dos processos de trabalho e da organização familiar — como justificativa para a necessidade de reformar os objetivos e métodos escolares. As novas direções para a intervenção educacional estavam fundamentadas em experimentos científicos, considerando o avanço científico fundamental para o processo educativo e a atividade como elemento central no desenvolvimento cognitivo.

O debate sobre o movimento internacional da Escola Nova, ou da educação nova, esteve presente em um circuito mundial. Sua difusão tem como pano de fundo a criação dos Departamentos de Educação em diversas universidades do mundo (Vidal; Rabelo, 2020). Mas a trama envolve várias organizações voltadas a pensar, planejar e organizar a renovação pedagógica. O Institut Jean-Jacques Rousseau (IJJR) e o Teachers College (TC), ambos espaços de formação de professores, a Progressive Education Association (PEA) e a New Education Fellowship (NEF), o Bureau International d'Éducation (BIE), o Bureau International pour l'Éducation Nouvelle (BIEN) e a Ligue Internationale pour l'Éducation Nouvelle (LIEN), entre outras, compõem uma ampla gama de nomenclaturas que representavam as organizações e associações que podem ser vistas como pontos de contato, de passagem e formação de redes com capilaridade que contribuíram para a difusão do tema.

No século XIX, a medicina avançou bastante e surgiram movimentos que se preocupavam com a higiene e cuidados com as crianças. Esses movimentos começaram a identificar os problemas que afetavam a infância, especialmente as crianças consideradas mais desfavorecidas. Isso levou a uma série de ações sociais, assistenciais e educativas. Foi nesse cenário que surgiu o movimento educacional da Escola Nova (EN), propondo novas formas de ensinar e promovendo a higiene nas escolas e na sociedade. A ideia era ligar higiene e pedagogia, a chamada “medicina pedagógica”, destacando a importância de entender a infância observando as crianças e levando em conta suas capacidades físicas, mentais e morais para melhorar o aprendizado. Em paralelo, houve a expansão do sistema escolar, o interesse político pela educação, na retórica do progresso, do desenvolvimento e da formação de um novo homem.

No final do século XIX, surgiram na Europa várias iniciativas pedagógicas que se destacavam por suas propostas inovadoras, conhecidas como “escolas novas”, de acordo com Abbagnano e Visalberghi (1981). Essas escolas eram frequentemente organizadas como

“instituições escolares de vanguarda” (Abbagnano; Visalberghi, 1981, p. 789). A primeira instituição europeia a incorporar esses princípios foi a escola fundada por Cecil Reddie (1858-1932), em Abbotsholme, na Inglaterra. Embora apresentasse um caráter inovador - combinando uma abordagem menos tradicional, que priorizava o interesse da criança e a vida em sociedade, juntamente com a prática esportiva e o trabalho manual, operando em tempo integral -, não foi bem aceita na Inglaterra (Abbagnano; Visalberghi, 1981).

No entanto, a mesma iniciativa inspirou outras experiências no continente. Em 1889, Edmond Demolins fundou a *École des Roches* na França, concebida como uma escola inovadora que adotava métodos educacionais progressistas e experimentais para a época. Um ano antes, o educador alemão Hermann Lietz, conhecido por suas significativas contribuições na educação, foi pioneiro na criação das *Landerziehungsheime*, que podem ser traduzidas como “escolas novas no campo” ou “internatos no campo”. Segundo o impresso pedagógico *Brochures d'éducation nouvelle populaire* (1946), teria sido no I Congresso de Pedagogia realizado em Bruxelas, em 1911, que Ferrière teria dito:

Chamo de 'Educação Nova' um movimento pedagógico contemporâneo que não é de sociedade de hoje. Não é teórico, mas prático. Afirmou-se tanto na Europa como na América pela criação de cem escolas novas que, todas elas, rompem com uma rotina secular e tendem a tornar a instrução e a educação ao mesmo tempo mais psicológicas e mais sociais. “Esse movimento pedagógico nasceu de uma dupla necessidade e tende a um duplo ideal.”¹⁵⁰ Adaptar os meios pedagógicos à natureza das crianças. “2º Preparar a juventude para a vida social, intelectual e moral contemporânea.” (Husson, 1946, p. 2, tradução e destaque nosso).¹⁵⁰

A Escola Nova ou Ativa tem como base o respeito dos interesses e necessidades de desenvolvimento da criança. A citação de Ferrière nos dá a entender que ele estava ocupado em pensar uma educação, uma escola, que preparasse o sujeito para uma sociedade em constante mudança. O pedagogo e filósofo italiano Giuseppe Lombardo-Radice¹⁵¹, ao escrever a nota

¹⁵⁰ Texto original em francês: “J'appelle « Education Nouvelle » un mouvement pédagogique contemporain qui n'est de société d'aujourd'hui. Il n'est point théorique mais pratique. Il s'est affirmé tant en Europe qu'en Amérique par la création de cent écoles nouvelles qui, toutes, rompent avec une routine séculaire et tendent à rendre l'instruction et l'éducation à la fois plus psychologique et plus sociale. «Ce mouvement pédagogique est né d'un double besoin et tend à undouble idéal. «1º Adapter les moyens pédagogiques à la nature des enfants. «2º Préparer la jeunesse à la vie sociale, intellectuelle et morale contemporaine”.

¹⁵¹ Giuseppe Lombardo Radice (1879-1939), pedagogo e professor universitário. Nascido em Catania, em 1879, formou-se em filosofia pela Universidade de Pisa. Foi primeiro professor do ensino médio e depois, entre 1911 e 1922, lecionou pedagogia na Universidade de Catânia. Posteriormente, entre 1922-24, colaborou com o então Ministro da IP (Educação Pública) Giovanni Gentile na elaboração de programas ministeriais para escolas primárias ou primárias. No entanto, quando o fascismo revelou abertamente a sua natureza totalitária com o crime Matteotti (1924), Lombardo Radice passou a lecionar pedagogia no Instituto Superior de Educação de Roma até 1928. Por esta escolha de não colaboração com o governo fascista, sofreu um período de marginalização que o levou a se afastar da política ativa e a se dedicar ao ensino e à difusão de uma nova orientação pedagógica com a

biográfica e bibliográfica de Adolpo Ferrière e a Escola Ativa, publicado no livro *La Scuola Attiva*, na Itália afirmou:

quem pensa em “Escola Ativa” pensa em “Adolfo Ferrière”; quem pensa em “Adolfo Ferrière” pensa em “Escola Ativa”. Ele está “em linha” para a renovação educativa desde 1899, tanto como **teórico quanto como prático e organizador**. Após um intenso período de experiências pessoais, constituiu, em 1899, o Escritório Internacional das Escolas Novas (Bureau I.E.N.). O jovem estudioso propunha com isso “estabelecer relações de ajuda mútua entre as várias 'escolas novas', coletar os documentos de sua vida, e... valorizar as experiências feitas por esses laboratórios da pedagogia do futuro” (Radice, 1929, p. IX, tradução e grifos nossos).¹⁵²

Lombardo Radice foi reconhecido pelo próprio Adolphe Ferrière como um dos pioneiros da “educação nova” na Itália. A revista *Pour l'Ère Nouvelle* dedicou uma edição monográfica (nº 23, 1926), que mais tarde seria publicada em um volume com o título: *Laube de l'école sereine en Italie: monographies d'éducation nouvelle*, editado por Ferrière em 1927 (Meda, 2023, p. 60, tradução nossa)¹⁵³. Uma parte do artigo intitulado *Una visita ai pioneri della scuola serena di Italia* foi traduzido e publicado na revista *L'Educazione Nazionale*, em junho de 1929. A Escola Serena, de Lombardo-Radice, propunha um ambiente educativo sereno, propício à aprendizagem e ao desenvolvimento emocional das crianças, refletindo a busca por um espaço que favoreça a paz e a criatividade (Mazzoni, 1967, p. 310-311).

Nesta mesma obra de Adolphe Ferrière, publicada na Itália, encontra-se um apêndice escrito por Mazzoni Elda¹⁵⁴ (1967), com destaque para a renovação educacional na Itália, dando ênfase à importância de metodologias flexíveis que se adaptassem às necessidades individuais das crianças. Mazzoni evidencia que essa abordagem defendia um equilíbrio entre disciplina e liberdade, permitindo que os educadores orientassem o desenvolvimento infantil por meio de experiências práticas que estimulassem a criatividade, em vez de se limitarem a testes de

revista «L'educationnazionale». Morreu em Cortina D'Ampezzo em 1939. Fonte: SIUSA disponível em <https://siusaarchivi.cultura.gov.it/cgi-bin/siusa/pagina.pl?TipoPag=prodpersona&Chiave=49909&RicProgetto=personalita>

¹⁵² Texto original em italiano: “Chi pensa « Scuola attiva » pensa « Adolfo Ferrière »»; chi pensa « Adolfo Ferrière » pensa « Scuola attiva ». Egli è « in linea » per il rinnovamento educativo dal 1899, sia come teorico sia come pratico e organizzatore. Dopo un intenso periodo di esperienze personali, costituiva, nel 1899, l'Ufficio internazionale delle scuole nuove (Bureau I. E. N.). Il giovanissimo studioso si proponeva con ciò « di stabilire rapporti di reciproco aiuto fra le varie « scuole nuove », di raccogliere i documenti della loro vita, di mettere in valore le esperienze fatte da questi laboratori della pedagogia dell'avvenire »”.

¹⁵³ Texto original em inglês: “Keep in mind how in fact Lombardo Radice had been recognised by Adolphe Ferrière himself - among the most distinguished founders of LIEN - as one of the pioneers of 'new education' in Italy, to whom the journal *Pour l'ère nouvelle* had devoted a mono-graphic issue the year before (no. 23, November 1926), that would later be published in a volume with the title: *Laube de l'école sereine en Italie: monographies d'éducation nouvelle*, edited by Ferrière in 1927”.

¹⁵⁴ O apêndice encontra-se nas páginas 280 a 311, do livro *Adolpo Ferrière - A Escola Activa* – edição publicada na Itália em 1967.

aptidão. Entre muitos exemplos notáveis, Mazzoni cita Montessori, Radice e as irmãs Agazzi¹⁵⁵, com o Método Agazzi, desenvolvido nas décadas de 1900 - 1910, que promoveu um ambiente de Jardim de Infância acolhedor e prático, que rapidamente se espalhou por diversas regiões da Itália (p. 308-309). Cita também Giuseppina Pizzigoni¹⁵⁶, a partir de 1920, quando estabeleceu a escola “La Rinnovata”, que enfatiza a educação como um campo de experiências ativas, priorizando o movimento e a observação (1967, p. 309-310). Para Mazzoni, a conexão das crianças com a natureza também foi central nas iniciativas de educação ao ar livre, que ganharam força nas décadas de 1920 e 1930. Outro ponto destacado por Mazzoni é literatura pedagógica crescente, documentando e analisando essas abordagens inovadoras que seriam o reflexo de um espírito progressista que busca integrar teoria e prática na educação italiana (1967, p. 311-317). Ainda entre os pioneiros estão Jean-Jacques Rousseau, Johann Heinrich Pestalozzi, Friedrich Fröebel, Liev Tolstoi, entre outros.

Entre os nomes de destaque ligados ao movimento da Escola Nova, encontram-se os europeus Maria Montessori (Itália), Ovide Decroly (Bélgica), Célestin Freinet (França), Edouard Claparède (Suíça), Adolphe Ferrière (Suíça), George Kerschensteiner (Alemanha), Faria de Vasconcelos (Portugal/Bélgica) e Adolfo Lima (Portugal). Já entre os americanos, destacam-se John Dewey e William Heard Kilpatrick, entre outros.

Neste cenário educacional profícuo, os novos métodos ativos começaram a apresentar experiências realizadas em escolas de diferentes países. Entre elas, destacam-se o Sistema Winnetka e os Planos Dalton (EUA), que introduziram o ensino individualizado; o método de projetos de Kilpatrick (EUA); o ensino socializado e o trabalho coletivo de Roger Cousinet (França); a autoeducação de Maria Montessori (Itália); e os centros de interesse de Decroly (Bélgica), entre outros.

Apesar da diversidade de propostas, alguns teóricos se tornaram as figuras mais conhecidas da Escola Nova: John Dewey, com sua escola progressista; Edouard Claparède, com a educação funcional; George Kerschensteiner, com a escola do trabalho; e Adolphe Ferrière, com a escola ativa. Todos eles trouxeram novas ideias filosófico-pedagógicas, contribuindo para a renovação da escola por meio de métodos ativos e técnicas inovadoras.

¹⁵⁵ Rosa Agazzi (1866-1951) e Carolina Agazzi (1870-1945), pedagogas e educadoras experimentais.

¹⁵⁶ Giuseppina Pizzigoni (1870-1947) foi uma educadora italiana criadora do método pedagógico “Scuola Rinnovata”, que transformou o ensino ao priorizar o aprendizado ativo, o contato com a natureza e atividades práticas, como hortas e oficinas, em escolas públicas de Milão. Inspirada por experiências educacionais europeias, como as de Cecil Reddie e Hermann Lietz, Pizzigoni combinou pedagogia experimental com um pragmatismo adaptado à realidade italiana. Como destacado por Ferrière, sua escola tornou-se “rica de vida, animação e trabalho inteligente”. Reconhecida oficialmente em 1927, a Scuola Rinnovata consolidou-se como modelo de pedagogia ativa na Itália. (Ver *L'Educazione Nazionale*, fev. 1927, p. 127).

É interessante refletir sobre três momentos significativos, em um intervalo de quase uma década (1912-1921), ocorridos na Europa, e que envolvem a figura de Adolphe Ferrière: a organização do Bureau International des Écoles Nouvelles (BIEN) em 1912; a publicação dos 30 princípios da Escola Nova em 1915 e a criação da Ligue internationale pour l'éducation nouvelle (LIEN) em 1921. Em 1912 é organizado o Bureau International des Écoles nouvelles (BIEN) com sede nas Pléiades sur Blonay (Vaud, Suíça). O seu objetivo era estabelecer contatos de ajuda mútua entre as diferentes Escolas novas, concentrar os documentos que a elas dizem respeito e chamar a atenção para as experiências psicológicas feitas nestes laboratórios da pedagogia do futuro (Vasconcellos, 2015, p. 8)¹⁵⁷. Em 1915, foi publicada a obra *Uné École Nouvelle en Belgique*, de Antônio de Sena Faria de Vasconcellos, que apresentou os 30 princípios da Escola Nova, com prefácio de Adolphe Ferrière. A publicação e circulação desses 30 pontos permitiram, em certa medida, a sistematização do movimento da Escola Nova, oferecendo diretrizes claras sobre o que era necessário para que as escolas se alinhassem ao modelo proposto. Segundo uma nota explicativa no livro de Vasconcellos, o BIEN foi criado por Adolphe Ferrière, com sede na sua própria casa, associado à Ligue Internationale Pour l'Éducation Nouvelle (LIEN), fundada em 6 de agosto de 1921, no Congresso de Calais. A LIEN teve, até fevereiro de 1947, como órgão de comunicação, a revista *Pour l'Ère Nouvelle*. Estas três ações têm em comum a presença de Ferrière atuando na divulgação dos princípios da Escola Nova.

O princípio partilhado pelas escolas novas era de que a criança estaria no centro do processo da educação, diferente do modelo tradicional em que o professor era considerado o principal suporte do aluno no processo de aprendizagem. Para além do trabalho organizado pelo BIEN e LIEN e dos Congressos como espaço para o debate, a escola nova teve um impresso pedagógico, a revista *Pour l'Ère Nouvelle*, como um instrumento divulgador do movimento, sendo também propagandeado em postais, publicidade (anúncios em revistas de educação) e por meio dos filmes.

Em relação aos filmes, uma Associação Internacional de Filmes para a Educação Nova (A. I. F. E. N) foi constituída durante o Congresso de Locarno, em 1927, com o objetivo de divulgar os ideais modernos de educação, de mostrar práticas educacionais em escolas inovadoras e os benefícios dos métodos de educação ativa, por meio de filmes educativos.

Um texto publicado em edição da *Pour l'Ère Nouvelle* de 1929 (n. 44, p. 7-8) citava alguns filmes que estavam circulando naquela época, tais como: a *Escola des Roches* que

¹⁵⁷ A edição foi publicada originalmente em 1915 e reeditada em 2015.

produzira um filme que ilustrava a vida e as práticas educativas, causando um grande impacto na França. Também Ronald Gow, de Altrincham, dirigiu filmes feitos por alunos sobre a história da civilização, demonstrando métodos de ensino práticos e colaborativos. O lar “Chez Nous”, em La Clochette-sur-Lausanne, criou um filme que retratava a rotina diária das crianças, enfatizando atividades ao ar livre e higiene. Em Viena, o professor K. Bühler produziu um filme sobre o desenvolvimento infantil. Ainda, o Dr. Claparède, em Genebra, filmou a atividade espontânea e os gestos naturais das crianças em diversas circunstâncias. Importante citar que o professor Kurt Lewin, de Berlim, também produziu filmes educacionais.

Representantes de dezoito países¹⁵⁸ tornaram-se membros desta Associação Internacional de Filmes para a Educação Nova, inclusive o Brasil, na figura da professora Laura Lacombe. Aqui, novamente, percebe-se a professora Laura Lacombe como uma figura central na rede de relações da ABE com outras associações congêneres. Ela pode ser considerada uma mediadora cultural, já que era associada da ABE, representante da Associação em congressos internacionais, estudou no Instituto Jean Jacques Rousseau (IJJR) e atuava como correspondente do Bureau International d'Éducation (BIE).

Vale destacar que em sua participação no Congresso de Locarno, em 1927, representando a ABE, a professora Laura Lacombe preparou uma exposição sobre o Curso Jacobina, sobre os trabalhos da Associação Brasileira de Educação, principalmente sobre os da Cooperação da Família e os da Secção de Divertimentos Infantis e apresentou um filme. A revista *Pour l'Ère Nouvelle*, editada por Adolfo Ferrière, deu visibilidade ao filme *L'enseignement public à Rio de Janeiro*, um registro da educação pública carioca durante a gestão de Carneiro Leão (Mignot; Pires, 2019, p. 135).

Ao que tudo indica, a Associação Internacional de Filmes da Educação Nova manteve contato com a ABE. Em 1930, Lucia Magalhães, então secretária da ABE, enviou uma correspondência ao diretor de Instrução Pública do Rio de Janeiro, Fernando de Azevedo, informando que havia recebido documentos de Miss G. Crutwell, secretária da Associação Internacional de Filmes da Educação Nova. Magalhães encaminhou esses documentos a Azevedo, solicitando que lhes fosse dado o devido tratamento (Magalhães, 1930). Que

¹⁵⁸ Os países signatários são: Estados Unidos, Escócia, Suécia, Holanda, Suíça, Bélgica, Dinamarca, Portugal, Hungria, Bulgária, Índia, África Sudoeste, Canadá, Brasil, Japão, Romênia, Inglaterra e França. Os membros representantes de cada país estão detalhados conforme segue: Mrs. Marietta Johnson (Estados Unidos), Miss Grace Crutwell (Escócia), Srta. Ester Edelstam (Suécia), Sra. C. Philippi Siewerts van Reesema (Holanda), Professor Pierre Bovet (Suíça), Sr. Dronsart (Bélgica), Dr. Sigurd Naesgaard (Dinamarca), Sr. Alvaro V. Lemos (Portugal), Sra. Marthe Nemes (Hungria), Professor D. Katzaroff (Bulgária), Srta. Kamala Bose (Índia), Sr. H. H. Kreft (África Sudoeste), Srta. Margaret Johnson (Canadá), Srta. Laura Lacombe (Brasil), Professor S. Kobayashi (Japão), Professor Abraham Taub (Romênia), Sr. James Eric Potter (Inglaterra) e Sr. Prynce Hopkins (França). Fonte: *Pour l'ère nouvelle*, janeiro de 1929, p. 8).

documentos seriam esses? Listas de filmes com práticas educativas relacionadas à renovação? Documentos com tratativas entre as Associações? Algum outro tipo de material informativo? Mesmo sem ter respostas, essas informações são valiosas para refletir sobre as estratégias de circulação fomentadas pela Liga Internacional da Escola Nova, tanto por meio de seu periódico (*Pour l'Ère Nouvelle*) quanto pela criação da Associação Internacional de Filmes para a Educação Nova (A.I.F.E.N.), que buscava promover e disseminar filmes, ao menos entre os países associados.

É possível pensar que o cinema, naquele momento, representava uma atração moderna e impactante, capaz de transmitir de forma mais eficaz os ideais da Educação Nova. No texto destaca-se que Associação Internacional de Filmes para a Educação Nova (A.I.F.E.N.) atuava para:

Reunir esses filmes, suscitar outros, apresentá-los ao grande público, convidar pais e professores a assisti-los, eis o que, na visão dos fundadores da Associação Internacional para Filmes de Educação Nova, fará mais para ensinar a respeitar e a promover a saúde do corpo e do espírito da criança do que mil artigos que não são lidos ou são esquecidos. Raras são as pessoas – não excludo os adultos – que são capazes de levar para a prática cotidiana aquilo que entrou em seu cérebro sob a forma de ideia pura; mas numerosas são aquelas que, tendo visto fazer, sabem imitar. Tornemos as práticas da educação nova imitáveis e agradáveis – e teremos feito o mundo avançar, em um domínio essencial, um pequeno trecho no esplêndido caminho do progresso (PEN, 1929, n. 44, p. 7-8, tradução nossa).¹⁵⁹

A Escola Nova é um movimento bastante difícil de conceituar, levando em consideração que ela não apresentava uma forma definida. Para além de contestar a escola tradicional, o movimento da Escola Nova apresentava um princípio em comum, mas com múltiplas interpretações e que conectava grupos de diversos países, com diferentes orientações pedagógicas. A proposta da Escola Nova era uma educação baseada na prática em que a criança passa a ser conhecida nas fases do seu desenvolvimento, convertendo-se no protagonista ativo do processo ensino-aprendizagem. O professor atua como um guia, um motivador e orientador dos interesses dos alunos, incentivando a autonomia, a criatividade, o esforço e a aprender a resolver os problemas do cotidiano.

Aqui no Brasil, por exemplo, para se ter uma ideia, olhando somente para a Revista

¹⁵⁹ Texto original: “Réunir ces films, en susciter d'autres, les présenter au grand public, convier parents et maîtres à les voir, voilà qui, dans l'idée des fondateurs de l'Association internationale pour Films d'Education nouvelle, fera davantage pour enseigner à respecter et à favoriser la santé du corps et de l'esprit de l'enfant, que mille articles qu'on ne lit pas où qu'on oublie. Rares sont les personnes - je n'en exclus pas les adultes — qui sont capables de faire passer dans la pratique quotidienne ce qui est entré dans leur cerveau sous forme d'idée pure; mais nombreuses sont celles qui, ayant vu faire, savent imiter. Rendons imitables et aimables les pratiques de l'éducation nouvelle - et nous aurons fait faire au monde, dans un domaine essentiel, un petit bout de chemin sur la route splendide du progress”.

Escola Primária¹⁶⁰, entre 1928 e 1938 foram publicados mais de 50 artigos com o tema Escola Nova, Escola Ativa ou métodos de projetos. A revista era uma sociedade anônima e, com exceção de Afrânio Peixoto e Francisco M. Vianna, todos os sócios eram ou foram Inspetores Escolares (Oliveira, 2015). O conteúdo era voltado para a formação dos professores e tinha periodicidade mensal. Elaborado pelos inspetores de ensino do Distrito Federal do Rio de Janeiro, esse periódico apresenta os mais variados temas voltados ao ensino primário, tais como as reformas de ensino, os cuidados de higiene e saúde, os métodos inovadores, orientações para o ensino das disciplinas, entre outros temas. Em todas as edições, a revista apresenta o Sumário, o Editorial e um tema em destaque. Inclusive, a partir de 1930, as edições apresentam, quase que ininterruptamente, pelo menos um texto com “o passo a passo” de modelos educacionais inspirados na Escola Nova/Escola Ativa, com a publicação de diferentes experiências realizadas pelos professores. Vários artigos publicados congregaram diferentes experiências, teorias e métodos em torno da ideia de renovação, apresentando algumas tendências educativas da época.

Vera Teresa Valdemarin (2010) realizou uma análise detalhada sobre a evolução dos métodos e materiais de ensino, com foco particular no movimento da Escola Nova e suas influências sobre a educação moderna. A autora explora como a Escola Nova, um movimento pedagógico progressista que emergiu no final do século XIX e início do século XX, transformou práticas educacionais tradicionais. Ela analisa a concepção a partir de John Dewey e indica alguns momentos ocorridos no contexto brasileiro que se tornaram marcos para a difusão e projeção dos atores educacionais relacionados ao tema Escola Nova. Segundo ela, estariam o Inquérito sobre Educação realizado por Fernando de Azevedo (1926): as edições da Revista Escola Nova (1930-1931), o Manifesto dos Pioneiros (1932), a organização de coleções pedagógicas e a reforma educacional do Distrito Federal. Para Valdemarin (2010, p. 25), esses “eventos históricos compuseram estratégias que criaram lugares de instauração do novo a partir do qual foram administradas as relações políticas, sociais e profissionais, isto é, relações de poder mediadas pelas instituições”.

No Brasil, nas primeiras décadas do século XX, o país passava por um rápido processo de modernização. No campo educacional, intelectuais de grupos distintos pensavam e debatiam a ideia de uma sociedade nova. Nesse cenário, a ABE se colocou como a instituição que estava pensando o desenvolvimento da educação no Brasil.

Retomando ao movimento internacional da Escola Nova, pode-se afirmar também que

¹⁶⁰Quase todas as edições da Revista Primária encontram-se inventariadas e disponibilizadas nos anexos da tese de Mariza da Gama Leite de Oliveira (2015), nas páginas 348 a 378, conforme indicado nas Referências Bibliográficas.

o seu espraiamento envolveu múltiplas conexões, múltiplos pontos de contato, e passou pelas viagens dos educadores, pela realização de congressos, pela circulação do debate em impressos pedagógicos, pelo cinema, cartões postais, entre outros caminhos. Na tese, *Pour l'Ère Nouvelle: une revue-carrefour entre science et militance (1922-1940)*¹⁶¹, de Béatrice Haenggeli-Jenni, que investigou as relações entre ciência e militância no movimento da Educação Nova, analisando o periódico da *Pour l'Ère nouvelle*, a autora evidenciou que:

Estas visitas e estadias de formação são na maioria das vezes acompanhadas de produção escrita, seja sob a forma de “notas de viagem”, “relatório de visita” ou “história de viagem”. Estes artigos, publicados em revistas educativas como a *Pour l'Ère nouvelle*, cumprem uma função documental no sentido de que contribuem para o conhecimento dos locais de experimentação e, assim, permitem mapear a extensão do movimento. O estilo de escrita utilizado nestas histórias está intimamente relacionado com o encontrado nas histórias antropológicas ou mesmo etnológicas, onde o visitante/autor regista meticulosamente todos os detalhes do país visitado. Prática muito utilizada nesta época em que o uso de fotos ainda era marginal e as palavras substituíam as imagens. Este método de aprendizagem por visita é muito utilizado entre os envolvidos no movimento, como evidencia a impressionante quantidade de artigos no PEN relatando visitas ou estadias em diversos estabelecimentos (Haenggeli-Jenni, 2017, p. 202, tradução nossa).¹⁶²

Nessa linha, os Congressos eram os espaços em que as instituições educativas, as associações congêneres e seus sujeitos educadores apresentavam as práticas e debatiam as mudanças necessárias no campo da educação. Participar de congressos educacionais e missões culturais pedagógicas geralmente exigia recursos significativos para as viagens, que garantissem acomodação para estarem efetivamente presentes nos eventos. Por isso, os educadores que participavam frequentemente possuíam boas condições financeiras ou contavam com apoio estatal ou governamental. Isso limitava a participação a um grupo relativamente pequeno de educadores, com condições socioeconômicas privilegiadas. Mas, ao produzir os relatos de viagem ou de participação em Congressos, os educadores registravam parte das experiências publicadas em diferentes formatos impressos, como revistas pedagógicas, jornais, catálogos, livretos etc. De acordo com essa perspectiva, os impressos

¹⁶¹ Tradução: Para a Nova Era: uma revista na encruzilhada entre a ciência e a militância.

¹⁶² Texto original: “Ces visites et séjours de formation s’assortissent le plus souvent de productions d’écrits que ce soit sous la forme de « notes de voyage », de « compte rendu de visite » ou de « récit de voyage ». Ces articles, publiés dans des revues pédagogiques telles que *Pour l'Ère Nouvelle*, remplissent une fonction documentaire dans le sens où ils contribuent à la connaissance des lieux d’expérimentation et permettent ainsi de cartographier l’étendue du mouvement. Le style d’écriture utilisé dans ces récits s’apparente étroitement à celui que l’on trouve dans les récits anthropologiques voire ethnologiques où le visiteur/auteur consigne avec minutie tous les détails du pays visité. Une pratique largement utilisée à cette époque où l’usage de la photo est encore marginal, et les mots remplacent l’image. Ce mode d’apprentissage par visite est largement répandu parmi les acteurs du mouvement comme en atteste la quantité impressionnante d’articles dans PEN relatant de visites ou séjours dans des établissements divers”.

pedagógicos foram uma “estratégia” fundamental para circular e difundir os novos conhecimentos e a ideia de renovação pedagógica. Certeau (2005, p. 100) explica que as interpretações e os entendimentos que formamos no mundo em uma “rede de significados” não são neutros. Eles são moldados por várias estratégias, que podem incluir práticas culturais, sociais, políticas, e até individuais. Essas estratégias determinam como os significados são construídos e interpretados.

Conforme descreve Roger Chartier (2002, p. 17), “a história cultural tem como principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Desta maneira, pode-se pensar que os impressos, as revistas pedagógicas e a divulgação de catálogos estavam informando ou auxiliando na circulação de determinados assuntos atrelados à ciência e à retórica da educação moderna. Como destaca Chartier (1990), é através das representações que um indivíduo ou grupo ganha consciência de sua relação com os outros e com o mundo.

Na triangulação aqui proposta, entre a ABE, os impressos e a circulação dos saberes, os impressos são vistos como um instrumento para este estudo. Pensar questões acerca dos impressos pedagógicos ligados à História da Educação no Brasil para examinar os diálogos da ABE é uma tentativa de pôr ênfase nos suportes materiais da produção, circulação e apropriação dos saberes pedagógicos. Nesses moldes, Carvalho e Toledo (2007, p. 90) apontam que esses suportes podem ser livros didáticos, imprensa periódica especializada em educação, coleções dirigidas aos professores, guias, programas, regulamentos etc. Tais fontes passam também a interessar como objeto, no duplo sentido de objeto de investigação e de objeto material, cujos usos, em situações específicas se quer determinar. A materialidade desses objetos passa a integrar o questionário que orienta o investigador no estudo das práticas que se formalizam nos seus usos; passa, portanto, a ser elemento central no diálogo que o historiador estabelece com as fontes, obrigando-o a considerá-las em sua materialidade de objeto cultural, de produto de práticas sociais determinadas. Um objeto cultural, inserido na cultura material “escolar”. Essa materialidade pode assumir o formato de diferentes tipos de impressos, que “deixam ler marcas de usos prescritos e de destinatários visados. Fornecem indícios sobre práticas escolares que se formalizam nos seus usos, mas têm o seu peso documental fortemente demarcado por sua relação com as estratégias de que são produto” (Carvalho, 2003, p. 273).

Sabe-se que, além das viagens pedagógicas e das missões, bem como da participação em congressos, uma das principais formas de intercâmbio entre associações semelhantes, como a ABE, era o envio de livros, revistas, programas e convites para eventos como congressos, exposições e outras atividades relacionadas à educação. A comunicação ocorria por meio de

cartas, e alguns materiais também chegavam através das embaixadas ou eram trazidos pelos próprios professores em missões de estudo. Esses professores transportavam objetos didáticos e escolares, como livros, manuais pedagógicos, revistas e folhetos.

Essa dinâmica de intercâmbio possibilita refletir sobre o conceito de “saberes viajantes”, conforme proposto por Vivian Batista da Silva (2007), que aborda como “os conhecimentos trazidos de diversas partes do mundo incorporam uma pluralidade inerente a ele”. A autora, ao analisar os manuais pedagógicos entre Portugal e Brasil, sugere que esse movimento de saberes, seja através de sua circulação ou, poderíamos dizer, em sua jornada de um lugar para outro, facilitou a utilização de múltiplas referências na construção dos conhecimentos pedagógicos.

Não é tarefa fácil mapear o cenário e seus impressos, pois muitos materiais não foram arquivados em associações e ou acervos, outros foram doados às bibliotecas e, por fim, muitos se perderam ao longo do tempo. A ideia aqui é, a partir das cartas, atas e de alguns exemplares de impressos/revistas pedagógicas acessados nesta investigação, fazer uma tentativa de visualizar parte deste debate em prol da ideia de renovação pedagógica.

Além das revistas/impressos que vinham de outros países, é necessário pensar que as revistas de ensino e educação nas primeiras décadas do século XX no Brasil também aumentaram. Na medida em que os debates educacionais se realizavam no país, os professores e intelectuais pensavam meios e possibilidade para ampliar tal debate e as revistas surgiram como uma boa alternativa. Denice Barbara Catani (2003), em seu estudo sobre os impressos pedagógicos, examina o papel de publicações na disseminação de ideias e práticas educacionais. A autora argumenta que esses impressos atuaram como importantes veículos de comunicação entre educadores, proporcionando um espaço para o debate e a troca de experiências. Eles contribuíram significativamente para a formação de uma cultura pedagógica ao tornar acessíveis teorias e metodologias inovadoras, além de possibilitar a visibilidade de educadores que, de outra forma, permaneceriam desconhecidos. O trabalho destaca como essas publicações ajudaram a construir o pensamento educacional e influenciaram as práticas pedagógicas nas escolas.

Marta Carvalho (1998, p. 84), em seu estudo acerca das estratégias editoriais sobre os impressos que difundiam o movimento da Escola Nova no Brasil também identificou que o “impresso-ferramenta projeta-se de maneira incisiva e direta de lidar com a prática do professor no dia a dia de sala de aula, transformando-a, já que pretende operar no interior do movimento mesmo de apropriação dos preceitos escolanovistas nas práticas docentes”. Esses impressos tinham o objetivo de transformar as práticas pedagógicas cotidianas, ajudando os professores a incorporarem os princípios da Escola Nova em suas atividades diárias. Ou seja, não se tratava

apenas de divulgar as ideias da Escola Nova, mas de oferecer ferramentas concretas para que os professores pudessem aplicar essas ideias em sala de aula. Ao “operar no interior do movimento mesmo de apropriação do preceito escolanovistas nas práticas docentes”, Carvalho (1998, p. 84) está apontando como esses impressos foram importantes para que os conceitos da Escola Nova fossem realmente assimilados e praticados pelos educadores, tornando-se parte integrante da rotina escolar.

Nesse sentido, as revistas educacionais e culturais foram um dos veículos mais importantes para fortalecer a ideia de reformar a educação em que as abordagens da Escola Nova ganharam espaço favorável para o debate. Na leitura das atas da ABE, é possível perceber o registro de recebimento de impressos, folhetos e livros provenientes de outros países, bem como de alguns estados do Brasil. Em 1929, o presidente da ABE, Mello Leitão, pediu aos membros do Conselho Diretor que assinassem uma revista de educação para que a biblioteca da Associação pudesse crescer qualitativamente (Burlamaqui, 2013, p. 26).

Para Carvalho (1998, 2003, 2007), o uso dos impressos como fonte dos estudos sobre a História Cultural das práticas educativas tem duplo sentido: “como dispositivo de normatização pedagógica, mas também como suporte material das práticas escolares”. Carvalho (2003, p. 104) indica que “[...] o impresso funcionará como dispositivo de regulação e adequação do discurso e da prática pedagógica”. A importância do uso dos impressos se dá pela materialidade dos processos de produção, circulação, imposição e apropriação dos saberes pedagógicos.

Sobre a materialidade dos impressos examinados nesta investigação, é importante considerar aqui que eles foram consultados fisicamente, digitalmente e em formato de fotocópias (impresso e ou na rede). Os impressos como o Boletim da ABE, A Educação, a Pour L'Ere nouvelle (PEN), a Levana, a União Pan-Americana (UPA), o The Journal of the National Education Association (NEA), o Bureau International d'Éducation (BIE), foram acessados em formato físico, em acervos¹⁶³ brasileiros e italianos. No caso destes impressos acessados fisicamente, a textura do papel, o tipo de impressão, e até mesmo as marcas de uso anterior contribuem para uma experiência de leitura única, que vai além do conteúdo textual. Já os impressos World Education (WFEA), El Monitor de l'educacion común, Vida Nueva e a Escola

¹⁶³ Os impressos o Boletim da ABE e A Educação estão disponíveis no acervo da ABE, no Rio de Janeiro. A Pour L'Ere nouvelle (PEN), a Levana, o Bureau International d'Éducation (BIE), estão disponíveis na Biblioteca da Unio e na Biblioteca Pública de Torino, Itália. O impresso The Journal of the National Education Association (NEA) está disponível na Biblioteca da Universidade de Bologna, Itália. Alguns exemplares do Boletim da União Pan-Americana (UPA) podem ser consultados na Biblioteca do Livro Didático, da Faculdade de Educação da USP.

Primária, foram acessados¹⁶⁴ por meio da rede, o que transforma sua materialidade original.

Chartier (2002, p. 105) adverte que “as telas do nosso século são, de fato, de um novo tipo. Diferentemente das do cinema ou da televisão, trazem textos – não somente texto, é evidente, mas também textos”. Para o autor, o contato físico com o material impresso oferece uma experiência de leitura distinta das mídias digitais, como cinema ou televisão, onde o texto e outros elementos materiais desempenham um papel central na compreensão total do conteúdo. Diferente das imagens em movimento, os textos impressos envolvem um contato direto com o objeto material, o que permite uma análise completa de seus diversos aspectos, como o papel, a tipografia e o formato. Quando analisamos um documento por meio de uma tela, diversas características materiais acabam sendo perdidas ou distorcidas, podendo comprometer a integridade da pesquisa. No entanto, Chartier reconhece que utilização de fontes digitais, embora tenha suas limitações, constitui uma estratégia importante para superar os desafios que surgem em muitos casos, oferecendo novas possibilidades de acesso e análise de fontes.

Além dos acessos digitais, alguns dos materiais utilizados, por exemplo, os impressos Schola, da ABE, foram acessados em cópias xerox digitalizadas que, em alguns casos, podem ter sido ampliadas. Essas reproduções alteram a materialidade original dos impressos, como observou Chartier em suas discussões sobre a reprodução de textos. A ampliação, por exemplo, pode distorcer a escala original das imagens ou letras, modificando a percepção visual e, possivelmente, o impacto do material.

Mesmo considerando as variações na materialidade dos impressos consultados, bem como as diferenças entre países, idiomas e periodicidade, é possível observar que esses materiais impressos desempenharam um papel importante na troca de experiências, na promoção de debates e na circulação e divulgação das iniciativas educacionais que estavam se desenvolvendo no início do século XX. A escolha desses impressos como fonte é uma estratégia para ilustrar a ampla gama de discussões e perspectivas sobre a Educação Nova.

Ainda sobre a materialidade das revistas, observa-se que a maioria era impressa em duas ou três colunas, abrindo a revista com editorial, seguido de conteúdos relacionados ao universo educacional. As revistas também incluíam uma seção dedicada à divulgação de eventos, congressos e cursos no exterior, além de espaço para a publicação de documentos oficiais e legislações. Quase todas mantinham uma seção para listas de livros e revistas recomendadas

¹⁶⁴ Os acessos digitais se deram: World Education (WFEA), acessado na Biblioteca da Universidade de Minnesota, EUA. O El Monitor de l'educacion común acessado na Biblioteca Nacional dos Maestros, Buenos Aires. O impresso Vida Nueva foi acessado na Biblioteca Nacional Digital, do Chile. Já o impresso Escola Primária foi acessado na Hemeroteca Nacional Digital do Brasil.

aos professores. No que diz respeito ao uso de imagens e à circulação de anúncios publicitários, os impressos continham poucas ilustrações, e os anúncios eram predominantemente de editoras de livros e outros materiais impressos, bem como de cursos para professores oferecidos por instituições renomadas na Europa. Uma exceção notável é a revista *The Journal of the National Education Association (NEA)*, dos Estados Unidos, que publicava muitos anúncios de material didático e fazia uso abundante de imagens como recurso visual.

Atinente ao Boletim da ABE, ele era um periódico institucional que divulgava as ações dos abeanos, e trazia as notícias das Seções que foram organizadas inicialmente na ABE: Seção de Ensino Primário e Normal, com Pedro Deodato de Moraes como presidente; Ensino Secundário, com a presidência de Henrique Toledo; Ensino Técnico e Superior, que ficou ao encargo de Ferdinando Labouriau Filho; Ensino Profissional e Artístico, presidida por Fernando Nereu Sampaio; Educação Física e Higiene, Educação Moral e Cívica regida por Everardo Backheuser e, finalmente, a Seção de Cooperação da Família, sob a responsabilidade de Armanda Álvaro Alberto.

O Boletim da ABE divulgava os trabalhos das seções, os relatórios trimestrais, as mudanças de presidentes da Associação, o movimento dos sócios e o estatuto. Também apresentava algumas colunas, como a “ABE no Estrangeiro”, a ABE nos estados e demais assuntos relacionados à educação. Sobre a divulgação de material de outras associações, principalmente as estrangeiras, Mignot destaca:

que tais notícias encontravam espaço no Boletim/revista da ABE, que estaria “visando disseminar as ideias e práticas educacionais mais modernas, procurando chamar a atenção do magistério e da sociedade para a grande causa da educação nacional, promovendo e divulgando as inúmeras atividades realizadas na sede da entidade com a presença de visitantes estrangeiros (Mignot, 2007, p. 258).

O primeiro Boletim entrou em circulação em setembro de 1925, com seu número 1, e perdurou até 1929, quando passou a se chamar revista *Schola* (com apenas nove números). Depois disso há um período sem publicações, quando, em 1939, surge a revista *Educação*, que também teve vida curta, cerca de um ano. Como já evidenciado anteriormente, a ABE sabia usar com excelência a imprensa em geral (rádio, jornal e cinema) para mobilizar as suas pautas, mas quanto aos Boletins não foi possível identificar um mecanismo de divulgação sistemático e abrangente. Para Strang (2008), o Boletim da ABE não tinha essa função: “As publicações quando existiram eram mesmo periódicas, no sentido capcioso da palavra. Não houve continuidade neste quesito e não se sabe ao certo por que” (Strang, 2008, p. 37).

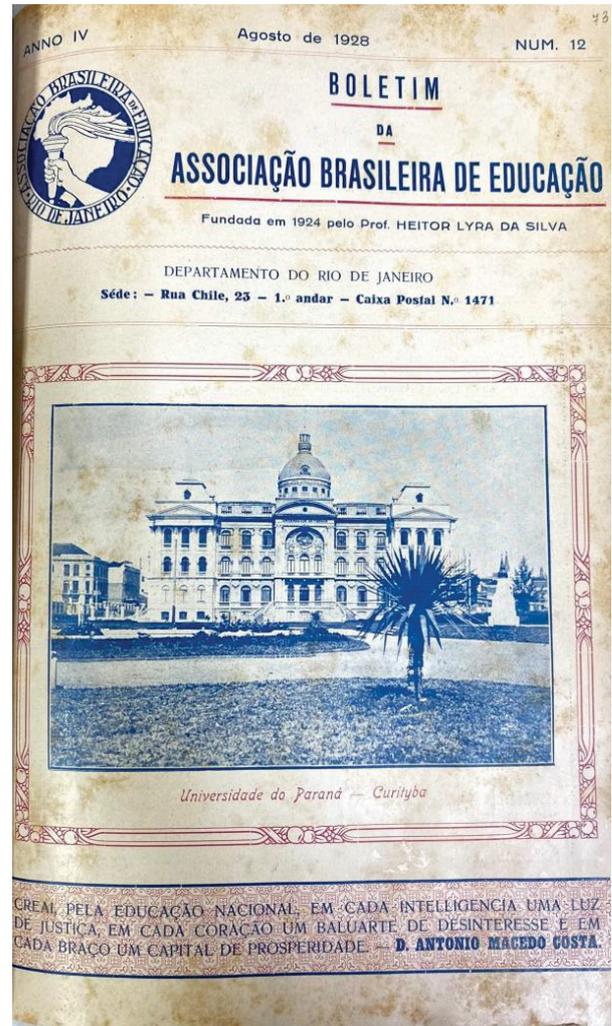
Entretanto, discordando, em certa medida, de Strang (2008), é possível observar que o

Boletim da ABE desempenhava, sim, uma função significativa no cenário educacional da época. Embora sua publicação possa ter enfrentado desafios de periodicidade, isso não diminuiu a importância e o impacto das edições que foram publicadas. O Boletim pode ser visto como um veículo de circulação de ideias, debates e informações essenciais para os educadores, contribuindo para a formação de uma rede de conhecimento e práticas pedagógicas em todo o país. A falta de continuidade não deve ser confundida com ausência de relevância, pois, mesmo de forma intermitente, o Boletim cumpriu seu papel de fomentar o diálogo e a reflexão no campo educacional. Um exemplo que materializa a potência do Boletim é o uso do impresso pela professora Laura Lacombe para divulgar as informações relacionadas ao BIE, ao IJRR, bem como as atividades propostas por essas organizações internacionais.

Ainda, Massarani¹⁶⁵ (1998) evidencia que o Boletim da ABE estava entre os boletins e revistas de caráter científico ou técnico que também deram espaço para a divulgação científica. “Um deles foi o Boletim da ABE que teve sua primeira edição em setembro de 1925, com tiragem de 1.500 exemplares e distribuição gratuita” (Massarani, 1998, p. 112). Ainda, no cotejamento com o trabalho de Massarani, identifica-se que os editores das revistas científicas, com interesses comuns, promoviam e se ajudavam nos temas voltados à ciência e à educação. Um exemplo disso está no primeiro número da Revista *Sciencia e Educação* (1929), em que Vicente Licínio Cardoso, presidente da ABE, após a perda de alguns dos seus mais valiosos integrantes no acidente do hidroavião *Santos Dumont*, faz um apelo para atrair novos sócios. Ainda sobre o tema impressos da ABE, a professora Arlette Pinto de Oliveira e Silva relatou que a “Associação dispõe de uma publicação, que sob diferentes formas e denominações, vem sendo mantida desde 1925” (Silva, ABE, Impresso, 1985, p. 6).

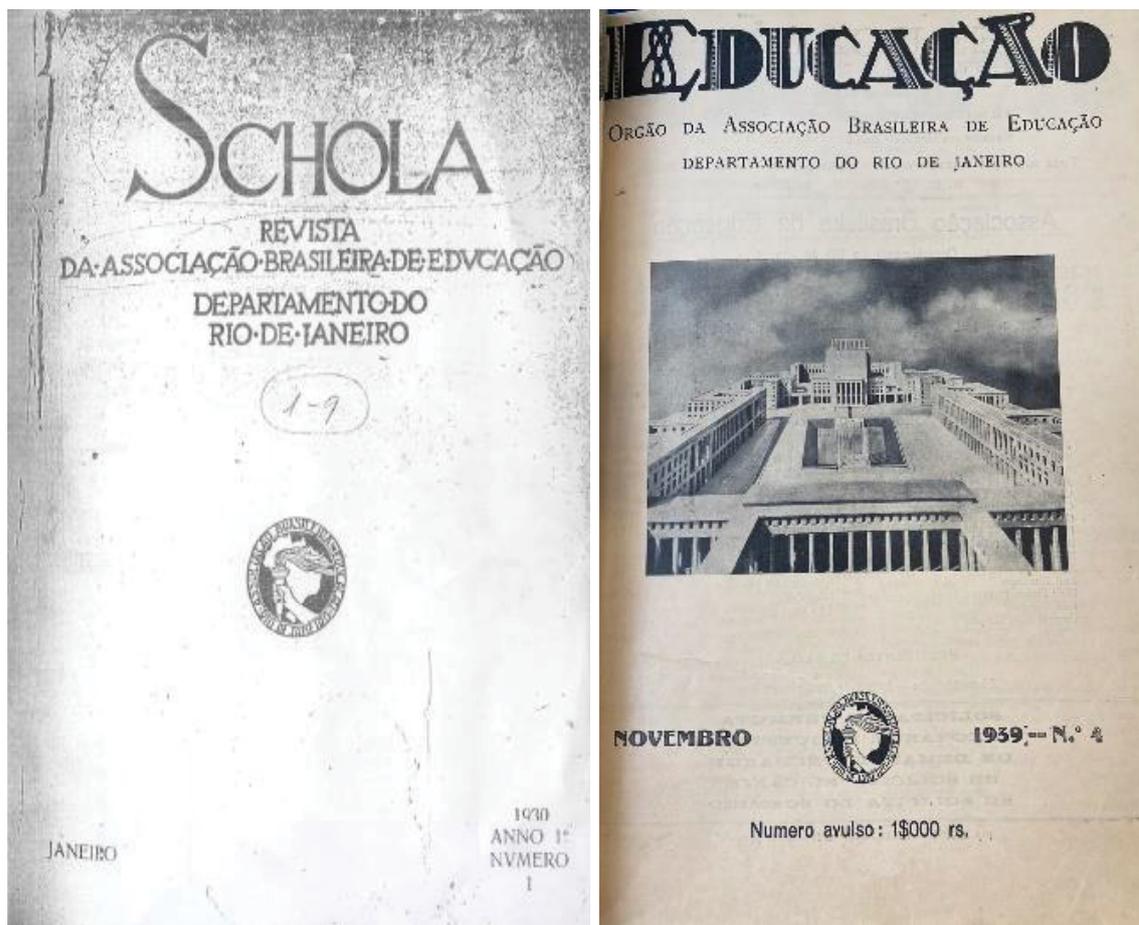
¹⁶⁵ Massarani mapeou as publicações brasileiras dedicadas à promoção da ciência e da educação científica no Brasil no trabalho *A divulgação científica no Rio de Janeiro: Algumas reflexões sobre a década de 20*, de Luisa Massarani, 1998, disponível nas referências.

FIGURA 16 - ALGUMAS CAPAS DO BOLETIM DE 1925 A 1929



FONTE: ABE

FIGURA 17 - REVISTA SCHOLA E REVISTA EDUCAÇÃO (1939 -?)



FONTE: ABE

Nestas imagens (Figuras 16 e 17), podem ser observadas as capas de alguns exemplares do Boletim, da Revista Schola e, posteriormente, da revista Educação. A capa do Boletim de 1925 já traz o emblema da ABE, e o texto assinado por Levi Carneiro apresenta o Boletim como um “noticiário dos nossos trabalhos para divulgar e comunicar as nossas ações”. A edição de 1928 destaca a Universidade do Paraná, em Curitiba, em referência à I CNE realizada em dezembro de 1927. A terceira capa, da Revista Schola, é mais minimalista, com o emblema da ABE como foco principal. Por fim, a capa da revista Educação sempre apresenta uma foto central como elemento de destaque e impacto visual.

Essas capas mostram as diferenças na materialidade das publicações ao longo do tempo. Enquanto a capa do Boletim de 1925 e a da Revista Schola apresentam um design mais simples e focado em elementos simbólicos, como o emblema da ABE, as edições posteriores, como a capa de 1928 e a da revista Educação de 1939, demonstram avanços significativos. A inclusão de imagens fotográficas e o maior cuidado com o design visual sinalizam um progresso na apresentação gráfica e na busca por um impacto visual mais marcante, refletindo uma maior

sofisticação e evolução na materialidade dessas publicações.

Em um dos primeiros boletins da ABE, uma nota dá visibilidade à conferência intitulada *Os métodos da Escola Ativa*, por Agustín Nieto Caballero, que seria promovida pela ABE, com apoio da Liga dos Professores e da Liga Pedagógica de Ensino Secundário, no salão da Congregação da Escola Politécnica. Nieto Caballero, à ocasião, apresentou a experiência do Ginásio Moderno de Bogotá, do qual ele era um dos fundadores. O Ginásio estava com 11 anos de funcionamento e representava a única instituição do gênero das escolas ativas da América do Sul (A Educação, 1925, p. 54). A pesquisadora colombiana Martha Cecília Herrera (2020, p. 120) destaca que Agustín Nieto Caballero (1889-1975) foi considerado um dos principais disseminadores da Escola Nova, não só na Colômbia, mas em toda a América Latina, sendo chamado de “o Decroly da América”.

A Revista *Pour l'Ère Nouvelle* publicou em janeiro de 1926 uma pequena nota na seção *Ecoles expérimentales* (escolas experimentais) informando aos leitores que o Dr. O. Decroly, colaborador da revista, estaria em viagem a Colômbia por alguns meses, sendo recebido pelo Sr. Nieto Caballero, em Bogotá. A nota informa que, no mês seguinte, a revista *Pour l'Ère Nouvelle* publicaria um artigo com o relato sobre a viagem (PEN, janeiro, 1926, p. 6). Na edição seguinte da *Pour l'Ère Nouvelle*, já em março de 1926, Decroly descreve a experiência do Ginásio Moderno de Bogotá, que nasce em 1913, na iniciativa privada, pelas ideias do Sr. Agustín Nieto Caballero. Vale ressaltar que o professor Caballero já havia sido convidado pela ABE para fazer palestras e divulgar as práticas inovadoras no Brasil.

As viagens para conhecer o desenvolvimento do mundo educacional e familiarizar-se com países estrangeiros a fim de conhecer as práticas e as experiências de outros povos era uma técnica de investigação. “Muitos viajantes partiram com a intenção de observar, analisar, divulgar, comparar, propor e prescrever” (Mignot; Gondra, 2007, p. 13).

Ao olhar para os impressos pedagógicos, percebe-se que as viagens pedagógicas para congressos de educação eram pautas constantes que faziam circular modelos pedagógicos no mundo. Neste contexto, é possível estabelecer uma relação com a ideia de *arqueologia dos objetos em sua materialidade*, proposta por Chartier e estudada por Marta Carvalho (1994, 1996), segundo a qual o impresso pedagógico, como objeto cultural, preserva as marcas de sua produção, circulação e usos. Esses impressos, elaborados com o objetivo de disseminar saberes tanto nacionais quanto estrangeiros, eram destinados a professores e interessados em educação. Continham uma variedade de conteúdos, como artigos, legislações, métodos de ensino, relatos de viagens, traduções, eventos, propagandas de materiais escolares para a sala de aula, notícias sobre o cenário educacional e indicações de livros, entre outros.

Carvalho (2003, p. 279) ressalta que os intelectuais, viajantes frequentes e leitores ávidos, assumiram a tarefa de remodelar o imaginário e as práticas pedagógicas no Brasil. Segundo a autora, esses intelectuais são personagens fundamentais para compreender os processos materiais de produção, circulação e apropriação do saber pedagógico no país. Talvez, na possibilidade de oferta de materiais específicos sobre a prática de ensinar, esses impressos pedagógicos tenham ganhado espaço, oferecendo aos professores conteúdos voltados à renovação pedagógica.

O Boletim da ABE de janeiro e fevereiro de 1927 publicou assuntos como: a intervenção dos poderes públicos na difusão do ensino primário, o Centenário de Pestalozzi, o IV Congresso de Educação Moral e Cívica, ocorrido na Itália, e o Congresso de Praga – com o tema a Paz pela escola. Em março e abril de 1927, entre os textos publicados registravam-se a mudança da Presidência da ABE, as notas sobre as conferências e cursos da Associação e textos do BIE, da WFEA e da Associação de Educação de Chile. Os temas publicados pelo Boletim alimentavam, em certa medida, o debate sobre saberes pedagógicos que circulavam no cenário de renovação educativa nacional e internacional e evidenciam a rede de trocas pedagógicas transnacionais. Os temas como a difusão do ensino primário, a educação moral e cívica, ou a paz pela escola indicam uma preocupação técnica, ética e política. Esses tópicos se relacionam com valores e práticas educacionais, legitimando modelos pedagógicos. Entende-se que essas publicações foram mais do que repositórios de informação; elas atuaram como instrumentos que contribuíram para a circulação de saberes da renovação pedagógica, como uma espécie de mediadores dos saberes e práticas em um contexto de intensas transformações culturais e sociais.

Viagens e Congressos: redes da circulação pedagógica

Os congressos podem ser vistos como um espaço privilegiado para o debate sobre a renovação pedagógica, eles representam um vetor potente na divulgação do movimento de ideias da Escola Nova. Ao pensar sobre as viagens e os congressos faz-se a reflexão sobre a dinâmica de deslocamento e intercâmbio de ideias e conhecimentos que ocorrem por meio de viagens e participação em congressos. A circulação pode se referir tanto ao movimento físico de pessoas entre diferentes lugares quanto à troca e disseminação de ideias, práticas, e saberes que são levados e trazidos por aqueles que viajam e participam desses eventos

A ABE não era indiferente ao que era realizado fora do país e tratava de enviar seus representantes, bem como divulgar obras e os trabalhos de outras organizações, usando para

isso os relatos de viagem, as conferências, a publicação de temas e as inovações do mundo da educação. Em outras palavras, viagens, congressos e impressos pedagógicos fomentavam o intercâmbio de ideias no âmbito da renovação pedagógica. Esse movimento favorecia tanto o conhecer de algumas tendências externas quanto a circulação de ideias.

Em março de 1927, o Boletim da ABE deu uma nota informando que a professora Laura Lacombe estaria representando a ABE no Congresso de Educação a ser realizado no mês de agosto, em Locarno:

O tema geral desse Congresso será: Que faut-il entendre par liberté en education? O mundo inteiro reclama veementemente a liberdade; cada indivíduo reivindica o direito de exprimir as suas ideias, mas, é preciso estabelecer a arte da liberdade autêntica, e seus verdadeiros princípios para alunos e professores! Que belo programa! Já estão inscritos nesse Congresso grandes nomes, como Bovet, Decroly, Ferrière etc. As conclusões a que chegarem os educadores da Europa e da América, em torno desse brilhante tema, serão de alto interesse e de elevada importância social (ABE, Boletim, mar. 1927, p. 5).

Ter uma representante neste Congresso era importante para a ABE porque era uma forma da Associação se articular ao movimento internacional da renovação educacional. As publicações na seção intitulada ABE no Estrangeiro, no Boletim da ABE, como indica Burlamaqui (2013), eram constantes e versavam sobre viagens, congressos, publicações e intercâmbios.

De fato, Locarno acolheu o IV Congresso da Liga Internacional para a Educação Nova (LIEN), movimento fundado na França, em Calais, em agosto de 1921, por ocasião de um congresso que reuniu pioneiros da educação, pedagogos, institutos, educadores, diretores de escolas, psicólogos, pais, filósofos, médicos, interessados na criança e em como melhorar a sua condição. A iniciativa foi tomada por um grupo de teósofos ingleses, incluindo Beatrice Ensor, que também esteve presente em Locarno.

Mais de 1.200 participantes, provenientes dos quatro cantos do globo, representando 42 países, dos quais 174 atravessaram o oceano, reuniram-se em Locarno para debater o tema “O significado da liberdade na educação”. O assunto escola nova ganhou força e sua popularidade pode ser atribuída à revista mensal do movimento, conhecida como *Pour l'Ère nouvelle* (PEN). Vidal e Rabelo (2020, p. 14) apontam que em 1936, “a NEF/LIEN tinha 51 seções nacionais e 23 revistas associadas em 15 idiomas – dão a dimensão do espraiamento da rede e do sucesso do empreendimento na construção de uma agenda comum na arena educacional”.

FIGURA 18 - IV CONGRESSO, NA VIA VARENNA, EM LOCARNO, EM 1927



FONTE: Arquivo do Instituto Jean-Jacques Rousseau.

Na imagem acima, da esquerda para a direita estão Ovide Decroly, Pierre Bovet, Beatrice Ensor, Édouard Claparède, Paul Geheeb, Adolphe Ferrière. A foto¹⁶⁶ teria sido tirada por Laura Lacombe, aluna do Instituto Jean-Jacques Rousseau, que estava em Locarno, conforme publicado no Boletim da ABE, na imprensa, e na PEN, representando a ABE/Brasil neste Congresso. Esta fonte indica que a representante brasileira Laura Lacombe estava muito próxima de renomados educadores estrangeiros, a ponto de fazer o registro fotográfico. Mignot (2016) escreveu, a partir da pasta denominada *Claparède, mestre e amigo Claparède*, datada de 1973, arquivada na ABE, sobre a relação muito próxima de amizade entre Claparède e Lacombe. Em 2019, Mignot e Pires escreveram sobre a viagem da educadora católica Lacombe a Locarno, quando representou a ABE, no IV Congrès International d'Education Nouvelle, tendo como base o relatório apresentado por Lacombe ao regressar da viagem, que permitiu interpretar o diálogo entre os educadores brasileiros e estrangeiros que gravitavam em torno do Instituto Jean-Jacques Rousseau.

Nesse sentido, a abordagem transnacional auxilia na compreensão dos movimentos da professora Laura Lacombe, membro da ABE, naquele momento. Após regressar de Locarno, Lacombe apresentou um relatório ao Conselho Diretor da ABE sobre o evento. Logo em seguida, participou da I Conferência Nacional de Educação, realizada em Curitiba, em

¹⁶⁶Segundo texto de Adolfo Tomasini, professor aposentado em Locarno, publicado no seu blog, no verso da imagem encontram-se as informações sobre quem teria feito a foto. Fonte disponível em <https://adolphotomasini.ch/wordpress>

dezembro de 1927, com a apresentação de duas teses: a tese 9, intitulada *Comunicação sobre o Bureau International d'Éducation* (Lacombe, 1927, p. 99), e a tese 24, que abordou o tema *A Educação e a Paz* (Lacombe, 1927, p. 132).

Ambos os temas tratados por Lacombe na I CNE estavam em sintonia com as ideias progressistas da época, que viam a educação como um meio potente para transformar a sociedade e promover a paz mundial. Na tese 9, Lacombe destacou a importância do Bureau International d'Éducation (BIE), fundado por Pierre Bovet, como instrumento para promover o intercâmbio cultural entre os países. Já na tese 24, argumentou que a educação deveria ter um papel central na promoção da paz e na prevenção de futuros conflitos. Defendeu que as escolas não deveriam apenas transmitir conhecimentos técnicos e acadêmicos, mas também formar cidadãos comprometidos com a construção de uma sociedade mais pacífica e cooperativa.

Lacombe mencionou iniciativas como a comemoração do *Dia da Boa Vontade*, em 18 de maio, em que crianças de diferentes países trocavam mensagens de amizade, como um exemplo de como a educação pode fomentar a paz. Citou, ainda, o evento realizado por Fernando de Azevedo, então Diretor da Instrução Pública Municipal, a pedido da ABE, que reuniu 5 mil crianças no campo do Fluminense Futebol Clube. Para Lacombe, esse evento representava uma oportunidade de promover a solidariedade internacional e contribuir para a construção de um mundo pacífico. Nas palavras de Lacombe:

se esta comemoração for introduzida em todos os estados do Brasil, que felicidade para nós da A.B.E, de sentirmos que em alguma coisa concorremos para a construção desse edificio grandioso da solidariedade humana, onde tremulará o estandarte alvo da paz (Lacombe, 1927, p. 135).

A *Pour l'Ère nouvelle* era o órgão francófono da Liga, uma potente ferramenta de divulgação das ideias desenvolvidas pelo movimento da LIEN. A revista publicava material relacionado aos trabalhos e mudanças educacionais entre as décadas de 1920 e 1930, em várias partes do mundo, como o Movimento Internacional da Escola Nova. De acordo com Vidal (2021), a LIEN se confunde com a NEF, instituição anglófona que se dedicava a tratar das questões e da circulação das ideias da Educação Nova que foram fortalecidas no cenário europeu no início do século XX. A PEN foi fundada durante o congresso de Calais (França), que reuniu diferentes países e pretendia fomentar contatos entre educadores através de eventos. Juntamente com a PEN, a *The New Era* (TNE) e a *Das werdende Zeirtalter* (DWZ) eram revistas oficiais da LIEN. Elas representavam as diferentes regiões e idiomas do movimento. A revista inglesa era comandada por Beatrice Ensor, e a alemã por Elisabeth Rotten. Em um texto da PEN de 1924, Ensor explicava que:

Foi decidido entre os editores de nossas edições francesa, alemã e inglesa que

cada um deles enviaria algumas linhas para as outras duas revistas, para que os leitores de cada nação percebessem a unidade fundamental do movimento da Liga Internacional para a Educação Nova. Naturalmente, cada editor permanece totalmente responsável pelo conteúdo de sua revista; ele deve adaptar o texto às necessidades específicas de seu país. No entanto, existe uma unidade entre as três revistas, uma unidade que encontra expressão nos princípios unificadores da Liga, realizando assim a harmonia na diversidade. Nosso recente congresso em Montreux forneceu um exemplo admirável dessa unidade de espírito. Pessoas de todas as nacionalidades esqueceram suas diferenças para se unirem em prol do progresso da educação nova (Ensor, 1924, p. 22, tradução nossa).¹⁶⁷

Embora cada revista fosse responsável pelo seu conteúdo, que certamente traria textos que fariam sentido com as especificidades de cada país, elas haviam combinado/acordado que todas as revistas deveriam trazer temas ligados à Liga Internacional para a Educação Nova, a fim de demonstrar a força do movimento, bem como a sua importância.

A estratégia de contar com o trabalho de correspondentes estrangeiros em vários idiomas, que divulgariam os conhecimentos do movimento da Escola Nova, pode ser evidenciada já em 1922, no Congresso da Educação Nova, realizado em Versalhes, na França. Um texto publicado na revista PEN indicava um pouco desta estratégia que procurava evidenciar os progressos alcançados nos estudos sobre as novas teorias educacionais:

Para que possamos expor nossas teorias com mais força, quisemos fundamentá-las em fatos. Durante um ano, em silêncio, experimentamos métodos de educação livre e ativa, portanto, alegre. E agora que os fatos comprovaram que nossas teorias estão corretas, agora que crianças e mestres sabem trabalhar coletivamente, sem outra recompensa além do trabalho bem feito, do trabalho que satisfaz nossa consciência, agora não temos mais medo de ser taxados de “teóricos” e quisemos agrupar os partidários franceses da escola ativa para que “a transformação necessária de nossos métodos de educação aconteça mais rapidamente”; não apenas agrupar os partidários franceses, mas também nos manter em contato com aqueles de outros países. É por isso que temos correspondentes estrangeiros que gentilmente aceitam cumprir esse papel. “Estamos em constante ligação com a Associação Inglesa dos Novos Ideais na Educação, o grupo americano The Progressive Education Association, os discípulos belgas do Dr. Decroly, o Instituto J.J. Rousseau, o Bureau Internacional das Escolas Novas e a Liga Internacional para a Nova Educação de Genebra, jornais pedagógicos de Barcelona, Viena, Tenerife e Iugoslávia e com o jornal esperantista da associação internacional de pedagogia.” Desde janeiro de 1921, quando surgiu a Nova Educação, não cessamos de recrutar entusiastas adeptos. Desde janeiro de 1922, nosso Boletim aparece em “L’Education”, revista cujo diretor, Sr. Bertier, “não

¹⁶⁷ Texto original: “Il a été décidé entre les rédacteurs de nos éditions française, allemande et anglaise que chacun d'entre eux enverrait quelques lignes aux deux autres revues, afin que les lecteurs de chaque nation réalisent l'unité fondamentale du mouvement de la Ligue internationale pour l'éducation nouvelle. Bien entendu, chaque rédacteur reste entièrement responsable du contenu de sa revue; il doit en adapter le texte aux besoins particuliers de son pays. Il n'en existe pas moins une unité entre les trois revues, unité qui trouve son expression dans les principes de ralliement de la Ligue, réalisant ainsi l'harmonie dans la diversité. Notre récent congrès de Montreux a fourni un exemple admirable de cette unité d'esprit. Des personnes de toutes nationalités ont oublié ce qui les distinguait pour s'unir en faveur des progrès de l'éducation nouvelle”.

cessou de nos ajudar da melhor maneira possível”. Quanto ao Sr. Cousinet, ele colocou ao serviço da Nova Educação “sua preciosa experiência e seu profundo conhecimento pedagógico” (PEN, n. 03, 1922, p. 56, tradução nossa).¹⁶⁸

O trecho destacado é importante para perceber as estratégias de circulação que eram usadas pelas associações naquele momento, contribuindo para o espraiamento do tema da renovação pedagógica em vários países.

Beatrice Ensor, responsável pela revista inglesa, reforçava a ideia da educação nova como um processo vital, de crescimento de dentro para fora, um florescimento da consciência e um desenvolvimento de todas as faculdades, voltado para o indivíduo. Suas metodologias deveriam se adaptar aos diferentes tipos de crianças e às suas necessidades específicas. O movimento era crescente. De acordo com Ensor:

Existe uma tendência, especialmente na Inglaterra e na América, de estabelecer associações específicas com o objetivo de contribuir para o estudo ou a disseminação de determinados aspectos da educação nova: coeducação, eliminação de horários etc. Em nossa Liga Internacional para a Educação Nova, sentimos que chegou a hora de sintetizar esses diferentes pontos de vista, de destacar os aspectos positivos de cada método, mas mantendo um senso de proporção e de valores relativos (Ensor, 1924, p. 2, tradução nossa).¹⁶⁹

A tendência indicada por Ensor poder ser visualizada no quadro abaixo, em que se exibem os Congressos que debateram o tema do Movimento Internacional da Escola Nova no período entreguerras. A Liga Internacional para a Educação Nova realizou sete congressos.

¹⁶⁸ Texto original: “Afin que nous puissions exposer nos théories avec plus de force, nous avons voulu les faire reposer sur des faits. Pendant une année, en silence, nous avons expérimenté des méthodes d'éducation libre et active, partant joyeuse. Et maintenant que les faits ont prouvé nos théories justes, maintenant que enfants et maîtres savent travailler collectivement, sans autre récompense que celle du travail bien fait, du travail qui satisfait notre conscience, maintenant nous n'avons plus craint de nous entendre taxer de « théoriciens » et nous avons voulu grouper les partisans français de l'école active afin « que se fasse plus vite la transformation nécessaire de nos méthodes d'éducation »; non seulement grouper les partisans français, mais encore nous tenir en contact avec ceux des autres pays. C'est pourquoi nous avons des correspondants étrangers qui veulent bien remplir ce rôle. « Nous sommes en liaison constante avec l'Association anglaise des New Ideals in Education, le groupe américain The Progressive Education Association, les disciples belges du Dr Decroly, l'Institut J. J. Rousseau, le Bureau International des Ecoles nouvelles et la Ligue Internationale pour l'Education nouvelle de Genève, des journaux pédagogiques de Barcelone, de Vienne, de Ténériffe et de Yougoslavie et avec le Journal espérantiste de l'association internationale de pédagogie. » Depuis janvier 1921 où naquit la Nouvelle Education, nous n'avons cessé de recruter d'enthousiastes adhérents. Depuis janvier 1922, notre Bulletin paraît dans « L'Education », revue dont le directeur, M. Bertier, « n'a cessé de nous aider de la meilleure grâce du monde ». Quant à M. Cousinet, il a mis au service de la Nouvelle Education « sa précieuse expérience et sa profonde science pédagogique.

¹⁶⁹ Texto original: “Il existe une tendance, particulièrement en Angleterre et en Amérique, à fonder des associations particulières ayant pour but de contribuer à l'étude ou à la diffusion de tel ou tel aspect particulier de l'éducation nouvelle : coéducation, suppression des horaires etc. Dans notre Ligue internationale pour l'Education nouvelle, nous sentons que le moment est venu d'établir une synthèse entre ces différents points de vue, de mettre en lumière les bons côtés de chaque méthode, mais de conserver le sens des proportions et des valeurs relatives”.

QUADRO 6 - CONGRESSOS REALIZADOS PELA LIEN

| ANO | LOCAL | TEMA | PARTICIPANTES | DETALHES |
|------|--------------------------|--|---------------|---|
| 1921 | Calais França | A expressão criativa da criança | 150 | Focado na importância da expressão criativa no desenvolvimento infantil. |
| 1923 | Montreux Suíça | A escola ativa e o espírito de serviço | 300 | Enfatizou a educação ativa e o desenvolvimento do espírito de serviço entre os alunos. |
| 1925 | Heidelberg Alemanha | Como despertar a atividade espontânea na criança? | 450 | Concentrou-se em métodos para incentivar a espontaneidade e a iniciativa própria nas crianças. |
| 1927 | Locarno Suíça | O significado da liberdade na educação | 1.200 | Discutiu o papel da liberdade na educação, tanto em termos de metodologia quanto de filosofia educacional. |
| 1929 | Elsinore Dinamarca | Rumo a uma nova educação. Nova psicologia e currículo. | 2.000 | Focado na integração de novas abordagens psicológicas e curriculares na educação. |
| 1932 | Nice França | A transformação social e a educação | 1.600 | Abordou a relação entre mudanças sociais e a educação, propondo que a educação pode ser um motor de transformação social. |
| 1936 | Cheltenham Inglaterra | As fundações educativas da liberdade e da comunidade livre | 1.400 | Enfatizou a importância da liberdade na educação e a criação de comunidades educacionais livres. |

FONTE: Revista Pour l'Ère Nouvelle e em Haenggeli-Jenni (2011). Elaborado pela autora.

Ao longo dos Congressos, o número de participantes aumentou significativamente, o que não apenas demonstra o crescente interesse dos educadores pelo tema, mas também reflete o fortalecimento das estratégias de divulgação e articulação internacional. De cerca de cem pessoas no início para mais de mil participantes no final da década de 1920, esses eventos também passaram de reunir representantes de uma dezena de nações em 1921, em Calais, França, para mais de 50 países no Congresso de 1936, em Cheltenham, Inglaterra. Esses encontros foram fundamentais para a disseminação de ideias educacionais inovadoras na primeira metade do século XX. Eles promoveram a colaboração internacional entre educadores e contribuíram para a formulação de princípios, políticas e práticas pedagógicas que valorizavam o desenvolvimento integral da criança, a liberdade no processo educativo e a formação de cidadãos preparados para uma participação ativa e responsável na sociedade.

Os congressos reuniam pessoas de várias partes do mundo, o que leva à reflexão de que havia um pensamento de organizar e planejar a educação das próximas gerações para além das fronteiras geográficas. Todavia, também levanta alguns questionamentos como: até que ponto havia debates ou resistências às propostas apresentadas? As ideias discutidas levavam em conta as realidades e limitações de diferentes contextos nacionais? E as disputas do campo? Educação

ativa? Educação progressiva, educação funcional?, entre outros.

No prefácio da terceira edição de livro *La Scuola Attiva*, de Adolphe Ferrière, publicado na Itália em 1929, o autor explica aos leitores que o movimento em favor da Escola Ativa havia sofrido um desenvolvimento considerável em 3 anos, comparando com a primeira edição do livro. Adolfo Ferrière atribuía o crescimento do movimento em favor da Escola Ativa aos avanços significativos na ciência educacional, que incluíam novas pesquisas e experiências precisas fortalecendo suas bases. Além disso, indicava que os eventos internacionais como o III Congresso Internacional de Educação Moral realizado em Genebra, em 1922, presidido pelo próprio Ferrière, o II Congresso Internacional da Nova Educação (1923/Montreux), o III Congresso Internacional da Nova Educação, (1925/Heidelberg) e o IV Congresso Internacional da Nova Educação (1927/Locarno) destacaram a Escola Ativa, evidenciando como as crianças respondem positivamente aos desafios da vida real desde cedo. Divulga ainda que o congresso de Locarno foi amplamente coberto pela revista *Pour l'Ère nouvelle* - que era editada pelo próprio autor. Ferrière mencionou que as contribuições de educadores renomados, implicando que esses educadores deviam ser as principais referências para pais e educadores:

Quase ao mesmo tempo, o filósofo John Dewey, o grande mestre da educação funcional nos Estados Unidos, publicou seu curso intitulado “Democracia e Educação”, enquanto nosso amigo, o Dr. Decroly de Bruxelas, publicava em francês, do mesmo autor, “Como Pensamos”. Essas duas obras trazem à nossa concepção de educação uma série de confirmações tão ricas e decisivas que o leitor será tentado a se perguntar qual deles emprestou seus ensinamentos ao outro. Não é impressionante ver a realidade viva, quero dizer, a infância múltipla, ativa e espontânea, conduzir o observador imparcial a ambas as margens do oceano às mesmas conclusões, as que resumimos em uma expressão breve e eficaz: a Escola Ativa? Quantas outras testemunhas não surgem a cada dia, a cada passo, diante de nossos olhos maravilhados, quase para nos assegurar que uma nova era está prestes a nascer! Quantos nomes se aglomeram sob minha pena: H. G. Wells, autor do belo volume sobre Sanderson, diretor do Colégio d'Oundle; E. F. O'Neill, que descreveu maravilhosamente a escola que dirigia em meu livro “A Liberdade da Criança na Escola Ativa”; o boletim da Nova Educação publicado na França por T.J. Guéritte e Roger Cousinet. Essas publicações devem se tornar as favoritas de todos os novos educadores, sejam pais, professores ou mestres (Ferrière, 1929, p. XXIII, tradução nossa).¹⁷⁰

¹⁷⁰ Texto original: “Presso a poco nel medesimo tempo il filosofo Giovanni Dewey, il grande maestro, negli Stati Uniti, dell'educazione funzionale, ha pubblicato il suo corso intitolato *Democrazia ed Educazione*, mentre il nostro amico, il dottor Decroly di Bruxelles, pubblica in francese, del medesimo autore, *Come noi pensiamo*. Queste due opere portano alla nostra concezione dell'educazione un tale fascio di conferme e con argomenti così nutriti e così decisivi che il lettore sarà tentato di domandarsi quale dei due ha prestato all'altro i suoi insegnamenti. Non è impressionante vedere la realtà viva, voglio dire l'infanzia multipla, attiva e spontanea, condurre l'osservatore imparziale su ambedue le rive dell'Oceano alle stesse conclusioni, quelle che noi racchiudiamo in una espressione breve ed efficace: la Scuola attiva? Quante altre testimonianze non sorgono ogni giorno, ad ogni passo, dinanzi ai nostri occhi meravigliati, quasi ad assicurarci che una nuova era sta per nascere! Quanti nomi fanno ressa sotto la

Para Ferrière, a Escola Ativa estava em crescimento e em constante mudança, conforme se lê neste trecho:

Escola Ativa, fundamentada na ciência da infância, evoluiu e continuará a evoluir; seria vão esperar que ela se fixasse em fórmulas definitivas e categóricas: no dia em que isso acontecesse, ela deixaria de existir. Mas esperar? A infância não espera. Ela vive, cresce, lança sobre nós seus olhares inquisitivos. Nós, que abominamos os métodos coercitivos do passado que violam e mutilam a natureza humana, o que faremos? A abstenção também é uma solução, mas muito mais prejudicial do que a escola no estilo antigo! Resta, portanto, apenas uma saída: estudar, compreender e então agir: transformar a escola; não tolerar mais tudo o que é imposto de fora para dentro, ao corpo e à alma da criança, uma formação que muitas vezes é deformadora! Introduzir na escola o ar, a vida, o amor, para que a criança floresça ali e desenvolva, de dentro para fora (com o processo próprio de tudo o que vive, cresce e prospera), as energias saudáveis que nele dormem e esperam sua hora para se realizar, para amadurecer nele o melhor que tem (Ferrière, 1929, p. XXIV, tradução nossa).¹⁷¹

No mesmo ano de 1929, o boletim da ABE, na coluna Atividades das Seções da ABE, a Seção de Ensino Primário, não só eram divulgados os diversos aspectos do tema Escola Nova, como também eram ofertadas 22 conferências sobre o assunto, conforme a nota abaixo:

ESCOLA ATIVA: A Seção de Ensino Primário resolveu proporcionar ao corpo docente, na sede da A.B.E., uma série de conferências, nas quais seriam discutidos diversos aspectos da Escola Nova. Foram realizadas as 1ª, 2ª e 3ª conferências pelo Inspetor Escolar Dr. Mendes Vianna, que tratou dos seguintes temas:

- a) Avaliação das diretrizes que tendem a prevalecer na organização da escola primária;
 - b) Comparação entre essas que são as diretrizes da escola ativa e as anteriores;
 - c) O verdadeiro espírito da reforma.
- 4ª - Organização do ensino na Bahia, por Dr. Faria Góes;
 5ª e 6ª - Um pouco do que vi de escola ativa na Alemanha, pelo professor E. Beckbeuser;
 7ª - Estudos da Natureza, pelo professor Susseckind de Mendonça;
 8ª - A contribuição da Física, pelo professor Venâncio Filho;
 9ª - A crítica da escola ativa, por Dr. Manoel Bomfim;

mia penna: quello di H. G. Wells autore del bel volume sul Sanderson, direttore del Collegio d'Oundle; quello di E. F. O'Neill che ha meravigliosamente descritta la Scuola da lui diretta nel mio libro *La libertà de l'Enfant à l'École active*; il bollettino della Nuova Educazione che pubblicano in Francia la signora T.J. Guéritte e Roger Cousinet. Queste pubblicazioni dovranno divenire le preferite di tutti gli educatori nuovi, sieno genitori maestri o professori”.

¹⁷¹ Texto original: “La Scuola attiva, che trova le sue basi nella scienza del fanciullo, si è evoluta e si evolverà ancora; sarebbe vano aspettarla che si fissasse in formule definitive e categoriche: il giorno in cui ella fosse giunta a questo avrebbe cessato d'essere. Aspettare? Ma l'infanzia non aspetta. Essa vive, cresce, leva verso di noi i suoi sguardi scrutatori. Noi che abbiamo in orrore i procedimenti coercitivi del passato che violano e violentano la natura umana, noi che faremo? L'astensione è una soluzione essa pure, ma assai più dannosa della scuola vecchio stile! Non resta, dunque, che una via d'uscita; studiare, comprendere e poi agire: trasformare la scuola; non tollerare ulteriormente tutto quello che s'impone dall'esterno all'interno al corpo ed all'anima del fanciullo, una formazione che troppo spesso è una deformazione! Introdurre nella scuola dell'aria, della vita, dell'amore, affinché il fanciullo vi sbocchi e si sviluppi in lui, dall'interno all'esterno (con quel processo proprio a tutto ciò che vive, cresce e prospera), le sane energie che in esso sonnecchiano e che attendono la loro ora per avverarsi, per maturare in lui ciò che egli ha di migliore”.

- 10^a - Como ativar o ensino da Linguagem escolar, por Dr. Costa Senna;
 11^a - A aplicação da escola ativa no Ensino da Linguagem, pelo Inspetor Escolar Arthur Joviano;
 12^a - A respeito da crítica à Escola Ativa, pelo professor E. Backeuser;
 13^a - Hábitos higiênicos, pela educadora sanitária D. Maria Antonieta de Castro;
 14^a - Uma experiência de Escola Ativa no Distrito Federal, pela professora Anna do Amaral Bastos;
 15^a - O ensino de puericultura na escola primária, pelo Inspetor Médico Dr. Zopyro Gouhrt;
 16^a - Moderna tendência da inspeção médica escolar, pelo Inspetor Médico Dr. Oscar Clark;
 17^a - Organização de classes de subnutridos e do lanche escolar, por Dr. Carlos Sá;
 18^a - Orientação profissional, por Dr. Plínio Olyntho;
 19^a - Educação sexual, pelo professor Porto Carrero;
 20^a - Organização do ensino primário e normal em Minas Gerais, pela professora Celina Padilha;
 21^a - Os Trabalhos Manuais, pelo professor Coryntho da Fonseca;
 22^a - Educação dos sentidos pela atividade, pela professora Cecília Muniz.
 (ABE, Boletim, 1929, p. 33-34).

Na sequência do texto, o Boletim informava que a ABE iria organizar a publicação de um livro contemplando a discussão, que abordaria 3 partes: as conferências da série iniciadas em dezembro de 1928; o resumo dos pontos de vista dos principais autores da Escola Ativa, e a Metodologia das diversas disciplinas da Escola Ativa. Para cuidar da elaboração do livro, a ABE organizou uma comissão composta por Vicente Licínio Cardoso, G. Frota Pessoa, Zopyro Goulart, Renato Jardim, Lourenço Filho, Marietta Possolo Sampaio, Honorina Senna de Oliveira Gomes e Celina Padilha. Durante esta investigação não foi encontrada nenhuma outra informação que indique a publicação do referido livro.

Mesmo assim, essas 22 conferências e palestras promovidas pela Associação Brasileira de Educação (ABE) refletem algumas ideias e práticas da renovação pedagógica no Brasil em consonância com o movimento da Escola Nova. É possível fazer essa relação olhando para alguns aspectos, a começar pelos temas diversos, passando pelo ensino da linguagem, até puericultura e educação sexual. Essa variedade pode ser interpretada como uma tentativa de superar a visão tradicional da educação, integrando diferentes áreas do conhecimento e valorizando aspectos sociais, científicos e culturais, fundamentais para o desenvolvimento integral do aluno.

Outro ponto que destaque são assuntos como os modelos internacionais presentes nas conferências, por exemplo, “Um pouco do que vi de Escola Ativa na Alemanha” revela a busca por inspiração em experiências pedagógicas estrangeiras. Esse intercâmbio de ideias reflete o esforço de aproximar o Brasil ao cenário internacional da educação renovadora, caracterizado

pelo método ativo, pela experimentação e pela adaptação ao contexto local. Também chama a atenção o uso de metodologias associadas aos princípios da Escola Nova, como “Educação dos sentidos pela atividade” e “Como ativar o ensino da linguagem escolar”.

Ainda sobre as conferências, observa-se a inclusão de temas como “A crítica da Escola Ativa” e “A propósito da crítica da Escola Ativa”, sugerindo que esse movimento de renovação pedagógica não era aceito de maneira uniforme. Essa diversidade de perspectivas indica que o movimento estava sujeito a discussões e controvérsias. A abertura ao debate crítico demonstra também a reflexão e um pensamento voltado à melhoria das práticas educacionais.

Seguindo pelos demais eventos educativos, o Congresso de Nice, realizado em 1932, na França, contou com a participação de 1.600 pessoas. Carvalho (2021) examinou, por meio das páginas da revista PEN, as conexões entre a Liga Internacional para a Educação Nova e o movimento de reconstrução educacional no Brasil. Ela identificou as interações entre Fernando de Azevedo e Lourenço Filho com membros da Liga, especialmente com o Grupo Francês de Educação Nova (GFEN), que fazia parte da Liga.

De acordo com Carvalho a Liga Internacional pela Educação Nova e o “movimento de reconstrução educacional” brasileiro, o Congresso de Nice, cujo tema foi a Transformação Social e a Educação, abordou a relação entre educação e sociedade, evidenciando um afastamento dos temas dos congressos anteriores (Carvalho, 2021, p. 176). A escolha do tema foi feita pelo GFEN, cujo presidente, Paul Langevin, iniciou as discussões sobre “Educação Geral e Educação Profissional”. Carvalho ressalta que a nova abordagem tinha uma “íntima conexão entre o problema da educação e da justiça social” (Carvalho, 2021, p. 176). Em um texto de Langevin publicado na PEN em outubro de 1932 e intitulado “Le Problème de la Culture Générale” é possível ter uma visão daquele momento:

[...] a discussão sobre este problema da cultura geral, que será tratado em muitas outras conferências e comunicações. Verificou-se, de fato, que esta problemática, nas suas diversas vertentes, é central, não só do ponto de vista do nosso tema, “A educação na sua relação com a evolução social”, mas também do ponto de vista de preocupações mais gerais da nossa Liga Internacional para a Nova Educação. Este é um problema particularmente difícil porque os seus dados estão em constante mudança. Sempre novo e nunca resolvido, exige adaptação contínua, ajustamento dinâmico, tanto no seu aspecto individual como no seu aspecto social. Do lado individual, você sabe o quanto a nossa concepção de cultura geral mudou ao longo do tempo, e especialmente recentemente. Até recentemente, considerava-se que a cultura era um adorno da mente, um verniz brilhante e superficial adquirido na juventude para permitir colocar observações espirituais, citações em latim se necessário, para ter sucesso no mundo graças a uma memória especialmente verbal dos grandes fatos da história ou dos grandes nomes da literatura e da arte. Evoluímos bastante nesse ponto de vista. Hoje vemos antes a cultura geral como uma iniciação às diversas formas de atividade humana, aos

diversos meios de expressão e de ação, não só para determinar as aptidões do indivíduo, para lhe permitir escolher sabiamente antes de se comprometer com uma profissão, mas também capacitá-lo a permanecer em contato com outros homens, a compreender o interesse e a apreciar os resultados de atividades diferentes das suas, a situá-las adequadamente em relação ao todo. Já nesta forma, a cultura apresenta-se dinâmica, pois exige, para garantir a permanência da ligação, uma atualização contínua e recíproca entre os representantes das diversas atividades (Langevin, 1932, p. 239, tradução nossa).¹⁷²

O VII Congresso Internacional de Educação Nova foi realizado em 1936, na cidade Cheltenham, na Inglaterra, e debateu o tema da “Educação em uma sociedade livre” – com ênfase na importância da liberdade na educação e a criação de comunidades educacionais livres.

Na esteira dos impressos pedagógicos que circulavam com as ideias discutidas nos congressos, e também pelos relatos de viagens, outra publicação vinda da União Pan-Americana (UPA) e elaborada por Heloise Brainerd, chefe da Divisão de Educação, teve seus trechos traduzidos e circulados no Brasil, expandindo o alcance das novas propostas educacionais. A publicação intitulada *Progressive Schools in Latin America*¹⁷³ – com a tradução para *As novas correntes educativas na Ibero América*, no ano de 1928 – é enriquecedora e atinente ao tema viagens e a renovação pedagógica. A União Panamericana (UPA) era uma associação com quem a ABE dialogava com frequência, bem como recebia material e publicações (boletins, impressos e livros). Os laços entre a UPA e a ABE já foram evidenciados no capítulo um. A viagem de Brainerd ao Brasil e demais países vizinhos foi noticiada nos jornais do Brasil.

O texto de Brainerd examina como esses educadores adaptaram e aplicaram os princípios das escolas progressivas às realidades sociais, culturais e políticas de seus países,

¹⁷² Texto original: “[...] la discussion sur ce problème de la culture générale dont traiteront beaucoup d'autres conférences et communications. Il est apparu, en effet, que ce problème, sous ses divers aspects, est central, non seulement au point de vue de notre thème, “L'éducation dans ses rapports avec l'évolution sociale”, mais aussi au point de vue plus général des préoccupations de notre Ligue internationale d'éducation nouvelle. Il s'agit d'un problème particulièrement difficile parce que ses données sont constamment changeantes. Toujours nouveau et jamais résolu, il exige une adaptation continuelle, un ajustement dynamique, aussi bien sous son aspect individuel que sous son aspect social. Du côté individuel, vous savez combien notre conception de la culture générale a changé au cours du temps, et surtout récemment. On considèrerait il y a peu de temps encore que la culture était une parure de l'esprit, un vernis brillant et superficiel acquis dans la jeunesse pour permettre de placer à propos des observations spirituelles, des citations latines au besoin, pour réussir dans le monde grâce à une mémoire surtout verbale des grands faits de l'histoire ou des grands noms de la littérature et de l'art. Nous avons passablement évolué à ce point de vue. Nous concevons plutôt aujourd'hui la culture générale comme une initiation aux diverses formes de l'activité humaine, aux divers moyens d'expression et d'action, non seulement pour déterminer les aptitudes de l'individu, lui permettre de choisir à bon escient avant de s'engager dans une profession, mais aussi pour lui permettre de rester en liaison avec les autres hommes, de comprendre l'intérêt et d'apprécier les résultats d'activités autres que la sienne propre, de bien situer celle-ci par rapport à l'ensemble. Déjà sous cette forme, la culture apparaît comme dynamique puisqu'elle exige, pour assurer la permanence de la liaison, une mise au courant continue et réciproque entre les représentants des activités diverses”.

¹⁷³ Material acessado pelo Sistema Eureka da UniTo, dentro do programa Internacionalização UniTO/UFPR, Brasil/Itália em meio digital. O acesso se deu em 12/01/2024, ao e-book denominado *Progressive schools in Latin America*, ano de 1928, inserido no acervo digital da Universidad Complutense de Madrid.

influenciando profundamente o desenvolvimento educacional na região. Vale explicar aqui que a publicação cita os termos escola nova, escola ativa, escola do trabalho – dando uma ideia que corrobora com aquela de que a escola nova não tinha uma forma única, mas sim era ampla e acolhia diferentes possibilidades.

A publicação tem 16 páginas, 9 imagens e evidencia o movimento das escolas progressivas na América Latina, destacando sua influência e desenvolvimento ao longo do século XX. Apresento aqui um breve resumo da publicação de Brainerd no intento de demonstrar a circulação dos temas na América Latina. Brainerd inicia seu texto dizendo:

[...] na maioria das 20 repúblicas que compõem o que, por conveniência, chamamos de “América Latina”, o controle da educação é altamente centralizado, com os currículos das escolas primárias e secundárias sendo geralmente uniformes em todo o país. Naturalmente, isso implica menos oportunidade para experimentação individual em comparação com locais onde o controle é local. Além disso, o fato de que as escolas privadas devem seguir o currículo oficial se seus graduados quiserem ingressar em instituições públicas posteriormente, atua como uma restrição à experimentação privada. Portanto, são ainda mais notáveis os esforços que estão sendo feitos para quebrar o molde do costume e adaptar às necessidades nacionais ou locais o melhor da teoria e prática educacional de outros países. Neste artigo, tentaremos mostrar um pouco do espírito e das realizações dos apóstolos latino-americanos da liberdade educacional (Brainerd, 1928, p. 2, tradução nossa).¹⁷⁴

Ainda acerca da publicação de Brainerd, o texto inicia pelo caso do México, citando a figura de José Vasconcelos, Secretário da Instrução Pública do Presidente Obregón, com a descrição do objetivo da reforma educativa. Essa reforma buscava tornar homens e mulheres livres de espírito e livres de fato, capazes de pensar por si próprios, de julgar a vida com as suas próprias mentes, e também capazes de ganhar a vida e de moldar a comunidade de tal maneira que qualquer trabalhador diligente possa alcançar uma forma de vida confortável. Vai descrevendo as “missões” (p.3) como grupos compostos por uma enfermeira para dar instrução elementar em higiene, e professores de agricultura, carpintaria, costura e economia doméstica, treino físico e indústrias úteis que podem ser exercidas em lares indianos. Levando consigo sementes, instrumentos e livros, o grupo missionário permanece cerca de seis semanas numa aldeia e proporciona a todos os habitantes a oportunidade de “aprender fazendo”, na sua forma

¹⁷⁴ Texto original: “In almost of the 20 Republics comprising what for convenience we term “Latin America,” the control of education is highly centralized, the curricula of both elementary and secondary schools being generally uniform throughout the country. It naturally follows that there is less chance for individual experimentation than where local control prevails. Then, too, the fact that private schools must follow the official curriculum if their graduates are to enter public institutions later acts as a restriction on private experimentation. All the more noteworthy, therefore, are the efforts that are being made to break the mold of custom and adapt to national or local needs the best of educational theory and practice in other countries. In this article we shall endeavor to show something of the spirit and the accomplishments of the Latin American apostles of educational liberty”.

mais simples e eficaz, os elementos da vida higiênica, métodos agrícolas modernos e indústria cooperativa.

Brainerd informa ao leitor que o professor Dewey, em visita ao México no verão de 1926, havia se referido às novas escolas rurais destacando que poucos movimentos educacionais no mundo demonstram um espírito tão forte de integração entre as atividades escolares e comunitárias. Na sequência, traz o conceito da *escuela de la acción* (1928, p. 4), ou escola de atividade, baseada na teoria de que a função da escola primária é formar para a participação inteligente e ativa na vida da comunidade através de projetos socializados, combinados com a responsabilidade individual, que desenvolvem um amor pela utilidade, verdade, bondade e beleza. O texto menciona que Ovide Decroly, da Bélgica, e outros, reconhecem o educador colombiano, Dr. Agustín Nieto Caballero, por introduzir métodos educacionais progressistas na América do Sul. É feito um relato detalhado sobre a vida de Nieto Caballero e o impacto do “Ginásio Moderno”. Também descreve as atividades educacionais desenvolvidas pelo professor Agustín Nieto Caballero (1928, p. 6 e 7) naquele contexto.

Ainda sobre o Ginásio Moderno, Brainerd (1928, p. 8) descreve que Decroly elogiou o trabalho realizado por Agustín Nieto Caballero, comparando-o às melhores instituições educacionais do mundo, sugerindo que deveria servir de exemplo global. Em 1924-1925, após o reconhecimento crescente do Ginásio Moderno, Nieto Caballero viajou extensivamente pela América do Sul para estudar as condições educacionais. Isso aumentou significativamente o interesse de muitos professores nos novos métodos, levando alguns a iniciarem suas próprias experiências.

De acordo com Brainerd (1928), a influência das práticas de Caballero foi particularmente marcante no Uruguai, onde, em 1925, Luisa Luisi propôs designar escolas públicas como laboratórios de experimentação educativa, selecionando para isto a Escola Primária N° 5, em Las Piedras, e uma escola rural na Estación Progreso. Nesse cenário, Brainerd (1928) identifica os centros de interesse em que são empregados os métodos modernos descritos, como a substituição dos tradicionais livros didáticos de leitura e escrita por folhas de aula mimeografadas construídas a partir de novas ideias, nas quais os alunos recebem considerável liberdade. De acordo com a autora, o método Decroly despertou grande interesse e está sendo testado, de forma mais ou menos aprofundada, em vários departamentos, bem como em uma escola experimental em um subúrbio de Montevidéu, que recentemente recebeu fundos especiais do Congresso. Evidencia que o Conselho Nacional de Instrução Primária e Normal envia anualmente supervisores e professores para o exterior para estudos. Sobre a Escola de Instrução Secundária e Preparatória em Montevidéu, informa que é controlada pelo

Conselho Universitário e se destina principalmente à preparação para a universidade, com um currículo de quatro anos de ensino secundário seguido de um curso preparatório de dois anos. Exceções nesse currículo são feitas para ingressos em escolas de odontologia e farmácia, que requerem apenas um ano pré-profissional, enquanto os cursos notariais e comerciais exigem apenas a graduação do ensino secundário.

A instrução preparatória é oferecida em duas escolas anexas à universidade, uma mista e outra exclusiva para meninas, enquanto o currículo secundário é disponível em outros liceus na capital e em cada departamento. A Divisão de Instrução Secundária e Preparatória para Meninas, conhecida como Universidade da Mulher, foi fundada para acomodar os pais conservadores. A escola de Las Piedras destacou-se pela cooperação dos pais, impulsionada pelo periódico *Nuestros Hijos*, que relatava o progresso individual dos alunos e alcançou reconhecimento internacional. Brainerd ainda ressalta que a Federación Magisterial Uruguayana de Montevideu era ativa na promoção de métodos educacionais progressistas (1928, p. 15).

Já na Argentina, no que tange à introdução de novos métodos, Brainerd (1928, p. 11-12) evidencia que a professora Clotilde Guillén de Rezzano, diretora da Escola Normal para meninas nº 5, em Buenos Aires, foi a grande responsável. Segundo Brainerd, em 1925 houve uma tentativa frustrada de inserção do método Decroly, em Santa Fé. Em 1927, a professora Rezzano apresentou na Conferência de Educação de Locarno um estudo sobre os métodos da escola prática desenvolvidos na Escola Normal Feminina nº 5. O estudo descreveu uma turma inicial de aproximadamente 30 crianças de 6 anos sem experiência prévia em educação infantil. A sala de aula estava equipada com mesas para cinco alunos, mesa de areia, tabelas de leitura, formas geométricas, brinquedos construtivos, e cada criança tinha conjuntos de cartões com letras e sílabas. O currículo era baseado em centros de interesse, continuando assim nas séries subsequentes para desenvolver ideais sociais gradualmente. Segundo Brainerd, a professora Rezzano recomendou materiais Montessori para iniciantes, o sistema Decroly para a segunda série, e propôs o plano Dalton¹⁷⁵ para as séries superiores, especialmente a sexta série.

Ainda sobre a Argentina, Brainerd informa que em Buenos Aires foi criado um Gabinete de Formação Psicológica e Orientação Profissional em 1926, apesar do ceticismo inicial dos responsáveis escolares. Também registra que o impresso pedagógico progressista *La Escuela Americana*, editado por Guillermo Martínez, estaria promovendo artigos sobre as novas escolas no exterior.

¹⁷⁵ O Plano Dalton tinha como objetivo promover a autonomia e o senso de confiança dos estudantes, de modo a potencializar suas competências sociais e seu senso de responsabilidade. Cada aluno poderia programar seu próprio currículo de acordo com suas necessidades, interesses e habilidades.

Sobre o Chile, Brainerd evidencia as figuras de Darío Salas e Maximiliano Salas Marchán como promotores da modernização das escolas e incentivadores dos professores a estudarem novos movimentos educacionais. Também informa que a Associação Educação Nova (La Nueva Era), filiada internacionalmente, exercia influência significativa no país, com filiais em várias cidades chilenas e uma revista trimestral. A autora registra ainda que a implementação de escolas experimentais vinha encontrando resistência das autoridades governamentais.

No Paraguai (1928, p. 15), Brainerd cita a figura do professor Ramón I. Cardozo, superintendente de escolas em que o sistema educacional foi modernizado em 1925 pela introdução de um tipo prático de ensino com a instrução baseada nos interesses naturais da criança. A autora ainda faz referências a Cuba, com o desenvolvimento de provas coletivas adaptadas às necessidades educacionais locais pelo Dr. Alfredo M. Aguayo; e ao Panamá, a partir dos desenvolvimentos psicológicos e educacionais sob liderança de Federico Calvo e Luis F. Pérez. Brainerd afirma que a imprensa pedagógica no Brasil, exemplificada pela *Revista Escolar de São Paulo*, tem abordado e discutido métodos educacionais inovadores. Sobre o Peru, Brainerd faz um breve comentário em relação às adaptações de testes educacionais, como a escala Terman¹⁷⁶ adaptada pelos Dr. Luis H. Bouroncle e Dr. Elías Ponce Rodríguez.

No texto de Brainerd, há uma observação relevante sobre os impressos pedagógicos, destacando seu papel como meios de disseminação das novas práticas educacionais:

Revistas como a Revista de Instrucción Pública de Cuba, o Boletín de Enseñanza publicado pela Secretaria Peruana de Educação, e um pequeno boletim bibliográfico intitulado La Nueva Educación, também de Lima, La Nueva Enseñanza, órgão do Conselho Paraguaio de Educação, O Repertorio Americano de San José, Costa Rica, a Federación Magisterial Uruguay de Montevideu, Uruguai e a Revista Escolar de São Paulo, Brasil, além dos já mencionados, trazem muitos artigos sobre o método de projeto, o plano Dalton, estudo infantil, etc. e as “novas escolas” da Europa e dos Estados Unidos (Brainerd, 1928, p. 15, tradução nossa).¹⁷⁷

¹⁷⁶ A Escala Terman, também conhecida como Stanford-Binet Intelligence Scales, é um teste de inteligência desenvolvido pelo psicólogo Lewis Terman na Universidade Stanford. Esse teste é uma adaptação da Escala Binet-Simon, criada originalmente na França por Alfred Binet e Théodore Simon, e é utilizado para medir o quociente de inteligência (QI) de crianças e adultos. A Escala foi uma das primeiras medidas padronizadas de inteligência, com grande influência no desenvolvimento da psicometria, sendo utilizada em diversos estudos e aplicações educacionais e clínicas ao longo do tempo. Ela continua sendo uma das ferramentas mais utilizadas para avaliação da inteligência em diferentes contextos psicológicos e educacionais.

¹⁷⁷ Texto original: “Journals like the Revista de Instrucción Pública of Cuba, the Boletín de Enseñanza published by the Peruvian Bureau of Education, and a small bibliographical bulletin entitled La Nueva Educación, also of Lima, La Nueva Enseñanza, organ of the Paraguayan Board of Education, Repertorio Americano of San José, Costa Rica, Federación Magisterial Uruguay of Montevideo, Uruguay and the Revista Escolar of São Paulo, Brazil, in addition to those already mentioned, carry many articles on the project method, the Dalton plan, child study, etc., and the “new schools” of Europe and the United States.

Brainerd (1928, p. 15) afirma que em muitos outros países latino-americanos há evidências (por meio de publicações) de um desejo de abandonar os métodos tradicionais de ensino e disciplina, além de um claro interesse por escolas progressistas. Isso se reflete em todo o material de Heloise Brainerd, que apresenta as referências em matérias publicadas em impressos pedagógicos, livros e imprensa diária. De acordo com a autora, os países da América Latina mostravam um interesse crescente em reformar seus sistemas educacionais, adotando métodos e práticas educacionais mais modernas e adaptadas às necessidades locais e internacionais. Na conclusão da publicação Brainerd evidencia:

Embora os pensadores educacionais avançados e as “novas escolas” da Europa sejam mais frequentemente referidos pelos educadores latino-americanos, os Estados Unidos reivindicam uma parcela considerável de atenção, o Prof. John Dewey é reverentemente citado como um dos fundadores da teoria educacional moderna; William James e G. Stanley Hall na geração anterior e Thorndike e Terman nas categorias mais jovens de psicólogos são frequentemente mencionados; os nomes de Carleton Washburne, William H. Kilpatrick, Helen Parkhurst, Angelo Patri e outros defensores de práticas educacionais progressistas são bem conhecidos (Brainerd, 1928, p. 16, tradução nossa).¹⁷⁸

Brainerd informa ainda que alguns professores latino-americanos estudaram nas escolas dos Estados Unidos, com destaque para visitas de professores e administradores para cursos e estudos em diversas instituições. Segundo ela, o México havia enviado 28 professores do ensino secundário para um curso especial de curta duração na Universidade de Columbia, em 1926; e que do Chile, aproximadamente oito professores especializados em educação infantil, psicologia, administração escolar, medidas mentais e educacionais, e higiene escolar foram também estudar nos Estados Unidos.

A publicação apresenta 9 imagens no total, 2 relacionadas às atividades realizadas no México; 2 relacionadas ao Ginásio Moderno, na Colômbia; 3 referentes às escolas no Uruguai e 2 referentes às escolas na Argentina, dando assim uma visão imagética daquilo que foi apresentado no texto.

Três anos depois, parte desse material foi resumido, adaptado e traduzido pela inspetora escolar Maria dos Reis Campos, e publicado na edição da revista Escola Primária de 1931. De acordo com o texto, o movimento reformador do ensino estaria se expandindo da Europa e dos Estados Unidos para os países americanos. Cito aqui resumidamente o conteúdo das 5 páginas

¹⁷⁸ Texto original: “While the advanced educational thinkers and the “new schools” of Europe are most frequently referred to by Latin American educators, the United States claims a considerable share of attention. Prof. John Dewey is reverently cited as one of the founders of modern educational theory; William James and G. Stanley Hall in the earlier generation and Thorndike and Terman in the younger ranks of psychologists are frequently mentioned; the names of Carleton Washburne, William H. Kilpatrick, Helen Parkhurst, Angelo Patri, and other advocates of progressive educational practices are well known”.

dedicadas ao texto, segundo a adaptação da inspetora: No Brasil, ela registra ter visto os métodos modernos de ensino nos trabalhos desenvolvidos na Escola Prudente de Moraes (RJ), em Petrópolis (RJ), em Belo Horizonte (MG) e em São Paulo (Campos, 1931, p. 125). O Uruguai também empregava métodos modernos da Escola Ativa e usava elementos diversos para o aprendizado. O ensino de História Natural era em laboratórios, com microscópio, fitas de filmes e dissecação de pequenos animais. O governo investia em bibliotecas escolares e os professores tinham liberdade para usar os métodos mais modernos. Anota o uso do método Decroly (Campos, 1931, p. 126).

Já na Argentina, as escolas estavam influenciadas pelo aprender fazendo, com oficinas de trabalhos manuais, métodos Decroly e Montessori e parte do Plano Dalton (Campos, 1931, p. 127). No Paraguai, o órgão oficial *La Nueva Enseñanza* indica parte das atitudes do governo e Brainerd registra que o ensino está baseado no interesse da criança e no método Decroly. No Chile, cita a Associação de Professores da Nova Educação, filiada à Liga Internacional da Nova Educação (que publicava a *Revista Nueva Era*). Segundo Brainerd, o país estava reorganizando o ensino e um dos pontos principais eram os estudos ativos e sinaliza uso do método Decroly (Campos, 1931, p. 128). Na Bolívia, aponta uso do método Decroly.

No Peru, identifica a escola ativa. No Equador, ela aponta a presença das novas correntes pedagógicas. Na Colômbia, o Colégio particular Ginásio Moderno se intitula a primeira escola nova da América do Sul, fundada em 1914 (Campos, 1931, p. 129). No Panamá, a educação sofre forte influência dos EUA, aderindo à nova educação. De acordo com o texto, de toda a América, foi o México que introduziu a escola nova em maior escala. Cita ainda o trabalho dividido em 4 centros de interesse (Campos, 1931, p. 130).

O material publicado com as impressões de Brainerd sobre as novas correntes educativas na ibero-américa dá ênfase às ideias de uma educação inovadora, com aprendizagem ativa, foco na autonomia dos alunos e na relevância social do conhecimento, influenciadas pelas ideias pedagógicas europeias e norte-americanas. Assim, a circulação das novas propostas pedagógicas não se limitava apenas aos âmbitos europeus e norte-americanos; ela alcançava diferentes países, incluindo o Brasil, por meio de diversas publicações que circulavam internacionalmente.

A discussão sobre a circulação das ideias pedagógicas pode ser pensada se focarmos na transformação e apropriação de ideias a serem desenvolvidas em contextos distintos. Para Chartier, a circulação de ideias não se dá de maneira unívoca ou linear. Em vez disso, as ideias são constantemente reinterpretadas ao serem levadas a novos contextos e públicos, sendo ajustadas às realidades locais. No caso da circulação das correntes pedagógicas na Ibero-

América, as ideias vindas da Europa e dos Estados Unidos não apenas chegavam aos países de maneira uniforme, mas podem ter sido ressignificadas e apropriadas conforme os contextos locais e as necessidades específicas das sociedades receptoras. Esse processo de apropriação está de acordo com a perspectiva de Chartier, que destaca como os leitores e outros receptores desempenham um papel ativo na modulação do conteúdo que chega a eles.

A circulação de ideias, portanto, implica que o conhecimento não é simplesmente consumido de forma passiva, mas sim transformado e configurado pelas práticas e representações locais. Essa interação entre o material (as publicações) e o imaterial (as ideias) reflete o processo de ressignificação, importante para a renovação pedagógica conforme a teoria cultural proposta por Chartier (2001). O autor enfatiza que, em um determinado contexto histórico, a maneira como o conhecimento circula é constituída pelas condições sociais e culturais dos envolvidos, evidenciando uma dinâmica ativa na formação de saberes coletivos.

Pelo corpus documental da ABE, por exemplo, é possível perceber que a Associação recebia materiais de várias nações, incluindo publicações dos Estados Unidos, das associações da NEA e da WFEA. Nas edições da Revista Schola de 1930, há registro de informações que foram retiradas do The Journal of the National Education Association referentes às publicações dos livros infantis¹⁷⁹. As revistas americanas são mensais, excetuando os meses de julho, agosto e setembro em que não há edições, provavelmente porque esses meses representavam o período de fim de ano letivo e de férias escolares naquele hemisfério.

A revista da NEA, conforme se lê na capa das edições, era distribuída com baixas taxas, cumprindo a legislação¹⁸⁰ americana (1917 e 1912). A revista era direcionada aos profissionais da educação de diferentes áreas, tinha ampla distribuição nacional e tratava de uma gama de tópicos educacionais. Pela grande quantidade de anúncios de objetos e materiais escolares inseridos nas edições, é possível presumir que os espaços ocupados por eles nas páginas da revista eram comercializados pela administração da NEA. Os anúncios são sempre voltados a

¹⁷⁹ O assunto será tratado no item das Exposições de Livros Infantis, a seguir.

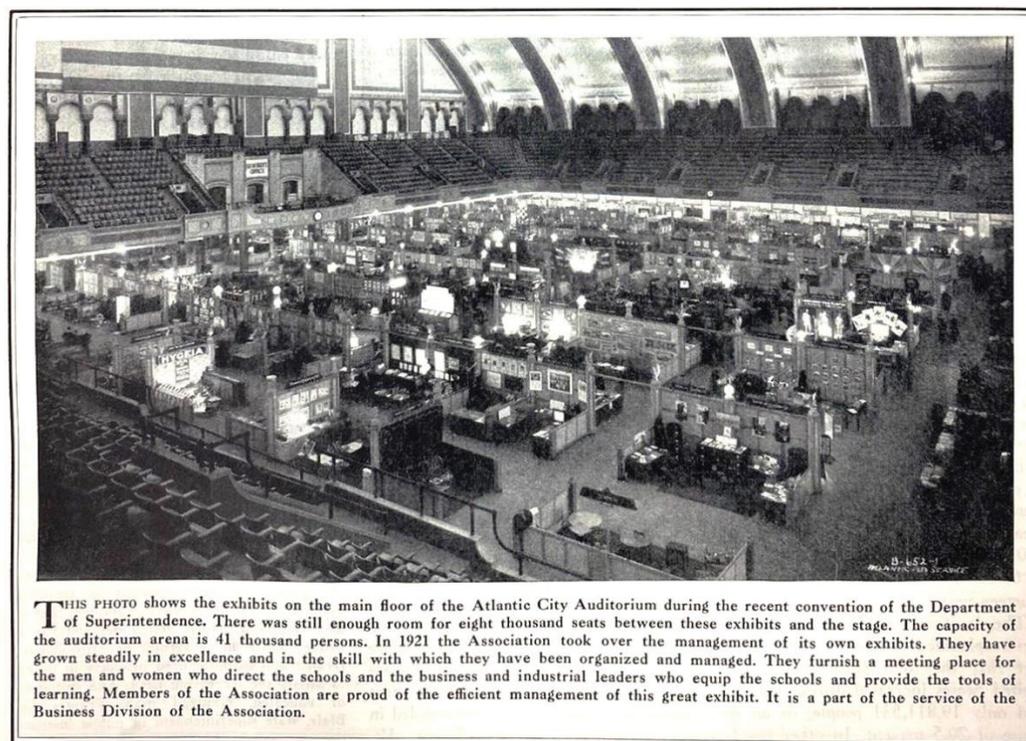
¹⁸⁰ A lei mencionada no texto da capa da revista refere-se a disposições legais específicas dos Estados Unidos relacionadas ao envio postal de publicações periódicas. Ato de 24 de agosto de 1912. Esta lei, conhecida como a Lei Postal de 1912, fez várias reformas nos serviços postais, incluindo a classificação de diferentes tipos de correio. A designação “matéria de segunda classe” refere-se a publicações periódicas, como jornais e revistas, que tinham tarifas postais reduzidas. A Seção 1103 do Ato de 3 de outubro de 1917 faz parte da Lei de Controle de Guerra, que foi aprovada durante a Primeira Guerra Mundial. Ela incluía provisões para permitir tarifas postais reduzidas para publicações enviadas por organizações sem fins lucrativos e outras entidades, como parte de um esforço para apoiar a disseminação de informações durante a guerra. Essas disposições permitiram que organizações como a Associação Nacional de Educação dos Estados Unidos enviassem suas publicações a taxas postais reduzidas, facilitando a distribuição de informações educacionais. Fonte: U.S. Postal Service em Postal Laws and Regulations - <https://www.usps.com> e Library of Congress em Postal Laws and Regulations of the United States of America - <https://www.loc.gov> – com acesso em 20/07/2024.

produtos com informações e novidades para a educação. Por exemplo, no editorial de abril de 1930, aborda-se a Convenção de Atlantic City, que reuniu professores, educadores, administradores e indústrias que produziam objetos de uso nas escolas.

Também na edição de fevereiro do ano de 1931 da NEA foi publicada uma reportagem sobre a Educational Exhibition Developments in school. Sobre a Convenção de Atlantic City de 1930, o texto da NEA indica que o evento refletiu um período de mudanças e melhorias na educação americana, com um foco na adaptação às novas demandas e na promoção de uma educação mais eficaz e abrangente. De forma resumida, abordou as realizações na instrução (expansão do currículo e métodos de ensino), na organização (sistema de ensino, coordenação e planejamento), na administração (preparação profissional dos administradores e para organização), na infraestrutura escolar (novas escolas e substituição de prédios escolares antigos), na seleção e formação de professores (reparação profissional contínua), contribuições das faculdades de formação de professores (evolução das escolas normais para graduação realizada em 4 anos) e, nos aspectos gerais, segundo o texto a Convenção, celebrou a melhoria na qualidade do ensino até a modernização das instalações e administração escolar. Também destacou o papel das instituições de formação de professores e a necessidade contínua de evolução e adaptação no campo educacional.

Nas realizações atinentes ao universo da instrução, o texto aponta a evolução dos métodos com adaptação às necessidades individuais dos alunos. Diz que “antigamente”, o ensino seguia um método uniforme que não considerava as diferenças entre os alunos; e que “hoje”, os métodos são ajustados para reconhecer e atender às necessidades específicas de cada aluno (The Journal [...], 1930, p. 105). Sobre a Convenção de Atlantic City, a imagem abaixo do auditório dá uma ideia do tamanho do evento.

FIGURA 19 - ASPECTOS DA EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR



FONTE: The Journal of the National Education Association, 1930, p. 107. Vol. 19. n. 4

Na tradução da legenda acima temos:

Esta foto mostra as exposições no andar principal do Auditório de Atlantic City durante a recente convenção do Departamento de Superintendência. Ainda havia espaço suficiente para oito mil assentos entre essas exposições e o palco. A capacidade da arena do auditório é de 41 mil pessoas. Em 1921, a Associação assumiu a gestão de suas próprias exposições. Elas cresceram constantemente em excelência e na habilidade com que foram organizadas e gerenciadas. Elas proporcionam um local de encontro para os homens e mulheres que dirigem as escolas e para os líderes empresariais e industriais que equipam as escolas e fornecem as ferramentas de aprendizagem. Os membros da Associação se orgulham da gestão eficiente dessa grande exposição. Ela faz parte do serviço da Divisão de Negócios da Associação (The Journal [...], 1930, p. 107).

Esse texto ajuda a perceber como a NEA se organizava enquanto associação. Anísio Teixeira abordou em seu relatório que um programa de emergência voltado para a educação americana, desenvolvido em 1918, havia promovido um aumento de 2000% no número de membros da associação americana. Segundo ele, “a NEA, por meio das reuniões nacionais, reuniões locais, o constante trabalho dos órgãos permanentes, uma revista - O Jornal da NEA, e os Boletins de Investigação publicados pelo Bureau de Investigações - desenvolvem, dia a

dia, com maior eficiência esse alto e largo programa¹⁸¹” (Teixeira, 1928, p. 101).

A revista *World Education*, publicada pela World Federation of Education Associations (WFEA), também fez circular ideias e práticas educacionais globais durante o período entreguerras. A *World Education* cobria uma ampla gama de tópicos, incluindo metodologias educacionais, políticas de educação, relatórios de conferências, e estudos de caso sobre práticas educacionais em diferentes partes do mundo. Nas edições de 1939, por exemplo, encontra-se, na coluna *Items on World Education*, alguns registros de informações enviadas pela ABE sobre as escolas estrangeiras no Rio Grande do Sul (*World Education*, mar. 1939, p. 190) e sobre a desnutrição das crianças brasileiras (*World Education*, jul. 1939, p. 292).

O primeiro texto da revista de julho de 1939, escrito por Isaac L. Kandel¹⁸², um dos editores da *World Education*, oferece uma visão interessante. Nas linhas iniciais, ele informa que a excursão com destino aos países latino-americanos organizada pela Associação oferece uma oportunidade bem-vinda para o desenvolvimento de novos interesses educacionais. Kandel explica que muitos professores latino-americanos estão familiarizados com sistemas educacionais fora de seus próprios países, mas poucos educadores europeus ou norte-americanos têm qualquer conhecimento das condições educacionais nos países latino-americanos. Nesse sentido, evidencia:

¹⁸¹ Foi esse o programa desenvolvido em 1918, quando a Associação elegeu a Comissão de Emergência em Educação: 1. Alistamento de todos os professores e administradores para a formação de um espírito de profissão no serviço de ensino; 2. Definido esforço para obter que todos colaborem nos seus problemas; 3. Um movimento conjunto para a criação de um Departamento de Educação; 4. Promover o princípio de igualdade de oportunidade educativa; 5. Movimento para um adequado suprimento de professores educados e profissionalmente treinados para todas as escolas; 6. Estudos científicos do salário que conduzam à adoção de melhor salário do que os que atualmente vigoram; 7. Desenvolvimento de investigação educacional e de publicidade em uma larga base nacional e o uso da repartição central, como uma “clearing house”; 8. Relacionar definitivamente a organização central de N.E.A. com os mais largos interesses públicos da América; 9. Planos progressivos para a americanização do imigrante e para a completa extinção do analfabetismo entre os nacionais (*American-born*); 10. Desenvolvimento de mais íntima relação entre escola e o público; 11. Desenvolvimento dos ideais internacionais em educação e dos ideais da Federação Mundial de Associações Educacionais; 12. Uma base mais científica para testes e medidas, na sua aplicação ao trabalho escolar; 13. Desenvolver o sentido nacional de economia e poupança, por meio de uma larga difusão de conhecimentos financeiros e práticos a esse respeito; 14. Expansão da *Junior high school*, do *Junior college* e aumento das vantagens vocacionais; e 15. Desenvolvimento de um plano para obter que a escola possua sempre um progressivo currículo e uma atenção contínua para a perfeita integração dos cursos no currículo. (Teixeira, 1928, p. 100-101).

¹⁸² Isaac Leon Kandel (1881-1965) foi um renomado educador dos EUA, especialista em educação comparada e história educacional. Nascido na Romênia, estudou em Manchester, Inglaterra, e na Universidade de Columbia, Nova York. Atuou como especialista em pesquisa na Fundação Carnegie (1914–1923) e, posteriormente, como professor de educação no Teachers College da Universidade de Columbia (1923–1947). Kandel também editou várias publicações importantes, incluindo o *Educational Yearbook of the International Institute e School and Society*. Entre suas principais obras estão *Comparative Education* (1933), *History of Secondary Education* (1930), e *The Making of Nazis* (1935), um estudo pioneiro sobre a educação nazista. Seu trabalho se destacou pela oposição ao extremismo na educação progressiva, defesa da cooperação internacional e abordagem multilíngue na pesquisa educacional. Além disso, foi membro de vários conselhos editoriais e do conselho consultivo dos *American Friends of the Hebrew University*. Fonte: Disponível em <https://www.jewishvirtuallibrary.org/kandel-isaac-leon>

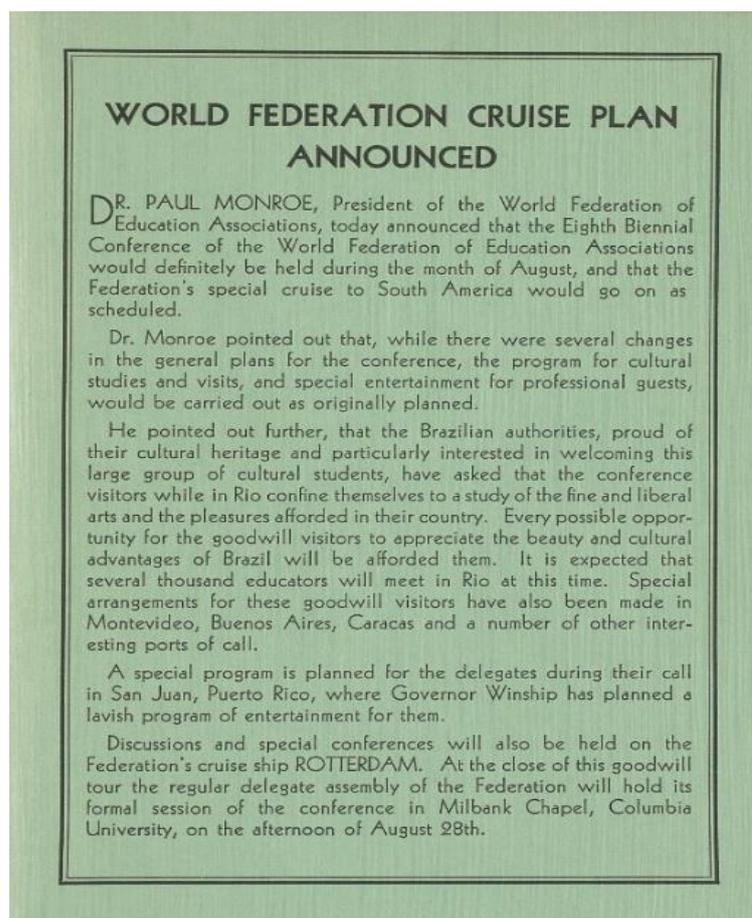
os grandes estudiosos desses países não foram meramente tomadores de empréstimos e reinterpretores, mas pensadores originais e criativos por direito próprio. Na educação, tem havido um grande fermento nos últimos vinte anos e os planos para reorientação têm sido constantemente considerados, desde a readaptação da educação rural não apenas para tornar a agricultura mais produtiva, mas para enriquecer a vida das pessoas rurais, até a reorganização do ensino superior para atender às demandas por novos tipos de especialistas necessários nas sociedades contemporâneas. Não há um único país latino-americano que não tenha produzido líderes educacionais de distinção (Kandel, 1939, p. 289-290, tradução nossa).¹⁸³

Segundo o texto de Kandel, no Brasil já havia evidências na criação de instituições para o estudo da educação no Rio de Janeiro e São Paulo como em outras regiões do país. Cita ainda a Associação Brasileira de Educação e outras associações estaduais e nacionais. Aqui é interessante pensar que Kandel já conhecia parte dos países latino-americanos, pois em setembro de 1925, já como professor do Teachers College da Columbia University, iniciou uma viagem de estudo a serviço do International Institute, explorando Argentina, Chile, Uruguai e Brasil. Rabelo (2019) investigou a trajetória e influência de Isaac Kandel na constituição de redes de intercâmbio entre o Brasil e os Estados Unidos no contexto educacional e evidencia que Kandel estabeleceu uma rede intrincada de relações no Brasil, aproximando educadores brasileiros ao Teachers College. Aqui também pode-se identificar Kandel como integrante de várias organizações, não apenas o Teachers College (TC), mas também o Institute of International Education Institute (IIE) e a World Federation Education of Associations (WFEA), sendo, inclusive, um dos editores da revista World Education.

O convite para a excursão aos países latino-americanos está ligado ao VIII Congresso Mundial de Educação, que seria no Brasil, mas que acabou ocorrendo em alto mar, em um cruzeiro realizado entre julho e agosto de 1939, conforme identificado na página 149. O anúncio publicado na revista World Education, da WFEA, dá uma ideia do que estava programado.

¹⁸³ Texto original: “The great scholars of these countries have not been merely borrowers and re-interpreters, but original and creative thinkers in their own right. In education there has been a great ferment for the past twenty years and plans for reorientation have been constantly under consideration from the readaptation of rural education not only to make agriculture more productive but to enrich the lives of the rural people, to the reorganization of higher education to meet the demands for new types of experts needed in contemporary societies. There is not one of the Latin-American countries that has not produced educational leaders of distinction”.

FIGURA 20 - ANÚNCIO NA REVISTA WORLD EDUCATION DA WFEA.



FONTE: World Education, edição de julho de 1939.

O texto traduzido trata-se do “Plano do Cruzeiro da Federação Mundial Anunciado”:

O Dr. Paul Monroe, presidente da Federação Mundial de Associações Educacionais, anunciou hoje que a oitava Conferência Bienal da Federação Mundial de Associações Educacionais será realizada definitivamente durante o mês de agosto e que o cruzeiro especial da Federação para a América do Sul acontecerá conforme programado. Dr. Monroe destacou que, embora houvesse várias mudanças nos planos gerais da conferência, o programa de estudos culturais e visitas, assim como o entretenimento especial para os convidados profissionais, será realizado conforme o planejado originalmente. Ele ressaltou ainda que as autoridades brasileiras, orgulhosas de seu patrimônio cultural e particularmente interessadas em receber este grande grupo de estudantes culturais, pediram que os visitantes da conferência, enquanto estiverem no Rio de Janeiro, se concentrem no estudo das belas artes e das artes liberais, além das atrações oferecidas em seu país. Toda oportunidade possível será oferecida aos visitantes de boa vontade para apreciar a beleza e as vantagens culturais do Brasil. Espera-se que vários milhares de educadores se encontrem no Rio neste período. Arranjos especiais para esses visitantes de boa vontade também foram feitos em Montevideú, Buenos Aires, Caracas e em vários outros portos de escala interessantes. Um programa especial está planejado para os delegados durante a sua estadia em San Juan, Porto Rico, onde o governador Winship planejou um programa de entretenimento luxuoso para eles. Discussões e conferências especiais também serão realizadas no navio de cruzeiro da Federação, o ROTTERDAM.

Ao final deste tour de boa vontade, a assembleia regular de delegados da Federação realizará sua sessão formal da conferência na Capela Milbank, na Universidade Columbia, na tarde de 28 de agosto (World Education, jul. de 1939, tradução nossa).

A Revista Educação de 1939, da ABE, também informou aos seus leitores que a bordo do “Rotterdam” estiveram, no Rio de Janeiro, no período de 6 a 10 de agosto, os delegados do VIII Congresso Mundial de Educação, dos quais faziam parte cerca de seiscentos professores americanos filiados à World Federation of Education Association. Segundo o texto:

Dentre esses professores, destacam-se várias personalidades de destaque nos meios científicos e educacionais americanos, entre os quais o Professor Paul Monroe, do Teacher's College da Universidade de Columbia, presidente da World Federation e do VIII Congresso Mundial de Educação, o Dr. M. Lankin Diretor da Escola de Professores da Universidade de Missouri, o Dr. Earl Shaw, Diretor do Instituto Geográfico de Washington e a senhorita Selma Bonchardt, Secretaria Geral do Congresso (Educação, 1939, p. 14).

Como já evidenciado no texto que abordou a relação entre a ABE e a WFEA, no capítulo anterior, o Congresso se deu mesmo em alto mar, e em terras brasileiras ocorreram algumas visitas, com encontros diplomáticos.

As viagens para congressos e missões pedagógicas realizadas por professores contribuíram para a circulação de modelos pedagógicos ao redor do mundo. Esses deslocamentos eram oportunidades para participação em debates, eventos, e uma estratégia para a circulação de ideias e práticas educacionais. Esses professores, ao se engajarem em viagens para conhecer outras realidades em outros países, atuavam como mediadores culturais, facilitando o intercâmbio de práticas educacionais entre diferentes contextos culturais. Sua presença em conferências e missões pedagógicas permitia a coleta e a troca de informações sobre metodologias, currículos e abordagens educacionais inovadoras. Ao retornar a seus países de origem, esses educadores não apenas transmitiam as ideias que haviam aprendido, mas também adaptavam e reinterpretavam esses modelos de acordo com as necessidades e realidades locais.

A reinterpretação dos modelos pedagógicos estrangeiros por parte desses professores pode ser vista pela publicação de textos nos impressos pedagógicos, livros e ou manuais pedagógicos que registravam parte destas ideias, modelos e práticas quase sempre na retórica da renovação pedagógica.

Além disso, as viagens ajudavam a consolidar redes de colaboração e estabelecer parcerias entre instituições educacionais de diferentes países. Essas conexões proporcionavam um fluxo contínuo de conhecimento e recursos, fortalecendo a inovação pedagógica e promovendo uma compreensão mais ampla das práticas educacionais globais.

O Centenário de Pestalozzi: circulação mundial de um legado

O Centenário da morte de Johann Heinrich Pestalozzi¹⁸⁴, comemorado em 1927, não apenas exemplifica a circulação de informações e ideias nos impressos, mas também se configura como um pilar fundamental no debate sobre a renovação pedagógica, pauta esta a que a ABE estava organicamente ligada. Pestalozzi, uma figura central na educação contemporânea, desempenhou um papel fundamental na reformulação das práticas educativas ao integrar princípios do naturalismo e do romantismo em sua abordagem pedagógica¹⁸⁵. Suas ideias foram amplamente influenciadas por Jean-Jacques Rousseau, e sua prática educacional e produção teórica estabeleceram novos paradigmas para a educação pública e a democratização do ensino.

Durante todo o século XIX, Pestalozzi, foi a grande referência invocada para introduzir reformas educacionais mais próximas da experiência infantil, para justificar a adoção de objetos comuns como material didáticos e para basear a formação de professores num conjunto de saberes específicos: o desenvolvimento infantil, o conteúdo a ser ensinado e os meios para a condução do ensino (Valdemarin, 2023, p. 13).

Um século depois, em 1927, Pestalozzi e seu legado foram pautas em vários jornais do Brasil e em revistas pedagógicas de vários lugares do mundo. O Boletim da ABE, por exemplo, publicou uma nota sobre o tema no início daquele ano:

As homenagens que todos os centros cultos do mundo estão prestando ao grande precursor da escola moderna por ocasião do centenário de sua morte, a 17 de fevereiro de 1827, em Brugg, reuniu a Associação Brasileira de Educação as suas realizando uma sessão comemorativa em que, sobre a extraordinária figura do pedagogo suíço, falou o Prof. Fernando de

¹⁸⁴ Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) foi um pedagogista suíço e educador pioneiro da reforma educacional. Escreveu diversas obras que influenciaram profundamente a educação moderna. Entre as principais, destacam-se: *Leonard and Gertrude* (1781-1787), na qual ele explora a educação como um meio de reforma social; *How Gertrude Teaches Her Children* (1801), em que apresenta suas teorias educacionais baseadas no desenvolvimento natural das crianças; *Book for Mothers* (1803), na qual ele fornece diretrizes para a educação infantil; e *The Evening Hour of a Hermit* (1780), em que reflete sobre suas crenças filosóficas e pedagógicas. Essas obras foram fundamentais para a evolução da pedagogia e continuam a ser estudadas e aplicadas até os dias de hoje.

¹⁸⁵ Nicola Abbagnano destaca que os dois ramos da pedagogia se uniram pela primeira vez no século XVII, graças a G. A. Comênio, que procurou integrar, no campo da pedagogia, a organização metodológica que Francis Bacon havia proposto para as outras ciências. Para isso, Comênio elaborou um sistema pedagógico completo, fundamentado no princípio da pansofia, que partia das reflexões sobre os fins da educação para chegar ao estudo dos meios e instrumentos didáticos. A partir de Comênio, a experiência pedagógica do Ocidente foi se enriquecendo e se aprofundando, com várias tentativas de descobrir novos métodos educacionais. As obras de Locke, Rousseau, Pestalozzi e Fröebel são fundamentais nesse contexto, especialmente por esses autores terem combinado os métodos educacionais com as novas concepções filosóficas que estavam surgindo. Pode-se assim dizer que Locke representa a pedagogia do empirismo, Rousseau, a pedagogia do iluminismo, Pestalozzi, a pedagogia do criticismo e Fröebel, a pedagogia do romantismo. No entanto, a organização científica da pedagogia deve muito a Herbart, que foi o primeiro a distinguir e integrar os dois ramos da tradição pedagógica em um sistema coerente. Herbart diferenciou os fins da educação (que a pedagogia deve extrair da ética) e os meios educacionais (que a pedagogia deve extrair da psicologia), buscando elaborar, de forma distinta e correlata, essas duas partes essenciais (*Allgemeine Pädagogik*, 1806; *Umriss Pädagogischer Vorlesungen*, 1835). Fonte: Abbagnano, *Dicionário de Filosofia*, p. 748.

Magalhães. O orador fez reviver brilhantemente, diante do numeroso auditório¹⁸⁶ constituído principalmente pelo magistério oficial e particular, os vários aspectos da ação apostolar daquele que dizia “viver como mendigo para ensinar os mendigos a viver como homens”, e que foi o iniciador da verdadeira educação popular, tendo elevado o trabalho e a abnegação a fatores primordiais de toda a educação (ABE, Boletim, jan./fev. 1927, p. 7).

Um ano antes, a revista *Pour l'Ère Nouvelle* (1926, n. 22, p. 129) informava aos leitores, com antecedência, como o Centenário de Pestalozzi seria celebrado não apenas na Suíça, mas também na Itália, na Espanha e em Portugal. Na nota lê-se também que Giuseppe Lombardo-Radice estaria preparando uma edição especial extra de sua revista *L'Educazione Nazionale* sobre o tema. A revista *Nueva Era*, alinhada à Liga Internacional para a Educação Nova (LIEN), replicou a mesma informação da *Pour l'Ère Nouvelle*, na edição de agosto de 1926, para os leitores argentinos.

No ano seguinte, na edição de fevereiro de 1927, a *Pour l'Ère Nouvelle* foi totalmente dedicada a Pestalozzi. Nesta edição, Ferrière escreveu sobre o argumento: Pestalozzi e a Educação Nova. Na mesma revista, publicou texto que apresentou Pestalozzi e as Cartas sobre a educação inicial. Na sequência, a revista fez circular as informações sobre a celebração do Centenário de Pestalozzi na Suíça, na Itália, na Espanha, na Inglaterra, na Alemanha e na França. Por fim, apresentou aqueles que se inspiravam no trabalho de Pestalozzi na França, na Áustria, na Hungria, nos Estados Unidos. Pestalozzi e as Cartas sobre a educação inicial trata-se do trabalho pelo qual Pestalozzi foi reconhecido, ainda em vida, como uma referência na pedagogia moderna. Segundo Valdemarin (2023, p. 10), “a transformação social e a diminuição das desigualdades sociais conduzem boa parte das cartas, com ressonância em Jean-Jacques Rousseau”.

O texto Pestalozzi e a Educação Nova, escrito por Ferrière na *Pour l'Ère Nouvelle*, ocupou dez páginas (1927, n. 25). Para além de destacar o legado de Pestalozzi, o texto de Ferrière oferece uma visão sobre os pontos que refletiam a influência profunda de Pestalozzi na Escola Nova, destacando como suas ideias sobre moralidade, desenvolvimento pessoal, integração prática e crítica social foram incorporadas e ampliadas pelos reformadores da Escola Nova. Ferrière era articulador e defensor da Educação Nova, destacava a importância das ideias do movimento ao reforçar que a educação não devia apenas seguir padrões tradicionais, mas

¹⁸⁶ A sessão solene da Associação ocorreu no salão de Congregação da Escola Politécnica. Participaram: Barbosa de Oliveira, como Presidente em exercício, que abriu a sessão e convidou o Reitor da Universidade do Rio de Janeiro, Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, para presidi-la. Também foram convidados para compor a mesa o Diretor Geral da Instrução Pública, Dr. Fernando de Azevedo, o representante do Diretor do Departamento Nacional do Ensino, Dr. Arthur Pereira da Mota, o Vice-diretor da Escola Politécnica, Dr. Tobias Moscoto, e o encarregado dos negócios da Suíça, Sr. Charles Redard. Fonte: Boletim da ABE, 1927, p. 7.

devia também fomentar a formação do caráter e a busca pelo aprimoramento contínuo. Em sua visão, como demonstrado na revista “Pour l’Ère Nouvelle”, os princípios de Pestalozzi são fundamentais para construir um sistema educacional que não apenas ensine conteúdos, mas que forme indivíduos capazes de pensar criticamente e agir moralmente.

Conforme anunciado pela revista Pour l’Ère Nouvelle, e seguindo na mesma linha, a revista italiana L’Educazione nazionale: organo di studio dell’educazione nuova, fundada e dirigida por Giuseppe Lombardo-Radice, publicada entre 1919 e 1933, deu espaço para a pauta do Centenário. No começo do ano de 1927, por iniciativa de Lombardo-Radice, foi editada a série Cadernos Pestalozzianos. O primeiro volume trazia ensaios de diversos autores, incluindo Adolfo Ferrière e Gino Ferretti, sob o título “O nosso Pestalozzi”. Os volumes seguintes exploraram temas como Pestalozzi e a cultura italiana, com contribuições de pesquisadores como Ernesto Pelloni, Luisa Ceccanti, Augusta Ciano, Adamo Porcelli e outros, abordando diferentes aspectos da influência e legado de Pestalozzi na pedagogia e cultura italiana (L’Educazione Nazionale, fev. 1927, p. 73-74). Ainda na mesma edição da revista, Radice trouxe informações das celebrações ocorridas na Suíça e na Alemanha.

Giuseppe Lombardo-Radice (1879-1938), pedagogo e filósofo italiano e membro proeminente da Liga Internacional para a Educação Nova (LIEN), por nomeação do ministro Giovanni Gentile¹⁸⁷, em 1922-23, assumiu a direção geral das escolas elementares, colaborando na reforma da escola italiana. Em 1924, demitiu-se dos cargos ministeriais em protesto contra o fascismo. No entanto, o seu trabalho dedicado aos professores do ensino básico deixou vestígios importantes e duradouros para além das fronteiras italianas, como na Suíça, Espanha, Europa Central e no Adriático Norte, pois ele mantinha contatos internacionais com vários acadêmicos, dentre os quais Adolphe Ferrière e Lorenzo Luzuriaga.

Radice tinha a sua ideia de escola serena e desempenhou um papel importante no movimento internacional da Educação Nova. O pedagogo italiano também colaborou em uma revista brasileira, A Escola Primária, em 1932¹⁸⁸. O texto foi transcrito por Firmino Costa. No texto ele enfatiza a importância da colaboração entre professores, afirmando: “A vida da escola é compreendida como colaboração do aluno e do mestre, colaboração recíproca dos alunos e

¹⁸⁷ Giovanni Gentile (1875-1944) foi um filósofo, pedagogo e político italiano, além de Ministro da Educação Pública do governo Mussolini de 1922 a 1924. Durante seu mandato, ele implementou uma série de reformas educacionais que ficaram conhecidas como “Reforma Gentile”. Essas reformas reorganizaram o sistema educacional italiano, enfatizando o ensino clássico e humanista. Diferentemente de muitos de seus contemporâneos, Gentile apoiou o fascismo de Mussolini, vendo nele uma oportunidade de implementar suas ideias filosóficas e educacionais. Ele permaneceu leal ao regime até o fim da sua vida. Foi assassinado em 1944 por um grupo partidário florentino aderente aos GAP (Grupos de Ação Patriótica, de inspiração comunista).

¹⁸⁸ Material publicado na revista “A Escola Primária”, de maio de 1932, na página 37 dos números 2 e 3, traduzido por Firmino Costa, disponível na Hemeroteca Nacional Digital.

colaboração dos professores” (Radice, 1932, p. 37). Essa visão reforça a ideia de que a troca de experiências e o apoio mútuo são fundamentais para a melhoria do ensino. A promoção de um ambiente escolar colaborativo, onde os educadores assistem às aulas uns dos outros e compartilham práticas, é essencial para criar um espaço de aprendizado dinâmico e enriquecedor. Assim, a colaboração não apenas eleva a qualidade das aulas, mas também fomenta um espírito de comunidade e inovação, elementos cruciais para a transformação educacional.

A Revista de Educación, publicada na Argentina, na edição de março e abril de 1927, também publicou material sobre o Centenário de morte de Pestalozzi trazendo os dados biográficos do pedagogo, trechos da obra Como Ensina Gertrudes e a Carta Quinta de Pestalozzi, ocupando quase 30 páginas do impresso (1927, p. 271-299).

Para além disso, percebe-se que as ideias de Pestalozzi estavam inseridas no contexto da Escola Nova especialmente no que diz respeito à educação integral do indivíduo. Pestalozzi acreditava que a formação moral e intelectual só pode ser alcançada quando o ser humano se desenvolve a partir de seus próprios esforços e reflexões internas. Pestalozzi defendia que o progresso humano estaria relacionado à autonomia moral, onde o indivíduo não é mais refém de seus instintos ou das imposições sociais, mas é guiado por sua própria lei interna. Isso se alinha às ideias da Escola Nova, que promove a educação voltada para o desenvolvimento integral do aluno, respeitando sua individualidade e autonomia.

O exercício de ver as publicações pela lente da pauta do Centenário de Pestalozzi é uma forma de perceber a circulação das ideias pelos impressos com uma abrangência bastante alargada, perpassando vários países. Mapear e perceber o movimento das ideias acerca de Pestalozzi e de seu legado não se limita a identificar sua presença nas discussões pedagógicas, mas configura um exercício analítico para perceber como as associações educacionais, como a ABE, e outras associações congêneres ao redor do mundo atuavam como redes transnacionais de circulação de ideias. Essas associações não apenas disseminavam debates sobre a renovação pedagógica, mas também funcionavam como dispositivos políticos, culturais e educativos.

A pauta do Centenário de Pestalozzi, portanto, evidencia como esses espaços transcenderam fronteiras nacionais, promovendo um intercâmbio ativo de ideias e de práticas pedagógicas. Nesse contexto, os impressos emergem como veículos centrais dessa circulação, conectando educadores e associações em um diálogo contínuo sobre os fundamentos e as direções da educação moderna.

O movimento educacional: o mapeamento da educação global¹⁸⁹ organizado pelo BIE

Uma outra publicação importante que a ABE recebia trata-se do boletim do Bureau International de l'Éducation, uma publicação regular do BIE. Este impresso é citado nas atas da ABE e, inclusive, teve páginas reproduzidas na íntegra em algumas edições do Boletim da Associação, entre os anos de 1926 e 1928, acolhendo e divulgando pautas, debates, literatura e assuntos relacionadas à renovação pedagógica. Esse impresso apresentava a seção *Le Mouvement Éducatif* (O Movimento Educacional), que publicava dados educacionais de diversos países, com análises sobre tendências e desenvolvimentos no campo da educação, destacando as iniciativas e mudanças educacionais em diversos países. Tal coluna aparecia em todas as edições, organizada em ordem alfabética por país, o que facilitava a leitura e a consulta por parte dos leitores. O BIE se preocupava com a organização sistemática das informações, pois os dados referentes a cada país apresentavam uma classificação numérica própria, facilitando o acesso à informação e a comparação. De acordo com Rita Hofstetter e Bernard Schneuwly:

Durante a década imediatamente posterior à guerra, o IBE foi de fato um emblema significativo do poder de mobilização da sociedade civil, pois se esforçou para se destacar como um órgão federativo para associações internacionais que aspiravam construir a paz universal por meio da educação. Desde 1929, estabelecido como uma organização intergovernamental independente, a primeira no campo da educação, ele vinha se esforçando pela universalidade de seus parceiros estaduais, a fim de melhorar os sistemas educacionais com eles. O internacionalismo do qual ele alegava fazer parte visava trabalhar em escala global para universalizar o acesso à educação e definir métodos de ensino universalizáveis: um internacionalismo educacional do qual ele pode ser considerado a matriz. Seria uma matriz por meio dos novos modos de colaboração e troca que o Bureau estabeleceu: a objetividade e a neutralidade que seus fundadores incluíram nos estatutos do Bureau desde o início constituíram para eles as ferramentas para a ação internacional em sistemas educacionais, a preservação das nações (Hofstetter; Schneuwly, 2024, p. 04, tradução nossa).¹⁹⁰

Ao caracterizá-lo como matriz, os autores indicam que o BIE não apenas foi um ponto

¹⁸⁹ O termo global aqui refere-se a ideia de mapear e organizar os princípios educacionais adotados em diferentes nações naquele momento.

¹⁹⁰ Texto original: “During the immediate post-war decade, the IBE was indeed a significant emblem of the mobilising power of civil society, as it strove to stand out as a federating body for international associations that aspired to build universal peace through education. Since 1929, set up as an independent intergovernmental organisation, the first in the field of education, it had been striving for the universality of its state partners, in order to improve education systems with them. The internationalism of which it claimed to be a part aimed to work on a global scale to universalise access to education and to define universalisable teaching methods: an educational inter-nationalism of which it can be considered to be the matrix. It would be a matrix through the new modes of collaboration and exchange that the Bureau established: the objectivity and neutrality its founders included in the statutes of the Bureau from the outset constituted for them the tools for international action on education systems, the preserve of nations”.

de partida para o desenvolvimento de colaborações e trocas entre nações no campo educacional, mas também estabeleceu modelos, princípios e práticas que influenciaram instituições e iniciativas futuras, como a UNESCO.

Ainda, no que diz respeito à estrutura do Boletim do BIE, havia também uma seção intitulada *Fiches Bibliographiques* (Fichas Bibliográficas), que fornecia uma lista de bibliografias relevantes, com referências e fontes de pesquisa destinadas a leitores que buscavam informações sobre tópicos educacionais específicos. Além disso, o boletim reservava um espaço para divulgar as *Activités du Bureau et de la Division des Recherches* (Atividades do Bureau e da Divisão de Pesquisas), em que eram relatadas as pesquisas conduzidas pelo BIE, incluindo projetos, estudos e investigações sobre temas educacionais. Outra seção importante era a *Division de l'Information* (Divisão de Informação), dedicada à coleta, análise e disseminação de informações educacionais. Na capa interna e externa, o Boletim do BIE encerrava cada edição destacando as publicações do Bureau International d'Éducation (BIE).

Além dos Boletins, o BIE tinha publicações diversas, como Relatórios, Anuários e Documentos de Conferências. Tal conjunto de impressos elaborados pelo BIE pode representar uma estratégia de promoção do próprio BIE, que visava promover e melhorar a educação globalmente, ajudando a desenvolver políticas e práticas educacionais eficazes. Também facilitava da cooperação internacional entre países e instituições educacionais, promovendo o intercâmbio de informações e melhores práticas.

Aqui, é importante destacar que o trabalho do BIE e a intrincada rede de associações e organizações dedicadas à missão de preservar a paz mundial, conforme analisado por Hofstetter e Schneuwly, enfrentaram desafios significativos. Um dos principais obstáculos para os gestores do BIE era lidar com a grande quantidade de informações em múltiplos idiomas, os altos custos (tanto de aquisição quanto de envio), e a limitação de recursos humanos e linguísticos (com apenas três a quatro pessoas responsáveis por gerenciar entre quatro e dez idiomas), além da restrição de espaço para armazenamento de publicações e informações. Conforme os autores observam, “ao longo do tempo, os periódicos foram cada vez mais integrados às bibliografias temáticas; as negociações para reduzir custos de compra e envio de publicações foram intensificadas, e o recurso a correspondentes externos para a tradução de documentos produzidos pelo BIE se tornou mais frequente” (Hofstetter; Schneuwly 2024, p. 209, tradução nossa).

De acordo com Hofstetter e Schneuwly (2024), os Boletins do BIE, publicados trimestralmente entre 1925 e 1968, totalizando 172 edições, foram fundamentais para a atividade da coleção, funcionando como um núcleo de centralização, síntese e disseminação de

informações. Eles permitiram que inovações e publicações de diversas partes do mundo fossem reunidas e destacadas. O que estava sendo realizado e documentado na União Soviética, Estados Unidos, China, Ásia, Japão, América Latina e Oceania era registrado de maneira paralela, embora a Europa tivesse um destaque particular. As informações eram fornecidas pelos centros nacionais do BIE e por parceiros globais, como colegas, associações e ministérios, ou coletadas pelos membros do secretariado do BIE, que assinavam a maioria dos principais periódicos educacionais. Posteriormente, esses dados eram selecionados e sintetizados, geralmente organizados por país ou por temas abordados.

A ABE se correspondia com o BIE, conforme já evidenciado, através do envio de correspondências e recebimento de boletins e materiais de divulgação do Bureau e pelos textos publicados nos boletins da ABE. Uma carta enviada para a ABE, por Alduino Estrada, indica parte dessa relação: “Na qualidade de redator da Revista Escolar¹⁹¹, solicito que me sejam enviados os escritos e demais comunicados recebidos do BIE, de Genebra, para divulgar na Revista” (ABE, Carta, 11/04/1927). A professora Laura Jacobina Lacombe pode ser vista aqui como o ponto de contato atuante entre o BIE e a ABE. Ela já havia feito várias viagens à Europa, foi aluna no Instituto Jean Jacques Rousseau (IJJR) e teve espaço no Congresso de Locarno. Na ata da ABE do mês de abril de 1928 registra-se que Laura Lacombe era a correspondente do BIE:

A Srta. Laura Lacombe enviou à mesa a seguinte nota: Tendo sido fundado o Bureau International d'Éducation (BIE) em 1926, ainda durante a vida do Dr. Lyra, este reconheceu que seria vantajoso para a A.B.E. se associar ao Bureau. Em 1927, na 1ª Assembleia do BIE, foi proposto a criação de centros nacionais correspondentes ao Bureau ou a utilização de associações já existentes para esse fim. A Diretoria da A.B.E., sob a presidência do Prof. Labouriau, decidiu que a Associação poderia atuar como correspondente do BIE, exceto em relação a duas cláusulas, que foram devidamente comunicadas ao Bureau. Por intermédio do BIE, a A.B.E. recebeu uma mensagem das crianças do País de Gales e celebrou localmente o “dia da boa vontade.” Há planos para celebrar novamente essa data, com a transmissão de uma mensagem pelas crianças cariocas. A A.B.E. enviará em breve uma tradução dos relatórios dos presidentes de seção sobre os trabalhos realizados em 1927, para inclusão nos Anais do BIE Também foi decidido que a A.B.E. pagará ao Bureau a contribuição de 20 francos suíços (ABE, Ata, 1928).

¹⁹¹ A Revista Escolar teve início em janeiro de 1925 e editou o último número em setembro de 1927, totalizando 33 exemplares de periodicidade mensal. A impressão era feita pela tipografia Siqueira, estabelecimento comercial que prestava serviços para o governo do Estado, editando, por exemplo, os Anuários de Ensino deste Estado de São Paulo (Razzini, 2006) e livros escolares. Sobre os editores da RE, João Pinto e Silva sempre esteve à frente da revista, todavia, houve momentos em que dividiu essa tarefa com Augusto R Carvalho, Jose Veiga, Alduino Estrada e Antônio Faria. Fonte: Silva, R. P. A., & Toledo, M. R. A. (2023). A Revista Escolar como espaço de disputa e legitimação do discurso: Convergência na divergência de ideias (1925-1927). Revista Brasileira de História da Educação, 23. DOI: <http://doi.org/10.4025/rbhe.v23.2023.e275>

Mignot e Pires (2019) indicam que, em certa medida, tal empenho em divulgar essas ações era uma estratégia maior dos educadores europeus, no período entreguerras, que se articulavam com autoridades, associações do magistério, associações sindicais de alguns países da Europa e América, com o objetivo de educar as novas gerações.

Entre os anos de 1943 e 1947, período em que foram editados os Boletim do BIE a que tive acesso em formato físico, na Biblioteca Pública de Torino, o Brasil é citado algumas vezes na coluna Movimento Educacional. Entre os dados citados sobre a educação no Brasil, destaco o Boletim número 73, de 1944, sobre as reformas escolares:

[...] enquanto em 1932 o ensino secundário contava com apenas 15.000 alunos, o meio milhão foi alcançado dez anos depois. O Ministério da Educação está particularmente preocupado com uma melhor organização desse ensino e, há alguns anos, realiza uma revisão completa da legislação a ele relacionada. As reformas planejadas abordam, entre outras, as seguintes questões: a) democratização dos estudos secundários; b) equivalência entre os cursos de ensino secundário geral e os cursos de ensino profissional; c) acesso às universidades para todos os talentos, mesmo que não tenham seguido estudos regulares durante a idade escolar; d) orientação educacional e profissional. Para garantir a equivalência entre os diversos tipos de escolas de ensino secundário, prevê-se a organização de dois ciclos, um de quatro anos e outro de três anos, de forma que todos os cursos, sejam eles de ensino industrial, comercial, agrícola ou normal, comecem por um ciclo de estudos de cultura geral (Bulletin du BIE, 1944, n. 73, tradução nossa).¹⁹²

Já em 1945, o Boletim de número 74 publica um texto dando a informação de que o estado do Ceará vai criar uma missão escolar com técnica agrícola. Também destaca a nova revista pedagógica, dirigida por Lourenço Filho:

Revistas pedagógicas (BIE). Uma nova revista pedagógica. O Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos do Ministério da Educação Pública tem publicado desde julho de 1944 uma revista pedagógica mensal intitulada Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Dirigida pelo professor Lourenço Filho, a nova publicação, que é publicada no Rio de Janeiro, contém artigos psicopedagógicos, uma revisão da atividade dos principais órgãos do Ministério e uma seção bibliográfica (Bulletin du BIE, 1945, n. 74, tradução

¹⁹² Texto original BIE: “Projets de réforme. BRÉSIL. Enseignement du 2d degré. — Réforme scolaire (B.I.E.). Alors qu'en 1932, l'enseignement du 2d degré comptait à peine 15.000 élèves, le demi-million était atteint dix ans plus tard. Le ministère de l'Éducation se préoccupe tout particulièrement d'une meilleure organisation de cet enseignement et procède depuis quelques années à une révision complète de la législation le concernant. Les réformes envisagées visent entre autres les questions suivantes : a) démocratisation des études secondaires ; b) équivalence entre les cours d'enseignement secondaire général et les cours d'enseignement professionnel ; c) accès aux universités de tous les bien-doués, même s'ils n'ont pas suivi d'études régulières pendant l'âge scolaire ; d) orientation éducative et professionnelle. Pour assurer l'équivalence entre les divers types d'écoles du second degré, on prévoit l'organisation de deux cycles, l'un de quatre ans, l'autre de trois ans, de façon que tous les cours, qu'ils soient d'enseignement industriel, commercial, agricole ou normal, commencent par un cycle d'études de culture générale”.

nossa).¹⁹³

Ainda em 1945, uma nota cita a ABE e o Congresso Pedagógico:

A Associação Brasileira de Educação realizou suas sessões anuais no mês de junho, no Rio de Janeiro. Entre os temas inscritos na ordem do dia, estavam os seguintes: Conceito e objetivos da educação democrática; liberdade de pensamento, condição primordial da educação democrática; formação do jovem brasileiro como cidadão e trabalhador de um Estado democrático; obrigações e limites da intervenção do Estado em matéria educativa; gratuidade da instrução pública em todos os níveis; educação da população rural; autonomia universitária; formação democrática do corpo docente; educação visando a cooperação internacional e a fraternidade humana; características da educação totalitária (Bulletin du BIE, 1946, n. 79, tradução nossa).¹⁹⁴

O Congresso Pedagógico ocorrido em junho de 1945 e citado no Boletim do BIE refere-se ao IX Congresso Brasileiro de Educação, promovido pela ABE, que naquele ano, no Rio de Janeiro, tratou do tema Educação Democrática, como já mencionado no capítulo anterior.

Em 1946, outra nota interessante é publicada no Boletim número 79, sobre uma exposição de arquitetura escolar:

Exposição de arquitetura escolar. Edifício escolar (BIE). Uma exposição de arquitetura escolar brasileira ocorreu nas instalações do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, no Rio de Janeiro. Ela incluiu mais de 500 fotografias, cerca de cem plantas e uma dúzia de maquetes de edifícios escolares construídos desde 1930. O material estava organizado de acordo com as quatro regiões do país, proporcionando uma visão das tendências regionais em termos de arquitetura, materiais utilizados e elementos decorativos (Bulletin du BIE, 1946, n. 79, tradução nossa).¹⁹⁵

A divulgação de iniciativas regionais, como a missão escolar no Ceará e a valorização da arquitetura escolar, pode ser relacionada com a ideia de renovação pedagógica. Além disso,

¹⁹³Une nouvelle revue pédagogique. Revues pédagogiques (B.I.E.). L'Institut national d'études pédagogiques du ministère de l'Éducation publique fait paraître depuis le mois de juillet 1944 une revue pédagogique mensuelle intitulée Revista Brasileira de Estudos Pedagogicos. Dirigée par le professeur Lourenzo Filho, la nouvelle publication, qui paraît à Rio de Janeiro, contient des articles psycho-pédagogiques, une revue de l'activité des principaux organes du Ministère et une section bibliographique.

¹⁹⁴Texto original BIE: “Un congrès pédagogique. Congrès (B.I.E.). L'Association brésilienne d'éducation a tenu au mois de juin ses assises annuelles à Rio de Janeiro. Parmi les sujets inscrits à l'ordre du jour se trouvaient les suivants: conception et buts de l'éducation démocratique; liberté de pensée, condition primordiale de l'éducation démocratique; formation du jeune Brésilien en tant que citoyen et travailleur d'un État démocratique; obligations et limites de l'intervention de l'État en matière éducative; gratuité de l'instruction publique à tous les degrés; éducation de la population rurale; autonomie universitaire; formation démocratique du personnel enseignant; éducation en vue de la coopération internationale et de la fraternité humaine; caractéristiques de l'éducation totalitaire”.

¹⁹⁵Texto original BIE: Exposition d'architecture scolaire. BRÉSIL. Bâtiment scolaire (BIE). Une exposition d'architecture scolaire brésilienne a eu lieu dans les locaux de l'Institut national d'Études pédagogiques de Rio de Janeiro. Elle comprenait plus de 500 photographies, une centaine de plans et une douzaine de maquettes de bâtiments scolaires construits depuis 1930. Le matériel était groupé d'après les quatre régions du pays et donnait une idée des tendances régionales au point de vue de l'architecture, des matériaux employés et des éléments décoratifs.

os Boletins do BIE consultados dão espaço a nomes relacionados ao movimento internacional da Escola Nova, como Adolpho Ferrière, William Heard Kilpatrick, John Dewey, Lorenzo Luzuriaga, entre outros, que circularam nesses boletins, tanto nos trabalhos desenvolvidos, quanto como indicados como leituras importantes pertinentes ao tema.

Embora as iniciativas descritas pareçam apontar para um esforço coletivo sintonizado em prol da renovação pedagógica e da educação pela paz, é interessante pensar que tal panorama pode ocultar contradições, disputas de poder, de campo de atuação e de limitações práticas que podem nos fazer pensar sobre questões como a eficácia e a universalidade desse ideal internacional. Em outras palavras, sobre essa visão idealizada de cooperação e renovação pedagógica, a realidade talvez fosse mais complexa, repleta de desafios e contradições.

2.2 BIBLIOTECAS, CONHECIMENTO E AS EXPOSIÇÕES DE LIVROS DA ABE: FORMAS DE ACESSAR, FORMAS DE APRENDER

No interior do Brasil está latente a sua redenção. Preparar o coração do país educando sua gente, eis no que pensa a ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO (ABE, Envelopes da Associação entre 1929 e 1931).

A epígrafe que abre este tópico faz referência a um dos lemas da Associação Brasileira de Educação (ABE) amplamente difundido nos anos 1930. Lemas como esse apareciam não apenas em jornais e revistas, mas também nos envelopes que a ABE usava para enviar documentos, cartas e outros materiais administrativos. A instituição lançou mão de várias estratégias para discutir temas educacionais, entre elas as exposições de objetos escolares que marcaram boa parte de sua história. Essas exposições incluíam temas escolares, pedagógicos, de brinquedos, de arquitetura, de estatística e de livros.

Como apontam vários pesquisadores¹⁹⁶, as exposições e o repertório pedagógico apresentado por elas seguiam como modelo, guardadas as devidas proporções, as Exposições Universais¹⁹⁷, que foram as vitrines (Pesavento, 1997) para as demonstrações de progresso das civilizações. Em relação à educação, Agustín Escolano Benito (2018) aponta o tema das

¹⁹⁶ Sobre Exposições Universais ver: Plum, 1979; Barbuy, 1996; Pesavento, 1997; Khulmann Jr., 2001; Escolano Benito, 2001; Khulmann Jr., 2004; Souza E Gaspar Da Silva, 2016; Escolano Benito, 2017; Sanjad, 2017; Allgayer, 2020.

¹⁹⁷ O século XIX, a partir da segunda metade, apresentava uma conjuntura de aceleração e ampliação do processo de industrialização movida pelas estratégias de expansão imperialista do capitalismo, projeto hegemônico centrado na Europa. Trazia os primeiros fenômenos de massa, a metropolização das cidades e com isto, as multidões e novas experiências e sensações. A partir de 1851, realizavam-se as primeiras exposições universais, que se constituíam na mais condensada representação material do projeto capitalista de mundo. Reuniam, num mesmo espaço, representações das regiões em expansão (países europeus e Estados Unidos emergentes), das regiões sob pleno regime colonial e das regiões distantes (do ponto de vista imperialista), promissoras fontes de matérias-primas, como a América Latina. Fonte: Heloisa Barbuy, 1996, p. 211.

Exposições Universais como um campo de alto valor testemunhal para os historiadores da cultura empírica da escola. Para o autor, as exposições deram publicidade e visibilidade social às primeiras representações do mundo contemporâneo.

Sob essa chave de leitura pode-se refletir acerca da ideia de que o mundo ocidental teria sido classificado e ordenado por produtos atrelados à noção de civilização. A educação passou a ser inserida nestes grandes e regulares eventos das Exposições Universais auxiliando a moldar a forma de exibir e ver o mundo. De acordo com Khulmann Júnior, “a educação esteve presente em todos (os eventos), desde 1862, em Londres, quando ganhou espaço para figurar ao lado da exibição industrial e artística e da demonstração de novidades tecnológicas” (2001, p. 9).

Uma outra conexão possível com o tema das exposições de livros infantis está ligada ao movimento de formação de bibliotecas, especialmente as bibliotecas escolares, que se consolidou nos anos de 1930, associada ao ideário da Escola Nova. Essas iniciativas podem refletir uma possibilidade de acesso ao livro, mas também se integravam a uma estratégia maior de transformação educacional e social. À luz de Rosa Fátima de Souza,

[...] os renovadores da Escola Nova no Brasil – educadores e intelectuais que se dedicaram a publicizar os princípios da pedagogia moderna por meio de diferentes estratégias, como Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Anísio Teixeira, Carneiro Leão, Mário Casassanta, entre outros – a reorganização radical do sistema educacional brasileiro passava não apenas pela mudança dos métodos pedagógicos, mas, também, pela finalidade social da escola. Por um lado, cabia a ela adaptar as crianças às necessidades da sociedade moderna, entendida como uma civilização em mudança; por outro lado, ela deveria constituir-se em elemento transformador do meio social, abrindo-se à comunidade e intervindo nos processos sociais. Dessa maneira, **era justificada a relevância das instituições auxiliares da escola – bibliotecas, museus, cooperativas, associações de pais e mestres, caixa escolar, clubes de leitura, assistência médica e dentária, pelotões de saúde, ligas de bondade, entre outras** –, e a adoção de um aparelhamento escolar mais sofisticado, incorporando inclusive as novas tecnologias da comunicação (Souza, 2013, p. 109, grifos nossos).

Diana Vidal (2001) evidenciou em sua tese de doutoramento que durante a administração de Fernando de Azevedo (1927-1930) e de Anísio Teixeira (1931-1935), na Instrução Pública do Distrito Federal, ambos os educadores enfrentaram de maneira diferente os anseios da renovação educacional carioca. Um dos dispositivos usado por eles foi a constituição de uma biblioteca que auxiliasse na formação escolar e na prática docente. Por isso, Fernando de Azevedo, entre outras coisas, organizou bibliotecas escolares: “A partir de 1928, cada escola primária carioca era obrigada a manter duas bibliotecas escolares: uma para alunos e outra para professores” (Vidal, 2001, p. 158). Já Anísio Teixeira criou a Biblioteca Central de Educação (BCE), em 1932, e a Biblioteca Infantil, em 1934. Também ampliou o acervo da Biblioteca da

antiga Escola Normal. Ainda, Vidal esclarece que tanto Azevedo quanto Teixeira promoveram “ações que modificaram significativamente a composição do acervo bibliotecal [...] e modelaram as práticas de leitura, em que o livro e a biblioteca assumiram um lugar privilegiado nas relações espaciais, temporais e pedagógicas da escola” (Vidal, 2000. p. 30).

Vidal, ainda na tese, dedica um capítulo especial às bibliotecas, mencionando as principais obras que foram utilizadas na formação das normalistas e apresentando uma ampla quantidade de dados sobre o acervo bibliográfico do Instituto de Educação do Distrito Federal. Ao enfatizar a relevância da leitura no processo de aprendizagem promovido pela Escola Nova, a autora examina a presença dos livros nas escolas primárias tanto do Instituto quanto em todo o país. De acordo com a autora, o livro deixou de ser considerado um mero depósito de dados abstratos, passou a ser visto pelos reformadores como um elemento que integrava experiência e conhecimento. Deveria estar sempre disponível, em grande quantidade, para os alunos. Dentro da perspectiva da Escola Nova, as bibliotecas, portanto, assumiram um novo papel pedagógico. A partir da leitura de Vidal ainda é possível perceber a evolução do acervo bibliográfico ao longo da década de 30, indicando uma resposta às transformações no pensamento educacional. O foco em áreas como Psicologia, Ciências Sociais e Biologia sugere a busca por uma educação mais integrada e multidisciplinar. Vidal ainda aborda as práticas da leitura e a experiência do aprendizado.

Entre os anos de 1930 e 1940, a educação no Brasil passava por reformas significativas. Olhando pelos princípios do movimento da Escola Nova, a literatura infantil, no contexto, foi vista como uma ferramenta pedagógica essencial para o desenvolvimento infantil e a formação moral e cívica das crianças. Nesse sentido, as exposições de livros infantis e a criação de biblioteca infantil também se conectam à concepção de infância semelhante à defendida pelo movimento da Escola Nova. Essa visão destacava a capacidade das crianças de interagirem e construir conhecimento de forma ativa, fundamentada em estudos da chamada Psicologia Experimental - que enxergava as crianças como seres capazes de interagir com o conhecimento de forma ativa, construindo seu próprio entendimento do mundo. Esse ativo não se refere somente ao movimento, mas também a uma nova atitude na forma de aprender. Vidal explica que o aluno, “assim mesmo sentado e em silêncio, poderia estar ativamente envolvido com a aprendizagem” (Vidal, 2001, p. 202).

Aline Santos Costa¹⁹⁸, em sua tese de doutorado, investigou a disciplina de Literatura

¹⁹⁸ Ver o trabalho “A conformação da disciplina de literatura infantil no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1938)”, de autoria de Aline Santos Costa, que investigou o processo de institucionalização da disciplina de

Infantil (1932-1938) no Instituto de Educação, à época no Distrito Federal, destacando que o papel de intelectuais e educadores que defenderam a inclusão dessa disciplina como parte da reforma educacional que buscava modernizar e democratizar o ensino, foi fundamental:

esses debates sobre a literatura infantil e a preocupação com a criação de bibliotecas infanto-juvenis similares às já existentes em países como França, Inglaterra e Estados Unidos da América ocorreram principalmente entre os educadores vinculados à Associação Brasileira de Educação (ABE). Fizeram parte deste debate a professora Juraci Silveira, a poetisa Cecília Meireles, os educadores Anísio Teixeira e Lourenço Filho e a professora Elvira Nizynska da Silva (Costa, 2011, p. 21).

De fato, a ABE, desde a sua fundação, estava atenta à formação de uma biblioteca que atendesse às necessidades dos professores, intelectuais, médicos, engenheiros e demais interessados na organização do ensino no Brasil. A ABE acreditava que o livro era um material pedagógico essencial para os professores, que ensinava a ensinar. Na sequência, a Associação ocupou-se em pensar a leitura e a literatura para as crianças e adolescentes de modo que fosse adequada à idade ao gênero, e no sentido de despertar nelas o gosto pelo aprendizado. O relatório de atividades da ABE de 1937 registra dados da Biblioteca:

A Biblioteca da Associação estava com 3.000 volumes e o serviço de empréstimo livros certamente de grande relevância para os professores associados, entre os quais se contam numerosos especialistas de problemas educacionais. Por isso mesmo, a Biblioteca tende a enriquecer-se cada vez mais de obras fundamentais às técnicas escolares dos diversos graus (ABE, Relatório, 1937).

Também se encontram registros de intercâmbio de material, como livros e impressos pedagógicos, entre a ABE e associações congêneres, por meio de várias correspondências, como já evidenciado anteriormente nesta tese.

Levando em conta o seu interesse no tema, para além das exposições realizadas nas Conferências Nacionais de Educação, a ABE promoveu exposições de livros infantis, conforme os dossiês com cartas e relatórios dessas atividades preservados no acervo. Ainda conforme o relato de Arlette Pinto de Oliveira e Silva, professora da ABE, em um impresso alusivo ao 60º aniversário da Associação, a ABE se manteve fiel as suas finalidades e sobre as exposições.

literatura infantil no currículo do Instituto de Educação do Distrito Federal durante o período de 1932 a 1938. A pesquisa explora como a literatura infantil foi incorporada ao ensino, impulsionada pelas reformas educacionais inspiradas nos princípios da Escola Nova, que visavam modernizar a educação brasileira. O texto destaca o papel de educadores e intelectuais, como Cecília Meireles, que desempenhou uma função central na organização dos cursos de literatura infantil e na defesa da leitura como ferramenta essencial para o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. A investigação também reflete sobre a importância da literatura infantil no processo de formação de professores, enfatizando como a disciplina foi vista como um instrumento pedagógico vital para promover a formação moral e cívica nas escolas públicas dentro de um movimento maior de valorização da infância e da educação como bases para a construção de uma nova sociedade.

Assim afirmou:

[...] foram realizadas quatro exposições de Literatura Infantil, acompanhadas de guias de leitura para diferentes idades; duas de Arquitetura Escolar; uma de Brinquedos Educativos e uma de Educação Estatística. A ABE deu ainda uma colaboração efetiva na preparação da II Exposição de Educação Cartográfica e Estatística (Silva, ABE, Impresso, 1985, p. 5).

A I Exposição de Livros Infantis ocorreu em dezembro de 1930, no Rio de Janeiro. A exposição contou com livros de diferentes países, como China, Rússia, Estados Unidos, Espanha, França, Alemanha, Argentina e Uruguai. Também foram exibidos alguns exemplares de livros brasileiros, doados por editoras. A exposição contou com o apoio do Ministério das Relações Exteriores para o envio de informações e recebimento dos materiais. Houve mais três edições: a II Exposição, em 1931; a III Exposição Internacional, em 1934 e, por fim, a IV Exposição Internacional, em 1936. Nota-se que a partir da terceira edição o evento passou a ser denominado Internacional¹⁹⁹, embora o motivo dessa mudança não seja claro. Vale destacar, nesse sentido, que todas as exposições de livros contaram com material de outros países. Ainda, em 1936, a ABE promoveu uma Exposição de Livros Didáticos norte-americanos, oferecidos pelo Instituto Internacional de Educação dos Estados Unidos.

As exposições de livros infantis eram organizadas pela Seção de Cooperação da Família da ABE, que intentava estabelecer um diálogo entre educadores e as famílias de crianças em idade escolar. Silva (1985, p. 6) relatou que foi nessa seção em que o movimento que visava congregar pais e professores teve origem na ABE. Presidida pela educadora Armanda Álvaro Alberto²⁰⁰, a seção trabalhava com duas comissões: a “Comissão de Cinema” e a “Comissão de Leituras Infantis”. Ela também apresentou *Leitura para Adultos* na IV Conferência Nacional de Educação, promovida pela ABE em Fortaleza, no ano de 1934. Nessa Conferência, a

¹⁹⁹ Nas fontes originais arquivadas na ABE constam: I e II como Exposição de Livros Infantis, III e IV como Exposição Internacional de Livros Infantis. Fonte: ABE

²⁰⁰ Armanda Álvaro Alberto nasceu no Rio de Janeiro em 1892, vivendo parte da infância na Europa. Em 1919, organizou uma escola ao ar livre para os filhos de pescadores em Angra dos Reis baseando-se nos ideais montessorianos de educação. Em 1921, criou a Escola Proletária de Meriti, posteriormente, Escola Regional de Meriti, em Duque de Caxias. A escola destacou-se no cenário da época porque adotava métodos pedagógicos inovadores baseados nos interesses da criança e promovia, através dos Círculos de Mães, a integração da escola com a comunidade. Amanda teve intensa atuação na Associação Brasileira de Educação, foi sócia fundadora e integrava o Conselho Diretor e era presidente da Seção de Cooperação da Família. Liderou o debate sobre a política editorial de livros para crianças promovendo inquéritos de leituras, coordenando exposições de livros infantis, assinando manifestos em favor da melhoria das publicações destinadas ao pequeno leitor e defendendo a importância de uma política de bibliotecas populares e infantis. Foi signatária do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932. No mesmo ano, integrou a Comissão Cinematográfica do Ministério da Educação. Em 1935 presidiu a União Feminina do Brasil. Assim como seu marido, Edgar Sussekind de Mendonça, foi acusada de envolvimento com o movimento comunista e ficou presa por um período de 8 meses entre 1936/1937. À frente da sua escola até 1964, Armanda defendeu de forma intransigente uma escola de qualidade para todos, sem discriminação social, religiosa, sexual e racial. Armanda Álvaro Alberto morreu no dia 5 de fevereiro de 1974. Fonte ABE.

professora defendeu a necessidade de bibliotecas voltadas a atender o público operário. A educadora Armanda Álvaro Alberto teve presença destacada na ABE:

À frente da Seção de Cooperação da Família, promoveu inquéritos de leituras, produziu listas de leituras, exposição de livros infantis, encaminhou propostas ao poder público, enfim, uma série de atividades que a credenciaram como interlocutora privilegiada no interior da entidade e na sociedade. Propôs uma política de leitura que despertasse o gosto desta atividade, através de livros de bom nível que educassem o leitor. Liderou campanhas em favor das bibliotecas infantis. Reivindicou a ampliação do número, o aperfeiçoamento do seu funcionamento, a melhoria do acervo e a qualificação dos profissionais (Mignot, 1999, p. 92).

Partindo da ideia de história transnacional associada ao paradigma da transferência cultural, da conexão e da circulação - de ideias/objetos/sujeitos -, tais exposições podem auxiliar a perceber a circulação dos saberes, dos livros, de materiais e a rede de contatos mobilizada, tanto pelos integrantes da ABE como de outras entidades. Ainda, talvez seja possível identificar que atores faziam parte da rede de fornecedores que interage com a ABE.

As feiras internacionais de livros já ocorriam em alguns países da Europa. As exposições de livros infantis ocorriam dentro das grandes feiras. Na Itália, por exemplo, ocorreram Feiras Internacionais do Livro desde 1922. Um texto publicado no *Giornale della Libreria* (1932)²⁰¹ apresenta uma visão desses eventos. Segundo o jornal, a IV Feira Internacional do Livro, realizada em Florença, em 1932, com edições anteriores (realizadas em 1922, 1925, 1928), manteve o espírito cultural característico da cidade. Apesar de ser chamada de “Feira”, a periodicidade quadrienal e a intenção dos organizadores, em conjunto com a Federação dos Editores, conferem ao evento um caráter de Exposição, voltado para a revisão periódica da produção editorial internacional. O ambiente da feira é descrito como intimista, oferecendo aos especialistas e ao público em geral uma oportunidade de examinar a produção editorial de alta qualidade. Sobre a Feira, o autor comenta que a tradição cultural de Florença e a importância de fixar a duração da feira em 60 dias, entre os meses de abril e junho. Há também uma reflexão sobre o papel dos organizadores em destacar as particularidades da feira, o que ajudaria a diferenciá-la de outros eventos na Itália. Apesar das dificuldades da época, a lista de livrarias e editores mencionados reforça o prestígio e a abrangência internacional do evento, algo também

²⁰¹ O “*Giornale della Libreria*” foi publicado pela primeira vez em 1888 e continua a ser uma publicação ativa até hoje. Desde sua fundação, a revista tem servido como um importante órgão oficial da Associazione Italiana Editori (AIE), oferecendo uma plataforma para discussões sobre o mercado editorial, bem como atualizações sobre novas publicações e eventos do setor. O “*Giornale della Libreria*” oferece análises detalhadas e conteúdos relevantes para profissionais do setor editorial, incluindo editoras, livrarias, distribuidores e bibliotecas. Ele cobre tópicos variados relacionados ao mercado editorial, como tendências de vendas e questões culturais no campo da literatura. Nas edições consultadas na Biblioteca Nacional Central de Firenze, consta também a informação de que a publicação, naquele momento, também está ligada à “Federazione Nazionale Fascista Industria Editoriale”, como se lê na capa.

indicado pela menção à presença de autoridades importantes.

Na IV Feira Internacional do Livro, realizada em Florença, em 1932, foi organizada a Segunda Exposição do Livro Infantil, promovida pelo Partido Nacional Fascista. A Exposição tinha como objetivo destacar os esforços dos editores italianos para oferecer às novas gerações livros que atendessem às necessidades do espírito renovado pelo Fascismo e promover uma contribuição cada vez maior da literatura infantil para a evolução da sociedade nacional, segundo o *Giornale della Libreria* (1932, p. 7).

Na feira de 1932, o Brasil participa, conforme o registro do catálogo da feira:

BRASIL (PAVILHÃO N. 4.) Os Estados Unidos do Brasil participam pela primeira vez da IV Feira Internacional do Livro. A participação oficial foi organizada pelo próprio Governo, que recolheu e enviou em diversas remessas subsequentes cerca de 200 volumes de diferentes editoras, entre as quais destacamos o *Jornal do Commercio*²⁰² do Rio de Janeiro, a *Civilização Brasileira*²⁰³ Editora do Rio e a *Companhia de Melhoramentos*²⁰⁴ de São Paulo. O próprio Governo teve o prazer de nomear como seu representante na Feira S. E. Carlos Magalhães de Azevedo²⁰⁵, Embaixador do Brasil junto à

²⁰² *Jornal carioca diário fundado em 1º de outubro de 1827 por Pierre René François Plancher de La Noé. Mantendo em seu título a grafia original, *Jornal do Commercio* é um dos mais antigos órgãos de imprensa da América Latina ainda em atividade. Durante toda a sua existência, pautou-se por uma orientação conservadora. Fonte: <http://www.jornaldocomercio.com.br>*

²⁰³ A Editora *Civilização Brasileira* foi fundada em 1929, no Rio de Janeiro, por Ribeiro Couto, poeta e diplomata, Gustavo Barroso, escritor integralista, e Getúlio M. Costa, livreiro. Em 1932, Ribeiro Couto e Getúlio M. Costa venderam suas ações para Octalles Marcondes Ferreira, proprietário da Companhia Editora Nacional, que se tornaria uma das maiores editoras do país. Em 1937, Fenício Marcondes Ferreira, irmão de Octalles e diretor do Banco Português do Brasil, adquiriu as ações de Gustavo Barroso, iniciando a expansão da editora. A partir desse momento, a editora passou a ter uma loja própria no Rio de Janeiro, e o foco em livros didáticos e infantis começou a se tornar predominante, enquanto a *Civilização Brasileira* continuava a publicar clássicos da literatura universal. Monteiro Lobato, grande amigo de Octalles, foi um dos principais autores da Companhia Editora Nacional, e, em 1944, a pedido de Lobato, Octalles contratou o jovem estudante de sociologia Ênio Silveira para trabalhar na editora. Fonte: *Uma nova abordagem para o design do livro brasileiro: a experiência da editora Civilização Brasileira, 1950-1960*, dos autores Guilherme Cunha Lima e Ana Sofia Mariz.

²⁰⁴ A *Companhia Melhoramentos de São Paulo* foi uma empresa editorial fundada em 1890, com importante atuação na produção e comercialização de um vasto inventário de objetos escolares destinados à escola primária nas primeiras décadas do século XX. Criada inicialmente para se dedicar à impressão e encadernação, a empresa passou a focar, a partir de 1915, na edição de livros e na produção e venda de materiais escolares diversos, com o objetivo de apoiar as práticas escolares, ao mesmo tempo em que buscava gerar novas necessidades de consumo e expandir seus negócios. Esse movimento se deu em um contexto de crescente difusão da escola primária em São Paulo, que demandava materiais didáticos específicos. Em 1926, Lourenço Filho firmou um acordo com a *Melhoramentos* e “organizou a primeira coleção de textos pedagógicos do país, denominada *Biblioteca de Educação*, a qual dirigiu até sua morte” (Ruy Lourenço Filho, ABE, 1966). Hernâni Donato, em sua obra *100 Anos da Melhoramentos 1890-1990*, relata que, em 1925, a *Melhoramentos* já contava com “uma das figuras mais consolidadas do movimento da Escola Nova, o professor Manoel Bergstrom Lourenço Filho”. Como consultor editorial da empresa, Lourenço Filho produziu cerca de 30.000 pareceres sobre livros infantis e obras didáticas. De acordo com Donato (1990, p. 82), a *Biblioteca de Educação* tinha como objetivo introduzir no país as correntes filosóficas e educacionais desenvolvidas em outros centros de debate. Lourenço Filho preparou 35 títulos para essa coleção, assinando traduções, adaptações e revisões de textos, ao mesmo tempo em que ativava a *Escola Nova*, influenciada por correntes filosóficas e pedagógicas americanas e europeias.

²⁰⁵ No catálogo da IV Feira está escrito Azevedo, no lugar de Azeredo, o que se supõe seja um erro de impressão, tendo em vista que averigüei nos jornais brasileiros, que publicam o nome de Carlos Magalhães de Azeredo (1872-1963). Ele foi um proeminente jornalista, diplomata e escritor brasileiro. Nascido no Rio de Janeiro, integrou a *Academia Brasileira de Letras* e teve uma carreira diplomática notável, servindo como embaixador na Santa Sé.

Santa Sé (Catálogo, 1932, p. 67, tradução nossa).²⁰⁶

Embora o Brasil tenha participado do evento, não foi possível identificar detalhadamente que tipo de material enviou para a IV Feira Internacional do Livro realizada em Florença, Itália.

Isto posto, fica evidente que os livros participam da história transnacional da escola e podem ser entendidos como produtos e produtores de saberes, constitutivos de modelos de ensino. Os livros e objetos escolares – na sua materialidade –, adentram, assim, aos estudos ligados à cultura material escolar, que vincula saberes, práticas, concepções pedagógicas e dimensões simbólicas significativas para a composição da própria cultura escolar (Souza, 2007).

Os livros, os manuais, os impressos e os objetos se deslocaram e viajaram. Muitas vezes no trânsito das pessoas, na bagagem do professor, da professora e ou do intelectual que esteve no exterior para ampliar sua formação; outras vezes por intermédio de governos e de associações educacionais ou culturais e, ainda viajaram para compor as Exposições Universais e as Exposições nacionais.

Rosa Fátima de Souza (2007), em um balanço inicial da História da Cultura Material, evidenciou que no âmbito das investigações da história da leitura e da escrita emergem alguns objetos como:

[...] manuais didáticos, livros de leitura e de literatura infanto-juvenil, cartilhas, programas de ensino, cadernos, bibliotecas, periódicos educacionais, panfletos, almanaques, anuários”, entres outros impressos, que serviram de “suportes materiais da escrita e da leitura e de difusão e circulação de ideias. Esses estudos, muitos deles, transformados em fontes de pesquisa em objetos de investigação, têm ampliado significativamente o conhecimento, sobre objetos em circulação no universo educacional (Souza, 2007, p. 172).

É importante destacar que, antes de organizar a série de quatro edições das Exposições de Literatura Infantil, a ABE já havia realizado, em 1926, um inquérito para investigar as preferências de leitura dos jovens cariocas entre 8 e 17 anos. A pesquisa abrangeu 22 escolas públicas e particulares, urbanas e rurais, tanto brasileiras quanto estrangeiras, localizadas no Distrito Federal. No Boletim da ABE, edições de abril e dezembro de 1926, a associação

Sua obra inclui poesias e contos. Importante destacar que ele manteve correspondência com figuras literárias importantes, como Machado de Assis e Mário de Alencar. Fonte: ABL.

²⁰⁶ Texto original: “BRASILE (PADIGLIONE N. 4). Gli Stati Uniti del Brasile per la prima volta partecipano alla IV Fiera Internazionale del Libro. La partecipazione ufficiale fu organizzata dallo stesso Governo, il quale raccolse e spedì in vari successivi invii circa 200 volumi di editori diversi, fra i quali notiamo il Jornal do Commercio di Rio de Janeiro, la Civilização Brasileira Editora pure di Rio e la Companhia de Melhoramentos di San Paolo. Il Governo stesso si compiacque di nominare suo rappresentante presso la Fiera S. E. Carlos Magalhaes de Azevedo, Ambasciatore del Brasile presso la Santa Sede”.

evidenciava a preocupação com a escolha de boas obras para a leitura infantil: “A lista de leituras, deve compreender sob rubricas separadas os livros que podem ser lidos por idade e sexo [...] acrescentando naturalmente quando e por quem devem ser lidos (ABE, Boletim, 1926, p. 5). Em 1927, o Boletim informava aos leitores a finalização do inquérito, a lista de livros a serem lidos (renovada anualmente) e que estava desenvolvendo uma campanha junto aos colégios particulares incentivando a instalação de bibliotecas (ABE, Boletim, 1927, p. 13). A ABE publicou no Boletim de maio de 1927 e na imprensa nacional os dados levantados no inquérito, que foram também publicados na Revista Bibliográfica, no Jornal do Brasil, no O País, no Jornal do Comércio e Educação de São Paulo, entre outros veículos. O inquérito trouxe, além de um panorama sobre livros e autores, a preferência dos alunos pelos livros estrangeiros, a necessidade de publicações de edições com autores brasileiros, bem como a demanda para a criação e a organização de bibliotecas escolares.

Em 1930, a ABE realizou um segundo inquérito, encaminhado para 5.840 escolas do Rio de Janeiro, de ensino primário e secundário, públicas e privadas. Neste levantamento, os alunos poderiam sinalizar até quatro livros preferidos. Os inquéritos eram comuns naquela época, realizados por associações, jornais e escolas. De acordo com Pimenta (2011), o jornal *O Estado* instituiu em algumas livrarias um inquérito para levantar as preferências dos leitores. As educadoras Helena Antipoff²⁰⁷, em 1929, Cecília Meireles²⁰⁸, em 1931, Irene Lustosa²⁰⁹, em

²⁰⁷ Helena Wladimirna Antipoff (1892-1974) nasceu em Grodno, na Rússia, filha de Sofia Antipoff, professora de grego, e do General Antipoff, diretor da Academia Militar. Chegou ao Brasil em 1929, a convite do Secretário de Educação e Saúde Pública de Minas Gerais, Francisco Campos, para lecionar Psicologia Educacional na Escola de Aperfeiçoamento de Minas Gerais. Foi pioneira na fundação do 1º Laboratório de Psicologia Aplicada na América do Sul, em Belo Horizonte. Sob sua direção, o laboratório organizou as classes nos grupos escolares da cidade e do interior do estado, dando origem às classes especiais e à Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, em 1932. Nos anos 1930, destacou a importância dos Jardins de Infância e fundou alguns em Minas, formando professores especializados. Em 1947, liderou o SOTER na SEE, promovendo o ensino rural e criando cursos de formação de professores na Fazenda do Rosário, culminando na fundação do Instituto Superior de Educação Rural (ISER), posteriormente transformado na Fundação Helena Antipoff (FHA) em 1970. Fonte: <http://fha.mg.gov.br/pagina/memorial/helena-antipoff>

²⁰⁸ A carreira docente de Cecília Benevides de Carvalho Meireles apresenta várias nuances: ingressou no magistério do ensino médio lecionando a disciplina de Desenho, na Escola Normal do Distrito Federal, em 1920. De junho de 1930 a dezembro de 1933, escreve suas crônicas para o Diário de Notícias, na coluna Página da Educação, atuando como jornalista, editora e cronista, produzindo vários textos sobre vários assuntos relacionados à esfera educacional. Em 1934, foi designada para o Instituto de Pesquisas Educacionais do Distrito Federal. A convite de Anísio Teixeira, ela organizou a primeira biblioteca infantil brasileira do Centro de Cultura Infantil. Na Universidade do Distrito Federal, lecionou as disciplinas de Literatura Luso-brasileira e a de Técnica e Crítica Literária, durante o ano de 1935. A partir do ano de 1939, retoma a docência pública, atuando como regente de turma no Jardim de Infância Campos Salles. Em 1940, leciona a disciplina de Literatura e Cultura Brasileira na Universidade do Texas. De volta ao Brasil, foi transferida para Escola Medeiros e Albuquerque, da rede pública municipal do Distrito Federal, em 1949. Nesse ano, foi nomeada para a direção da Escola Bahia, permanecendo nessa instituição até a sua aposentadoria, no ano de 1951. Fonte: Texto de Yolanda Lobo sobre Cecília Meireles, inserido nas referências.

²⁰⁹ Irene Lustosa era professora auxiliar de Antipoff no Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento.

1934 e Elvira Nizynska²¹⁰, em 1936, também realizaram e publicaram inquéritos sobre as leituras infantis.

Logo depois de conhecer os dados do segundo inquérito, a Seção de Cooperação da Família da ABE organizou a I Exposição de Literatura Infantil. A *Revista Schola* de 1930 dá uma ideia do que o evento prometia:

Nessa Exposição não teremos apenas livros para leitura de crianças, senão também os que tratam de crianças e destinam aos educadores. Em secções diferentes se encontrarão obras didáticas, pedagógicas recreativas e de cultura ao lado de revistas especializadas e de publicações referentes a organização de leituras; num quadro o projeto de biblioteca infantil (nos moldes das fundadas pelos americanos no seu país e no estrangeiro, como “L’Heure Joyeuse²¹¹”, (de Paris e Bruxelas) que imaginamos para o Rio de Janeiro; noutros quadros o resultado do nosso segundo inquérito sobre o que tem os colégios cariocas. Finalmente, tentaremos expor todo os livros indicados em nossa “Biblioteca para Crianças e adolescentes”, e que perfazem o total de 687 obras. Para encanto dos apreciadores, estímulo e fonte de sugestões aos que escrevem ou editam literatura infantil, pedimos a outros povos nos mandassem o que de melhor tem publicado no gênero. Dos Estados Unidos, do México, de Cuba e do Uruguay, da Colômbia, já nos chegou numeroso material por intermédio e obsequio do Ministério do Exterior. As casas editoras do Rio e de S. Paulo também estão nos enviando seus livros e catálogos (*Revista Schola*, 1930, p. 259).

A imagem (Figura 21) publicada na *Revista A Semana* uniu duas fotos. A foto da esquerda dá uma ideia do público que prestigiou o evento naquele dia. O título da foto é “Pela instrução infantil”. A imagem da direita mostra a disposição dos livros e objetos exibidos na Exposição. Infelizmente a qualidade da imagem disponível não permite um exame mais profundo do que foi exposto.

²¹⁰ Elvira Nizynska da Silva (1896 - 1964) foi uma educadora brasileira, filha de imigrantes poloneses, nascida no Rio de Janeiro, à época, Distrito Federal. Graduiu-se na Escola Normal do Distrito Federal, onde estudou entre 1911 e 1913. Em 1920, casou-se com Domingos José da Silva, comerciante português proprietário de uma frota de carros de aluguel. Além de lecionar, atuou como Diretora Adjunta da Escola Rodrigues Alves, no Catete (hoje extinta), de 1928 a 1932, e participou ativamente da Associação Brasileira de Educação (ABE), debatendo questões relacionadas ao livro infantil ao lado de sua amiga Juracy Silveira. De 1933 a 1938, foi professora assistente de Matérias de Ensino no Instituto de Educação do Distrito Federal, onde lecionou “Literatura Infantil” e “Leitura e Linguagem”. Em 1936, integrou a Comissão de Literatura Infantil, criada pelo ministro Gustavo Capanema. Estudiosa da Literatura Infantojuvenil, recebeu a visita de renomados professores da ABE e colaborou estreitamente com figuras como Lourenço Filho. Para maiores informações ver: COSTA, Aline Santos. A Comissão Nacional de Literatura Infantil e a Formação do público leitor infanto-juvenil no Governo Vargas (1936 - 1938). Dissertação defendida para obtenção do título de Mestre em História Social, pelo Programa de Pós-graduação em História Social (PPGHIS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no ano de 2011; Costa, Aline Santos. “Escola Nova E Literatura Infantil: a atuação de Elvira Nizynska como educadora e pesquisadora dos livros infantojuvenis nos anos de 1930”. In: PIMENTA, Jussara Santos; DINIZ, Aires

²¹¹ L’Heure Joyeuse foram as duas primeiras bibliotecas infantis criadas na Europa. Foram financiadas pelo Book Committee on Children’s Library, um fundo feito para auxiliar as regiões devastadas pela guerra. Em 1922, foi fundada uma L’Heure Joyeuse em Bruxelas e, em 1924, outra em Paris. Os ambientes eram inspirados nas bibliotecas anglo-saxãs e estadunidenses, e possuíam um ambiente cordial, com decorações infantis, em cores claras, sendo o acesso às estantes de livros permitido às crianças. Além do empréstimo de livros, ofereciam aos frequentadores ambientes de jogos, de exposições, ateliers de desenho entre outras atividades.

FIGURA 21 - DOIS ASPECTOS DA EXPOSIÇÃO DE LIVROS INFANTIS, NA ABE, EM 1930



FONTE: Revista A Semana 1930- Pela instrução infantil

A Exposição de Literatura Infantil trouxe títulos de autores brasileiros e estrangeiros, promoveu palestras, hora do conto e publicou lista de livros recomendados. Pimenta registra que:

Os livros europeus haviam sido cedidos, principalmente, pelas senhoras Clara Curtis, Carlota Lyra da Silva e pela Livraria Alemã. Outras livrarias emprestaram livros ou ofereceram livros como a Livraria Alves, que cedeu os exemplares do seu estoque. Esses donativos foram mais tarde utilizados para compor a seção infantil da Biblioteca da Seção de Cooperação da Família (Pimenta, 2011, p. 61).

O jornal A Noite informa aos leitores sobre o convite para o evento gratuito e fornece mais algumas informações dizendo que a I Exposição também teria o caráter de celebração de outros 2 motivos: do quarto ano da morte de Heitor Lyra da Silva, um dos fundadores da ABE, e a inauguração do novo edifício da Escola Normal. A nota ainda sinaliza que as editoras nacionais e estrangeiras Alves, Schnoor Moura e Garnier colaboraram *poderosamente* com o envio de livros e diversas publicações (A Noite, 18/11/1930).

Para além de listagem de livros (renovada anualmente), a ABE publicou na Revista Schola e em alguns jornais um memorial²¹² direcionado aos editores de livros do Brasil. De acordo com o texto, a ABE descreveu um mínimo de condições que tornam aceitável o livro para crianças, que abordavam desde a apresentação material, quanto ao texto, as ilustrações e ao gênero. Segundo o jornal O Diário de Notícias, de 1931:

Convencida de que o momento presente é o mais propício às iniciativas renovadoras que vão surgindo em todos os terrenos, resolveu a ABE, ao

²¹² Texto completo sobre memorial da ABE direcionado aos editores encontra-se no Diário de Notícias, 20/01/1931, p. 7) disponível na Hemeroteca Nacional Digital no link http://memoria.bn.br/DocReader/093718_01/3532

encerrar a sua 1ª Exposição de Livros sobre Crianças, iniciar uma campanha pela melhoria da literatura infantil publicada entre nós. Vultos eminentes, entre os que, fora da Associação, também se dedicam a estas questões vieram juntar a sua voz à nossa. É, pois, em nome dos amigos da criança brasileira que ora nos dirigimos aos Srs. Editores de todo o Brasil, a quem, por outro lado, prometemos solicitar ao Ministério do Trabalho a redução do imposto sobre a importação do papel. Esperamos do espírito progressista dos Srs. Editores a melhor acolhida às sugestões abaixo, resultado que são de estudos especializados e larga experiência junto à infância (Diário de Notícias, 20/01/1931, p. 7).

De acordo com Mignot (1999), Armanda, interlocutora da ABE, “interferiu no mercado editorial, chegando a indicar, em 1931, o Memorial aos editores, as condições mínimas exigidas para o livro destinado às crianças, especificando todos os cuidados que deveriam nortear a apresentação do material, texto, ilustrações e traduções”. Armanda e os professores que atuavam na Seção de Cooperação da Família da ABE estavam mobilizados em debater e melhorar o cenário da leitura, o que nos dá uma ideia de que o livro infantil representava um elemento inovador não apenas em termos pedagógicos, mas também como um produto cultural capaz de transformar práticas educacionais e sociais.

Logo, a literatura infantil é um elemento importante, também inovador no campo do ensino e do uso da literatura. Nesse sentido, a ABE teve um papel significativo na disseminação de discursos sobre a crítica e o uso da literatura infantil no Brasil, especialmente a partir da década de 1920. Nesse contexto, Aline Santos Costa (2018, p. 20) destaca que “embora não houvesse, até aquele momento, estudos sistemáticos sobre a crítica aos livros infantis, alguns discursos já vinham sendo difundidos”. Esse processo contou com a atuação de importantes educadores vinculados à ABE, como Lourenço Filho, Elvira Nizynska e Juracy Silveira.

Os debates em torno do livro infantil e os esforços para promover a produção de obras com um formato diferenciado foram inspirados por experiências internacionais. Estudos sobre bibliotecas infantis e gostos infantis sobre leitura eram citados nos discursos e também publicados em impressos pedagógicos. De acordo com Costa (2018, p. 41), “havia, assim, uma troca de experiências sobre a formação do público leitor infantil, tanto que, em 1928, o primeiro inquérito de leituras infantis, realizado pela ABE em 1926, foi traduzido para o francês e publicado na revista do Bureau International d'Éducation”.

O Boletim da ABE de agosto de 1928 publicou informações sobre as tratativas entre a ABE e o Bureau International d'Éducation (BIE), que enviou um convite à associação. O texto, intitulado “*Literatura Infantil e a Paz Internacional*”, detalhava a iniciativa do BIE de organizar uma Exposição de Livros Infantis acompanhada por um catálogo analítico e comentado em relatório (em francês e inglês). Essa exposição estava prevista para julho de

1929, em Genebra, durante o Congresso da Federação Universal das Associações Pedagógicas. O objetivo principal era reunir as melhores produções literárias infantis em diferentes línguas. Na tentativa de organizar a exposição e de obter informações de vários países, foi enviado um questionário com 10 perguntas, assinado por Pierre Bovet, diretor do BIE. O questionário abordava temas como os livros mais lidos, as obras voltadas à juventude, sugestões e proposições, bem como saber se a ABE já havia realizado inquéritos sobre hábitos de leitura.

Nas páginas do mesmo Boletim, foi destacada a articulação entre a ABE e o BIE, mediada por Laura Lacombe. Em resposta ao questionário enviado por Pierre Bovet, diretor do Bureau International d'Éducation (BIE), a Associação Brasileira de Educação (ABE), representada por Armanda Álvaro Alberto, expressou satisfação em colaborar com o inquérito sobre leituras infantis e compartilhou suas respostas, destacando o interesse da instituição em contribuir para a iniciativa. Para além das respostas relacionadas às 10 perguntas²¹³, Armanda informou ao BIE que nos últimos anos haviam surgido no Brasil livros infantis de qualidade superior, tanto em conteúdo quanto em produção material, embora nem todos se enquadrassem nos parâmetros do questionário enviado: “Desejando contribuir um pouco mais para o inquérito que tanto nos interessa, resolvemos pedir a vários editores brasileiros de livros infantis que remetam alguns volumes para a próxima Exposição Internacional, de iniciativa desse Bureau” (Alberto, ABE, Boletim, 1929, p. 46).

A resposta ainda reforçava a disposição da ABE em fornecer quaisquer esclarecimentos adicionais julgados necessários, demonstrando o compromisso da instituição com a troca de experiências e o fortalecimento da literatura infantil em âmbito internacional. Apresento aqui um pequeno excerto da resposta em que Armanda indica alguns livros:

Do naturalista Rodolpho von Thering, por exemplo, foram publicados há algum tempo dois livros iniciadores do seu gênero entre nós: *As Férias no Pontal* e *No Campo e na Floresta* (Livraria Smith, Rua São Bento, 40, São Paulo), ambos muito interessantes e merecedores de melhor apresentação material. De outro naturalista, Frederico Hoehne, é o primeiro livro de uma série – *Dramas e Histórias da Natureza* – com o título *Aventuras do Casaquinho Verde* (Livraria Liberdade, Rua Liberdade, 117, São Paulo), com bela cartonagem e boas gravuras. Ainda que deixe a desejar em relação a uma maior propriedade de expressão e de detalhes, possui encanto suficiente para prender os pequenos leitores e demonstra um louvável plano de execução. De Manoel Mendes, as poesias infantis de *O Prêmio da Criança* (Livraria da Liberdade, São Paulo) são temas populares em versos de feição moderna, encantadores, com boa apresentação e gravuras coloridas. *A Lenda da Casa Branca*, de Leilá Léonardos (atualmente esgotado), é fruto de uma imaginação juvenil. *Contos de Malba Tahan* (Livraria Leite Ribeiro, Rua Bethencourt da Silva, 21, Rio) são uma imitação bem-feita das histórias árabes. *Criança, Meu Amor*, de Cecília Meireles (Anuário do Brasil, Rua Dom Manoel, 62, Rio), é

²¹³ Todas as repostas foram publicadas no Boletim da ABE, ano de 1929, número 1, nas páginas 46, 47 e 48.

muito bem escrito, embora sentimental demais em alguns trechos. Ainda assim, é um livro que as crianças apreciam realmente. E haveria outros a citar, certamente. No entanto, esses que aí estão bastam como amostra do que é, no Brasil, a atual literatura da infância (Alberto, ABE, Boletim, 1929, p. 46).

Diante do exposto, é possível afirmar que a ABE estava tentando dar visibilidade à produção de livros infantis no Brasil, especialmente ao promover o intercâmbio de informações sobre a literatura infantil nacional e internacional. Ao apoiar a elaboração e publicação de inquéritos, tanto internos quanto externos, e envolver-se na organização de exposições internacionais, como por exemplo, a do Bureau Internacional de Educação (BIE), em Genebra, a ABE buscava destacar o que estava sendo produzido no Brasil, ao mesmo tempo em que se inseria em um diálogo com outras experiências e práticas pedagógicas internacionais.

Parte dessa atuação da ABE pode ser observada de forma mais detalhada nos documentos da Associação, como correspondências enviadas e recebidas, relatórios de atividades e, em particular, nos relatórios específicos da III (1934) e da IV (1936) Exposição Internacional de Livros Infantis, promovidas pela ABE e realizadas no Rio de Janeiro. Desses documentos emergem indícios de redes de networking formadas por diversos atores, como embaixadas, casas comerciais e editoras, que mantinham diálogo com a ABE naquele período. Por meio das cartas, é possível mapear parte das pessoas e instituições que compareciam às Exposições ou mantinham contato regular com a ABE. Esses documentos também revelam interações com várias embaixadas sediadas no Rio de Janeiro.

As correspondências para as embaixadas representam fonte e objeto que se configuram em um elemento transnacional, tanto pela conexão quanto pela circulação. Uma embaixada é a representação oficial de um governo dentro do território de outra nação e configura-se como um território estrangeiro em um solo nacional. Assim, quando a Comissão Organizadora das Exposições escreve para uma embaixada, ela estava se dirigindo a outras nações, cruzando as fronteiras nacionais.

No relatório da III Exposição Internacional de Livros Infantis (ABE, 1934) encontra-se aproximadamente 50 correspondências endereçadas às embaixadas, às casas editoriais, entre outras, que revelam a estratégia de mobilização da ABE. Algumas cartas estão em francês, outras em inglês e as demais em português. Constam comunicações para as embaixadas da Argentina, Chile, China, Espanha, França, Holanda, Itália, Japão, México, Noruega, Peru, Portugal, Suíça e U.R.S.S – localizadas no Rio de Janeiro. Nas cartas, a comissão organizadora solicita às embaixadas que enviem livros para a Exposição. Também fazem a mesma solicitação a editoras e livrarias: Livraria Garnier, Livraria O Globo, Companhia Nacional, Editora

Francisco Alves, Editora Jacyntho, Casas Editora M. Ferrero, F. Briguiet e Cia Livreiro e Editores. Algumas editoras responderam e confirmaram a participação, outras informaram que estavam sem livros no estoque ou que não haveria tempo hábil para envio de material. A Livraria e Editora Jacyntho, por exemplo, forneceu uma lista com as 48 obras que enviaria para o evento. Na carta de 20 junho de 1934 é possível ver quais obras foram cedidas pela editora, expostas no quadro 7:

QUADRO 7 - LISTA DE LIVROS ENVIADOS PELA EDITORA JACYNTHO EM 1934, PARA A III EXPOSIÇÃO.

| | TÍTULOS | AUTORES |
|----|--------------------------------------|---------------------------|
| 1 | Algebra | M. Tenorio Albuquerque |
| 2 | Alguns problemas de Chimica | M. Tenorio Albuquerque |
| 3 | Latim em dez lições | Spencer Vampré |
| 4 | Pequeno Atlas do Brazil | Veiga Cabral |
| 5 | Memorias de Joasinho | Fabio Luz |
| 6 | Historia da Civilisação | João Ribeiro |
| 7 | Leituras Brasileiras | Nelson Costa |
| 8 | Nossa Patria | Veiga Cabral |
| 9 | Gramatica Nacional | C. Porto Carreiro |
| 10 | Paginas Cariocas | Nelson Costa |
| 11 | História da cidade do Rio de Janeiro | Nelson Costa |
| 12 | Geographia do Distrito Federal | Veiga Cabral |
| 13 | Lições de Historia Geral | Veiga Cabral |
| 14 | Pequena Historia do Brasil | Veiga Cabral |
| 15 | Quarto livro de leitura | Veiga Cabral |
| 16 | Geographia primaria | Veiga Cabral |
| 17 | Noções de Chimica Phylosophica | Oliveira de Menezes |
| 18 | Primeiro ano de fisica e química | Tenorio de Albuquerque |
| 19 | Geographia commercial | Lindolpho Xavier |
| 20 | Compendio da Historia do Brasil | Veiga Cabral |
| 21 | Anatomia e Physiologia Humanas | Aramis de Mattos |
| 22 | Historia Universal | João Ribeiro |
| 23 | Lições de Cosmographia | Veiga Cabral |
| 24 | Segundo livro de leitura | Veiga Cabral |
| 25 | Terceiro Livro de leitura | Veiga Cabral |
| 26 | Terceiro ano de Geografia | Veiga Cabral |
| 27 | Lições de arithmetica | Decio Coutinho |
| 28 | Segundo ano de geographia | Veiga Cabral |
| 29 | Curso de geographia geral | Veiga Cabral |
| 30 | Grammatica da lingua Nacional | C. Porto Carreiro |
| 31 | Tratado de Tachygraphia | T. O. Conde. |
| 32 | O Francez sem mestre | J. Gonçalves Pereira |
| 33 | Quarto anno de geographia | Veiga Cabral |
| 34 | Primeiro livro de leitura | Veiga Cabral |
| 35 | Historia da Civilisação (1ª série) | João Ribeiro |
| 36 | História da Civilização (2ª série) | João Ribeiro |
| 37 | Gramatica Latina | Mendes de Aguiar |
| 38 | Compendio de Chorographia | Veiga Cabral |
| 39 | Primeiro anno de geographia | Veiga Cabral |
| 40 | Lições de arithmetica (1ª parte) | Decio Coutinho |
| 41 | Artithmetica Elementar | Decio Coutinho |
| 42 | Formulas de geometria | M. Tenorio de Albuquerque |
| 43 | Primeiro ano de História natural | M. Tenorio de Albuquerque |

| | TÍTULOS | AUTORES |
|----|---|------------------------|
| 44 | Historia Fluminense | A. Figueira de Almeida |
| 45 | A Constituição Federal na Educação Nacional | Americo Lopes |
| 46 | Problemas sem número | Joaquina Daltro |
| 47 | Semana Verbal | C. D' Oliveira |
| 48 | Apontamento de Chimica Geral | M. Tenorio Albuquerque |

FONTE: ABE

A Exposição contou com obras de Alemanha, Bélgica, Bolívia, Cuba, Equador, Espanha, Estados Unidos, França, Inglaterra, Itália, México, Holanda, Noruega, Paraguai, Peru, Portugal, Uruguai e Venezuela, juntamente com as modernas obras de literatura infantil brasileira. O jornal Correio da Manhã publicou uma nota com o encerramento da III Exposição Internacional de Livros Infantis:

Sob a presidência do professor Lourenço Filho, realizou-se ontem a sessão de encerramento dessa exposição, que, durante dez dias consecutivos, levou a sede da Associação Brasileira de Educação quantos entre nós se interessam pelo importante assunto. Usou da palavra, fazendo a resenha das atividades desenvolvidas nesses dias, a presidente da comissão organizadora, D. Armanda Álvaro Alberto. Passando-se em revista a demonstração que se encontra nos mostruários da A. B. E. sobre a preocupação dos povos estrangeiros em relação às leituras infantis, estudou as causas econômicas e sociais que inferiorizam a nossa produção no gênero, embora já se possa assinalar promissor progresso nos últimos cinco anos, tanto no Rio de Janeiro, como, principalmente, nos Estados de São Paulo e Rio Grande do Sul. Terminou por solicitar a assinatura dos presentes e demais interessados no apelo que a A.B. E. vai novamente dirigir aos editores nacionais no sentido de se empenharem com os educadores na solução das várias causas do atraso do livro infantil brasileiro (Correio da Manhã, 16/09/1934, p. 11).

Dois anos depois, de acordo com o relatório da IV Exposição Internacional de Livros Infantis (1936), elaborado pela presidente²¹⁴ do evento naquele ano, Márcia Lindemberg Rocha, a ABE permanece operando com as mesmas estratégias de mobilização para a organização daquela edição do evento. Segundo a presidente, integravam a comissão organizadora naqueles primeiros dias de janeiro de 1936: Armanda Álvaro Alberto, Cecília Roxo, Clotilde Matta, Eva Hyde²¹⁵, Georgina de Albuquerque, Gilda M. Guimarães Greenhaldh, Josefa Belmira Guilayn, Juracy Silveira, Marina Ribeiro Corimbaba, Santinha Martins e Márcia Lindemberg Rocha [...].

²¹⁴ Márcia Lindemberg Rocha afirma em seu relatório que a presidência da Comissão deveria ser o nome naturalmente indicado da professora Armanda Álvaro Alberto, animadora e fomentadora do movimento em prol da literatura infantil. Lindemberg assume a presidência e registra que Armanda Álvaro Alberto estava impossibilitada de comparecer.

²¹⁵ Miss Eva Louise Hyde (1885-1981). Dirigiu o Colégio Bennett de 1925 a 1952. Reitora era o título dado, na ocasião, à Diretora do Colégio Bennett. Ela era missionária da Igreja Metodista, educadora por 40 anos no Brasil, co-fundadora e membro de vários grupos ecumênicos educacionais em nosso país. Foi a única cidadã estrangeira a receber a condecoração da Ordem Nacional do Mérito, no grau de oficial, em 1º de dezembro de 1953. Para maiores informações consultar <http://cogeime.org.br/miss-eva-louise-hyde/>

Essa comissão se organizou, se fez representar, redigiu os convites e demais solicitações, respondeu às correspondências, entre outras coisas. As professoras do grupo realizaram visitas às várias representações e embaixadas diplomáticas com o objetivo de levantar material para a exposição. A tarefa, segundo o relatório, foi dividida assim: Inglaterra, Estados Unidos e Áustria ficaram com Georgina de Albuquerque; Espanha, Alemanha, Turquia, Cuba e Suíça, aos cuidados de Josefa Belmira Guilayn; Chile, Bélgica, Dinamarca, Bolívia e França, para Cecília Roxo; Itália, Polônia e Romênia, para Marina Ribeiro Corimbaba; Guatemala e Tchecoslováquia, aos cuidados de Marina Rodrigues; México e Lituânia, para Juracy Silveira; o Equador, à Clotilde Mata; Japão e China, para Nair Pécora Seara; e Colômbia, Noruega, Suécia, Países Baixos e Portugal, para Gilda M. Guimarães. Grenalgh ficaria com a tarefa destinada a Armanda Álvaro Alberto; Sarita Rodrigues Lima, com a Venezuela; Joaquina Daltro, com a Argentina e Santinha Martins, com Uruguai e Paraguai.

Apenas para se ter uma ideia, em fevereiro de 1936, a Comissão organizadora já tinha a confirmação de envio de material do Paraguai, Chile, Argentina, China, Alemanha, Suíça e dos Estados Unidos da América. Em março, a Embaixada Britânica informou que faria uma doação de livros para a Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, que deveriam antes compor a Exposição da ABE. Assim vão chegando livros de várias nações: Espanha (18 exemplares), Alemanha (30 obras de Literatura Infantil), Polônia (37 livros), Dinamarca (26 livros), Bolívia (6 livros), Chile (16 livros), e Estados Unidos da América (85 livros mais revistas e folhetos). Ainda algumas editoras, como a Companhia Nacional, procuraram completar as coleções Literatura Infantil e Terramarear, já existentes no acervo da ABE.

Em uma reunião realizada em agosto de 1936, já caminhando para as tratativas finais, a comissão demonstra que está ciente de que parte dos convites ainda não chegaram às embaixadas dos países contatados. Para tratar o impasse, elas decidem mudar a data de lançamento da Exposição, remarcando o evento para outubro, mantendo a praxe de ocorrer no dia da criança. Também é possível perceber que alguns países responderam às solicitações questionando sobre os custos de envio de material para o Brasil. Lindemberg deixou bem claro em seu relatório que as doações deveriam ser encaminhadas via embaixada, como contribuição do país para um certame internacional de fins educativos, sem custos.

A IV Exposição Internacional ocorreu de 15 a 30 outubro de 1936. Na inauguração estiveram presentes: o presidente da ABE, Menezes de Oliveira, o embaixador da Inglaterra, representantes do Ministério da Educação, como Manuel Bandeira e Elvira Nizynska da Silva (membros da Comissão encarregada da revisão de livros para crianças daquele ministério).

Celso Kelly e Venâncio Filho discursaram na abertura, destacando o valor do livro como um poderoso instrumento de educação. Ainda fizeram uso da palavra o Embaixador da Inglaterra e o representante da Polônia. Durante o período da exposição ocorreram concomitantemente palestras, pequenas conferências e atividades relacionadas ao que estava sendo exibido pela ABE. No dia 17, por exemplo, na conferência do professor Jacques Perret, fez-se a inauguração dos livros franceses que haviam chegado na véspera (Rocha, 1936, p. 8).

Após o encerramento da IV Exposição, o relatório indica que os livros emprestados foram devolvidos, bem como aqueles que foram doados ficaram disponíveis na Biblioteca da ABE para consulta. Os livros (168 exemplares) da Sociedade de Cultura Brasileira, que estavam emprestados à ABE, foram devolvidos no mesmo dia. Foram também restituídos os livros da Casa Jackson e da Livraria Alemã. Parte dos livros franceses foram doados pelo Embaixador D’Omerson para a ABE. Os livros foram escolhidos por Branca Fialho, contabilizando uma doação de 84 volumes²¹⁶. De acordo com o relatório, todos os livros foram restituídos, excetuando os livros vindos da Embaixada da Polônia, que ficou de providenciar o retorno do material.

Ao finalizar o trabalho e o relatório da Exposição, a presidente da Comissão Organizadora, Márcia Lindemberg Rocha, explica que as exposições “representam parte do programa das atividades da cruzada que a ABE desenvolve pela melhoria do livro infantil”. Ela destaca, ainda, que os três grandes objetivos da exposição eram: libertar a criança do educador ou de um só autor; oferecer às crianças, por meio da biblioteca, o tesouro dos pensamentos puros e belos e de ações dignas e sublimes; e, por fim, proporcionar recreações salutareas advindas da literatura infantil (Rocha, 1936, p. 3).

Vem, pois, as preocupações literárias do livro, ao lado das quais o educador considera o tom inspirador e estimulante do mesmo e as experiências que possam e devam passar para a experiência da criança, a enriquecer assim indiretamente, pelo esforço de outrem principalmente, mas em colaboração própria. Para isso é preciso que o livro seja interessante, claro e inteligível, ao alcance da criança, apresentando ilustrações e exemplos bem escolhidos, além de qualidade da feitura do material. A ABE tem estudado o problema das condições de aceitabilidade do livro (Rocha, 1936, p. 4).

Lindemberg Rocha, em seu relatório, assevera que a campanha é necessária porque o livro é o principal instrumento da educação, permitindo à criança pensar por si mesma, investigar e desenvolver autonomia. Além disso, as bibliotecas escolares são indispensáveis para oferecer recursos diversificados que estimulam hábitos de estudo, recreação saudável e a formação integral, enquanto evitam práticas impositivas que limitam a criatividade e a atividade

²¹⁶ A lista de livros doados a ABE encontra-se nos anexos da tese.

mental. Lindemberg Rocha, citando Dewey, destaca que a ausência de lazer recreativo adequado pode levar à manifestação de instintos reprimidos de maneira prejudicial. Assim, a educação tem a responsabilidade de oferecer atividades que promovam a saúde e estimulem hábitos duradouros no espírito. Ela enfatiza que a atividade artística é fundamental para atender a essa necessidade, associando-se ao jogo como um elemento essencial da educação infantil. Nesse contexto, a literatura também surge como um recurso de grande valor, contribuindo para a formação integral da criança.

QUADRO 8 – QUANTIDADE DE LIVROS, POR TEMAS E PAÍSES, ENVIADOS PARA A IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE LITERATURA INFANTIL 1936²¹⁷

| PAÍS | TEMAS | QUANTIDADE |
|-----------|--|------------|
| EUA | Literatura, História, Catálogos e Revistas - no relatório (85) | 115 |
| Espanha | Literatura Infantil, Cultura Geral, História | 18 |
| Alemanha | Listados 11 - no relatório final estão contabilizados (30) de Literatura Infantil, didático, matemática. | 30 |
| Polônia | Literatura Infantil | 37 |
| Dinamarca | Literatura Infantil | 26 |
| Bolívia | Literatura Infantil | 6 |
| Chile | Literatura Infantil | 16 |

FONTE: Quadro elaborado pela autora com dados disponíveis na ABE.

A descrição da exposição promovida pela ABE e os objetivos delineados pela presidente da Comissão Organizadora, naquele momento, Márcia Lindemberg Rocha, refletem mais do que um esforço pontual de valorização do livro infantil. É possível interpretar essas iniciativas como parte de uma estratégia que promovia a circulação de ideias pedagógicas e culturais alinhadas aos princípios de renovação educacional defendidos pelo movimento da Escola Nova. A ABE, ao propor exposições e debates sobre os critérios de qualidade literária e material dos livros, posiciona-se como um ponto de articulação entre diferentes agentes culturais e educativos – autores, editores, educadores e bibliotecários – que trabalhavam com a educação da infância e a própria formação intelectual dos jovens leitores. Essa articulação evidencia também o papel da ABE como uma rede de contatos que transcende as fronteiras nacionais. Nesse sentido, as exposições funcionavam como um espaço de diálogo que poderia até mesmo validar e divulgar as boas práticas da leitura na retórica dos ideais educacionais modernos.

Por fim, chama a atenção, na leitura dos relatórios dessas exposições de livros organizadas pela ABE, a presença marcante de um grupo de mulheres que desempenhavam um papel central na condução desses eventos. Essas mulheres demonstravam grande capacidade de organização e colaboravam de forma estruturada, repartindo as tarefas entre o grupo de maneira eficiente. Toda a divisão do trabalho era sistematizada, com as correspondências organizadas

²¹⁷ Parte dos títulos expostos foram listados no relatório. As listagens encontradas na ABE estão nos anexos.

por países, embaixadas e professora responsável, evidenciando um fluxo de comunicação assertivo e constantemente atualizado. Percebe-se, a partir dessa dinâmica, que elas não apenas administravam as demandas logísticas das exposições, mas também desempenhavam um papel estratégico nessa articulação internacional e estavam alinhadas às ideias renovadoras.

Armanda Álvaro Alberto e depois Márcia Lindemberg Rocha, juntamente com outras participantes da comissão (já nominadas), deixaram relatórios detalhados que documentam minuciosamente o processo, incluindo a listagem de livros recebidos. Isso reflete o compromisso e a importância do trabalho realizado por esse grupo na promoção da educação e até mesmo de articulação e cooperação internacional, inclusive uma preocupação em deixar um registro para o futuro.

Exposição de Livros Didáticos norte-americanos promovida pela ABE/IIE

Em 1936, uma nova exposição foi promovida por meio da colaboração entre a ABE e o Institute of International Education (IIE), de Nova York. Um dossiê da Exposição de Livros Didáticos norte-americanos doados pelo IIE e arquivado na ABE ajuda a entender a relação entre os atores das duas associações na organização do evento. Nele, constam 82 correspondências entre a ABE, o IIE, editoras e livrarias americanas. A mediação foi feita pelo professor Stephen Duggan, do IIE, e por Branca Fialho e Gustavo Lessa, da ABE, conforme as correspondências. É interessante notar que Duggan (do IIE), Fialho e Lessa (ambos da ABE) já mantinham relações estreitas, anteriormente ligadas ao Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU), que inicialmente funcionou nas dependências da ABE. A correspondência entre Gustavo Lessa e Branca Fialho evidencia parte das tratativas da exposição:

- a) que seria interessante para o desenvolvimento das relações culturais entre o Brasil e os Estados Unidos, uma exposição aqui de livros norte-americanos;
- b) que a vinda de Mrs. Margarette de Andrade apresentava uma feliz oportunidade para a combinação com as casas editoras, dos detalhes necessários;
- c) que era de esperar fosse a empresa patrocinada pela Associação Brasileira de Educação (Lessa, ABE, 14/09/1936).

Na mesma carta, Lessa informa a Fialho que Duggan havia feito um apelo a várias editoras americanas e apresentara Margarette de Andrade, esposa do escritor Gabriel de Andrade e membro consular do Brasil, aos respectivos editores. Andrade cooperou com o IIE, articulou, escreveu e visitou várias editoras com o objetivo de conseguir as doações. Ela também guardou os livros recebidos em sua casa, em Nova York, e foi a portadora do material encaminhado oportunamente para o Brasil. Duggan e o IIE custearam as despesas dos livros

que vieram em julho na bagagem de Margarete de Andrade. Porém, os livros ficaram presos na alfândega. Mário Brito, presidente naquele momento, requereu isenção de direitos baseado no fato de que os livros foram doados à ABE. O desembaraço, com um despacho favorável à ABE, precisou de ajuda do então Ministro da Fazenda, Oscar da Graça Fagundes, e da mediação do Ministro Hélio Lobo.

A disposição estética dos livros na exposição teria o apoio e orientação do artista Guttamn Bicho²¹⁸. No dia e antes da inauguração, o jornal O Globo descreve o clima na ABE:

Visitamos à ABE hoje pela manhã. A sala de sessões, que em geral vibra do ruído dos debates sobre os nossos problemas educacionais, se transformou num centro de intensa, mas silenciosa atividade. O pintor Guttman Bicho compara as lombadas de uma grande fileira de livros, visivelmente a procurar combinações de cores. Não contente em vê-los à distância, a professora Elvira Nizynska da Silva e os professores Venâncio Filho e Delgado de Carvalho, estão sentados, manuseando alguns e tomando notas. A professora Clotilde dos Santos Matta e a senhorita Francisca Buarque de Almeida estão fichando outros. Os livros se alinham as centenas, de diversos formatos e de capas multicoloridas. Donde vieram? Informam-nos que a jovem nórdica, que está no terraço conversando com o professor Adalberto Menezes de Oliveira, poderia dizer melhor a respeito. Somos apresentados. É a Sra. Margarete S. de Andrade, que em Nova York há cerca de dez anos, se casara com cônsul brasileiro, o escritor Gabriel de Andrade. Mrs. Andrade nos conta que era um sonho seu trazer para o Brasil uma mostra cultural do seu país (O Globo, 16/09/1936, s.p.).

A Exposição de Livros Didáticos norte-americanos foi composta por 461 volumes doados por 40 editoras norte americanas. As obras tratavam de temas separados nas áreas de Princípios, Organização e Métodos Educacionais; de Psicologia Geral e Educacional de Educação Física, de Ensino Primário, Secundário e Vocacional; de Literatura Infantil, de Biografias e de Ensaio Diversos.

²¹⁸ Galdino da Costa Guttman Bicho (1888-1955) nasceu em Petrópolis, mas passou sua infância em Sergipe e posteriormente se mudou para o Rio de Janeiro, onde deu início à sua carreira artística no Liceu de Artes e Ofícios. Durante sua trajetória, foi assistente de August Petit, renomado retratista francês radicado no Brasil, o que lhe proporcionou uma sólida base profissional. Bicho estudou na Escola Nacional de Belas Artes como aluno livre, tendo como mestres figuras importantes como Zeferino da Costa e Eliseu Visconti. Ele se destacou no cenário artístico carioca, especialmente antes do predomínio das tendências modernistas, participando ativamente nas Exposições Gerais, nas quais recebeu várias honrarias, incluindo o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, em 1921. Sua temporada na Europa, sobretudo em Paris e Lisboa, ampliou sua visão artística. Ao retornar ao Brasil, em 1924, recebeu maior reconhecimento, conquistando a medalha de ouro na Exposição Geral de 1925. Até 1954, continuou a expor suas obras no Salão Nacional de Belas Artes. Além de ser um renomado retratista, Bicho era também conhecido por suas naturezas-mortas e paisagens. Frequentemente utilizava a técnica divisionista, inspirada no pontilhismo. Ele foi um artista versátil, projetando também prédios e embarcações, e se dedicou à cerâmica, criando um curso pioneiro sobre o tema na Escola Técnica Nacional do Rio de Janeiro, em 1947. Fonte: Arthur Valle disponível em http://www.dezenovevinte.net/bios/bio_gb.htm

FIGURA 22 - INAUGURADA A EXPOSIÇÃO DOS 450 LIVROS OFERECIDOS À ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO



FONTE: O JORNAL, 17/09/1936, arquivado na ABE.

Presidiu a reunião de inauguração o presidente da ABE, Menezes de Oliveira, ladeado por Hugh Gibson, embaixador dos Estados Unidos, pelo ministro Hélio Lobo e por Costa Sena, diretor do Departamento de Educação. Na sequência, Branca Fialho fez um relato sobre as doações recebidas pela Associação. O ministro Hélio Lobo também fez referências aos esforços de Margaret Andrade, viúva do cônsul brasileiro nos Estados Unidos, e ao IIE pelas doações feitas à ABE, dando continuidade à obra da educação iniciada pela associação. Na foto acima, a professora Elzira Nyzinska da Silva faz o seu discurso. Também discursaram os professores Venâncio Filho e Carlos Delgado de Carvalho. Delgado, em seu discurso, relembra a relação com Duggan e afirma que seria demasiado longo apreciar todos os livros enviados, mas elenca duas obras recentemente publicadas pela Universidade de Harvard:

A primeira é de 1931 é uma tentativa de bibliografia das belas letras brasileiras, é trabalho consciencioso do Conselho de Estudos-hispano-americanos. São 200 páginas de excelente bibliografia brasileira. É o maior serviço de propaganda intelectual que se poderá desejar para o Brasil. O segundo é igualmente uma bibliografia, publicada pelo Bureau em Economia Research em latim américa. O primeiro volume é de 135 pg. Foi publicado em 1935. Um serviço notável em que a nossa bibliografia econômica é recolhida com cuidado [...] (Carvalho, ABE, 1936).

O professor Francisco Venâncio Filho, a propósito dos livros oferecidos, discorreu sobre os vários aspectos da vida americana e sobre alguns títulos doados a ABE. Abordou também, em seu discurso, as exposições de objetos escolares e as bibliotecas:

[...] Na exposição de Chicago, realizada em 1933, havia também, na Ilha Encantada, uma biblioteca de crianças, e no pavilhão de ciências sociais

encontrava-se, logo à entrada, uma pequena coleção de 12 folhetos com ilustrações apropriadas, pela forma e pela cor, constituindo “The Little Library of Science”. Igualmente, nesta grande cidade existe, talvez, a única biblioteca de ciências para crianças, no Lincoln Park de Chicago, no edifício da própria Academia de Ciências. Outro parâmetro da civilização norte-americana é esta impregnação de ciência pela vida toda. Nos museus, nas revistas, nos cinemas, nos jornais, nos livros. Por isso abundam, como em nenhuma outra parte, as obras de iniciação e de divulgação científica. Como consequência disso, nos últimos anos do século passado, introduziram no currículo escolar uma nova disciplina: General Science, que é uma visão global de toda a natureza, no conjunto de relações de interdependência em que os fenômenos e os seres naturais, são estudados e apreciados, ecologicamente, como o são na realidade (Venâncio Filho, ABE, 1936).

Sobre os livros destaco este trecho em que ele comenta:

[...] vereis aí como nos livros americanos desapareceu aquela velha diferença entre livro didático e recreativo, ainda resíduo da pedagogia antiga, que fazia do primeiro um instrumento penoso de aprendizagem, dir-se-ia quase de castigo. Vede, por exemplo, a série de manuais denominada “Pathways in Science” organizada e realizada pelo professor Gerald Craig, assistente de Ciências Naturais do Teachers College da Universidade de Columbia, com a colaboração de professoras da Horace Mann. Feitos dentro das normas estabelecidas no célebre volume XXXI do Year-book of the National Education Association, tudo obedeceu a um critério psicológico conforme a mentalidade da criança a que vão servir (Venâncio Filho, ABE, 1936).

É possível perceber aqui que Francisco Venâncio Filho faz referência a livros didáticos que combinam aspectos lúdicos e educativos, como a série “Pathways in Science”, de Gerald Craig, e a coleção “The Little Library of Science”, demonstrando a relevância do ensino integrado de ciência e a ênfase no aprendizado prático e participativo, ligado à Escola Nova. A crítica à separação tradicional entre livros didáticos e recreativos é central, indicando mudanças no conteúdo pedagógico em direção a materiais que motivassem o aluno ao invés de apenas instruí-lo de maneira rígida.

QUADRO 9 - LISTA DOS VOLUMES DOADOS PARA A EXPOSIÇÃO DE OBRAS DIDÁTICAS NORTE-AMERICANAS DE 1936, SEPARADOS POR TEMA.

| EXPOSIÇÃO DE OBRAS DIDÁTICAS NORTE-AMERICANAS DE 1936 | |
|---|------------|
| TEMAS | QUANTIDADE |
| Princípios, Organização e Métodos Educacionais | 23 |
| Psicologia Geral e Educacional | 37 |
| Educação Física | 22 |
| Ensino Primário | 149 |
| Ensino Secundário | 70 |
| Ensino Vocacional | 12 |
| Literatura Infantil | 47 |
| Biografias | 28 |
| Ensaio Diversos | 72 |
| Total (lista das obras em anexo) | 461 |

FONTE: Quadro elaborado pela autora com base nas informações do Dossiê disponível na ABE.

A lista de livros norte-americanos é longa e não se pretende aqui analisar os títulos. Mas algumas obras são bastante conhecidas e circularam durante algum tempo. Para o tema Princípios, Organização e Métodos Educacionais vieram 23 títulos, entre eles as obras *Remaking the Curriculum*, de William Heard Kilpatrick; *History of Education*, de Stephen Duggan; e *Elementary Principles of Education* dos autores Thorndike and Gates. Kilpatrick²¹⁹ ficou conhecido pelo Método de Projetos, era um autor afinado com a metodologia e foi aluno de John Dewey. O Método de Projetos, iniciado no século XX, era baseado no centro do processo de aprendizagem que se realizava através da atividade de definição e resolução de problemas. Stephen Duggan era professor de Legislação Internacional e História da Educação, atuou como organizador e primeiro diretor (1919-1946) do Institute of International Education da Columbia University e escreveu vários livros. A obra de Thorndike and Gates trazia os fatos e princípios gerais que serão mais úteis para os professores típicos do ensino fundamental e médio. O propósito dos autores era de estabelecer princípios sólidos para orientar os professores em suas tarefas diárias mais importantes.

Os discursos dos professores e professoras da ABE nos ajudam conhecer um pouco mais sobre como algumas obras eram vistas. A professora Elzira Nyzinska da Silva, por exemplo, elogia entre outros, os livros para uso na escola primária que abordam a linguagem:

Um deles, de Thomas Blaisdell, “Ways to Teach English”, se preocupa com os problemas gerais do ensino da linguagem. O autor divide o trabalho em três partes: na primeira trata da organização e expressão do pensamento, dos interesses das crianças e dos assuntos e material de leitura; na segunda, encara os problemas referentes à correção de linguagem que, para os ingleses corresponde ao celebre “spelling” ou estudo da ortografia e prosódia e aos problemas de gramática; na terceira, enfrenta a questão de apreciação de literatura e aquisição de hábitos permanentes de boa leitura (Nyzinska, ABE, 1936).

Nyzinska era integrante da Comissão Nacional de Literatura Infantil (CNLI), criada pelo ministro Gustavo Capanema em maio de 1936. Ela abordou em seu discurso a importância da linguagem para organizar e expressar pensamentos, como um meio essencial de comunicação social. A linguagem escrita, assim, teria um impacto profundo, permitindo o acesso ao conhecimento acumulado ao longo de séculos. Segundo ela, na escola primária, a linguagem e a leitura estão intimamente ligadas a outras disciplinas, moldando tanto o pensamento quanto as atitudes dos alunos. Dado seu papel central, a linguagem é um foco de estudo de cientistas e educadores. Pesquisas sobre leitura e linguagem começaram na Europa no século XIX, mas,

²¹⁹ Alguns trabalhos que se debruçaram sobre a obra de William Heard Kilpatrick como Leite (2005), Bin (2012) e Gotrde 2019, entre outros.

após 1900, os Estados Unidos se destacaram como o principal centro de estudos na área.

Segundo Nyzinska:

a princípio tais estudos tinham um valor muito teórico e nada ou quase nada influíram sobre os métodos, processos e livros de texto das escolas. Nos últimos anos se verificou que as pesquisas e estudos tinham se desenvolvido extraordinariamente; não, porém na mesma proporção que os esforços para aplicar tais resultados em benefício das crianças. Sentiu-se a necessidade de um estudo minucioso dos problemas da escola elementar e secundária, com a preocupação de reorganizar e aperfeiçoar o ensino em harmonia com os resultados dos estudos científicos. Cuidou-se da organização de vocabulários para as diversas idades e graus, da verificação da rapidez e compreensão na leitura oral e silenciosa, do ensino da gramática e sua relação com a correção da linguagem etc. Tudo isso foi sendo aplicado, aos poucos, em livros de leitura e de literatura para uso das crianças. Esses livros com feição bem diversa da dos antigos, estabeleciam agora um relacionamento com as demais disciplinas e procuram indicar às crianças atividades e interesses correspondentes às respectivas idades e graus escolares. Os livros recebidos pela A.B.E. para a escola primária, sobre linguagem, demonstram claramente a preocupação de autores e editores em concorrer para o aperfeiçoamento e reorganização do ensino, de acordo com os resultados dos estudos científicos (Nyzinska, ABE, 1936).

Francisco Venâncio Filho chama a atenção para vários títulos, sobre os quais destaco este trecho:

E aí vereis Canaan de nosso Graça Aranha, tradução de Mariano Lorente, com prefácio de G. Ferrero. Igualmente aparece a “Bibliografia das Belas Letras Brasileiras, como não temos nenhuma, publicada por professores de Havard [...] Entre os ensaios também de grande preferência americana, destacam-se a Literatura Econômica da América Latina, organizada pelo Bureau de Pesquisas Econômicas sobre a América Latina da Universidade de Harvard; o “Source Book for Social Origins e o célebre volume de Filosofia Americana, Hoje e a Amanhã, de 18 autores yankees e o célebre K. Koffka - a “German-philosopher In-exile”, - livro elogiado por Dewey, onde todas as questões e pontos de vista são debatidos (Venâncio Filho, ABE, 1936).

Ainda sobre os livros didáticos, Venâncio Filho discorre:

Em relação às questões de educação, bastará uma rápida inspeção para que se verifique o prêmio desta dádiva. No setor de “Princípios de Educação, “Organização e Método”, bem como “Psicologia Educacional”, “Higiene Mental”, Testes”, além dos de educação primária quanto secundária, nada falta para se ter uma ideia da cultura e da contribuição americana ao pensamento humano (Venâncio Filho, ABE, 1936).

Do Dossiê da ABE e da imprensa carioca podem ser identificadas as 40 editoras norte-americanas com as quais Stephan Duggan e Margarett Andrade estabeleceram contato, conforme listado a seguir: D. C. Heath & Co, Reynal Hitchcock & Co., Tale Humphries & Co., Yale University Press, Bruce Humphries e Co., J. B. Lippincott & Co., Harcourt Broce & Co., Little Brown & Co., Silver Burdette & Co., Macmilan & Co., American Technical Society,

Henry Holt & Co., Ginn & Co., Bobbs-Merrill & Co., World Book Co., Scott, Foresman & Co., Scribner's & Sons, E. P. Dutton & Co., Funk & Wagnells, Grossett & Dunlop, Macaulays, Americana Book Co., Chemical Foundation, Row, Peterson & Co., Newson & Co., Longmaus Green & Co., Allyu & Bacon, Appleton-Century, Harper & Brothers, Harvard University Press, W. Morrow & Frederick Stokes & Co., Garret & Co., Garret & Massie, F. S. Crofts & Co., Liveright Publishing Co., W. W. Norton & C., Houghton-Mitfli e & Co., Doubleday. Todas elas doaram material para a Exposição.

Na busca por mais informações que auxiliem a perceber a circulação de materiais didáticos e saberes, verificou-se no impresso *The Journal of the National Education Association*, da NEA (janeiro de 1930, p. 261), que aproximadamente 30% dessas editoras estavam participando da Exposição de Material Didático de Atlantic City. A presença de tantas editoras americanas em ambas as exposições pode sugerir possíveis interações culturais e educativas entre os Estados Unidos e o Brasil e um intercâmbio significativo de ideias e materiais didáticos.

No cotejamento entre a Revista *Schola* (1930), da ABE, e o mesmo impresso *The Journal of the National Education Association* da NEA, percebe-se que algumas dessas editoras e livros circulavam tanto nas Exposições de material e objetos para a educação quanto nas listagens de livros publicados pela NEA.

A Revista *Schola*, por exemplo, reproduziu a lista da NEA conforme evidencia o trecho denominado Literatura Pedagógica:

Anualmente, a American Library Association e a National Education Association publicam, após minucioso estudo, uma lista dos mais importantes livros sobre pedagogia aparecidos durante o ano. Dentre **as 575 publicações desse gênero, apresentadas ao público em 1929, destacam-se, segundo a opinião de duzentos especialistas em todos os ramos de ciências educacionais, 60 livros que são citados e comentados resumidamente** no número de abril do “*Journal*”. É interessante notar os assuntos mais procurados: a grande proporção de livros acerca do custo e do rendimento da educação reflete a preocupação do público. Por outro lado, poucas obras estão sendo, nesses últimos anos, consagradas ao “currículum”. O maior contingente é no entretanto representado pelas publicações de relatório técnicos, considerados como os mais proveitosos para o mestre e por conseguinte para o aluno. Os manuais de utilidade imediata para professores são especialmente apontados. Julgamos prestar um real serviço aos nossos leitores transcrevendo aqui a lista oficial de 1929, subdividida em seções, tal como vem no “*Journal of the National Education Association*”, onde poderão encontrar informações mais detalhadas sobre cada um dos livros indicados (Revista *Schola*, 1930, p. 260-261, grifo nosso).

A seguir, no Quadro 10, exhibe-se a listagem de livros indicados pela NEA e republicada pela Revista *Schola*, cancelados pela ABE.

QUADRO 10 - LISTA DE LIVROS PUBLICADA NA REVISTA SCHOLA 1930

| TEMA | LIVRO | AUTOR |
|---|--|------------------------------------|
| História, Princípios e Filosofia da Educação | The Sources of a Science of Education | DEWEY, J. |
| | The Mighty Medicine; Superstition and Its Antidote – a new liberal education | GIDDINGS, F. H. |
| | Educational Yearbook of the International Institute of Teachers College, Columbia University | KANDEL, I. L. |
| | Contemporary Education, Its Principles and Practices | KLAPPER, P. |
| | Education in the United States | KNIGHT, E. W. |
| | Have We Kept the Faith? America at the Crossroads in Education | PROSSER, C. A. & ALLEN, C. R. |
| | Elementary Principles of Education | THORNDIKE & GATES |
| Administração e Direção | The Supervision of Elementary Subjects | BURTON, W. H. |
| | Administration of Pupil Personnel – a book on pupil accounting written from the point of view of the classroom teacher | HECK, A. O. |
| | The Dean in the High School: a record of experience and experiment in secondary schools | JOHNSON, M. H. |
| | Public School Plant Program | MOEHLMANN, A. B. |
| | Second Yearbook: Scientific Method in Supervision | NATIONAL CONFERENCE OF SUPERVISORS |
| | Eight-Year Program book of the department of elementary school principals | NATIONAL EDUCATION ASSOCIATION |
| | Public School Finance | RAINEY, H. |
| | The business administration of a school system | REEDER, W.G. |
| | Business administration of a public school | SMITH, H.P. |
| | Supervision of the elementary school | STONE, C.R. |
| | The supervision of the secondary subjects | HUL, W.L. |
| Efficiency in education | WRITE, J. C. and ALLEN, C.R. | |
| Currículo | Curriculum Principles and Practices | HOPKINS, L. T. |
| Formação de Caráter | If parents only knew -a message from teachers to parents telling what the modern school is doing for the child and how the home can help | CLEVELAND, E. |
| Psicologia Educacional | Character Education: a program for the school and the home | GERMANE, C. E. |
| | Conflicting psychologies of learning | BODE, B. H. |
| | The Psychology of Adolescence | BROOKS, F. O. |
| | Educational Psychology | PINTNER, R. |
| Testes | The Objective or New-Type Examination: an introduction to educational measurement | RUCH, C. M. |
| | Personality adjustments of school children | ZACHRY, C. B. |
| Métodos de Ensino | The nature and direction of learning | BURTON, W. H. |
| | The Commonwealth teacher-training study | CHARTERS, W. W. & WAPLES, D. |
| | Progressive practices in directing learning | PALMER, A. R. |
| | The teaching of modern foreign languages | COLEMAN, A. |
| | The teaching of latin | GRAY, M. D. |
| | Summary of investigations relating to grammar, language and composition | LYMAN |
| | Creative power | MEARNS, H. |
| | First steps in teaching numbers | CLARK, OTIS & HATTON |
| | Modern methods in teaching geography | CRAWFORD, C. C. |
| | Current-events instruction – a text-book of principals and plans | KINBALL, R. S. |
| | Art in the elementary school | MATHIAS, M. E. |
| | Music for young children | THORNE, A. |
| An introduction to art education | WHITFORD, W. G. | |
| Jardins de | Parents and the preschool children | BLATZ, W.E, and BOOT, H. |

| TEMA | LIVRO | AUTOR |
|---------------------------------------|--|-------------------------------|
| infância e escolas elementares | Nuerseri school procedure | FOSTER, J.C.and MATTSON, M.L. |
| | Principles of teaching and learning in the elementary school | MOSSMAN, L.C. |
| Junior Highschool | The junior highschool and its curriculun | COX, P.W. |
| | The junior high-school teacher | MC.GREGOR, A.L. |
| Orientação profissional | Cases in the administration of guidance | BREWER, J.M. |
| | Principles and practices of vocational guidance | COHEN, I.D. |
| | Commercial education in secondary shcools | KITSON, H.D |
| | Guidance and education of prospective junior wage earners | TRUMBULI, F.M. |
| | Efficiency in vocational education | WRITE, J.C. and ALLEN, C.R. |
| Educação Física e Higiene | Values and methods in health education | COOB, W.F. |
| | The physical welfare of the school child | KEENE, C.H. |
| | Safety education in the secondary schools | STACK, W.J. |
| | A game program in physical education | TANNER, J.R. |
| Educação Superior | Teaching in college and university | GOOD, C.V. |
| | School clubs | MC.KOWN, H.C. |
| Educação de Adultos | The cosmopolitan evening scool | FRIESE, J.F. |
| | The reading interest and habits of adults | GRAY, W.S., and MONROE, R. |

FONTE: Revista Schola, 1930. Quadro elaborado pela autora.

Mas por que a Revista Schola republica essa lista? Por que dar espaço para esse conteúdo? A lista publicada pelo Journal of the National Educational Association, segundo a revista publicada pela ABE, trazia uma análise cuidadosa e abrangente da literatura pedagógica daquele ano, destacando obras relevantes que pudessem contribuir com a prática e a teoria educacional. Essa seleção seria resultado do trabalho de especialistas na área e poderia servir como um recurso valioso para educadores e pesquisadores que buscavam se atualizar sobre as tendências e debates contemporâneos na educação. Entre os temas, percebem-se os seguintes assuntos: História, Princípios e Filosofia da Educação, Administração e Direção, Currículo, Formação de Caráter, Psicologia Educacional, Testes, Métodos de Ensino, Jardins de infância e escolas elementares, Junior Highschool, Orientação profissional, Orientação profissional, Educação Física e Higiene, Educação Superior e Educação de Adultos.

Ainda, a ênfase em manuais e relatórios técnicos sugere que os educadores estavam cada vez mais interessados em recursos que podem ser aplicados diretamente em suas salas de aula, enfatizando a necessidade de práticas pedagógicas eficazes e imediatas. A inclusão de autores renomados e suas obras clássicas, como John Dewey, reforça a importância de fundamentar as práticas educacionais em teorias e pesquisas estabelecidas, ao mesmo tempo em que se abre espaço para novas abordagens e inovações. Nessa lista, também se percebe uma preocupação em fomentar a formação contínua dos educadores, proporcionando acesso a uma literatura que não apenas informa, mas também inspira a prática pedagógica e a reflexão crítica sobre a educação.

A Revista Schola, da ABE, ao dar espaço para a lista de livros indicadas para uso nas escolas americanas, pode ser vista como um guia para os educadores que buscavam aprimorar suas práticas e estar atualizados sobre as novas direções na educação. Seria mais uma estratégia, por meio dos impressos, de promover a troca de conhecimentos e práticas educativas inovadoras, reforçando a importância da disseminação de informações relevantes no campo educacional. Além disso, essa republicação da lista destaca o papel da Revista Schola, um veículo de comunicação que ofertava conteúdos contribuindo para a formação dos educadores. Ao divulgar obras e pesquisas que são consideradas fundamentais por especialistas, a revista fortalece a conexão entre teoria e prática incentivando os educadores a refletirem sobre suas metodologias e a integrarem novas abordagens em suas salas de aula. Também reflete parte da circulação dos saberes por meio de impressos, exposições e indicações de leituras.

Ao abordar o tema das Exposições de Livros Infantis e de Livros Didáticos norte-americanos promovidas pela ABE, é possível compreender a amplitude de suas ações e articulações no circuito interno e externo. Essas iniciativas revelam a abrangência das atividades da associação, que utilizava diversas estratégias para alcançar seus objetivos. Entre elas, destaca-se a realização de inquéritos para mapear o cenário da leitura e produção literária no Brasil; o envio de informações ao Bureau International d'Éducation (BIE), uma associação congênere relevante naquele momento; e a mobilização de redes de pessoas e contatos, incluindo embaixadas estrangeiras, para obter livros e materiais educativos de outros países.

No caso específico da exposição de livros didáticos norte-americanos, a ABE recorreu à rede do Institute of International Education (IIE), uma associação com a qual, como se tem evidenciado, mantinha uma relação estreita. Observa-se que os representantes Branca Fialho e Gustavo Lessa da ABE, dialogam com Stephen Duggan (IIE), - os mesmos sujeitos que atuam na interação entre o IBEU e a ABE. Isso demonstra que uma única rede de indivíduos estava presente em três associações diferentes, mas relacionadas entre si.

Outro recurso utilizado pela ABE, conforme apontado, é a republicação de listas de livros publicadas no The Journal of the National Education Association (NEA), associação congênere dos Estados Unidos, nos impressos da ABE.

III - APONTAMENTOS FINAIS

Só pode ter fé nos destinos de um país quem sabe o seu passado e compreende o seu presente. Eis um dos princípios da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO (Envelopes da Associação entre 1929 e 1931).

A partir da investigação sobre a atuação da Associação Brasileira de Educação (ABE) em uma perspectiva transnacional, esta tese buscou compreender como essa instituição se configurou como um elemento central para a circulação de sujeitos, ideias e objetos no campo educacional, com vistas ao debate sobre a renovação pedagógica. Ao analisar a ABE (1924-1947), foi possível evidenciar que a Associação desempenhou um papel estratégico como ponto de conexão e articulação entre educadores, promovendo trocas em redes compartilhadas e contribuindo para a renovação do campo pedagógico.

Com base na ideia de lugar e de estratégias apresentadas por Certeau (1982, 2014), admite-se que a ABE constituiu o primeiro e mais amplo espaço privilegiado em que se institucionalizou o debate sobre a escola e a educação em âmbito nacional. Ela emergiu como uma mobilizadora fundamental da ciência e da educação no Brasil, no período aqui estudado, frequentemente associada ao movimento internacional da Escola Nova, ainda que não se limitasse exclusivamente a ele. Vale pontuar que a Escola Nova é um movimento com um princípio em comum, mas com múltiplas interpretações, considerando que não apresentava uma forma definida e envolvia grupos de diversos países, com diferentes orientações pedagógicas.

A ABE ocupou um lugar de poder e de estratégia no cenário educacional brasileiro e internacional, consolidando-se como um espaço de articulação que transcendeu as fronteiras nacionais. Sua capacidade de mobilizar debates, congregar sujeitos e mediar projetos educacionais demonstra a centralidade que a instituição alcançou na formação de políticas e ideias pedagógicas.

Ao longo de sua história, a ABE promoveu a articulação entre educadores, cientistas e pensadores, estabelecendo um diálogo frutífero que visava à renovação pedagógica e ao fortalecimento do conhecimento científico. A Associação reuniu professores, normalistas, intelectuais, médicos, engenheiros, políticos, jornalistas, entre outros, e sua atuação se espalhou por diversas frentes: organização de inquéritos e estatísticas da instrução no Brasil; publicação de boletins, impressos e relatórios sobre aspectos do ensino; organização e promoção das Conferências Nacionais de Educação (CNEs); criação e manutenção de museus escolares e da biblioteca pedagógica; promoção de palestras e cursos; incentivo ao intercâmbio com associações congêneres; e investimento em viagens de formação pedagógica para educadores no exterior. Além disso, desenvolveu ações voltadas à construção de prédios escolares,

aquisição de mobiliário e livros, promoção de bibliotecas infantis e organização de exposições de livros e materiais pedagógicos, arquitetura escolar, educação, estatísticas e brinquedos educativos, entre outras iniciativas.

Pode-se afirmar, ainda, que a ABE foi um centro de difusão do ideário do movimento internacional da Escola Nova. Promoveu inúmeras conferências sobre temas associados à Escola Nova, além de publicar, em seus impressos pedagógicos, artigos que versavam sobre o mesmo assunto. A Associação esteve ligada ao Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932), um movimento resultante das discussões sobre o problema educacional brasileiro que ocorreram em seu âmbito, e esteve diretamente ligada à elaboração da Carta Brasileira de Educação Democrática, resultado do IX Congresso Brasileiro de Educação, igualmente promovido pela ABE.

Assim, a ABE era uma organização ativa e constantemente engajada com os acontecimentos educacionais em outros países. Ela buscava se atualizar e dialogar com as novas tendências e inovações do cenário educacional global. Essa aproximação se dava por meio de viagens, intercâmbios, correspondências, publicações, congressos, conferências, exposições, entre outras iniciativas. A ABE ocupou um “lugar” no sentido cersteuniano. Sob essa ótica, a ABE não era apenas uma organização voltada à educação, mas ocupava um “lugar de produção socioeconômica, política e cultural” que influenciava e era influenciado pelas condições e ideias de seu contexto histórico. Esse “lugar” envolve tanto sua posição ativa na formulação de políticas educacionais e culturais quanto seu papel como um ponto de encontro para debates e iniciativas que poderiam vir a formar a sociedade brasileira. A ABE, desse modo, não apenas promovia a educação, mas operava de um lugar situado e estratégico, marcado por contradições e disputas, no qual os discursos sobre modernização, ciência e educação eram formulados, refletindo um posicionamento específico que tinha impacto na sociedade e na cultura da época.

Ao analisar a ABE sob uma abordagem transnacional, percebe-se como ela se constituiu como um ponto de conexão no diálogo com associações congêneres internacionais, funcionando como um espaço multiplicador, indutor e formador de novas possibilidades interpretativas e propositivas no cenário educacional. Esse ponto de contato se dava tanto nos congressos e exposições organizados ou frequentados pela ABE quanto na troca de informações que abrangiam diversos assuntos, incluindo os saberes pedagógicos, o que permitiu a disseminação de ideias inovadoras que influenciaram profundamente o panorama educacional brasileiro.

No recorte proposto (1924-1947), diversos sujeitos ligados à ABE cooperaram para a formação dessa rede de contatos, que, em certa medida, contribuiu para o desenvolvimento da

educação no Brasil. Atuando como um ponto de contato entre o Brasil e importantes associações pedagógicas de outros países, a ABE manteve interface com uma rede alargada de associações congêneres internacionais. Essas interações se davam tanto pelas viagens de estudos quanto pela participação em congressos e eventos voltados para a educação, como também pelos impressos pedagógicos, que, em certa medida, oportunizaram a circulação de saberes e práticas pedagógicas consideradas modernas, fortalecendo um movimento mais amplo pela educação democrática e centrada na criança.

A ABE não apenas promoveu o intercâmbio de ideias e metodologias, mas também facilitou a circulação de pessoas e materiais entre o Brasil e diversas associações congêneres internacionais. Através de suas conexões, a associação possibilitou um fluxo contínuo de inovações pedagógicas que ultrapassaram as fronteiras nacionais, alinhando o Brasil aos propósitos dos movimentos internacionais de renovação da educação.

Neste trabalho evidenciou-se parte do diálogo entre a ABE com algumas associações congêneres provenientes da Europa, dos Estados Unidos da América e América Latina. Entre as que compõem a rede, em ordem alfabética, apresenta-se: o Bureau Internacional d'Éducation (BIE), Confederación Americana del Magisterio (CAM) Consejo Nacional de Enseñanza Primaria y Normal, Institute of International Education (IIE), Instituto Internacional de Cooperação Intelectual (IICI), Instituto Jean-Jacques Rousseau (IJJR), Internacional de Magistério Americano (IMA), National Education Association (NEA), New Education Fellowship (NEF), União Pan Americana (UPA) e a World Federation of Education Associations (WFEA). Essas associações estabeleciam diálogos com o objetivo de compartilhar informações sobre conhecimentos pedagógicos que impulsionassem saberes, práticas, materiais de ensino e promovessem a aproximação entre educadores comprometidos com a ampliação e o aprimoramento dos sistemas educacionais em seus respectivos países. O Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU), nasce dentro da ABE, está ligado aos EUA, com qual a ABE dialoga constantemente.

No panorama das pessoas que gravitaram em torno da ABE, é possível identificar que a associação se articulou e se relacionou com diferentes sujeitos, instituições e associações, além de fomentar práticas pedagógicas, promovendo o movimento de troca de saberes. Entre seus integrantes destacam-se nomes como Laura Lacombe, Anísio Spinola Teixeira, Armanda Álvaro Alberto, Lourenço Filho e Francisco Venâncio Filho, além de outros, que construíram uma rede marcada pelo intercâmbio constante de conhecimentos e práticas educacionais. Também se identifica o papel de figuras como Cecília Meireles, Eliseu Montarroyos e Hélio Lobo, que, embora não fossem formalmente associados, desempenharam, em suas áreas de

atuação, ações de estreitamento desses laços internacionais. Também nessa rede, destaco que as mulheres tiveram espaço e desempenharam papel fundamental nas articulações relacionadas à renovação pedagógica.

Sob a perspectiva de Gruzinski (2014), essa rede formada por sujeitos, associações e instituições posiciona a ABE como uma mediadora cultural. Por meio de seus integrantes, a associação desempenhou o papel de intérprete, capaz de realizar leituras, interpretações e sínteses em um processo contínuo de intercâmbio, no qual elementos e fragmentos de culturas em interação foram colocados em circulação. Esse mediador busca compreender as “redes de cumplicidade” que conectam e mobilizam pessoas e objetos (Gruzinski, 2014, p. 77). Outro ponto interessante que se observa entre os sujeitos que mais gravitaram em torno da ABE refere-se ao fato de que boa parte dele ocupou lugares privilegiados de poder, dentro e fora da ABE. Muitos deles atuaram em lugares diretivos no Brasil, circulando em várias esferas.

A ABE, portanto, nesta investigação, é reconhecida como uma instituição que contribuiu para a circulação dos saberes pedagógicos e para a modernização educacional no Brasil. A rede gravitacional formada ao redor da ABE, com seus associados e associadas, é um reflexo da capilaridade e da fluidez das trocas pedagógicas internacionais, em que é o elo entre o Brasil e o cenário educacional mundial.

Nas correspondências trocadas entre ABE e demais associações congêneres, diversos temas foram explorados, incluindo a organização de grupos, detalhes sobre viagens, representações em eventos internacionais, trocas de materiais educacionais e discussões sobre metodologias de ensino. As correspondências também abordaram uma ampla gama de articulações envolvendo intercâmbios, permutas de materiais e eventos de caráter global. Além disso, destacaram-se debates sobre a educação para a paz, influenciados tanto pelos rastros deixados pela Primeira Guerra Mundial quanto pelos indícios do que se avizinhava com a Segunda Guerra Mundial. Esses debates evidenciam a preocupação em promover um mundo mais pacífico e justo por meio da educação.

Ao analisar alguns impressos pedagógicos da ABE, como o Boletim, a Revista Schola e a Revista Educação, percebe-se que a Associação buscava utilizar esses dispositivos não apenas para ofertar materiais voltados à renovação pedagógica, mas também como uma forma de acessar e ampliar o repertório educacional disponível para educadores e demais interessados. Esse mesmo movimento se observava com as revistas que a ABE assinava ou recebia, disponibilizando-as aos associados, evidenciando o esforço da Associação em promover um intercâmbio de saberes pedagógicos e atualizar os debates educacionais da época.

As Exposições de Livros Infantis e de Livros Didáticos norte-americanos promovidas pela ABE destacam-se como iniciativas estratégicas que evidenciam tanto a amplitude de suas articulações internas quanto sua capacidade de diálogo no cenário internacional. Essas exposições ilustram como a ABE utilizava diferentes recursos para fomentar a circulação de ideias e práticas educacionais, desde a realização de inquéritos para mapear o panorama da leitura e da produção literária no Brasil, até o envio de informações ao Bureau International d'Éducation (BIE), reforçando sua conexão com redes internacionais.

Outro ponto que chama a atenção na organização das quatro exposições de livros promovidas pelas ABE, para além da campanha pelo livro, é a sistematização dos trabalhos realizados por aquelas professoras responsáveis, atuando e dialogando em diversas esferas. A mobilização de contatos diplomáticos, como embaixadas e as parcerias com várias associações, demonstra parte da extensão das ações da ABE. Além disso, a republicação, nos impressos da ABE, de listas de livros divulgadas pelo *The Journal of the National Education Association* (NEA) reflete os diálogos internacionais e até mesmo o esforço da ABE em disseminar tais referências no Brasil, reafirmando seu papel como mediadora cultural.

Um aspecto adicional a ser destacado é o esforço dedicado à busca de imagens e fontes para compor a narrativa desta tese. Kossoy (2014, p. 47) afirma que “toda fotografia é um resíduo do passado, um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente”. Nesse sentido, as 22 imagens apresentadas representam mais uma via para compreender o passado. Por meio delas, foi possível vislumbrar parte da história da ABE, incluindo suas conferências, exposições de livros, encontros diplomáticos e celebrativos, além de alguns sujeitos dessa trama, possibilitando uma leitura plural.

A epígrafe da Associação Brasileira de Educação, presente nos envelopes da entidade entre 1929 e 1931, que abre o texto dos apontamentos finais, ainda ressoa com força atualmente: “Só pode ter fé nos destinos de um país quem sabe o seu passado e compreende o seu presente”. Essa reflexão nos leva a reconhecer que o legado da ABE continua relevante, pois, ao investigar sua trajetória, somos convidados a entender como a Associação desempenhou um papel fundamental na construção do campo educacional brasileiro. A ABE, com sua vasta rede de relações, práticas pedagógicas e contribuições para a renovação educacional, continua a ser um campo fértil de investigação, com muitos aspectos ainda a serem explorados e compreendidos. Ao longo de sua história, a ABE se configura como um ponto de referência para o estudo da educação no Brasil, com implicações tanto para o passado quanto para os desafios contemporâneos.

FONTES:**- ACERVO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO - ABE**

- Arquivos de fotos da ABE entre os anos de 1924 e 1940.
- Atas da ABE entre os anos 1924 e 1936.
- Boletins da ABE de 1925 a 1928.
- Correspondências enviadas e recebidas pelos membros da ABE entre os anos de 1924 e 1935.
- Relatórios de Atividades da ABE entre os anos de 1925 e 1945.
- Revista A Educação publicadas entre os anos de 1923 e 1928.
- Revista Educação publicadas nos anos 1939, 1940, 1941, 1945, 1946, 1947, 1948.
- Revista Schola – 1930.

ABE. ATA, 9ª sessão, 15 de maio de 1925 – ABECD255.DOC

ABE. ATA, 9ª sessão, sem dia, setembro de 1926 – ABECD266.DOC

ABE.ATA, 12ª sessão, 26 de novembro de 1926 – ABECD269.DOC

ABE. ATA, 14ª sessão, 10 dezembro, 1926 – ABECD2611.DOC

ABE. ATA, 21ª sessão, 8 de abril de 1927 – ABECD274.DOC

ABE. ATA, 35ª sessão, 25 de julho de 1927 – ABECD2718.DOC

ABE. ATA, 50ª sessão, sem dia, novembro de 1927 – S/N da ABE

ABE.ATA, 51ª sessão, 14 de novembro de 1927 – S/N da ABE

ABE. ATA, 69ª sessão, 14 de maio de 1928 –

ABE. ATA, 14 de abril de 1941 – S/N de sessão e S/N da ABE.

ABE. BOLETIM. Nota de agradecimento a empresa Albuquerque Neves e Cia, 1925, p. 4.

ABE. BOLETIM. A ABE no Estrangeiro. jul./1926.

ABE. BOLETIM, set. /1926.

ABE. BOLETIM, jan./fev. 1927

ABE. BOLETIM, ano II, n. 6, jul./1927.

ABE. BOLETIM, ano IV, n. 12, agosto de 1928.

ABE. BOLETIM, 1929.

ABE. BOLETIM, n. 04, junho 1984 a julho de 1985.

ABE. Carta. Cópia da carta de Santos Dumont para Vicente Licínio Cardoso, com data de 19 de janeiro de 1929, sem assinatura. Correspondências, Arquivo da ABE, 19/01/1929.

ABE. Carta. Correspondência da ABE enviada para Elyseu Montarroyos, comunicando que Montarroyos representaria a ABE junto ao Instituto Internacional de Cooperação Intelectual. Arquivo da ABE, 20/02/1929.

ABE. Carta. Correspondência em que o presidente da ABE, Artur Moses, escreve para Elyseu Montarroyos informando que, escolhido por unanimidade pelo Conselho Diretor, ele será o representante da ABE no Instituto Internacional de Cooperação Intelectual. Arquivo da ABE, 29/03/1930.

ABE. Carta. Ofício da ABE para o Ministro das Relações Exteriores, Hélio Lobo, comunicando a vinda do Sr. Duggan, do IIE. Correspondências, Arquivo da ABE, 17/12/1929.

ABE. Carta. Carta assinada pelo filho de Stephen Duggan, chamado Laurence Duggan, direcionada a Artur Moses, à época presidente da ABE, informando que o pai estava na Europa participando da Comissão de Cooperação Intelectual da Liga das Nações. Correspondências, Arquivo da ABE, 29/04/1930.

ABE. Carta. Correspondência enviada para ABL e apresenta uma lista de 20 associações que deveriam receber a comunicação descrita. Correspondências, Arquivo da ABE, 14/05/1931.

ABE. Carta. Correspondência para a NEF informando que os representantes da Conferência Internacional da New Fellowship, que se realizaria naquele ano de 1932, em Nice, seriam Lourenço Filho e Álvaro Osório de Almeida. Correspondências, Arquivo da ABE, 1932.

ABE. Carta enviada a Miss Louis Willians em agradecimento ao envio das Revistas de Sociologia e de Folclore americano para a Biblioteca da ABE. Correspondências, Arquivo da ABE, 1933.

ABE. Carta do FÉDÉRATION INTERNATIONALE DES ASSOCIATIONS D'INSTITUTEURS, de Paris, enviada a Marina Ribeiro Corimbaba, secretaria geral da ABE, informando o envio do impresso periódico denominado l'Ecole Libératrice; também a coleção de publicações e o Boletim de informações. Correspondências, Arquivo da ABE, 23/01/1935.

ABE. Carta do FÉDÉRATION INTERNATIONALE DES ASSOCIATIONS D'INSTITUTEURS, de Paris, enviada a ABE, solicita informações da ABE sobre endereço, nomes dos presidentes e diretores, número de associados e etc.. Correspondências, Arquivo da ABE, 01/04/1935.

FEUILLE MENSUELLE D'INFORMATION. Nº 40/41 MARÇO/ABRIL de 1935. Esse material está arquivado na ABE nas correspondências recebidas entre 1934-1936

ABE. Carta. Comunicação interna com o pedido de material para o ano, informando que não recebeu quase nada do que foi solicitado. Correspondências, Arquivo da ABE, 18/04/1936.

ABE. Carta. O IICI se dirigiu ao presidente da ABE para confirmar o recebimento de uma correspondência anterior. Correspondências, Arquivo da ABE, abril de 1938.

ABE. Carta. Correspondência enviada pelo presidente em exercício Celso Kelly ao Sr. Quinquela Martín, presidente da Sociedade de Estímulo de Belas Artes, em Buenos Aires, informava e convidava para uma homenagem ao Professor Antonio Carneiro Leão, Correspondências, Arquivo da ABE, 10/01/1946.

ABE. Dossiê da Exposição de Livros Didáticos– Livros didáticos oferecidos pelo Instituto Internacional de Educação dos Estados Unidos – Associação Brasileira de Educação. 1936.

ABE. Livreto intitulado Francisco Venâncio Filho – um educador Brasileiro, impresso pela ABE em 1984.

ABE. Livro publicado por ocasião do aniversário do décimo ano de morte do seu fundador, Heitor Lyra da Silva, 1936.

ABE. Programa das conferências e cursos realizados pela ABE 1927.

ABE. Relatório da III Exposição Internacional de Literatura Infantil, 1934.

ABE. Relatório de atividades da secretaria no período de Outubro de 1944 a Setembro de 1945. Está assinado por Antonio Victor de S. Carvalho (Secretário Geral). 30/09/1945.

ABE. Relatório de Atividades Desenvolvidas pela ABE em 1928. Esse relatório foi elaborado pela Comissão Permanente de Arquivo da ABE, com base nos Boletins de números 12 e 13. 1928.

ABE. Relatório de Atividades Desenvolvidas pela ABE em 1929, assinado por Mello de Leitão, 1929.

ABE. Relatório de Atividades Desenvolvidas pela ABE entre outubro e dezembro de 1933. Relatório datilografado assinado por Clotilde S. Matta (secretária geral). 1933.

ABE. Relatório de Atividades Desenvolvidas pela ABE de outubro a dezembro de 1936. Relatório datilografado, assinado por Clotilde S. Matta (secretária geral). 1936.

ABE. Relatório de Atividades Desenvolvidas pela ABE referente ao primeiro semestre e segundo de 1937. Relatório datilografado assinado por Clotilde S. Matta (secretária geral). 1937.

ABE. Relatório de Atividades Desenvolvidas pela ABE referente ao primeiro semestre e segundo de 1938. Relatório datilografado assinado por Clotilde S. Matta (secretária geral). 1938.

ABE. Relatório de Atividades Desenvolvidas pela ABE referente ao primeiro semestre de 1939. Relatório datilografado assinado por Clotilde S. Matta (secretária geral). 1939.

ABE. Relatório de Atividades Desenvolvidas pela ABE referente ao segundo semestre de 1939. Relatório datilografado assinado Plínio Olinto. 1939.

BORGES, Esteban Gil. Carta assinada pelo subdiretor da Union Pan-Americana, solicita a Heitor Lira, da ABE, diferentes publicações. Correspondências, Arquivo da ABE, 30/08/1925.

BRAINERD, Heloise. Carta assinada pela Chefe da Seção de Cooperação Intelectual Union da Pan-Americana informando troca e recebimento de diferentes publicações. Correspondências, Arquivo da ABE, 16/11/1929.

CAMPOS, Ernesto de Souza. Cartão arquivado na ABE, com a solicitação do texto para compor o livro sob o título “Histórico das instituições do Brasil”. Correspondências, Arquivo da ABE, 1939.

CARDOSO, Vicente Licínio. Correspondência para Isabel Jacobina Lacombe. Correspondências, Arquivo da ABE, 1929.

CARNEIRO, Levi. Carta do então presidente da ABE, para o Governador do estado daquele período, informando sobre o Plano de utilização sistemática do cinematógrafo. Correspondências, Arquivo da ABE, Ago. 1925.

DUMAS, Louis; LAPIERRE, Georges. *Feuille Mensuelle d'Informacion. Boletim da Fédération Internationale des Associations d'Instituteurs - FIAI/IICI*, n. 40/41, março/abril 1935. Correspondências, Arquivo da ABE.

FRANCO, Pedro B. Carta da Internacional del Magisterio Americano (IMA), informado o recebimento da revista Schola. Correspondências, Arquivo da ABE, 1929.

LACOMBE, Laura. Discurso proferido na Associação Brasileira de Educação por Laura Jacobina Lacombe em 1º de novembro de 1927, em função do *Congresso Internacional de Educação Moderna* realizado em Locarno. Arquivo da ABE.

MAGALHÃES, Lucia. Carta da secretária-geral a Léon Walther, com a solicitação de autorização para a publicação das obras cedidas. Correspondências, Arquivo da ABE, 09/08/1929.

MAGALHÃES, Lucia. Carta da secretária-geral a Fernando de Azevedo, informando que havia recebido documentos de Miss G. Crutwell, secretária da Associação Internacional de Filmes da Educação Nova. Correspondências, Arquivo da ABE, 16/05/1930.

MONTARROYOS, Eliseu. Coordenação Internacional do Centro de Documentação Pedagógica – criação de um centro brasileiro. Correspondências, Arquivo da ABE, 1932.

MOSES, Artur. Carta de ofício enviada para Stephen Duggan reitor do Instituto Internacional de Educação (IIE), do Teachers College (TC), Columbia University. Correspondências, Arquivo da ABE, em outubro de 1931.

NEA. Carta. Correspondência com convite para o Congresso Mundial de Educadores de Edincott. Correspondências, Arquivo da ABE, 12/05/1946.

REGULES, Dardo. Carta enviada pelo professor integrante da Sociedade Pedagógica de Montevideo, confirma o recebimento de uma proposta para apresentar o reitor da Universidade Sociedade Pedagógica aos integrantes da ABE e confirma que fará um pronunciamento oficial. Correspondências, Arquivo da ABE, 1931.

REVISTA A EDUCAÇÃO, Rio de Janeiro, número 10, maio de 1923.

REVISTA A EDUCAÇÃO, Rio de Janeiro, número 13, agosto de 1923.

REVISTA EDUCAÇÃO. Carta repostada de Fernando Tude de Souza, 1948, p. 35.

RIO DE JANEIRO. Decreto Lei de número 784, 1938.

RIO DE JANEIRO. Decreto Lei de número 1074, 1939.

ROCHA, Márcia Lindemberg. Relatório da IV Exposição Internacional de Livros Infantis de 1936. ABE, Rio de Janeiro, 1936.

ROSSI, Santin Carlos. Carta do Consejo Nacional de Enseñanza Primaria y Normal confirmando que havia enviado 7 volumes de livros uruguaiois para a Exposição de Livros da ABE. Correspondências, Arquivo da ABE, 1936.

SILVA, Arlette Pinto de Oliveira e. Depoimento referente aos 60º aniversário da ABE. Impresso alusivo ao 60º aniversário da ABE. In: ABE. BOLETIM, n. 04, jun. 1984/jul. 1985, p. 5 e 6.

SWIGGETT, Glen Levin. Carta datada de janeiro de 1931 direcionadas ao presidente da ABE (sem nominar). Correspondências, Arquivo da ABE, 1931.

VASCONCELLOS, Raymonde. ABE no Exterior. Boletim da ABE, p. 8-9, jan./fev. 1927.

VENÂNCIO FILHO, Francisco. Texto descrevendo o trabalho da Associação nos seus primeiros 15 anos de existência. ABE, 1939.

- HEMEROTECA DA BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL

A BATALHA. Rio de Janeiro, 14/01/1937. A Criação do Instituto Brasil -Estados Unidos.

A ESQUERDA. Rio de Janeiro, 21/11/1930, p. 06. Associação Brasileira de Educação - Exposição de Literatura Infantil.

A MANHÃ. Rio de Janeiro, 4/03/1928. I Convenção Internacional de Professores, em Buenos Aires, reunida em Bueno Aires foi um certame de cultura e liberdade.

A MANHÃ. Rio de Janeiro, 30/08/1929. Sentindo de perto a pujante e gloriosa mocidade revolucionária. Primeira página.

A MANHÃ. Rio de Janeiro, 06/10/1929, p.06. Maria Lacerda de Moura: o que diz sobre a

grande escritora brasileira o Boletim da Internacional do Magistério Americano.

A MANHÃ. Rio de Janeiro, 31/12/1941. Nota no jornal aborda o processo educacional globalizado chamado de A Escola Ativa Direta.

A MANHÃ. Rio de Janeiro, 28/10/1942. Notícia sobre as visitas realizadas por Carleton Wolsey Washburne.

A NOITE. Rio de Janeiro, 18/11/1930, p. 06. Exposição de Literatura Infantil da Associação Brasileira de Educação.

A NOITE. Rio de Janeiro, 11/01/1929. A obra de Santos Dumont evocada em um grande filme.

A RUA. Semanário ilustrado. 09/11/1927. Rio de Janeiro. Sobre o serviço de consultas ou consultório pedagógico da ABE.

CAMPOS. Maria dos Reis. As novas correntes educativas na Ibero-América. Tradução de texto de Heloise Brainerd sobre sua viagem ao Brasil e aos países americanos. Revista A Escola Primária, Rio de Janeiro, n. 6, p. 125-131 set.1931.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 3/07/1925. Professor Luiz Cantanhede da Escola Politécnica havia visitado o Peru e realiza uma conferência pedagógica sobre os progressos na instrução realizados no país vizinho, promovida pela ABE.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 8/07/1925. A professora Laura Lacombe, integrante da diretoria do Curso Jacobina fará Conferência sobre o ensino na Suíça, na Escola Politécnica, a convite da ABE.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 29/09/1925. Programa de difusão de ensinamentos por meio de radiofonia e cinematógrafo organizado pela ABE.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 1-2/07/1926. Professor Azevedo Sodré, catedrático da Faculdade de Medicina, realiza conferência sobre “O problema do ensino no Brasil, na Escola Politécnica, a convite da ABE.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 24-25/11/1926. Conferência de Afrânio Peixoto, na Escola Politécnica, promovida pela ABE.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 06/06/1928, p. 10. Participação de Heloise Brainerd na reunião do Conselho Diretor da ABE.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 14/09/1929, p.8. Orientação Profissional. Uma conferência do professor Léon Walther promovida pela Associação Brasileira Profissional.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 07/04/1939. Sobre a chegada do educador norte americano Uel Walter Lamkin ao Brasil.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 16/06/1928, p. 4. Participação de Heloise Brainerd na reunião do Conselho Diretor da ABE.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 20/08/1942. Sobre a conferência de Carleton Wolsey Washburne em São Paulo.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 12/10/1930. Conferência do professor Dardo Regules.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 17/03/1932. IV Congresso Mundial da Educação Nova. Comunicado Diretoria Geral de Informações, Estatística e Divulgação do Ministério da Educação e Saúde Pública.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 17/12/1927. Sobre o Consultório Pedagógico da ABE.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 23/02/1929.p.7 ABE. A conferência do professor Léon Walter.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 17/05/1930, p. 9. Reunião educacional. Balanço sobre o que há em instrução primária no Brasil.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 17/03/1932, p. 5. Comunicado da Diretoria Geral de Informações e Estatísticas e Divulgação do Ministério da Educação e Saúde Pública foi publicado em vários jornais dando informações sobre o Congresso Mundial de Educação Nova, em Nice

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 03/09/1926, p. 4. Matéria sobre o Instituto Internacional de Cooperação Intelectual.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 16/05/1928. Informativo sobre o jantar comemorativo da ABE.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 16-17/12/1929, p. 5. Nota em que a ABE dá visibilidade a um convite do Conselho Diretor da Internacional do Magistério Americano.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 31/03/1933, p. 3. Comunicado – A Rádio Difusão escolar.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 20/05/1934, p. 8. Brasil e Brasileiros na Europa.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 14/01/1937, p. 4. Instituto Brasil Estados Unidos – Sua fundação.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 10/09/1939. Visita dos professores americanos.

LBHM. Ata da sessão conjunta da diretoria e conselho executivo, realizada a 25 de agosto de 1942. Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, Rio de Janeiro, ano XIV, n.1, p. 94-95, jan. 1943.

MEIRELES, Cecilia. Uma esperança de Educação. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 15/09/1932.

MONTARROYOS, Eliseo. Sobre a importância das ações do IICI. Jornal do Comercio, Rio de Janeiro, 10/02/1929.

MOURA, Maria Lacerda. Sobre sua viagem à Argentina. A Manhã, Rio de Janeiro, 30/08/1929.

O CRUZEIRO. Rio de Janeiro, 1929. Imagem: Exibição do filme Santos Dumont e seus inventos na sede da ABE.

O JORNAL. Rio de Janeiro, 14/07/1926. Sobre a chegada da cientista Marie Skłodowska-Curie ao Brasil em 1926.

O JORNAL. Rio de Janeiro, 21/07/1926. Primeira conferência de Marie Skłodowska-Curie na Escola Politécnica.

O JORNAL. Rio de Janeiro, 04/12/1928. CAPA. A Catástrofe de ontem consterna o país inteiro.

O JORNAL. Rio de Janeiro, 03/10/1946. Discurso de Fernando Tude Souza

O MALHO. 30/06/1928. Imagem: Aspectos das conferências realizadas pela ABE na Escola Politécnica.

O MALHO. Março de 1939, p. 40. Texto sobre a VIII Conferência Mundial de Educação.

O MALHO. 1946, edição IX, p. 31. Sobre a participação de Fernando Tude Souza na Conferência em Edicott, Estados Unidos.

O PAIZ. Rio de Janeiro, 29/11/1924. Sobre a palestra de Paul de Vuyst promovida pela ABE.

O PAIZ. Rio de Janeiro, 19/11/1926 p. 01. A Delegação Brasileira ao Congresso Internacional de Roma.

O PAIZ. Rio de Janeiro, 29/07/1927. O Brasil na América do Norte.

O PAIZ. Rio de Janeiro, 28/07/1929, p. 5. A ideia americana do ensino. Impressões comunicadas ao jornal pelo Dr. Anísio Teixeira, Diretor da Instrução na Bahia.

O RADICAL. 02/08/1932. Nota sobre o Congresso de Nice.

REVISTA A ESCOLA PRIMÁRIA. Janeiro de 1933, ano XVI, n 10, p.181-187. Discurso do Ministro Afranio de Mello Franco. A Paz pela Escola.

RADICE, G. Lombardo. Revista A Escola Primária, n. 2 e 3, p. 37, traduzido por Firmino Costa, mai.1932

- BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE DE TORINO – IT

BULLETIN DU BUREAU INTERNATIONAL D'EDUCATION, Genève, XVIII année - 4º trimestre 1944, n. 73, Brésil, p. 124.

BULLETIN DU BUREAU INTERNATIONAL D'EDUCATION, Genève, XIX année - 2º trimestre 1945, n. 75, Brésil, p. 3 e 4.

BULLETIN DU BUREAU INTERNATIONAL D'EDUCATION, Genève, XIX année - 3^o trimestre 1945, n. 76. Brésil, p. 84.

BULLETIN DU BUREAU INTERNATIONAL D'EDUCATION, Genève, XX année - 2^o trimestre 1946, n. 79. Brésil, p. 52.

COMITE. L'Association Internationale pour Films d'Education Nouvelle. Pour l'ère nouvelle, n. 44, jan. 1929, p. 7 e 8.

ENSOR, Beatrice. L'Esprit du temps nouveau. Pour l'ère nouvelle, n. 10, jan. 1924, p. 22.

FERRIERE, Ad. Pestalozzi et L'Education Nouvelle. Pour l'ère nouvelle, n. 25, fev. 1927, p 18-28.

HUSSON, J. Les Mouvements d'Éducation Nouvelle. Brochures d'Éducation Nouvelle Populaire, n. 21, mai. 1946. Vence (Alpes Maritimes). L'imprimerie a L'ècole.

LANGEVIN, Paul. Le Problème de la Culture Générale. Pour l'ère nouvelle, n. 81, out. 1932, p. 239.

POUR L'ERE NOUVELLE. Congrès de "La Nouvelle Education", Versailles, les 4, 5 et 6. n. 03, jul. 1922, p. 56.

POUR L'ERE NOUVELLE. Ecoles expérimentales. Jan.1926, p. 6.

POUR L'ERE NOUVELLE. Le centenaire de Pestalozzi. n. 22, Set.1926, p. 129.

POUR L'ÈRE NOUVELLE, n° 45, 1929.

PROGRESSIVE SCHOOLS IN LATIN AMERICA,1928, inserido no acervo digital da Universidad Complutense de Madrid. Disponível via UNITO/Itália no site: <https://ucm.on.worldcat.org/search?queryString=no%3A1416604794>

- BIBLIOTECA NACIONAL CENTRAL DE FIRENZE - IT

-CATÁLOGO. Quarta Fiera Internazionale del Libro. Catálogo Ufficiale. Firenze, 1932.

ELDA, Mazzoni. Apêndice. FERRIÈRE, Adolphe. La scuola attiva. Prefazione-programma di G. Calo; introduzione di G. Lombardo-Radice; traduzione, appendice e note di E. Mazzoni. Editora C.E.Giunti Bemporad Marzocco. 14 stampa, Firenze,1967. 311 páginas.

FERRIÈRE, Adolphe. La scuola attiva. Prefazione-programma di G. Calo; introduzione di G. Lombardo-Radice; traduzione, appendice e note di E. Mazzoni. Editora C.E.Giunti Bemporad Marzocco. 14 stampa, Firenze,1967. 311 páginas.

GIORNALE DELLA LIBREIRA. Anno XLV, n. 1, janeiro de 1932, p. 6-7.

RADICE. G. Lombardo. Introduzione. *In*: FERRIÈRE, Adolphe. La scuola attiva. Prefazione-

programma di G. Calo; introduzione di G. Lombardo-Radice; traduzione, appendice e note di E. Mazzoni. Editora C.E.Giunti Bemporad Marzocco. 14 stampa, Firenze,1967. 311 páginas.

- BIBLIOTECA UNIVERSITARIA DI BOLOGNA - IT

The Journal of the National Education Association, da National Education Association com números comprendidos entre 1929 ao 1932.

NEA. Educational Exhibithion Developments in school. The Journal of the National Education Association, vol.19, número 4, abril de 1930 p.101 a 108.

THE JOURNAL OF THE NATIONAL EDUCATION ASSOCIATION, vol. 19, n. 1, A-261, Janeiro de 1930.

THE JOURNAL OF THE NATIONAL EDUCATION ASSOCIATION, vol. 20, n. 2, A-31, Fevereiro de 1931. Sobre a Convenção de Atlantic City.

THE JOURNAL OF THE NATIONAL EDUCATION ASSOCIATION, vol. 20, n. 3, p. 84, março de 1931. Sobre o programa da Conferência de Denver organizada pela WFEA

- OUTRAS FONTES:

ANNUAIRE INTERNATIONAL DE L'ÉDUCATION ET DE L'ENSEIGNEMENT, V. 1, 1933, publicação do BIE, em francês, com 343 páginas. Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000040703>. Acesso em 10/09/2023.

BRAINERD, Heloise. Progressive Schools in Latin America, Bulletin of the Pan American Union. número 7, Ebook - The Pan American Union, 1928. Disponível em: <https://ucm.on.worldcat.org/search?queryString=no%3A1416604794>. Acesso em: 12/01/2024.

IV CONGRESSO INTERNAZIONALE D'EDUCAZIONE MORALE: Roma, 1926. Roma: Stabiliamento Tipográfico Ditta C. Colombo, 1926 (FG a 438/1-3).

KANDEL, Isaac L. World Education, jul. 1939. Disponível em: https://www.lib.umn.edu/rimo.lib.umn.edu/discovery/fulldisplay?context=L&vid=01UMN_INST:TWINCITIES&search_scope=TwinCitiesCampus_and_CI&tab=Everything&docid=alma9948689730001701. Acesso em 01/04/2024.

L'Éducation nationale: organo di studio dell'educazione nuova, fevereiro de 1927, ano IX. Disponível na Biblioteca da UniTO - Torino

LACOMBE, Laura, *A Educação e a Paz*. In: COSTA, Maria José Franco Ferreira da; SCHENA, Denilson Roberto; SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. **I Conferência Nacional de Educação, 1927, PR**. Brasília: INEP, 1997, p. 132.

LACOMBE, Laura, *O Bureau International d'Éducation*. In: COSTA, Maria José Franco

Ferreira da; SCHENA, Denilson Roberto; SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. **I Conferência Nacional de Educação, 1927, PR.** Brasília: INEP, 1997, p. 99.

REVISTA DE EDUCACIÓN. Centenário de morte de Pestalozzi. ANO LXVIII número II – edição março e abril, páginas p. 271-299. Disponível em: <https://cendie.abc.gob.ar/revistas/index.php/revistaanales/issue/view/608>. Acesso em 10 de junho de 2024

VASCONCELLOS, A. Faria de. Uma escola nova na Bélgica. pref. Adolphe Ferrière; posf. e notas Carlos Meireles-Coelho – 1.^a edição – Aveiro: UA Editora, 2015. – 320 p. Tradução a partir do original em francês “Une École Nouvelle en Belgique”. Préface de M. Adolphe Ferrière. Neuchâtel: Delachaux & Niestlé, 1915. Disponível em: <https://ria.ua.pt/handle/10773/14513>

WORLD EDUCATION, Items on World Education, jul. 1939, p. 292. Disponível em: <https://www.lib.umn.edu/>

[rimo.lib.umn.edu/discovery/fulldisplay?context=L&vid=01UMN_INST:TWINCITIES&search_scope=TwinCitiesCampus_and_CI&tab=Everything&docid=alma9948689730001701](https://www.lib.umn.edu/discovery/fulldisplay?context=L&vid=01UMN_INST:TWINCITIES&search_scope=TwinCitiesCampus_and_CI&tab=Everything&docid=alma9948689730001701). Acesso em 01/04/2024.

WORLD EDUCATION, Items on World Education, mar. 1939, p. 190. Disponível em: https://www.lib.umn.edu/rimo.lib.umn.edu/discovery/fulldisplay?context=L&vid=01UMN_INST:TWINCITIES&search_scope=TwinCitiesCampus_and_CI&tab=Everything&docid=alma9948689730001701. Acesso em 01/04/2024.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 9. ed. Traduzido da 1ª edição brasileira, revisada por Alfredo Bosi e com revisão da tradução e atualização dos novos textos por Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALLGAYER, Rochele. **As Exposições e Eventos nas Conferências Nacionais de Educação: um repertório pedagógico para se dar a ver (1927 - 1956)**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

ALVES, José Jerônimo de Alencar. As Ciências na Academia e as Expectativas de Progresso e Modernização: Brasil 1916-1929. In: DANTES, Maria Amélia M. (org.). **Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930**. [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001, o. 185-202. História e saúde collection. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9786557081570> Acesso em: Jan. 2022.

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ASCOLANI, Adrián. Las Convenciones Internacionales del Magisterio Americano de 1928 y 1930. Circulación de ideas sindicales y controversias político-pedagógicas. **Rev. Bras. Hist. Educ.** [On-line], Campinas/SP, vol. 10, n. 02, maio/ago. 2010. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2238-00942010000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02/05/2022.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. 2 ed. Tradução de Estela dos Santos Abreu e Cláudio César Santoro. Campinas: Papirus, 1995.

BARABÁSI, Albert-László. **Linked: how everything is connected to everything else and what it means for business, science, and everyday life**. New York: Plume, 2003.

BARABÁSI, Albert-László. **Linked (conectado): a nova ciência das networks**. Tradução: Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Leopardo, 2009.

BARBUY, Heloisa. O Brasil vai à Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. v. 4, p. 211-325 jan./dez. 1996. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/viewFile/5342/6872>. Acesso em: 29/09/2018.

BARROS, José D'Assunção. **Histórias interconectadas, histórias cruzadas, abordagens transnacionais e outras histórias**. Secuencia [online], n. 103, e1528, Epub, jan. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.18234/secuencia.v0i103.1528> Acesso em: 14/07/2020.

BIN, Ana Clara. **Concepções de conhecimento e currículo em W. Kilpatrick e implicações do método de projetos**. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo 2012.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BOURNE, Randolph S. Trans-national America. **The Atlantic**, Boston, jul. 1916. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/1916/07/trans-national-america/304838/>. Acesso em: 27/10/2022.

BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo F. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p. 196-219, jan./abr. 2020.

BU, Liping. International Activism and Comparative Education: Pioneering Efforts of the International Institute of Teacher's College, Columbia University. **Comparative Education Review**, vol. 41, nº 4 – 1997, p. 413-434. Acesso em: 5/11/2022.

BURKE, Peter. In: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia (org.). **As muitas faces da história: nove entrevistas**. São Paulo: Editora da UNESP, 2000, p. 185-232.

BURKE, Peter. In: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. (org.). **As muitas faces da história: nove entrevistas**. São Paulo: Editora da UNESP, 2000, p. 233-267.

BURLAMAQUI, Mariana. **A Divulgação Científica na Associação Brasileira de Educação: o caso da Seção de Higiene (1924 – 1932)**. Dissertação (Mestrado em História da Ciências) - Fundação Fio Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2013.

BROOKS, Chay. The apostle of internationalism: Stephen Duggan and the geopolitics of international education. **Political Geography**. v. 49, p. 64-73, 2015. ISSN 0962-6298. <https://doi.org/10.1016/j.polgeo.2015.05.007> . Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0962629815000402>. Acesso em: 23/01/2024

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. **Cartas e Escrita**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Unicamp, 2000.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. **Helena Antipoff (1892-1974) e a Perspectiva Sociocultural em Psicologia e Educação**. Tese (Concurso para Professor Titular do Departamento de Ciências Aplicadas à Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2010.

CANELO, Maria José. Randolph Bourne's 'Trans-national America': **Between Pluralist and Exceptionalist Cosmopolitanism**. OFICINA DO CES ISSN 2182-7966 Publicação seriada do Centro de Estudos Sociais Praça D. Dinis Colégio de S. Jerónimo, Universidade de Coimbra. Disponível em: <https://ces.uc.pt/pt/publicacoes/outras-publicacoes-e-colecoes/oficina-do-ces/numeros/oficina-435> Acesso em: 02/10/2022.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e história do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto; Edusp, 1994.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Ligia. **O bravo matutino**: Imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo. São Paulo: Alfa Omega, 1980.

CARDOSO, Silmara de F. **Viajar é ser autor de muitas histórias?** Experiências de formação e narrativas educacionais de professores brasileiros em viagem aos Estados Unidos (1929-1935). Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, 2015.

CARVALHO, Marta Maria Chagas. Notas para reavaliação do Movimento Educacional Brasileiro (1920-1930). **Cadernos de Pesquisa**, n. 66, p. 4-11, ago. 1988.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Usos do Impresso nas Estratégias Católicas de Conformação do Campo Doutrinário da Pedagogia (1931-1935). **Cadernos ANPEd**, Belo Horizonte, v. 7, p. 41-60, 1994.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Fernando de Azevedo: pioneiro da Educação Nova. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, Brasil, n. 37, p. 71–79, 1994. DOI: [10.11606/issn.2316-901X.v0i37p71-79](https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i37p71-79). Disponível em: <https://revistas.usp.br/rieb/article/view/71080>. Acesso em: 21 jan. 2025.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Estratégias textuais e editoriais de difusão do escolanovismo no Brasil: uma perspectiva. GVIRTZ, Silvina (org.). **Escuela Nueva en Argentina y Brasil: visiones comparadas**. Buenos Aires: Editora Miño y Dávila, 1996.

CARVALHO, Marta Maria de Chagas de. **Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)**. Bragança Paulista: EDUSF, 1998.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A Escola Nova e o impresso: estudos sobre estratégias editoriais de difusão do escolanovismo no Brasil. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). **Modos de ler, formas de escrever: estudos de história da leitura e da escrita no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. p. 65-86.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Reformas da Instrução Pública. In: LOPES, Eliana Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (org.). **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 225-251.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Por uma História Cultural dos Saberes Pedagógicos. In: CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A Escola e a República e outros ensaios**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. p. 271.

CARVALHO, Marta Maria de Chagas de. **A escola e a República e outros ensaios**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. O Manifesto e a Liga Internacional pela Educação Nova. In: XAVIER, Maria do Carmo (org.). **Manifesto dos pioneiros da educação: um legado educacional em debate**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 147-182.

CARVALHO, Marta Maria de Chagas de. A bordo do navio, lendo notícias do Brasil: o relato de viagem de Adolphe Ferrière. In: MIGNOT, Ana Chrystina; GONDRA, José (org.). **Viagens Pedagógicas**. São Paulo: Cortez Editora, 2007. p. 277-293.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. História(s) da História da Educação. In: **História(s) da História da Educação**. Depoimento 3 em entrevista a Sonia Câmara. Volume 1. Rio de Janeiro, 2011.

CARVALHO, Marta Maria Chagas. A Liga Internacional pela Educação Nova e o “Movimento de Proteção Educacional” Brasileiro. **Sarmiento. Revista Galego-Portuguesa de História da Educação**, v. 25, p. 163-184, 2021. <https://doi.org/10.17979/srgphe.2021.25.0.8608>

CARVALHO, Marta Maria Chagas de; VIDAL, Diana Gonçalves. **Biblioteca e formação**

docente: percursos de leitura (1902-1935). São Paulo: Edusp, 1998.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de; TOLEDO, Maria Rita. Os sentidos da forma: análise material das coleções de Lourenço Filho e Fernando de Azevedo. In: OLIVEIRA, Marcus Taborde de (org.). **Cinco estudos em história e historiografia da educação.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2007, p. 89-110

CASTRO, Cesar Augusto (org.). **Cultura material escolar: a escola e seus artefatos (MA, SP, PR, SC e RS, 1870-1925).** São Luis - MA: Café & Lápis, 2011.

CASTRO, Cesar Augusto; VIDAL, Diana G.; PERES, Eliane; GASPAR da SILVA, Vera Lucia; SOUZA, Gizele. Cultura Material Escolar: Fontes para a história da escola e da escolarização elementar (MR, SP, PR, SC e RS, 1870-1925). In: SOUZA, Rosa Fátima; GASPAR da SILVA, Vera Lucia; SÁ, Elisabeth Figueiredo de. (org.). **Por uma teoria e uma história da escola primária do Brasil: investigações comparadas sobre a escola graduada (1870-1930).** Cuiabá: EdUFMT, 2011, p. 273-316.

CATANI, Denice Bárbara. **Educadores à meia-luz: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo (1902-1918).** Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2003. Acesso em: 06 jul. 2024.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História.** Rio de Janeiro: Editora Forense, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação.** Estudos avançados, São Paulo, v. 5, n. 11. 1991.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** 2ª Ed. Portugal: DIFEL, 2002.

CHARTIER, Roger. **Morte ou transfiguração do leitor?** In: CHARTIER, Roger (org.). Os desafios da escrita. São Paulo: Ed. UNESP, 2002, p. 101-124.

CHARTIER, Roger. Micro-história e globalidade. In: CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CLAPARÈDE, Édouard. **A educação funcional.** Tradução e notas de J. B. Damasco Penna. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1954. (Atualidades Pedagógicas)

CORREIA da Silva, G. O pan-americanismo e o projeto de construção de um passado comum para os países das Américas: Uma análise das atividades da União Pan-Americana através da coleção Pan-American Patriots. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 46, n. 3, p. 1-18, set.-dez. 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/article/view/36345/26454> Acesso em: 03/08/2022.

COSTA, Maria José Franco Ferreira da. **Lysimaco Ferreira da Costa (a dimensão de um homem)** Curitiba: UFPR, 1987.

COSTA, Maria José Franco Ferreira da. **Lysimaco Ferreira da Costa** (a dimensão de um homem – III) “O Economista” - Curitiba: 1994.

COSTA, Maria José Franco Ferreira da; SCHENA, Denilson Roberto; SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. **I Conferência Nacional de Educação, 1927, PR**. Brasília: INEP, 1997.

DANTAS, Maria José. “Não rasguem as cartas!”. Intercâmbio epistolar e história da educação: objetos e fontes. CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6. **Anais [...]**, Vitória, 2011.

DANTES, Maria Amélia M. (org.). **Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930**. [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001, o. 185-202. História e saúde collection. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9786557081570> Acesso em: Jan. 2022.

DANTES, Maria Amélia M. As ciências na história brasileira. **Cienc. Cult.** [online]. 2005, vol.57, n.1, pp.26-29. ISSN 0009-6725. Acesso em: Out. 2022.

DARNTON, Robert. Introdução. In: ROCHE, Daniel. (org). **Revolução Impressa: A imprensa na França 1775-1880**. São Paulo: EDUSP, 1996.

DUMONT, Juliette. **L’Institut International de Coopération Intellectuelle et le Brésil (1924-1946): le pari de la diplomatie culturelle**. Paris: éditions de l’IHEAL, p. 168, 2009, Chrysalides. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00494001>.

ESCOLANO, Agustín. Arquitetura como programa: espaço-escola e currículo. In: VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 19-57.

FARGE, Arlette. **O sabor do Arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A legislação como fonte para a história da educação: uma tentativa de interpretação. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). **Educação, modernidade e civilização: fontes e perspectivas de análise para a história da educação do oitocentos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998, p. 89-125.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane M. Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive. (org). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2016, p. 135-150.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; GONÇALVES, Irlen A.; VIDAL, Diana G.; PAULILO, André L. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, 2004.

FARIAS, Magna L.; PONTES, Samantha Eunice de M. M.; RANGEL, Marcio F. Biblioteca da Academia Brasileira de Ciências: perfil histórico da biblioteca por meio da análise de seu acervo bibliográfico. **Biblos**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 35, n. 02, p. 264-279, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/biblos>

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros. **Dicionário de educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais**. Rio de Janeiro: UFRJ/INEP, 1999. 500 p.

FERREIRA, Rosângela Veiga Júlio; ROCHA, Marlos Bessa Mendes da. A obra educacional de Cecília Meireles: um compromisso com a infância. **Acta Scientiarum**. Education, Maringá, v. 32, n. 01, p. 93-103, jun. 2010. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-52012010000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso: em 19 jun. 2024.

FREIRE FILHO, Ernesto de Souza. **A trajetória da Associação Brasileira de Educação 1924-2001**. Rio de Janeiro. Publicação ABE, Editora do Educador, 2002.

FUCHS, Eckhardt. Networks and the history of education. **Paedagogica Historica**, 43:2, 185-197, 2007.

FUCHS, Eckhardt; ROLDÁN VERA, Eugenia. O transnacional na história da educação. **Educação e Pesquisa**, [S. l.], v. 47, p. e470100301trad, 2021. DOI: 10.1590/S1517-97022021470100301trad. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/190580>. Acesso em: 7/11/2022.

FUCHS, Eckhardt; ROLDÁN VERA, Eugenia. The Transnational in the History of Education. In: FUCHS, Eckhardt; ROLDÁN VERA, Eugenia (eds). **The Transnational in the History of Education: Concepts and Perspectives**. Palgrave, 2019, p. 1-47.

GASPAR da SILVA, Vera Lúcia; SÁ, Elizabeth Figueiredo de (org.). **Obrigatoriedade Escolar no Brasil**. Cuiabá, MT: EDUFMT, 2013

GASPAR da SILVA, Vera Lucia; SOUZA, Gizele de. Objetos de Utilidade prática para o Ensino Elementar: Museus Pedagógicos e Escolares em Debate. In: GASPAR da SILVA, Vera Lucia; SOUZA, Gizele de; CASTRO, César Augusto (org.). **Cultura Material Escolar em Perspectiva Histórica: Escritas e Possibilidades**. 1ed. Vitória - Espírito Santo: EDUFES / Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação no Brasil, 2018, v. 14, p. 119-141.

GASPAR da SILVA, Vera Lúcia; SOUZA, Gizele de; CASTRO, César Augusto (org.). **Cultura Material Escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades**. Vitória: Editora da UFES, 2016.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo, SP: Cia. das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico**. In: GINZBURG, Carlo. A micro-história e outros ensaios. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. p. 169-178.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GONÇALVES, Gisele N. **A trajetória profissional e as ações de Oscar Thompson sobre a instrução pública em SP (1889 – 1920)**. Dissertação (Mestrado) – PUC-SP, São Paulo, 2002.

GONDRA, José G.; SILVA, José C. S. Textbooks in the history of education: notas para pensar as narrativas de Paul Monroe, Stephen Duggan e Afrânio Peixoto. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP)**, Brasília, v. 92, n. 232, p. 702-722, set/dez., 2011. Recurso

eletrônico. Disponível em:
<http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/3608/3343>. Acesso em: 02/07/2023.

GOTARDE, Luís Fernando. **A filosofia da educação de William H. Kilpatrick**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/D.48.2020.tde-05122019-163448. Acesso em: 2023-08-14.

GRUZINSKI, Serge. **As quatro partes do mundo: história de uma mundialização**. Belo Horizonte: Editora UFMG, São Paulo: Edusp, 2014.

GUEDES, Maria do Carmo, CAMPOS, Regina Helena de Freitas (eds). **Estudos em História da Psicologia**. São Paulo: EDUC, 1999. p. 67-94.

HAMELINE, Daniel. Présentation. In: HAMELINE, Daniel et al. (Orgs.). **L'école active: textes fondateurs**. Paris: PUF, 1995.

HAENGGELI-JENNI, Béatrice. **L'Éducation nouvelle entre science et militance: débats et combats à travers la revue Pour l'Ère Nouvelle (1920-1940)**. Bern: Peter Lang, 2017.

HERRERA, Maria Cristina. **Apropriações e ressignificações da Escola Nova na Colômbia na primeira metade do século XX**. In: VIDAL, Diana Gonçalves; RABELO, Rafaela Silva (org.). *Movimento internacional da educação nova*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2020. p. 113-132.

HIRST, Monica Ellen. **As relações Brasil - Estados Unidos desde uma perspectiva multidimensional: evolução contemporânea, complexidades atuais e perspectivas para o século XXI**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, Porto Alegre, 2011.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOELLER, Solange. A. O. **As Conferências Educacionais: projetos para a nação e modernidade pedagógica nos anos de 1920 – Brasil**. Florianópolis, 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

HOFSTETTER, Rita; SCHNEUWLY, Bernard. The Internatio nal Bureau of Education (1925-1968): The Ascent From the Individual to the Universal. **Global Histories of Education**, v. 2. Cham: Palgrave Macmillan, 2024. 422 p. ISBN 978-3-031-41307-0. Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000389112>
<https://ruc.udc.es/dspace/bitstream/handle/2183/30122/06%20A%20Liga%20Internacional%20Opela%20Educac%cc%a7a%cc%83o%20v2.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. Tradução: Gizele de Souza. **Revista Brasileira de História da Educação**. São Paulo, Autores Associados/SBHE, n. 1, 2001, p. 9-43.

KINCHESCKI, Ana Paula de Souza; SOUZA, Gustavo Rugoni de; GASPAR da SILVA, Vera Lucia. Objetos da Escola: Modernidades que (im)portam! **Plures Humanidades**, Ribeirão Preto, v. 1, p. 06-21, 2019. Disponível em:

<http://seer.mouralacerda.edu.br/index.php/plures/article/view/479>. Acesso em: 25/04/2021.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 5 ed. São Paulo. Ateliê Editorial, 2014.

KROPF, Simone Petraglia. Circuitos da boa vizinhança: Diplomacia cultural e intercâmbios educacionais entre Brasil e Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. **Varia Historia**, Belo Horizonte, vol. 36, n. 71, p. 531-568, mai/ago 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-87752020000200010>

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **As grandes festas didáticas: a educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922)**. Bragança Paulista - SP: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

LAWN, Martin. Um conhecimento complexo: o historiador da educação e as circulações transfronteiriças. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 14, n. 1[34], p. 127-144, 2014.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5ª Ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 525-541.

LEITE, Ana Cláudia A. **A noção de projeto na educação: “o método de projeto” de William Heard Kilpatrick**. Dissertação (Mestrado em Educação) – História, Política e Sociedade. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo: 2007.

LINHALES, Meily Assbú. **A escola, o esporte e a energização do caráter: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935)**. Tese (Doutorado em Educação e Inclusão Social) - Faculdade de Educação, UFMG, 2006.

LINHALES, Meily Assbú. Na Associação Brasileira de Educação, o trânsito de sujeitos e métodos norteamericanos para o ensino da educação física dentro e fora da escola. VI CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2013. **Anais [...]**, Cuiabá/MT. 2013.

LÔBO, Yolanda. **Cecília Meireles**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

LOPES, M. Maria **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais do século XIX**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Hucitec/Editora UnB; 2009. 369p.

LOUREIRO, Clarice Moukachar Batista. **“É possível uma educação para a paz?” A psicologia nas discussões sobre uma pedagogia pacificadora entre 1927 e 1934 na Europa**. 2015. 102f. Dissertação-Mestrado em Educação no Programa de pós-Graduação da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/>. Acesso em: 20/10/2022.

LOUREIRO, Clarice Moukachar Batista. **Écouter la voix d’un continent lointain: Les interconnexions entre le Bureau international d’éducation et l’Amérique latine (1912-1939)**. Doctoral Thesis, Faculté de psychologie et des sciences de l’éducation - Université de Genève, 2024. doi: 10.13097/archive-ouverte/unige:176507

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **Introdução ao estudo da escola nova**. São Paulo, SP: Cia Melhoramentos, 1930.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. **Introdução ao Estudo da Escola Nova: bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea**. 12. ed. Rio de Janeiro: Melhoramentos, Ministério da Educação e Cultura, 1978.

LOWANDE, Walter Francisco Figueiredo. A história transnacional e a superação da metanarrativa da modernização. **Revista de Teoria da História**. v. 20 (2), p. 219-245, 2018. Disponível em: [A HISTÓRIA TRANSNACIONAL E A SUPERAÇÃO DA METANARRATIVA DA MODERNIZAÇÃO | rth | \(ufg.br\)](https://doi.org/10.15406/rth.v20n2.2018.219-245)

LUCA, Tânia Regina de (org.). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto,

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINKSY, Carla Bassanesi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-154.

LUCA, Tânia Regina de. **Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

LUCCHESI, Anita. Por um debate sobre História e Historiografia Digital. **Boletim Historiar**, n. 02, mar. /abr. 2014, p. 45-57.

MALATIAN, Teresa. Cartas: Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 195–221.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARQUES, Gláucia Diniz. **Cartas em tempos de guerra: uma missão patriótica da Associação Brasileira de Educação (1942-1945)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MASSARANI, Luisa. **A divulgação científica no Rio de Janeiro: Algumas reflexões sobre a década de 20**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em C&T e Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro. Miguel Ozorio de Almeida e a vulgarização do saber. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 501-513, ag. 2004.

MAYER, Christine. The transnational and transcultural: approaches to studying the circulation and transfer of educational knowledge. In: VERA, Eugenia; FUCHS, Eckhardt. **The transnational in the History of Education**. Concepts and perspectives. Switzerland: Palgrave Macmillan, 2019, p. 49-68.

MEDA, Juri. The political persecution of Giuseppe Lombardo-Radice by the fascist regime (1924-1931). In: SCAGLIA, Evelina (Ed.). **Giuseppe Lombardo-Radice in the early 20th**

century: Positionen, Widerprüche, Utopien. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2023, p. 50-65.

MELLO, Luis Eduardo Lethier de; VELLOSO, Verônica Pimenta. Sociedade Brasileira de Ciências. **Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)**. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/scripts/>

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Memória e cultura material:** documentos pessoais no espaço público. Estudos históricos v.11, n. 21, p. 89-104, 1998.

MIGNOT, Ana Chrystina. Viajar para legitimar: Armanda Álvaro Alberto na comissão de Intercâmbio Brasil-Uruguai (1931). **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 22, p. 43-64, 2010.

MIGNOT, Ana Chrystina. Claparède, mestre e amigo: memórias de travessias. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 2, Número Especial, p. 253-265, jun./out., 2016: “Vozes da Educação”. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/25510/18107>. Acesso em: jun/2020.

MIGNOT, Ana Chrystina; GONDRA, José G. (org.). **Entre cartas e postais:** uma inspiradora travessia. Viagens Pedagógicas. São Paulo: Cortez, 2007.

MIGNOT, Ana Chrystina, PIRES, Raquel P. Entre “verdadeiros apóstolos”: uma educadora brasileira no Congrès International d’Éducation Nouvelle (Locarno – 1927). **Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade**, v. 28, n. 54, p. 125-138, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333475603_Entre_verdadeiros_apostolos_uma_educadora_brasileira_no_Congres_International_d'Education_Nouvelle_Locarno_-_1927. Acesso em: jun. de 2020.

MIGNOT, Ana Chrystina; XAVIER, Libânia Nacif. Apresentação In: SILVA, Arlette Pinto de Oliveira (org.). **Páginas da história:** notícias da II Conferência Nacional de Educação da ABE. Belo Horizonte, 4 a 11 de novembro de 1928. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2004, p. 11-16.

MONARCHA, Carlos. **Brasil arcaico, escola nova:** ciência, técnica & utopia nos anos 1920-1930. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2009.

MOTTA SILVA, Leonardo Mattos da. **“A semana de educação precisa ser uma semana brasileira”:** discursos e práticas da Associação Brasileira de Educação para uma educação do corpo a partir de suas perspectivas norte-americanas (1928-1935). Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1641741>. Acesso em: 2/08/2022.

NOGUEIRA, Margareth. Os Centros Binacionais Brasil-Estados Unidos: sua importância na história do ensino de línguas no Brasil. **Revista Helb**, Brasília, v. 4, n. 4, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://www.helb.org.br/index>. Acesso em: 21 jul. 2023.

NUNES, Clarice. Anísio Teixeira Entre Nós: A Defesa da Educação como Direito de Todos. **Educação & Sociedade**, ano XXI. n. 73, 2000. Disponível em: scielo.br/j/es/a/tkVFzhPRWLjXZQ89XcqdCBD/abstract/?lang=pt. Acesso em 15 de agosto de

2023.

NÚÑES, Iván. **Gremios del Magisterio – 70 anos de história 1900-1970**. Santiago, Programa Interdisciplinario de Investigaciones en Educación, 1986.

PAULINYI, Erno I. **Esboço Histórico da Academia Brasileira de Ciências**. Brasília: CNPq, 1981.

PERES, Eliane Terezinha. **O diabo inventou a escola? A escola ativa na visão de Adolpho Ferrière**. 25ª REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (Anped), 2002. **Anais cdrom**. Caxambu, Rio de Janeiro, 2002. s/p.

PERES, Eliane; SOUZA, Gizele. Aspectos teóricos-metodológicos da pesquisa sobre cultura material escolar: (im)possibilidades de investigação. In: CASTRO, Cesar A. (org.). **Cultura material escolar: a escola e seus artefatos (MA, SP, PR, SC e RS) – 1870-1925**. São Luis, MA: EDUFMA, 2011, p.43-68.

PIMENTA, Jussara Santos; **Leitura, arte e educação: a Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco (1934-1937)**. Curitiba: Editora CVR, 2011, 170 pp.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Memória da destruição**. Rio uma história que se perdeu (1889-1965). Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas/Arquivo da Cidade, 2002. Disponível em: <http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/handle/123456789/1180> Acesso em: 03/07/2022.

RABELO, Rafaela Silva. **Destinos e Trajetos: Edward Lee Thorndike e John Dewey na formação matemática do professor primário no Brasil (1920-1960)**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2016.

RABELO, Rafaela Silva. Isaac Kandel e a constituição de redes entre Brasil e Estados Unidos. **Revista de Ciências da Educação**. 10.19091/reced.vi0.770, 2019

RESENDE, José Armando Zema de. **A cooperação intelectual internacional da Sociedade das Nações e o Brasil (1922-1938)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Nacional de Brasília, Brasília, 2013.

RIBEIRO, Henrique de Vasconcelos Cruz. **Um capítulo na história da museologia no Brasil: um olhar sobre o surgimento do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional (1922-1935)**. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio do Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro /Unirio, Museu de Astronomia e Ciências Afins/MAST, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: Disponível em: <http://www.unirio.br/ppg-pmus/front-page> Acesso em: 16 nov. 2019.

RICOEUR, Paul. Variações de escalas. In: RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007, p. 220-227.

ROCHA, Ana. **Experiências norte-americanas e projetos de educação no Distrito Federal e em São Paulo (1927-1935)**: Anísio Teixeira, Noemi Silveira, Isaías Alves e Lourenço Filho.

Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. 2016.

ROCHA, Heloisa Helena Pimenta. Alfabetização, saneamento e regeneração nas iniciativas de difusão da escola primária em São Paulo. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 22, n. 2, p. 151–172, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643268>. Acesso em: 7/11/2022.

SÁ, Dominichi Miranda de. **A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

SALVATORE, Ricardo, D. **Disciplinary Conquest: U.S. Scholars in South America 1900-1945**, disponível em <https://read.dukeupress.edu/books/book/79/chapter/100763/Intellectual-CooperationLeo-S-Rowe-Democratic>. Acesso em: 2/10/2024.

SCHRIEWER, Jürgen. Estado e sociedade de referência: Externalização em processo de modernização. In: NÓVOA, Antonio; SCHRIEWER, Jürgen. **A difusão mundial da escola**. Educa – História, Lisboa: 2000, p. 103-120.

SCHRIEWER, Jürgen. Sistema mundial e inter-relacionamento de redes: a internacionalização da educação e o papel da pesquisa comparativa. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 76, n. 182-183, p. 241-304, jan./ago. 1995.

SCHWARTZMAN, Simon. **Formação da comunidade científica no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional e Finep, 1979. XIX, 481 p.

SCHWARTZMAN, Simon et all. **Tempos de Capanema**. São Paulo: EDUSP e Paz e Terra, 1984.

SILVA, Gabriela Correa. **Dos passados heterogêneos ao mosaico continental: pan-americanismo e operação historiográfica no IHGB republicano (1889-1933)**. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SILVA, João da. **Movimento Católico e Educação no Brasil**. São Paulo: Editora Católica Brasileira, 2006.

SILVA, Vivian Batista da. **Saberes em viagem nos manuais pedagógicos: construções da escola em Portugal e no Brasil (1870-1970)**. Revista Brasileira de Educação, vol. 12, núm. 35, maio-agosto, 2007, pp. 268-277. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Rio de Janeiro, Brasil.

SILVA, Vivian Batista da. **Saberes em viagem nos manuais pedagógicos: construções da escola em Portugal e no Brasil (1870-1970)**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/T.48.2006.tde-30012013-135022.

SMALLER, Harry. An Elusive Search for Peace: The Rise and Fall of the World Federation of Education Associations (WFEA), 1923–1941. **Historical Studies in Education**, v. 27, n. 2, p.

95 – 120, automne 2015.

SOUZA, Gizele de. **Instrução, o talher para o banquete da civilização**: cultura escolar dos jardins-de-infância e grupos escolares no Paraná, 1900-1929. São Paulo, 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2004.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: UNESP, 1998.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: Um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). **Culturas Escolares, Saberes e Práticas Educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007, p. 163-189.

SOUZA, Rosa Fátima de. Objetos de ensino: a renovação pedagógica e material da escola primária no Brasil, no século XX. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 49, p. 103–120, 2013. Disponível em <https://www.scielo.br/j/er/a/v96Y4G9VS9fbKyQr87cRJ6r/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 30/08/2024.

STRANG, Bernadete de Lourdes Streisky. **O saber e o credo**: os intelectuais católicos e a doutrina da escola nova (1924-1940). Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_RIO-1_a8e12b0a6f8118cd73aaecaf9eb043db. Acesso em: 20/03/2021.

TEIXEIRA, Anísio. **Aspectos americanos de educação**. Salvador: Tip. De São Francisco, 1928.

URBAN, Wayne Joseph. National Education Association of the United States of America. **Hist. Educ.**, Santa Maria, v. 20, n. 48, p. 121-138, apr. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-3459/56900>. Acesso em: 08/04/2020.

VALDEMARIN, Vera Teresa. **História dos métodos e materiais de ensino**: a escola nova e seus modos de uso. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

VALDEMARIN, Vera Teresa. Texto de apresentação. In: PESTALOZZI, Johann Heinrich. **Como Gertrudes ensina suas crianças**. Tradução de Cauê Polla. São Paulo: Unesp, 2023. p. 8-14.

VALÉRIO, Telma. F. **Associação Brasileira de Educação**: estratégias de intervenção da intelectualidade abeana na política educacional do ensino secundário no Brasil (1928-1942). Curitiba, 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

VENÂNCIO JUNIOR, André Luiz. Relações Educativas Belgo-Brasileiras: Economia Doméstica Agrícola sob a ótica de Bertha Lutz e Paul Vuyst na Associação Brasileira de Educação (1923 – 1924). In: HERNANDEZ DIAZ, José Maria (org.). **Influencias Belgas en la Educación Española e Iberoamericana**. Salamanca: Edições Universidade de Salamanca, 2019.

VASCONCELLOS, A. Faria de. **Uma escola nova na Bélgica**. pref. Adolphe Ferrière; posf. e notas Carlos Meireles-Coelho – 1.^a edição – Aveiro: UA Editora, 2015. – 320 p. Tradução a partir do original em francês “Une École Nouvelle en Belgique”. Préface de M. Adolphe Ferrière. Neuchâtel: Delachaux & Niestlé, 1915.

VIDAL, Diana Gonçalves (org.). **Na batalha da educação**: correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo (1929-1971). Bragança Paulista: EDUSF; São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 2000.

VIDAL, Diana Gonçalves. **O exercício disciplinado do olhar**: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937). Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

VIDAL, Diana G. Lá vem o Bonde das Normalistas... Uma incursão pelo cotidiano escolar do Instituto de Educação do Rio de Janeiro na década de 1930. In: ARAUJO, José Carlos S; FREITAS, Anamaria G. B.; LOPES, Antonio P. C. **As Escolas normais no Brasil**: do império à república. Campinas: SP: Editora Alínea, 2008, p. 233-247.

VIDAL, Diana Gonçalves (org.). **Educação e reforma**: o Rio de Janeiro nos anos 1920-1930. Belo Horizonte: Argumentvm; São Paulo: CNPq: USP, Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em História da Educação, 2008.

VIDAL, Diana G. 80 anos do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: questões para debate. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 577-588, jul./set. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v39n3/aop1177.pdf>. Acesso em: 14/07/2020.

VIDAL, Diana G. Transnational education in the late nineteenth century: Brazil, France and Portugal connected by a school museum. **History of Education**, 46:2, p, 228-241, 2017. DOI: 10.1080/0046760X.2016.1273402. Acesso em: 03/05/2020.

VIDAL, Diana G. (org.). **Sujeitos e artefatos**: territórios de uma história transnacional da educação. Belo Horizonte [MG]: Fino Traço, 2020.

VIDAL, Diana G.; RABELO, Rafaela S. A criação de Institutos de Educação no Brasil como parte de uma história conectada da formação de professores. **Cadernos de História da Educação**, v. 18, n. 1, p. 208-220, jan.-abr. 2019.

VIDAL, Diana Gonçalves; RABELO, Rafaela S. A seção brasileira da New Education Fellowship: (des)encontros e (des)conexões. In: VIDAL, Diana Gonçalves; RABELO, Rafaela S. (org.). **Movimento internacional da educação nova**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2020. p. 25-48.

VIDAL, Diana G.; RABELO, Rafaela S. (org.). **Movimento Internacional da Educação Nova**. Minas Gerais: Fino Traço, 2020.

VIDAL, Diana Gonçalves e RABELO, Rafaela Silva. **Fórmula e utopia: o movimento internacional da educação nova**. Sarmiento. Revista Galego-Portuguesa de Historia da Educación, n. 25, p. 23-50, 2021 Tradução. Disponível em: <https://doi.org/10.17979/srgphe.2021.25.0.8600>. Acesso em: 27 jan. 2025.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Jornal Diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. In: OLIVEIRA, Marcos Aurélio Taborda (org.). **Cinco estudos em Historiografia da Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 7-40.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelligentsia e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. **Revista Brasileira de História e Educação**, n. 1, p. 63-85, 2008.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Conferências Nacionais de Educação: Intelectuais, Estado e Discurso Nacional (1927-1967). **Educar em Revista**, Curitiba, v. 33, n. 65, 2017.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Associação Brasileira de Educação: relações entre Estado e sociedade civil no contexto do IX Congresso Brasileiro de Educação (Rio de Janeiro - 1945). In: VIEIRA, Carlos Eduardo; OSINSKI, Dulce Regina Baggio; GONDRA, José (org.). **História Intelectual e Educação: Reformas Educacionais, Estado e Sociedade Civil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2019, v. 1, p. 111-136.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Independência, democracia e formação no discurso da Associação Brasileira de Educação: 1927-1945. **Revista História da Educação**, v. 25, p. 106-131, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/106131>. Acesso em: 27 mai. 2022.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelectuais, experts e a formação do campo educacional no Brasil na década de 1920. In: VALENTE, W.R.; MACIEL, C. M. L.; COSTA, A.C.; ALMEIDA, L. I. M. V. (org.). **Experts: saberes para o ensino e para a formação de professores**. 1. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2021, v. 1, p. 39-58.

VINÃO FRAGO, Antonio. “Viajes que educan”. In: MIGNOT, Ana Chrystina; GONDRA, José (org.). **Viagens Pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007, p. 15-38.

XAVIER, Libânia Nacif. **O Brasil como laboratório: educação e ciências sociais no projeto do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1950-1960**. Bragança Paulista: Edusf. 1999.

WARDE, Mirian Jorge. O itinerário de formação de Lourenço Filho por descomparação. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 3, n. 1 [5], p. 125-167, jan.- junho de 2003.

WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n. 14, p. 9-36, jun. 2013. Disponível em: [Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional | Revista Eletrônica da ANPHLAC](#)

WILLIAMS, Lois Marietta. Os jogos e os recreios organizados para crianças: seu papel na vida e na educação. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 12, p. 42-45, nov. 1933. <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/2027/2224>

ANEXO 1 - LISTA DAS PUBLICAÇÕES DA UPA - SÉRIE SOBRE A EDUCAÇÃO - 1940

| | |
|----|--|
| 1 | Educação vocacional nos Estados Unidos |
| 2 | Problemas gerais de educação nacional nos Estados Unidos |
| 3 | Problemas gerais de educação vocacional nos Estados Unidos |
| 4 | A escola de continuação |
| 5 | O ensino industrial para meninas e mulheres |
| 6 | Educação vocacional em agricultura |
| 7 | O ensino de trabalhos domésticos nos Estados Unidos |
| 8 | A escola pública nos Estados Unidos: A sua situação e os seus problemas |
| 9 | A influência das escolas na prosperidade nacional |
| 10 | Trabalho de valor em uma situação de brinquedo |
| 11 | Preparo vocacional na escola secundária inferior |
| 12 | A evolução do ensino do serviço de oficinas de máquinas |
| 13 | Afirmção dos direitos da juventude |
| 14 | Valor educativo do ensino da ciência na escola elementar |
| 15 | O impulso criador das crianças |
| 16 | O espírito do ensino da geografia moderna |
| 17 | A instrução pública nos Estados Unidos |
| 18 | Influência das emoções infantis em relação ao caráter maduro |
| 19 | O banco escolar |
| 20 | Orientação vocacional. Um programa educativo |
| 21 | O lugar do mestre no movimento contra o álcool |
| 22 | As associações de pais e mestres |
| 23 | O ensino da leitura |
| 24 | A educação progressiva e a ciência da educação. |
| 25 | O ensino da aritmética |
| 26 | A escola da oportunidade |
| 27 | Novas correntes educativas na Ibero-America |
| 28 | O desenvolvimento de projetos nas aulas elementares |
| 29 | O sistema cooperativo no ensino industrial |
| 30 | A influência de John Dewey nas escolas |
| 31 | As Bibliotecas circulantes e as escolas rurais em New Jersey |
| 32 | O Externato Rural Beaver |
| 33 | As estatísticas e o pensamento educativo moderno |
| 34 | Agrupamento dos alunos segundo a sua habilidade |
| 35 | Os campos de desportos escolares |
| 36 | Desenvolvimento de um programa escolar de estudos sociais em San Antonio |
| 37 | Educação econômica e comercial nos Estados Unidos |
| 38 | Aspectos de higiene mental na educação especializada |
| 39 | Estado atual da educação no Equador |
| 40 | A educação individual |
| 41 | A educação integral da criança |
| 42 | A nova educação física |
| 43 | Medindo a inteligência das crianças |
| 44 | Unidade de trabalho e o indivíduo |
| 45 | Orientação vocacional nas escolas dos Unidos dos Estados |
| 46 | Como se educa na escola maternal |

| | |
|----|--|
| 47 | A avicultura na escola primária |
| 48 | Induzindo o adulto a voltar para a escola |
| 49 | Notas sobre o movimento da educação na Colômbia |
| 50 | Tendências recentes na educação dos anormais |
| 51 | As escolas para adultos na República Argentina |
| 52 | O Instituto de Educação do Distrito Federal do Rio de Janeiro - Brasil |
| 53 | A rádio difusão educativa na América Latina |
| 54 | O que os escolares poderão fazer durante as férias |
| 55 | Início da Instrução Preparatória Livre nos Estados Unidos |
| 56 | México e sua educação rural |
| 57 | O trabalho cultural da Biblioteca Infantil do Chile |
| 58 | A escola e a democracia costarriquense |
| 59 | Atividades educativas para as crianças no lar |
| 60 | A Universidade técnica Frederico Santa Maria: seu plano de Ensino |
| 61 | A Paz pela Escola |
| 62 | Os problemas de adaptação social da criança |
| 63 | Como combater a mentira na criança |
| 64 | A educação rural nos Estados Unidos |
| 65 | A classe e sua organização |
| 66 | A criança e o grupo |
| 67 | A psiquiatria e a educação |
| 69 | Psicopedagogia da sociabilidade |
| 69 | A arte na escola |

FONTE: Revista Educação, órgão da ABE, N6, 1940, p.25 e 26.

ANEXO 2 - LIVROS DA ESPANHA PARA A IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE LITERATURA INFANTIL 1936

| | TÍTULO | AUTORES |
|----|---|----------------|
| 1 | Atlas | F.T.B. |
| 2 | Canciones del Folklore | Benedito |
| 3 | Las maravillas del arte español | Sádia |
| 4 | Platero y yo | Jimenez, J.R. |
| 5 | El Conde Lucanor | D.Juan Manuel |
| 6 | Ciencia recreative | Estalella |
| 7 | El libro del idioma | Luzuriaga |
| 8 | Flor de leyendas | Casona |
| 9 | Exploradores y Conquistadores de Indias | Bib. Lit. Estu |
| 10 | Calderón de la Barca | Bib. Lit. Estu |
| 11 | El Quijote (libro del alumno) | Cervantes |
| 12 | El Quijote (libro del maestro) | Cervantes |
| 13 | Isabel la Católica | Santa Marina |
| 14 | Pizarro | Montolius |
| 15 | Cervantes | Montolius |
| 16 | Gonzalo de Córdoba | Montolius |
| 17 | Jaime I el Conquistador | Montolius |
| 18 | Doña Maria de Pacheco | Moñoz. |

FONTE: Relatório da IV Exposição de Livros Infantis da ABE - 1936

ANEXO 3 - LIVROS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA PARA A IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE LITERATURA INFANTIL 1936

| | TÍTULO | AUTORES |
|----|-----------------------------------|----------------------------------|
| 19 | Spot | Johnson Publishing Comp. |
| 20 | Palyfellows | Johnson Publishing Comp. |
| 21 | Jo-Boy | Johnson Publishing Comp. |
| 22 | Good Friends | Johnson Publishing Comp. |
| 23 | Wheels and Wings | Johnson Publishing Comp. |
| 24 | Primer and First Reader Manual | Johnson Publishing Comp. |
| 25 | Friends to Make | Johnson Publishing Comp. |
| 26 | Stories of South America | Johnson Publishing Comp. |
| 27 | My Playfellows Work Book | Johnson Publishing Comp. |
| 28 | Wide Windows | Johnson Publishing Comp. |
| 29 | My Friends to Make Work Book | Johnson Publishing Comp. |
| 30 | Prairie Song and Western Story | Allyn and Bacon |
| 31 | Boy Life on the Prairie | Allyn and Bacon |
| 32 | Modern Pioneers | Allyn and Bacon |
| 33 | Adventures in Story Land | Allyn and Bacon |
| 34 | Wow We Travel | Follett Publishing Comp. |
| 35 | Other Worlds Tahn This | Follett Publishing Comp. |
| 36 | Children of America | Follett Publishing Comp. |
| 37 | Vários folhetos | Follett Publishing Comp. |
| 38 | Robert's School | Wheeler Publishing |
| 39 | Burton Homes Travel Stories China | Wheeler Publishing Comp. |
| 40 | Burton Homes Travel Stories Japan | Wheeler Publishing Comp. |
| 41 | Burton Homes Travel Stories Egypt | Wheeler Publishing Comp. |
| 42 | Distinguished Americans | Laurel Book Company |
| 43 | The World About Us | Laurel Book Company |
| 44 | Nature's School | Laurel Book Company |
| 45 | Vários folhetos | Laurel Book Company |
| 46 | Read a New Story Now | Beckley-Cardy |
| 47 | Story Pictures of Farm Animals | Beckley-Cardy |
| 48 | Peter and Nancy in Africa | Beckley-Cardy |
| 49 | Catálogo e vários folhetos | Beckley-Cardy |
| 50 | Skags, the Milk Horse | American Book Com- |
| 51 | Stories of Shepherd Life | American Book Com- |
| 52 | Rambles in Europe | American Book Com- |
| 53 | The Museum Comes to Life | American Book Com- |
| 54 | Fact and Story Readers - Book Two | American Book Com- |
| 55 | Harners and Pack | American Book Com- |
| 56 | Our Little Friends of Eskimo Land | American Book Com |
| 57 | The Childrem's Odyssey | Public School Publishing Company |
| 58 | Geek Tales for Tiny Tots | Public School Publishing Company |
| 59 | Science Stories, Book one | Scott, Foresman and Company |
| 60 | Health Stories, Book Two | Scott, Foresman and Company |
| 61 | Child Library Readers, Primer | Scott, Foresman and Company |
| 62 | Basic Readers Book One | Scott, Foresman and Company |
| 63 | Basic Readers Book Two | Scott, Foresman and Company |
| 64 | Dick and Jane | Scott, Foresman and Company |
| 65 | More Dick and Jane Stories | Scott, Foresman and Company |
| 66 | Art. Stories Book One | Scott, Foresman and Company |

| | TÍTULO | AUTORES |
|-----|---|---|
| 67 | Art. Stories Book Two | Scott, Foresman and Company |
| 68 | Art. Stories Book Three | Scott, Foresman and Company |
| 69 | Vários folhetos | Scott, Foresman and Company |
| 70 | The Instructor (Exemplares de Setembro de 1935 a Maio de 1935, inclusive) | F. A. Owen Publishing Company |
| 71 | Duas plantas | F. A. Owen Publishing Company |
| 72 | Vários folhetos | Departamento do Interior dos Estados Unidos: Bureau of Education Experiment |
| 73 | Vários folhetos | Departamento do Interior dos Estados Unidos: Bureau of Education Experiment |
| 74 | The How and Why Library, Books One | L.J. Bullard Company |
| 75 | The How and Why Library, Books 2 e 3 | L.J. Bullard Company |
| 76 | Good Times Together | Lyons & Carnaham |
| 77 | Bob and Judy | Lyons & Carnaham |
| 78 | Nip and Tuck | Lyons & Carnaham |
| 79 | The Christmas Story | Lyons & Carnaham |
| 80 | Valentins Day | Lyons & Carnaham |
| 81 | Edster Time | Lyons & Carnaham |
| 82 | Thanksgiving Time | Lyons & Carnaham |
| 83 | Christmas Time | Lyons & Carnaham |
| 84 | The Little Road | Lyons & Carnaham |
| 85 | The Open Road | Lyons & Carnaham |
| 86 | Play Days with Billy and Betty | Lyons & Carnaham |
| 87 | Stories in Trees | Lyons & Carnaham |
| 88 | Why We Celebrate our Holidays | Lyons & Carnaham |
| 89 | Feather's Home Coming | Lyons & Carnaham |
| 90 | Red Feather Adventures | Lyons & Carnaham |
| 91 | Red Feather | Lyons & Carnaham |
| 92 | South America | F.A.Owen Publishing Company |
| 93 | Our Food | F.A.Owen Publishing Company |
| 94 | Creative posters (parece que não veio porque não está assinalado) | F.A.Owen Publishing Company |
| 95 | Mother Nature's Little People | F.A.Owen Publishing Company |
| 96 | Our Clothing | F.A.Owen Publishing Company |
| 97 | Betty and Jack | F.A.Owen Publishing Company |
| 98 | Helen and Bob | F.A.Owen Publishing Company |
| 99 | Alice and Billy | F.A.Owen Publishing Company |
| 100 | Seat Work Drawings and Jingles | F.A.Owen Publishing Company |
| 101 | Vários folhetos e catálogos | F.A.Owen Publishing Company |
| 102 | Saplins, 1934 | Scholastic Corporation: 2 copias de |
| 103 | Saplins, 1935 | Scholastic Corporation: 2 copias de |
| 104 | Reading Menus for Young People | Scholastic Corporation: 2 copias de |
| 105 | How to Judge Motion Pictures | Scholastic Corporation: 2 copias de |
| 106 | Wild Names I Have Met | Scholastic Corporation: 2 copias de |
| 107 | Your Chances in the New Era | Scholastic Corporation: 2 copias de |
| 108 | Scholastic Debates, Series I | Scholastic Corporation: 2 copias de |
| 109 | Enjoying the Arts | Scholastic Corporation: 2 copias de |
| 110 | The Glory that was Greece | Scholastic Corporation: 2 copias de |
| 111 | The Sword of Sergestus | Scholastic Corporation: 2 copias de |
| 112 | Revista "Scholastic" | Scholastic Corporation: 2 copias de |
| 113 | No. 4 de Vol. 26; Nos. 6, 8, 10, 12, 14, e 15 de Vol. 27; Nos. 1, 3, e 7 de Vol 28) | Scholastic Corporation: 2 copias de |

| | TÍTULO | AUTORES |
|-----|--|--|
| 114 | The Junior Book of Authors | H.W. Wilson Company |
| 115 | Vários folhetos | |
| 116 | Dictionary for Boys and Girls | Webster's Elementary Dictionary |
| 117 | Webster's Collegiate Fictionary (Fourth Edition) | |
| 118 | Picturesque Word Origins from | Webster's New International Dictionary |
| 119 | The Bear | The Orthovis Company |
| 120 | The Lion | The Orthovis Company |
| 121 | The Deer | The Orthovis Company |
| 122 | Wild Sheep and Goats | The Orthovis Company |
| 123 | Giants of the Animal Kingdom | The Orthovis Company |
| 124 | Monkeys an Apes | The Orthovis Company |
| 125 | Wild Oxen | The Orthovis Company |
| 126 | Strange Animals | The Orthovis Company |
| 127 | The Deer (com capa de panno) | The Orthovis Company |
| 128 | Giants of the Animal Kingdom (idem) | The Orthovis Company |
| 129 | The Bird Kingdom | The Orthovis Company |
| 130 | The Animal Kindgdom | The Orthovis Company |
| 131 | 2 livros de professora | The Orthovis Company |
| 132 | The Ship Book | Houghton Mifflin Company |
| 133 | Travel by Air, Land and Sea | Houghton Mifflin Company |
| 134 | The World's Messengers | Houghton Mifflin Company |

Fonte: Relatório da IV Exposição de Livros Infantis da ABE – 1936

ANEXO 4 - LIVROS DA ALEMANHA PARA A IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE LITERATURA INFANTIL 1936

| | TÍTULO | AUTORES |
|-----|---|---|
| 135 | Das Goldene Schiff | Ferdinand Kamp. Bochum |
| 136 | Deutsches Lesebuch fuer Volksschulen | Verlag Friedrich Korn, Nuernberg |
| 137 | Die Historie von der schoenen Lau | Eduard Moericke. Aus Hirts. |
| 138 | Maerchen aus neuerer Zeit | Ferdinan Hirt, Breslau |
| 139 | Ausgewahlte Maerchen | Ferdinan Hirt, Breslau |
| 140 | Grundzuege der Pflanzenkunde fuer hoehere Lehranstalten | Prof. Dr.Karl Smalian |
| 141 | Leitfaden der Tierkunde | Prof. Dr.O.Schmeil |
| 142 | Physik fuer hoehere Lehranstalten | Josef Schnippenketter und Theobal |
| 143 | Anleitung zum Bau physikalishcer | Hans Konwiczka |
| 144 | Lehrbuch der Mathematik | Zahl und Funktion. Dr. F. Behrend und Dr. A. Morgenster |
| 145 | Lehrbuch der Mathematik | Dr. Felix Behrend -1932 |
| 146 | Lehrbuch der Mathematik | Dr. Felix Behrend -1933 |

Fonte: Relatório da IV Exposição de Livros Infantis da ABE - 1936

ANEXO 5 - LIVROS DA FRANÇA PARA A IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE LITERATURA INFANTIL 1936

| | TÍTULO | AUTORES |
|---------------------------|---|-----------------------------|
| FLAMMARION | | |
| 1 | Lulu le petit roi des forains | T. Trilby |
| GAUTIER-LANGUEREAU | | |
| 1 | Suzette et le Bon Ton | Mado H. Giraud |
| 2 | Suzette en Vacances – 1936 | Mado H. Giraud |
| 3 | L'insupportable Nicole | Suzanne Rivière |
| 4 | Mauve et Jo | M. de Carnac |
| 5 | La Petite Babouche d'Argent | Angela Brazil |
| 6 | Une École dans un Manoir | Angela Brazil |
| 7 | La Semaine de Suzette (32ème année) | Editions Gautier-Languereau |
| 8 | Bécassine Nourrice | Editions Gautier-Languereau |
| 9 | Bécassine prend des pensionnaires | Editions Gautier-Languereau |
| 10 | L'Enfance de Bécassine | Editions Gautier-Languereau |
| 11 | Bécassine en Voyage | Editions Gautier-Languereau |
| 12 | Bécassine en Apprentissage | Editions Gautier-Languereau |
| 13 | Bécassine au Clocher-les-Bécasses | Editions Gautier-Languereau |
| 14 | Le Règne de Nane | André Lichtenberg |
| 15 | Une Fête au Cinéma | André Lichtenberg |
| 16 | Le Mimi à Paris et en Voyage | Editions Gautier |
| 17 | Jacqueline et son Chien Pataud | Editions Gautier |
| LARROUSSE | | |
| 1 | Derradj Fils du Désert | René Maublanc |
| 2 | Hank, le Trappeur | Ludovic Boutinon |
| 3 | On a volé un Transatlantique | H. Bernay |
| 4 | Le Secret de la Sunbeam Vally | Henry Bernay |
| 5 | L'Homme qui dormit cent ans | J.B. Coissac |
| 6 | Jeanne la bonne Lorraine | J.B. Coissac |
| 7 | Roland, le vaillant Paladin | Marie Butts |
| 8 | Le Tapis enchanté - Collection des livres bleus | Larousse |
| 9 | Le Coucou et l'Arbre de Joie | Larousse |
| 10 | Bob et Miaoulette | Lucien Bonnefoy |
| 11 | Les plus belles chansons de France | Lucien Bonnefoy |
| 12 | Les Aventures de Frère Lapin | Lucien Bonnefoy |
| 13 | Le Miroir magique | Thérèse Lenotre |
| 14 | Le Chat Botté | Perrault |
| 15 | Animaux domestiques et familiers | M.M. Franc-Nohain |
| 16 | Alphabet en images | M.M. Franc-Nohain |
| 17 | Les Animaux sauvages | M.M. Franc-Nohain |
| 18 | Histoires parisiennes | M.M. Franc-Nohain |
| 19 | Annick et sa Fée | César Santelli |
| 20 | Histoires enfantines | Franc-Nohain |
| DELAGRAVE | | |
| 1 | Jean de La Fontaine | Noré Brunel |
| 2 | La Mare au Diable | George Sand |
| 3 | Les Mille et Une Nuits | George Sand |
| 4 | Contes | Alexandre Dumas |
| 5 | François le Champi | George Sand |
| 6 | Trois petits enfants bleus | Geneviève Panconnier |
| 7 | Le livre des bêtes qu'on appelle sauvages | André Demaison |
| HACHETTE: | | |
| 1 | Michel Strogoff | Jules Verne |

| | | |
|----|--------------------------------|------------------------|
| 2 | Le Capitaine Fracasse | Théophile Gautier |
| 3 | La petite Fadette | George Sand |
| 4 | Histoire de mes Bêtes | Alexandre Dumas |
| 5 | La Prairie | Fenimore Cooper |
| 6 | Pitche n'a pas de chance | Alek Stonkus |
| 7 | L'Alphabet des petits Garçons. | Alek Stonkus |
| 8 | Prosper et Toutoune | Alain Saint-Ogan |
| 9 | Bicot et son 1/2 chien | Branner |
| 10 | Mickey et l'étoile magique | Walt Disney |
| 11 | Félix et la T.S.F | Walt Disney |
| 12 | Les aventures de Touitoui | Alain Saint-Ogan |
| 13 | Serpentin | Alain Saint-Ogan |
| 14 | Bonzo et les Saucisses | Alain Saint-Ogan |
| 15 | Mon bel Alphabet | Alain Saint-Ogan |
| 16 | Zig et Puce au XXIème Siècle | Alain Saint-Ogan |
| 17 | Maitre du Monde | Jules Verne |
| 18 | Sans Famille | Hector Malot |
| 19 | Quo Vadis | Henri Sienbiewicz |
| 20 | Cadette | Zénaide Fleuriot |
| 21 | Mademoiselle Graindsel | Jérôme Doucet |
| 22 | Un bon petit Diable | Comtesse de Ségur |
| 23 | Colin-Maillard | Colette Vivier |
| 24 | Un Train sifflait dans la nuit | JacquiN |
| 25 | Franchise | Mme Colomb |
| 26 | Le Village Aérien | Jules Verne |
| 27 | Le Rêve | Emile Zola |
| 28 | Le Tour du Monde en 80 jours | Jules Verne |
| 29 | Pipo et Pip | Madeleine du Genestoux |
| 30 | Pêchuer d'Islande | Pierre Loti |
| 31 | Capitaines Courageux | Rudyard Kipling |
| 32 | L'Archipel en Feu | Jules Verne |
| 33 | Mistigri | Lucien Vasseur |
| 34 | Le petit Don Quichotte | H. de Gorsse |
| 35 | Contes d'Andersen | H. de Gorsse |
| 36 | Bonne Bêtes et Bonnes Gens | Girardin |

Fonte: Relatório da IV Exposição de Livros Infantis da ABE – 1936

ANEXO 6 - LIVROS PARA A IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE LITERATURA INFANTIL 1936 NO RIO DE JANEIRO²²⁰

| | TÍTULO | AUTORES | EDITORA |
|---|-------------------------------|------------------------------|---------------------|
| 1 | Swallows and Amazons | Arthur Ransome | Jonnathan Cape |
| 2 | The Red Fairy Book | Andrew Lang | Longmans |
| 3 | At the Back of the North Wind | George MacDonald | Blackie |
| 4 | Katie my Roving Cat | Francis Pitt | Arrowsmith |
| 5 | Animal Heroes | Ernest Thompson Seton | Constable |
| 6 | Roddy and Scuttle | Eleanor Holme and Nance Paul | Eyre & Spottiswoode |
| 7 | The Princess and the Goblin | George McDonald | Blackie |
| 8 | The Pied Piper of Hamelin | Robert Browning | George G. Harrap |

²²⁰ Os livros (168 exemplares) da Sociedade de Cultura Brasileira, emprestados à ABE, foram devolvidos no final da Exposição

| | TÍTULO | AUTORES | EDITORIA |
|----|------------------------------------|-------------------------------|-------------------------------|
| 9 | The Girl through the Ages | Dorothy Margaret Stuart | Harrap |
| 10 | The Tapestry Room | Mrs. Molesworth | MacMillan |
| 11 | Tales from Ebony | Harxcourt Williams | Putnam |
| 12 | Santa Claus in Summer | Compton Mackenzie | Blackwell |
| 13 | Gub-Gubs Book | Hugh Lofting | Jonathan Cape |
| 14 | The Long Journey | L. Houseman. C.H.K. Marton | Blackwell |
| 15 | Winter Holiday | Arthur Ransome | Jonathan Cape |
| 16 | The Gold of Fairnilee | Andrew Lang | Arrowsmith |
| 17 | Moorland Mousie | Golden Gorse | Country Life |
| 18 | The Princes & Curdie | George MacDonald | Blackie |
| 19 | The Voyages of Dr. Dolittle | Hugh Lofting | Jonathan Cape |
| 20 | Dr. Dolittles Garden | Hugh Lofting | Jonathan Cape |
| 21 | Dr. Dolittles Zoo | Hugh Lofting | Jonathan Cape |
| 22 | Wild Animals I Have Known | Ernest Thompson | Seton Hodder |
| 23 | A. Doorway in Fairyland | L. Hausman | Jonathan Cape |
| 24 | Grandmother Dear | Mrs. Molesworth | Macmillan |
| 25 | Brian and the Wood Folk | Maribel Edwin | J. M. Dent |
| 26 | The Old Wives tale | Arnold Bennet | Hodder & Stoughton |
| 27 | Told Again | Walter De La Mare | Blackwell |
| 28 | Jeremy Quince | Rose Fyleman | Jonathan Cape |
| 29 | My Happy Chimpanzee | Cherry Kearton | Arrowsmith |
| 30 | The Arabian Nights | Charles Folkard | Black |
| 31 | Green Willow | Grace James | Macmillan & Co. |
| 32 | Mighty Men | Eleanor Farjeon | Blackwell |
| 33 | The Lost Princess | Hampden Gordon | John Murray |
| 34 | The Wind in the Willows | Kenneth Graham | Methuen |
| 35 | Bowser the Hound | Thornton Burgess | The Bodley Head |
| 36 | The Rose and the Ring | Mr. M. A. Tittmarsh | Macmillan & Co. |
| 37 | Old Granny Fox | Thornton Burgess | The Bodley Head |
| 38 | Blackie The Crow | Thornton Burgess | The Bodley Head |
| 39 | The Adventures of Peter Cottontail | Thornton Burgess | The Bodley Head |
| 40 | Buster Bears Twins | Thornton Burgess | The Bodley Head |
| 41 | The I Spy Alphabet | W. Hickson & A.Harradine | The Bodley Head |
| 42 | Butterwick Farm | Clifford Webb | Frederick Warne & Co |
| 43 | Boldtoes | Margery Radcliff | The Peter Maurice Music Co |
| 44 | Dr. Dolittles Return | Hugh Lofting | Jonathan Cape |
| 45 | Wonder Tales of Many Lands | Henderson & Calvert | Allen |
| 46 | The Pageant of Chinese History | Seeger | Routledge |
| 47 | John Henry goes to Sea | Ernest Noble | R. T. Society |
| 48 | The Baby's Bouquet | Walter Crane | Frederick Warne Co. |
| 49 | The Polar Piggy | B. G. Williamsons | John Murray |
| 50 | Vol. 2. The Smaller Beasts | Eric Fitch Darglish | J. M. Dent |
| 51 | The Ark Book | Freda Derrick | Blackie |
| 52 | The Dragon Farm | B. G. Williamsons | John Murray |
| 53 | Peter Pans. A.B.C. | Flora White | Oxford U. Press |
| 54 | The Magic Fishbone | Charles Dickens | Frederick Warne |
| 55 | Songs from the Bad Book of Beasts | H. Belloc | Duckworth |
| 56 | The Wiles of the Fox | Lionel Edwards | Medici Soc. |

| | TÍTULO | AUTORES | EDITORIA |
|-----|---|----------------------------|-------------------------|
| 57 | The Story of Noah | Clifford Webb | Ward |
| 58 | For the Moon | Ella M. Monkton | Ward |
| 59 | Scotty the Adventures of a Highland Fox | F. Pitt | Longmans |
| 60 | Johnny Croars Party | L. Leslie Brooke | F. Warne |
| 61 | Swiss Family Robinson | Johann David Wyss | O. U. Press |
| 62 | Dream Days | Kenneth Grahame | The Bodley Head |
| 63 | Railway Engines of the World | Brian Reed | O. U. Press |
| 64 | Katie the Catapillar | C. Englefield | John Murray |
| 65 | The Hunting of the Snark | Lewis Carroll | Macmillan |
| 66 | The Bargerys | Ballard University | of London Press |
| 67 | The Silver Ship | Lady Cynthia Asquith | Putnam |
| 68 | Happy Families | Harry Graham | Jonathan Cape |
| 69 | Mock Uncle | Brenda E. Spencer | Country Life |
| 70 | Hildebrand | John Thorburn | Country Life |
| 71 | Floating Island | Anne Parrish | Benn |
| 72 | Swallowdale | Arthur Ransome | Jonathan Cape |
| 73 | Dr. Dolittle's Circus | Hugh Lofting | Jonathan Cape |
| 74 | Seek There | Eleanor Holm & Nance Paul | Eyre & Spottiswoode |
| 75 | Tales from Shakespeare | Charles & Mary Lamb | Macmillan |
| 76 | The Dawn Shops | J. L. Brislea | Harrap |
| 77 | The Gates Family | Ella Monckton | Warne |
| 78 | The Book of Epic Heros | Amy Cruce | Harrap |
| 79 | Jerry The Story of an Exmoor Pony | Helme & Aladin | Eyre & Spottiswoode |
| 80 | Wet Magic | E. Nisbet | Benn |
| 81 | Happy Jack | Thornton W. Burgess | The Bodley Head |
| 82 | A Fairy Garland | Edmund Dulac | Cassell |
| 83 | Alice in Orchestra Land | Ernest La Prade | Cobden- Sanderson |
| 84 | 2nd. Collection of Pictures & Songs | R. Caldecotts | Warne |
| 85 | The Book of Nonsense and More Nonsense | E. Lear | Warne |
| 86 | A. Apple Pie | Kate Greenway | F. Warne |
| 87 | The Story of a Red Deer | Hon. J. W. Fortescue | Macmillan |
| 88 | The Wood that Came Back | Clare Leighton | Ivor Nicholson & Watson |
| 89 | The Golden Goose Book | L. Leslie | F. Warne |
| 90 | Flash | Esther Averill | Faber & Faber |
| 91 | Jim Davis | John Masefield | Wells, Gardner Darton |
| 92 | The Cuckoo Clock | Mrs. Molesworth | Macmillan |
| 93 | Older Mousie | Golden Gorse | Country Life |
| 94 | Hardings Luck | E. Nisbet | Benn |
| 95 | Phantasmagoria | Lewis Carroll | Macmillan |
| 96 | The Rose and the Ring | Mr. M. A. Tittmarsh | Macmillan |
| 97 | Heros and Heroines | Eleanor & Herbert Far jeon | V. Gollancz |
| 98 | Animals Ltd. | J. Cook & H. Perry | Faber and Faber |
| 99 | The Wonder Book of Electricity | H. Golding | Ward, Lock Ltd. |
| 100 | English Costume of the 17 th Century | Iris Brook | Black |

| | TÍTULO | AUTORES | EDITORIA |
|-----|--|-------------------------|--------------------|
| 101 | The Pelican Chorus | E.Lear | F. Warne |
| 102 | Life and Work of the People of England | D. Hartley & M. Elliot | Batsford |
| 103 | The Golden Keys | H. Gordon | John Murray |
| 104 | English Children's Costume Since 1775 | Iris Brook | Black |
| 105 | The Youngest Omnibus | R. Vallance | Nelson |
| 106 | Fairies and Enchantess | A.Williams- Ellis | Nelson |
| 107 | Tales from Chaucer | Eleanor Farjeon | Medici Society |
| 108 | Dr. Dolittles's Post Office | Hugh Lofting | Jonathan Cape |
| 109 | Dr. Dolittles's Caravan | Hugh Lofting | Jonathan Cape |
| 110 | A Royal Cinderella | M. Irwin | O. U. Press |
| 111 | Mrs. Piffy | Norah C. James | J. M. Dent |
| 112 | Taddy Tad-Pole | O. Bowen | Nelson |
| 113 | The Further Adventures of Jungle John | J. Budden | Longmans |
| 114 | Peter Duck | A. Ransome | J. Cape |
| 115 | Grimms Fairy Tales | The Brothers Grimm | Heinemann |
| 116 | The Book of the Childhood of Christ | | The Medici Society |
| 117 | Charlie the Fox | J. Budden | Country Life |
| 118 | The Ponys of Bunts | M. M. Oliver & E. Ducat | Country Life |
| 119 | The Dolls House | R. Fylemann | Methuen |
| 120 | No. 12 Joy St. | Various Writers | Blackwell |
| 121 | Told | Compton Mackenzie | Blackie |
| 122 | Mr. Papingays Caravan | M. St. John Webb | Collins |
| 123 | George and Angela | | |
| 124 | The Lost Coin | M. Chalmers | M. P. |
| 125 | <i>The Shepherd and His Sheep</i> | M. Chalmers | M. P. |
| 126 | Lobo | Ernest Thompson Seton | Hodder & Stoughton |
| 127 | Then we were very Young | A. A. Milne | Methuen |
| 128 | Billy Winks | C. Englefield | John Murray |
| 129 | Boyhood Stories of Famous Men | K. D. Cather | Harrap |
| 130 | The twilight of Magic | Hugh Lofting | Jonathan Cape |
| 131 | Two Little Savages | E. T. Seton | Constable |
| 132 | The Secret Garden | F. H. Burnett | Heinemann |
| 133 | Dr. Dolittle in the Moon | Hugh Lofting | J. Cape |
| 134 | Silver Magic | Romer Wilson | J. Cape |
| 135 | Bunny Borough | Cecil Aldin | O. U. Press |
| 136 | Children Book of Yesterday | Philip James | Studio |
| 137 | Bellman Carries On | K. F. Barker | Black |
| 138 | English Costumes of 18th Century | T. Brook | Black |
| 139 | Old Peters Russian Tales | A. Ransome | Jack |
| 140 | Six to Sixteen | J. H. Ewing | G. Bell |
| 141 | The Sea Shore | J. H. Kelman | Jack |
| 142 | The Microscope | Capt. E. Hawks | Jack |
| 143 | <i>Bevis</i> | Richard Jefferies | J.Cape |
| 144 | Foam Razoeback | E. T. Seton | Hodder & Stoughton |
| 145 | The House at Pooh Corner | A. A. Milne | Methuen |
| 146 | A. Flat Iron for a Farthing | J. H. Ewing | Bell |
| 147 | Perkin the Pedlar | E. Farjeon | Faber & Faber |
| 148 | The Midnight Folk | J. Masefield | Heinermann |
| 149 | Bridget and the Bees | D. Wall | Methuen |

| | TÍTULO | AUTORES | EDITORA |
|-----|------------------------------|----------------|----------------|
| 150 | Bats Cradles for His Majesty | M. & M. Baker | Blackwell |
| 151 | The Top of the Mountain | E. Manchton | Nelson |
| 152 | Alice and Thomas and Jane | E. Bagnold | Heinemann |
| 153 | The Wee Man of Ballywooden | A. Mason | Heinemann |
| 154 | Three Company | J. Thorburn | Country Life |

Fonte: Relatório da IV Exposição de Livros Infantis da ABE - 1936

ANEXO 7 - LIVROS PARA A IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE LITERATURA INFANTIL 1936 NO RIO DE JANEIRO – VOLUMES EXTRA

| | TÍTULO | AUTORES | EDITORA |
|----|---------------------------------------|--------------------|--------------------|
| 1 | The Adventures of Mr. Horace Hedgehog | P. B. Ardley | Collins |
| 2 | Street Fair | Marjorie Fischer | Routledge |
| 3 | Lis sails the Atlantic | Lis Andersen | Routledge |
| 4 | The Box of Delights | J. Masefield | Heinemann |
| 5 | The Boy King | A. Alington | Ackwell |
| 6 | Alice's Adventures in Wonderland | Lewis Carroll | Macmillan |
| 7 | Through the looking - glass | Lewis Carroll | Macmillan |
| 8 | Happy Families | Harry Graham | J. Cape |
| 9 | On'y Tony | Brenda & Spender | Country Life |
| 10 | The Happy Mariners | Gerald Bullett | Dent |
| 11 | Fairy Tales & Legends | H. Andersen | Cobden Sanderson |
| 12 | Salar the Salmon | H. Williamson | Faber & Faber |
| 13 | The Princess Elyzabeth Book | | Hodder & Stoughton |
| 14 | Aboard the Bulger | A. Scott Moncrieff | Methuen |

Fonte: Relatório da IV Exposição de Livros Infantis da ABE – 1936

ANEXO 8 - LIVROS DA EXPOSIÇÃO DE OBRAS DIDÁTICAS NORTE-AMERICANAS DE 1936

| NUMERAÇÃO LISTA DA ABE | TÍTULO | AUTORES |
|---------------------------------------|---|---------------------------|
| PSICOLOGIA GERAL E EDUCACIONAL | | |
| 24 | Lectures on Conditioned Reflexes | Ivan Petrovitch Pavlov |
| 25 | Elementary General Psychology | Samuel W. Fernberger. |
| 26 | Children and their Parents | Maud E. Watson |
| 27 | The Evolution of Modern Psychology | Richard Muller Freienfels |
| 28 | Extra-Sensory Perception | J.B. Rhine |
| 29 | Home Guidance | Grace Laughton. |
| 30 | Mental Health | Howard and Patry |
| 31 | Why we Behave Like Human Beings | George A. Dorsey. |
| 32 | A General Introduction to Psychoanalysis. | Sigmund Freud |
| 33 | Principles of Adolescent Psychology | Edmond S. Conklin. |
| 34 | An Outline of General Psychology | Gault and Howard |

| NUMERAÇÃO LISTA DA ABE | TÍTULO | AUTORES |
|------------------------------|--|--|
| 35 | Educational Sociology | Daniel H. Kulp. |
| 36 | The Use and Interpretation of High School Tests | Henry A. Green and Albert N. Jorgensen |
| 37 | The Use and Interpretation of Elementary School Tests | Henry A. Green and Albert N. Jorgensen |
| 38 | Intelligence Testing | Rudolph Pintner. |
| 39 | Mental Tests and the Classroom Teacher | Virgil E. Dickson. |
| 40 | Aptitude Testing | Clark L. Hull |
| 41 | Testing and the uses of test results | Lincoln and Workman |
| 42 | The Child | Meyer F. Ninkoff |
| 43 | Problem Children | John Edward Bentley. |
| 44 | Psychology and the New Education | S. L. Pressey. |
| 45 | Psychology for Students of Education | Arthur J. Gates. |
| 46 | Psychological service for School Problems | Gertrude H. Hildreth. |
| 47 | Educational Psychology | James Bart Stroud. |
| 48 | Child Psychology | Margaret Wooster Curti |
| 49 | Psychology | Robert S. Woodworth. |
| 50 | Practical Psychology | Edward Stevens Robinson |
| 51 | The Diagnosis and Treatment of Behavior | Henry J. Baker and Virginia Traphagen |
| 52 | Child Psychology | Stoddard and Wellman |
| 53 | Personality Adjustments of School Children | Carolina B. Zachry |
| 54 | Mental Hygiene of the School Child | Percival M. Symonds |
| 55 | Social Psychology | John Jeffrey Smith |
| 56 | The Riddle of Personality | H. Aduington Bruce |
| 57 | Psychological Education | J.V. Breitwieser |
| 58 | Educational in the Kindergarten | Foster and Headley |
| 59 | Nursery Education | Blats, Millichamp and Fletcher |
| 60 | We Go To Nursery School | Poppleton and Blatz |
| 61 | A Day at School | Agnes Mac Cready |
| 62 | Achievement Scales in Physical | N.P. Nielson and Frederick We Cozens |
| 63 | Recreation for Girls and Women. | Ethel Bowers |
| 64 | Construccion de Gimnasics | |
| 65 | Social Games for Recreation | Mason and Mitchell |
| 66 | The Human Body | Marie Carmichael Stopes |
| 67 | Health Through Leisure-time Recreation | Edith M. Gates. |
| 68 | Personal Hygiene Applied | Jesse Feiring Williams |
| 69 | The Principles of Physical Education | Jesse Feiring Williams |
| 70 | Keeping Healthy | Charters, Deant and Strang |
| 71 | The Athlete in the Making | Whillians and Nixon |
| 72 | Tumbling | Samuel F. Harby |
| 73 | The Administration of Health and Physical Education | Jesse Feiring Williams and Clifford Lee Brownell |
| 74 | Health for Body and Mind | Walter Frank Cobb. |
| 75 | Health Through science. | Charters, Smiley and Strang. |

| NUMERAÇÃO LISTA DA ABE | TÍTULO | AUTORES |
|------------------------------|---------------------------------------|---|
| 76 | The Body's Needs | Charters, Smiley and Strang. |
| 77 | Women over Forty | Sarah Trent. |
| 78 | Children Well and Happy | May Dickinson Kimball |
| 79 | Handbook of Athletic Games | Bancroft and Pulvermacher |
| 80 | An Introduction to Physical Education | Eugene W. Nixon and Fredrick. W. Cozens |
| 81 | Games | Jessei H. Bancroft |
| 82 | The Theory of Play | Mitchell and Mason |
| 83 | Introduction to Physical Education | Jackson R. Sharman |
| ENSINO PRIMÁRIO | | |
| 84 | Ways to Teach English | Thomas C. Blaisdell. |
| 85 | The Right book for the Righ child | |
| 86 | The Goldon Flute | Hubbard and Babbitt |
| 87 | Best Short Stories for Children | Carol Ryrie Brink |
| 88 | Poems of today | Anni E., Moore |
| 89 | When we were very young | A. Milne |
| 90 | Now we are six | A. Milne |
| 91 | The House at Pooh Corner | A. A. Milne |
| 92 | Winnie the Pooh | A. A. Milne |
| 93-97 | The Alice and Jerry Books | O'Donnell and Carey |
| 98 | A Happy Day | Edith Hope Ringer |
| 99 -107 | Citizenship Readers | Ringer, Shurter, Happs Stockton, Scott, Sewell and Downie |
| 108-113 | Language in Action | Threlkeld, Noar and Zeller |
| 114-119 | English Activities | Hatfield, Lewis, Sheldon and Plumb |
| 120-123 | Readers | Horton and Carey |
| 124-128 | The Curriculum Readers | C. Baker, Reed and D. Baker |
| 129-137 | The Friendly Hour | Leavell, Breckinridge, Browning and Follis |
| 138-145 | Elementary English in Action | Bardwell Mabie and Tressler |
| 144-148 | The New Atlantic Readers | Bardwell Mabie, digo Condon and Lind |
| 149-151 | Curriculum Foundation Series | William S. Gray. |
| 152-156 | Basic Readers | Elson-Gray and Runkel |
| 157 | Fire! Fire! | Cooperating Editors |
| 158 | The Fireboat | Cooperating Editors |
| 159 | Old strawberry and Molly | Cooperating Editors |
| 160 | The Tugboat | Cooperating Editors |
| 161 | Penny Penguin | Carelyn Colby |
| 162 | Tabby and the Boat-Fire | Carelyn Colby |

| NUMERAÇÃO LISTA DA ABE | TÍTULO | AUTORES |
|------------------------------|--|------------------------------|
| 163 | Binkie and the Firoman | Carelyn Colby |
| 164 | Owney the Postal Dog | Carelyn Colby |
| 165 | Maria Mello and Chiquito | Virginia W. Bennett |
| 166 | A Story of Milk | Marjory Hardwick Taylor |
| 167-169 | Mastery Speller | Smith and Bagley |
| 170 | The Little Black Coal | Ethel Cook Eliot |
| 171 | When the Storm God Rides | Stratton and Reid |
| 172-176 | The Unit-Activity Reading Series | Nila Banton Smith |
| 177-180 | Practice-Pad | Nila Banton Smith |
| 181 | The Poney Tree | Charlotte Brate |
| 182 | Grammar Can Be Fun | Munro Leat |
| 183 -185 | Ilegível | Tones and Wheat |
| 186 -188 | Strayer-Upton Practical Arithmetics | Strayer and Upton |
| 189-190 | Commercial Arithmetic | Leigh and Hatch |
| 191-196 | Practice Book for Arithmetic | Harry G. Wheat |
| 197 | Let the Child Draw | Dearing Perrine |
| 198 | Map Makers | Cottler and Jaffe |
| 199 | America in the Making | Chadsey, Weinberg and Miller |
| 200 | Makers of the New World | Henry Noble Sherwood |
| 201 | Our Country's Beginnings | Henry Noble Sherwood |
| 202 | Famous Americans | Uhrbrock, Owens and Jones |
| 203 | A Child's Life of George Washington | Louise Embree |
| 204 | A Child's History of the World | V. M. Hillyer |
| 205 | The Child's Book of American Biography | Mary Stoyell Stimpso |
| 206 | The Romance of Commerce | Ruth Christine Hoffman |
| 207 | The New Pioneers | Mary H. Wade |
| 208 | Across Seven Seas To Seven Continents | Aitchison and Uttley |
| 209 | Boats | Editorial Board |
| 210 | Trains | Editorial Board |
| 211-214 | Our World Today | Stull and Hatch |
| 215 | A Child History of the Animal World | Eduard G. Huey |
| 216 | Sex in Childhood | Ernest R. Groves |
| 217-218 | Practical Physics | Glenn M. Hobbs |
| 219-224 | Pathways in Science: | |
| | We Look About Us | Craig and Burke |
| | Out-of-Doors | Craig and Baldwin |
| | Our Wide, Wide World | Craig and Baldwin |
| | The Earth and Living Things | Craig and Hurley |
| | Learning About our World | Craig and Hurley |
| | Our Earth and Its Story | Craig and Hurley |
| 225-228 | A Series in Natural Science: | |
| | Some Animals and Their Homes | Phillips and McNair |
| | Some Animal Neighbors | Phillips and McNair |
| | Plants and Animals | Phillips and McNair |
| 225-228 | Our Earth and Its Life | Phillips and McNair |
| 229-231 | Early Journeys in Science | Teeters and Heising |
| 232 | Do You Know About Fishes? | Janet Smalley |

| NUMERAÇÃO LISTA DA ABE | TÍTULO | AUTORES |
|------------------------------|--|--------------------------------------|
| 233 | Making Words Work For You | Lloyd Edwin Smith |
| 234-236 | Literature and Living | Lyman and Hill |
| 237-242 | Junior English in Action, 3 books with 3 practice books and tests | J.C. Tressler and M.B. Shelmadine |
| 243 | Foreigners Guide to English | Azniv Beshgeturian |
| 244 | How To Use English | Frank H. Vizetelly |
| 245 | Enjoyment of Literature | Boas and Smith |
| 246 | Best Short Stories | Carol Ryrrie Brink |
| 247-249 | Experiments in Reading | McCall, Cook and Norvell |
| 250 | The Thorndike-Century Junior Dictionary | E. L. Thorndike |
| 251 | Historic English | James C. Fernald |
| 252 | English Fundamentals | Baker and Goddard |
| 253 | Good American Speech | M. Prendergast McLean |
| 254 | Correct English | William M. Tanner |
| 255 | Creative Composition | Camp, Lycan and Bair |
| 256-258 | Growth in English | Fowler and Simpson |
| 259 | Effective English Expression | E. Harlan Webster |
| 260 | English For Business Abridged | E. Harlan Webster |
| 261 | Guidance in Composition | Edith E. Shepherd |
| 262 | The Teaching of Literature | Lou L. La Brant |
| 263 | The Boy's Life of Edison | William H. Meadowcroft |
| 264 | The Boy's Life of Mark Twain | Albert Bigelow Paine |
| 265 | Words We Misspel | Frank H. Vizetelly |
| 266 | A Manual of English | Woods and Stratton |
| 267 | 25.000 Words | Leslie and Funk |
| 268 | Toujours Français | Hodges, Nelson and Vestal |
| 269 | The High School Standard Dictionary | James C. Fernald |
| 279 | The Comprehensive Standard Dictionary | James C. Fernald |
| 271-273 | Modern Junior Mathematic | Walter W. Hart |
| 274 | Essentials of Business Arithmetic | Kanzer and Schaaf |
| 275 | Geography-Southern Lands | Barrows and Parker |
| 276 | Journeys in Distant Lands | Barrows and Parker |
| 277 | Geograpy-Europe and Asia | Barrows and Parker |
| 278 | United States and Canada | Barrows and Parker |
| 279 | Exploring American History and people | Casner and Gabriel. |
| 280 | America its History and people | Faulkner and Kepner |
| 281 | Outline of World History | H. C. Mnapp-Fisher |
| 282 | Modern Europe | Thomas and Hamm |
| 283 | My Worth to the world | Capen and Melchior |
| 284 | Story Biographies | McClay and Judson |
| 285 | Man's Great Adventure | Edwin W. Pahlow |
| 286 | A History of the United States. | Ralph Volney Harbow |
| 287 | The Modern World: A Pageant of Today | H.C. Knapp-Fishor |
| 288 | Understanding America. | William H. Gunningham |
| 289 | Abe Lincoln Grows Up | Carl Sandburg |
| 290 | Science by Observation and Experiment | Webb and Beauchamp |
| 291 | Cammon Science | Carleton W. Washburne |
| 292 | America in the Machine Age | Louis Weinberg |

| NUMERAÇÃO LISTA DA ABE | TÍTULO | AUTORES |
|------------------------------|---|----------------------------------|
| 293-296 | The March of Science: | |
| | My Own Science Problems | Huntex and Whitman |
| | Science in our Social Life | Huntex and Whitman |
| | Science in Our World of Progress | Huntex and Whitman |
| 297 | Modern Chemistry | Charles Dull |
| 298 | Descriptive Chemistry | Sherman R. Wilson |
| 299 | The Word About Us | Pubermacher and Vosburgh |
| 300 – 301 | Living a Word of Science | Morris Meister |
| | Water-Air-Heat-Health | Morris Meister |
| | Magnetism-Electricity-Energy-Power | Morris Meister |
| 302 | Biology for Beginners | Moon and Man |
| ENSINO VOCACIONAL | | |
| 303 | Clothes For Girls | Elisabeth Toad |
| 304 | Methods of Teaching Vocational Agriculture | Samuel H. Dadisman |
| 305 | The New Elementary Home Economics | M. Lockwood Mathews |
| 306-307 | Sales and Advertising | Gauss and Wightman |
| 308 | Economics of Business | Willard J. Graham |
| 309 | Modern Radio Essentials | Kenneth A. Hathaway |
| 310 | Television | Kenneth A. Hathaway |
| 311 | Descriptive Astronomy | Forest Ray Moulton |
| 312 | Practical Mathematics | Hoobs, McLennan and McKinney |
| 313 | Success Through Vocational Guidance | James McKinney and A.M.Simons |
| 314 | Manual Arts | S.C. Roberts |
| LITERATURA | | |
| 315 | Poet's Gold | David Ross |
| 316 | Early Songs of Uncle Sam | G. Stuyvesant Jackson |
| 317 | Gitanjali | Rabindranath Tagore |
| 318 | Three Irish Plays | W. Butler Yeates and others |
| 319 | Alice's Adventures In Wonderland | Lewis Carroll |
| 320 | My Daughter Bernadette | Francis Jammes |
| 321 | By Violence | John Trevena |
| 322 | The Symposium | Plato |
| 323 | The Gold-Bud and other Tales | Edgard A. Poe |
| 324 | Safe Number Sixty-Nine | J. S. Eletcher |
| 325 | Mademoiselle Fifi and other stories | Guy de Maupassant |
| 326 | Two Wessex Tales | Thomas Hardy |
| 327 | Candide | Jean Voltaire |
| 328 | The Book of François Villon | François Villon |
| 329 | A Shropshire Lad | A. E. Housman |
| 330 | Modern Russian Classics | L. N. Andrev and others |
| 331 | The Sleleton In the Closet | Clarence S. Darrow |
| 332 | Two Tales: The Man Who Would be King Without Benefit of Clergy | Rudyard Kipling |
| 333 | Essays in the Art | Lord Dunsany and others |
| 334 | Five Modern Plays | O'Neill and others |

| NUMERAÇÃO LISTA DA ABE | TÍTULO | AUTORES |
|------------------------------|---|--------------------------------|
| 335 | The Hound of Heaven and other Poems | Francis Thompson |
| 336 | Rubaiyat | Omar Khayyam |
| 337 | The Wisdom of Confucius | Confucius |
| 338 | The Importance of Being Earnest | Oscar Wilde |
| 339 | The Greatest Fhing in The World | Henry Drummond |
| 340 | Coloured Stars | E. Powys Mathers |
| 341 | What is American Literature? | Carl Van Doren |
| 342 | An Introduction to Liturgical Latin | A. M. Scarre |
| 343 | Shakespeare Study Programs; The Comodies | Porter and Clarke |
| 344 | Shakespeare Study Programs; The Gragedies | Porter and Clarke |
| 345 | The Peace of Ferrara | Philip Meri |
| 346 | Flood Lides | Louis Cochran |
| 347 | Canaan | Graça Aranha |
| 348 | Man Goeth Forth | Charles W. Gillum |
| 349 | The Vow | Shunyo Yanagawa |
| 350 | Americans All | Benjamin A. Heydrick |
| 351 | The Best Know Works | Oscar Wilde |
| 352 | One Hundred World's Best Novels Condensed | Edwin A. Grozier |
| 353 | The Best Know Works | Anton Chekhov |
| 354 | An Anthology of World Prose | Carl Van Doren |
| 355 | The Best Know Works | Edgard Allan Poe |
| 356 | Mark Twain's America | Bernard Do Voto |
| 357 | Explorations in Literature: American Winters | Edwin L. Miller |
| 358 | Explorations in Literature English | Edwin L. Miller |
| 359 | Poor Splendid Wings | Frances Winwar |
| 360 | Atentative Bibliography of Brazilian Belles-Lettres | Jeremiah D. M. Ford and others |
| 361 | Paintings An Introduction do Art | Bulliet and MacDonald |
| BIOGRAFIAS | | |
| 362 | The Real Bernard Shaw | Maurice Colbourne |
| 363 | Adelaide Crapsey | Mary Elizabeth Osborn |
| 364 | Tittle Little Women Grow Bold | Mary Elizabeth Ford |
| 365 | The French Adventurer | Maurice Constatin Weyer |
| 366 | Education of a Princess | Marie, Grand Duchess of Russia |
| 367 | Bismarck | Emil Ludwig |
| 368 | The Way of a Transgressor | Negley Tarson |
| 369 | William Vaughn Moody | David D. Henry |
| 370 | Wellington | Philip Guedalla |
| 371 | Elizabeth and Essex | Lytton Strachey |
| 372 | Young Mr. Disraeli | Elswyth Thane |
| 373 | Microbe Hunters | Paul de Kruif |
| 374 | Goethe | Emil Ludwig |
| 375 | Old Jules | Mari Sundoz |
| 376 | A Frenchman Among the Victorians | Francis Wey |
| 377 | The Antobiography of | Lincoln Steffens |
| 378 | Crown of Glory | Br. O. W. Riegel |
| 379 | Titans of Literature | Burton Rascoe |
| 380 | Danton | Hermann Wendel |

| NUMERAÇÃO LISTA DA ABE | TÍTULO | AUTORES |
|------------------------------|--|---------------------------------------|
| 381 | Elizabeth Empress of Austria | Count Egon Corti |
| 382 | Sir Walter Raleigh | Edeard Thompson |
| 383 | Mark Twain | Edward Wagenknecht |
| 384-386 | The Letters of | Charles Lamb |
| 387 | The Pathfinder of the Seas | John W. Wyland |
| 388 | Washington | W.B. McGroarty |
| 389 | Thomas Jefferson: Architect and Builder | J. T. Frary |
| ENSAIOS DIVERSOS | | |
| 390 | Why Keep Them Alive? | Paul and Thea de Kruif |
| 392 | Man's Own Show: Civilization | George A. Dorsey |
| 393 | Must We Have War? | Ascher Henkin |
| 394 | By Pacific Means | Manley O. Hudson |
| 395 | Men, Mene and Molecules | Williams Haynes |
| 396 | Return to Philosophy | C. E. M. Joad |
| 397 | The Making of a Messiah | William W. Harrey |
| 398 | The Freedom of Man | Arthur H. Compton |
| 399 | Order and Life | Joseph Needham |
| 400 | The Next Hundred Years | C.C. Furnas |
| 401 | Can Europe Keep The Peace? | Frank H. Simonds |
| 402 | The Marks of An Educated Man | Albert Edward Wiggram |
| 403 | American Philosophy Today and Tomorrow | Horace Kallen and Sidney Hook |
| 404 | Unrolling the Map | Leonard Outhwaite |
| 405 | The American Indian | Paul Rauin |
| 406 | With Napoleon In Russia | General Caulaincourt |
| 407 | Clash in the Pacific | T. A. Bisson and Goslin |
| 408 | Made in U. S. A | Ryllis A. Goslin and Wilde |
| 409 | War Tomorrow Will We Keep out | Goslin and W.T. Stone |
| 410 | Peace in Party Platforms | William T. Stone |
| 411 | Dictatorship | Ryllis Alexander Goslin |
| 412 | Economic Geography | Glarence Fielden Jones |
| 413 | First Principles of Cooperation in Buying and Selling in Agriculture | Elmer O. Fippin |
| 414 | The Epic of America | James Truslow Adams |
| 415 | Managing The People's Money | Joseph Ernest Goodbar |
| 416 | Sweden The Middle Way | Marquis W. Childs. |
| 417 | Sour Book For Social Origins | William Thomas |
| 418 | Life an Labor in the Old South | Ulrich Bonnell Phillips |
| 419 | Our Economic Society and its problems | Rexford G. Tugwell and Howard C. Hill |
| 420 | The Economic Literature of Latin America | Harward University |
| 421-427 | Commons Debates 1621 | Notestein, Relef, and Simpson |
| 428 | Letters of the Court of John III King of Portugal | J.D M. Ford and L. G. Maffatt |
| 429 | Letters of John III King of Portugal | J.D.M. Ford |
| 430 | A Second Primer | Samuel Crowther |
| 431 | Crônica de Dom João de Castro | Leonardo Nunes |
| 432 | American Neutrality | Charles Seymour |

| NUMERAÇÃO LISTA DA ABE | TÍTULO | AUTORES |
|------------------------|---|-------------------------------|
| 433 | The Symbols of Government | Thurman W. Arnold |
| 434 | She Strives To Conquer | Frances Maule |
| 435 | Carib Queens | Charles E. Waterman |
| 436 | New Standard Encyclopedia Year Book | Funk & Wagnalls |
| 437 | The Advance of Science | Watson Davis |
| 438 | A Book about the Weather | C. Fitzhugh Talman |
| 439 | The Life of the Spider | J. Henri Fabre |
| 440 | Beneath Tropic Seas | William Beebe |
| 441 | Devils, Drugs and Doctors | Howard W. Haggard |
| 442-445 | An Epitome of Swedenborg's Science | Frank W. Very |
| 444-445 | Biology for Evenyman | J. Arthur Thomson |
| 446 | North to the Orient | Anne Morrow Lindbergh |
| 447 | Elements of Electricity | Millikan and Bishop |
| 448-449 | Chemistry in Industry | H. E. Howe |
| 450 | The Story of Chemistry | Lloyd L. Darrow |
| 451 | Chemistry in Medicine | Julius Stieglitz |
| 452 | Gateway to Radio | Firth and Erskine |
| 453 | The Early Mathematical Sciences in North and South America | Florian Cajori |
| 454 | The Farm Chemurgic | William J. Hale |
| 455 | Chemical Industryes Contribution to the Nation: 1635-1935 | Williams Hayne & Edward Gordy |
| 456 | The Stainless Prince of Steels | Chemical Foundation Inc. |
| 457 | Education in the United States | Edgar W. Knight |
| 458 | An Introductory Course in Science for Collegis: Man and the nature of his physical universe | Jean, Harrah, and Herion |
| 459 | Man and the Nature of his Biological World | Jean, Harrah, and Heroïn |
| 460 | A Course | McPherson and Henderson |
| 461 | Straw Hammocks | Victoria, Ferguson |

FONTE: Dossiê da Exposição de Livros Didáticos (1936) – Livros didáticos oferecidos pelo Instituto Internacional de Educação dos Estados Unidos – Associação Brasileira de Educação

ANEXO 9 - LIVROS DOADOS PELA EMBAIXADA DA FRANÇA À ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO

| | TÍTULO | AUTORES |
|----|---|----------------|
| | FLAMMARION | |
| 1 | Théâtre d'Ombres | du Père Castor |
| 2 | Je fais mes masques | du Père Castor |
| 3 | Contes de Fées | du Père Castor |
| 4 | Ils font comme ci... Elle fait comme ça | du Père Castor |
| 5 | Plouf – Canard sauvage | du Père Castor |
| 6 | Chacun sa maison | du Père Castor |
| 7 | Des Oiseaux (Images à colorier) | du Père Castor |
| 8 | Des Légumes | du Père Castor |
| 9 | Des Poissons | du Père Castor |
| 10 | Des Fruits | du Père Castor |
| 11 | Chacun son nid | du Père Castor |

| | TÍTULO | AUTORES |
|----|--|----------------|
| 12 | Les 3 Ours | du Père Castor |
| 13 | Un jour de vacances | du Père Castor |
| 14 | Le beau jeu des vitraux | du Père Castor |
| 15 | Bonjour Bonsoir | du Père Castor |
| 16 | Vieilles chansons en images lumineuses | du Père Castor |
| 17 | Les 12 signes du zodiaque | du Père Castor |
| 18 | Au pays des 100 nuits | du Père Castor |
| 19 | Jeux de nourrices | du Père Castor |
| 20 | En famille | du Père Castor |
| 21 | De fil en aiguille | du Père Castor |
| 22 | Images lumineuses | du Père Castor |
| 23 | Circulez | du Père Castor |
| 24 | Jeu des portraits | du Père Castor |
| 25 | 6 métiers | du Père Castor |
| 26 | Jeux de Formes | du Père Castor |
| 27 | En Famille | du Père Castor |
| 28 | Les Jeux en images | du Père Castor |
| 29 | Je fais mes Jouets avec des Plantes | du Père Castor |
| 30 | Conte du Petit Poisson d'Or | du Père Castor |
| 31 | Ronds et Carrés | du Père Castor |
| 32 | Tout change | du Père Castor |
| 33 | 15 Jeux sur table | du Père Castor |
| 34 | Conte de la Marguerite | du Père Castor |
| 35 | Le Royaume des Abeilles | du Père Castor |
| 36 | Lanterne magique | du Père Castor |
| 37 | Fables de La Fontaine | du Père Castor |
| 38 | Panache l'écureuil | du Père Castor |
| 39 | Les Bêtes que j'aime | du Père Castor |
| 40 | Troux | du Père Castor |
| 41 | Le Tapis volant | du Père Castor |
| 42 | Ribambelles | du Père Castor |
| 43 | Faites votre marché | du Père Castor |
| 44 | Crayons et ciseaux | du Père Castor |
| 45 | Masques | du Père Castor |
| 46 | Ah! la Belle Journée! | du Père Castor |
| 47 | Album Magique | du Père Castor |
| 48 | Chez nous il y a | du Père Castor |
| 49 | Chansons de jeux | Rose Celli |
| 50 | Baba Yaga | Rose Celli |
| | HACHETTE (Suite) | |
| 1 | Cendrillon | Albums Joyeux |
| 2 | Les trois petits Cochons | Walt Disney |
| 3 | Le Petit Chaperon Rouge | Albums Joyeux |
| 4 | Les trois petits Cochons | Walt Disney |
| 5 | Petit Buffon | R. Nakmias |
| 6 | Don Quichotte | R. Nakmias |
| 7 | Histoire de Babar | Jean Brunhoff |
| | FLAMMARION | |
| 1 | Allons vite | Père Castor |
| 2 | Jeux de pliage | Père Castor |
| 3 | Album Fée | Père Castor |

| | TÍTULO | AUTORES |
|---------------------------|------------------------------------|--------------------------------|
| 4 | Je découpe | Nathalie Parain |
| 5 | Gérard et les Fourmis | Paul Reboux |
| GAUTIER-LANGUEREAU | | |
| 1 | La petite fée veut rester endormie | José Nottat |
| 2 | Dame rose et Chevalier bleu | Mad. H. Giraud |
| 3 | Les Apprentis de Mme Flan | Jacqueline Duché |
| 4 | Bigoudi-Bigouda | Jacqueline Duché |
| LAROUSSE | | |
| 1 | Contes Régionaux | Les livres bleus |
| DELAGRAVE | | |
| 1 | "Ne bougeons plus" | Photos de Pierda |
| 2 | L'alphabet de Dzim et Boum | Photos de Pierda |
| 3 | Alphabet. | Photos de Pierda |
| 4 | 15 Petites histoires | Photos de Pierda |
| DELAGRAVE (Suite) | | |
| 1 | Les Bêtes parlent | I. G. Schreiber |
| 2 | Les Animaux | Jacques Nam |
| 3 | Goupil | Samivel |
| 4 | Contes du temps passé | Samivel |
| 5 | Pantagruel. | Samivel |
| 6 | Gargantua | Samivel |
| 7 | Le roman de Renart | Samivel |
| 8 | La vie des guêpes | J. H. Fabre |
| 9 | L'enfance d'Henri le Béarnais | More Brunel et Jacques Martins |
| HACHETTE | | |
| 1 | Les petites filles modèles | Comtesse de Ségur |
| 2 | Liliade | ?? |
| 3 | François Ier | ?? |
| LAROUSSE | | |
| 1 | Je sème à tout vent | Marie Butts |

Fonte: Relatório da IV Exposição de Livros Infantis da ABE - 1936